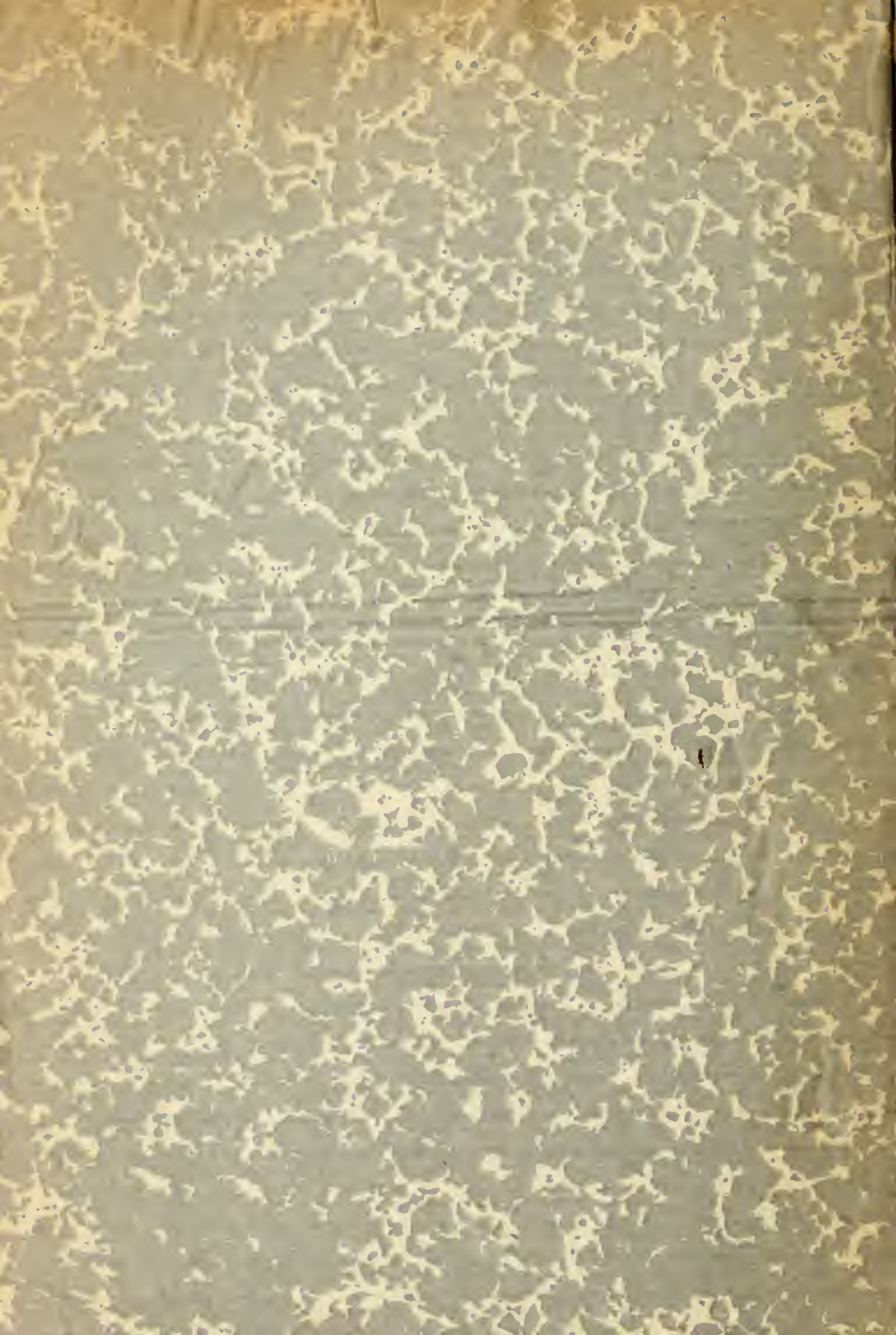


3 1761 06583454 1





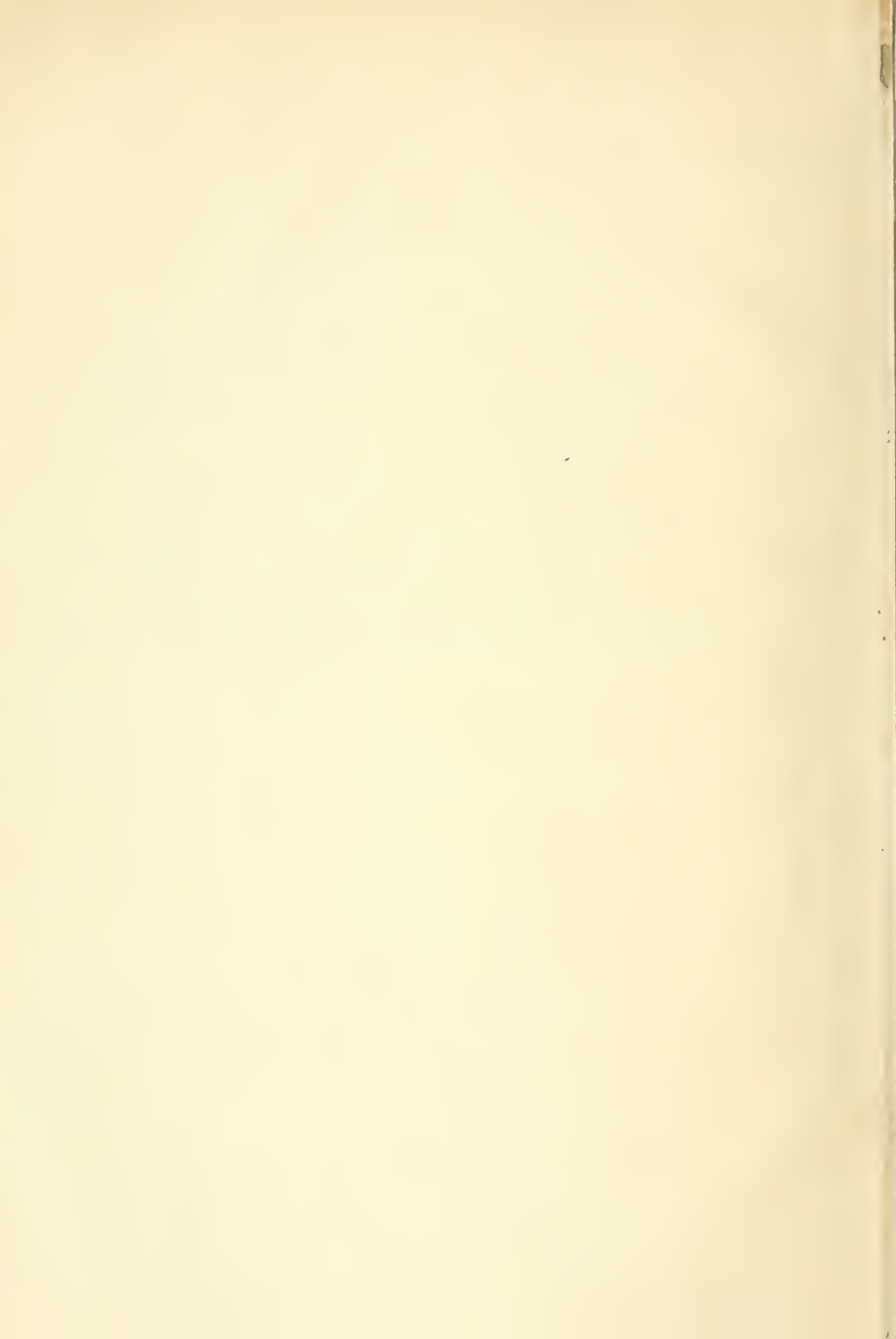








AUTOS PORTUGUESES  
DE GIL VICENTE Y DE LA ESCUELA VICENTINA





JUNTA PARA AMPLIACIÓN DE ESTUDIOS E INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS  
CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS

---

AUTOS PORTUGUESES  
DE GIL VICENTE  
Y DE LA ESCUELA VICENTINA

EDICIÓN FACSIMIL

CON UNA INTRODUCCIÓN

DE

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

181374.  
            
13.623.

MADRID  
1922



# DEZANOVE AUTOS PORTUGUESES DO SECULO XVI

O fenómeno de qualquer parcela do *Antigo Teatro português*, exemplar unico, muito raro, conhecido apenas de fama, ou reputado perdido, reaparecer nos nossos dias no firmamento da Arte, estrela de primeira, secundaria ou pouca grandeza, costuma alvoroçar alegremente o pequeno mundo dos lusófilos, quer seja *Auto de devoção*, quer *Farsa de folgar*, *Auto de Festa*, nacionalização de um original greco-latino, ou mera amostra da humilde baixa-comedia ou literatura de cordel.

E a pobreza do repertorio português justifica bem esse alvoroço festivo.

Atestam-no, p. ex., os aplausos sinceros com que foi acolhido entre nós, em 1906, o *Auto da Festa* do próprio Gil Vicente que, representado em casa de um personagem particular, talvez por ele guardar o autografo e os exemplares da impressão realizada a sua custa, não entrou na *Copilação* de 1562 nem na de 1586<sup>1</sup>, ficando escondido durante tres seculos e meio, à espera que um nobre academico (mordomo então del rei D. Carlos, e então e hoje um dos mordomos mais distintos da Côrte de Apolo) o desencantasse numa velha *Miscelanea de Curiosidades* da sua opulenta e suggestionante livraria e o apresentasse ao público em vestimenta nova, de invulgar elegancia. Fotografou-o, e depois de lido, grafado e pontuado, transcreveu-o criteriosamente segun-

---

<sup>1</sup> A primeira impressão das *Obras* de GIL VICENTE, completas tanto quanto os filhos Paula e Luis Vicente puderam conseguir, chamada *Copilação*, durou de 3 de set. de 1561 até 12 de set. de 1562, a da segunda, amputadíssima pela Censura inquisitorial, de 4 de fev. de 1585 a 14 de fev. de 1586. — São portanto de 1562 e 1586.

do os preceitos da Filologia, desfazendo abreviaturas e a trama, às vezes bem emaranhada das estrofes e do dialogo, e acompanhou-o de uma *Explicação literaria* que se lê com verdadeiro prazer <sup>1</sup>.

Atesta-o da mesma maneira a hilaridade com que foi recebido, após um decenio, o infantilmente patusco *Auto da natural invenção*, do frade folião Antonio Ribeiro Chiado. Especie de improviso, sem efeitos nem petrechos teatraes, que tambem fôra representado, uma vez pelo menos, mas desta vez nos paços do muito alto rei D. João III, ficando em seguida igualmente esquecido e arrecadado no volume indicado, até que o mesmo titular culto e ilustrado lhe deu vida nova, empregando os mesmos processos modernos de copiar e cuidadosamente interpretar <sup>2</sup>.

Nem me desmente o sobresalto que o grande publico manifestou repetidas vezes, ruidosamente, quando em Lisboa e no Porto a victoriosa campanha vicentina do mavioso poeta de S. Pedro de Muel, secundado por um séquito numeroso de artistas ilustrados e de doutos escritores, inscenou em tradução portuguesa o *Monólogo do Vaqueiro*, e pouco depois, no quarto centenario do teatro nacional, a *Barca do Inferno*, e tambem a *Mofina Mendes* do mestre genial que fazia os autos aos reis <sup>3</sup>.

Nem tão pouco desdizem da minha afirmação as apreciações laudaticias que alguns eruditos confrades da Academia das Sciencias de Lisboa teceram a respeito de por ora quatro *Monumentos da Literatura*

---

<sup>1</sup> O Conde de Sabugosa já noticiára em 1904 a existência desse *Auto da Festa novamente feito por Gil Vicente e representado*, etc. no *Catalogo Metodico da livraria dos Marqueses da Sabugosa, Condes de S. Lourenço* (p. 105-107). Publicou-o dois anos depois, como *Obra desconhecida com uma explicação previa*. Entre os vinte e tantos *Comptes-rendus*, em jornaes e revistas de que sei, os mais substanciaes são de Leite de Vasconcellos nos *Ecos da Avenida* de 16 de dez. de 1906; A. Braamcamp-Freire no *Jornal de Comercio* de 5 e 19 de fev. de 1907; João Ribeiro na *Revista da Academia do Brazil*, vol. III, fas. 8.

<sup>2</sup> *Auto feyto por Antonio Ribeiro Chiado, chamado Natural Invençam*, etc. — *Obra desconhecida com uma explicação previa pelo Conde de Sabugosa*, Lisboa, 1917. Entre vinte artigos que essa publicação inspirou, os mais dignos de atenção foram de Agostinho de Campos, no *Jornal do Comercio* do Rio, de 18 de março de 1918; Aubrey Bell em *The Modern Language Review*, july, 1918; J. J. NUNES, na *Revista Lusitana*, vol. XXI.

<sup>3</sup> Vid. AFONSO LOPES VIEIRA, *A Campanha Vicentina*, 1914.

*dramatica portuguesa*, mandando-os imprimir: tres do seculo XVI, e um segundo as aparências bastante posterior <sup>1</sup>.

Se eu tenho sido menos feliz com a *Prática de tres pastores* que publiquei, foi porque redigi o meu comentario em alemão, e isso haja bons quarenta anos, quando o gosto pelas antigualhas literarias ainda estava pouco desenvolvido. Ainda assim não me faltaram louvores <sup>2</sup>.

Com taes precedentes creio e espero não me enganar, supondo que a presente ressuscitação de não apenas *um*, más de *dezanove autos portugueses do seculo XVI*, provocará intenso contentamento, quando não salvas estrondosas de palmas. Muito merecidas seriam, porque em parte se trata de redacções primeiras, não-emendadas por ordem do Inquisidor-mór, o cardeal-infante D. Henrique; em parte, de textos completamente desconhecidos ou bastante desejados e discutidos como o *Auto de D. André* e o de *D. Luis e os Turcos*.

*Contentamento* haverá seguramente no seio da Academia, à qual tenho a honra de pertencer e dedico esta Introdução, na esperança de ela continuar a cuidar do drama nacional, que embora pobre e de deminuto valor, comparado ao dos nossos vizinhos, é uma mina em que

---

<sup>1</sup> Eis os títulos desses *Monumentos*, que naturalmente são de valor e tamanho muito desigual:

I A *Eufrosina*, de JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, dada a luz, conforme a raríssima impressão de 1561, por Aubrey F. G. Bell, 1919.

II A *Vingança de Agamenon*, de Anrique Ayres Victoria, editada por J. M. Esteves Pereira, 1918. É versificação feita em 1536, da prosa castelhana que Fernán Peres de Oliva tirara da *Electra*, de Sophocles.

III O *Auto do Fisico*, por JERÓNIMO RIBEIRO; reeditado do texto impresso em 1587, por Esteves Pereira.

IV O *Auto das Regateiras*, composto por um *Frade Loyo, filho de húa dellas*, tirado de um manuscrito da Biblioteca Nacional, e interpretado pelo mesmo Esteves Pereira, 1919.

<sup>2</sup> *Ein portugiesisches Weihnachts-Auto: Prática de tres pastores na noite do Natal*, Braunschweig, 1881. Cfr. T. BRAGA, *Escola de Gil Vicente*, 1898, p. 405-415; *Povo Português*, II, 471, e sobretudo, Fr. d'ATHAIDE OLIVEIRA, *Monografia do Concelho de Loulé*, Porto, 1905. Nessa, o autor publicou uma redacção, bastante deturpada, do texto, que de ha dois seculos para cá, é representado, desde o Natal até dia de reis, em casa de qualquer lavrador abastado da aldeia de Tôr (ou Atôr), freguesia de Querença. Base da cópia manuscrita é uma edição de 1659. (de Domingos Carneiro).

se podem colher preciosas informações relativas à linguagem, aos usos e costumes, à etica e estetica do povo.

*Aplausos* virão, salvo erro, de fora do recinto academico, de entre aqueles intellectuaes e artistas, a que já aludi, que nos ultimos lustros se entusiasmaram pelo genio realmente extraordinario de Gil Vicente <sup>1</sup>, o protegido da rainha D<sup>a</sup> Leonor, e seu irmão el rei D. Manuel, em cujo serviço fez a custodia de Belem, depois de, a sete de junho de 1502, se haver estreado como dramaturgo, estreado ao mesmo tempo os espectaculos teatraes de Portugal, aos quaes deu, em mais de tres decênios de actividade ininterrupta, um impulso vigoroso, abrilhantando as festas palacianas de D. Manuel e D. João III, infelizmente sem poder impedir que o facho por ele aceso, se apagasse depois de Alcacer-Quebir, bruscamente.

\*  
\* \*

A presente edição, fac-similada, de dezanove autos, para a qual escrevo estas paginas, será completada, num futuro tão proximo como possivel, pela publicação de mais dois autos de Mestre Gil. E em se-

---

<sup>1</sup> Entre as obras modernas relativas a Gil Vicente, citarei apenas as mais importantes. A iniciativa partiu de T. Braga que, muito novo, fez o colossal esforço de escrever a *Historia do Teatro português* em quatro volumes, cujo primeiro contém a *Vida de Gil Vicente e Sua Escola* (1870). Obra sugestiva, embora cheia de erros, a qual reeditou, bastante modificada na parte noticiosa, em 1898 (2 vol.). No mesmo ano tivemos a admiravel apreciação do génio de Gil Vicente por Menéndez Pelayo no vol. VII da *Antología* (cap. III, p. 163-225). Em 1900 vieram à luz os muito uteis *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*, do VISCONDE JULIO DE CASTILHO e A. BRAAMCAMP-FREIRE. No quarto centenario do teatro português saíram, além de numerosos opúsculos comemorativas, as *Ementas Históricas*, II, de BRITO REBELO (completamente refeitas ao cabo de um decenio no vol. II dos *Grandes Vultos Históricas*), assim como um estudo critico do *Auto da Alma*, do VISCONDE DE OUGUELA (com o fac-simile do frontispicio da edição de 1586, outro do *Pranto de Maria Parda*, e a carta a el rei dom João III sobre o terremoto de 1531). Obra monumental, que deixa atrás de si tudo quanto se escrevera de antes, é o *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*, de BRAAMCAMP-FREIRE (1919). O curioso encontra nela a lista das últimas publicações vicentinas (a p. 416). Apenas dei pela falta de um artigo meu, escrito para a *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* (1915) assim como da tradução para inglês do *Auto da Alma*, por AUBREY BELL (*Modern Language Review*, jan., 1918).

guida todos sairão pouco a pouco, em transcrição criteriosa com o aparato preciso.

Ela foi promovida e é custeada pelo ilustre castelhano que os descobriu, o activissimo D. Ramón Menéndez Pidal, que patrioticamente e com vasto saber vai evocando das trevas do passado o que a literatura da península possui de melhor: *Cronicas geraes*<sup>1</sup>, *Cantares de gesta*<sup>2</sup>, *Romances velhos*<sup>3</sup> e *Foias* não só do *Antigo Teatro español*, mas do *Teatro hispanico em geral*<sup>4</sup>.

Foi esse insigne romanista (que de ha muito me distingue com a sua amizade)<sup>5</sup> quem, em buscas sistematicas, encontrou estes autos na Biblioteca Nacional de Madrid, entre as folhas volantes semi-góticas, classificadas de raras (R)<sup>6</sup>, quando, comprazendo a pedidos meus, procurava edições avulsas, de quinhentos e seiscentos, dos autos de Gil Vicente, daquelas que o proprio autor chamava *emprimidas polo meu-do*, e os Inquisidores marcavam como *andando fora do corpo grande*<sup>7</sup>.

Claro que desde que leio Mestre Gil, e sobretudo desde que planeio editar obras dele, todas as impressões avulsas me interessavam e interessam. Em especial comtudo, eu visava duas obras-primas com

---

<sup>1</sup> Vid. *Catálogo de la Real Biblioteca: Crónicas Generales de España* (1898). (2ª ed. 1900; 3ª ed. 1918 con notables enmiendas, adiciones y mejoras.)

<sup>2</sup> *La Leyenda de los Infantes de Lara* (1899), *Cantar de Mio Cid*, *Texto, Gramática y Vocabulario* (1908).

<sup>3</sup> *Romancero del Conde Fernán González, Cancionero de Romances, Poesía Popular, Romancero*.

<sup>4</sup> *Teatro antiguo español*: I, LUIS VÉLEZ DE GUEVARA, *La Serrana de la Vera* (em colaboração com sua esposa D.ª María Goyri, que valentemente o ajuda, sobretudo nos trabalhos relativos aos romances).

<sup>5</sup> Seja-me permitido recordar ao leitor que D. Ramón Menéndez Pidal me dedicou em 1903 *La Leyenda del Abad Don Juan de Montemayor*, vol. 2, das publicações da *Gesellschaft für Romanische Litteratur*.

<sup>6</sup> R-3601, 3609, 3615, 3616, 3630, 3631, 3632, 3633, 3635, 3814, 4043, 4050, 4051, 4053, 8181, 8184, 8592, 9664, 9665, 9670, 9967: vinte e uma parcelas, em lugar de dezanove, porque ha dois exemplares do *Auto do Nascimento*, de BALTASAR DÍAZ, e dois do *Auto de Vicente Anes Joieira*, como hei de mostrar no decurso desta Introdução.

<sup>7</sup> No volume de Braamcamp Freire estão registadas umas doze impressões avulsas de Autos de Gil Vicente. Deveremos calcular todavia que realmente houve, pelo menos tantas quantas são as obras dele, e provavelmente muitas mais. Entre quarenta e noventa,

que pretendia e pretendo iniciar o meu trabalho: a *Barca do Inferno*, como mais transcendental das representações sacras, intimamente ligada a ideias e concepções universaes de moralidades e misterios de França, Inglaterra e Alemanha <sup>1</sup>; em segundo lugar a *Tragicomedia de Dom Duardos*, como primeira das manifestações dramaticas da alma romanticamente cavalleiresca peninsular, unica das composições do Mestre, da qual uma lindissima parcela se desprendeu e popularizou, e ainda hoje está viva na memoria do povo <sup>2</sup>.

Foi ele quem, depois de me haver informado do achado de tres *pliegos sueltos* diversos, contendo a *Barca*, e ulteriormente, da descoberta de dois exemplares do *D. Duardos* entre os *Reservados* ou *Raros* da Biblioteca, à vista da viva satisfação que essas novas me inspiraram, mandou espontaneamente tirar fotografias para o meu uso.

Foi ele quem, ao cabo de pouco tempo, resolveu publicar os outros dezanove autos portuguezes que lhe tinham passado pelas mãos durante as suas pesquisas, preciosidades quasi intangidas, segundo pude informá-lo, logo que soube dos titulos. E para essa publicação, que entendeu dever ser uma verdadeira ressurreição, mandou tirar fotografias integraes. Enviando-me um exemplar de todas, convidou-me a estudar os textos para oportunamente escrever uma *Introdução geral*, e pouco a pouco outras particulares para cada uma das peças que me parecessem merecer edição especial, critica.

Foi ele quem, com infinita paciencia, esperou que me fosse possivel desincumbir-me da missão, não desanimando mesmo quando uma ou outra das obras tiradas a meia-luz, pela multiplicação heliografica,

---

<sup>1</sup> Documentei a minha predilecção pela *Barca do Inferno* nas *Notas Vicentinas*: I e II (1912 e 1918), e tambem numas *Cartas sobre um verso de Gil Vicente*, publicadas no *Diario de Noticias* (1913) e novamente em *A Campanha Vicentina* (p. 226-249). Quanto às comedias e farsas de folgar hesitei longamente entre a *Mofina Mendes* e *Inês Pereira*. Mas desde o dia em que pude confrontar a redacção sancionada pelo proprio autor e seus filhos na *Copilação* de 1562 com a da edição avulsa que aqui reproduzo, bastante mais completa e perfeita, dei a preferencia a esse *Proverbio*, curioso debaixo de muitos pontos de vista. Será por isso na ordem cronologica a terceira obra de Gil Vicente que publicarei (se tiver vida e saude).

<sup>2</sup> Ocupi-me dessa parcela, o lindo *Romance de Flerida e D. Duardos*, nos *Romances Velhos de Portugal (Cultura Española)*, de 1907, e p. 133-153 da separata, isto é cap. XXVIII).



e pelo deposito delas no *Centro dos Estudos historicos*, atraiu a atenção de outros investigadores que se adiantaram às minhas delongas, conforme terei de contar <sup>1</sup>.

\*  
\* \*

Delongas realmente grandes.

Entre o primeiro acto da nossa obra comum, em 1910, e o segundo, que se realiza agora, neste verão tristissimo de 1920, ha um tamanho tracto de tempo que é preciso explicar, como o empreguei.

Sem me referir à minha actividade official e extra-official na Universidade de Coimbra provarei com factos que não deixei de me ocupar do *Antigo Teatro português*, muito embora só ultimasse trabalhos preparatorios, sciente de que é preciso cavar fundo para comprehender e saber interpretar convenientemente obras como a *Historia de Deus*, o *Auto da Alma*, a *Trilogia das Barcas*, saidas das raizes multiseculares da Igreja cristã, tal como elas ramificaram no subsolo não sòmente da Peninsula iberica, mas de toda a Europa occidental.

---

<sup>1</sup> A *Tragicomedia alegorica del Parayso y del Infierno* foi publicada em 1913, vol. X, da *Sociedad de Bibliófilos Madrileños*, Madrid, 1913, por URBAN CRONAN que desconhecia os meus planos. A farça de folgar de *Inês Pereira*, entrou (e muito bem) na obra monumental de BRAAMCAMP-FREIRE, p. 365-384. E a *Farça Penada* foi escolhida por um romanista francês, que prepara uma edição critica da *Propaladia*, de TORRES NAHARRO, para eventual reprodução.



## AUTOS DE GIL VICENTE, DE QUE HA IMPRESSÕES PRECIOSAS EM MADRID

Os trabalhos que publiquei dizem respeito, como devia ser, a *Gil Vicente*, figura principal da arte scenica em Portugal, cuja vida e cujas obras, assim como as suas funções na côrte de D. Manuel e de dom João III, e a sua mentalidade, tem sido estudadas, com carinho particular, no periodo indicado, levando a resultados positivos <sup>1</sup>.

Nesses trabalhos que entitulei *Notas Vicentinas — Preliminares de uma edição critica das obras de Gil Vicente* <sup>2</sup>, fui utilizando as descobertas dos autos dele, feitas em Madrid. Na primeira revelei os factos seguintes, deduzidos do unico exemplar conhecido da edição-principe da *Barca do Inferno* (R-9438) que, a meu ver, é a maior das preciosidades portuguezas que a Biblioteca Nacional de Madrid possui.

1º O poeta obtivera, depois de essa *Barca* ter sido representada *ao poderoso principe e muy alto rey dom Manuel, primeiro de Portugal deste nome*, isto é depois do Natal de 1516, privilegio para imprimir não sòmente essa obra-prima, mas as suas obras todas, *com as penas e pelo teor* da licença que no mesmo ano fôra concedida a Garcia de Resende para o *Cancioneiro geral* <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A p. 8, citei na anotação a obra principal dedicada a *Gil Vicente, trovador e mestre da Balança*.

<sup>2</sup> A primeira intitula-se *Gil Vicente em Bruxelas ou o Jubileu de Amor* (1912); a segunda, *A Rainha Velha e o monologo do Vaqueiro* (1918); a terceira, *Romanças à morte de D. Manuel e entronação de D. João III* (1919). Sairam na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. I, IV, VI, e em separata. Além das *Cartas*, mencionadas a p. 10, n. 1ª, anotação, relaciona-se com Gil Vicente um tratadito meu sobre a canção árabe *Calbi o rabi* (1915).

<sup>3</sup> Das impressões avulsas de obras de Gil Vicente, de que subsiste um exemplar, só o *Pranto de Maria Parda* (composto em 1522) emparelha com o da *Barca do Inferno* quanto ao arcaismo da gravura ilustrativa.

2º A *Barca do Inferno* fôra composta, como a do *Purgatorio* e a do *Paraiso* (que completam a ideação ou *prefiguração*), *por amor de, em obsequio a*, ou (como o autor diz) *por contemplação da serenissima e muito catolica rainha Dona Leonor*, a verdadeira Mecenate do ourives trovador; e foi inscenada diante do rei D. Manuel, por ela assim o mandar <sup>1</sup>.

3º Ao elaborar as *Barcas*, entre 1516 e 1519, o autor considerava-as como *Moralidades* (peças alegoricas de tendência moralizadora), e assim pensava ainda quando em 1525 dedicou a D. João III a sua primeira tragicomedia (o *D. Duardos*) <sup>2</sup>, cingindo-se ao costume de França, cujo repertorio quatrocentista é rico em *Moralités*, e ao da Inglaterra normanzada, que tambem tinha predileção por *moral plays* ou *moral interludes* <sup>3</sup>, facto digno de nota e de exame. Com modestia excessiva de cortesão, Mestre Gil designa na *Carta dedicatoria* a dom João III as suas obras como mero eco das suas leituras, *assi em metro como em prosa, de autores antigos e modernos, que não leixaram cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descobrir*.

4º A *Didascália* da edição-príncipe, escrita quando D. Manuel reinava <sup>4</sup>, diverge notavelmente da que o poeta redigiu no fim da vida (entre 1536 e 1540) para a posteridade, ao juntar por sua mão, mas por ordem de D. João III, num cartapacio muito grande, as suas com-

---

<sup>1</sup> A escolha, da parte de Gil Vicente, da palavra *prefiguração* para as suas invenções *relativas ao futuro da humanidade*, lembra-me a de *ficção, fingimento, poesia*, aplicada pelo benigno censor Frei Bartolomeu Ferreira aos elementos de mitologia pagã, contidos nos *Lusiadas*. Não cheguei a apurar se o poeta português foi o primeiro que a introduziu no vocabulario ou se teve predecessor, quer entre nós, quer em Espanha.

<sup>2</sup> Estou a aludir à *Carta-prólogo* que acompanhava, salvo erro, a edição-príncipe do *D. Duardos*, porque é nela que Gil Vicente alude a *moralidades* por ele compostas em serviço da rainha Dª Leonor. Muito provavel é que ele considerasse como *Moralidade* tambem o *Auto da Alma* e a *Historia de Deus*.

<sup>3</sup> Quanto a *Moralités, Moral plays, Moral interludes* veja se CREIZENACH, *Geschichte des Neueren Dramas*, vol. I, livro VII, p. 460-491 da 2ª ed., e vol. III, livro V e X.

<sup>4</sup> Isto é em 1517, 1518 ou 1519, porque só nesses anos havia, depois do trespassse da segunda esposa de D. Manuel (em Março de 1517) e antes da vinda da terceira, uma *unica* Rainha em Portugal à qual Gil Vicente pode ter dado e aplicado o titulo de *Rainha nossa*: a viuva de D. João II e irmã de D. Manuel. Vid. Braamcamp, p. 288.

posições, coordenando-as em cinco livros, segundo as espécies, e explicando quando, e onde e diante de quem ele havia inscenado cada peça, não sem bastantes vezes se enganar quanto aos anos <sup>1</sup>.

No título-argumento, redigido então e destinado a ser definitivo, aquele que fôra *auctor et actor* começa judiciosamente com informações geraes sobre a trilogia inteira:

Representase na obra seguinte hũa prefiguração sobre a regurosa acusaçam que os immigos fazem a todas as almas humanas no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tratar desta materia põe o autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estam dous bateis: hũ delles passa pera a *gloria*, o outro pera o *purgatorio* (sic) <sup>2</sup>. He repartida em tres partes s. de cada embarcaçam hũa cena <sup>3</sup>. — Esta primeyra he da viagê do *inferno*; trata-se pollas figuras seguintes: Primeyramente a barca do inferno: arraiz & barqueyro della, *diabos*. Barca do parayso, arraiz & barqueyros della *anjos*...

Em seguida o poeta desculpa-se per ante os leitores futuros, com gentil ingenuidade, de um erro de classificação, isto é de haver metido entre as *obras de devoção* uma scena que não foi representada *em capela* <sup>4</sup>. E explica que por estar enferma a segunda esposa de D. Manuel,

---

<sup>1</sup> O autor de *Gil Vicente, trovador, etc.*, é de opinião que o comediógrafo aprontou apenas um *Borrão de catalogo* das suas obras. Eu, pelo contrario, estou persuadida de que as *Didascálias*, tanto das edições avulsas como da *Copilação*, são do próprio poeta, o que evidentemente não quer dizer que todas sejam exactas. Sei o contrario. E acho natural que a memória do velho dramaturgo falhasse às vezes, quanto às datas sobretudo, e que os apontamentos dele a esse respeito não fossem nem muito metodicos nem completos.

<sup>2</sup> Talvez haja aquí um salto de palavras como na *Didascália* do Monologo do Vaqueiro, de *pera* para *pera*: *hũ delles passa pera a Gloria, o outro pera o Inferno e pera o Purgatorio?* Veja-se a nota imediata.

<sup>3</sup> Como haja só *dois* bateis e *tres* destinos, é certo que um deles fazia duas viagens ou embarcações. O pequenino, quando havia passageiros, guiado por anjos, ou um anjo levava os inocentes ao Paraiso; e o guiado por diabos levava os pecadores aos dois lugares de castigo, fazendo duas viagens. *Embarcação* significa ora *embarcamento*, ora *barca*. E por serem mais numerosos os pecadores do que os inocentes, é dado à *Barca do Inferno*, muito maior que a outra, varias vezes o nome de *caravela*.

<sup>4</sup> A terminologia medieval era hesitante, naturalmente. Tanto *moralidade* como *misterio* tinha um sentido lato, e outro restrito. E não se applicava exclusivamente a peças religiosas. As *moralidades* profanas (disputas entre entidades abstractas, personificadas) eram mesmo muito numerosas.

da doença grave de que não mais se levantou, o auto fôra representado, para consolação dela, *de camara*. Evidentemente, o discreto palaciano não podia falar dessa doença, enquanto durava, nem logo depois do triste desenlace que teve em março de 1517. Por isso tinha começado *na edição-príncipe* dizendo apenas:



**A**uto de moralidade composto per Gil vicê te por contemplaçam da sereníssima e muyto catholica raynhadonna Lianor: nossa señoira: e representada per seu mãadado ao poderoso pñcipe e muy alto rey dō Alphonuel pñmeyro de portugal deste nome. Comença a declaraçã e argumêto da obra. **E** pñmeiramente no presente auto se segura que no pôto q̄ acabamos despirar chegamos supitamente a huū rio: ho qual per força auemos de passar: em huū de dous bates q̄ naquelle porto estã .s. huū delles passa pera ho parayso: e ho outro pãho inferno: os q̄es bates tem cada huū seu arraez na p̄. oa: ho do parayso huū anjo: e ho do inferno huū arraez infernal e huū companheyro. Do pñmeyro entrelocutor he huū fidalgo que chega com huū page q̄ lhe leua huū rabo muy comprido e huū cadeyra despalda. E começa ho arraez do inferno desia maneyra ante que ho fidalgo venha.

Biblioteca Nacional de Madrid: R-9438.

*Auto de moralidade* composto per Gil Vicête por contemplaçam da serenissima e muyto catholica raynhadonna Lianor nossa señoira representada per seu

mãdado ao poderoso príncipe e muy alto rey dō Manuel primeyro de portugal deste nome.

Não falava da rainha D<sup>a</sup> Maria e do seu quarto de dormir. E continuava com a declaração-argumento, que ja conhecemos, *in nuce*, conquanto na primeira redacção haja divergencias significativas.

Primeyramente no presente auto se fegura que no pôto que acabamos despirar chegamos supitamente a huũ ryo: ho qual per força auemos de passar: em huũ de dous batees q. naquelle porto está .f. huũ delles paffa pera ho *parayso*: e ho outro pa ho *inferno*: os quaes batees tem cada huũ seu arraez na proa: ho do parayso huũ *anjo* e ho do inferno huũ *arraez infernal* e huũ *companheyro*, etcétera, etc. <sup>1</sup>.

De outra edição avulsa, de que recebi fotografia (*Miscelanea*, R, 11059) apenas direi que, embora bastante posterior, como se reconhece dos tipos de impressão, das grafias, e do nome do impressor Antonio Alvares, que se estabeleceu em Lisboa, na Rua dos Douradores pouco antes de 1590, ela deriva, em segunda ou terceira mão, da

---

<sup>1</sup> O primeiro erudito que citou o *Auto de Moralidade* foi MORATIN no seu *Catálogo Histórico y Crítico de piezas dramáticas anteriores a Lope de Vega*, París, 1838, p. 78, e *Biblioteca Rivadeneyra*, II, p. 193. O exemplar, que viu, pertencia a Campo Alanje e é o mesmo que hoje se guarda na Biblioteca Nacional de Madrid. Outro fazia parte da *Colombina*, i. é da preciosa colecção de livros adquirida e minuciosamente catalogada por Fernando Colon, filho do descobridor da America. A impressão do *Registrum librorum Dom. Ferdinandi Colon*, etc., tal como está no *Ensayo*, de GALLARDO, n<sup>o</sup> 1870, vol. II, c. 514-557, é incompleta. Só abrange uma selecta, de 4231 papeletas. As que estiveram em poder de Menéndez Pelayo e foram aproveitadas por Cotarelo para o seu *Catálogo de obras dramáticas* (1902), chegam até 17167 e talvez ainda ultrapassem esse numero. Ignoro quantas foram facsimiladas por HUNTINGTON, n<sup>o</sup> 18 do *Catalogue of Publications of the Hispanic Society of America*. Quanto a certo *Auto de moralidade en coplas portuguesas* ele tem a numeração 15134 (n<sup>o</sup> 137 de COTARELO). Cfr.: BONILLA, *Anales*, p. 236. Com a numeração 14486 registou-se (n<sup>o</sup> 6 de COTARELO) *Barcas del Paraiso y del Inferno*, Sevilla, 1534, com o por ora inexplicado acrescento *en Coplas del Perú* (por ventura lapso por: *con c. d. p.*?) O principio:

En el nombre de Jesu mi fe  
yo no me atrevo a entrar  
hay quien.....

mostra que essa barca é distinta da de Gil Vicente, e tambem da *Tragicomedia*.

edição-príncipe, visto que repete todos os dizeres do frontispício original. Facto importante, típico e modelar<sup>1</sup>.

## BARCA PRIMEIRA



VTO DE MORALIDADE, COMPVESTO  
o n.º GIL Vicente, por contemplação da sereníssima, & muito Carito  
lica Rainha D.ª Leonor, & representada por seu mandado o po-  
deroso Príncipe Dom Manuel primeiro de Portugal (este  
nome. Começa a declinação, & argumento da obra,  
Primeiramente no presente auto se figura, que no ponto que acaba  
mos de pizar ebegãos supitamente a hum rio, o qual por força au-  
nos de passar, em hum de dous batis que naquelle porto estão, í-  
hum delles passa pera o Parayso, & outro pera o Inferno. Os quaes  
bates tem cada hũ n.º seu arreez na proa: o do Parayso hum Anjo,  
& do inferno hum arreez infernal, & hum companheiro. O primei-  
ro interlocutor he hum fidalgo, que chega com hum paje que lhe  
leua hũ rabe muy comprido, e hũa cadeira de spaldas. E come-  
ça o arreez do inferno desta maneira que o fidalgo venha,  
Cõ todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Antonio Alvarez.  
Na rua dos douradores. Taxado ç. a reis a folha.

T. NORTON

Biblioteca Nacional de Madrid: R-11059.

<sup>1</sup> O confronto das diversas edições avulsas mostra em geral que as mais tardias são meras reproduções das anteriores.



Quanto à terceira preciosidade madrilena, relativa à trilogia, ela é a livre tradução castelhana da *Barca do Inferno* que saiu em Burgos,



Biblioteca Nacional de Madrid: R-9419.

em 1539, com o título alterado de *Tragicomedía alegórica del parayso y del infierno* (R-9419) <sup>1</sup>, e saiu outra vez, quer pouco antes, quer

<sup>1</sup> Vid. MORATÍN, p. 78 (1539), que tambem nesse caso viu o exemplar do Marquês de Campo Alange, hoje na Biblioteca Nacional.

pouco depois, s. l. n. a.<sup>1</sup>, documentando a profunda impressão que a obra de Mestre Gil produzira, ainda em vida dele, não somente dentro do reino (como sabemos dos louvores de Garcia de Resende, João de Barros, Fernão de Oliveira, André de Resende), mas também além da fronteira, onde a ideia das *Barcas* prosperou singularmente, por justos motivos.

Deixando os pormenores para a edição prometida, nada mais patentei do que a sua derivação, aliás manifesta, de um dos exemplares do *Auto de moralidade*, visto que acrescenta ao título indicado de *Tragicomedia* o subtítulo de *Moral representacion*. Aqui lançarei, afim de provocar críticas, uma hipótese: o anónimo que em Lisboa assistira a uma representação da *Barca* (mas onde?), talvez fosse um do importante grupo castelhano de erasmistas nados, e criados, por ventura Mestre Pedro de Lerma<sup>2</sup> (de Burgos), visto que Francisco de Encinas e Juan de Valdés, esse famigerado autor do *Dialogo entre Mercurio y Caron*, não eram ternos e elegantes poetas como Lerma, embora seguramente seguiriam com simpatia a actividade do comediógrafo português<sup>3</sup>.

A respeito da outra obra de Gil Vicente, cuja edição crítica eu

---

<sup>1</sup> O unico exemplar conhecido dessa bela impressão está em Munich, para cuja Biblioteca veio da livraria dos Fugger. Desde que F. Wolf o descreveu no importante opúsculo *Ein spanisches Frohnleichmams-spiel vom Todtentanz* (Wien, 1852), traduzido logo por J. Sanz del Río, ele foi citado por todos quantos se occuparam do antigo *Teatro español* (Von Schack, Barrera y Leirado, Cañete, Menéndez y Pelayo, Cotarelo, Bonilla, e entre nós por T. Braga e Braancamp-Freire). Gallardo intercalou no *Ensayo*, nº 1012, alguns passos, que Braga transcreveu. Já disse a pag. 6, n. 1<sup>a</sup>, que Urban Cronan reproduziu o texto de 1539.

<sup>2</sup> Pedro de Lerma, a respeito do qual é preciso consultar os *Heterodoxos*, de MENÉNDEZ Y PELAYO (livro IV, cap. I, «Os Erasmistas espanhoes»; GALLARDO, *Ensayo*, nº 2693, etc., e COTARELO, nº 103, escreveu em 1508 uma comedia, ou farsa, segundo P. FERNÁNDEZ DEL PULGAR, *Vida, etc. de Cisneros* (1673).

<sup>3</sup> Quanto a *Caron Caronte e Aqueron Aqueronte* (dois termos da mitologia helénica, completamente diversos, mas confundidos na pronuncia dos peninsulares e também no seu pensar, porque tanto o velho barqueiro como o rio, um dos rios. são do Tartaro), tratei dele nas *Cartas sobre um verso de Gil Vicente*, já varias vezes citadas, persuadida de que o *arraiz infernal* de Mestre Gil era o *Caron*, barqueiro dos Antigos; e isso em harmonia com o tradutor castelhano que resolutamente lhe havia dado o nome de *Caronte*. Mas não aludi a conjecturas sobre a identidade dos dois nomes.

preparava, a peça de grande aparato, chamada *Tragicomedia de Dom Duardos*, eis em poucas palavras o que devo a D. Ramón Menéndez Pidal, e a que ponto chegaram as minhas investigações, demoradas e atrasadas por carência de materiaes, e agora em certo sentido ultrapassadas pelas do autor do volume monumental *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*<sup>1</sup>.

Como do *D. Duardos* existam duas redacções, bastante diversas, uma na *Cópilação* de 1562 (e suas reproduções), outra na de 1586 (e em edições avulsas), cujo confronto eu fizera, à custa de trabalhos e despesas, com cuidado e curiosidade, reconhecendo que não ha nenhuma outra composição vicentina tão alterada, mas não chegando a apurar qual das duas redacções seria a primitiva, eu ansiava naturalmente por encontrar a edição-príncipe, que supunha (e ainda suponho) publicada, tal qual a *Barca do Inferno*, logo depois da sua composição e estreia.

Que esta datava de 1525, sabia-o, não da Didascália contida na primeira *Cópilação*, pois menciona apenas a presença de D. João III sem indicar o lugar e o ano<sup>2</sup>, mas sim da *Carta-Prólogo* que acompanha o drama na impressão de 1586 e nas repetições avulsas de 1613, 1623, 1634, 1647 e 1720, e seguramente acompanharia a suposta edição-príncipe<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> *Gil Vicente, trovador, etc.*, p. 316-340 e *passim*, como verá com facilidade, no óptimo índice de materias que acompanha o volume, aquele que o consultar.

<sup>2</sup> Com relação às datas das edições da novela de cavalaria em que Gil Vicente se inspirou, subjogado pela impressão nova que o género lhe fez, é preciso completar as indicadas por T. Braga e Braamcamp-Freire. O *Primalcion*, segunda parte do *Palmerín de Oliva*, apareceu seis meses depois desse, a 5 de julho de 1512; em segunda edição, em 1516; pela terceira vez, em 1524; e a seguir em 1528, 1534. São essas as impressões que Gil Vicente pode ter lido. Mas não ha motivo para não acreditarmos que chegasse a manusear um exemplar sómente da terceira impressão, tal era o entusiasmo com que a obra foi acolhida e gasta em Espanha. Vid. H. VAGANOV, *Les Romans de chevalerie italiens d'inspiration espagnole: Primalcion*, Firenze, 1909; CEJADOR, *Literatura Castellana* (s. a. 1540), 1915; H. THOMAS, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, Cambridge, 1920 (em especial p. 95).

<sup>3</sup> Eu conhecia apenas de fama todas essas edições do *D. Duardos*; de vista, só um exemplar da de 1720, pertencente ao DR. LEITE DE VASCONCELLOS, e outro da Biblioteca do Porto (*Miscelanea*, nº 8-74). Que muito desejava ver a de 1647, que me parecia mais importante do que realmente é, pelos dizeres de Gallardo

Esta *Carta-Prólogo*, única que nos resta de Mestre Gil, é notabilíssima, porque nos informa directamente de uma evolução do seu génio inventivo e do seu ideal estético <sup>1</sup>, evolução mundanal, depois da qual só duas vezes se applicou a assuntos religiosos <sup>2</sup>. As peças originaes, representadas de aí em diante na côrte, são muito mais teatraes, retóricas, poeticamente exageradas na dição. E por isso mesmo começaram, suspeito eu, a despertar atenção pela laboriosidade do poeta português, da parte das autoridades eclesiasticas que desde 1521, doutrinadas por bulas de Leão X, vigiavam livros e manuscritos com receio de *pravitates haereticas*.

Na *Carta* ele confirma-nos, além disso (o que de resto está definitivamente provado) que tudo quanto até então versificara — *moralidades, comedias e farsas* — fôra composto em serviço da rainha D<sup>a</sup> Leonor <sup>3</sup>, e como a esse nome não acrescentasse a formula consagrada *que santa gloria haja*, ou outra parecida, é certo que a illustre viuva de D. João II ainda continuava viva.

A quem sabe lêr e interpretar, a carta mostra a mais, não somente que com essa obra Gil Vicente passava virtual e efectivamente do serviço de D<sup>a</sup> Leonor ao serviço de D. João III, mas tambem que a novidade dramática, propositadamente esplendorosa, se destinava a uma cerimónia solene, extraordinária, única até então na história portuguesa. Que essa cerimónia solene <sup>4</sup> fosse o casamento com o Emperador Car-

---

(n<sup>o</sup> 4575), dei-o a conhecer em 1907 no estudo sobre *Romances velhos em Portugal*, p. 140. E com tão bom resultado que o Conde de Sabugosa me enviou logo a fotografia de um exemplar que possui.

<sup>1</sup> Fidelino de Figueiredo distingue criteriosamente tres épocas na vida litteraria de Gil Vicente. Mas não frisa bem a evolução que julgo houve em 1525.

<sup>2</sup> Em 1526 (ou 1528) escreveu a *Historia de Deus*; em 1534 o *Auto da Cananea*, por rogo da Abadessa de Oudivelas sobre o assunto internacional das tres Leis: o da Natureza, o da Escritura, e o da Graça.

<sup>3</sup> Ela faleceu a 17 de novembro de 1525. A formula *em serviço da Rainha* (e não *em obsequio* ou *por contemplação*, como outras vezes diz) talvez signifique «como servidor, morador da côrte dela; como seu ourives e trovador».

<sup>4</sup> Para comodidade do leitor reproduzo-a aqui: «Como quiera (excelente Príncipe e Rey muy poderoso) que las *Comedias, farsas y moralidades* que he compuesto, en servicio de la Reyna vuestra tía, quanto en caso de amores fueron figuras baxas, en las quales no avía cōueniente rethórica que pudiesse satisfacer (*sic*) al delicado espíritu de V. A., conosci que me cumplía meter más velas

los V, por palavras de presente, da formosa filha de D. Manuel que o pincel de Ticiano immortalizou, celebrado em Almeirim a 1 de novembro de 1525, assistindo os embaixadores espanhoes <sup>1</sup>, é conjectura plausibilíssima do grande vicentista português Anselmo Braamcamp-Freire, a qual adopto e faço minha, jubilosa. Ela explica o emprego do idioma irmão, em regresso ao costume inicial do poeta palaciano, de compôr dramas em castelhano <sup>2</sup> e tambem o estilo grandíloquo, altisoante, e a escolha de um assunto cavalheiresco, tanto em voga no país vizinho desde que surgia o *Amadis* na redacção de Montalvo <sup>3</sup>. Outros traços novos ha na composição de *D. Duardos*, p. ex., soliloquios <sup>4</sup>; mas de pormenores não posso tratar aqui.

---

a mi pobre fusta. Y assí con desseo de ganar su contentamiento hallé lo que en extremo desseaua que fue *D. Duardos y Flerida* que son tan altas figuras como su historia recuenta, con tan dulce rethórica y escogido estilo quanto se puede alcançar en la humana intelligencia: lo que yo aquí hiziera sí pudiera tanto como la mitad del desseo que de servir a V. A. tengo. Pero yo me confié en la bondad de la historia que cuenta cómo D. Duardos, buscando por el mundo peligrosas aventuras para conseguir fama, se combatió cō Primaleon, vno de los más esforçados caualleros que avía em (*sic*) Europa sobre la hermosura de Gridonia, la qual Primaleón tenía enojada.»

Por não ser carta, mas apenas *Prólogo* em forma de carta, não tem *deshecha*, e passa a ser indicação scenica: «Y comieça luego D. Duardos a hablar pidiendo campo al Emperador contra Primaleón su hijo.» Na copilação de 1562 onde falta a carta-prologo, nem mesmo ha Didascália. Depois da formula *Começam as obras do livro terceyro que he das tragicomedias* continua: «E esta primeyra he sobre os amores de *D. Duardos, Príncipe de Inglaterra, com Flerida, filha do Imperador.*»

<sup>1</sup> Charles Popet, Mr. de la Chaulx e D. Juan de Zúñiga. — Vid. SANTAREM, *Quadro*, II, 51, e ANDRADE, *Crónica*, I, cap. 76 e 83. — O cronista fala do serão, mas não da representação do auto da «boa e muyto bem feita comedia» que García de Resende mencionara com relação às festas do casamento da infanta D<sup>a</sup> Beatriz. Isso, num opusculo especial, mas ainda assim sem nomear o autor, apesar de ser quem era, e muito seu amigo e companheiro, e sem o titulo da peça. (*As Côrtes de Júpiter.*)

<sup>2</sup> *Gil Vicente, trovador*, etc., p. 144 e seg.

<sup>3</sup> A edição mais antiga de que resta um exemplar (no Museu Britanico) é de 1508. Na livraria del rei D. Manuel existia um, mas não se sabe de que edição era, nem quando dera entrada na côrte portuguesa.

<sup>4</sup> Do gosto dos portugueses pelo *D. Duardos* ha sinais de valor. Baste agora lembrar ao leitor o *Memorial da Tavola Redonda*, ou *Sagramor*, de JORGE FERREIRA DE VASCON ELLOS, e o *Palmeirim de Inglaterra* de FRANCISCO DE MORAES.

Por desgraça, as minhas esperanças não se realizaram. Em Madrid ha unicamente uma separata, por assim dizer tirada da *Cópilação* de 1586 (f. 105, alias 150 a 168), e um exemplar da impressão avulsa de 1647 (R, 11059), a qual só em erros de caixa se afasta da outra.

A edição-príncipe (com as supostas reimpressões suas, anteriores a 1562), continua a ser ignorada. Parece que desapareceu por completo, talvez pela grande voga que tivera, talvez por ter sido confiscada, *recolhida* segundo o termo tecnico usual, quer em 1532, quer em 1536, quer em 1539, em Roma, Espanha, ou em Portugal onde o tribunal da fé pela primeira vez vingou em 1531, mas sem dura.

Sabemos apenas, pelo *Rol dos livros defesos* de 1551, primeiro conhecido dos publicados por ordem do cardeal-infante D. Henrique <sup>1</sup>, que antes dessa data já houvera uma, ou varias impressões de um texto que desagradava aos censores; não em absoluto como o *Fubilen de amores*, a *Adherencia do paço* e a *Vida do paço*, mas em particularidades como a *Lusitania* e o *Pedreanes* (ou *Clerigo da Beira*). Nesse *Rol*, o *D. Duardos* ocupa o lugar primacial, entre os livros em linguagem. O lance *Auto de dom Duardos que não tiver censura de como foy emendado*, talvez queira dizer que ficava pròibido reimprimir a redacção original que corria, sem as alterações impostas na mesa de censura, mas tambem que em cada exemplar ainda existente daquela edição, ou daquelas edições, os revedores haviam de riscar com traço preto e grosso, tornando os ilegíveis, certos vocabulos, considerados como pecaminosos contra o segundo dos mandamentos de Deus <sup>2</sup>; o abuso de qualificativos como *santo*, *sagrado*, *consagrado*, *divino*, *divinal*, *milagroso*, o abuso do verbo *adorar* por *amar muito*, assim como do substantivo *deus* (*dios*) e o feminino *deusa* (*diesa*), aplicado a entidades mortaes, e sobretudo do plural *deuses e deusas* (*dioses*) em invocações, com

<sup>1</sup> Vid. INOCENCIO X, p. 385, e as minhas *Notas Vicentinas*.

<sup>2</sup> Escandalosos, irreverentes, caluniosos, no dizer dos revedores. Quanto a exemplares em que palavras dessa ordem estão borradas, conheço pessoalmente alguns do *Cancioneiro geral*; de fama, um da *Cópilação* de 1562 que, passando por mãos da igreja, foi notado, emendado, marcado e riscado, segundo disse um colaborador do *Numero Vicentino* do *Passatempo* no ano do Centenario. É o que pertence à Biblioteca de Mafra.

laivos de paganismo <sup>1</sup>. Defeitos esses que são frequentíssimos no *D. Duardos*, e também no *Amadis* que, tendo escapado em 1551 à atenção, fixada no *D. Duardos*, foi posto no *Index* em 1559 <sup>2</sup>, temporariamente. Curioso é que não no *Rol* português, mas no *Index castelhano* de 1559 <sup>3</sup>, o de Valhadolid, assinado por Pedro de Tapia, a formula *como foy emendado* continue *y visto por mim*. Naturalmente os portugueses devem estar dispostos a referir *por mim* ao cardeal-infante, sabendo dos mandados e das provisões particulares com que esse hiper-consciencioso inquisidor-mor ordenou riscar e cortar e pròibir palavras, trechos, scenas e livros inteiros <sup>4</sup>; ou então ao seu lugar-tenente Frei Jeronimo d'Azambuja, que assinava. As dúvidas a respeito dos dois aspectos diversos da *Tragicomedia*, repito que não as sei solucionar. Se a redacção originária, impressa uma vez ou varias vezes entre 1525 e 1551, foi então expurgada por ordem superior (como foi que entrou sem emendas, com todos os defeitos que acima apontei, na *Copilação* de 1562, revista também pelos deputados da Santa Inquisi-

<sup>1</sup> Outros trechos incriminados dizem respeito a textos bíblicos. Na edição de 1562 (e provavelmente na edição-príncipe) lia-se, p. ex., no *D. Duardos*:

Por vos cantó Salomén  
el cantar  
de los cantares namorados.

Na de 1586, etc., *Salomón* teve de ceder seu lugar ao mitico *Anfão*, que cantou

aquellos tristes cantares  
enamorados.

Cuanto ao continuo endeusamento da mulher é preciso confessar que frases como

A ti adoro, diosa mía,  
más que a los dioses sagrados,

nos desagradam como excessivas, uma vez que a nossa atenção se fixe nelas.

<sup>2</sup> Vid. REUSCH, p. 231.—É uma das curiosidades desse *Index* que o *Auto hecho nuevamente por Gil Vicente sobre los muy altos y muy dulces amores de Amadis de Gaula con la princesa Oriana, hija del rey Lisuarte* figure entre os livros espanhoes e o *D. Duardos*, escrito também em castelhano, entre os *vulgari sermone lusitanico* (e sem o nome do autor).

<sup>3</sup> O *Amadis* já não figura no *Index* de 1570. Porquê? E porque foram prohibidos os autos de *D. Duardos* e *Amadis*, mas nunca as novelas de cavalaria de que derivam?

<sup>4</sup> A esse respeito, vejam-se as *Regras*, de FREI BARTOLOMEU FERREIRA, (REUSCH, p. 367 e 369.)

ção? E se, achando heréticas, e condenando muitas das maneiras de dizer nela empregadas, os censores de 1585 as corrigiram (como foi que regressaram, quanto ao resto do conteúdo, à primeira impressão, cujo texto é em alguns passos mais extenso, em outros menos completo)? Será possível que o próprio Gil, já conhecedor dos rigores do tribunal, por experiência com o *Fubileu de amor*, alterasse na revisão final o contexto, debaixo do ponto de vista dramático, deixando todavia subsistir todos os exageros retóricos que a Igreja condenava? Creio que não. E se o próprio autor escolheu o texto, que se lê na *Copilação* de 1562, por o filho-editor assim o haver conservado, cumprindo piedosamente o seu dever (como e porquê foi então que exclusivamente quanto ao *D. Duardos* os editores responsáveis de 1585 (entre eles Frei Bartolomeu Ferreira) desprezaram o texto já duplamente consagrado, e escolheram aquele que Gil Vicente e os filhos haviam rejeitado? Por ser mais extenso e pitoresco? Gostariam tanto das scenas cómicas, em que entram *Maimonda*, a mais feia creatura do mundo, e *Grimanesa*, a labrega, em que ha grossarias improprias do estilo cavallheiresco?

Moça machuela doblada,  
pescuezo tuerto, amassada,  
salada como la sal,  
los dedos tuertos y gruesos,  
crespa la ceja, y babosa,  
pretellona y graciosa,  
juro a tal que hasta los huessos  
es buena para la cosa  
Grimanesa, etc.

Ou será de crer que em 1561 o filho, sabendo que a censura procederia, por motivos especiaes, com grande benignidade, teve o atrevimento de substituir o texto purificado em 1551, metido pelo pai no livro grande, pela redacção anterior, ainda não apresentada aos censores? Que significa o facto de não sómente todas as impressões avulsas, mas tambem a *Copilação* de 1586 acrescentar ao título a formula *Agora de nueuo emendado y puesto con gran perfection*? Aludirá ella apenas à substituição de *dies a mia* por *vida mia*, *diesas soberanas* por *reinas soberanas*, etc., etc., ordenada pelos censores? ou alude tambem ao trecho relativo a *Grimanesa*, na conversa do disfarçado D. Duardos e do verdadeiro hortelão, introduzido numa impressão posterior a 1551?



Ignoro-o. E hesito quanto ao valor dos dois textos, embora me incline, como A. Braamcamp-Freire, a achar superior a redacção mais curta, e a imaginar que mestre Gil, retocando e abreviando a primitiva, mais longa, sem todavia se importar com a eventual censura de palavras, melhorou a obra bastante.

Da atribuição do *Auto de D. Duardos* ao infante D. Luis, irmão do cardeal-infante D. Henrique, absolutamente inmotivada, ainda terei a dizer duas palavras.

Por ora faço-lhe as minhas despedidas, formulando votos para que apareça a edição-príncipe.



## OS DEZANOVE AUTOS AQUI PUBLICADOS

Da *Barca do Inferno* e da *Tragicomedia de D. Duardos*, obras-primas do fundador do Teatro português que, vindas de Madrid, ficam excluídas desta publicação, porque exigem edições críticas independentes, passo aos dezanove autos portugueses que foram fotografados em 1910. Dois são também obras-primas de Gil Vicente, a que dou o lugar de honra em ambas as secções, a religiosa e a profana. Dezasete pertencem a poetas que constituem a *Escola de Gil Vicente*, obras mais ou menos características que, se não transformam a figura magra e macilenta da arte dramática portuguesa de mil e quinhentos em outra tão excepcionalmente vigorosa e bela como a castelhana, sempre lhe comunicam algo de côr e vivacidade.

Eis em primeiro lugar a lista bibliográfica, com os títulos na íntegra, pela ordem que me pareceu ajuizado dar-lhes.

### A. — AUTOS DE DEVOÇÃO

#### I. GIL VICENTE, SUMARIO DA HISTÓRIA DE DEUS (R-3631).

Dentro da portada das duas edições dos *Lusiadas* datadas de 1572, muito utilizada integralmente e aos bocados na *Copilação* de 1586, aqui com o pelicano voltado para a esquerda do leitor, ha uma gravurita representando a Ressurreição, que reaparece numa impressão de Antonio Alvares de 1598; e o título tal qual consta de ambas as *Copilações*.

Ho auto que se segue he intitula | do breue sũmario da historia de | Deos Feyto por Gil Vicente | Foy representado ao muyto alto | z muyto poderoso Rey dõ João | o terceyro deste nome em Portugal z aa serenissima z muyto ef | clarecida Raynha dona Cateri | na em Almeirim, na era de |

M. D. XXVIJ.

Impr. en 4º a 2 col.: Sign. AII, AIII, AIII, Av, Avj. A fol. 10 acaba com *Gloria laus z honor tibi sit rex Christe Redemptor*. Na 11ª prin-

cipia o *Dialogo de hūs tres judeus z dous centurios* sobre a surreyção de Christo nosso Redemptor, z os nomes delles rabi Leui, rab Samuel, dous centurios z rabi Aroz. Entra primeyro rabi Leui z diz.

Acaba na fol. 13<sup>a</sup> com *Laus Deo*.

## II. BALTASAR DIAZ. — AUTO DO NASCIMENTO (R-8184).

*Auto do nascimento.* — Gravura que representa um presepio e a adoração dos pastores (muito gasta) e de cada lado tres folhas de hera (ou sejam corações de naipes de jogar, como as que aparecem na *Cópilação* de 1562 e em duzias de impressões quinhentistas, e posteriores).

Auto do nascimento de nosso Señor Iesu Christo noua mente feyto por Baltasar Diaz, em o qual entrão as figuras seguintes. | dous pastores hū chamado Benito, & ou | tro Bartolo. E depois outro que se chama Llorête, ho Emperador Augusto Cesar, Cerino Embaxador, el Rey Herodes, dous Iudeus, hū vilã, hūa velha, Ioseph, Nossa Senhora, hum Anjo z os tres Reys Magos. Entra logo Benito cantando.

Com Priuilegio Real.

In 4<sup>o</sup>, 16 fol.: Aij, Aijj, Aijj, av, avj, aij. Acaba: Fim. Aqui se vay o Anjo & yr seham os tres Reys Magos per outro caminho & fenece a obra em louuor & gloria de Deos.

Tipos claros, relativamente modernos. Mas anteriores a 1624. Texto não expurgado, talvez dos fins do sec. xvi.

## III. BALTASAR DIAZ. — AUTO DE SANTA CATERINA (R-3609).

*Auto de Santa Caterina.* — Gravura que representa a Santa, coroadada, um livro na mão esquerda, na direita una espada, a seus pés um rei que segura um sceptro, entre duas tarjas lateraes, de desenho diverso.

Obra nouamente feyta da vida da bemaumentada sancta Caterina Virgem & martir, Filha del Rey Co | sto (*sic.*) de Alexandria, em a qual conta seu martyrio & gloriofo fim, muyto deuota & contemplativa. Feyta per | Baltasar dias da ylha da madeira, homem carecido da | vista. Em a qual obra entram as figuras seguintes f. fan | cta Caterina, suamãe & hum Irmitam, Christo, nossa Senhora, hū paje de sancta Caterina, & o Emperador | Maxencio, & a Emperatriz, & Pro-

frio seu paje, & tres Douctores, chamados Ionas, Abiatar, & Syluano, & hũ | Anjo, Eentra logo Sancta Caterina, & sua mãy, muy ricamente vestidas, & diz a mãy.

In 4º, 16 fol.: AIJ, AIIJ, AIIIJ, Av, avJ, avIJ, avIJJ. — Acaba: Fim.

Tipo relativamente moderno, muito gasto, de fins do sec. xvi.

IV. AFONSO ALVARES. — AUTO DE SANTIAGO (R-8592).

*Auto de Santiago.* — Gravura que preenche a pagina quasi inteira e representa o Santo a cavallo, com cara de Cristo irado como se expulsasse os vendilhões do templo de Jerusalem, de chapéu com a simbolica concha na aba levantada na frente, um chicote de tres ramos na direita, e na esquerda um estandarte sem emblema, a Mourama, a cavallo com flamulas de meia lua, e a pé, caída aos seus pés.

Auto do beãueturado señor Sãtiago, feyto per Afonso | aluares, no ql. êtrã as figuras seguintes, f. hũ Mouro, hũ ca | tiuo. Sãtiago: hũ Romeiro: hũ diabo em abitos de Ermi | tâ: hũ Anjo, hũ pastor, hũa Serrana, hũ Ermitã de noffa se | ñora.

In 4º, 8 fol.: aIJ, aIJJ, aIIJJ. — Acaba: Fim com musica, na fol 7ª primeira coluna. O papel restante é preenchido com dois romances (que são de Gil Vicente): *Segue se hũ romance e vulgar estilo pera câtar ao som de «Emperatriz y Reyna» que lhe vem muito natural.* E na fol. 8º, col. 2ª. *Segue se la segunda parte q. es vn Romance que cuenta de como fue levantado por Rey el muy alto Príncipe don João tercero Rey de Portugal.*

V. AFONSO ALVARES. — AUTO DE SANTO ANTONIO (R 8181).

Dentro de huma cercadura, composta de tres tarjas inteiras, e tres meias tarjas interiores uma gravura que representa Santo Antonio, na direita um livro aberto, na esquerda um crucifixo, em pé, sobre um soalho de azulejos; aos seus pés um rapaz, de joelhos, com um papel na mão direita.

Por cima dela *Auto de Sancto Antonio.* Por baixo: Auto do bemaumentado senhor fancto | Antonio. Feyto per Affonso aluares, a pedi | mento dos muyto honrrados, e virtuosos | Conegos de sam Vicente. Muy contemplatuiuo, e em partes muy gracioso, tirado de sua mesma vida.

No verso do frontispicio ha um extenso argumento.

In 4º, 8 fol.: AIJ, AIIJ, AIIIJ. Acaba: Saenfe cantãdo *Benedictus Dominus Deus Israel. Deo gratias.*

VI. AUTO DO DIA DO JUYZO (R-4050)

Gravura que representa o Senhor do mundo; aos seus lados dois anjos que tocam buzina; no fundo mortos que saem das sepulturas. A direita um santo; à esquerda uma santa, de joelhos.

Começa a obra com as figuras seguintes | Sam Joã Euãgelista, Christo, nossa Sñra, Sam Pedro, fã Miguel, Serafim, Lucifer, | Satanas, Daudid, Abselão, Urias, Caym, Ab | el, Samsam, Dalida, hũ Uilão, hũ escriuão, hũ carniceiro, hũa regateira, | hũ moleiro. | Entra fam João Euãgelista.

In 4º, 14 fol.: AII, AIII, AIII, Av, Avj, Avij. Acaba na fol. 14. *Finis*. Verso em branco.

B. — AUTOS PROFANOS

VII. GIL VICENTE. — AUTO DE INÊS PEREIRA (R-4051).

*Auto de Inês Pereira*. — Quatro gravuras de perfil, agrupadas duas a duas, que representam o *Escudeiro* com gorro de pluma, embuçado na capa curta, de que sai uma flor e o espadim, e *Inês Pereira*, moça de mão ao peito, à direita; *Lianor Vaz* e a *Mãe* à esquerda de longo veio; gravuras que reaparecem bastas vezes nos autos desta publicação, e em outras.

*Feyto* por Gil Vicente, representado ao muyto alto, e muy poderoso Rey dom Joam o terceyro no seu con | vento de Tomar. Era do senhor de MDXXIIJ. O seu | argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leue, que caualllo que me derrube. | As figuras sam as seguintes. Ines pereyra, sua mãe | Lianor Vaz, Pero marquez, dous Judeus, hum chamado Latam, e outro Uidal | Hum Escudeyro com hum seu | Moço, hum Ermitan.

Entra logo Ines Pereyra, e finge que esta laurando soo em casa, e canta esta cantiga.

In 4º, 10 fol.: AI, AII, AIII, AIII, Av. Termina: E assi se vam e acaba o dito Auto. *Laus Deo*.

VIII. ANTONIO RIBEYRO CHIADO. — AUTO DAS REGATEYRAS (R-3633).

*Auto das Regateyras*, feyto por Antonio Ribeyro Chiado. Quatro gravuras em perfil agrupadas duas a duas. Um velho, de bastão; duas mulheres de olhos

ao ceo que no *Auto da Festa* são a Verdade e sua companheira. O escudeiro, de flor na mão, virado para aquela que é a Mãe no Auto de Ines Pereyra.

Pratica de treze figuras f. Velha, Breatiz | Negra, Comadre, Vero Vaz, Noyuo, Mãe, | Ioam duarte, afonso tome, Fernam | dandrade: Gomez Godinho: Grimanesa.

No verso a carta em prosa ao virtuoso auditorio.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, AV, AVJ. Acaba: na fol. II<sup>v</sup>. *Cantem de terreyro qual quizerem tres por tres. Fim.* A 12ª em branco.

IX. ANTONIO DE LIXBOA. — AUTO DOS DOUS LADRÕES (R-9665).

*Dos dous Ladrões.*—Quatro gravuras. As duas primeiras são o Escudeiro, que aqui representa um moço do paço, e a Moça. As ultimas: um guerrero, de vara longa na mão, outro, virado de costas, levantando o braço esquerdo e pegando com a direita no sua longa espada; talvez os dois escudeiros ladrões.

Auto nouamente seyto por *Antonio de | Lixboa*, muyto gracioso. Representado ao *Conde de Vimioso*. Em o qual entram onze figuras | f. dous escudeyros, z hum judeu, hum Uilam, dous moços de pa | ço z hũa moça, hum meyrinho cõ dous beaguins, z hum moço Representador.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, AV, AVI. — Acaba com a cantiga do vilam. Fim, no verso da fª II. A ultima é preenchida por um *Chiste* que principia *Ley diuina y humana* e termina *que aquel que no perdonó | no es perdonado*, e as *Coplas* de *Oyme la mi seõora lo que os quiero dezir*. E acaba

Ni quiero que me lo tome  
ni quiere que me lo siga,  
ni quiere que me aquexe  
de mi vida.

X. JOAM DE ESCOVAR. — AUTO DE FLORENÇA (R-4053).

*Auto de Florença.* — Quatro gravuras: um ratinho pastor apoiado no seu cajado (em outros autos é entitulado *Ratinho*), o escudeiro com a flor, a moça e uma casa. Por baixo o titulo:

Auto seyto por Joam de escovar a el Rey dom Sebastiam por Natal de mil e quinhentos z sessenta z hũ annos. As figuras sam as seguintes. f. Hum Ueador,

dom Simam, dô fer | nãdo, Andrade, Lionisa, Gallego, Florêça, Uilam, Pay de Florê | ça, Theodora | pastora | Martinho ratinho, Uentura, tres fabios | cantores. Com licença impreffo.

In 4º, 10 fol.: AIJ, AIJJ, AIIJ, Av. Acaba com uma cantiga e *Fim*.

XI. SEBASTIÃO PIREZ. — AUTO DA BELLA MENINA (R-3615).

*Da Bella menina.* — Cercado de tres tarjas diversas avulsas. Quatro gravuras, agrupadas às duas : O escudeiro e uma criada. Um pai, vestido de roupão e a moça que já conhecemos.

Auto nouamente feyto, dos bem cõpostos e gra | ciosos amores da Bella menina com hum fidalgo de Franca (*sic*). Feyto' z emendado por Sebastião pirez, natural da cidade do Porto. Onde se cõtem as figuras seguintes .f. hum Pastor, per nome Vicente, representador, | ho pay z mãy da Bella menina, Bella menina, Pasibula sua criada, hũ Paruo, hum Fi | dalgo, z hum seu negro. Entra o representador.

Outra tarja.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJJ, AIIJ, Av, AvI. Acaba depois de *Finis* com a cantiga

Que ventura tam diuina,  
o que bemaventurança,  
pois o fidalgo de França  
leuou a *Bella menina!*

*Laus Deo.*

ANONIMOS

XII. AUTO DO DUQUE DE FLORENÇA (R-9664).

*Auto novamente feyto.* — Gravura que representa um cavaleiro armado, seu escudeiro a pé, e um galgo a correr.

Sobre os muy sentidos amores q. teue o Du | que de Florença cõ a muy fermosa Gracibelia, | filha do marques de Ferrara; em q. se introduzẽ as figuras seguintes .f. Marques: Gracibelia cõ duas damas Belicia z Paulina; hũ Enano chamado Rosibel, z hum ortelão cha | mado Orcasto; Mahometo, mouro; o Duque | com dous foldados, hum Persiano, z outro | Joã temeroso, hum Abegã, z sua filha Brafia, z dous ratinhos criados do abegã, chamados hum Gil z outro Bras, z hũa moça chamada Joana, z dous vilões, Lourenço z Vasco.

Estes dizeres entre uma fita enrolada com o nome de Germa[m]



Galha[rdo] à esquerda, e à direita uma tarja do mesmo tamanho com uma panoplia.

In 4°, 14 fol.: AIJ, IIJ, IIIJ, v, vJ, viJ. Acaba com *Fim*. Na ultima pagina ha apenas uns vinte e seis versos impressos. O verso em branco.

### XIII. FARSA PENADA (R-4043).

*Farsa Penada* (à esquerda uma folha de hera). — Quatro gravuras, todas já nossas conhecidas : o *Pastor*, o *Escudeyro*, o soldado de costas, chamado aqui *Moço*, a criada, chamada aqui *Donzela*. Por baixo uma tarja de flores e um passarito.

Farsa penada de graças toda atestada. Em a qual entram doze figuras .f. hum pastor representador, hum Escudeyro, z seu moço, hũa Donzela, hum Diabo, hũa Serra | na, hum Paruo, hum Juiz, hum Es | criuão, a Fortuna z Uenus. Ago-  
ra nouamente feyto. Com hum chiste no cabo muy sentido.

Outra tarja. E dos dois lados, em toda a altura, outras duas, compostas de variados objectos e medalhões. Na metade superior à direita ha na base a data 1542.

In 4°, 8 fol.: AIJ, AIIJ, AIIIJ. O *Chiste* anunciado começa no fol. 8, e é... o melancolico solau de quebrados *Pensando vos estou filha*, de *Bernardim Ribeiro*. Mas antes dele já ha outros dois *hors-d'œuvre*, por o pobríssimo auto acabar na segunda coluna da setima folha. Uma é um *chistoso* dialogo castelhano entre mãe e filha, entitulado *Coplas muy graciosas de Meterte quiero yo monja*, em doze estrofes desiguaes. A outra um *Villancico de una gentil dama a un galán su enamorado*.

### XIV. AUTO DE VICENTE ANES JOEIRA (R-3635 e 9687).

*Auto de Vicente anes joeira*. — Quatro gravados : o *ratinho*, o guerreiro da vara longa, nomeado *Vilam*, a *May* que faz de *Regateyra*, e a *Moça* que figura a *Filha*.

Auto nouamente feyto, no qual se contem | muytas graças, z tem hũa carta muito gracio | fa, z entrão as figuras seguintes .f. Hũa *Regateira*, hũa sua filha, hũa comadre, hum *Uilão* marido da regateira, hũ *ratiño* por nome *Uicente anes joeira*, hũ *Clerigo*, dous *escudeiros* que dão hũa *mufica* no meyo do auto, hum

negro mestre de Medecina, hum Ratinho seu moço que ho negro enlina a curar. — 1574.

In 4º, 10 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, Av.—Acaba com *Fim*, sem a cantiga que se devia cantar.

#### XV. AUTO DE D. FERNANDO (R-3632).

*Auto de Dom Fernando*.—Cinco gravuras, e entre elas, tres conhecidas, e duas novas. Um moço de espورا *representador*, que parece parvinho. O escudeiro, de nome *Antonio Pacheco*, o *Cavaleiro D. Fernando*, o soldado virado de costas, seu *Moço*, a moça chamada Isabel.

Auto nouamente feito em que se representam treze figuras .f. hũ moço desporas representador, dom Fernãdo, hum moço seu, dous vilãos chamados Joã Lousado e Pero dornelas, dous moços do paço, hum chamado Abreu e o outro Saa, hũa moça chamada Isabel, hum Castelhana, hum escudeyro per nome Antonio Pacheco, com um moço que se chama Sequeyra, hum Negro, hũa velha mãy da moça.

Entra logo o moço desporas Repre | sentando a Obra.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, Av, AvJ. Acaba com *Fim*.

#### XVI. AUTO DAS CAPELLAS (R-9670).

Debaixo de *Auto das Capellas* figuras nossas conhecidas. O moço desporas, que aqui faz o papel do Ratinho, o soldado visto de costas, o Escudeiro, e as duas damas do *Auto da Festa*.

Auto nouamente feito chamado das Capellas, em o qual entrão as figuras seguintes .f. Hum homem nobre por nome Andre Uelez, e sua molher Ines de macedo, e sua filha Antonia Uelez, e hũa criada por nome Clara, e hũ vilão por nome Lourenço, e hũ Ratinho, e dous Matantes, e hum moço, e hum Musico, e hũ Clerigo. E entra logo ho Pay e amãy, donos da casa, e diz o Pay.

Dez versos do texto preenchem a pagina frontispicio.

In 4º, 10 fol.: AIJ, AIJ; AIJ, Av. Acaba com *Fim*.

#### XVII. AUTO DOS ENANOS (R-3601).

O titulo. Quatro gravuras: o parvo que, tendo sido Pastor-Ratinho e Moço desporas, é agora o *Marçal*, filho do vilão; *Gil Vaz*, figurado

pelo guerreiro de vara longa; e depois o escudeiro e a moça que são os noivos Don Silvano e Dona Paula.

Auto nouamente feyto dos bem compostos z graciosos amores de dom Silvano com dona Paula. Agora nouamente impresso, z emmêdado, tirado ao pee da letra | do proprio original. E vam emmendados muytos erros | q. nas outras impressões se fizeram. No qual Auto entrã as figuras seguintes.

Interlocutores.

Representador, o pay de dom Silvano, hũ seu Veador, dom Silvano, dona Paula, dous vilões pay z filho, cha|madros Gil vaz, z o filho Marçal, dous Enanos, hũ per | nome Bruchel, outro Florinel, z hũ Castelhana, com hũ | Bouo feu criado, z hũa Sabia Italiana.

Entra logo o Representador, z diz.

In 4º, 8 fol.: AIJ AIJ, AIJ, av.

XVIII. AUTO DE DOM ANDRÉ (R-363I).

O titulo numa tarja de fundo preto. Cinco gravuritas, das quaes só uma é nova para nós (embora eu a conheça de outros Autos). O *Dom Andre* é o *D. Fernando* de nº XV; a sua mulher e *Senhora* é a Leonor Vaz de Inês Pereira; *Ylaria* é criada e donzela; *Dona Belicia* olha para o escudeiro *Don Belchior*, que nos aparece aqui virado para a esquerda.

Auto de dom Andre, no qual entrã catorze | figuras .f. Dõ Andre, sua molher, z hũa yrmã da senhora chama | da dona Belicia, z hũa criada de casa por nome ylaria, z hũ veador | z hum Paje, z hũ Ratinho feu yrmão, z hum Uilam, z sua molher | z hũ filho do mesmo vilam, chamado Fernando, z hũ Fidalgo que anda damores cõ dona Belicia, per nome dom | Belchior, z hũ Escudeyro chamado Anrique ley | tão, z outros dous Escudeiros, hũ per nome Bras Taveira, z outro Antam Colaço. Entra logo dõ André z sua molher cõ hũa crianç[a] pera a darem a criar, z diz.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, Av, AvJ. No fim ha uma caravela.

XIX. AUTO DE DOM LUIS E DOS TURCOS (R-3616).

Debaixo desse título ha, como de costume, quatro figuras: o escudeiro que aqui subiu a ser o fidalgo dom Luis; a moça e donzela que representa a nobre dona Clara; o guerreiro virado de costas, chamado agora Bras Lourenço; e como unica figura nova um *turco*, que todavia

não significa Lopeanes, o Cativo, como seria verosímil, mas o Cristão Fernão Gil.

Auto nouamente feito em o qual entram as figuras seguin | tes, conuem a saber hum fidalgo per nome dom Luis, z [hum] paje feu, per nome Mena, z hum chamado Fernã | Gil z o outro Bras lourenço, z dona Clara, Taricio seu pay, Theodoro seu criado. Hum príncipe turco per nome Olismael, dous chamados Solino z Zaide, O Turco velho, Lope | anes captiuo.

Impreffo anno de MDLXXIJ.

In 4º, 12 fol.: AIJ, AIJ, AIJ, Av, AvJ. Acaba: com *Laus Deo*, depois da rubrica *Aqui fenece a obra*.

\*  
\* \*

Conforme se vê, seis dos dezanove autos são obras hieraticas (I-VI) e tocam portanto em coisas da fé e da biblia, que são o verdadeiro assunto da *Censura inquisitorial*. Os outros treze, profanos, são recortes da vida real, domestica, do povo, e nesses os erros contra os bons costumes, que deveriam ser assunto da *Censura civil*, mas foram attribuidos à eclesiastica, devem ser naturalmente frequentes.

O facto de só existirem senhos exemplares de cada um (desculpem o pratico arcaismo) pode ser devido apenas, conforme já observei com respeito ao *D. Duardos*, à dentadura roedora do tempo, que devorou, com certeza, com especial facilidade, folhas volantes impressas durante os reinados de D. Manuel, D. João III e D. Sebastião, soltas, isto é nem mesmo cosidas, e sem capa forte que os salvaguardasse; de apenas vinte e quatro paginas, quando muito, e às vezes só de oito; manuseadas de mais a mais por mãos calejadas e rudes de leitores pouco delicados.

Se mesmo dos grossos in-folios dos romances de cavalaria, publicados entre 1500 e 1600 (ou 1605, ano em que Cervantes lhes deu o golpe de morte) desapareceram numerosas edições, sem vestigio; e isso apesar de a censura não os haver pròibido!

Mas tambem pode ser que essa dependencia do Tribunal da Fé, estabelecido definitivamente em Portugal pela Bula de 23 de maio de 1536, recolhesse, aparentemente para exame, expurgação e eventuaes condemnações, os exemplares de autos populares que existiam nas impressas e livrarias, e as fizesse desaparecer sem processo, anulando por esse meio mesmo a memoria de edições antigas, com menos çere-

monia do que empregava para com poetas cultos e afamados como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Jorge de Montemor, Jorge Ferreira de Vasconcellos.

A esse ponto voltarei. Por ora baste dizer que na *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado, no *Diccionario Bibliográfico*, de Inocêncio da Silva, na *Historia do Teatro Português*, de T. Braga, nos *Catalogos* de Barrera y Leirado, Salvá, Fernando Palha, Conde de Sabugosa, etc., e no *Ensayo*, de Gallardo, ha em regra (com excepções, bem se vê) lembrança apenas de reimpressões (expurgadas), feitas depois de 1581, mais vezes depois de 1600, na imprensa de Antonio Alvares e na de Vicente Alvares, que parece tinham a confiança especial dos inquisidores.

Os nossos exemplares, *semigóticos*, s. l. n. a. da Biblioteca Nacional de Madrid, de autos *não submetidos* à censura, são por isso, quanto à raridade, um verdadeiro tesouro. Póde-se supôr, entrassem cedo, logo depois de impressos e expostos na afamada feira de Medina del Campo, na posse de algum ilustre <sup>1</sup> castelhano, bibliófilo como Fernando Colon, mas posterior a esse (que faleceu em 1539), e que das mãos do coleccionador particular, passassem (ignoro como e quando) <sup>2</sup> aos tesouros nacionaes, onde dormiram sossegados até 1910.

Exemplares, únicos só quanto à edição especial de que se trata, mas de resto conhecidos, são os dois *Autos de Gil Vicente*, os de *Baltasar Diaz*, *Alfonso Alvares* e *Antonio Ribeiro Chiado*, immediatos e importantes sucessores do mestre, de relativa fecundidade e que ainda conservavam algo da graça, invencionice e quanto ao cego da Ilha da Madeira, tambem do lirismo e da seriedade moral do mestre. O mesmo vale do anónimo *Auto do Dia do Juizo*. Quanto a autos que eram bibliológicamente registados, sem que se soubesse da existência certa de

---

<sup>1</sup> Alem das *Barcas* (com as *coplas do peru* que já citei e cujo autor tanto pode ter sido castelhano como português) havia na biblioteca de Fernando Colon um *Auto de San Alexo* de SEBASTIÃO PIRES (15.171) e o *Auto da vida de San Roque* por João VAZ (15.172), assim como numerosas farsas, comedias e eglogas de autores castelhanos (p. ex., de Fernán López de Yanguas e Vasco Díaz Tanco de Frexenal, que não tornaram a aparecer) e de que nem os titulos conheceriamos se não tivessem sido registados no *Registrum* de 1539.

<sup>2</sup> Marquês de Campo-Alange, Gallardo, Gayangos, Norton são os nomes de coleccionadores que mais vezes são citados com respeito a autos.

exemplares, renascem agora, além do *Auto de D. Luis*, e do de *Dom André*, o *Duque de Florença*, a *Farsa penada*, e a farsa dos *Dous ladrões*, diversa todavia de um auto de devoção, que tem título igual, e talvez seja do mesmo autor.

Completamente novos, nunca citados, que eu saiba, são o *Auto de D. Fernando*, o da *Bela Menina*, o de *Vicente Anes Foeira*, o das *Capelas*, o dos *Enanos*, e o de *Florença*, confundido por T. Braga com o do *Duque de Florença*, e mal registado pelos bibliografos como *Fidalgo de Florença*.

Temos, portanto, uma colheita notável de autos novos, de versificadores que constituem a *Escola de Gil Vicente*. E de novo o digo, a figura magra e macilenta da antiga arte dramática de Portugal sai desta publicação um pouco mais nutrida e cõrada, sem todavia ostentar a saude, força e alegria que lhe desejaríamos e que admiramos no teatro espanhol.

E como o leitor verá, tanto aos autos conhecidos como aos apenas suspeitados, liga-se uma assaz longa serie de rectificações relativas a datas, autores, mecenates, assuntos.

## OS AUTORES DOS AUTOS

No grupo dos autos hieráticos predominam os que tem autor conhecido; no dos autos profanos, os anónimos. A respeito de dois havia suposições, que tenho de combater, sem poder substituí-las por factos documentados.

Á testa do primeiro grupo marcha, como já mencionei, Mestre Gil como compositor da *Historia de Deus*, seguida do *Dialogo da Ressurreição*, uma das suas obras mais profundamente medievas e teológicas, mas ao mesmo tempo (ou por isso mesmo) das mais universaes que nos legou. Tal qual franceses e espanhoes em *Vidas de Adão*, como representante do genero humano, o português introduz sucessivamente personagens do Velho Testamento, de Adão em diante, que são considerados como prenunciadores do Redentor. Atrás dele veem dois seus coevos, com autos de santos, género mal começado pelo iniciador, entre 1503 e 1506, com o singelo *Auto de Sam Martinho*. O cego da Ilha da Madeira, *Baltasar Dias*, que em 1537 conseguiu privilegio real para as suas obras, mas sob condição de apresentar os textos de devoção (note-se isso bem) ao Mestre Pedro Margalho <sup>1</sup>, aparece com o *Auto de Santa Caterina* <sup>2</sup>, que tanto agradou que ainda hoje o povo o compra e lê (em redacção purificada em 1624, e um tanto modernizada); e com

---

<sup>1</sup> Vid. DESLANDES, *Documentos para a Historia da Typographia portugueza nos seculos XVI e XVII* (1882), vol. II, p. 3-4. «E porem, se elle fizer algũas obras que toquem em cousa de nossa santa fee, nam se imprimiram sem primeiro serem vistas e enjaminadas por mestre Pedro Margualho, e sendo por elle vistas e achando que [nam] falla em cousa que se nam deva fallar, lhe passe disso certidão com a qual certidão ey por bem que se imprimam as taes obras, e doutra maneira nom.»

<sup>2</sup> Vid. T. BRAGA, *Escola de Gil Vicente* (1898), p. 130-150. — As edições que cita são de 1616, 1633, 1650, 1659, posteriores à de 1613 alegada no *Indice* de 1624. A que o conde de Sabugosa possui é de 1592, impressa por Antonio Alvares, com licença, vista e emendada por Frei Bartolomeu Ferreira.

um *Nascimento de Christo*, raríssimo ou mesmo desconhecido, considerado como destruído pela Inquisição. De *Afonso Alvares*, esse mulato de genio facil para a poesia que, nado e criado no paço do bispo de Evora, D. Afonso de Portugal (neto do primeiro duque de Bragança), tivera em Lisboa, onde era mestre de meninos, uma desbragada que-rela literaria com o Chiado, posso apresentar o *Auto de Santiago*, de que não se conheciam exemplares <sup>1</sup>, e o de *Santo Antonio*, de que T. Braga registara apenas impressões do século xvii. Embora os nossos exemplares não tenham indício disso, é certo que ele também teve *privilegio real*, provavelmente com a condição imposta a Baltasar Dias <sup>2</sup>. Por ser novidade para portugueses, menciono um coevo dos tres, chamado João Vaz, como autor de um *Auto de Sam Roque* em coplas portuguezas, impresso em Lisboa em 1533, conforme à papeleta 15172 do *Registrum* de F. Colon <sup>3</sup>.

Anónimo é apenas o *Auto do Dia do Juizo* <sup>4</sup>, do qual a edição que agora aparece, é a única quinhentista. Outro exemplar, na Biblioteca Nacional de Lisboa, é de 1665; o do conde de Sabugosa, s. l. n. d., parece ser ainda do século xvi, mas posterior ao nosso.

As peças profanas vão capitaneadas pela farsa de folgar de *Inês Pereira*, a mais perfeita comedia de Gil Vicente e que juntamente com *D. Duardos* marca época na sua actividade: único *proverbio*, por desgraça, que ha no repertorio do antigo Teatro portuguez <sup>5</sup>. O ritão popular *Mais quero asno que me leve que cavallo que me derrube* fôra dado, como todos sabem, ao poeta para tema por «certos homens de bom saber», detractores seus, que duvidavam se o autor fazia de si mesmo as suas obras, ou se as furtava a outros autores. Compromisso de que ele se saiu magistralmente, com bom humor e bela invencionice, confirmando poderosamente os seus créditos.

A edição, de que o exemplar único se guarda em Madrid, não me

---

<sup>1</sup> BRAGA, p. 55-82.

<sup>2</sup> BRAGA, p. 165. — É inexacta a noticia que o *Dia do Juizo* fôra prohibido no *Index* de 1559.

<sup>3</sup> *Catálogo*, p. 105.

<sup>4</sup> COTARELO, *Catálogo*, n.º 131.

<sup>5</sup> Verdade é que a scena entre Maimonda e Camilote, especie de intermezzo comico na tragicomedia de alto coturno de *D. Duardos*, pouco posterior à *Inês Pereira*, poderia ter o título de *Quem o feio ama, bonito lhe parece*.



parece ser a primeira, de 1523, gasta com certeza por ávidos leitores <sup>1</sup>, mas deriva evidentemente dela. Mostra-o a redacção mais acertada logo no principio, com a cantiga *Quien con veros pena y muere Que hará quando no os viere?*, cantada por Inês Pereira; e sobre tudo a redacção do título, em que o discreto palaciano não fala da afronta que lhe fizeram, particularidade que no fim da vida ele não tinha motivo para encobrir, desejando, pelo contrario, naturalmente, revelá-la á posteridade <sup>2</sup>.

Dei o segundo lugar às *Regateiras* do frade *folião, bargante e dizedor* Antonio Ribeiro, de alcunha significativa o *Chiado* (Frei Antonio do Espírito Sancto, apenas, e mal, durante a sua curta estada entre os franciscanos de Evora, sua patria). De propósito pedi e aconselhei que se publicasse esse texto por ser da casa de German Galharde, seguramente anterior a 1560, mas provavelmente de cerca de 1545, apesar de já possuirmos a meritoria impressão, anotada, de Alberto Pimentel <sup>3</sup>, feita sobre outro exemplar, conservado entre os Reservados da Biblioteca de Lisboa. E estou convencida de que todos os interessados

---

<sup>1</sup> As quatro gravuritas bem poderiam ter sido inventadas de propósito para as figuras principaes da peça: o escudeiro, Inês, a mãe, e a patusca comadre Leonor Vaz. Mas o pé quebrado do escudeiro, e em geral a maior antiguidade, documentada, dos madeiros, mostra que foram apenas bem escolhidas.

<sup>2</sup> Tanto neste caso, como na alteração que Gil Vicente fez na Didascália da Trilogia das Barcas, de que falei no texto, temos provas do cuidado com que o próprio poeta preparava a *Copilação* das suas obras, mas ao mesmo tempo de que na escolha dos textos nem sempre acertou. Ou seriam os filhos que, ignorando as diferenças que havia nos textos, escolheram, para a reprodução integral, exemplares menos estragados materialmente?—Braamcamp-Freire, grande apreciador da alegre farsa, cujo assunto expõe (p. 128 a 134) com alacridade encantadora, gostou tanto do texto madrileno, que resolveu intercalá-lo como illustração no seu volume (p. 365-385). Já o deixei dito, mais acima.

<sup>3</sup> *Obras do poeta Chiado* (1889).—Com essa publicação prestou-se um verdadeiro serviço, embora o aparato filologico e a descrição dos originaes seja insufficiente.—O volume (sem *Indice*) reproduz os tres autos contidos na preciosíssima Miscelanea n.º 218 da Biblioteca Nacional de Lisboa, com privilegio real: *Pratica de oito figuras* (p. 3-17), *Auto das Regateiras* (p. 95), *Pratica dos compadres* (p. 145), transformados em dois compadres nos catalogos castelhanos. Seguem-se as obras não-dramaticas: *Avisos para guardar* (p. 151), *Parvoices*, que eu poderia completar com ajuda de uma Miscelanea da Biblioteca do Porto (p. 170), *Que-rela* entre o Chiado e Afonso Alvares (p. 202), *Regra espirital* (p. 216), *Litreiros* (p. 232), *Profecias* (p. 272), imitadas em fins do seculo por Fernão Rodrigues Lobo, o *Soropita*; e finalmente *Cartas* (242).

terão prazer em confrontar o texto interpretado com o facsimilado, vendo ora confirmadas, ora rectificadas as hipóteses do entusiástico admirador da *reia* do vulgar mas chistoso *coprante*, cujas trovas tinham agradado a Jorge Ferreira de Vasconcellos, e também a Luis de Camões, na idade em que ele também «chascueava», *prologando Rei Seleuco*<sup>1</sup>.

Em seguida surgem tres autores da escola vicentina, não ignorados em absoluto, mas muito mal conhecidos: *João de Escovar*, *Antonio de Lisboa*, *Sebastião Pires*. As noticias, poucas e vagas, que a respeito deles se acham lavradas na *Biblioteca Lusitana*, e dessa obra fundamental, mas incompleta e imperfeita quanto ao século XVI, passaram ao *Catálogo bibliográfico e biográfico* de Barrera, e ao *Diccionario* de Inocencio da Silva e Brito Aranha, recebem agora leves mas positivos retoques.

*João de Escovar*, que aparece nesta colecção como compositor do *Auto de Florença* (isto é relativo a uma donzela desse nome) feito ao rei D. Sebastião no Natal do ano de 1561, quando o reizito contava sete anos, acha-se registado na obra do abade de Sever<sup>2</sup>. Mas sabedor, de ouvidos, da dedicatória ao rei, não o era da data exacta, nem do título exacto, que falsifica, seguramente por confusão com outro auto, dos nossos, o do *Duque de Florença* (cidade), visto que o chama *O Fidalgo de Florença*<sup>3</sup>.

Além disso, constara-lhe que o poeta fôra também músico (*insigne*, bem se vê), compositor de *Motetes* impressos em Lisboa, no ano de 1620. A afirmação nada improvavel em si, que exercera o professorado dessa arte, e que o auto indicado se imprimira muitas vezes, precisa de documentação.

O que Barbosa Machado ignorava, é que João de Escovar tomara o habito.

---

<sup>1</sup> Baste um exemplo das interpretações erradas. No *Auto das Regateiras* ha, na geringonça da Negra (p. 68), a pergunta *mas vlo rabo?* (p. 69), *vlo culpa qu'a mim tem?* Alberto Pimentel vê em *vlo* abreviaturas de *vêlo*, em vez de ler simplesmente *u-lo* (*ubi illu*): *onde o rabo?*, *onde a culpa que eu tenho?*

<sup>2</sup> *Biblioteca Lusitana*, II, 189; BARRERA, s. v.; *Inocencio*, III, 365, com algumas reflexões sensatas.

<sup>3</sup> Confusão que, alterada embora, passou à *Escola de Gil Vicente* de T. BRAGA, p. 166,

Tratando-se de música recorri naturalmente às obras de Joaquim de Vasconcellos. Nos *Músicos portugueses* esse benemérito dá como título suposto da obra citada por Barbosa Machado (que não conseguira ver) *Colecção de Motetes*, e menciona outra, alegada no *Catálogo de Música de D. João IV*, mas sem indicar se fôra impressa ou ficara manuscrita<sup>1</sup>. Indagando nos dois volumes verifiquei que o artista escrevera realmente uma *Arte de musica teorica e pratica*, o que fala a favor do professorado. E igualmente, que se fizera frade trinitario. Como fecundo compositor de *motetes, missas, lições de difuntos e vilhancicos* é sempre *Frei João de Escovar*, ou simplesmente *Frei João Escovar*<sup>2</sup>.

Se realmente se tratar de um só individuo (como parece) devemos doravante alinhar a sua biografia dizendo: Poeta na mocidade, foi compositor de um *Auto de Florença*, que dedicou a D. Sebastião (1561). Entrado na Ordem da Trindade cultivou a musica que talvez estudasse de antes; e escreveu não somente uma longa serie de obras de musica sagrada, que D. João IV adquiriu para a sua livraria, mas tambem uma obra teoretica que, muito embora a digam impressa em Lisboa em 1620, parece pereceu manuscrita no terremoto de 1755 com todo o arquivo da Casa de Bragança.

O mesmo caso, ou um caso parecido deu-se com *Antonio de Lisboa*, autor em verdes anos do *Auto dos Ladrões*, que hoje publicamos, assaz rude e liviano. Nele mostra como dois escudeiros pobres, com desejos de brilharem no paraíso da côrte, se fazem bandidos, roubando na estrada um judeu que passa e um vilão, afim de *manterem estado*:

que, por viverdes honrado,  
que furteis, *não* é pecado!

Ilusão amoral e funesta de que, de vez, os tira o meirinho com seus beaguins, prendendo-os, guiado pelo vilão que haviam prejudicado.

Que o autor era então rapaz, ele próprio o proclama, no papel de moço-representador, chamando se *bem novo neste mister*. E igualmente, *mui noviço*, vocabulo que pode significar *novel, novato, inexperiente, aprendiz*, mas tambem *futuro religioso no ano da provação*. E como

---

<sup>1</sup> Vol. I, pág. 96.

<sup>2</sup> *Index da livraria de música de D. João IV*, vol. I, p. 8, 115, 136, 223-225, 253, 389, 455, 464, 473, segundo se vê a p. 212 do vol. II.

depois nos apareça nas obras bibliográficas <sup>1</sup> um franciscano *Frei Antonio de Lisboa*, a segunda interpretação talvez seja preferível.

O *Auto dos Ladrões*, caso de monta, não foi representado a nenhum rei de Portugal, mas sim ao conde de Vimioso nobre e culto titular, aparentado com a Casa Real, e excelente poeta <sup>2</sup>, em cujos paços, segundo uma ideia convidativa do conde de Sabugosa, fôra representado o *Auto da Festa* de Gil Vicente, em todos os sentidos muitissimo superior à pobre estreia de Antonio de Lisboa. Contra a probabilidade dessa hipótese alegou o Ex<sup>mo</sup> Sr Braamcamp a alocação de *Vossa Mercê*, em vez de *Vossa Senhoria*, a que os condes tinham jus <sup>3</sup>, dada ao *senhor da casa*, falta contra o protocolo que parece realmente estranhável num palaciano. Mas o facto que estou a revelar é um forte argumento a favor da conjectura.

Que o conde de Vimioso, tanto no caso relativo a Gil Vicente como no de Antonio de Lisboa, fosse o primeiro desse nome é quasi certo. Esse *D. Francisco de Portugal*, primogénito do bispo de Evora D. Afonso de Portugal, era autor de dicacidade concisa, como se vê nas suas *Sentenças* em prosa e em verso, e varão tão amigo da Verdade e Justiça, que lhe deram o nome de *Catão Censorino*. Legitimado em 1505, conde desde 1515, faleceu em fins de 1549, e conheceu seguramente, como vêdor da Fazenda, além de todos os moradores da côrte, que versejaram no *Cancioneiro geral* e foram satirizados nos *Autos de Gil Vicente*, tambem os dramaturgos populares, em especial o mulato *Afonso Alvares* que nascera e se criara nos paços do bispo, seu pai, conforme já disse mais acima, mas tambem o *Chiado* e *Balta-*

---

<sup>1</sup> BARBOSA MACHADO, I, p. 308; *Inocencio*, I, 184. A frase quasi estereotipada que o autor compôs varios autos representados com grandes aplausos dos espectadores, claro que não se pode ligar importancia.

<sup>2</sup> Vid. *Auto da Festa*, cap. IX, p. 71. Ha edição moderna dos seus versos: vol. VII dos *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura portuguesa* do DR MENDES DOS REMEDIOS (1903).— O segundo conde D. Afonso de Portugal (falecido em 1578, em Alcacer-Quebir) era poeta tambem; mas o que resta dele, são *Sonetos* no gosto camoniano, alguns tão belos que foram atribuidos ao autor dos *Lusiadas*. — D<sup>o</sup> primeiro conde ha um vilancete, traduzido para alemão por Geibel e musicado por Schumann.

<sup>3</sup> Vid. *Gil Vicente, trovador*, p. 82-83. — Creio que na datação do tempo da viuvez do poeta (1515) o Ex<sup>mo</sup> Sr Braamcamp acertou. Cfr. p. 150 seg. Mas talvez o *Auto da Festa* fosse escrito antes de Francisco de Portugal ser nomeado conde.

sar Dias. Quanto a *Antonio de Lisboa*, transformado em *Frei Antonio de Lisboa* franciscano (segundo o Abade de Sever, e os que a esse se encostam), ele escreveu um auto de devoção entitulado *Auto dos dois Ladrões que forão crucificados juntamente com Christo Nosso Senhor*, impresso em Lisboa, no ano de 1603 em casa de Antonio Alvares <sup>1</sup>.

Emquanto não aparecer um exemplar da edição-principe ou de qualquer edição dessa nunca vista obra, fico a scismar, se algum predecessor de Barbosa Machado, lendo *Auto dos Ladrões* de Antonio de Lisboa, se viu levado a transformá-lo nas suas notas manuscritas, nos Ladrões bíblicos, e o autor em frade franciscano?

Mas se realmente surgir o exemplar, poderemos supôr pelo contrário, que o rapaz, depois de ter tomado o hábito, expiou o pecado cometido em verdes anos, ocupando-se do *Bom Ladrão*? Outra expiação teve. O texto mundano foi condenado em globo, e seguramente destruido. Mas *habent sua fata libelli*: um exemplar, levado cedo a Espanha, lá ficou escondido ou bem guardado. Suponho que o conde de Vimioso ficaria desgostoso com a estreia do talentoso mas indisciplinado noviço.

Quanto a *Sebastião Pires*, citado por D. Francisco Manuel de Melo no *Hospital das Letras*, o seu *Auto da Bela menina* (XI), ficou tambem desconhecido até hoje; nenhum dos bibliógrafos chegou a vê-lo, embora todos registem o facto de ele ter sido natural da cidade do Porto <sup>2</sup>, e ocupado em 1556 como feitor na Alfândega da Ilha do Faial. Ignoram igualmente que seu *Auto de Santo Aleixo em coplas*, dera entrada, a mais tardar, em 1539, na riquissima Bibliotheca de Fernando Colón, ilustrado filho do imortal descobridor das Indias occidentaes, cujo *Registrum* <sup>3</sup> nos revela tantos factos, sem isso esquecidos, a respeito da existencia e perda não só de numerosos *pliegos sueltos* dos primeiros decênios do século, mas de outros tantos volumes *in-folio* com novelas de cavalaria, gastos como se fossem meras folhas volantes, conforme já deixei dito. Os dois autos, que são atribuidos a Sebastião Pires na *Bibliotheca Lusitana*, e tem os curiosos títulos *Representación de glo-*

---

<sup>1</sup> Claro que não foi em princípios do seculo xvii que floreceu, mas sim em meados do xvi. A edição de Antonio Alvares deve ser reimpressão com licença.

<sup>2</sup> BARBOSA MACHADO, III, 699; *Inocencio*, VII, p. 22.

<sup>3</sup> COTARELO (nº 110) é quem nos diz que o auto tinha na Colombina o nº 15171.

riosos feitos, tirada do sagrado texto e *A Nau do filho de Deus*, com uma Égloga intitulada «*Silveria*», ninguém os conhece.

Destruidos pelos turbilhões do tempo? ou pela mão castigadora do Santo Ofício? *Chi lo sà?* Ninguém, mas eu estou obrigada a perguntá-lo <sup>1</sup>

Todos os mais autos (XII a XIX) são anónimos. E quasi desconhecidos. Só quanto ao *Duque de Florença* sabe-se de um exemplar, outra do conselheiro Minhava, descrito por T. Braga, de uma edição muito posterior à nossa, e datada de 1632 <sup>2</sup>. Ha lembrança dele no *Index* de 1624, que o prõibe *sans phrase*. A *Farça Penada de graças toda atestada*, vejo-a tambem citada e prõibida no mesmo *Index*. Os quatro immediatos (*D. Fernando*, *Vicente Anes Foeira*, *As Capelas*, *Os Enanos*) nem lá mesmo são nomeados. Já não existiriam naquela data *en masse*. Recolhidos e suprimidos, escapariam apenas os exemplares que tinham sido vendidos em Espanha.

Os últimos dois, *D. André* e o *Auto de D. Luis e dos Turcos* têm fama, foram vistos, discutidos e desejados. E por isso mesmo, e por terem valor superior, coloquei-os no fim do volume, a fim de o fechar com chave de oiro. Dados durante longo tempo por *perdidos*, foram apontados ha pouco como conservados, *D. André* em quatro exemplares <sup>3</sup>, e o *D. Luis* exclusivamente no que hoje reproduzimos.

Principalmente a respeito da tragicomedia romântica dos *amores de D. Luis*, correram e correm fábulas literarias, assentadas ainda na primeira metade do século XVII, que nos legou tantos contos fantasiosos e textos apócrifos e tantas fábulas que a leitura, só agora por nós possibilitada, do auto ha de felizmente destruir <sup>4</sup>.

O título *D. Luis e os Turcos*, com o subtítulo de *Os Cativos*, transformado por interpretação arbitraria em *D. Luis de los Turcos*, originou a lenda.

Na exegese dos fantasistas ingénuos (de então, e de hoje), um *Dom Luis de Turcos e Cativos* não podia deixar de ser, devia ser, era positivamente o infante D. Luis, o mais simpático dos filhos del rei D. Manuel, amado e louvado pelos coevos, e pela posteridade como varão

<sup>1</sup> Barbosa Machado dá-os por impressos em Coimbra em 1557.

<sup>2</sup> *Escola de Gil Vicente*, p. 166-172.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 228.

<sup>4</sup> BRAAMCAMP-FREIRE, p. 301.

excelentíssimo, dotado de valor, letras, entendimento, juízo, ingenio, humanidade, e de mais a mais um verdadeiro português de grande cortesia e namoradissimo <sup>1</sup>, pois que, apaixonado por uma formosa judia, desprezou os casamentos mais auspiciosos! O infante D. Luis, que em 1535, por sua livre vontade, acompanhara o imperador Carlos V, seu cunhado, a Tunis contra os *turcos*, distinguindo-se no cerco dae Goleta e libertação de vinte e dois mil cristãos *cativos*.

Nesse seu Auto que deve ter sido todo pessoal e subjectivo, ele havia de fundar-se forçosamente em alguns dos episódios históricos dessa jornada: a grande sede que atormentara os soldados, a scena da adoração da Cruz que os sitibundos inscenaram, implorando chuva, a revolta dos Renegados, etc., etc.

O subtítulo *Os Cativos* deve ser o verdadeiro. *Dom Luis o dos Turcos*, pelo contrário, o que lhe foi aposto pelo vulgo, que pouco antes inventara *¿Quem tem farelos?* <sup>2</sup> para a farsa do *Escudeiro pobre*; *Mofina Mendes* para o *Auto dos Misterios da Virgen*; *Pedreanes* para o *Clerigo da Beira*, de Gil Vicente, e por ventura *Vida do paço* para a *Romagem dos Agravados* <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> As anedotas que dele se contam (p. ex., em SUPICO, *Apoftegmas memoraveis*) dizem respeito à sua grande cortesia. Quanto aos amores que a sua galantaria inspirava, Faria e Sousa conta na sua *Africa Portuguesa* que uma filha do Xarife Muley Abel Mumen, claro que a mais linda das lindas, pondo uma coroa de flores na sua cabecita, exclamara: *Permita Dios que yo no me muera hasta (de) verme casada con el infante D. Luis siendo rey de Portugal*.

<sup>2</sup> Todas essas lucubrações divinatorias são de T. Braga, e foram enunciadas em 1870 na *Historia do Teatro português*, vol. I, livr. II: *Escola de Gil Vicente*, cap. I, p. 201-207; *O infante D. Luis* (cfr. p. 281 e 324), e novamente em 1898, *Escola de Gil Vicente*, p. 14-15.— Dele é ainda outra hipótese que lanço à margem por ela exceder os limites do admissível. Ei-la aqui: o *Auto dos Captivos*, dramatização de sucessos particulares em que o infante teve parte em 1535, devia ser... imitação dos *Captivos* do verdadeiro Plauto latino! porquê? por causa do título, bem se vê. Mas tambem porque Luis de Camões tinha imitado perto de 1550 o velho dramaturgo latino nos seus *Anfitriões*.

<sup>3</sup> É suposição de Braamcamp-Freire, à qual todavia não acho razão sufficiente. *Aderencias, aderentes e parentes* da côrte, ou seja as funestas consequencias da empenhoca, não são tratadas na *Romagem*. Nem mesmo esses vocabulos, aliás frequêntes na linguagem de Mestre Gil, occorrem nela.— *Vida do paço*, ha-a evidentemente na *Romagem dos Agravados*, mas não tão drasticamente caracterizada como era de esperar de uma comédia a que o vulgo desse esse título.

O primeiro escritor que concisamente, sem insistir, reprovando mesmo, assentou em letra redonda a tutilissima, superficialissima hipótese, baseada apenas no nome *D. Luis dos Turcos* (pela sentença de *Nomen omen*) foi Faria e Sousa; o que modernamente a espalhou e interpretou do modo indicado é o autor da *Historia do Teatro portuguez*, a quem críticos de pulso chamam o Faria e Sousa de hoje.

Esse benemérito polihistor, erudito e laborioso comentador dos *Lusiadas* e das *Rimas varias*, mas infelizmente fácil receptador de quantas fabulas e lendas enguirlandam a historia de Portugal e a historia da poesia portuguesa, como demonstrei em diversos escritos sobre Luis de Camões, repete evidentemente uma lenda que corria de boca em boca entre os letrados:

«Por suyo [por obra del infante] es tenido el.... auto titulado *don Luis de los Turcos*, y parece dió causa a esto el nombre deste principe y el aver passado a Carlos V a pelear con ellos acompañando-lo.»

Conta a lenda, mas não lhe dá fé. Porquê? porque acha mais bonitas outras duas e se faz propagador delas.

A primeira, odiosamente caluniadora, architectada depois da morte do Plauto portuguez por seus antagonistas, atribue o *Auto de D. Luis* a um filho do Mestre, chamado *Gil Vicente, o Moço*, por uns, e *Luis Vicente* por outros. Seu talento soberano *acirrou, dizem*, os ciumes do pai a ponto tal que o desterrou para a India, onde morreu <sup>1</sup>! Mas Braamcamp-Freire pulverizou tal tradição <sup>2</sup>. Todavía ela ainda tem restos de vida, propagada como foi por homens de crédito como *João Baptista de Castro* <sup>3</sup> no *Mapa de Portugal* (II 320), Barbosa Machado na *Biblio-*

---

<sup>1</sup> *Rimas varias de Camões*, vol. I-II, p. 338. — Outro passo do mesmo trecho, prenhe de invencionices, já foi trasladado por BRAAMCAMP, p. 262. Nele atribue o *Auto de D. Luis* ao filho do Mestre. E chama os dele «*tan estimados [con] poquissima causa (!) podiendolo ser con mucha los de su hijo, si el ubiera escrito muchos tales como este; que tambien por esso se pudo presumir ser del infante D. Luis!*».

<sup>2</sup> Faria e Sousa (l. c) afirma redondamente «*Pero el [sc. Auto de D. Luis] es de Gil Vicente el moço, hijo de Gil Vicente, el que escribio tantos Autos*». E depois: «*Cansó este moço tanto a su padre por ver que le vencia de ingenio... que le hizo desterrar para la India, donde murió.*»

<sup>3</sup> Pulverizou-a, escrevendo e documentando a vida do Mestre, dos filhos do primeiro matrimonio com Branca Bezerra, e do segundo com Melicia (Belicia) Rodrigues, assim como as biografias dos netos e bisnetos.



teca *Lusitana* (III, 49); Barrera y Leirado (*Catálogo*, p. 476<sup>1</sup>); Padre Thomas José de Aquino (vol. V, p. XXII) nas *Obras de Camões*, (ed. 1815), e ainda outros <sup>2</sup>.

No segundo conto, suplementar, que Faria e Sousa narra, de passagem, embora seja de espavento <sup>3</sup>, narra sem hesitação que o verdadeiro autor da tragicomedia de *D. Duardos* era..... o Infante! <sup>4</sup> E completa-o, insinuando repetidas vezes que esse adorava e cantava a *Flerida*, ao passo que um filho de Gil Vicente celebrava a *Clara*, a protagonista do *Auto de D. Luis!* <sup>5</sup>.

A aproximação entre o *D. Duardos* de Gil Vicente e o infante Dom Luis de um lado, e de outro lado entre esse infante e a peça de *D. Luis e dos Turcos* (muito provavelmente ainda em vida do mestre, e com certeza pelos intellectuaes, morbidamente fantasiosos, da época de decadência que decorre de 1580 a 1640, à qual Faria e Souza pertence) <sup>6</sup> ela explica-se, a meu ver, do modo seguinte.

---

<sup>1</sup> O artiguito *Vicente (Gil, hijo)* está cheio de erros, ou melhor está composto de inexactidões, como quasi todos os que Barrera y Leirado extraiu da *Biblioteca Lusitana*.

<sup>2</sup> BARRETO FÉLIO, na *Introdução* à edição de Hamburgo, declara (a p. xvi) não dar fé à anecdota do desterro e dos ciumes, contada por Faria e Sousa, mas ainda assim remete o leitor à obra em que Barbosa Machado a repetia.

<sup>3</sup> Tão espaventosa que não foi admitida à obra monumental de Braamcamp.

<sup>4</sup> *Rimas varias*, p. 338: *Suya es la comedia que permanece impressa con título de Auto de D. Duardos y llena de ilustres políticos y maravillosos afectos*.

<sup>5</sup> *Rimas varias*, I, p. 140. Fazendo o catálogo alfabético das damas cantadas por poetas ilustres, insere: *Gil Vicente el Moço, a Clara*; e *D. Luis, a Flerida*. Afirmação que naturalíssimamente foi repetida. P. ex.: pelo erúditto Mayans y Sis-car, no *Prólogo a El Pastor de Filida*, de GÁLVEZ DE MONTALVO; e modernamente por Hazañas y la Rua nas *Obras* de GUTIERIE DE CETINA, vol. I, p. lvi. Quanto a Faria e Sousa, ha mais referencias ao Infante como autor do *D. Duardos*, a p. 53, 82, 97, 102, 253.

<sup>6</sup> Com Faria e Sousa como autoridade insuspeita (!) caminha o 3º Conde de Vimioso, autor da *Vida do Infante* (1735), p. 140; e CAETANO DE SOUSA, *Historia Genealógica da Casa Real*, vol. III, 365. Isso quanto à autoria do *D. Duardos*. A atribuição do *Auto de D. Luis* (perdido) ao Infante, essa foi repetida com insistencia tal pelo Padre Thomás José de Aquino nas impressões das *Obras de Camões*, de 1779, 1783 e 1815, e por T. BRAGA, etc., que mesmo escritores com crítica independente como o Dr. Mendes dos Remedios (ed. Gil Vicente de 1907, p. xix), o Conde de Sabugosa, Carlos Malheiro Dias e outros muitos, julgaram dever repeti-la.

O auto anónimo é evidentemente imitação da *tragicomedia*. Nunca teria sido escrito, se essa não existisse. Ambos são romanticamente bonitos, cheias de espírito cavalheiresco. Mestre Gil era (aos olhos de muitos invejosos e detractores, que já tinha em 1506) mero plebeio e truão, encarregado de divertir a côrte, pago por isso; e tirava os assuntos dos seus autos, e mesmo os textos, ninguém sabe de onde! Incapaz portanto da eloqüência, dos finos pensamentos, apuradas políticas e maravilhosos affectos que todos gabam e admiram no *D. Duardos*<sup>1</sup>. Só o melhor cavalheiro, cortesão e cultor da arte de galantaria nos paços de D. João III, podia ter inventado as lindas flores de retórica que saem da boca do príncipe-aventureiro<sup>2</sup>. Desconheciam de veras, ou fingiam não conhecer a *Carta-Prólogo* de 1524 ou 1525, por Gil Vicente dirigida ao reinante, que o leitor leu (ou ainda não leu, mas talvez leia agora, voltando as folhas até chegar à p. 22).

Falsa como a atribuição do *D. Duardos* e *D. Luis* ao infante, e como as suposições relativas ao assunto desse auto, é também a data, dele deduzida por T. Braga, que o coloca no seu *Repertorio do Teatro português* (p. 324) entre 1535 e 1556, isto é entre a jornada de Tunis, e o falecimento (suposto) de D. Luis (na verdade ele morreu em 1555).

Falsa é igualmente a afirmação que o auto fôra pròibido em 1559

---

<sup>1</sup> Do grande apreço dado ao *D. Duardos* como guia na arte de cortejar, darei as provas na edição crítica do Auto.

<sup>2</sup> Não entro em pormenores acerca do Infante como homem, cavaleiro, erudito (estimado e obsequiado por Pedro Nunes, Villalobos, e Jorge Ferreira de Vasconcellos) e sobretudo como poeta e pensador. Apenas direi que alguns letrados pensaram, para conciliar as opiniões opostas, em colaboração entre Mestre Gil e o Infante! Não ha contudo, prova alguma de afinidades entre os dois. Pelo contrario. Conforme foi demonstrado por Braamcamp (p. 387), antes parece que o Infante não se dava bem com o poeta comico, que, abstraindo do *Sermão* curioso que pregou no dia do nascimento de D. Luis, só tres vezes o menciona de passagem: 1513 na *Exhortação da Guerra*; 1521, nas *Côrtes de Jupiter*, representadas na Ida da infanta D<sup>a</sup> Beatriz; e finalmente no Romance duplo à morte de D. Manuel e exaltação ao trono de D. João III.

Eu sou de opinião que o Infante, bom matematico e bom latinista, se inclinava como poeta para a Escola nova italiana, adversa a Gil Vicente. Sá de Miranda dedicou-lhe a sua *Celia*, egloga em oitava-rima. E as poesias, com mais probabilidade de acertar atribuidas ao Infante, são belissimos sonetos religiosos, em estilo camoniano, conforme expliquei em diversas *Investigações sobre Sonetos e Sonetistas*.

(pelo irmão do falecido). Livianamente lançada (em 1870) ela foi repetida com tal insistência, e parecia aparentemente confirmada pela pròibição positiva do *D. Duardos* (e pela suposta de varios outros autos antigos de imitadores de Gil Vicente), que os adherentes e parentes de T. Braga lhe deram fé, e a repetiram frequêntes vezes.

No capitulo relativo aos Indices pròibitorios e expurgatorios espero convencer os meus cinco leitores de que o *Auto de D. Luis, novamente feito em 1572*<sup>1</sup>, dezasete anos depois da morte do Infante, e treze depois do *Index* de 1559, escapou ainda aos olhos tão perspicazes do padre Frei Bartolomeu Ferreira em 1581, e em 1583 a Quiroga, mas não em 1624 ao purificador dos purificadores, D. Fernão Martins de Mascarenhas ou seu delegado Baltasar Alvares. Entre os livros em vulgar romance, cujos titulos começam com **A**, que esse condenava em globo, *sans phrase*, lá está (como ultimo lance da p. 95, sem mais explicação). *Auto dos Cativos, chamado de Dom Luys & dos Turcos*<sup>2</sup>.

A quem sabe algo da historia dos *Indices* não é preciso expôr que a condenação de 1624 passou às edições posteriores, sempre aumentadas. No ultimo dos *Catálogos* espanhoes, que é um *Epítome dos Indices*, impresso em Madrid em 1790<sup>3</sup>, é que o mesmo lance de 1624 se encontra a p. 20<sup>b</sup>, isto é na pagina citada por T. Braga (mas como pertencente ao *Index* de 1559)<sup>4</sup>. Esse *Epítome* foi excerptado, na sua parte portugueza, por monsenhor J. J. Ferreira Gordo, no próprio ano da impressão madrilena, nas *Memorias de Literatura portuguesa* (III, p. 22-25). T. Braga, porê m, lendo e tirando notas sem a devida escrupulosidade, confundiu o texto, relativo a 1790, com as *Anotações* em que o erudito escri-

---

<sup>1</sup> A formula *novamente feito*, que não deveria ter acompanhado senão a edição-príncipe de cada Auto, e talvez tenha esse seu valor originario nos nossos dezasete Autos, era, e ainda hoje é mecanicamente repetido em Portugal, nas reproduções posteriores, exactamente como *Inédito* acompanha poesias já uma duzia de vezes repetidas. *Monstruosidades da Fortuna!*

<sup>2</sup> Desses dizeres do padre Baltasar Alvares, e do frontispicio da edição de 1572 conlucio que *Auto dos Cativos* era realmente o título que andava na boca do publico. A respeito do *D. Luis*, no *Index* de 1624, ha mais outro erro na obra de T. Braga. A p. 44 da redacção de 1870 afirma que aí o Auto vem attribuido ao Infante! Outros passos relativos ao mesmo assunto tambem, inconsistentes, acham-se a p. 155, 157 e 201.

<sup>3</sup> *Salvá*, n.º 2478.

<sup>4</sup> *Hist. Teat. Port.*, 1870, p. 204; e 1898, p. 229.

tor se refere ao velho *Index* de 1559 (o de Valdés)! E essa confusão nunca a rectificou! Pelo contrario, repetiu-a infinitas vezes e a respeito de mais seis ou sete autos.

A primeira decima do *Auto de D. Luis*, monólogo inicial do protagonista filosofante sobre a vida e a morte:

Viver em mengoa, temendo  
de morrer, é viver falto, etc.

a qual Faria e Sousa alegara, e depois dele Thomas José de Aquino <sup>1</sup>, e em terceiro lugar T. Braga, prova-nos que, a-pesar da proibiçãõ de 1624, havia em Madrid, em 1646 <sup>2</sup>, pelo menos um exemplar do auto, quer nas mãos do proprio Faria e Sousa, quer de qualquer outro bibliófilo, conhecido dele. Por ventura o próprio que hoje pertence à Biblioteca Nacional de Madrid, e estamos a reproduzir?

Quanto a *Gil Vicente, o Moço*, que o polihistor parece ter sido o primeiro a mencionar, verdade é que houve um desse nome. Mas não era filho do Ourives e Trovador e de Branca Bezerra, como atrás dele supuseram e afirmaram Barbosa Machado (II, 384), Barrera y Leirado (*l. c.*), Braga e outros. Hoje está provado, em virtude das cuidadosas pesquisas de Braamcamp-Freire, que assim se chamava um neto de Gil Vicente, o Velho, filho de Luis Vicente e de D. Mór de Almeida, e por isso nomeado tambem Gil Vicente de Almeida, em livros genealogicos.

Nascido em 1553, baptizado a 21 de Dezembro, este contava dezanove anos em 1572, razão porque o consciencioso Vicentista (que viu o *Auto de D. Luis*, em Madrid, na Biblioteca Nacional) regeita como impossivel a autoria do rapaz.

Talvez seja ir longe demais. Lope de Vega começou aos treze a escrever para o teatro; Villegas aos quatorze as suas *Anacreontidas*; o

---

<sup>1</sup> O padre Th. J. de Aquino, bom estilista, mas vulneravel como crítico e historiador, diz haver encontrado a décima inicial do *Auto de D. Luis*, e certas quadras sentenciosas atribuidas ao Infante (cuja discussãõ reservo para o futuro) numas *Memorias manuscritas*. Mas tambem nisso, como no resto, não fez senão utilizar os dizeres de Faria e Sousa que afirma haver encontrado numa *Memoria* o principio de um soneto do mesmo Infante.

<sup>2</sup> Em 1645 e 1646 é que Faria e Sousa acabou de rever as *Rimas varias*; faleceu em 1649 mas só em 1685 a obra chegou a ser impressa,

autor dos *Dois Ladrões* era noviço, como ficou dito. Sem ser *Fenix dos Ingenios* e *Monstruo da Natureza* o poeta Feliciano da Silva redigiu o setimo livro do *Amadis* quando Menino. Francisco Rodrigues Lobo publicou os seus *Romances*, contando dezaseis anos; Manasse Ben Israel era prègador e professor na mesma idade.

Tendo em consideração o conto tradicional, vago e falso embora, que corria em 1646 de um lado, e do outro lado os dizeres de um manuscrito genealogico da Colecção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa (de pouco valor embora)<sup>1</sup>, que apresenta o neto de Mestre Gil como compositor de *Autos que os cegos vendiam* (isto é dos taxados em dez reis ou oito reis de papel) malèvolamente por ventura; existindo de mais a mais no exemplar do *Auto de D. André* da mesma biblioteca a nota manuscrita *Auctor Gil Vicente*<sup>2</sup>; e sobretudo attribuindo-se em letra redonda o *Auto da Donzela da Torre, chamado do Fidalgo Português*, descrito por Salvá<sup>3</sup> e Menéndez Pelayo<sup>4</sup>, a um *Gil Vicente* (com o apelido *da Torre*), acho justo deixarmos em aberto o problema da existencia de um Gil Vicente, junior, activo como dramaturgo, à espera de achados decisivos. E sentenciemos por ora apenas que os *Autos de D. Luis* e de *D. André* em que transparecem muito mais traços da mascara comica do verdadeiro Gil Vicente do que nos outros autos de versificadores da sua Escola, talvez sejam obras do seu neto e homónimo<sup>5</sup>. E assim mesmo a *Donzela da Torre!*<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> É falando dessa genealogia manuscrita, nunca por mim manuseada, que o illustre autor diz o seguinte a respeito do neto do poeta. «Se mais nenhuma prova existe, além das insinuadas por Faria e Sousa, e das confusões de tal ms., havemos forçosamente de lançar à conta de fabula a veia poetico-dramática attribuida a Gil Vicente de Almeida.»

<sup>2</sup> Quando em 1877 e 1886 manuseei o *Auto de D. André* na Biblioteca Nacional, a inscrição que havia no fim, pareceu-me muito moderna.

<sup>3</sup> *Catálogo*, nº 1490, ed. de 1652. Barbosa Machado cita uma de 1643.

<sup>4</sup> *Antologia*, vol. VII, p. 224.

<sup>5</sup> Fidelino de Figueiredo dá prova de que acredita na actividade dramática de Gil Vicente de Almeida, citando o seu nome a p. 105 da *Hist. Lit. Class.* Outros gabam-no como autor de muitos dramas superiores aos do avô, exageros sem base que deviamos evitar, mesmo em *Catalogos bibliograficos e biograficos*, para que não se propagasse o neologismo *portuguesar* como sinónimo de fabular, fantasiar, dizer hiperboles.

<sup>6</sup> Bom seria tivesse entrado nesta publicação,

Quanto à anedocta injuriosa, espalhada por Faria e Sousa, e provavelmente antiga e tradicional, a pontinha de verdade de que saiu, é, a meu ver, o facto positivo que o primogénito do Mestre e sua primeira mulher, Branca Bezerra, embarcara realmente para a Índia, provavelmente em 1506 e pelos motivos que então impulsionavam a mocidade aventureira; e lá ficou, protegido por Tristão da Cunha e Afonso de Albuquerque durante longos anos, desaparecendo logo, depois do seu regresso à patria. Nas fontes historicas é esse sempre designado como *filho de Gil Vicente*. Chamava-se *Gaspar*. O posto que occupava na Casa Real, ao falecer em 1519, era o de *moço de capela*; e nele teve por sucessor immediato seu irmão *Belchior*, o qual, quando faleceu cerca de 1552, tinha subido a *escudeiro*. Os dois eram herdeiros, por tanto, quando não do talento dramatico, pelo menos do talento musical do pai, talqual entre os filhos do segundo matrimonio a afamada *Paula* (tangedora da infanta D<sup>a</sup> Maria, desde a morte do pai; mas já nomeada talvez um pouco antes) <sup>1</sup>.

*Luis Vicente*, que no fim da vida acrescentou ao seu nome paterno o de *Castro* (que era da sua terceira mulher), por prurido nobiliarquico, pai de Gil Vicente junior e testa de ferro da *Copilação* de 1562, era filho do segundo matrimonio do ourives e trovador com Melicia Rodrigues. Não ha prova alguma de que tivesse costela de artista. O Prólogo às obras do pai, redigido por ventura pela irmã mais velha, é o unico escrito que assina.

Á vista desses factos, pode supôr-se que no conto dos ciúmes de Mestre Gil, que pelas suas sátiras e ironias tinha incorrido no odio ou ressentimento de muitos cortesãos, e pelo feitio livre do seu pensar e architectar de comedias, no desagrado de muitos poetas humanistas de gosto italiano e character austero e comedido como Sá de Miranda (que o tratava de *Pasquim*), digo que no conto dos ciúmes se misturaram ditos antigos sobre a ida de um filho à Índia, que morreu, mal voltara (fado que se transformou em morte lá mesmo num campo dê batalha), com outros tardios sobre o notavel talento poetico do seu homonimo e descendente, notavel talvez sobretudo (visto que não deu abundantes

---

<sup>1</sup> Quanto mais me ocupo dos filhos de Mestre Gil, tanto mais persuadida fico de que Paula (1519-1576) seria a verdadeira interessada na publicação das obras do pai, e sua ajudante na colleccção e copia no cartapácio grande,

frutos) por ele ser rapaz novo, e escrever num estilo conceituoso, e um tanto ampuloso que ia caminhando para o gosto gongórico.

O *Auto de D. André*, menos vivo e retorico do que o *de D. Luis*, mas ainda assim de algum merito, por apresentar figuras novas (como os pais de uma criancinha de peito, uma ama de leite, e o homem dela que fala de coisas naturaes com risonha naturalidade de aldeão), é o unico da nossa colecção (sempre abstraindo dos do Mestre e seus immediatos sucessores) que não emprega a formula *nouamente feito*. Tal qual o *Auto de D. Luis*, não foi pròibido em 1559, mas sim em 1624, juntamente com o *Duque de Florença* e a *Farça Penada*. Os quatro exemplares que subsistem, a pesar da condemnação peremptoria, são o nosso, s. l. n. a., não amputado; dois de 1625 (Lisboa, Antonio Alvares, com licenças de 1619), dos quaes um foi de Salvá <sup>1</sup>, ao passo que o outro se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa <sup>2</sup>, e mais um que pertenceu a Anibal Fernandes Thomas. Já observei que o exemplar da Biblioteca tem no fim a nota manuscrita: *Auctor Gil Vicente* <sup>3</sup>.

A culpa de o estilo desse auto ser insulso e às vezes ininteligivel, não posso atribui-lo, como T. Braga, aos deturpadores da Mesa Censoria, porque verifiquei que eles riscaram apenas como irreverente a frase biblica *Fiat voluntas tua!*, na boca de um ratinho; uma alusão ao *profeta Jeremias*; e outra às *indulgencias plenarias*, na risivel deturpação popular *diligencia pèrnaria*. *Taxado em 10 reis*, bem pode ter sido um dos *Autos* que, juntamente com Cartilhas, iam vendendo nas feiras e aldeias os pobres privados da vista, reduzindo a literatura de cordel, do vulgo, as partes da literatura nacional que tinham sabor popular.

---

<sup>1</sup> *Catálogo*, n.º 1107.

<sup>2</sup> *Reservados*, n.º 268.

<sup>3</sup> *Reservados*, n.º 274 (hoje A 60). A caravela, gravada como colofon do *Auto de D. André*, é a mesma que figura no *Naufragio de Sepúlveda*, de 1554, reproduzida no *Dicc. Bibl.*, vol. X, p. 26. Em 1496, nos dias de Vasco da Gama, ela fôra tirada do natural por Valentim de Moravia, para a *Estoria do Emperador Vespasiano* e repetida em 1502 no *Livro de Marco Paulo*.





O EXTERIOR DAS DEZANOVE FOLHAS-VOLANTES.  
CARACTERES TIPOGRAFICOS. — GRAVURAS.  
PRIVILEGIOS.

Sem indicação qualquer acerca do lugar e do promotor da impressão, e também sem o preço marcado, os nossos textos, de 8 a 24 páginas, contendo um só *acto* representativo, sem divisão *scenica*, pertencem à especie chamada folha-volante semi-gotica, posto que tipos romanos apareçam quer no frontispicio das *Regateiras*, quer também no texto; p. ex., no *Nascimento*, de Baltasar Dias.

Pondo de banda os autos de Gil Vicente (que indicam no Argumento o ano da composição e estreia), apenas tres tem data: o de *Vicente Anes Foeira*, 1574; o de *D. Luis*, 1572; o de *Florença*, 1561. O do *Duque de Florença* deve ser anterior a 1560, visto que numa tarjaretulo traz o nome do impressor *German Galharde*, que falleceu no ano indicado. O *Dos Ladrões*, representado ao conde de Vimioso, foi composto, representado, e provavelmente também estampado em 1549, ou antes.

Ao todo será indicado distinguirmos autos compostos entre 1521 e 1557, no reinado de D. João III; e outros compostos no tempo de D. Sebastião (1560-1580, calculo redondo). Alguns apparecem em parte em reimpressões feitas de 1585 em diante, na casa de confiança de Antonio Alvares (e Vicente Alvares) <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Assim como os Autos castelhanos, anteriores a Lope de Vega, são legião, comparados com a penuria portugueza, assim os *pliegos sueltos* que propagavam romances, canções, *endechas*, *vilhancicos*, *glosas*, são numerosissimos, e as nossas folhas-volantes são muito poucas. Sómente no *Catálogo de varios pliegos sueltos que contienen romances, villancicos, canciones, etc., de poesia popular o popularizada*, organizado por DURÁN (*Romancero*, I, p. LXVII-LXXX), ha 153, por mim numerados. E nem de longe está completo, conforme sabe quem manuseia os *Catálogos* de SALVÁ, GALLARDO, HEREDIA e as obras de F. Wolf, etc. Os que con-

Os caracteres tipograficos, empregados na nossa collecção, são, salvo erro, os que mandara vir de França, sua patria, Germão Galharde, protegido de 1530 endiante pelo Rei, que o enviou a Santa Cruz de Coimbra afim de lá instalar uma imprensa, e em 1544 nomeado *typographus regius*; caracteres que depois, muito gastos, passaram das mãos da viuva, que por algum tempo continuou a empresa (até 1567) às de Antonio Gonçalves. O mesmo vale das tarjas, orlas, faixas e minucias ornamentaes, e das gravuras que se vem no rosto dos Autos (finaes de colophon não aparecem, apenas *caldeirões* antes de *Fim e Finis*).

\*  
\* \*

Algumas vezes a pouca extensão dos Autos (de seiscentos versos, e quando muito de mil) não correspondia ao calculo do tipografo que escolhera o papel, ficando em branco algum espaço. Assim se deixou correr, às vezes (p. ex., n° I e VII); outras vezes, quando faltava pouco, preenchiam-no com uma gravurita (v. g., no n° XVIII a caravela, por se tratar de um embarque). Em quatro casos juntaram ao auto poesias avulsas, escolhidas na rica colheita que para esse fim e para pequenos *Caucioneiros de vademecum*, os impressores-editores adquiriram e guardavam de reserva.

*Romances, coplas, chistes, vilhancicos*, cujos autores ignoravam, ou conheciam, não publicando todavia seu nome, por causa da indiferença medieval pelo individuo e seus direitos.

Essa especie de anonimato, que era popularidade, foi atingido, por exemplo, por Gil Vicente com o *Romance à morte del Rei D. Manuel*, e o da *Aclamação de D. João III*, que o leitor encontra no fim do *Auto de Santiago* (n° IV)<sup>1</sup>, e com o *Romance de D. Duardos e Flerida* que

---

têm obras de portuguezes são poucos. Em dois (n° 137 e 144) ha o romance de *D. Duardos e Flerida*. Da glosa de *Retraida está la Infanta*, ou seja do *Romance do Conde Alarcos*, de BALTASAR DIAS, proibida, ainda terei de falar. E igualmente das *Trovas de Crisfal*, e da *Egloga III*, de BERNARDIM RIBEIRO. As nossas *folhas volantes* (nome que os alemães adoptaram, traduzindo-o para *Fliegende Blätter*) são na maioria dramáticas, como a do *Marquês de Mantua*. Mas não exclusivamente.

<sup>1</sup> Tratei desses romances na *Nota Vicentina*, III, conforme deixei explicado mais acima,

figura em *Pliegos sueltos* castelhanos. Também o conseguiu *Bernardim Ribeiro* com o saudoso *Solau* de *Pensando-vos estou, filha*, tirado da *Menina e Moça*, denominado desta vez *Chiste*<sup>1</sup>, no frontispício da *Farsa Penada*. Por essa ser assaz curta, vai acompanhada em primeiro lugar de umas *Coplas muy graciosas* em dialogo; entre mãe e filha, e depois, de um vilhancico; e só em terceiro e ultimo lugar, do *Solau*. As *Coplas*, realmente galantes, versam sobre o tema muito tratado :

«Meter te quiero yo monja,  
hija mía y de mi corazón».  
«Que no quiero ser monja, non»<sup>2</sup>.

O pequeno vilhancico *de una gentil dama a un galan su enamorado*, diz:

Por mi fe, que no os aguarde,  
si venís tarde.

Um verdadeiro *Chiste*, no sentido de poesia em versos pareados dissonantes, sobre um tema burlesco em contrastes, como os disparates de Juan del Encina e os de Garci Sánchez de Badajoz, ha-o no fim do *Auto dos dous Ladrões*; especie de paráfrase do Mote também dissonante :

Ley divina y humana  
es que muera el que mata;  
qualquier que no perdonó  
no es perdonado.

Como nele se fale simbolicamente de ladrões e outros malfeitoses, talvez seja composição do próprio *Antonio de Lisboa*, o qual, como ainda

---

<sup>1</sup> *Chiste* (palavra provavelmente onomatopaica que imita o estalo produzido por chicotes) designa hoje sobretudo um dito agudo, gracioso e picante. Mas outrora denominava também poesias escritas quer em versos pareados dissonantes (*xa | ab | bc | etc.*), quer em quadras discordantes (*xaba | badc | defe | etc.*), em geral sobre assunto disparatado. No *Solau*, de BERNARDIM RIBEIRO, temos um exemplo (quanto à forma) da ultima especie. O curioso procure no *Romancero*, de DURÁN, o n.º 1875 (à maneira do *La Pya Ha*), 1876, e os immediatos até 1878 (coplas de disparates).

<sup>2</sup> O tema é tratado especialmente no *Fado da Freira*, um dos mais antigos que conheço.—*Meter-te quiero yo monja* encontra-se no rarissimo livro *De Musica*, de FRANCISCO SALINAS (Salamanca, 1577), segundo li no notavel livro sobre *La Versificación Irregular en la Poesía Castellana*, de PEDRO HENRÍQUEZ UREÑA (Madrid, 1920).

lhe ficava papel de sobra no seu folheto-estreia, acrescentou mais umas *Coplas* suas, também de dissonancias, que principiam :

Oy-me, la mi seõora,  
lo que os quiero dezir,  
que no osaré a mentir  
solo un punto;

e continua com foguetes-contrastes, mentirosos portanto, de *ardo e gelo, rio e choro*, tantissimas vezes lançados desde que Petrarca rimara aquele famoso soneto :

*Pace non trovo, e non ho da far guerra,  
e temo e spero, ed ardo son un ghiaccio,  
e volo sopra 'l ciel, e giaccio in terra,  
e nulla stringo e tutto 'l mondo abbraccio.*

Quanto aos salvoconductos civis para obras impressas, de que os intellectuaes de outrora precisavam tanto como os de hoje afim de serem garantidos os proventos materiaes do seu trabalho, o leitor tomou nota, seguramente, de que Gil Vicente obteve del rei D. Manuel em 1516, ou logo depois, privilegio do mesmo teor do que fôra concedido a Garcia de Resende para o *Cancioneiro geral*. «Que nenhũa pessoa o possa empremir, nê trova que nelle vaa, sob pena de duzentos cruzados, e mais perder todolos volumes que fizer. Nem menos o poderão trazer de fora do reino a vender, ainda que lá fosse feito, so a mesma pena atrás escrita». Sem limitação de tempo, a qual posteriormente costumava ser de dez anos.

Esse factio tinha ficado absolutamente desconhecido até que o revelou, por minha boca, o exemplar único da edição-príncipe da *Barca do Inferno*, providencialmente escapo à voragem do tempo.

Sabido era, pelo contrario, desde 1882, que o cego da Madeira, que vivia da venda dos seus escritos, conseguira em 1537, de D. João III, um beneficio parecido, menor quanto à pena da contravenção, fixada apenas em trinta cruzados, e já sob condição de submeter à censura eclesiastica as obras *de devoção* que por ventura escrevesse, e só essas, pormenor importante a que voltarei no capitulo relativo à Mesa Censoria.

Entre os autos desta publicação, o único marcado com a clausula *com privilegio real* (mas não com licença eclesiastica) é exactamente o

*Nascimento de Cristo* desse autor, cujo exemplo seria seguido por Afonso Alvares e o Chiado, embora a praxe de repetir uma ou outra licença, ou ambas juntas, só se fosse estabelecendo pouco a pouco.

De Afonso Alvares ha impressões *com licença*; do Chiado existe, entre os livros raros e reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa, uma edição semi-gotica do *Auto das Regateiras, com privilegio*; da *Practica de oito figuras, com real privilegio*; e o *Auto terceiro, com privilegio real*.

Quanto à salvaguarda da Inquisição, ha-a na forma *com licença impresso* (abreviada de *Visto pelos deputados do Santo Officio na sua Casa de Santo Eloy e por eles aprovado*) unicamente no *Auto de Florença*.

Indispensavel na época de 1580 a 1640, nos reinados dos Felipes, e continuando assim até o reinado... do marquês de Pombal, tomando proporções enormes, a licença dupla ou tripla, impressa por extenso, como documento justificativo, tinha começado a surgir de 1536 em diante, mas sem ser de rigor — ponto de que tornarei a falar <sup>1</sup>.

Para averiguar quem foi o impressor, ou quaes os impressores-editores dos exemplares de Madrid s. l. n. a., desprovidos de todas as indicações sobre o lugar e o ano, seria necessario submeter a um estudo minucioso os tipos de impressão, comparando-as entre si e com livros datados. Mas esta melindrosa tarefa, exequivel unicamente numa bibliotheca bem fornecida de antigualhas, não a posso realizar.

O mesmo vale das diversas gravuras que ilustram os nossos dezanove autos: scenas inteiras em que figuram, em peças de devoção, Deus Padre, Jesus-Cristo, a Virgem, Santos e Santas; as alminhas que saem dos sepulcros; Santiago a cavallo, acompanhado de cães, de chicote na direita, a afugentar a Mourama; aventureiros tambem a cavallo em autos cavalheirescos, iguaes aos que se vem em novelas de *Amadis* e *Palmeirim*, e sobretudo figuritas soltas em comedias e farsas de costumes; tarjas, orlas, peças para colofon, pequenos ornamentossoltos.

Por amostras de illustrações portuguezas e castelhanas de outras

---

<sup>1</sup> A notula tirado ao pé da letra do proprio original, emendado dos erros das impressões anteriores, que se lê no *Auto dos Enanos*, refere-se exclusivamente, creio eu, a erros tipograficos. E embora neste caso todas as edições mais antigas desaparecessem, sem outro vestigio, ha bastantes que atestam a reimpressão de edições avulsas.

folhas-volantes sei que o estudo comparado que tenho em mente, sairia realmente curioso e productivo. Sobretudo o das figuras. Minha coleção, enriquecida com valiosas contribuições do snr conde de Sabugosa<sup>1</sup> não é sufficiente todavia (não tenho, p. ex., ao meu dispôr as que entraram na *Copilação* de 1562). E aqui não é o lugar apropriado para minucias.

Restringir-me-hei por isso a uns traços geraes que julgo haver fixado quanto às figuritas. Alê m disso darei a história abreviada de uma portada, familiar a todos os eruditos, por ser aquella que encerra o titulo grandiloquo *Os Lusíadas*, nas duas impressões datadas de 1572.

Quanto às figuritas, ideadas evidentemente para representação de tipos da vida real, nos trajes da época, algumas, e exactamente as mais antigas, vieram com certeza de Espanha (Salamanca, Burgos, Toledo, Medina del Campo, Sevilha, salvo erro), facto que está em harmonia com outros capítulos da Historia das Artes e com a Historia da Tipografia na Peninsula. Outras, feitas cá, e que não passaram a fronteira, imitam pelo menos, modelos inventados no pais vizinho. Nas oficinas de impressores de Lisboa, como o activíssimo francês Germain Gaillard que imprimia para ambos os paises de 1519 a 1560 (e para o tempo e o género de que estou a tratar, era preeminente) encontravam-se e influenciaram-se mutuamente desenhadores e gravadores de ambas as nações.

As mais antigas e mais influentes que conheço, datam ainda do século xv, e foram desenhadas e talhadas de propósito como illustração de certos textos de grande arte, e poesia elevada, a clássica de então, como a obra-prima do marquês de Santillana, chamada *Dialogo de Bias contra Fortuna*, as *Trecientas* de Juan de Mena, as *Coplas* de Jorge Manrique *Recuerde, el alma dormida*, a sátira anónima de *Mingo Revulgo*. E representando lá figuras simbólicas de alto coturno passaram, no primeiro e segundo quartel do século xvi, a representar cá tipos cómicos e familiares, de soco, ou pantufos.

---

<sup>1</sup> São materiaes relativos aos Autos que o Conde possui, e às raridades da Biblioteca Nacional de Lisboa, sobretudo à preciosa Miscelanea que contém os *Autos do Chiado*. Os materiaes castelhanos que juntei, são muito mais abundantes. Comedias e farsas ha em que apparecem dez tipos diversos, e mais ainda (p. ex., na *Salamantina*, de BARTOLOMEU PALAU, de 1552).

Eu podia documentar isso, reproduzindo um dos Sete Sabios da Grecia — o *Bias*, do *Dialogo* — vestido de opa, e de chapéu-coroa na cabeça, virado de perfil para uma dama de cabelos soltos, tendo uma melena agarrável a cair na testa, e que representa a *Fortuna*, em atitude de lhe expôr, de indicador estendido, um teorema complicado. E esse mesmo figura como *profeta Arribato* em frente do popular e pastoril *Mingo Revulgo*, símbolo do povo, espécie de Zé-Povinho do século xv. E em terceiro lugar transformou-se no *Eneas*, de certa idade, de Elissa Dido (1536). No Romance de Toledo, do deshonesto Luis Hurtado de Toledo, é o expositor das belezas da cidade patria, pessoa séria ainda (1552). Imitado quanto à posição e no traje, mas aburguesado, de roupão e boné, o filósofo-profeta e conselheiro desce, no nosso *Auto da Bela Menina*, e nos do Chiado que se conservam entre os *Reservados* de Lisboa, a ser pai de família que endoutrina ou admoesta a filha.

Desse mesmo modo evolucionam outros modelos. E como os tipos que caracterizam o auto dos sucessores de Gil Vicente, são relativamente poucos, os principaes reaparecem frequentes vezes, estragando-se com o muito uso, mas tornam depois a surgir, repetidos *em miragem (au miroir)*, como o famoso pelicano da portada dos *Lusiadas* <sup>1</sup>.

Nos nossos dezanove autos (positivamente só em doze, porque os nº I-VI e o nº XII tem, em lugar de figurinhas avulsas, scenas inteiras, compostas *ad hoc*) <sup>2</sup> o que, à razão de quatro por auto, seriam quarenta

---

<sup>1</sup> É o que aconteceu ao tipo I do *Namorado*; mas também à criadin(ha); e ao cavaleiro de barbas em Autos diversos dos nossos. O escudeiro namorado, de pé são e inteiro numa poesia à morte da princesa D<sup>a</sup> Maria (1548), assim como na *Prática de Compadres* do Chiado, e também no nosso *Auto de D. Fernando*, aparece com pé quebrado, e a flôr deteriorada no *Auto da Bela Menina* e no dos *Enanos*. E depois torna a aparecer, p. ex., no *Auto da Natural Invenção* (refeito), completo e escoreito, mas visto *au miroir*.

<sup>2</sup> Em geral são os Autos religiosos e os de assunto cavalheiresco que ostentam como gravura um quadro composto *ad hoc*. Curioso, e único no seu género, é o que ilustra uma das poesias feitas à morte da filha de D. João III, (Dona Maria, esposa de Felipe II, e mãe do desventurado príncipe D. Carlos). Ela está estendida numa cama de baldaquim, sobre estrado, o filhinho no braço direito em atitude de o passar à aia ajoelhada. No fundo está o medico. Fora da porta, a *Morte*. A poesia escrita pelo semiportuguês JORGE DE MONTEMOR (glosa de dez das *Coplas* de JORGE MANRIQUE), é dedicada a outro português ilustre, um dos Silvas, regedores da Justiça. Pertence a uma serie de poesias luso-castelhanos sobre o mesmo assunto.

e oito, conto apenas dezaseis modelos diversos, empregados em regra com tino, mas algumas vezes à toa.

Os que mais vezes se repetem, são naturalmente os que representam o namorado, noivo, ou pretendente da peça, e a dama, sua amada e amante.

Eis como *Ele* aparece. De capa curta (que ora parece ter capuz, ora não) em que está embuçado, com o gesto tradicional; espadim; ramito de flores na mão que esconde; pluma na gorra; de porte arrogante; olhando de perfil para a direita (para a esquerda apenas, na reprodução restaurada e tardia *au miroir*). E eis o que é: o escudeiro tiranete, da *Inês Pereira*, de que os autores quinhentistas trocejavam tanto; o galante, da *Farça Penada*; o Antonio Pacheco, do *Auto de D. Fernando*; o cavalheiresco *D. Luis*; o pretendente de D<sup>a</sup> Belicia, irmã de *D. André*; André Velez, homem nobre das *Capelas*; o *Fidalgo de França*, da *Bela Menina*; o noivo, no auto das *Regateiras* (e fora desta publicação, o *Namorado do Auto terceiro do Chiado*); e novamente e tardiamente o *D. Rodrigo Manrique*, numa *Glosa de Recuerde el alma*, dedicada a D<sup>a</sup> Leonor, rainha de França em 1557, e reimpressa em 1602 por Antonio Alvares, um dos tipógrafos principaes do período que decorre de 1580 a 1640, conforme já expliquei.

Pois bem, esse escudeiro-cavaleiro, conheço-o também de numerosas obras castelhanas, impressas parte realmente em Espanha, parte em Lisboa. Vi-o, p. ex., na *Tebaida* (1546)<sup>1</sup>, no *Espejo de enamorados* (s. l. n. a.), e numa *Glosa* de Pedro de Aguilar, dedicada ao Regedor das Justiças de Portugal, Jorge da Silva, a qual julgo ter saído da imprensa de Germão Galharde. E além do tipo que tem flor ao peito, ha outro quasi igual, mas sem flor; e mais um de cavaleiro de certa idade, de barbas, ambos imitações e variantes do primitivo.

Não me importo agora com ele, porque não figura nos nossos autos.

Neles ha contudo outro modelo diverso de verdadeiro cavaleiro, com ares de cortesão, embora sem espadim, de pernas cruzadas e corpo *en-face*, capa aberta de sorte que se vê o gibão, gorro chato sem pluma. Queira o leitor olhar para o *Auto de D. Fernando* e *D. André*, em que a presença de dois homens da mesma categoria social exigia

---

<sup>1</sup> SALVÁ, *Catálogo*, 1436. Impressa em Sévilha em casa de André de Burgos que parece passou para Portugal (Evora), chamado pelo Cardeal-Infante.



dois desenhos diferenciados. Fora desta publicação já o vi em dois dos Autos do Chiado, e na *Glosa* já citada de Pedro de Aguilar.

Do pai de certa idade, conselheiro nato da sua familia, já falei (nº XI).

De dois tipos de soldados, um (que tambem faz as vezes de capataz de pastores) tem vara longa na mão (nº 7 no auto XIV e XVII) <sup>1</sup>; outro virado de costas (nº 8) pega na espada (auto nº IX, XIII, XV, XVI, XIX).

Os ratinhos e zagaes, simples ou parvos, aparecem tambem sob dois aspectos diversos: um de capuz, encostado ao bordão ou cajado, procede das *Trovas de Crisfal* (1536) e da *Egloga III* de Bernardim Ribeiro, em que representa *Amador* (nº 9 nos autos X, XIII, XIV); outro, em cabelo, com um naco de pão na direita (nº 13 em XV, XVI, XVII) procede do pastor *Silvestre*, e esse deriva directamente das *Coplas de Bias* que já mencionei. É o povo ingenuo e inocente, o qual simboliza, toscamente, não posso negá-lo.

Um *turco* aparece naturalmente no *Auto de D. Luis* (mal classificado todavia como Bras-Lourenço, que é cristão). Um mendigo descalço (5), no *Auto das Regateiras*.

Agora o sexo feminino. *Ela*, menina em cabelo (nº 2) segundo a praxe da idade-media, recatada, braços e pés envolvidos no vestido amplo e modesto, atado com um cinto-cordão, que ela segura com a esquerda, a direita apertada significativamente sobre o peito, tem o nome ora de *Inês Pereira* (VII); ora de *Dona Clara* (XIX), *Dona Paulã* (XVII), *Florença* (X), *Bela Menina* (XI); mas tambem é a filha pobre, mas fermosa e mimosa, da *Regateira* (VII); e incorrectamente a moça dos *Dois escudeiros ladrões* (IX). Mas antes disso fôra *Elissa Dido!*

Onde ha mais de uma, a segunda aparece de braços cruzados, mas num gesto menos simétrico do que hoje usam em Portugal as senhoras, de vida quasi de freiras. É a D<sup>a</sup> Belicia do *Auto de D. André* e já fôra a Maria de doce memoria, de *Crisfal* (1536), a donzela das *Coplas* de Pedro de Aguilar, e Ana, irmã da *Rainha Dido*. Em Portugal tambem é a Freira dos *Ditos* de Joana da Gama, sentenciosos, de 1550 ou 1575 <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> VILÃO no *Auto de Vicente Anes Joeira*, no dos *Enanos*, e no dos *Ladrões*, é pastor numa edição das *Trovas de Crisfal*, de 1639.

<sup>2</sup> Vid. INOCENCIO DA SILVA, X, 140.

A mãe, viuva, velhinha de costas curvadas (nº 4), está envolvida numa manta-veu cumprida (nos autos VII e VIII). Outro modelo (12) originariamente de beata, segundo a minha ideia, mostra-a com um grande rosario nas mãos (nº XIV).

De touca, recatada na atitude e no traje (3), representa uma vez a hilariante *Leonor Vaz* de Gil Vicente (VII), e outra vez a irmã, já madura mas ainda pretendida de *D. André* (XVIII).

Mais simples, de avental e vestido curto, com um embrulho debaixo do braço, temos a criada (10), moça (XII) e donzela (XV).

O grupo de duas senhoras, de vestes roçagantes, olho ao ceo e uma mão erguida, cuja origem ainda não cheguei a apurar, representa a figura allegorica da *Verdade*, acompanhada da *Justiça*, no *Auto da Festa*, mas veio a figurar mãe e filha (6) no *Auto das Regateiras*, e no de *Vicente Anes Focira* <sup>1</sup>.

A fortaleza de ameias, que se vê, sem motivo, no *Auto de Florença*, já a vi em *Dos cartas de réfranes* castelhanas, e alhures.

Não tive ocasião de estudar a scena, tosquíssimamente feita, que precede o *Duque de Florença*, mas supponho provêm de uma novela de cavalarias. A caravela que enfeita o *Auto de D. André*, por realmente terminar com um embarque, é a do *Naufragio de Sepulveda* (1554), de Marco Paulo (1502) e da *Estoria de Vespasiano* (1496).

---

<sup>1</sup> Eis em resumo, ou num quadro, as *figuras numeradas* dos Autos profanos:

7. Escudeiro (1), Inês Pereira (2), Lianor Vaz (3), Mãe (4).
8. Mendigo (5), grupo de duas damas (6), 1, 4.
9. 1, 2, guerreiro de vara na mão (7), guerreiro de costas viradas (8).
10. Pastor (9), 1, 2, fortaleza.
11. 1, criada (10), pai (11).
12. Scena cavalheiresca.
13. 9, 1, 8, 10.
14. 9, 6; beata regateira (12), 2.
15. Zagal (13); 1; D. Fernando (14); 8, 10.
16. 13, 8, 1, 6.
17. 13, 7, 1, 2.
18. 14, 3, 10 (*au miroir*) dama (15).
19. 1, 2, 3; turco (16).

Temos, portanto, onze vezes a figura primeira; sete vezes a segunda; cinco vezes a oitava; quatro vezes a decima; tres vezes a nona; e outras tres vezes a decima-terceira; duas vezes a 6<sup>a</sup>, a 7<sup>a</sup>, a 5<sup>a</sup>, a 4<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup>; uma só vez a 11<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup>, 15<sup>a</sup>, 16<sup>a</sup> e a 5<sup>a</sup>.

As scenas de devoção, representativas das que realmente se passam nos autos, um presepio no *Nascimento*, na *Santa Caterina* a princesa coroada, segurando um livro aberto e uma espada, *Santo Antonio* de crucifixo na mão, o *Santo Mata-mouros*, brandindo o chicote no meio de uma refrega, etc., não foram ideadas nem desenhadas por mãos de mestre. Muito pelo contrario, nem uma só lembra a linha grandiosa e o pensar profundo de Albrecht Dürer no *Ritter, Tod und Teufel*, ou no *Sam Feronimo*.

---

Curioso, significativo me parece que o mais valioso adorno gráfico que ha nos nossos autos, seja tambem distintivo que eticamente ultrapassa os demais, isto é que a *Historia de Deus* esteja cercada da architectura que a todos é familiar por haver servido na edição-príncipe dos *Lusiadas*.

Essa portada compõe-se, fácil é verificá-lo, de quatro peças avulsas que juntas constituem um caixilho paralelogramatico. O embasamento tem no meio uma coroa de louros cujo vão podia servir (e serviu uma vez), para um emblema.

No centro do frontão ha entre dois golfinhos estilizados um pelicano que, com o bico inclinado para a esquerda do leitor, alimenta com o sangue do seu peito tres crias que se erguem do ninho <sup>1</sup>. Dos lados, ha senhas colunas simétricas, cuja metade de baixo, direita como um pilar, tem onze caneluras na da esquerda, e doze na que está à direita. A parte de cima arredondada e ligeiramente rejuvenescida, está enfeitada de trofeus de armas que, convergentes, caem do meio dela: do mesmo gancho ou prego, invisivel, está pendurado um capacete, e de um lacito saem duas bandas de estofio vergadas para trás. Dentro do espelho ha tambem em forma de paralelograma, uma gravurita, de aspecto mais moderno, que representa a *Ressurreição*: Jesus Christo, saindo do sepulcro, de estandarte na mão, aureola em forma de estrela em volta da cabeça, e mais afastada outra aureola oval, cujo

---

<sup>1</sup> Este pelicano é muito mais estilizado, menos naturalista do que o mais antigo que faz parte de um emblema tipografico de 1518, quer de Diego Gumiel, quer de Pedro Posa na *Istoria de la passió* (em catalão) de BERNARD FENOLLAR. Vid. HAEBLER, *Spanische und portugiesische Bücherzeichen*, n° IX<sup>b</sup>.

clarão deslumbra os tres soldados romanos, encarregados da guarda do sepulcro. Por baixo está a *Didascália*, repartida em dez linhas, conforme o leitor viu na lista bibliográfica.

A historia da portada, aberta em traço vacilante por uma mão pouco destra, mas relativamente notável, já occupou varios eruditos nacionaes <sup>1</sup>, mas como nenhum deles tivesse pleno conhecimento de causa, julgo do meu dever esboçá-la aquí, concisamente, referindo-me primeiro aos tempos posteriores à *Historia de Deus*, e em seguida aos que precederiam a impressão aqui reproduzida.

Ela não tem data. A dos *Lusiadas* é 1572. E saiu em Lisboa com *privilegio real e licença da santa Inquisição* da casa do impressor Antonio Gonçalves que comprara os materiaes de Germam Galharde à viuva desse excelente impressor, em 1567.

A par da chapa de madeira, empregada tanto na edição-príncipe dos *Lusiadas*, como na nossa *Historia de Deus*, ha outra refeita *au miroir*, e mal refeita, e essa serviu em repetições de ambas, não se sabe se na officina nomeada de Germão Galharde ou na de outro impressor, mas a segunda hipotese é mais provavel.

Quem publicou a segunda *Copilação* das *Obras* de Gil Vicente, em que a *Historia de Deus* torna a aparecer, mas violentamente amputada por meio de cinco cortes e seis emendas, muito mal estampada, com grande desordem na numeração das páginas e na colocação dos enfeites, foi *André Lobato*, que nela se manifesta dono das chapas da portada, e usou e abusou delas, como passo a mostrar.

Logo a f. I. o título do *Livro Primeiro — obras de devoçam* — está cercado das mesmas quatro peças que descrevi. Mas, oh milagre! Oh vergonha! Elas transformaram-se. As colunas estão invertidas com os capiteis para baixo! O pelicano volta o bico para a direita; na trave em que pousa o ninho da cria, ha trinta entalhadelas perpendiculares, e não dezoito como no original <sup>2</sup>.

A mesma gravura torna a figurar a fol. 105 (n. n.) como frontispi-

---

<sup>1</sup> Sobretudo TITO DE NORONHA, na obra *A primeira edição dos Lusiadas*, Porto, 1881.

<sup>2</sup> Na obra de Braamcamp ha reprodução fotografica em que o leitor pode ver um dos innumerables desleixos do impressor: o erro de data MDLXXV em lugar de MDLXXXV (em frente de p. 279).

cio do *Livro Segundo*, das *Comedias*, e novamente a fol. 216 como rosto do *Livro Quarto*, das *Farsas*<sup>1</sup>, sempre com as colunas em pé. O frontão só aparece a fol. 20; colunas avulsas e *deitadas* a fol. 26.

Algumas das transformações (entre as quaes ainda é preciso assinalar a colocação divergente dos capacetes, isto é das colunas) notam-se na chamada segunda edição de 1572 dos *Lusiadas*. Portanto essa deve ser empresa subrepticia, ilícita, de André de Lobato, realizada cerca de 1584, impulsionada ou sugestionada provavelmente por aquele moço da capela de D. Sebastião, o industrioso Afonso Lopez que na sua modesta posição palaciana soubera arranjar privilegio, provavelmente, tanto para os *Autos de Mestre Gil*<sup>2</sup> como para os de *Antonio Prestes*, *Luis de Camões*, *Anrique Lopez*, *Forge Pinto*, *Feronimo Ribeiro* (1587)<sup>3</sup>.

Quasi no mesmo tempo as chapas falsificadas serviram em outras casas (¿por já não terem dono?), p. ex.: na de Antonio Ribeiro para a *Regra do Glorioso Patriarca Sam Benito* (1586), e na de Antonio Alvares, bastante mais tarde (1598), em nova edição da *Historia de Deus*<sup>4</sup>.

Se nos virarmos agora para trás, encontraremos a portada dos *Lusiadas*, no estado que tinha em 1572 quando Frei Bartolomeu Ferreira lia a epopeia e a aprovava com benignidade e simpatia, numa serie de obras de valor de que havia cuidado na sua longa e fertil carreira aquele francês *German Galharde*; *Germano Galhardo*, *Germain Gailhard*, *Germanus Galliardus Gallus* que de 1519 a 1560 exerceu com fervor a sua arte, protegendo letras e sciencias, nesta praia occidental, lançando obras em português, em castelhano, e em latim dos tres Resendes (García, Duarte, André) de João de Barros, Pedro Nunes, Fernão d'Oliveira, Jorge da Silva, Antonio Pinheiro, além de numerosos *Catecismos*, *Reportorios*, *Cartilhas*, *Leis*, *Constituições*, *Decretos*, *Bullas*, etc. As obras latinas e de latinistas, sempre em tipos romanos e com ornamentos em estilo-renascença; as obras de fantasia, livros de cavalarias, autos e poesias da escola velha, em tipo semi-gótico, de-

---

<sup>1</sup> No *Livro Terceiro*, que é das *Tragicomedias*, a portada talvez falte, não de proposito, mas por mero descuido.

<sup>2</sup> Traslado em *Gil Vicente, trovador*, etc., p. 279.

<sup>3</sup> Vid. *Inocencio*, I, 241 e VIII, 288.

<sup>4</sup> SABUGOSA, *Catálogo*, p. 201, e BRAAMCAMP, p. 291 (19).

pois de entre 1530 e 1540 ele haver renovado o material antigo (de letra de tortis ou gótico puro) que lhe legara Valentim Fernandes, seu laborioso, culto e benemérito mestre, acontecimento de que já me ocupei em outros escritos, e a que já aludi mais acima.

As obras em que *German Galharde* utilizou na sua oficina a portada, são de 1554 ou 1555, comquanto não tenham data: o *Sumario* de Cristovam Rodrigues de Oliveira, os *Principios e fundamentos de Christandade* de D. João de Mello <sup>1</sup>, e as *Sentenças* <sup>2</sup>, traduzidas de latim para castelhano, que saíram minuciosamente datadas, dos prelos, a 3 de novembro de 1554.

Anteriores a 1554 ha outras obras conhecidas minhas de ha muito <sup>3</sup>, mas cuja existencia só em 1916 chegou a ser verdadeiramente pública, no *Catálogo* de um livreiro-antiquario lisbonense <sup>4</sup>, e por tratados criticos do distinto bibliófilo Gomes Brito em jornaes e revistas <sup>5</sup>.

Desde então sabem todos os camonistas que a portada dos *Lusiadas*, mas em estado mais opulento do que a apresentada em geral, fôra mandada fazer em 1548 por Germão Galharde para uma obra que ia editar de novo: a *Regra e | Statutos: | da Ordem de San | tiago*, livro que em traje mais modesto o próprio já tinha publicado em 1540 (repetindo outra edição de 1509).

É nela que, relativamente bem traçada e completa, se encontra pela

---

<sup>1</sup> P. S. Vid. *Catalogo da Livraria dos Condes de Azevedo e de Samodães*, 1921. (Nº 1113.)

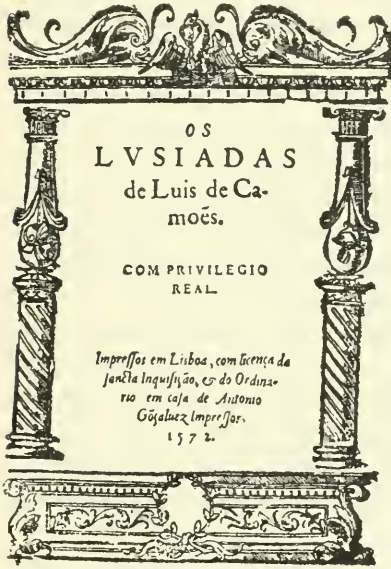
<sup>2</sup> *Primera parte de las Sentencias* que hasta nuestro tiempo, para edificación de buenas costumbres, están por diuersos autores escriptas, en este tratado summariamente referidas, en su proprio estado y traducidas en el nuestro común. Conueniente lición a toda suerte y estado de gentes. MDLIII. — No fim entre duas folhinhas de hera, lê-se: Fué impressa la presente obra en la muy noble y siẽpre leal ciudad de Lisbona, en casa de Germán Galhardo, Impressor del Rey nuestro Señor. Acabóse a treze dias de Nouiembri de mil & quiniẽtos y cincuenta y quatro. — Em muitos exemplares estão cortadas as *Sentenças* de Ovidio. — No exemplar da nossa biblioteca foi apenas o nome de *Erasmus* que a mão de algum Revedor obliterou de tinta, tantas vezes quantas estava impresso.

<sup>3</sup> Vi a *REGRA e os Statutos da Ordem de Santiago* em casa do bibliófilo Cabral. No *Catálogo* dele tem o nº 4355. Os números 4352-54 são edições anteriores, cuja descrição saiu um tanto fantástica, se a memória não me engana.

<sup>4</sup> *Catálogo Santos*, nº 7. (Nº 4.718.) Cfr. Nº 5.027.

<sup>5</sup> *Revista Lusitana*, vol. XX, p. 80-106; *As duas Portadas dos Lusiadas de 1572*.

primeira vez a portada dos *Lusiadas* com o pelicano virado para a esquerda. Na coroa de louros ha o emblema da Ordem: a espada com os dois braços da cruz terminados em flor de lis. No espelho, além do título repartido em quatro linhas (a inicial *R* ornamentada) uma quina de florzitas espalhadas, sendo tres, folhas de hera, e duas, plantas de beterraba.



Edição de Germão Galharde: 1572.



Edição de Germão Galharde: 1548.

As mesmas folhinhas de hera que assinalei no *Auto de Nascimento*, e se encontram tambem na *Glosa de dez coplas*, de Jorge Manrique, feita por Jorge de Montemor sobre a morte da princesa Maria, filha de D. João III <sup>1</sup>. E as mesmas beterrabas que acompanham as *Trovas de Crisfal* numa das edições s. l. n. a., mas tambem em volumes marcados como productos das oficinas de Germão Galharde como as *Sentenças* de que falei.

Pois bem. As colunas tem neste estado originario a ornamentá-las umas panoplias de que só havia restos em 1572. Cada uma é formada

<sup>1</sup> Veja-se a nota 2<sup>a</sup> que acompanha a p. 65,

de duas lanças cruzadas atrás da coluna, e ligadas por uma banda de estofó, torcido em baixo uma só vez, e cujas pontas acabam em borla. O que chamei lanças não merece este nome. Todas as quatro são diversas, iguaes apenas quanto às hastes cumpridas. A' direita ha um *tridente* e uma especie de *camartelo*, à esquerda uma *alabarda* ou *partasana*, e uma *maça* a modo de *scetro*.

Esta gravura, talhada em 1548, serviu, mas sem a espada de Santiago no *Tratado de la vida del glorioso apóstol San Juan*, del padre Fr. Diogo de Estela <sup>1</sup>, que saiu dos prelos a 9 de agosto de 1554. E já servira na *Historia da nossa redenção*, composta por D<sup>a</sup> Leonor de Noronha e estampada de 28 de setembro de 1551 a 12 de abril de 1552 <sup>2</sup>. Tinham sofrido todavía leves alterações: as colunas tinham sido invertidas por descuido, e de propósito cortados os plintos delas, porque o da coluna direita logo saira das mãos do gravador um pouco mais alto do que o outro, de sorte que na impressão dera mau resultado: desigualdade de nível na *Regra de Santiago*.

Quanto aos trofeus, eles foram de propósito, e limpamente cortados, entre 9 de agosto de 1554 e 13 de novembro do mesmo ano, por serem excessivamente salientes e frageis, e também penso eu por causa do seu caracter bélico, apropriado à *Regra da Ordem militar de Santiago*, mas não <sup>3</sup> a qualquer outro livro. Não ha motivo para chamarmos mutiladas ou desfiguradas as colunas no seu segundo estado, nem deterioradas pelo uso que tiveram. *Simplificadas*, isso sim.

O que fica provado neste esboço de estudo, é que Antonio Gonçalves, o impressor que teve a honra de dar ao mundo os *Lusiadas*, successor de Germão Galharde quanto aos tipos e mais petrechos da sua acreditada tipografia, herdou entre eles os quatro madeiros que o francês mandara gravar, supponho que em Portugal e por um português, para a *Regra de Santiago*, com a espada no embasamento e o pelicano do frontal *voltado para a esquerda* <sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> *Ensayo*, n.º 2.146.

<sup>2</sup> *Inocencio*, XIII, 290.

<sup>3</sup> O ninho do pelicano, como elemento da portada, talvez fosse lembrança do Mestre da Ordem, D. Jorge, duque de Coimbra, filho de D. João II. Homenagem a esse grande homem.

<sup>4</sup> Escuso dizer que ha outras portadas que são comuns a diversas obras. Vid. SOUSA VITERBO, *Frei Bartolomeu Ferreira*, p. 2 e 5.



Fica provado tambem que não se deterioraram pouco a pouco com o muito uso os trofeos das colunas, como se tem asseverado, visto que faltam transições do estado primitivo (de 1548 a 1554) para o de 1572. Provadíssimo, que a edição dos *Lusiadas* que mostra o pelicano virado para a esquerda, é a verdadeira; e que portanto deve ser falsificação, lançada sem licença, a que o mostra virado para a direita, depois de o privilegio de dez anos estar decorrido e inválido, e o poeta morto. Cerca de 1585. Provavelmente por André Lobato, em cuja posse a portada, novamente gravada *au miroir*, se achava durante a impressão segunda das obras de Gil Vicente.

Provado fica tambem que a *Historia de Deus*, de que sobrevive o exemplar de Madrid, aquí publicado, não é coevo de Mestre Gil, como supõe Braamcamp, mas deve ser necessariamente posterior a 1554 (provavelmente do periodo que decorre de 1557 a 1580).

E pelos pormenores variados que dei a respeito da actividade e do material de Germão Galharde é provavel que ele fosse o impressor dos autos avulsos de Gil Vicente como de todas as folhas-volantes, impressas de 1519 a 1560<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tenho ido coleccionando materiaes para ilustrar a actividade desse benemerito impressor. Irão como Excurso de um tratado sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, que elaborei ha muitos anos, mas ainda não ultimei.



## A CENSURA INQUISITORIAL E O TEATRO PORTUGUÊS

Um só dos autos sagrados, reimpressos nesta colecção, o do *Nascimento*, de Baltasar Dias, de frontispício tipograficamente mais moderno do que os outros, tem indício de que a autoridade civil se ocupou dele; um só dos profanos, o *Auto de Florença*, tem sinal de que a autoridade eclesiastica o vira e não reprovava, julgando-o danoso à fé e aos bons costumes. Era preciso repetir estes factos aqui.

De outras fontes sabemos todavia, que alguns dos coevos e imitadores de Gil Vicente, mais novos do que o fundador do teatro, p. ex. Baltasar Dias, o cego da Ilha de Madeira, Antonio Ribeiro Chiado, o frade folião do centro de Lisboa, e Afonso Alvarez, o mulato de Evora, os tres mais cotados representantes do vulgo português portanto, possuíam *privilegio real* e além disso haviam apresentado as suas obras aos censores, visto que os imprimiam *com licença da Santa Inquisição*. Mas desde quando?

São sobretudo reimpressões posteriores a 1580 e não edições-principes de cerca de 1545 (de 1585, 1591, 1593, 1598, 1602, 1605, etc.), as *vistas e emendadas* (p. ex., pelo R. P. Mestre Frey Bertolomeu Ferreira) que nos ensinam esse facto.

Pelo confronto delas com os nossos textos s. l. n. a., anteriores à data indicada, reconhece-se que esses não foram amputados. O tempo de 1536 (ou 1539) a 1580, considero-o como de transição.

Ou por outra : parece que exactamente no tempo da florescência do Auto Vicentino, isto é no reinado de D. João III e ainda no de dom Sebastião, as folhas-volantes circulavam livremente, fenómeno que estaria em contradição com tudo quanto declamatoriamente (no sentido de *sem exame suficiente da causa*)<sup>1</sup> se tem dito em Portugal (e tambem

---

<sup>1</sup> É de proposito que repito o termo *declamatoriamente*, que já empreguei nas primeiras *Notas Vicentinas*, com relação aos escritos que tratam da Inquisição.

em Espanha, até que a verdadeira crítica tomou à sua conta o melindroso assunto) da «acção nefasta que a *Censura inquisitorial* exerceu sobre o Teatro português, causando a sua rápida decadência e ruina».

Como explicar o caso?

Historiando, resumidissimamente embora, a Historia do teatro moderno e a actividade da Censura, claro que apenas com relação a esse teatro.

\*  
\* \*

O Teatro nascera da Igreja e dentro dela, de artisticas ceremonias liturgicas, inspiradas pelos Evangelhos autênticos, e alguns apócrifos, como o de Nicodemo. Mero canto alternado a principio, ou seja dialogo cantado, as representações liturgicas figuravam, ingenuamente belas, o Nascimento do menino Jesus, a Adoração dos pastores e a dos Reis magos; ou profundamente edificantes, a Paixão e a Ressurreição de Jesus Cristo, nas festas tradicionaes do Natal e da Pascoa.

Pouco a pouco essas representações religiosas iam acolhendo todavia, em virtude das tendências terrestres da natureza humana, elementos profanos, humoristicos, e mesmo lascivos. Havia danças de Salomé, a filha de Herodes; mundanices de Maria Magdalena, em contraste com o seu arrependimento; traficâncias de mercadores com as tres Marias, na compra dos oleos e das unturas para o corpo santo do crucificado. Havia sobretudo chalaças e parvoíces e brincadeiras de pastores e zagaes, ingenuos simplistas, ou parvos rudes e obscenos<sup>1</sup>.

Por isso os *ludos teatraes* provocaram, do seculo XIII em diante, decretos pròibitivos e cominatorios, *repetidos* durante seculos, porque a resistênciã provoca a insistência. Tanto da parte das autoridades ecclesiasticas como das civis e canonicas. Ao lado de uma ordem do pontifice Inocência III de 1210, ha leis regias como a 34<sup>a</sup> do titulo VI da primeira das *Sete Partidas* de Alfonso o Sabio (1255), e mais tarde Constituições sinodales como a de Aranda (1473), continuadas até às de Évora de 1534.

Essas pròibições e cominações eram, com tudo, apenas parciaes e condicionaes. Visavam unicamente excessos: histrionicos, jogos de escarnio, arremedilhos grosseiros, canções escandalosas, da parte de pes-

---

<sup>1</sup> Vid. CREIZENACH, *Geschichte des Neueren Dramas*, vol. I.

soas eclesiasticas, em lugares santos, mas de modo algum o genero dramatico em si. A eficacia das representações para comover e arrastar foi, pelo contrario, reconhecida pela Igreja e aproveitada, instrumento admiravel nas mãos de pastores de alma, durante toda a idade media e no tempo da Reforma e Contra-reforma.

Costumo contar aos meus alunos de alemão o caso do Landgrave Frederico da Turingia, tão intimamente abalado pela representação (em 1322) de uma *Parabola das virgens loucas*, conduzidas ao Inferno pelas suas liviandades inconscientes, sem que os rogos da Virgem e de todos os santos as pudessem salvar, que se retirou à Wartburg, passou cinco dias em desespero, e fulminado pela dôr morreu <sup>1</sup>.

Além de dramas biblicos, tirados do Velho Testamento ou do Novo, nos quaes o elemento comico se ia desenvolvendo cada vez mais, ligando-se a tipos definidos como o Judas, o Judeu em geral, e o medico por ser muita vez judeu, mas sobretudo ao *Diabolus*, ou aos Diabos, havia, desde a *Psychomaquia* (combate de alma) de Prudencio (c. 400), em que as Virtudes fazem a guerra aos Vicios, em desafios homericos, a especie dos *Debates*, *Combates*, *Contrastes*, *Disputas*, em que qualquer dos objetos ou das instituições naturaes, ou uma das infinitas qualidades e variedades de inclinações, materiaes ou espirituaes, do genero humano, discute e luta com «a sua contradita», lutas comodamente reduzidas à formula de contraste entre o espirito e a carne, o bem e o mal, luz e trevas, Ormuzd (Auramazda) e Ahriman. Mais desenvolvidos são os dramas predilectos do seculo xv, chamados *Moralidades* e *Misterios*, cujos protagonistas são exclusivamente ou em grande parte, abstrações personificadas, mais ou menos profanas, como a Verdade e a Mentira, a Paz e a Guerra. A par deles prosperavam farsas em forma de processo, como o famoso *Maitre Pathelin* dos franceses, e verdadeiras entrudadas (*sotties*) cheias de chalaças tradicionaes <sup>2</sup>.

Fora dos lugares santos, bem se vê; representadas em claustros, terreiros, corros, praças, casas particulares, paços regios ou principescos.

A mãe Igreja, essa desinteressara-se naturalmente dos espectacu-

---

<sup>1</sup> SCHERER, *Geschichte der Deutschen Literatur*, 6<sup>a</sup> ed., p. 235.

<sup>2</sup> Leia-se no livro citado de Scherer o resumo que ha no cap. VIII (*Das ausgehende Mittelalter*) relativo ao teatro: *Das Schauspiel*.

los desde que o cordão umbilical que os prendia a ela ficara cortado, contentando-se com vigiar que nem fossem propagadores de erros doutrinarios, heterodoxias dogmaticas, nem de costumes e praxes depravadas, exactamente como o fazia com respeito a outros generos não-dramaticos.

A luta contra «heresias» como as dos Albigenses e Waldenses e Hussitas, exacerbada desde que a invenção de Gutenberg facilitava a propaganda de ideias e opiniões novas, e que bastas vezes levava à cremação de textos suspeitos (judaicos e arabicos) <sup>1</sup>, conduziu finalmente, como todos sabem, no tempo da Reforma e Contra-reforma, ao estabelecimento do *Index*, por uma Congregação, dentro do Tribunal da Inquisição (fundado depois da horrenda guerra de religião chamada dos Albigenses) para exame e expurgação, ou condenação e encineração de impressos e manuscritos como quintessencia e exteriorização mais perfeita das almas e consciencias <sup>2</sup>.

Claro que a instalação das Mesas Censorias, destinadas a combater *pravitates haereticas* nos diversos paises, e a elaboração de um *Index* geral, de base fixa, mas cada vez mais volumoso, assim como de outros Catalogos especiaes, não se pôde realizar com rapidez. Foi obra muito lenta até. Desde que o papa Leão X prôibira os livros da nova «heresia tudesca» por um breve de 1521, dirigido a todas as igrejas da cristiandade em geral, e em especial ao emperador Carlos V <sup>3</sup> e D. João III de Portugal, até que começasse a intervenção regular e sistematica da Censura inquisitorial no mercado internacional e nacional dos livros, e o

---

<sup>1</sup> Um exemplo, aliás muito conhecido, é a encineração de parte da livraria de Enrique de Vilhena (o feiticeiro, ao qual a posteridade outorgou um marquesado que nunca possuiria), feita por D. Lope de Barrientos (em 1434). — Vid. FITZMAURICE-KELLY, trad. por BONILLA, *Hist. Lit. Esp.*, p. 140.

<sup>2</sup> A Censura já fôra decretada por Alexandre VI (1492-1503), o monstruosamente vicioso Borgia, que fez queimar o austero e fanatico Girolamo Savonarola. Mas só se realizava por *ordens, decretos e provisões*. — A Congregação do *Index* essa não foi instituida regularmente senão em 1571 pelo papa Pio V.

<sup>3</sup> O Inquisidor geral que em 1521 recebeu o breve de Leão X, relativo à Reforma, era o cardinal Adriano, que logo depois chegou a ser Papa Adriano VI, ultimo de origem germanica, de austera simplicidade. Convencido da necessidade da reforma da Igreja não conseguiu, no curtissimo tempo do seu pontificado, encaminhá-la nesse sentido, nem tão pouco soube realizar o seu sonho politico, a reconciliação de Carlos V com Francisco I.

primeiro *Index de Roma* saisse, elaborado no Concilio tridentino (1545-1563), tinham passado quasi quatro decenios <sup>1</sup> de ensaios e tentativas.

O ensejo para os actos que conduziram à Reforma e Contra-reforma, e portanto para a criação do *Index librorum prohibitorum* e o *Index librorum expurgandorum*, partiu, como acabo de dizer, de Leão X. Tendo concedido a exploração das graças chamadas *Indulgências* ou *Perdões* <sup>2</sup> aos Dominicanos (*Domini-canés*), por essa ordem inquisidora ser rigorosa em tudo, e o Pontifice precisar de quantias enormes para a construção da Basilica de S. Pedro de Roma, a venda foi realizada na Suissa e na Alemanha pelo agente Tetzl tão indiscretamente que irritou o espirito scismador de Luthero (agostinho e idealista). A afixação, da parte dele, nas portas da catedral de Wittenberg, das 95 teses contra esse mercadejar (as quaes se resumem na afirmação que *só Deus absolve*); a encineração da bula de escomunhão <sup>3</sup>; a publicação das tres obras fundamentaes do *Protestantismo* ou *Evangelismo* <sup>4</sup>; a defesa audaz das suas doutrinas anti-romanas per ante a dieta de Worms levaram o Papa a dirigir à cristandade o Breve a que já aludi, e logo depois, outro especial ao Emperador e ao Rei de Portugal.

«Suspeitando que aquele perdido e maldito homem tente divulgar em lingua espanhola os seus livros, já de nós e da Santa Sé condenados... pede encarecidamente que o rei vigie de sorte que nem a mais pequena parcela deles seja admitida nas terras lusitanas» <sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Esse primeiro verdadeiro *Index* é de 1559 (vid. REUSCH, p. 176-208). Re-feito por uma Comissão do Concilio, saiu pela segunda vez em 1564. E nesse estado é a base do que ainda hoje está em vigor. (*Ib.*, 243-281).

<sup>2</sup> As *Indulgencias* eram graças, pelas quaes a Igreja concedia, do seculo ix em diante, absolução integral ou remissão parcial das penas de certos pecados, contra castigos menores, penitências e dinheiros. Em português o termo popularizou-se. Pronunciado *Indulenças* passou a ser *endoenças*, e a aplicar-se aos perdões da Semana Santa em especial, apregoados com ceremonias impressionantes na quinta-feira da paixão.

<sup>3</sup> Aleandro, a cujas iras contra Gil Vicente terei de referir-me mais abaixo, pertencera à Comissão que escomungou Luthero.

<sup>4</sup> *An den christlichen Adel deutscher Nation.—Die babylonische Gefangenschaft der Kirche.—Von der Freiheit eines Christenmenschen.*

<sup>5</sup> ... *ut ne minima quidem auctororum librorum scedula in regni tui terras recipiatur.* — Os Breves de 23 de março e 20 de agosto de 1521 encontram-se no *Corpo Dipl.*, vol. XI, 254 (Supl.) e II, 47.

De 1524 em diante se elaboraram (não entre nós, onde não havendo luteranos e ainda não numerosos erasmistas, havia numerosos cristãos-novos, mas em Lovaina, Bruxelas, Londres, Colonia e Paris) listas de livros e folhetos perigosos. Em forma de *Cartas* e *Cartazes* <sup>1</sup>. O que vejo condenado neles são exclusivamente tratados doutrinarios de heterodoxos, vivos ainda, ou mortos de havia seculos. De Hufs Wikleff, de um lado; de Erasmo, Luthero, Melanchthon, Hutten, do outro lado; de Zwingli e Calvino, Servet, etc., nos Catalogos do quarto e quinto decenio do seculo. Além desses eram pròibidos (e continuam assim) o livro dos livros, a Biblia *em vulgar* <sup>2</sup>; comentarios de livros biblicos; livros de Horas, e Orações em que innumeradas vezes se pediam a Deus coisas improprias e infantis.

A verdadeira literatura não figura naqueles embriões de Indice.

Nem mesmo no primeiro *Index* pontificio.

Só depois de o Concilio tridentino estar em plena actividade é que a Igreja começou a olhar com alguma atencção para as obras de fantasia e arte, e a eventual falta de ortodoxia e moralidade neles. Sem plano preestabelecido, parece. Os livros de cavalaria, p. ex., cuja florescencia vai de 1500 a 1550, comquanto continuassem a ser os predilectos dos leitores até Cervantes os exterminar com as suas ironias, escaparam, p. ex., por completo, de sorte que se dá o caso curioso de os Autos de *D. Duardos* e o *Amadis*, de Gil Vicente, serem pròibidos, mas não as novelas de que derivam <sup>3</sup>. E a *Ressurreição de Celestina* (e uma

---

<sup>1</sup> REUSCH, *Der Index verbotener Bücher*, Tübingen, 1883. — Id. *Die Indices Librorum Prohibitorum des Sechzehnten Jahrhunderts*, 1886 (vol. 176 da *Bibliothek des Litterarischen Vereins*).—Após uma serie de listas inglesas (dez, ou mais) de 1524 a 1555, veem Catalogos mandados fazer quer por Carlos V, quer pela faculdade de Teologia de Lovaina, quer pela Sorbonne, quer por cidades italianas como Lucca, Milão, Veneza. E finalmente os verdadeiros *Indices* de 1559 a 1590. Ao todo 23 (ou 33, contando cada lista). Além das publicações de Reusch, ha duas posteriores: de HOLLWECK, *Das kirchliche Bücherverbot* (1897, 2ª ed.) e de HILGERS, *Index der verbotenen Bücher* (1904).

<sup>2</sup> No livro politico-philosophico de H. S. CHAMBERLAIN, *La Genèse du XIX<sup>e</sup> siècle*, ha uma nota a respeito das pròibições da Biblia pelo *Index*, que merece ser meditada.

<sup>3</sup> Ha decretos relativos à exportação de livros de cavalaria para a America. Mas esses tinham fins praticos e provinham das autoridades civis. Quaes eram, deduz-se de um conto, narrado por MELCHIOR CANO, *De locis theologicis, libri XII*,



vez vagamente as *Celestinas* em geral) antes que se citasse a *Tragicomedia de Calixto e Melibea* — incomparavel fonte de verdade. Unicamente transpostos para as regiões do misticismo é que as Cavalarias foram condenadas, como, p. ex., certa *Celestial* <sup>1</sup>.

As obras profanas, com que as belas-lettras e as linguas neo-latinas meridionaes entram nos Catálogos são, e não é de admirar que sejam, o *Decamerone*, de Boccaccio, e o *Gargantua*, de Rabelais <sup>2</sup>.

Quanto à literatura dramática, contra a qual não houve, em teoria, sanha alguma, as primeiras peças que vejo condenadas, por sinal no *Catálogo* hispânico de 1551 (Valdés) e no de 1559 (Tapia), são redigidas em latim ou alemão por heterodoxos sobre assuntos religiosos: *Tragedias e comedias tiradas do Novo e Velho Testamento*, impressas em Basilea, pelo heterodoxo Nicolau Brylinger <sup>3</sup>; uma tragedia *De libero arbitrio*; e comedias representadas em Gand sobre o tema: *Qual é a consolação mais eficaz do moribundo?*, este em verso alemão. Temas e problemas cuja solução ou discussão a Igreja se reservava <sup>4</sup>.

---

(1564) às autoridades eclesiasticas afim de as convencer da necessidade de prôibirem livros de fantasia: o conto do sacerdote que jurava que tudo quanto se lia no *Amadis* era verdade, visto ser impossivel que o trono e o altar dessem privilegios a insignes mentiras. — Vid. HENRY THOMAS, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, Cambridge, 1920.

<sup>1</sup> Vid. REUSCH, p. 232: *Cavalleria celestial, por otro nombre: el pie de la rosa fragante. Primera y segunda parte.* (*Index* de 1559, de Valladolid, p. 159, e novamente a 439.)

<sup>2</sup> Vid. REUSCH, p. 85 e 122 (*Gargantua*); 180 (*Boccaccio*). — Quanto a livros castelhanos, originaes ou traduzidos, uns cinco além da Biblia, já figuram (*Sermone hispano*) no primeiro *Catálogo*, impresso em Espanha, que eu conheça (Valencia, 1551), repetição do que saíra em Lovaina em 1550. Todos, de religião (um do erasmista Francisco de Enzinas), visto que a *Peregrinação a Jerusalem*, de Pedro (Ximénez) de Urrea, foi considerada e tratada como tocante a cousas da fé. No *Index* de 1559, organizado por Valdés, já ha como Segunda parte, um *Catálogo especial de escritos vernáculos* (dez paginas com 166 parcelas) entre sagrados e profanos. Um só, se abstrairmos do opúsculo sobre a morte de João Diaz (p. 140), passou aos *Índices* estrangeiros coevos: o *Diálogo de Mercurio y Caronte*, atribuido a Juan de Valdés, que pelas ideias e a liberdade de linguagem, tem semelhanças com as *Barcas* de Gil Vicente.

<sup>3</sup> REUSCH, p. 219, 258 e 473, *Comoediae et tragodiae ex Novo et Veteri Testamento*, impressae Basileae anno 1540 per Nicolaum Brylingerum.

<sup>4</sup> REUSCH, p. 241, 298, 398, 473: *Ludi teutonici rithmice conscripti et Gan-*

Se agora nos transportarmos a Portugal, não é extremamente curioso, à vista dos factos indicados, que logo no primeiro *Rol de livros de-fesos* em vernaculo de que ha noticia, e fôra ajuntado ao latino de Lovaina de 1550, por ordem do Inquisidor-Mor de Portugal, o cardeal-infante D. Henrique, fossem expostos no pelourinho uns sete Autos nacionaes?

Autos de quem? Todos eles de Mestre Gil, embora seu nome não seja enunciado: o Mestre, de quem já dois decenios antes, quando estava em plêna actividade, havia sido destruido um Auto, ou dois ou tres Autos, por protectores e fautores do Santo Officio, ainda antes de ele estar oficialmente instalado em Portugal <sup>1</sup>.

¿Não tive razão em salientar o facto de o fanático legado Aleandro haver acusado ao Papa, e por ele ao Emperador, a liberdade ou licenciosidade do poeta aulico de D. João III?, monarca desmúsico (para empregar um termo favorito de Francisco de Holanda), visto que não havia harmonia entre o seu gosto pelas ironias e invectivas lançadas no palco contra o clero e a curia, e o seu desejo ardente de introduzir o Tribunal da Fé no seu reino, tão ardente que confessou que se este cargo (de Inquisidor-Mor) fôra de principe secular, com muy grande gosto se empregara nele.

Demonstrei na primeira das *Notas Vicentinas* como o caso do *Fubileu de amor* se deu. Aqui reduzo-o a poucas linhas <sup>2</sup>.

Levada (em manuscrito ou impressa) para fóra do reino, exactamente àquele territorio germánico entre os do patrimonio de Carlos V, em que a luta de religião já se ateara, a comédia ou farsa do *Fubileu de amor* foi representada em Bruxelas, em casa do embaixador portu-

---

*divi exhibitum super hac questione quod sit homini morienti maximum solatium.* A p. 219 *Comoediae* representatae Gandavi super thema: *Quaenam sit potissima consolatio hominis morientis.* Cfr. 473. — Outras comedias e tragedias prôibidas são as de Reuchlin (1581). — Uma chamada *Comedia trágica de Susana* (REUSCH, 354, 473 e 545), cujo autor e data não me é desconhecido, tem provocado hipóteses fantasiosas da parte de T. Braga e Cotarelo. — O mesmo vale de uma *Rebeca*. — Baste dizer que ambas também são obras de heterodoxos alemães.

<sup>1</sup> Logo terei de recapitular as datas mais importantes para os meus fins. Em geral remeto o leitor à *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

<sup>2</sup> *Notas Vicentinas*, I, § 16-20.

guês D. Pedro de Mascarenhas, onde um selecto auditorio celebrava o nascimento de um «muito desejado» filho de seus reis, a 26 de dezembro de 1531<sup>1</sup>. E as diatribes contra Roma, que havia na peça, em que um cardeal se servia de uma autentica mitra, horrorizaram o legado pontificio a ponto tal que julgava estar na Saxonia, em presença de Lutero; ou então em Roma, assistindo ao saque.

Mostrei que numa carta, escrita na própria noite da representação<sup>2</sup>, e por isso prudentemente retida uns dias<sup>3</sup>, a Sanga, secretario do Papa Clemente VII<sup>4</sup>, Aleandro requereu uma admoestação paternal de Sua Santidade ao Emperador<sup>5</sup>. Admoestação contra a indiferença ou frouxidão de D. João III, que admitia, da parte dos graciosos da sua corte e em especial do seu poeta aulico *par excellence*, que lhe fazia os Autos, referencias mordazes e facecias contra o clero e a curia. Admoestação que no fundo dizia respeito portanto à liberdade e licenciosidade geral de linguagem que é própria dos portuguezes.

Em terceiro lugar provei que exactamente esse *Jubileu de amor* (ou *do Amor*, ou *de amores*), assim sentenciado e condenado a immediato desaparecimento por ordem *papal, imperial e real*, foi de novo publicamente pròibido naquele *Rol de livros defesos* que citei<sup>6</sup>, vinte anos depois da representação em Bruxelas e da secreta admoestação que, sem duvida alguma, levava logo à sua secreta e discreta destruição. Isto

---

<sup>1</sup> A 26 de dezembro de 1531 pelo Calendario Gregoriano. Pelo do ano do nascimento seria o dia segundo de 1532.

<sup>2</sup> Vid. HUGO LAEMMER, *Monumenta Vaticana*, p. 91-93.

<sup>3</sup> Uma nota marginal da carta diz: *ritenuta fin a questo ultimo dì di dicembre*. — Aleandro reflectiu por tanto antes de a despachar; mas finalmente seguiu o primeiro impulso e acusou. — No resumo latino da Carta, feito por Laemmer; lê-se: *Curia romana in comoediis detrectata ac blasphemata*.

<sup>4</sup> Sanga, secretario do Papa, de idade provecta, faleceu antes de 13 de agosto de 1539. Aleandro costumava escrever-lhe cada dia duas cartas: uma official, destinada ao Papa; outra particular. Acentuava todavia que o secretario a podia mostrar a *Sua Santità, cui omnia patere debent quæ ad rem faciunt*.

<sup>5</sup> Por via do seu confessor, João de Quintana, doutor em Teologia de Paris, que era íntimo de Aleandro, e relacionado com o confessor de D. João III, aquele Frei Diogo da Silva, dos Mínimos de S. Francisco de Paula, que foi feito Inquisidor pela Bula de 8 de nov. de 1532. — Vid. *Herculano*, vol. I, livro II e III.

<sup>6</sup> Já indiquei, como lugar onde ha pormenores acerca do *Rol dos livros defesos*, o *Dicc. Bibl.*, vol. X, p. 385. Reusch não o conheceu.

é, na primeira ocasião oficial que se apresentava. E à cautela, não tivesse escapado qualquer exemplar, impresso, ou um original manuscrito <sup>1</sup>, à rede que a Inquisição ia estendendo de vagar, talvez desde 1536, a mais tardar desde 1539 <sup>2</sup>.

Quanto aos outros Autos, condenados juntamente com o *Fubileu*, em globo ou condicionalmente, ha entre eles duas comedias nunca vistas e por ventura destruidas tambem, a *Aderencia do Paço* e a *Vida do Paço*. E mais quatro que não sucumbiram e são sempre de novo impressas, e lidas, e admiradas. Todas de Gil Vicente <sup>3</sup>.

Como documento comprovativo, e como lista mais antiga, entre as conhecidas até hoje, em que se prõibem *Autos modernos em romance*

---

<sup>1</sup> Se o poeta mandou o seu manuscrito a Bruxelas, devemos imputar ao próprio legado a culpa de haver tornado conhecidas as tendencias do *Fubileu*, dando-lhe o que nós costumamos chamar eternidade. Inédito embora, passou de *Index* para *Index*, em virtude das informações, dadas na Carta de Aleandro a Sanga.— *Habent sua fata libelli*.

<sup>2</sup> Até hoje continuamos a não conhecer livros portuguezes aprovados antes de 1539 pelos Revêdores (como *Insino Christão* e a *Cartinha*, de João de Barros). É todavia certo que houve censura e censores antes da nomeação do Cardeal-Infante para Inquisidor. Prova-se pelo privilégio dado em 1537 a Baltasar Dias, sub condição de ele submeter os seus escritos de devoção a Mestre Pedro Margalho (professor de Teologia, primeiro em Salamanca, em seguida em Lisboa, e finalmente em Coimbra).

<sup>3</sup> Ao todo, contando-se tambem os escritos não-dramaticos, redigidos em portuguez (quer originaes, quer traduções), são *doze* os que o *Rol* de 1551 regista como prõibidos por Frei Jerónimo de Azambuja (Oleastro) *em linguaem* :

8. *Gamaliel*.

9. *A reuelação de Sam Paulo*.

10. *As nouellas de Joan Bocatio*.

11. *O testamento de Christo em lingoajem*.

12. *Coplas de la burra*.

Já disse que a mesma lista entrou no *Index* de 1569, de Tapia (REUSCH, p. 241-272). No de 1581 as parcelas aparecem encorporadas no *Catálogo alfabético dos Livros prõibidos em lingoajem* (p. 357-362), augmentados com a *Eufrosina* e *Ulysippo* (e tambem com *Bandarra*, a *Menina* e *Moça*, *Ropica Neuma*), as obras de *Forge de Montemór*, assim as de devoção como as de amores profanos, e as obras de graças e zombarias do *Cancionero geral portuguez e castelhana*. — No *Index* de 1583, pelo contrario (p. 440 441), repete-se a lista primordial, aumentada todavia com cinco obras não-dramaticas e a *Ulysippo* (a *Eufrosina* não figura nele).

*vulgar*, vou reproduzir de novo o *Rol* dos sete em que a Igreja distinguuiu ideias e proposições temerarias, e coisas que podem ofender orelhas cristãs de pios leitores quando, estudiosos da verdade católica, pegam por engano nas farsas rudemente cómicas de um poeta de fantasia inventiva e arrojada, em vez de se deleitarem com Santo Agostinho e S. Crisostomo, ou com Dante e Petrarca <sup>1</sup>.

Ei-lo aqui:

1. O AUTO DE DOM DUARDOS, que nom tiuer censura como foy emendado [por mim] <sup>2</sup>. De 1524.

2. O AUTO DE LUSITANIA, com os diabos, sem eles poder-se-ha emprimir. De 1532.

3. O AUTO DE PEDREANES, por causa das matinas. De 1525 ou 1526.

4. O AUTO DO JUBILEU DE AMORES. De 1531.

5. O AUTO DA ADERENCIA DO PAÇO. De 1532 ou 1533?

6. O AUTO DA VIDA DO PAÇO. Id.

7. O AUTO DOS PHYSICOS. De 1512? <sup>3</sup>.

Autos profanos. Nenhum de devoção.

Esses dizeres do inquisidor português passaram textualmente para o primeiro verdadeiro *Index hispanico*, elaborado pelo arcebispo de Sevilla D. Fernando de Valdés <sup>4</sup>. Nova é nele apenas a pròibição do

---

<sup>1</sup> Menciono esses quatro autores illustrissimos e acatadissimos porque a Igreja encontrou mesmo neles proposições que não lhe pareciam dignos de aplauso. De Petrarca os quatro sonetos fulminantes contra a Roma-Babilonia de 1300:

*Dell' empia Babilonia ond'è fuggita — Fiamma dal ciel su le tue trece piova — Fontana di dolore, albergo d' ira — L'avara Babilonia ha colmo 'l sacco.*

<sup>2</sup> Este *por mim*, que podia ser traçado pelo cardeal-infante D. Henrique ou por seu lugar-tenente Oleastro, falta no *Rol* de 1551 e aparece no *Index hispanico* de 1559, conforme já indiquei ao falar da tragicomedia de *D. Duardos*. Talvez provenha de um *Rol* desconhecido, anterior ainda a 1551?— Vid. REUSCH, p. 241, *Libri vulgari sermone lusitanico*.

PS. de 1921.—Na Torre do Tombo foi descuberto ha pouco, pelo seu solícito director Antonio Baião, um *Rol* manuscrito de *Livros defesos nestes Reynos de Portugal*, assinado pelo cardeal-infante D. Henrique. Datado de 1547 é moldado no de Lovaina de 1546. *Em lingoagem* se pròibem no fim a *Biblia*, os *Novos Testamentos*, *A revelação de S. Paulo* e o *Genesis Alfonsi*.

<sup>3</sup> As datas são acrescentos meus.

<sup>4</sup> REUSCH, p. 209-142. A p. 231, *Catálogo de los libros en romance que se prohíben*.

*Amadis*, enregistado entre as obras castelhanas, e desta vez com indicação do nome do autor <sup>1</sup>. Pròibição que não foi mantida, de resto, e passou a ser substituída, como nos Autos do *Rol* sò condicionalmente condenados, por uma assaz benigna purificação <sup>2</sup>.

Verdade é que nesse mesmo ano de 1559 já sofreram condenação bastantes comedias de autores castelhanos. A admoestação de 1531 ou 1532, e o *Rol* do cardeal-infante frutificaram. Entre as *Eglogas* de Juan del Encina, o fundador do Teatro espanhol, foi pròibida, a de *Plácida y Victoriano* por causa do suicidio da protagonista, e da *Vigilia dessa namorada morta*, composta de *Invitatorio*, *Psalmo*, *Requiem*, *Antifona*, etc <sup>3</sup>. De Torres Naharro, o inteligente sucessor que viveu durante longos anos, e em contacto com prelados em Roma, onde Encina tambem estacionara, todas as obras contidas na *Propaladia*, e em especial a *Aquilana* e a *Jacinta* <sup>4</sup>. A *Tesorina* de Jaime de Huete, a

---

<sup>1</sup> *Auto hecho nuevamente por Gil Vicente sobre los muy altos y muy dulces amores de Amadis de Gaula con la princesa Oriana, hija del rey Lisuarte.* — Edição evidentemente avulsa. Talvez a edição-príncipe. Mas já sabemos, o leitor e eu, que a formula *nuevamente hecho* ou *novamente feito* se repete em Portugal *in infinitum*.

<sup>2</sup> A pròibição não entrou no *Index* de Antuerpia de 1570, mas sim no hispanico de 1583 (REUSCH, p. 432). De 1624 em diante passou ao *Expurgatorio* e lá se conservou até 1747.

<sup>3</sup> REUSCH, p. 233 e 434. Dessa *Egloga*, interessante debaixo de varios pontos de vista, occuparam-se ultimamente DR. EUGEN KOHLER, *Sieben Spanische Dramatische Eklogen*, vol. 27 da *Gesellschaft für Romanische Literatur* (1911), e C. M. DE VASCONCELLOS, *Nótulas sobre cantares e vilhancicos peninsulares e a respeito de Juan del Encina* (1918).

<sup>4</sup> REUSCH, p. 233: *Comedia llamada JACINTA, compuesta e impressa con una epistola familiar* (a respeito d'ela veja-se SALVÁ, n.º 1459, e MENÉNDEZ PELAYO, *Estudio preliminar*, p. LXVI). — *Ib.*, *Comedia llamada AQUILANA, hecha por Bartolomé de Torres Naharro* (cfr. p. 358, 432 e 433). — *Ib.*, 238, *Propaladia hecha por B. de T. N.* (cfr. p. 361). — O grande valor do conjunto das obras reunidas sob o título artificioso de *Primicias de Pallas* (forma derivada do grego *πρωτων Παιλαδων*), impressas em Roma em 1517, e que sem peias tinham corrido até 1559, levou naturalmente a reclamações da parte culta da nação, e em 1583 à substituição do mandado de morte, por simples expurgação (supressão de certas poesias satíricas contra Roma e do Concilio de Galanes) de que ainda tornarei a falar (p. 432 e 433). — Para a moderna reimpressão de Cañete (1880) escreveu Menéndez y Pelayo o *Estudio preliminar* que mencionei (1900), de boa critica e grande elegancia de exposição, como tudo quanto saiu da pena do grande historiador

*Tidea* de Francisco de las Natas<sup>1</sup> e as comédias de autor desconhecido intituladas *Orfea*, *Custodia*, *Josefina* e *Los enamorados* (ou *Dos enamorados*)<sup>2</sup> assim como a *Resurrección de Celestina*<sup>3</sup>. Se algumas desapareceram tão completamente como o *Fubileu*, outras sobrevivem e tiveram reedições modernas<sup>4</sup>.

---

da Literatura española, a quem Portugal muito deve.—Vid. FIDELINO DE FIGUEIREDO, *Menéndez y Pelayo e os estudos portuguezes em Revista de Historia*, VII, 1919.

<sup>1</sup> São comédias mediocres de imitadores de Torres Naharro, impressas c. de 1550, e proibidas em 1559 (REUSCH, p. 233), 1581 (*ib.*, p. 358) e 1583 (*ib.* 438 e 439). Foram reimpressas modernamente com mais algumas, como a *Vidriana*, por Urban Cronan, no vol. X dos *Bibliófilos Madrileños* como *Teatro español del siglo XVI*, segundo o exemplar unico conservado na preciosa Miscelanea de Raridades 273 da Biblioteca de Munich, descrita em 1852 por F. Wolf no opúsculo sobre *Ein Spanisches Frohnleichnams-spiel vom Todtentanz*. Ao mesmo grupo pertence a *Radiana* (de 1535) de Ag. Ortiz, editada por R. E. House (Salvá, 1337), por ter as mesmas gravuras da *Tesorina* e *Vidriana*.

<sup>2</sup> Quanto às *Farsas* (de c. 1540), citadas no *Index* de 1559, REUSCH, p. 234, e novamente em 1581 (p. 358) e 1583 (p. 434, 435 e 436), veja-se GALLARDO, numero 4483, e COTARELO, *Catálogo de obras dramáticas*, n° 15, 21 e 41. T. Braga, nos capitulos do *Teatro português* que dedicou à *Influencia do Santo Officio no Teatro português* (livro II, cap. V, isto é vol. II, p. 115-134, relativo aos *Indices* de 1564, 1581 e 1597; e livro IV, cap. III, *O Index expurgatorio* de 1624, pág. 185-210), mistura, baralha e confunde as obras verdadeiramente portuguezas com as castelhanas, italianas e latinas, produzindo assim sobre si mesmo a impressão de imensas riquezas.

<sup>3</sup> REUSCH, p. 238, 358 e 439. — No *Index* de 1581 estão registadas as *Celestinas* (todas) *assi a de Calisto e Melibea como a Resurreição ou Segunda Comedia*, etc. Ha mais uma comedia, chamada *La Santa*, impressa em Veneza em 1551, que nele se proscreeve (p. 358); e não no de 1559, como assevera COTARELO, n° 44. — Quanto a *Peregrino e Genebra* (p. 338 e 365), que foi registada como comedia por COTARELO (n° 59, com a data 1543), é tradução de uma novela italiana de Jacopo Caviceo. Em 1581 (p. 358), acrescentou-se ainda à lista das comédias reprovadas uma Nota geral a respeito de *Comedias, tragedias, farsas, autos, onde entram por figuras pessoas ecclesiasticas e se representa algum sacramento ou acto sacramental ou se reprende e pragueja das pessoas que frequentão os sacramentos e os templos, ou se faz injuria a alguma ordem ou estado aprovado pola Igreja*. Ela é repetida em redacção castelhana mais breve no *Index* de 1583 (p. 433).

<sup>4</sup> Indiquei nas quatro notas precedentes as principaes edições modernas de Autos proscritos pela Inquisição. — Claro que ha outros, importantes para a Historia do Teatro, que, sem serem postos no *Index*, se tornaram raríssimos, ou se perderam de todo pelo motivo exposto logo em 1852 lucidamente por F. Wolf, e repetido pelo editor da *Radiana*: «Es liegt in der Natur der Sache

Com relação a Gil Vicente seja dito que, apesar da catástrofe de Bruxelas, ele não perdeu as boas graças de D. João III. Depois do *Auto de Lusitania* deu ainda várias provas do seu talento, na *Romagem dos Agravados*, em que os clérigos palacianos são ironizados com franca alegria na figura engraçada de Frei Paço; nos *Misterios da Virgem*, a que o vulgo deu o título de *Mofina Mendes*; e no último fruto saboroso, a *Floresta dos enganos*, representada em honra do príncipezinho D. Manuel, em 1536.

A data é significativa.

Quanto ao conselho, então dado pelo monarca ao seu poeta, que já em 1531 se dissera *vizinho da morte*, de coleccionar e preparar para a impressão as suas obras, bem pode ser influísse nele verdadeira simpatia, e o desejo de o poupar a ultteriores censuras e admoestações que forçosamente devia prever quem, hesitando embora, preparando de longa data a entrada do Santo Ofício, a erecção do Tribunal da Fé, conseguira afinal «aquilo para que tantos individuos por tanto tempo haviam lidado» sem se importarem com as garantias de segurança que em 1507 tinham sido outorgadas até 1534 aos detestados judeus.

Deixando incompleta a *Copilação* das suas obras faleceu Gil Vicente, antes de 9 de abril de 1540.

Nas mãos dos herdeiros, Paula e Luis, é que o cartapacio grande, em que as reunira, ficou durante vinte anos, por motivos que só podemos adivinhar, até ambos solicitarem e obterem em 1561 privilégio por dez anos. Os deputados da Inquisição, encarregados então de rever

---

dass solche für das Volk geschriebene und von dem Volk dargestelle Stücke von geringerem Umfang gleich den fliegenden Blättern durch Verbrauch und Nichtbeachtung dem Verderben preisgegeben sich in nur sehr geringer Anzahl erhalten haben.» Também de várias dessas ha edições modernas. A mais valiosa colecção é a do afamado Manuscrito grande da Biblioteca Nacional de Madrid (M. 273), conhecido como *Códice de los autos viejos*, com 96 *Autos, Farsas y Coloquios del siglo XVI*, publicada por Léo Rouanet em 1901. Citarei ainda como particularmente interessante para os que se ocupam de Gil Vicente, e os poetas menores da sua escola, a *Farça a manera de tragedia* (de 1537) reimpressa por Hugo Rennert (1911); assim como a *Farsa llamada Salamantina*, cuja publicação devemos a A. Morel-Fatio (1900); a *Farsa Ardamisa*, na ed. Rouanet (1900); e a *Comedia a lo pastoril para la noche de Navidad*, tirada de um manuscrito da Biblioteca Nacional por Wickersham Crawford (1911), preciosa por uma serie de notas relativas ao modo como ela foi representada na Igreja.



os textos, para João Alvares, tipografo regio na Universidade de Coimbra, os imprimir, não se importaram com as ordenações de 1551 e 1559. Os diabos ficaram na *Lusitania*; as matinas no *Clerigo da Beira*; os excessos de linguagem adulatora, no *D. Duardos* e no *Amadis*; o *Auto dos Fisicos* não foi riscado. Sòmente as tres comedias radicalmente destruidas entre 1531 e 1551 não tornaram a reaparecer <sup>1</sup>. Causa dessa singular benignidade seria a protecção que a infanta D<sup>a</sup> Maria e a rainha D<sup>a</sup> Caterina dispensavam a Paula Vicente, a predilecção que o pequenino D. Sebastião tinha pelas comedias e farsas do Mestre; e *last not least* os favores que o rei D. João, falecido de ha poucos anos, e antes dele D. Manuel e a rainha D<sup>a</sup> Leonor haviam concedido ao poeta.

O aparecimento do *Index* tridentino, de Roma 1564, modificou todavia o procedimento das Mesas Censorias em todos os paises catholicos <sup>2</sup>. Ao elaborar o *Index* portuguez de 1581, Frei Bartolomeu Ferreira, que o acompanhou das *Regras explicativas*, tornado em geral mais severo, continuou todavia a ter considerações com o poeta portuguez, protelando a purificação das suas obras, embora a declarasse necessária: *das obras de Gil Vicente que andam juntas em um corpo se ha de riscar o prólogo* (seguramente por dele se deduzir qual o agrado com que os reis haviam aplaudido essas obras) *até que se proveja na emenda dos seus Autos que tem necessidade de muita censura e reformação* <sup>3</sup>. — No *Index* hispano de 1583 (Quiroga), acompanhado tambem

---

<sup>1</sup> Quanto à farsa mui fermosa da *Caça dos Segredos*, que o proprio Gil Vicente afirma ter tido entre os dedos (em 1518, ou pouco depois de 1518) e parece destinava ao conde de Vimioso (ed. Hamburgo, III, p. 381-383), ignora-se em absoluto, se a terminou, ou que foi feito dela. — Vid. *Gil Vicente, trovador*, p. 90-92 e 517. — Com relação a Gonçalo Ayora, seja lembrado apenas que Herculano o mencionou na *Hist. Inq.* (vol. I, p. 193 da ed. de 1864), louvando-se em LLORENTE, *Hist. Inq.*, I, p. 345 e seg.

<sup>2</sup> Do mesmo ano de 1564 (segundo BRITO ARANHA, *Dicc. Bibl.*, vol. X, p. 388), datada de outubro, é outra lista portuguesa, mandada fazer pelo Cardeal-Infante com as *Regras do Rol geral que veio do Sancto Concilio*. — Reusch ignora a existencia desse impresso de 1564. E eu não o tive à mão. Por informações, que parecem exactas, sei que o que nele se pròibe de novo é a *Ulysiço (que alguém a tenha, sem licença de quem tiver o carrego dos livros)* e o *Tesouro dos Autos espanhoes*, collecção que não sei identificar.

<sup>3</sup> REUSCH, p. 361.

das *Regras*, repete-se apenas, com relação a Portugal e seu Gil Vicente, o que se ordenara em 1559, só com os pequeninos acrescentos a que me referi.

Em 1585 o trabalho de expurgação, preanunciado, estava pronto. O *Prologo* de Luis Vicente a D. Sebastião; a *Carta-dedicatoria* do próprio Gil a D. João III; a *Carta*, ao mesmo, a respeito do terremoto de 1531, esse belíssimo e audacíssimo Auto do Mestre, em defesa dos judeus de Santarem; o *Sermão* que o leigo pregara em Abrantes, e mais outros tres Autos foram suprimidos em globo; e dentro dos aprovados em tese as supressões e alterações de trechos são infinitas<sup>1</sup>; e infinitas tambem as substituições de vocabulos<sup>2</sup>.

Salvo erro, não existe dramaturgo quinhentista que sem ser *auctor damnatus*, irritasse mais ou tanto como Gil Vicente os qualificadores com as suas invectivas e liberdades e graças cómicas!

Os de 1624, capitaneados pelo inquisidor-mor D. Fernão Martins Mascarenhas, e seu lugar-tenente, o P. Baltasar Alvares<sup>3</sup>, que já caracterizei como purificador dos purificadores, ainda acharam, depois da barrela de 1585, numerosas manchas na roupagem do poeta e ain-

---

<sup>1</sup> O estudioso pode ver hoje com facilidade os resultados da censura exercida pela Inquisição a respeito de Gil Vicente, entre 1581 e 1586, sem o trabalho fatigante e demorado que eu tive em Lisboa, no Porto e em Goettingen, fazendo aos bocados a colação da primeira e da segunda edição das *Obras*. Basta-lhe abrir o *Gil Vicente, trovador*, e percorrer com atenção as paginas 303 a 355. O serviço que o excelente e generoso trabalhador prestou a todos os hispanofilos é realmente grande; inapreciavel para quem como eu trata da edição critica de obras vicentinas.

<sup>2</sup> Dou tres exemplos: *beleza* por *divindade*; *rainha* por *deusa*; *presidente* por *rei*, com relação a *gentios*. Como se todos os *reis* fossem *crístãos*, e *pagãos* todos os *presidentes*! Creio que já o disse no texto.

<sup>3</sup> *Baltasar Alvarez* (*Alves* nas obras de T. Braga, que lhe atribue os rigores meticulosos desse *Index*, p. ex., no vol. II, p. 186, 188 y 209) assina um breve Epilogo, como encarregado da Inquisição e membro da S. J. — Eis esse *Testimonium de hac nova e fida editione Catalogi: Baltasar Alvarez, e Societate Jesu, Doctor Theologus, generalisque per Lusitaniam Inquisitionis Censor, cui Indicem hunc conficiendi, cum reliquo Censorum Collegio cura demandata est, ab Illustrissimo Domino clarissimoque ac Generali Inquisitore D. Fern. Martins Mascarenhas, fidem facio editionem hanc (praeter superiora et pauca leviora errata) cum suo authographo (sic) manuscripto apprime convenire. — Olyssipone, anno 1624. — Baltasar Alvarez,*

da cortaram diversos autos. O interessado encontra a lista no grosso *Index auctorum damnatae memoriae* (p. 625-626)<sup>1</sup>, mas também *in nuce* na obra de Braamcamp-Freire<sup>2</sup>. Acompanhando o processo até 1747, esse benemérito expõe finalmente num resumo geral, como entre os quarenta e quatro dramas (contando os perdidos) *quatorze* foram achados indignos de aprovação, e além deles varias obras miudas<sup>3</sup>.

\*  
\* \*

É o que me importava estabelecer. Porque só assim posso fundadamente repetir o que já deixei dito em 1912. Não imagino o artista, de extracção popular, feito aulico, soltando arrancos de revolta herética na côrte de D. João III e D<sup>a</sup> Caterina, onde dois dos infantes eram prelados, o próprio rei teria gostado de ser inquisidor e o cardeal-infante D. Henrique chegou a sê-lo ainda em vida do poeta. Nunca o arvorei em «precursor de Erasmo»<sup>4</sup>. Mas continuo a descobrir nele, além do seu grande talento de escritor, tendências críticas congenias às do humanista de Rotterdam, que nos deu o *Elogio da loucura* e os *Adágios*; e reflexos de alguns dos aspectos da luta de ideias que originou a Reforma, e conduziu à Contra-reforma da Inquisição, do Jesuitismo e do Concilio tridentino.

Sem alvo dogmático, sem tendencia ou intenção heterodoxa sobretudo, o poeta estava convencido, como tantos outros bons pensadores, não só do Centro e Norte da Europa, mas também das duas Peninsulas hespericas, da necessidade de uma reforma das almas e das mentalidades; tanto em fé como em costumes, e tanto dos leigos como do clero todo: cabeça e membros. Reforma dentro da Igreja.

Por isso podemos chamá-lo *erasmista*, com o mesmo direito com que o autor dos *Heterodoxos españoles*, ortodoxíssimo católico, como é

---

<sup>1</sup> O compacto volume consta de 1047 paginas in-folio pequeno.

<sup>2</sup> BRAAMCAMP, p. 351-354.

<sup>3</sup> A respeito de Gil Vicente e seus sucessores não ha nada novo no *Index* de 1597 (desatendido por Reusch, como o de 1564).

<sup>4</sup> A vida de Gil Vicente estende-se de c. 1465 até depois de 1536, e a de Erasmo de 1467 a 1536. Eram portanto coetaneos. Mas o precoce, eruditissimo e argutissimo humanista de Rotterdam ja gozava de fama europeia quando o poeta comico ainda não havia revelado os seus talentos.

sabido, deu esse título, p. ex., a Torres Naharro, poeta cómico-dramático como Gil Vicente<sup>1</sup>, culto, moralizador, e austero; e dedicou na obra indicada, primeiro dois capítulos inteiros aos «Erasmistas espanhoes», separando-os dos que chegaram a ser protestantes e luteranos; e depois, outro capítulo ao «Erasmismo em Portugal», cujas figuras principaes, perseguidas, são Gil Vicente e Damião de Goes<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Convido o historiador da *Igreja em Portugal* e todos quantos duvidam da justiça com que chamo erasmista a Gil Vicente, a relêrem o *Estudio preliminar* de Pelayo e a *Propaladia* de Torres Naharro; mas sobretudo os capitulos dos *Heterodoxos españoles*, relativos aos *Erasmistas espanhoes* e o *Erasmismo em Portugal*. O poeta estremenho, mais homem de teatro, mas menos poeta que Gil Vicente, persona grata na côrte de Leão X, de quem teve privilegio, mostrou-se tão erasmista que foi posto no *Index*, como o leitor viu. Cheio de repugnância contra as desordens e escândalos que presenciara em Roma, nas casas de prelados e na curia, mas sobretudo contra a simonia e o trafico de perdões, intercalou nas suas obras *irreverentes erasmismos*, tão audazes como os de Gil Vicente. Sobretudo o capítulo III, *¿Qué cosa es Roma?*, está cheio deles, a ponto tal que um sabio alemão disse a esse respeito o que Aleandro dissera do *Jubileu de amor*: *Hätte Luther dies geschrieben, so würde man sich nicht darüber wundern*: «Se Luthero fosse autor dessas frases, ninguém o estranharia».

Eis alguns trechos :

purgatorio de bondad,  
infierno de caridad,  
paraíso de luxuria  
.....  
do quien vive sin matar  
parece que hace harto.  
.....  
pues los pecados mortales  
son tenido principales  
obras de misericordia.  
.....  
nuestra Roma un gran jardín  
de muchas frutas poblado;  
son las flores de jazmín  
*blasfemar* por un cuatrin,  
*renegar* por un cornado.  
.....  
hacen de Dios tal estima,  
que les pasan por encima  
a mil cuentos de indulgencias.  
.....  
basta... que en Roma, a mi ver,  
no queda mal por hacer  
ni bien que venga en efecto.

<sup>2</sup> *Heterodoxos*, vol. II, libro IV, cap. II.—A Gil Vicente, coloca-o nos Preludios do Erasmismo (o que não equivale a fazer dele «um precursor de Erasmo»).

## A CENSURA INQUISITORIAL E AS FOLHAS-VOLANTES

Da figura realmente grande, extraordinaria, do iniciador passo aos sucessores. Do mestre, aos discipulos que, infelizmente, foram meros imitadores, longe de serem verdadeiros continuadores que, melhorando a primitiva tecnica rudimentar, separando e acrisolando os elementos heterogeneos que nos autos de Gil Vicente estavam muita vez misturados, os desenvolvessem em linha ascendente. Imobilizaram as formas, cultivando apenas uma das mais singelas: o quadro de costumes num só acto, sem divisão scenica, em que pouco se passa <sup>1</sup>. Reduziram a linguagem tão variada, as linguagens diversas dos personagens dramaticos vicentinos, ao falar comesinho do vulgo <sup>2</sup>, apimentado abundantemente com a graça plebeia, os chistes grosseiros, as chalaças picantes, numa palavra o «despejo de lingua» que caracteriza a conversa pitoresca daqueles populares portuguezes que tem o dom ou condão do verbo. Os metros tambem variegados do dramaturgo, tanto quanto o estado das literaturas peninsulares o admitia antes da vinda de Navagiero a Espanha e a ida de Sá de Miranda a Italia <sup>3</sup>, resumi-

---

<sup>1</sup> *Praticamente* não ha divisão de scenas em nenhum auto primitivo. Mas, quanto à *teoria*, sim. Em Gil Vicente temos, além disso, a trilogia das *Barcas*; duas partes da *Inês Pereira*; tres scenas na *Rubena*; duas no *Triunfo do Verão e do Inverno*, etc.

<sup>2</sup> Gil Vicente empregou o *sermo nobilis* dos portuguezes de 1500; o *sermo rusticus*; ambas as categorias do espanhol; de vez em quando um pouco de italiano e francês mascavado; o portuguez dos negros da Guiné; o andaluz das ciganas; e a miude intercalava nos seus Autos trechos em latim.

<sup>3</sup> Utilizava todos os metros da escola velha: o longo, de doze silabas, chamado de arte maior, em oitavas simples (abbacddc). A mesma oitava repartida em duas metades interrompidas por um pé quebrado, segundo o sistema feliz de Torres Naharro; o metro curto das *Coplas* de Jorge Manrique; a redondilha maior e menor em todas as suas variações; e nos intermezzos liricos cantados e dansados, uma infinidade de formas arcaicas da primeira epoca da literatura nacional. A *poetica de Gil Vicente* podia ser assunto para uma tese de doutoramento na Secção de Filologia romanica de uma das tres Universidades portuguezas.

ram-n'os tambem num só: a redondilha maior ou menor, de sete ou cinco sílabas, em quadras ou estrofes de cinco a onze versos; sobretudo quintilhas e decimas, metro belo e verdadeiramente nacional, mas monótono, e contraproduzente quando aplicado a todos os estilos e estados de alma.

Desse modo foram afundando o auto na insignificancia, e no anonimado da literatura *vulgar*. Fidelino de Figueiredo emprega o termo *popular* <sup>1</sup>; eu prefiro chamá-la *literatura de cordel*, baseando-me no seu feito nada artístico, nada belestrístico, e no facto de diversos autos dos sucessores do cego da Madeira, do mulato de Evora, do anonimo do *Dia do Juizo*, etc., fazerem parte ainda hoje das *Livrarias do Povo*, constituídas por folhas-volantes, sem capa, nem mesmo cosidas, que colportadores de materia impressa expõem sobre cordelinhos nas esquinas de praças, por onde passa o vulgo; e de vez em quando são inscenados em teatrinhos improvisados de aldeia por gente do povo <sup>2</sup>.

Quem alguma vez se occupou da escola de Gil Vicente, estudando a *Historia do Teatro português* de T. Braga, quer na redacção meritoria de 1870, quer na refeita de 1898 (refeita quanto à materia noticiosa, não quanto ao espirito) creio sairá da leitura do volume segundo com uma impressão desoladora, embora lealmente se esforçasse a interessar-se pelas minucias bibliograficas, etnograficas, folkloricas, paremiologicas que o ilustram, e tambem pela guerra constante feita à Inquisição e aos sectarios de Loyola.

---

<sup>1</sup> Leiam na *Historia da Literatura clássica* (p. 105-108) as paginas muito concisas e sensatas que o autor dedicou à *Escola de Gil Vicente*.

<sup>2</sup> Vi tal exposição aqui no Porto, na esquina da Universidade, que olha para o mercado do Anjo, e assisti a uma inscenação do *Auto de Santo Antonio*, na povoação de Corvo (Arcozelo). — Na Livraria do Povo, tambem desta cidade (antigamente de Cruz-Coutinho, agora Lello & Irmão), reimprimem-se constantemente, p. ex., o *Auto de Santo Aleixo*, de Baltasar Diaz; o *Auto de Santa Bárbara*, de Afonso Alvarez (transformado de ha muito pela ignorancia e descuido dos impressores em Alfonso Rodrigues); o *Auto da Paixão*, de Francisco Vaz de Guimarães; o *Dia do Juizo*, etc. Entre os textos profanos, o *Marquês de Mantua*, a *Emperatriz Porcina*, etc. De passagem seja dito que os primeiros opusculos vulgares, não-dramaticos, que deram na vista dos qualificadores das leituras, foram a *Donzela Teodor* (1624) e *Roberto o Diabo* (1581). Tempo seria de se reformar com tino essa biblioteca amena, para poder rivalizar com as scientificas que se oferecem ao povo.

De ensaios especiaes, artisticos, como a introdução ao *Auto da natural invenção*, escrita com admiravel e simpatica compreensão da alma e musa vulgar, ou como a de Alberto Pimentel ou Esteves Pereira, levarão algo do perfume agreste de alfazema e macela de áridas charnecas soalheiras, graças à habilidade da exposição, mas não ideias substancias que proviessen dos textos publicados.

A rica sementeira do Mestre não produziu senão frutos de fraco sabor.

Valor ético e estético, sopros de arte, que a escolha de um assunto elevado exhala, profundeza de pensamento, verdadeira religiosidade, quer ingenua e inata, quer adquirida à força de reflexão e experiencias dolorosas, fantasia creadora, poesia que, brotando da alma, prende almas, lirismo ingenito, veemencia dramatica, graciosa vivacidade no dizer ¿onde a ha nas obras de Sebastião Pires, João de Escovar, Antonio de Lisboa? Qual delas faz chorar? E mesmo qual delas provoca um riso franco e benefico, logo que não possa ser inextinguivel como o dos deuses felizes de Homero? Qual é entre os autos de devoção o que se possa comparar ao *Auto da alma*, tão cheio de comoção, apesar da complicação e das hesitações da fraseologia? *A Historia de Deus*? *A trilogia das Barcas*? Onde está a Farsa de folgar que iguale a *Inês Pereira em vis comica*? onde uma prosa viril como a da *Carta* sobre os judeus de Santarem? Quem soube imitar a retorica excessiva sim, mas elevada, e o cavalheirismo do romantico *D. Duardos*? Quem então hinos à Natureza, como os de Gil Vicente no *Triunfo do Inverno*? Quem foi capaz de encantar os palacianos com musicas da sua própria lavra? Nem mesmo souberam escolher entre as que o povo cantava naquele tempo do rei felicíssimo quando em Portugal havia

em cada casa pandeiro,  
e gaita em cada palheiro,  
a cada porta um *terreiro*,  
cada aldeia, dez folias,  
cada casa, atabaqueiro?

Nos tres a quatro decenios em que o reino e as suas possessões ultramarinas começavam a decair rapidamente, os fazedores de autos não arrancavam aos seus instrumentos sons de jovialidade veranil. Sons lamurientos, carregados de fadiga, isso sim. O próprio Gil Vicente co-

meçava a queixar-se dessa mudança <sup>1</sup>, *porque soa a melodia—tal qual fica o coração*. Autos

de estilo mui eloquente,  
de mui novas invenções,

só ele os produzira. Os outros viviam, como muito bem disse o Soropita perto de 1590, das varreduras do Mestre; repetiam, amortecidas, as toadas dele. Por isso não entusiasmavam, não inspiravam ninguém, como o criador da *Barca do Inferno* havia sugerido as *Cortes de la Muerte*, a *Tragicomedia alegorica del Infierno y del Paraíso*, o *Viaje del alma* de Lope de Vega; a *Historia de Deus*, a *Victoria Christi* de Bartolomeu Palau; a *Comedia do viuvo*, o primeiro acto da *Radiana* de Agostinho Ortiz <sup>2</sup>. Ninguém os reimprimiu ou representou lá fora. Ninguém os traduziu para castelhano, francês, inglês, alemão. Ninguém os torna a ler depois de os haver explorado uma vez. E em vida deles, ninguém tomou a serio as suas ideias, e preocupou-se com elas, como Aleandro, o cardeal-infante, Bartolomeu Ferreira com as de Gil Vicente, cujo influxo receavam.

Mas deixemos o confronto entre o Mestre e os discípulos para o fim. Vejamos primeiro qual foi o procedimento da censura inquisitorial para com os fazedores de autos, depois de 1540, afim de apurar se ela tem realmente as culpas da decadencia precipitada do teatro nacional; se destruiu enormes valores, o que a raça tinha produzido de melhor; se o repertorio de mil e quinhentos era imenso, e o drama, o genero caracteristico da literatura portuguesa, como T. Braga afirma com veemencia e repetidas vezes.

Pelo que fica dito, o leitor sabe a minha opinião. Mas preciso documentá-la.

\*  
\* \*

Importa sabermos se as folhas-volantes, baratinhas, taxadas em oito ou dez reis, ou pouco mais, estavam sujeitas à censura, como a restante

---

<sup>1</sup> O *Triunfo do Inverno* foi representado em Abril de 1529 (BRAAMCAMP, p. 192).

<sup>2</sup> R. E. House, que publicou essa comedia em 1910 (Chicago), diz textualmente, comparando certo trecho dos lamentos dos Viuvos: «While there is but little verbal similarity between the two passages their extreme likeness in other respects makes it seem improbable that they are of independent origin.»



materia impressa, quer espalhassem cartilhas e orações, quer romances, coplas e trovas, quer eglogas, quer autos novamente feitos. Em teoria parece que sim, uma vez que sem aprovação dos qualificadores, nenhuma obra havia de alcançar a luz da publicidade. Mas na praxe, comodista, conforme ensina o proverbio *Minima não curat praetor*, parece que as deixavam correr livremente, com indiferença ou desprezo <sup>1</sup>. A costumeira dos primeiros tres a quatro decenios do seculo, em que havia autos (privilegiados por D. Manuel), mas ainda não havia censura official, apenas provisões especiaes em casos extraordinarios como o do *Fubileu de amor*, continuou provavelmente inalterada até 1580. Só certos autores solicitaram e obtiveram *privilegio real*, que com restrição os obrigava a procurar o *visto*, antes de 1539, de um determinado teólogo; depois dessa data, do censor official.

Baltasar Dias, já o sabemos, obteve em 1537, de D. João III, privilegio para obras que publicara e outras que tencionava imprimir. E pelo teor do respectivo alvará ficava obrigado a apresentar as que fossem de devoção ao exame de Mestre Pedro Margalho, *se ele fizer algu-*

---

<sup>1</sup> A respeito das maneiras muito variadas como em Portugal se procedia na proibição e condenação de livros, e desigualdades nos processos de revisão, ainda não conheço livro que satisfaça; nem mesmo a *Deducção cronologica e analitica*. Tão pouco quanto às edições que o *Index* teve. — Notas soltas encontram-se, conforme já deixei dito, no *Dicc. Bibl.*, de INOCENCIO DA SILVA e BRITO ARANHA (vol. III, 219, e X, 385 seg.); no *Catalogo*, de NEPOMUCENO (n.º 882-886); SOUSA VITERBO, *Frei Bartolomeu Ferreira* (p. 1-5). Com relação somente ao Plauto português em BRAAMCAMP FREIRE, p. 303-355; C. M. DE VASCONCELLOS, *Notas Vicentinas*, I, § 16-26 e anotações respectivas. Quanto a Espanha, MENÉNDEZ Y PELAYO, *Heterodoxos españoles*, vol. II, p. 618-676 (epílogo), e *Estudio preliminar*, p. LXXIII-LXXIX e CXXVII; CEJADOR, *Historia de la Literatura castellana*, II, p. 184 (& 134). — No livro de Reusch estão reproduzidos, entre muitos outros, o *Index de Roma* (1559), o *Tridentino* (1564), tres hispanicos (1554, 1559, 1583), e o português de 1581. — O milionario Huntington, fundador da *Hispanic Society*, publicou facsimilados os de Valdés 1551, Valladolid 1551 e Toledo 1559. Vide *Catalogue of publications*, n.º 17, 19-20. — Os que me faltaram, são os portugueses de 1564 e 1597. Pessoalmente só possuo o de 1624, de importancia especial para a *Escola de Gil Vicente*. — O trabalho de que todos carecemos, é um estudo de larga exposição e orientação tanto sobre as ideias e doutrinas, formulas, locuções, palavras que a Igreja considerava, no seculo XVI, suspeitosas e malsoantes; com listas alfabeticas de nomes de autores e titulos de obras, em que as formas erradas estejam distinguidas das restauradas, e as latinizadas das vernaculas.

mas obras que toquem em cousa de nossa sancta fé<sup>1</sup>. Das profanas todavia nada se diz. Não estaria portanto obrigado a submetê-las à critica. E no principio não o fez, aparentemente. Por isso mesmo aconteceu-lhe que uns versos que fizera (em castelhano?) — uma glosa a um romance muito famoso, de assunto tragicamente novelesco (o do *Conde Alarcos*, tratado em drama por Lope de Vega, Guillen de Castro e Mira de Mescua) desagradasse quer ao cardeal-infante e seu lugar tenente, Frei Jeronimo de Azambuja, quer aos inquisidores do país vizinho. O caso é que foi pròibido. E desapareceu<sup>2</sup>.

Como não se conservasse nenhum dos autos de devoção desse Baltasar em impressão do seculo XVI, a não ser o nosso exemplar de Madrid do *Auto do Nascimento*, precioso por não ser mutilado, e como esse venha marcado com a clausula *com privilegio real*, mas não com a *licença* dos inquisidores, e como com os autos, muito profanos, do Chiado se dê o mesmo caso (quanto aos exemplares que existem entre os Raros da Biblioteca Nacional de Lisboa, anteriores a 1560) não ficamos mais adeantados nas nossas investigações. Nem sei dizer por que motivo carecem da licença eclesiastica dezoito entre os nossos autos, e só o de *Florença* appareça *com licença impresso*.

Por extenso, claro que nem o privilegio regio, nem a licença inquisitorial cabia no espaço restricto das folhas-volantes. Reduzido a poucas linhas, ou à mera formula das tres palavras que acabo de citar, cabia, e coube vezes sem conto, tanto em impressões portuguezas, des-

---

<sup>1</sup> DESLANDES, *Documentos para a Historia da Typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, vol. II, p. 3.

<sup>2</sup> A pròibição a que aludo, realizou-se em 1559. Vid. REUSCH, p. 234 : *Glosa nuevamente hecha por Baltasar Diaz con el romance que dize : Retrayda está la Infanta*. Não foi repetida nem em 1581 nem em 1583, mas sim em 1591 no *Index* de Roma : *quocumque idiomate* (!). E renovada em 1624 (p. 98). — Que eu saiba, não subsiste exemplar algum do folheto que, quando muito, seria de dezaseis paginas, comquanto o texto glosado, se era como julgo o de Pedro de Riaño : *Retrayda está la Infanta — bien así como solia*, seja extenso (de 234 versos longos, glosados em outras tantas decimas). Vid. DURÁN, *Romancero*, n° 365; GALLARDO, 3603. — Muito popular em Portugal, esse romance velho foi citado por Prestes no *Desembargador* (p. 230), por Ferreira de Vasconcellos na *Ulysipo* (f. 256), etc. — Na *Escola de Gil Vicente*, T. Braga omitiu a *Glosa* na *Bibliografia*, por mero descuido, visto que a citara no *Romanceiro* (III, p. 466) e tambem no *Povo portugúés*.

de que Frei Bartolomeu Ferreira trasladara em 1581 as *Regras* do Concilio tridentino <sup>1</sup>, como igualmente em pliegos sueltos castelhanos.

Até em forma mais explicita, com inuteis repetições, como no seguinte caso em que *Sto. Eloy e 10 de Junho* ocorrem duas vezes, e por duas pessoas diversas se permite a impressão <sup>2</sup>.

*Sto. Eloy a 10 de Julho.*

pode-se imprimir. — Fr. Franco Guerreiro.

pode-se imprimir. — Lisboa em Sto. Eloi.

a 10 de Julho de 1619. — Vicente da Ressurreição <sup>3</sup>.

Não ha que duvidar — desenvolvendo-se vagarosamente, como tudo quanto se refere à Inquisição em Portugal —, os requerimentos de licença, rarissimos no decenio quarto, raros no quinto e sexto, foram multiplicando-se de 1564 em diante, e sobretudo depois de 1581. E na Mesa Censoria haviam de ver com desagrado a falta de delicadeza e o falar solto com arrenegos e orações livianas, que os distinguiu, mas sobretudo os erros contra as *Regras* relativas a pessoas eclesiasticas, figuras biblicas, actos sacramentaes, assim como as graças e zombarias sobre coisas sagradas. Já ficou dito que em primeiro lugar purificaram as obras de Gil Vicente, em 1585, amplamente, mas ainda não tão incisivamente que não lhe encontrassem defeitos em 1624. No grosso *Expurgatorio* acabado nesse ano, e que traz *Regras* acrescentadas às do *Catalogo universal* de Roma, mas cuja preparação levava seguramente bastante tempo, e só nesse, assinado pelo jesuita do *Colegio dos Censores* Padre Baltasar Alvares, como *Praeses*, é que a *Escola de Gil Vicente* sai castigada de modo tal que não semelha demasiado falar de *sanha*.

São os autores principaes da Escola Vicentina (com excepção da

---

<sup>1</sup> Abramos o *Catálogo* do Conde de Sabugosa para exemplificar, e encontramos a p. 105 quatro autos impressos *com licença* durante o periodo indicado: *Santa Bárbara*, 1591; *Santo Antonio*, 1598; *Santiago*, 1598; *Santa Caterina*, 1592. Na edição de 1560 da *Eufrosina*, ha na formula final a explicação seguinte: *Com privilegio Real que nenhũa pessoa a possa imprimir, nem vender, nem trazer doutra parte impressa, sob as penas conteudas no Privilegio*.

<sup>2</sup> No *Catálogo* de Salvá temos pliegos sueltos *Con licencia*; p. ex., em numero 2 (1590); n° 26 (1603); n° 71 (1607); n° 95 (1606); n° 113; n° 115, etc.

<sup>3</sup> P. ex., no *Auto do Juizo* de 1623. — No *Auto de Moralidade*, impresso por Antonio Alvares, ha no fim *Laus Deo*. — *Visto pelo D. Forge Cabral*. — *Vista a conferencia pode correr*. — *Em Lisboa, Gaspar Teixeira*. — *Francisco Barreto*.

figura excelsa de Luis de Camões)<sup>1</sup>, desde os mais antigos como *Baltasar Dias*, *Afonso Alvares*, e o anónimo do *Dia do Juízo*, o *Chiado*, *Sebastião Pires*, *João de Escovar*, *Antonio de Lisboa*, aos do ultimo quartel do seculo, como *Francisco Vaz de Guimarães*, os autores do *Bras Quadrado*, *Duque de Florença*, *D. André*, *D. Luis e os Turcos*<sup>2</sup>, e outros.

A Parte I do *Index* de 1624 é reprodução do *Indice* tridentino. Na Parte II, pròbitoria de obras portuguezas, *pro regnis Lusitaniae qui omnino, vel ad expurgationem usque prohibentur*, registam-se as obras em romance vulgar (em portuguez, e por excepção em castelhano) de autores conhecidos, alfabeticamente.

De Afonso Alvares, o seu *Auto de Santo Antonio* (1). — Item o de *S. Vicente* (2). — Item o de *Santa Barbora* (3), não se emendando como se faz no *Expurgatorio* (sc. a p. 92).

Nesse, que constitue a Parte III, manda o censor, em nome do Colegio, riscar *indicações* scenicas relativas a actos sacramentaes, como o batismo da Santa (compreendo que risca os próprios actos). Além disso suprime o arrenego popular *Pesar de São Sadornino*. E oito vezes a seguir substitue o titulo de *rei* e o de *pontifice*, relativo a gentios, pelo de *presidente*, teoria de onde os chalaceiros podem tirar a certeza que *reis* e *pontifices* sempre foram, são e serão cristãos, e todos os *presidentes* são gentios<sup>3</sup>.

De Antonio de Lisboa pròibe-se o *Auto de dous ladrões* (4), não se emendando o que no *Expurgatorio* se nota. Isto é, tres ditos assaz rudes e ingenuamente amoraes.

De Antonio Ribeiro, o *Chiado*, pròibem-se em globo algumas obritas não-dramaticas, como a *Petição ao Commissario* e a *Regra geral de S. Francisco*. Entre os autos visa-se apenas o *da Natural Invenção* (5)

---

<sup>1</sup> Anrique López, Jeronimo Ribeiro, Jorge Pinto, e sobretudo Antonio Prestes.

<sup>2</sup> Foi exactamente a necessidade de emendar os textos redigidos antes de 1564, que conduziu a numerosas reimpressões no periodo que decorre de 1580 a 1640. Mas de aí à afirmação que houve uma fecunda actividade dramatica nessa epoca (T. BRAGA, p. 210), actividade productiva, bem se vê, parece-me que ha uma distancia grande.

<sup>3</sup> Ponho de banda um passo relativo aos poetas classicos Sá de Miranda e Antonio Ferreira, de cujas comedias se riscam no *Expurgatorio* scenas inteiras (de beatas, p. ex.) e diversos trechos,

e dentro dele cortam-se cinco versos (681 a 685) do vilão Pero Gil a Gonçalo Bras, de sem-ceremonia rustica <sup>1</sup>.

Entre os autores anônimos (da classe terceira) é que ha a famosa lista de uma «infinitude de autos»! Na realidade são dezaseis (ou antes quinze, porque o ultimo não é drama, mas antes narrativa). E entre esses quinze ha cinco dos sete autos de Gil Vicente pròibidos quer em globo e destruidos (6, 7, 17) quer apenas condicionalmente (16, 18) <sup>2</sup>.

6. *Auto da Adherencia do Paço.*

7. *Item da Vida do Paço.*

8. *Auto de Bras Quadrado*, não se emendando como se nota no *Expurgatorio* (p. 268).

9. *Auto dos Cativos, chamado de Dom Luys e dos Turcos.*

10. *Auto de como o estudante Cristoval de Bivar* livrou a seu pai cativo; se permite tirando-se a ultima pagina que tem por titulo *Letrilla en endechas muy graciosa.*

11. *Auto de Dom Andre*, não se riscando o que se manda no *Expurgatorio* (p. 268).

12. *Auto do Duque de Florença.*

13. *Auto de Deos Padre, Justiça & Misericordia.*

14. *Auto do Dia do Fuizo*, não se emendando o que se aponta no *Expurgatorio* (p. 268).

15. *Auto dos ðous compadres*, não se emendando, etc.

16. *Auto dos Físicos* (p. 126 e 625) <sup>3</sup>.

17. *Auto do Jubileu de Amores.*

18. *Auto de Lusitania* (com os diabos).

19. *Auto da Farsa Penada*, impresso por Antonio Alvares, ano de 1606, sem nome de lugar, ou qualquer outra impressão que seja.

---

<sup>1</sup> No fim desse paragrafo s. v. *Auto* o leitor é remetido aos nomes de Baltasar Dias..., Francisco Vaz de Guimarães..., Gil Vicente..., Joam de Escovar. Mas esse ultimo, procurei-o de balde no *Expurgatorio*.

<sup>2</sup> *D. Duardos e Pedreanas* caíram em esquecimento! Só aqui. No *Expurgatorio* (p. 25) tornam a aparecer.

<sup>3</sup> Depois do *Auto dos Físicos*, vem a menção de um auto entitulado *Obra útil de los mandamientos*, em Salamanca, 1607, em lingua espanhola; diverso, suponho eu, do que a p. 268 é citado como *Auto da Instituição do Santissimo Sacramento com o Nascimento e Vida de S. João Bautista* (Salamanca, 1604). — Nenhum dos dois, provavelmente perdidos ou escondidos, foi registado por Cotarelo.

20. *Auto do Principe Claudiano*.

21. *Auto ou Historia de Teodora Donzela* <sup>1</sup>.

E geralmente quaesquer Autos, Comedias, Tragedias, Farsas *des-honestas*, ou onde entram pessoas *indecentemente*, ou se representa algum Sacramento ou Acto Sacramental; ou se reprehendem *e vituperam* as pessoas que frequentam os Sacramentos e as Igrejas, ou se faz injuria a alguma Ordem ou Estado aprovado pela Igreja.

Repetição, alterada com justeza moderadora, da *Regra* que já em 1581 e 1583 fôra publicada, dando, segundo me parece, aos Inquisidores, a faculdade de sem processo suprimirem outros autos do que os especificados.

Na Parte III, o *Expurgatorio* (p. 195-1047), manda o censor substituir e riscar num paragrafo geral, uns sete passos dos autos anonimos já citados, do *Juizo* (ed. de 1609), *Dous Compadres* (1605) e *Bras Quadrado* (1613).

Quanto aos autos de escritores nomeados, ha (abstracção feita dos de Gil Vicente, de que já largamente se falou e de que alguns figuram na lista supra dos anonimos) cinco de Baltasar Dias, já revisionados em 1537, ou pouco depois, mas em que agora se suprimem mais uns trechitos de impressões de 1612, 1613 e 1617. Todos muito anodinos.

Na *Paixão*, de Francisco Vaz de Guimarães (1613), manda-se alterar uma unica frase; suprimem-se dois «movimentos», considerados *sacramentaes*: a consagração do pão na ceia, e o desmaio de Nossa Senhora. A flagelação dos ladrões é substituida pelo acto de lhes quebrarem as pernas.

Eis o essencial. Tudo em forma concentrada, e não disperso e repetido, nem misturado com obras não-portuguesas, como succede na unica obra nacional em que até hoje se tratara por extenso da acção dos inquisidores sobre o Teatro portugûes. Por extenso, mas não a fundo <sup>2</sup>.

\*  
\* \*

---

<sup>1</sup> A numeração claro que é obra minha. — *Donzela Theodora*, novelita didactica (vinda de Espanha, como a *Emperatriz Porcina*) e para Espanha, do Oriente, é a primeira obra da literatura de cordel que a censura inquisitorial prôbiu. Já o deixei dito mais acima. Vid. T. BRAGA, *Povo portugûes*, II, p. 465.

<sup>2</sup> T. BRAGA, *Historia do Teatro portugûes*, II, p. 115-131; *Influencia do Santo Officio no Teatro portugûes* (1564, 1581, 1597), e p. 185-210; *Index expurgatorio* de 1624.

Deduzamos agora os resultados positivos, sempre com o fim de apurar, se é justo falar de uma enorme quantidade de autos sentenciados nos *Indices* e da extraordinaria riqueza do repertorio dramatico quinhentista, que a Inquisição despiedosamente destruia.

Entre os autos condenados incondicionalmente, quer antes da introdução do Tribunal da Fé, por meio de provisões especiaes, quer desde o ano de 1536 até 1624, isto é durante a verdadeira guerra santa contra o falar solto dos comediografos portuguezes, ha além dos tres de Gil Vicente, de que já tanta vez falei, um unico de que, segundo as apparencias, não subsiste exemplar algum. *O Príncipe Claudiano*, de cujos pecados ou peccadilhos portanto não podemos julgar. Dos autos, pròibidos apenas condicionalmente, impondo-se lhes pequeninas modificações, tres são os que desapareceram. Talvez por razões extrinsecas: uma só edição de poucos exemplares, impressos sobre papel ruim. São o *Bras Quadrado*, espécie de D. João popular, tipo de um *esperdiçado de amor*, conforme o dizer de Luis de Camões no Prologo do seu *Filodemo*, o *Cristovam de Bivar*, a que o censor mandou tirar unicamente uma *Letrilha* final; e o *Auto dos dous Compadres*.

Seria tambem por deterioração natural que se sumiu o auto de *Gonzalo Chambão*? Ou seria essa peça uma das que sucumbiram à acção secreta dos inquisidores, por recair no grupo visado na *Regra geral*?

A voragem do tempo (secundada pelo proverbial desleixo portuguez em conservar) havia de sumir necessariamente muitas folhas-volantes, soltas, sem capa, nem mesmo cosidas, de que se havia tirado uma só e pequena edição. De admirar é que tantas se salvassem, mesmo das condenadas, como *D. Luis*, o *Duque de Florença*, a *Farsa Penada*.

Como tantos exemplares unicos se conservem em Madrid é justo imaginar—de novo o digo—tivessem passado a Espanha, antes da pròibição; porque depois, quem possuia um exemplar tinha de entregá-lo ao inquisidor; e quem apenas sabia da sua existencia estava obrigado a denunciá-la sob pena de escomunhão. E na entrada de país a país cada livro era sujeito a exame.

Dos autos que por estarem condenados se julgavam percidos, renascem agora o auto de *D. Luis e dos Turcos*, o de *D. André*, o *Dos Dous Ladrões*, o *Duque de Florença* e a *Farsa Penada*.

Completamente ignorados, impressos sem licença, calculo que an-

tes de 1581, mas totalmente esquecidos em 1624, eram e permaneceram até hoje o *Auto de D. Fernando*, o da *Bela menina*, o de *Vicente Anes Joëira*, o das *Capelas*, o dos *Enanos*, e o de *Florença*, de Joam de Escovar <sup>1</sup>.

As novidades que damos, são portanto realmente dignas de consideração e de aplausos, comquanto ainda falte muito para chegarmos a possuir o *Tesouro do antigo Teatro português*, tão completo como pode ser, depois das perdas sofridas.

Seria preciso um *corpo inteiro* de edições criticas, legiveis e comentadas, pelo menos, de todos os textos que até hoje não tiveram a vantagem de sair dos prelos, bem grafados, pontuados, divididos nas partes estroficas constituintes. Para os reunir seria preciso recorrer não sòmente aos *raros* da Biblioteca Nacional de Lisboa mas tambem às colecções particulares de F. Palha, o conde de Sabugosa, conde de Tarouca, conde de Sucena, conselheiro Minhava, Dr. A. A. de Carvalho Monteiro, bibliofilo Rego, a que foi de Fernandes Thomas. Para o fim patriotico todos franqueariam, com certeza, as suas livrarias, sobretudo se fosse sob os auspícios da Academia das Sciencias como continuadora da empresa já iniciada, a que me referi no principio desta Introducção.

Dividido em duas partes — a das *Obras de devoção* e a das *Obras profanas* — deveria compôr-se das respectivas representações de Gil Vicente, Baltasar Dias, Afonso Alvares, Fernão Mendes <sup>2</sup>, João de Escovar, Frei Antonio da Estrela, Frei Antonio de Lisboa, Sebastião Pires, João Vaz <sup>3</sup>, assim como dos arcaicos e anónimos da *Geração*

---

<sup>1</sup> É certo que o *Auto de Florença* nada tem com o do *Duque de Florença*. Mas visto haver no *Index* de 1624 o lapso que indiquei, promessa de falar de João de Escovar no *Expurgatorio*, que depois não se realizou, talvez já confundissem então as duas *Florenças*.

<sup>2</sup> O conde de Sabugosa possui um *Auto de Nascimento de S. João e visitação de Santa Isabel* (1605), de FERNÃO MENDES (*Catálogo*, p. 176). Lembrarei ainda os tres pequenos autos de Jorge de Montemor, e o de Francisco Rodríguez Lobo, assim como as tentativas de Frei Antonio de Portalegre e Frei Antonio da Estrela (embora até hoje não se conheça nenhum exemplar da *Pratica de tres pastores*, anterior a 1626).

<sup>3</sup> Onde estará o *Auto da vida de S. Roque* desse João Vaz, que principiava com os versos «assenta muy ben ahí | essa mesa festival?» Na *Colombina* de Sevilha, visto que foi adquirido pelo filho do grande Cristóvam entre 1533 (data



humana<sup>1</sup>, e *Auto de Deus Padre*<sup>2</sup>. Misterios importantes, de concepção internacional.

Quanto aos autos profanos haveria, além das obras dos mesmos, um volume com os sete *Autos de Antonio Prestes* (porque a edição de 1871 já não satisfaz, muito menos do que a do Chiado) e o *Gonzalo Chambão* desse jogral; outro, com o *Auto de Rodrigo e Mendo*, de Jorge Pinto; a *Cena Policiãna*, de Henrique Lopes<sup>3</sup>; a *Donzela da Torre*, atribuída a um Gil Vicente (da Torre, por ventura identico com o de Almeida), ainda outro com os *Autos anónimos de Floristel*, os *Escrivães do Pelourinho*, *Guiomar do Porto*, o *Auto das Padeiras*, o *Caseiro de Alvalade*, o *Escudeiro surdo*, e os mais que por ventura omitti e aparcerem<sup>4</sup>.

---

que tem) e 1539 (data da sua morte): COTARELO, n.º 131. — E onde parará o auto de Antonio de Azevedo, citado pelo Abade de Sever sobre o verso do Evangelho *Venite post me: faciam vos fieri piscatores hominum?* — E o *Santo Aleixo* de Sebastião Pires, registado por Cotarelo como sendo o numero 15171 da livraria de Fernan Colon? (n.º 110).

<sup>1</sup> Não é tradução do auto espanhol da *Acusación contra el género humano*, publicado por ROUANET, n.º LVII, conforme aventou T. BRAGA, p. 157, muito embora se funde nas mesmas ideias medievas a respeito da Virgem como advogada do Homem. Veja-se ROUANET, IV, p. 285.

<sup>2</sup> Feito por um *famoso autor*, talqual a *Geração humana*, que tem a data de 1536, o *Auto de Deus Padre* tem impresso no frontispicio uma curiosa quintilha que se refere a outra edição anterior, ou outras edições anteriores:

A qual obra vay emendada  
por hum muy famoso autor;  
que até aqui andava errada,  
de mentras atestada,  
sem ter nenhum valor.

*Sic*, apud. T. BRAGA, p. 157. Veja-se ROUANET, n.º XLIII e vol. IV, p. 154, 246 e seguintes. Trasladei a pobre quintilha para que o leitor a confira com a advertencia já citada do rosto do *Auto dos Enanos: Agora novamente impresso e emendado, tirado ao pee da letra do proprio original. E vam emendados muitos erros que nas outras impressões se fizeram*.

<sup>3</sup> O *Auto do Físico*, de JERÓNIMO RIBEIRO SOARES, da mesma collecção de 1587, intitulada *Primeira parte dos autos e comedias portuguezas*, saíu em 1918, como III dos *Monumentos da Literatura Dramática portuguesa*, Vid. p. 7.

<sup>4</sup> Podemos acrescentar o nome de SIMÃO MACHADO com a *Diu e Alfeia*, de 1605, se ainda o quiserem englobar com os dramaturgos de quinhentos. Na *Literatura portuguesa-judaica* parece-me que não haverá muitas contribuições, mas não a estudei a fundo.

Claro está que não devem ser postos de banda por mais tempo, as tres tentativas de Luis de Camões, felizes, apesar de o poeta só incidentalmente cultivar o genero e não se esmerar nele tanto como no lirico e no epico, uma vez que, por isso mesmo, ainda não tivesse nenhum devoto verdadeiro, fora W. Storck. Da mesma maneira carecem ainda de reimpressão condigna a *Ulysipo* e a *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, os *Estrangeiros* e os *Vilhalpandos*, de Sá de Miranda, ao passo que as duas comedias de character um tanto celestinescas do Dr. Antonio Ferreira (o *Cioso* e o *Bristo*) e a sua *Castro* (que tiveram no visconde de Castilho e Dr. Mendes dos Remedios cuidadosos interpretes) exigem apenas reprodução, para não faltarem no conjunto.

Serviço magno que a geração de agora só poderá ultimar, se, animada de muito boa vontade, e repartindo o trabalho, sem tardar, vantajosamente entre todos os academicos da segunda classe, meter mãos à obra sem esperar pelo dia de amanhã.

A proxima geração pertencerá emitir em seguida, à vista de todos os restos do *Antigo Teatro português*, assim reunido num corpo integral, opinião fundamentada acerca do seu valor, metendo em conta todas as variegadas e opostas manifestações do esforço dramatico da epoca aurea da literatura, populares e classicas, em prosa e em verso, sagradas e profanas, originaes e imitadas, ou traduzidas como a *Vingança de Agamenon*. Expondo bem, quaes as especies que Gil Vicente iniciou, e frisando de um lado o facto que Ferreira foi o primeiro bom Europeu que ideou e realizou uma tragedia à maneira classica com coros que representam a *Vox Populi*, sobre um assunto nacional da idade-media; e do outro lado que o *Anfitrião* e o *Rei Seleuco*, de Luis de Camões, são as primeiras tentativas de reduzir à forma peninsular e aos metros curtos de redondilha um tema de mitologia classica, creio que os editores chegarão a convencer o país e o mundo de que foi consideravel o dispendio de força gasto no teatro pela nação, com quanto não fosse o género para o qual estivesse superiormente dotado.

## RESULTADOS DA CENSURA INQUISITORIAL CAUSAS DA DECADENCIA DO THEATRO PORTUGUÊS

Antecipando o que a geração nova apurará provavelmente, direi, concluindo, quaes foram os resultados da acção condemnadora e expurgadora, exercida pela Inquisição dos livros sobre o teatro quinhentista, em teoria desde o tempo das cautelas, isto é de 1521, em praxe de 1531 ou 1539 em diante, até 1624.

*Pravidades hereticas*, erros, doutrinas falsas, malas, suspeitosas quanto à fé catolica, realmente não as havia em autos portugueses. Nem mesmo nos *Autos de Gil Vicente*, com quanto as suas sentenças audazes contra o *vender e comprar* de Roma, *papas adormidos*, clérigos devassos com ninhadas de clérigozinhos, frades sem conto, de corpos tão robustos que apetezia vestir-lhes arneses e mandá-los contra os mouros, bem podiam ter sido considerados e foram considerados como heterodoxos por fanatizados como Aleandro, Oleastro, o Cardeal-Infante e Baltasar Alvares.

Invectivas contra a curia e a Igreja, frequentes mesmo nos autos subsistentes do mestre que pousou a pena em 1536, realmente não as ha nos dos coevos e sucessores. E poucos entre eles tiraram da Sagrada Escritura assuntos para os seus autos populares, fazendo entrar neles actos sacramentaes e figuras eclesiasticas, ao passo que em Espanha as *comedias devotas* e *comedias de santos*, e finalmente os *Autos Sacramentaes* iam multiplicando-se, revelando um fervor religioso, gosto artistico e poder de creação que a Censura nem mesmo tentou combater.

Na guerra contra grossarias deshonestas, arrenegos, nomes realísticos de coisas e actos, pela regra de *j'appelle un chien, un chien*, palhaçadas carnavalescas, offensivas dos bons costumes, o successo da censura não foi completo. Na linguagem muito solta e muito pitoresca do povo, os ditos e as pulhas tem hoje tanta vitalidade como nos dias de

Gil Vicente, com a grande diferença apenas (que deriva dos progressos da cultura geral) de eles não serem enunciados alto e bom som em salas regias e da boa sociedade.

Com respeito à destruição de autos, julgados imoraes, sensível e lamentavel quanto aos de Gil Vicente, mas tambem quanto aos mediocres dos continuadores, porque todos são elos na corrente de ideias eticas ou esteticas que caracterizam a nação, os factos principaes estão agora patentes a todos, embora incompletamente. Encarando o conjunto das prôibições, inclusive das que não surtiram efeito, creio que os criticos imparciaes, depois de haverem lido as dezanove amostras, nada más, aqui apresentadas, e repetido a leitura das do Chiado e de Antonio Prestes, opinarão comigo, que não houve sanha e injustiça contra o Teatro *em geral*, quer profano, quer de devoção.

Irás contra Gil Vicente, isso sim. E da parte do censor de 1624, tambem contra os continuadores dele.

E em vez de jurar com T. Braga que o drama foi a forma verdadeiramente vital e nacional da literatura portuguesa, a qual definiu exclusivamente porque a Inquisição descarregara sobre ela golpes mortaes, inibindo numerosos genios a darem vasão ao seu talento, exterminando o *imenso* repertorio de quinhentos<sup>1</sup>, creio que os conhecedores do temperamento essencialmente lírico dos portugueses, admiradores da veia épicamente patriótica de Luis de Camões, e dos notabilísimos prosadores nacionaes, concordarão em que a causa da pobreza crónica do teatro português está na falta de invencionice dramática, na incapacidade dos poetas de dar movimento evolutivo à arte e tecnica indeterminada do iniciador, separando os elementos pastoris e cavalheirescos, religiosos e patrioticos, palacianos e plebeios, sublimes e baixos, que ele misturava ainda tanta vez. Na incapacidade

---

<sup>1</sup> Prenuncios dessa doutrina, propagada por T. BRAGA nos capítulos da *Historia do Teatro* que já acima assinalei (livro III, cap. V, ou p. 115-131 do vol. I, e cap. III do livro IV, ib. p. 185-210), já os houvera de antes; p. ex., no *Proemio*, de GOMES MONTEIRO às *Obras de Gil Vicente*, p. vi. O estudo que T. Braga fez sobre a *Censura inquisitorial* não foi bastante profundo. Do *Index* de 1559 falou sem nunca o ter visto, razão porque erra em tudo quanto dele diz; p. ex., no vol. I, p. 44, 204, 210, 310; vol. II, p. 117-122. Não devemos esquecer que metade das culpas, que fizeram decair o teatro nacional, é atribuido por ele ao prestígio da renascença classica.

de darem a cada especie o seu feitio apropriado reduziram-n'as todas a uma só: a farça vulgar, em que se apresenta num simples quadro com um tenuissimo fio de acção o buliçoso ou monotono ramerrão da vida de todos os dias das camadas baixas da nação, sem poesia, sem elevação, sem vida interior nem aspiração ideal; quando muito com algumas luzes de humor, banal ou entredesco.

Tivessem eles a fecundidade, a inventiva, o vigor de alma dos nossos vizinhos; tivessem a observação aguda, o espirito largo, a vivacidade creadora de Mestre Gil, unico genio verdadeiramente dramatico que Portugal teve, e o Teatro portugûes não se afundava no anonimato e na insignificancia da literatura de cordel, apesar da guerra que fez a Gil Vicente, o Infante-Cardeal, e Baltasar Alvares aos seus sucessores. Não tendo a arte nem a energia precisa para todas as criações, como muito bem assentou Fidelino Figueiredo na sua *Historia da Literatura classica*, o auto vicentino continuou a sua evolução em Espanha. Foi lá que Lope, Calderón, Tirso de Molina, Moreto, Alarcón fizeram vingar os germes ferteis do auto, da comedia e tragicomedia, numa palavra do Teatro peninsular, levando às ultimas consequencias as construções que Gil Vicente apenas esboçara. Das imperfeições do genero triunfaram a imaginação e o instinto dramatico e o estro poetico desses dramaturgos.

Em Portugal foi pelos mesmos motivos, e devido aos acontecimentos politicos, que a comedia espanhola, de capa e espada, e o *Auto sacramental* de Calderón de la Barca, prevaleceu em absoluto. Os poucos artistas nacionaes que se sentiam com vocação para o teatro, seguiram as pisadas de Lope, poetando em castelhano, p. ex., Matos Fragoso e Jacinto Cordeiro, com patriotismo bastante para escolherem assuntos de historia e tradição portuguesa, os quaes de resto, estiveram muito em voga tambem entre os castelhanos <sup>1</sup>.

Repito que tambem entre eles não faltou de todo a tendência de acusar a Inquisição de haver calcado aos pés o genio teatral. Mas como lá não se podia falar se não de decaimento muito passageiro, e não de golpes mortaes descarregados pela censura, foi fácil à critica recta e

---

<sup>1</sup> Apesar de ser assunto óptimo para uma dissertação, parece que todos tem medo de tratar o capítulo *Castelhanos e portugueses*. Toquei nele diversas vezes na *Camoniana*, de JOAQUIM DE ARAUJO, mas de fugida.

universal de Menéndez Pelayo, pôr termo a essas declamações. Desassombradamente declarou nos *Heterodoxos españoles*, no *Estudio preliminar*, e nas belas páginas que na *Antologia* dedicou a Gil Vicente, que o numero de peças pròhibidas era diminuto, comparado com a riqueza total. Em todo o caso a Inquisição não pôde estorvar de maneira alguma a evolução e fecundidade espantosa da forma que efectivamente em Espanha é a mais nacional das artes literarias <sup>1</sup>.

As pròibições de obras de valor real não se sustentaram lá (como entre nós também não vingaram senão temporariamente as de Gil Vicente, da *Menina e Moça*, da *Diana* e das comedias de Jorge Ferreira de Vasconcellos) por serem recebidas com dissabor e contrastadas tacitamente por amigos sinceros das letras, cuja ortodoxia não padecia duvida.

\*  
\* \*

Como eu tivesse de documentar repetidas vezes a antipatia natural que me inspira a acção do cardeal-infante D. Henrique que, de 1539 a 1580, foi efectivamente a alma danada da Mesa Censoria, e em cartas e provisões especiaes mandou perseguir obras que supunha daninhas, tendo de desculpar-se, p. ex., com Damião de Gões, por não ter deixado entrar no país o volume dele relativo à *Religião e aos costumes dos Etiopes* <sup>2</sup>, acho do meu dever, lavá-lo de uma culpa que lhe foi atribuida injustamente: a de haver censurado e destruido obras belas de seu irmão carnal, o nobre infante D. Luis.

Repito o que mais acima expliquei, ao falar do auto que tem o título sugestivamente enganador de *D. Luis e os turcos: novamente feito* em 1572, ele não pode ser obra de um príncipe falecido em 1555; nem

---

<sup>1</sup> Quanto à realmente espantosa riqueza do Teatro espanhol, bastará lembrar ao leitor português que o Fenix dos Ingenios escreveu mil e quinhentas peças! Juntarei todavia mais uns numeros significativos: os 104 (96) Autos, contidos no manuscrito grande da Biblioteca Nacional, publicados por Rouanet, em quatro volumes! as 160 peças anteriores a Lope de Vega, registados por Moratín em 1820! e para dar um exemplo do tempo de Gil Vicente, as 28 peças de um dos sucessores de Juan del Encina: SÁNCHEZ DE BADAJOZ. (Vid. SALVÁ, n.º 1406, *Recopilación*.)

<sup>2</sup> *Fides, religio, moresque Aethiopum* (1541). As cartas que o Cardeal dirigiu a este proposito a Damião de Gões foram publicadas por Lopes de Mendonça no seu estudo *Damião de Gões e a Inquisição de Portugal* (II, p. 330).

pode ser do infante D. Henrique a pròibição, visto que não se encontra no *Index* de 1559, mas sim no de 1624 <sup>1</sup>.

Quanto à *Tragicomedia de D. Duardos*, escrita e representada em 1524, e realmente condenada condicionalmente pelos motivos que indiquei, tanto em 1551, como em 1559, e por tanto pelo cardeal, esse sabia na perfeição, e nós todos sabemos que ela é criação de Gil Vicente e indispôs os revedores pelos excessos da sua linguagem poetica.

Sempre é Gil Vicente o personagem que vejo perseguido. Mesmo quanto ao *Auto de D. Luis*, bem possivel é que a atribuição a um Gil Vicente de Almeida originasse a sua condenação. E sempre ele é, do ponto de vista dos inquisidores, o unico que merecia a perseguição, por causa da liberdade do seu dizer e da audacia do seu pensar.

Na luta contra ele é que para mim se resume a actividade anti-teatral da censura em Portugal. As guerrilhas contra os poetas menores e contra algumas obras de arte classica não são senão o epilogo natural da guerra contra o erasmista mais atrevido que Portugal produziu, termo de honra que já não devia espantar nem ofender os pensadores nacionaes, porque designa o grupo de intellectuaes que, nos primeiros decênios do seculo XVI combatiam os vicios do clero, sem intuitos de heterodoxia dogmatica, e collocados nas raias da Reforma, não as transpuseram quasi nunca <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mais acima ficou explicado como foi que T. Braga se persuadiu a si proprio e persuadiu todos os seus leitores de que o *Auto de D. Luis* foi condenado em 1559, pelo Cardeal-Infante. Com a confusão entre as notas e o texto de FERREIRA GORDO inficionou, p. ex., o SR. COTARELO, que no seu *Catálogo de obras dramáticas* dá informações inexactas a respeito dos seus n<sup>o</sup> 7, *D. Luis*; 20, *Dom André*; 31, *Farsa Penada*; 73, *Bras Quadrado*. Erradas são tambem as indicações relativas ao n<sup>o</sup> 44, 58, 61, a não ser que haja um *Index* de 1559, muito diverso do que eu conheço.

<sup>2</sup> Vid. PELAYO, *Antología*, VII, p. 178.





## LIGEIRO CONFRONTO ENTRE GIL VICENTE E SEUS SUCESSORES

Vou findar, pondo em contraste, em poucas linhas, as qualidades raras do iniciador e as deficiências dos que, vindos depois dele, não souberam continuar a construção do Teatro português, tão brilhante e prometedormente por ele principiada.

Ha diferença em tudo. Na vida, e na obra. No saber, na arte, no character, no modo de encarar o mundo. Quanto ao nascimento, Gil Vicente era de extracção popular como todos os mais. Mas optimamente dotado pela madre Natureza, hábil no mais artistico dos mesteres mecanicos, chegou a ser adido à Côrte. Trabalhou como ourives para a rainha D<sup>a</sup> Leonor e seu irmão o felicissimo D. Manuel<sup>1</sup>, que do primeiro ouro, vindo de Quiloa, mandou fazer a Custodia de Belem. Transformado em palaciano criou *algo nuevo*, impulsionado pelo seu talento de músico, poeta e actor, genio vivo, e força inventiva: representações scenicas para aqueles

serões de Portugal  
tão falados no mundo

de cujas graças *temperadas de seu sal* mesmo o severo Sá de Miranda se lembrava com saudade. — Seguindo primeiro as pisadas do bucolico fundador do Teatro castelhano, Juan del Encina, deixando-se influir depois por Lucas Fernández, e em certas inovações por Torres Naha-

---

<sup>1</sup> Que foi *feliz e bemfortunado*, não se pode negar. Recolheu o que o predecessor semeara. Parece-me todavia injusto, e muito, fazer-lhe um crime dessa ventura, e menoscabá-lo por causa dela. Pensando no dito de Fausto

Wie sich Glück und Verdienst verketten,  
Das fällt dem Thoren niemals ein

(isto é: o parvo nunca reconhece, como é que se enlaçam e encadeiam a felicidade e o merito) compreendo a indignação do cavaleiro da casa do Cadaval contra o cronista Damião de Goes, por ele frisar tão pouco o trabalho, as despesas e as grandes industrias com que D. Manuel, pelas mãos dos seus capitães, conquistou meio-mundo.

rrro <sup>1</sup>, enveredou por regiões ainda não exploradas com independencia. Lendo muito <sup>2</sup> e fazendo render os conhecimentos adquiridos, teologicos e mundanos, cultivou com exito igual o genero sagrado e o profano, e em ambos os campos variadíssimas especies. Além de um numero consideravel de obras miudas, religiosas, vulgares e às vezes de espiritualidade grotesca, delineou Autos do Natal, da Pascõa de Ressurreição, do Corpus Christi, Misterios e Moralidades de um lado; farsas de folgar, comedias de costumes e de character, proverbios, tragicomedias cavalheirescas, magicas, festivas, do outro lado. Por junto quarenta dramas que quasi todos foram inscenados nos paços reaes, com esplendoroso luxo, sobretudo no tempo de D. João III. Na capela, p. ex., dispunha o poeta dos coros adestrados e um orgão magnifico para execução dos admiraveis Hinos medievaes da Igreja, como o *Victimae Paschali*, da Pascoa; o *Veni, creator Spiritus*, da Pentecostes <sup>3</sup>. E nas Salas do paço apareciam, em occasião de festa, serranas autenticas da Serra da Estrela afin de entoarem, dançando os seus bailados, os mais lindos cantares, quer arcaicos e tradicionaes *de amigo*, conservados na Beira, quer compostos e musicados pelo próprio Gil <sup>4</sup>. Da lavra dele ocorrem tambem nos Autos numerosos trechos liricos, inspirados pelas maravilhas da Natureza, ou por lutas de alma, que fazem vibrar o nosso

---

<sup>1</sup> Os *Introitos* ou *Argumentos*, récitados por representantes, provêm de Torres Naharro; o emprego de linguas estrangeiras chapurreadas, igualmente; e sobretudo a inovação que introduziu na oitava espanhola, dividindo-a em duas metades por um verso quebrado. — Vid. *Estudio preliminar*, p. XC, e *Zeitschrift*, XVII, p. 580.

<sup>2</sup> Na Epistola dedicatoria a D. João III, Gil Vicente alude às obras que escritas viu, assim em metro como em prosa, tão florecidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias que esteve por não imprimir as suas, porque os antigos e modernos não deixaram coisa boa por dizer nem invenção linda por achar, nem graça por descobrir.

<sup>3</sup> No *Auto de Santo Antonio* de Baltasar Dias, entoa-se um *Te Deum*; e a sequencia *In exitu Israel de Aegyptu*. — Sabido é que o Concilio tridentino, indignado porque musicas profanas se haviam entremetido nos officios divinos, riscou do *Breviario Romano* quasi todos os Hinos e todas as Sequencias. Salvo erro, conservaram-se vivos, além dos dois citados no texto, a *Sequencia* do Corpus Christi *Lauda Sion salvator*, a das sete dôres *Stabat mater*, e o funebre *Dies irae, dies illa*.

<sup>4</sup> Vid. AUBREY BRELL, *Lyrics of Gil Vicente, with the Portuguese Text*, Oxford, 1914. — Infelizmente nem todos são completos. E o que falta totalmente é a musica. Perda irreparavel.

senso estético e o levantam à cima das materialidades da vida comum, suggestionando meditações.

Quem diz que o poeta, por ter abundante veia cômica e satirica pretendia apenas divertir a Côrte, fazer rir, hoje os palacianos e amanhã o vulgo (porque tambem representava fora do paço em casas nobres e na praça) sem outro alcance, amesquinha-o, a meu ver. Além de poeta, Gil Vicente era pensador, e era cristão de fé medieval. Colocado nos umbraes do tempo moderno, emancipado, e só de leve atingido pelo bafo humanista do Renascimento com os seus gozos intellectuaes e aristocraticos, ele tinha sempre em mente o mundo de além; preocupava-se com a salvação da alma e o bom emprego de cada dia do capitulo da vida que passamos neste mundo terrestre. Tinha simpatia pelos humildes, ingenuos e perseguidos, antipatia pelos prevaricadores e devassos. E conquanto muita vez falasse a sabor da côrte, lisonjeando com demasia os reinantes, tinha em geral um *franc-parler* notavel<sup>1</sup>. Conhecendo os feitos e defeitos e mesmo bastantes segredos intimos de titulares e moradores da Côrte, ridicularizava-os por meio de revelações e alusões; censurava vicios; acusava com ousadia, às vezes com um pouco de malevolencia. Tirando ao natural retratos vivos de todas as classes, carregando embora as côres, criou tipos de clerigos devassos, juizes que do torto fazem direito e abrem as mãos às peitas, medicos ignorantes, matematicos fantasistas que ensinam a arte de Leste a Oeste, financeiros usurarios, cavaleiros e escudeiros pobres mas presunçosos, velhos namorados, pastores parvos. A critica social, aristo-fanica, que fazia com autoridade que assombra, não podia naturalmente agradar aos visados. Nem aos letrados de tendencias classicas e gosto pelo *dolce stil nuovo* à italiana. Um de tempera austera, de antes quebrar que torcer, foi naturalmente seu antagonista e tratou-o de Pasquino, desacatador dos livros sagrados<sup>2</sup>. *Detractor*, caluniador aos olhos

---

<sup>1</sup> Claro é que as lisonjas maiores se encontram na Epistola dedicatoria a D. João III, em que Gil Vicente se cinge ao costume da epoca.

<sup>2</sup> É na *Carta a Antonio Pereira* (nº 108 da minha edição), que ha (na estr. 16) as acusações mais fortes contra a maneira como Gil Vicente e seus sucessores, *cento a cento* (!), tratavam os livros divinos *con tal desacatamento*,

E o que não se deve ousar  
de ler se em gijolhos não,  
torcem, fazendo-o falar  
ao som da sua paixão,

de Gil Vicente que era cristão à maneira antiga! E entre a alta clerezia de Roma surgiu-lhe lá fóra, como vimos, outro oponente, que indignado principalmente com as suas invectivas contra a curia, os perdões, jubileus e estações de Roma, o acusou ao emperador e ao rei; e, salvo erro, o tornou suspeito aos cardeaes-infantes D. Afonso<sup>1</sup> e D. Henrique. Sobretudo a este ultimo que no primeiro *Rol de livros defesos* que publicou, incluiu sete Autos de Gil Vicente. E nenhum outro. Nenhum de um qualquer dos sucessores.

Longe de serem verdadeiros continuadores que aperfeiçoassem, diferenciassem, acrisolassem os elementos heterogeneos de que falei, esses sucessores immobilizaram o Auto, quanto à forma; e quanto aos assuntos e à essencia, rebaixaram-no, banalizaram-no, tirando-lhe as arestas e os espinhos pungentes da critica social e pessoal, mas tambem os trechos líricos, e os voos aos astros.

Saindo do espaço restricto e aristocratico do paço para corros, patios e praças publicas ou domicilios de gente modesta, claro que o Auto encontrava um publico diverso. Maior? Talvez. Mas se a quantidade avultava, a qualidade não melhorava. A uns trinta a sessenta, quando muito cem espectadores palacianos, de ambos os sexos, cavaleiros e damas, entre reis, infantes, embaixadores e titulares, às vezes tambem de gostos rudes, mas em regra da mesma cultura e delicadeza de maneiras, sucedia uma multidão desigual, mas cuja maior parte não possuiria educação estetica e literaria. Acudindo ao teatro só procurava a satisfação da sua sede de cómico desopilante, o conde de Sabugosa assim o disse, ou se a peça era Auto de devoção, a sua sede barbara de impressões aterradoras, como no *Auto do Fuizo*, em que se ouvem os uivos e gritos dos condenados que Satanas e Lucifer arrastam ao profundo.

Se não constasse que o Chiado representou o *Auto da Natural Invenção* perante D. João III, Sebastião Pires dedicou a sua *Florença* a D. Sebastião, e Antonio de Lisboa fez os *Dois ladrões* para o conde de Vimioso, eu teria dito que nenhum dos sucessores de Gil Vicente pôs pés num paço.

---

<sup>1</sup> D. Afonso, mais bondoso e humano, mais magnanimo e liberal do que dom Henrique, mencionado por Gil Vicente no *Auto da Devisa de Coimbra* (1527) como o *sacrosancto nosso Cardeal*, faleceu em 1540, largando o campo ao irmão, nomeado Inquisidor-Mór havia um ano,

Constando, só posso dar expressão à surpresa que causam os tres factos e, de resto, apenas documentam a continuação de uma moda, e a decadencia do gosto e da arte.

O dramaturgo descera a *mimo*. Tinha feito jogralesco. Não se pejava de exercer as funções de tregeitador e ventriloquo. De inventor passara a imitador. E como imitador, remedava apenas as partes materiaes, terrestres, das criações vicentinas, as exterioridades tecnicas; e mesmo dessas escolheu apenas as mais comesinhas.

Wie er sich räuspert, wie er spuckt  
das habt ihr ihm glücklich abgucken.

«A maneira como ele toma a sua pitada e pigarreia, escarra, essa apanhaste-la com muita felicidade.»

O acto, sem divisão scenica, sem entrecho, sem movimento de caracteres, ficou reduzido, não sempre, mas em regra, a um quadro de costumes com um tenue fiozinho de acção: recortes da vida real nas camadas baixas da sociedade, sem vida interior que o autor soubesse realizar, sem vislumbre de poesia, sem visão idealizada; conversas de comadres, jogos de cartas de compadres, quando muito salpicados de pilherias, de anexins drasticos, de superstições, costumeiras, citações de romances e cantigas vulgares e chulas.

O mundo de além, a religiosidade, a beleza desapareceram. Não ha hinos sacros, nem cantigas paralelisticas. Nem ha invectivas contra Roma e clerigos devassos.

As figuras são tiradas em regra das esferas medias e baixas. Figuras sem caracterização individual. Mesmo sem nome. É o pai, a mai, a comadre, a negra, um noivo, um judeu, um vilão, um clerigo, um juiz, um escrivão, um procurador ou desembargador, um mouro, um castelhano, um galego, um ratinho, a alcoviteira, a regateira, a filha, a criada! E todos, de mediocre inteligencia e sentimentalidade banal, mostram sem peias e sem vergonha o que são, o que deles fizeram o temperamento inato, cheio de atavismos e de taras, a nacionalidade, o clima. Longe de pensar no bom emprego da vida e de lutarem contra as tendencias más da natureza humana fazem gala da sua falta de cultura, dos seus andrajos moraes, como os dois ladrões de Antonio de Lisboa. Quando aparece um fidalgo de França, um principe, um marquês de Mantua, ou duque de Florença, um D. Luis, D. André, D. Sil-

vano, D. Fernando, uma D<sup>a</sup> Clara ou D<sup>a</sup> Belicia respiramos, não por serem gente de categoria ou da boa sociedade, mas porque a fantasia, a poesia, filhas privilegiadas de Deus, entram nos seus direitos. Um anjo, um diabo, qualquer entidade sobrehumana alegorica é bem vinda. Assim mesmo a extravagante sabia Italiana. Bastante raras são todavia Venus, a Fortuna, a Formosura, a Justiça, a Razão, a Fome, o Dinheiro aparecem sòmente nos melhores autos de Antonio Prestes, o sensato.

Depois de ter lido os títulos dos autos desta colecção, fiquei com a visão de ouvir um dos tipos vulgares de barraca de feira que, voz em grito, e voz rouca, avinhada, de campainha na mão, convida o vulgo com o seu *Entra! Entra! Vinde ver um Auto novamente feito com onze, doze, treze figuras, muito graciosas, de graças todo atestadas!*

Não ignoro que sou injusta. E repelindo a fantasia rebaixante, lembro-me de que ha diferenças entre os diversos fazedores de autos: Baltasar Dias sobretudo não era falto de ingenio; nos seus autos ha religiosidade e poesia. O Chiado tem, como todos sabem, graça plebeia e chorume de discreto e natural. O Prestes tem conhecimentos, é reflectido a ponto tal que D. Francisco Manuel de Melo o coloca no *Hospital das Letras* àcima do próprio Gil Vicente.

\*  
\* \*

Entre os nossos dezasete autos, de maneira nenhuma inferiores aos que T. Braga analisou, ha dois superiores aos outros, e que seu autor seguramente não destinava nem a donos de casa, iguaes em categoria social aos que viram o *Auto da natural invenção*. Antes a casas nobres, particulares, cujas portas se abriam no Natal, e em outros dias de festa, a qualquer companhia de teatro que um conde de Vimioso protegia.

Verdade é que no rosto, nem a esses dois falta aquele ar de reclame relativo ao numero elevado das figuras, que nunca houve nas epígrafes do Mestre, mas que se introduzira, aquém e além da fronteira, talvez por influxo das novelas de cavalaria:

«*Auto novamente feito* em o qual entram as figuras seguintes, convem a saber um fidalgo per nome dom Luis, e um paje seu per nome Mena, e um soldado per nome Perez, e dous vilões, um chamado Fernam Gil e o outro Bras Lourenço, e dona Clara, Taricio seu pai, Teodoro seu

criado. Um príncipe turco per nome Olismael, dous chamados Solimo e Zaidel. O turco velho, Lopeanes captivo.»

«*Auto de dom Andre* no qual entram catorze figuras: Dom André, sua molher e hũa irmã da senhora chamada dona Belicia, e hũa criada de casa por nome Ylaria, e hum veador e um paje, e hum Ratinho seu irmão», etc., etc.

Mas a intriga, em especial do *Auto de dom Luis e dos Turcos*, é de amor verdadeiro, não ignobil; as pessoas têm maneiras finamente decentes, a linguagem é elevada; o rimar fácil. E, caso para o notar mais uma vez, são exactamente esses dois, não pertencentes à literatura de cordel, mas belestristicos, semelhantes ao *D. Duardos e Amadis* e deles derivados, que tiveram certo renome nos sessenta anos de decadência e dependencia, e foram atribuidos a *Gil Vicente*—a um *Gil Vicente*—primeiro pelo erudito fabulista Faria e Sousa, e posteriormente por Barbosa Machado, o Padre J. Thomas de Aquino, e um confuso genealogista; quanto ao *D. André*, apenas por leitores modernos do exemplar que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa <sup>1</sup>.

O enigma que o anonimato de ambos esses autos e a atribuição impressa da *Donzela da Torre* a um Gil Vicente (da Torre) nos propõe, explicavel talvez pela modestia de um principiante, portador de um nome illustre, teria solução plausivel e agradavel, se um documento quinhentista, quer privilegio, quer licença, quer diploma, provasse que o neto de Mestre Gil, chamado *Gil Vicente, o Moço*, ou *Gil Vicente de Almeida*, filho de Luis Vicente (1520-1595) e D. Mor de Almeida, herdou, fora o sangue e o nome do illustre avô, algo do seu talento dramatico. Mas, essa prova documental, não a encontrou, conforme disse acima, o grande Vicentista que, a bem da sciencia, remexendo e explorando com são critério, sem preconceito de qualquer especie (a não ser o de duvidar sempre) centenas de documentos do Arquivo da Torre do Tombo, do Arquivo da Relação e Registos de freguesias, descobriu a data do batizado desse Gil Vicente I (21 de dez. de 1558) <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Expliquei os dizeres de Faria e Sousa e as suas consequencias, assim como os factos relativos ao *Auto de D. André*.

<sup>2</sup> BRAAMCAMP, p. 256 e 262. — Os motivos porque, não chegando a dar a medida verdadeira do que era capaz de fazer, pousou a pena ao cabo de tres tentativas, esses seriam os mesmos que explicam a pobreza geral da literatura dramatica nos sessenta anos de dependencia,

Compreende-se, de resto, que, se sabemos relativamente pouco da vida do sempre activo poeta aulico de D. Manuel e D. João III, laureado, premiado bastas vezes, principalmente pelo último, menos se apure a respeito dos sucessores que por motivos obvios não foram contemplados com favores regios <sup>1</sup>. Pelas obras deles, embora nem de longe estejam patentes em globo, ficamos com tudo scientes de quão grande é a diferença entre os sucessores e o iniciador: o Trovador e Mestre da Balança, Gil Vicente, o Velho.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Porto, agosto e setembro de 1920.

---

<sup>1</sup> Fidalgo da casa real é que o próprio Gil Vicente de Almeida se intitulava.



## POST SCRIPTUM

No Catálogo dos textos curiosos—únicos ou raríssimos—reproduzidos em fac-simile pelo Centro de Estudios Históricos de Madrid, acham-se registados (p. 29 a 40) dezanove *Autos portugueses*. Mas o estudioso que os contar, encontra *vinte*, surpreendido.

A divergencia provêm de que ha duas reproduções diferentes de um mesmo Auto: n.º XIV (R-3635), impresso em 1574; e XIV<sup>b</sup> (R-9687), edição provavelmente príncipe, sem data:

O *Auto de Vicenteanes Foeira*, produção anónima, completamente ignorada; nem mesmo apontada nos *Indices expurgatorios*, conforme mais acima ficou explicado <sup>1</sup>.

O confronto da reimpressão do tempo de D. Sebastião com a anterior s. l. n. a. é bibliograficamente tão interessante que o feliz descobridor julgou conveniente e útil facultá-la aos estudiosos, fotografando ambas. Quanto a mim, tentarei provar que o texto, assaz rude e livre, em que se retrata o *Ratinho da Beira*, foi escrito, impresso e ilustrado no periodo que, segundo Menéndez y Pelayo, era de desenfreada liberdade de imprensa. Anterior a 1550 <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Falei desse *Vicenteanes* a p. 35 (onde por lapso de imprensa se lê *muyta graça*, em vez de *muytas graças*), p. 40, 48, 59, 106 e 68, onde saiu errada a informação que a gravura das duas damas *abstractas*, de vestes roçagantes, aparece na portada desse Auto.—Abstraindo do *da Festa*, é sòmente no das *Regateiras* e das *Capelas* que o leitor as encontrará.

<sup>2</sup> Vid. *Biblioteca Hispano-Latina classica*, p. 72. Verdade é que Pelayo só fala de *anos*; tinha todavia em mente sobretudo uma obra publicada em 1513 e 1543.

XIV<sup>b</sup>. AUTO DE VICENTE ANES JOEIRA (R 9687).

*Auto de Vicenteanes joeira.* — Quatro gravuras que representam : *A Regateira, a Filha, o Ratinho, o Vilão.*

Auto nouamente feyto, no qual fe contem | muytas graças z tem hũa carta muy gracioso | fa z entrão as figuras seguintes .f. Hũa Regateira, hũa sua filha, hũa comadre, hum vilão | marido da regateira, hũ ratiño por nome Vicenteanes joeira, hũ Clerigo, dous escudeiros que dão hũa musica no meyo do auto, | hum negro mestre de Medicina, hum | Ratinho feu moço que ho | negro ensina a | curar.

In 4<sup>o</sup>, 10 folhas : Portada, A1J, A1IJ, A1IJJ, Av. Sem lugar, ano e impressor.

Tipo gótico, como em quasi todos os Autos desta colecção; menos, exactamente, a reimpressão tardia de 1574, e alguns frontispícios refeitos <sup>1</sup>.

A impressão nem é muito cerrada, nem muito espaçada: de trinta e seis linhas cada pagina de duas colunas <sup>2</sup>, talqual nos Autos de *D. André, D. Luis, Inês Pereira*, os *Enanos*, as *Regateiras* e *Florença* (que saiu dos prelos de German Galharde), ao passo que a edição de 1574 tem apenas trinta e duas, de sorte que as 206 estrofes que constituem o texto (quintilhas na sua maior parte), com a Carta em prosa, preenchem as dezanove paginas quasi por completo <sup>3</sup>.

Na edição-príncipe, pelo contrario, as ultimas duas ficaram em branco, por o calculo tipografico se haver feito sem o devido cuidado. O impressor não as deixou ir, contudo, assim, vazias (como, p. ex., no *Auto das Regateiras* e no *do Juizo*); nem empregou o expediente de acrescentar ao texto dramático um Apêndice de poesias soltas, líricas e épico-líricas, como fez o do *Auto de Santiago*, dos *Ladrões* e da *Farsa Penada*. Estampou nelas duas gravuras. De origem castelhana. Arcaicas, de traço linear, sem cruzamento algum. Adquiridas por ventura na grande feira de Medina del Campo por um impressor portu-

---

<sup>1</sup> De letra redonda é tambem o n<sup>o</sup> 2, o *Auto do Nascimento*, de Baltasar Dias, a mais moderna das impressões desta Colecção.

<sup>2</sup> Entre as restantes folhas-volantes ha as de 35, 37, 38, 40 e 42 linhas.

<sup>3</sup> Mil e tantos versos, como de costume,

guês (Galharde), quer como ultima novidade, quer como já fora da moda.

Na primeira das paginas sem texto ha, em estampa relativamente grande, muito tosca, o meio corpo de uma mulher cujo cabelo abundante está entrelaçado em feitio de turbante. Com ambas as mãos segura um livro. De lado está um astrolabio, sem inscrição. Símbolos de sabedoria terrestre e celeste.

Especie de *Sibila*, ou antes aquela *Donzela Teodor* (citada na p. 104), que no conto arabe das *Mil e uma Noites* responde na Corte de Bagdad (ou Babilonia) às perguntas de um físico, um alfaqui e um trovador gramático, vencendo a todos.

Na outra pagina vê-se uma illustração de novela, complicada, e assaz livre. Numa galeria de arco redondo, atrio, *hall* ou entrada de um edificio luxuoso, está postada, no canto esquerdo do primeiro plano (de pavimento em xadrez branco e negro), uma dama, *Circe* de varinha na mão, e em frente dela um geriquito nédio e de ar inteligentemente humano. No segundo plano, entre muros, estão mais dois (ou tres) orelhudos, levados de arreata por um rapaz e um homem que empunha um chicote. No fundo, além do muro exterior, que tem ameias, caminha ou antes salta em direcção oposta outro asno. Mas esse com cabeça de homem. Pelo contrario, é um homem com cabeça de asno, completamente nú, em frente de uma mulher venusina, tambien nua, de boceta na mão, que se vê na metade direita do primeiro plano.

Evidentemente scenas e figuras do *Asno de Ouro*, de Apuleio, que, traduzido em lindo e saboroso estilo pelo humanista Diego López de Cortegana, arcediano de Sevilla, foi impresso repetidas vezes no século XVI; a principio, acauteladamente, sem licenças e indicação das datas, mas, segundo as apparencias, na cidade da Giralda, em 1513 <sup>1</sup>.

Não é contudo, nessa edição-príncipe, mas sim na de 1543 (Medina del Campo <sup>2</sup>) que a gravura que descrevi decora a portada do *Asno*,

---

<sup>1</sup> Entre os Preliminares ha um *Prólogo* do tradutor de 1 de agosto de 1513, e a *Vida de Lucio Apuleio*, redigida em 1501 pelo italiano Felipe Beroaldo. Pena tenho de ignorar qual seja na «Portada com orla» a *vinheta* gravada em madeira.

<sup>2</sup> Parece que não houve outra edição no meio-tempo.—Vendo na Carta dos paes de *Vicenteanes*, que arremata o Auto, a data 1523, podia-se conjecturar todavia que exactamente nesse ano houvesse uma segunda impressão. O confronto

*corrigido y añadido*, encimada da formula salvaguardadora *Sit Nomen Domini Benedictum*.

E desde que a Censura inquisitorial funcionava regularmente, não mais foi reproduzida a gravura com a estranha nudez da feiticeira <sup>1</sup> cuja criada, tencionando metamorfosear o amigo em ave, se enganava na *buxeta* e o transformou em *asno*.

Quanto aos pormenores relativos às primeiras edições da sabia *Donzela Teodor* estamos (ou estou) insuficientemente informada, embora numerosas autoridades se tenham ocupado da sua *Historia* <sup>2</sup>, como mais antiga, lida e reproduzida das romantico-didacticas da literatura de cordel. Em regra, a gravura da portada apresenta tres figuras: a Donzela; o mercador cuja escrava protegida era; o Rei Abumeleque Almançor. Conjecturo todavia que em qualquer das edições de que Fernando Colombo adquiriu exemplar, es em Medina (1524) (um e outro diverso, antes de falecer em 1539), nas de Sevilla e Segovia, s. l. n. a. (caso sejam diversas), Burgos 1537, Zaragoza 1540, Toledo 1543, Sevilla 1545, houvesse a estampa grande de mulher, de que estou a tratar, porque ainda hoje em Portugal, as edições populares (de Cruz Coutinho, e Lello e Irmão, desta cidade invicta do Porto), aparecem ornamentadas com o busto, relativamente grande, de uma mulher, cujo lenço, atado à maneira do Minho, pode descender do turbante quinhentista <sup>3</sup>.

---

entre as duas tiragens da gravura, pode ser ensine algo a esse respeito. Vid. Salvá, n° 247; Gallardo, n° 2734; Menéndez y Pelayo, *Bibl. Hisp. Lat. Clas.*, I, p. 72-153.

<sup>1</sup> A terceira edição conhecida — ultima das não-expurgadas — tem apenas o *Signum* do livreiro Steelsio (Anvers). Quarta, se realmente existe uma de 1533. Quinta, se tambem houve outra de 1523.

<sup>2</sup> Gayangos, na tradução de *Ticknor*, vol. I, 555, e no *Catálogo de Libros de Caballeria*, p. LXXXIII; Knust, *Mitteilungen aus dem Eskurial*, p. 507-517, e 613-630; Salvá, *Catálogo*, n° 1592 e 1593; Gallardo, *Ensayo*, n° 1209-1216; Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela*, vol. I, p. LX-LXI; Cejador y Frauca, *Literatura Española*, II, p. 174. Esse autor menciona uma edição de 1533 (Medina). — Os meus materiaes portuguezes e espanhoes, cedi-os a um erudito que estuda as literaturas neo-latinas populares. A atribuição da *Donzela Teodor* a Baltasar Dias não pode ser tomada a serio, emquanto só se conheçam edições de 1649, 1660 e outras posteriores.

<sup>3</sup> Além da *Donzela Teodor* (*Tudur* por *Tew'ddud*, por confusão grafica entre *D* e *R* arabe), conheço apenas a *Santa Emperatriz Porcina* (aliás *Crescencia*) como figura feminina enaltecida em folhas-volantes. Mas essa, atribuida a Baltasar Dias,

Quanto às quatro gravuritas da portada, que representam interlocutores, segundo a praxe do tempo <sup>1</sup>, o leitor conhece tres, de outros Autos desta colecção. Nova é apenas a do *Vilão*, de proporções muito reduzidas, como as observei em algumas comédias e farsas espanholas <sup>2</sup>, editadas em Salamanca, Medina e Burgos. Constitue a figura 17<sup>a</sup> da lista que dei no capítulo V.

Das tres conhecidas, apenas uma, a 15<sup>a</sup>, tornou a entrar na impressão de 1574. É a que representa a mãe, *Vilante Ribeira* de nome, Regateira (ou *vendeira*) de officio <sup>3</sup>. Por ir no Auto em peregrinação a Santiago, escolheram para modelo uma beata idosa, de costas curvadas e rosario enorme no braço. A filha, fermosa em estremo (*uma Bersabé*, na linguagem affectada dos escudeiros), e por isso mimosa e preguiçosa, aparece com as feições da famigerada Irmã-Ana, do *Auto de Dido e Eneas* (1536), e da *Maria de Crisfal*, que ja tinha passado a ser *D<sup>a</sup> Belicia* (n<sup>o</sup> 13) do *Auto de D. André* <sup>4</sup>. O noivo dela, o ratinho apaixonado da Beira, que é o verdadeiro protagonista caricato da peça, *Joieira* de alcunha <sup>5</sup>, está figurado, com fisionomia de rapazelho, igual àquele que no *Dialogo de Bias com a Fortuna* por ventura represente um *Mingo Revulgo*, e na Egloga III de Bernardim Ribeiro representa *Silvestre*: o do naco de pão e sacola ao hombro (n<sup>o</sup> 12); ratinho no *Auto dos Enanos* e no *das Capelas* <sup>6</sup>.

---

costuma aparecer vestida de brocado, e com pluma de avestruz nos cabelos; e a edição mais antiga que possuia, é do seculo xvii.

<sup>1</sup> Cinco, nas *Regateiras* do Chiado (n<sup>o</sup> 8), sete na *Pratica dos Compadres*, do mesmo. Tantas, quantos são os interlocutores, na *Salmantina* (onze), e na *Vidriana* (dez).

<sup>2</sup> P. ex. Anton, o Bobo da *Farsa Salmantina*, e Lepidano, na *Vidriana*.

<sup>3</sup> Onde? em Lisboa?, conforme fazem supôr os versos

eu vendia na ribeyra  
e no rocio do bairro.

Em todo o caso o *Auto* passa-se num lugarejo, segundo as estrofes 160 e 168. A Regateira é diversa da Velha dos Autos do Chiado, e da Inês Pereira de Gil Vicente.

<sup>4</sup> Em 1619 e 1639 serviu de novo (*au miroir*) em edições do *Crisfal*. Substituida por *Dido* na impressão de 1574: o nosso n<sup>o</sup> 2, aproveitado cinco vezes nos dezanove Autos, como é facil averiguar.

<sup>5</sup> O apelativo *joieira* ocorre duas vezes no texto (estr. 11, *que não val hũa ioeyra*; estr. 29, *e chenta-lo ei nũa joeyra*).

<sup>6</sup> Esse é substituido na reimpressão pelo pastor de burel, capuz e cajado

O tipo novo, baixote — de que ainda não descobri outro exemplar —, homem da Regateira (a qual conhecera quando ia vender cabras e cabritos na feira) e talvez pai da *Madanela* <sup>1</sup>, segura um cajado, inclinándolo para o chão, e levanta a mão esquerda, espalmada como a dar sinal quer de paz, quer de treguas, no meio de uma luta, ao ar livre, conforme indica um tufo de ervas vivas. Brincalhão e chalaceiro, em constante briga prazenteira com a mulher, a figura pequenina e cara risonha condiz muito melhor com essa sua indole do que a do soldado de vara longa, na edição posterior.

As restantes pessoas, não representadas por *imagens*, tem, falando, a sua graça, mais ou menos plebeia : a típica comadre (Inês de Sá!), que acompanha na peregrinação o casal velho, deixando entregue a afilhada moça ao lobo do *Ratinho* <sup>2</sup>; o primo desse, do Lourçal, discípulo do Mestre em medicina; esse, Negro da Guiné; o clérigo, em cuja presença os namorados dizem as palavras sacramentaes; os dois escudeiros que conversam sobre a arte de fazer trovas e a dificuldade de fazer e inscenar *Autos* <sup>3</sup>. Todos contribuíam certamente para a hilaridade do publico. Elementos de sobra ha nas conversas, e na linguagem característica de todos para excitar gargalhadas estrondosas. As mais aplaudidas parvoíces seriam as do Ratinho, relativas às sínopes e aos desejos da mulher, cujas «aguas» leva ao Doutor Negro, confundindo depois nas receitas dele (verbaes, bem se vê) a planta *viola* com o instrumento de musica, de cujas raspas faz uma infusão para a doente; a *borragem* com uma *borracha* de vinho; a *purga* com o insecto que salta e pica, cantado no *Fausto* por Mephistopheles na adega de Auerbach, e de que o Ratinho declara não ter descoberto exem-

---

que fôra o *Amador* da mesma Egloga, e ocorre no nosso *Auto de Florença* e na *Farsa Penada*.

<sup>1</sup> A própria mãe, que não tem papas na lingua, diz neutralizando lisonjas da amiga :

Comadre, sabe ora o demo  
se he elle seu pay, se nam!

<sup>2</sup> Se a *Espada-na-Cinta* que Vicenteanes designa como sua terra, fôr o Freixo, esse, que hoje é de Tras-os-Montes pertenceria antigamente à Beira Baixa.

<sup>3</sup> As queixas de que não acha figuras que queiram entrar em Auto, e contra o publico que, por quente que seja a peça, sempre a acha fria, completa as indicações preciosas, contidas no *Auto da Natural Invenção*.

plar algum na terra, substituindo-o por isso por outro, mais nojento ainda!

Mas seja como fôr, este *Auto de Vicenteanes Joëira*, o *Ratinho da Beira*, de parvoíce grosseira e chorume plebeio que faz rir, foi um dos que realmente agradaram — como se vê da reimpressão —, e merecem e requerem edição critica com sucinto comentario <sup>1</sup>.

C. M. DE V.

Porto, dezembro de 1921.

---

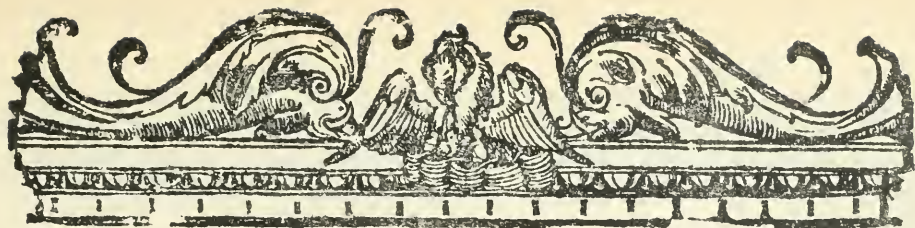
<sup>1</sup> Reservo as minucias cultur-historicas e linguisticas (*saludade* por *saudade*, *a y alma*, *sentar* por *ser*, etc., etc.) para essa edição critica. Apenas direi aqui que o Mote castelhano e a Cantiga portuguesa do escudeiro apaixonado Pero de Camões, são do género das burlescas parodias de arte que ha nos *Anfitriões*, no *Rei Seleuco* e no *Filodemo* do poeta dos *Lusiadas*.





# FACSIMILES





Ho auto que se segue he intitula-  
do breue sũmario da historia de  
Deos, Feyto por Bil Vicente.  
Foy representado ao muyto alto  
z muyto poderoso iRey dõ João  
o terceyro deste nome em Por-  
tugal, z aa serenissima z muyto es-  
clarecida iRaynha dona Cate-  
rina em Almeyrim, na era de  
M. D. xxvij.



**Anjo.**

¶ Aindaq̃ todas as cousas passadas  
sejam notozas a vossas altezas  
a historia de Deos tã taes profundezas  
que nunca se perdẽ serẽ recõtadas.  
E porque o teuoz  
da resurreçãõ de nosso senhoz  
tem as rayzes naquelle pomar  
so pee daq̃lla aruoz q̃ duuistes cõtãr  
onde Adão se fez peccadoz  
rouuem se lembrar.

¶ Por tâto o exordio do auto p̃sente  
começatratãdo desda criaçam  
z como Lucifer tomou gram payxãõ  
de Deos criar mũdo tã resplãdecẽte.  
E assi a enueja  
z sua malicia denueja sobeja  
por ver vossos padres assi nobrecidos  
feytos gloriosos, tam esclãrecidos  
que nã pelos olhos lbcarniarã peleja  
mas pelos ouuidos.

Entraraa primeyzo o muyto soberbo  
Lucifer, anjo q̃ soy dos mayores,  
z Belial, z Satanas, senhozes  
de muyta maldade de verbo a verbo  
Agora vereis  
o que per diuersos doutozes lereys  
dabencio mundi atee a resurreçãõ  
na qual se enderença a final tençam  
dos versos seguintes, nã vos enfadeis  
que breues seram

¶ Entra Lucifer mayozal do inferno  
z com elle Belial meyrinho de  
sua corte z Satanas fidal-  
go de seu cõselho, z de  
pois de assentado diz.

**Lucifer.**

¶ Venho berege do mundo que fez  
o Deos la de cima tã lôgo z tã passo  
feyto de nada por tanto compasso  
tal q̃ palmadofico eu desta vez.

**Belial.**

¶ Mais he despantar  
do bonẽ z molher q̃ fez no pomar.

**Lucifer.**

¶ Isso queria eu agora dizer  
porque daquelles podem proccder  
tantos spiritus q̃ possam ganbar  
o que fomos perder.

¶ Ajamos conselho sobre esta façanha  
que Deos não nos ha de deixar acuar  
todo seu feyto he fazernos pesar  
alem de deytarnos de sua companha.

**Belial.**

¶ An i me parece.

**Satanas.**

¶ De Adam, z Eva q̃ mal nos recrecc.

**Belial.**

¶ Dar Deos a elles o q̃ nos tomou.

**Satanas.**

¶ Dar Deos a elles o que nos tomou

**Belial.**

¶ Não cuydes tu al, q̃ este he o alicesse  
em que se fundou.

**Satanas.**

¶ Pois q̃ remedio, q̃ este mal he muito  
**Lucifer.**

Deos lbe mandou mãdado muy forte  
sob pena de dozes, trabalhos, z morte  
q̃ não lbe tocassẽ em hũ certo fruyto  
fruyto da sciencia  
porque perderãõ sua innocencia  
angelica em parte, subtil, z immortal

7 a posicao do parayso terreal,  
ito em peccado.aa primeyza audiecia  
sentença final.

**Uay tu Satanas** por embayxadoz  
eu te dou meu comprido poder  
z vayte a Eva porque he molber  
z dize q come, nam aja temor  
z como auisado.  
Ibe falla cortes, z muy repousado  
mostrandote alegre cõ todo seu bem  
z seu muyto amigo mapoz q ninguem,  
mintelbe largo, z valbe o cuydado  
que agora nam tem.

**Ue tomar a graça,** pois has de pregar  
da mais auisada senboza do mundo  
eu te outorgo meu poder facundo  
nam ajas doo della, fazea fiar:  
destruy la asinha  
nem por fermosa, nem ser raynha  
nam olhes por nada, aperta cõ ella  
que como a vèceres, sem ty mesma ella  
fara ao marido cubri se de tinba  
z muyto mais, que ella.

**Satanas.**

**Em que figura** Ibe falarey bem  
**Lucifer.**

faze te cobra por dissimular  
porque pareças do mesmo pomar  
que labes das fruytas as graças q tẽ  
porque has de dizer  
senboza fermosa, deueis de saber  
que aquella fruyta q vos foy vedada  
oo quanta sciencia em si tem cerrada

**Satanas.**

ja vos entendo, nam faleis nada  
leyray me fazer.

**Partido o tentadoz Satanas.**  
**Belial** anojado de nueja porque  
**Lucifer** o nam mandou a  
elle z diz.

**Belial.**

**Crede hũa cousa** senboz **Lucifer**  
que não habi pena que sej y gual  
aaquella q sente o grande oficial  
se nunca ninguem Ibe da que fazer:  
eu sam dos primeyros  
o vosso leal antre os cavaleyros  
z mais sou meyzinho desta vossa corte  
vos nã fazeis guerra emqẽ faça forte  
z sendo meyzinho sem pziõneyros  
me pesa de morte.

**E fostes mândar Satanas** agora  
com todo poder de vosso vigor  
acrecentado por embayxadoz  
ao nouo senboz, z noua senboza  
porem a mi nam  
se la me mādareis me ouuera por cão  
se nam os fizera per forza peccar  
logo per forza os fizera tragar  
quantas maças naquella aruore estã  
sem as mastigar.

**Lucifer.**

**Onde forza** ha per demos de repto  
q o fino peccado ha de ser de vótade  
formãdo desprezo cõtra a magestade  
z não serã nossos se for doutro gepto  
z porque he errar  
mandar o soberbo a negociar  
cousas q hã de ser feytas per manha  
não te mandey, que a furia não ganhe  
mas do ces palauras, z dissimular  
faz toda façanha.

Al ij

**S**atanas sey que os faraa peccar  
per suas vótades, següdo he inanboso  
z muy lisongeyro, z fala mimoso  
z sabe mentir com graça, z com ar.  
**E** se elle acabasse  
conuem a saber que me derribasse  
aqlles monarchas do múdo primeiros  
tu terias soma de prisioneyros  
meu fogo també em que se occupasse  
z meus cozinheyros.

**Q**uem o tentador Satanas com  
muyta alegria, porque lepra  
acabado seu negocio,  
z diz.

**Satanas.**

**S**enhor Lucifer, prazer hi nam ha  
que dee pelos pees ao vencimento  
alegray vos muyto, z o nosso cõuento  
que vossõ desejo compzido estaa.  
**T**a sam derribados  
Adam, z Eva, os primeiros casados  
voltas as vodas em pranto muy forte  
o gozo e lagrymas, a alegria e morte  
a vida em solloiros, prazer e cuydado,  
ventura sem forte.

**D**e ja cõuertida esperãça e remozes,  
em pena tambem a seguridade  
repouso em suoz, z a liberdade  
deixoa captiua em viuas dozes:  
**E** o parayso  
hesfica bem lóg: de seu poco siso  
z he peraric de seu desatino:  
porque o fruyto era pequenino,  
z pera fazerem tal regno deuiso  
nam era tam fino.

**P**orẽ crede vos q sam destruydas  
duas criaturas muy marauilhosas  
muyto acabadas, z tam graciosas  
que tarde verã outras taes nascidas.  
**E**m fim que senhor  
comerã seu pão com grande suoz  
seu mal tem ja certo, o bẽ duuidoso,  
oo como andaua Adam tam mimoso  
z Eva cubertade grande resplandoz,  
mas eu fuy ditoso.

**Lucifer.**

**F**ago te duque. z meu capitão  
dos regnos do münndo ate sua fim  
pois os pays venceste, os filhos assi  
trabalha, z procura q venhão aa mão.  
**Q**ue poderas ser  
que algũs faram tam grãde prazer  
ao Deos ofendido com tãta vontade  
que da sua pra farão piedade,  
z sua justiça farão cõuerter.

**Satanas.**

**B**ofa meu migos, ja eu eston ceuado  
nenbũ que nãcer não me ha descapar,  
oo quantas manbas q sey de lutar  
z quantos enganos q tenbo e studado  
**U**enba emboza  
o rico, ou pobre, senhor, ou senhora  
ou seja vilão, ou frade, ou freya  
de todas as sortes lhe sey a maneyra:  
não falemos nisto ia mais por agora  
que seyta de a pesqueya.

**E**ntra hum Anjo com hum rez  
logio na mão, z traz consigo  
o Mũdo vestido como  
rey, z o Tempo diã-  
te como seu reador  
z diz o Anjo.

Anfo.

¶ Deus cui proprium est miserere porque o seu proprio he perdoar de toda a sanha não quer executar z a sūma bondade assi lbo require ca Deos he grandeza z he poderio z he fortaleza z sabedoria, virtude, z verdade gloria, tudo isto de propriedade z estas dignidades tem por natureza vsar piedade.

¶ E porque o peccado he accidental z a bondade de Deos he infinda precede ê grãdeza a toda cousa finda z ser piadoso he seu natural: a justiça pozem

quãdo executa, não cuye de ninguem que he com mil partes, o que merecia Adam he deytado de sua alegria porque por seu mal, nam pode cõ o bẽ que Deos lbe queria.

¶ Espozem cõ tudo piadoso tornado mandate mundo agasalharte Adam a todos aqueles que procederão de sua semente, de qualquer estado z lbes des folgança z todas as cousas em muyta abastãça os peyxes q̃ vã per carreças do mar as auca que andem as vias do ar ou elbas, z boys, z toda auondaça os lepra lograr.

¶ Porque ainda q̃ sã peccadores nam rem outro padre se não o senhoz que nam quer a morte ao peccador mas antes q̃ vira z lbe dec louvores z ati pozem

mandate tempo que temperes bem este relogio que te dou das vidas z como as oras fozem compridas de que fez merce a vida de alguem sejam despedidas.

¶ Assim que tu mundo os agasalharas z Satanas os aconselhara o tempo z relogio os despedira a morte fara o que tu veras eps aqui vem o padre Adão z Eva tambem z como saudosos do seu parayso com dor dolorosa, de tal improviso assi desterrados, de todo seu bem vem falando nisso.

Eua.

¶ Como os ramos de nosso pomar ficam cubertos de celestes rosas doces verduras, o fontes graciosas que nunca vos vira pera se lembrar

Adam.

lembremo nos agora de nosso remedio molher z senhoz que quanto se fez auia de ser

Eua.

senhoz quem pode cobrar tal perder que possa perder lãzança meoz de tanto prazer.

Adam.

ccccc

¶ Poderoso he o padre na gloria dos poderoso o padre no nosso parayso poderoso o padre neste triste abiso em todo lugar, poderoso he Deos nam vos mateis.

Eua.

¶ Segundo o q̃ sinto, vos senhoz q̃ reya que queira soffrer, z meu mal nam que minha dor he grãde, z eu sã molher

A iij

tam desconfiada como vos sabeis  
que deuo de ser.

¶ A dor e tristeza he no meu coraçam  
no meu coração estaa minba vida  
e na minba vida estaa minba ferida  
de que meus cuydados feridos estão

Adam.

Levayme dizer

cu vos direy que auéis de fazer  
ajantayme a soma de vossos cuydados  
aos meus tristes apaixonados  
e vaymos a mi, porq̃ eu ey dir ter  
cuydados dobrados.

Eua.

Señor bẽ o creio mas vos bẽ onnistes  
o que me disse o senhoz dos senhozes  
que eu pariria cõ mortaes dozes  
a mais desterrada na terra dos tristes  
vo triste de mi,  
ẽrda bñ d nos denaraa por si (dados  
vos tercis cuydados, e eu myros cui  
os nossos prazeres serã trabalhados  
oo quantos trabalhos teremos aqui  
por nossos peccados.

Adam.

¶ Vay ora lugar senhoza querida  
que passe esse prãto, e nos descãsemos  
catemos abzigo em q̃ nos abziguemos  
pois nõa abziguamos aa misera vida  
fazamos pendencia  
cũpramos os termos de nossa sentença  
pois nõa cũprimos o q̃ nos cumpria  
paciência senhoza, que o nojo em perfia  
remedio nõa causa, nem tira doença  
mas antes a cria.

Mundo.

¶ De vosso desastre me pesou assaz  
e como o Anjo aqui o contasse

nunca tve cousa de q̃ mais me pesasse  
pozem por engano tudo se faz  
o diabo he demõ

porq̃ he o rapaz tã sotil em estremo  
que nam ha bugio tã mal inclinado

Adam.

quem sois vos que assi estais ornado  
Mundo.

eusam o Mundo q̃ remo o meu remo  
em vosso cuydado

¶ Se vos nõa onnesses pesar ẽ dizelo  
desejo saber porq̃ via entrou  
aquelle galante q̃ vos enleou  
nam pera vsalo, mas pera fabelo

Eua.

senhoz sabereis  
dizendo em soma o q̃ me requercis  
que eu concebi neste meu spiritu  
aquelles enganos do anjo maldito  
e assi concebida agora vereis  
o meu apetito.]

¶ Digo que prenbe minbalma e vida  
assi concebida do verbo corrupto  
descjey de prenbe fartarme do fructo  
da arvore sancta per Deos defendida  
e como comi

¶ Aqui parece a Morte.

vedes ali senhoz que pari  
vedes a minba triste paridura  
esta he a filha da mãy sem ventura  
isto nacco da triste de mi  
por nossa tristura.

Adam.

¶ Vedes aqui senhoz Mundo a nossa  
parteira da terra, her depra das vidas  
ieiõza dos vermes, guia das partidas  
rayubados prantos, a nõca ociosa



Adela das Sores

a emboladeyza dos grâdes senhores  
cruel regateyza q̃ a todas enlea

Mundo.

nam vos espanteis de pessoa tã fea  
porque cada hum desses lauradores  
colhe o que semea.

¶ Ou q̃ dizes tẽpo. tẽ. eu nã digo nada  
eu lhes salarey la na derradeyza  
agafalbos tu que de gête estrangeyza

Mundo.

cozay dessa rama fazey a pouxada  
z va Adam cauar

semeay das fauas que auels de suar  
comey dessa fruyta amargosa montesa  
z fic da lã a p̃imeyza p̃incesa  
ate quessa morte vos venba chamar  
z muyto de pressa.

¶ Apartã se do anto Adã z Eva,  
z a Morte, z viz o Mũdo.

Mundo.

Ora venba Abel seu filbo leal  
z nam faças conta aqui de Laym  
que como o homẽ, he homẽ roym  
pera q̃ he delle fazer cabeda

Abel he pastor.

amigo de Deos z bon: seruido:  
por isso lhe crecem a olbo seus gados

Tempo.

pois porque tẽ dias tam abzeuiados

Mundo.

sã grandes segredos q̃ tem o senhor  
pera si guardados.

¶ Entra Abel pastor cantando  
bo vilancete se-

Guinte.

Vilancete:

¶ Adoray montanhas

o Deos das alturas  
tambem as verduras

¶ Adoray desertos  
z terras flozidas

o Deos dos secretos

bo senhor das vidas  
ribeyras criadas

louuay nas alturas

Deos das criaturas

¶ Louuay aruozedos

do fruyto prezado

digam os penedos

Deos seja louuado

z louue meu gado

aquesta ver dura.

Satanas! !

O como cantas tam doce postoz  
quanta doçura que nasceo contigo  
conselbote p̃mão, senhor z amigo  
que te estimes muyto pois estal cãto  
bem he que te prezes  
es mais fermofo q̃ teu pay mil vezes  
z se eu ati fosse deyyaria o gado  
q̃andas nes matos muy mal epregado  
mancebo desposto, z nã te despreses  
de ser namorado.

Abel.

Queria oza mais fartar o meu gado  
sem fazer uojo nem perda a ninguem

Saranas.

queres que engorde o teu gado bem  
sempre apacenta em pasto vedado

A iij

Abel.

quem te mete ari  
em a conselhares outrem nem a mi  
sem te pedirem conselho nem nada  
Satanas.

De tanta a virtude que eu bo sobrada  
que sempre isto faço e fiz atee qui  
e cada pagada.

Abel.

¶ No, e tu gabaste e fazes te sancto  
ppocrita es  
tornate monje, descalça esses pees  
e seras mais fino, nessa arte dez tanto  
Satanas.

e isto te espero  
este he o homẽ que eu busco e quero  
muyto desejo tua companhia  
sem mais soldada com grande alegria  
prometo servirte como escravo mero  
de noyte de dia.

Tempo.

Despachay Abel, parti pola fria  
que ja vossas horas estao consumidas

Abel.

o tempo ta curtasam aqui as vidas  
enhor agrauysme que ainda crecia  
nam ha aqui justica  
eytame morte. moz. o tempo me atica

Abel.

onde me leuas. moz. la to diram

Abel.

mundo nam me vales. mu. bem a mão

Tempo.

vois na se te escusa, nam ajas preguiça  
em tomes payrao.

¶ Entra Abel na escuridade do  
lymbo e diz.

Abel.

¶ Depois de viuer vida trabalhada  
depois de passada tao misera morte  
este he o descanso, e esta a poufada

Belial.

e esse he o fiso  
depois que vos vedes neste sancto abiso  
depois que estais fora do guardar de grado  
depois que cobzastes tal vale abrigado  
depois de vezinho no nosso parayso  
nos dais esse grado.

¶ Sus, sus aa correte. lu. aperta o be  
que nunca Satam o pode enganar  
porque elle yma poufar no lugar  
onde pera sempre nam vera ninguem  
se nam outros taes

Belial.

has tu saudade de ver a teus paya  
ou por ventura das tuas ouelhas

Abel.

oo senhor deos, pois tal maparelhas  
recebe meus gritos, prantos e ays  
nas tuas ouelhas.

Tempo.

¶ Aos padre Adão e vossa parceyza  
cheguemos aa vara, ja sabcis meu man  
mil annos ha que eu esperado (do  
esta he a vossa hora de derradeyza

Adam.

o Tempo espera

Tempe.

este relogio nam se destepera  
he muyto certo e muyto facundo  
Adam.

queria falar hum pouco co mundo  
nam buscar ey eu o pãno e a cera  
ora he caso profundo.

**Tempo.**

¶ **Alto despachay z vos aguardais  
fazey o alfozje, a ora do dia**

**Adam.**

dame se quer hum dia de vida

**Tempo.**

diz ca o relogio que nam tendes mais  
nam ba bi maneyza

**Morte.**

nam sabeis vos q̄ sam vossa berdeyza  
z a vossa filba a p̄imeyza gerada

**Adam.**

triste morte como es apertada  
como es espantosa em tanta maneyza  
desaumenturada.

¶ **Entrando na casa de sua p̄zisa m z a-  
chando Abel seu filbo p̄zo na=  
quella infernal estancia, farão  
todos tres hũ p̄zinto a  
tres vozes, z acabãdo  
dira o Mundo.**

¶ **Eis Job v̄ falãdo, ha grãde pedaço  
triste com causa, de ter gram tristeza  
Tempo.**

oo quantos aueres, z quanta riqueza  
perdeo aq̄lle homẽ, e tã pouco espaço  
Mundo.

infinitos gados  
z muytos aueres lhe tenbo ja dados  
z tudo lhe foy atraues breuemente  
porque satanas o achou excelente  
todos seus bẽs lhe tem assolados  
z Job paciente.

¶ **Dem Job ancião pobremente vesti-  
do falando antre si consigo acerca  
dos bẽs temporaes que lhe fale-  
cerã, entra dizẽdo desta maneira.**

**Job.**

Se os bẽstẽpõzaes nos da a r̄etur  
tambem em ventura esta, quem os ter  
o bem q̄ he mudauel, não pode ser bẽ  
mas he malpois mata, z causa tristura  
z se deos os daa

como creio muy bem que seraa  
a fortuna tem tanto poder  
que os tiralogo cada vez que quer  
bo segredo d'isto, o quem no dira  
pera bo saber.

**Satanas**

¶ **Falemos hũ pouco Job a de parte  
sobre esse segredo, veras que te digo  
eu quero te bem, z sam teu amigo  
sem vsar contigo cautela nem arte  
tu sabcras  
z não me descubras, nẽ oje, nẽ cras  
Deos he aquelle q̄te trata assi  
querte gram mal, z diz mal de ti  
nam cures delle, z logo tornaras  
a como te vi.**

¶ **Tudas cõ teus males l'ouuoze a d̄a  
z a elle pesalhe por tu nomealo  
renega, renega de ser seu vassalo.  
z logo veras tecer outros veos  
Job.**

¶ **Se o eu leyrar  
qual he o senhoz que me ha de mparã  
qual he o Deos que me pode valer  
nos bẽs desta vida nam estaa o pode  
que assi como assi ca hão de ficar  
pois ey de mozerer,**

¶ **Su creyo muy bem q̄ o meu redẽte  
viue, z no dia mais de rradeyzo  
eu o verey, redempoz verdaeyzo  
meu d̄a, meu senhoz, z meu saluadoz  
z o verey eu**

am outrem por mĩ, nem com olho seu  
ras o meu olho assi como estaa  
porque minba carne se leuantaraa  
em carne mea verrey o Deos meu  
que me saluara.

**Satanas.**

Prosigue tu embora tua mania  
ue deos bẽ de chapa te assenta a mão  
erriboute agoza as casas no chão  
matoute os filhos morte subitania

**Job.**

erdade be isto

**Satanas.**

Assi me veja eu rey do parayso

**Job.**

ẽto 7 louuado seja o deos dos ceos

**Satanas.**

o tu renegastes temertia Deos  
cozrerse bia muyto de te fazer isto

**Job.**

yla, aos increos.

**Satanas.**

Assi, ora espera farey que renegues  
zero fazer o que Deos me manda

**Toca Satanás a Job, 7 fica  
coberto de lepra 7 diz.**

**Job.**

**(Demanda**

do chagado de mĩ, questa he outra  
o Deos meu, 7 porque me persegues  
entra mĩ perfias

bendo que nada sam os meus dias  
inbalina se enoja ja de minba vida  
como a seta he minba partida  
nhoz meu senhoz porque te desuias  
7 tua guarida.

Respõde me quãtas maldades te fiz  
7 quantas treyções obrey contra ti  
porque assi escondes a face de mĩ  
mo meu contrayto, sendo meu iury

contra a folha prouee  
que ligezmente o vento reuolue  
mostras as forças que tu tẽs contigo  
porque te possite contrayto comigo  
que a tua bondade me escusa 7 absoiue  
de ser teu inimigo,

**Senhoz,** homẽ de molher nascido  
muyto breue tempo viue miserando  
7 como frol se vay acabando  
7 como a sombra seraa consumido  
pois porque senhoz  
estimas tu cousa debayto valor  
pera trazelo a iuryzo contigo  
7 quem me daras que seja comigo  
em o inferno por meu guardadoz  
7 por meu abriço.

Que a minba pele, as carnes gastadas  
logo a meu osso se achegaraa  
7 tambem soo mente o que ficaraa  
os beigos acerca d minbas queixadas  
oo meus amigos  
so menos vos outros amigos antigos  
amerceayues de mĩ que me vou  
porque a mão do senhoz me tocou  
7 vos perseguis me como inimigos  
assi como estou.

**Tempo.**

Queixainos vos bẽ, q̃ aida estais piores  
pois nã tendes mais momẽto de vida  
alto despejay, funday na partida

**Job.**

oo bẽto 7 louuado seja o meu senhoz  
o que elle mandar  
a vida he sua podca tirar  
a morte he nossa, de juro 7 herdade  
7 pois que elle be o iury da verdade

faça se logo sem mais dilatar  
à sua vontade.

**Morte.**

**¶** Ainde ca bomê, q̄ esta dor he mayoz

**Job.**

**Memento mei** Deos senboz  
pozque vento he a minha vida  
apreciare muyto a minha  
fauorece meu temoz  
z a minha alma encaminha.

**Deccante me** quotidie  
z non me penitentem  
meus spiritus ja nam sentē  
timoz mortis cōturbat me

**¶** Ubi fugiam que farey  
circū dederūt me dolozes  
ajuda me rey dos señozes  
nam te alembze q̄ pequey  
esquegã te meus errozes.  
**Manus tue** fecerunt me  
oo nam me deffaçaz ora  
occorreme senboz agora  
que a minha vida yda he  
z a morte he de mi señoza.

**Belial.**

**Ora** aday q̄ tudo he nada  
quãto vos podeis dizer

**Job.**

que me queres tu fazer

**Belial.**

seruirte z dar te poufada  
onde estes a teu prazer.

**¶** Diz Job depois de  
preso.

**¶** Quare de viuame eduxiste  
antes alli fora consumido  
oo minha esperança fazeme sofrido  
pois vida, morte, z priam tam triste

me fazem pesarme, pozq̄ fuy nacido  
mundo.

**¶** Agora estes quatro bẽ abastaram  
quanto aos paeres de ley de natura  
logo virão de ley descriptura

**Moysem, Isayas, David, Abzabam**  
falaraa primeyro

**Abzabão** patriarca, justo verdadeir  
reprendēdo os ydolos da gẽtilidade  
pozque no seu tẽpo era a raydade  
z pola verdade se fez pregoeyro  
da sancta **T**rinidade.

**Abzabam.**

**¶** Deos muy alto, ignoto escōdic  
demostrate aas gentes, q̄ ja tẽpo he  
que daquelle tempo do justo **Mo**  
estas o teu nome na terra perdido  
z estaa sonogado  
o tributo do mūdo, q̄ he teu de moze  
z adorão as gẽtes de oses de palmei  
de oses de metal, z de pederneyza  
de oses sem vida, de oses de peccado  
feytos de madeyza.

**¶** Tẽ pees, z nã andã, mãos z nã pal  
olhos, z nã vem, ozeibas, z nã ouuẽ  
corpo, z nã softe, cabeça, z nã entēde  
**Et tu qui solus es**  
que tẽs todo mūdo debaixo dos pe  
z teu ouuir z ver, he infinito  
criador dos spiritus, eternal spiriti  
z sendo seu Deos nam sabẽ quem ce  
te quer poz escripto.

**Moules.**

**Eu** Moules direy como elle forme  
no principio o ceo, terra z parayso  
a terra era vacua. z sobreauiso  
eram as treuas quando a luz criou

**A VI**

anentarey  
mysterios profundos no lluro da ley  
do figurar da sancta Trindade  
do mysterios da eternidade  
ue Deos me dira z eu escereueray  
a sua vontade.

Elle estara em pessoa comigo  
os cinco liuros, quando os escr euer  
orçãas cerimoniaas que mandafazer  
utras mayores trazeraa consigo  
a bomem penetra  
dos sacrificios nam tomes a letra  
ue outro sacrificio figuram em si  
ue matar bazerros nem auca aly  
utra mais alta offerta so letra  
outro **Beness.**

**Dauid.**

O sacrificio que he a Deos accepto  
e o spiritu muy atribulado  
o coração contrito humilhado  
ta he a offerta z seruiço de cepto  
e assi **Isayas.**

**Isayas.**

sacrificio he o **Mexias**  
ue sera nascido em **Belem** de **Judaa**  
orçã do tribo de **Judaa** sera  
a parte da **Virgem**, z eis viram dias  
n que parira.

**Moyse.**

Virgẽ prenhada. **Ma.** z virgẽ parida  
ste a çarça que nam se quey manua  
ardia, pois esta **Virgem** figuraua  
adre de ds, z do mundo z da vida  
amado cordeyro  
tira os peccados. da. eu no meu psal  
go por este muy alto primoz  
utay cantar nouo, a nosso senboz

que fez maravilhas o deos erda deiro  
o duque mayor.

**Abraham.**

¶ O **Isayas** que nouas tam bellas  
de tanta alegria, q trazes contigo  
**Isayas.**

outras tam tristes trago eu comigo  
que ja **Jeremias** fez pranto cõ ellas  
o triste mazella  
que o fruyto do ventre da qlla dozela  
em pagamento do fruyto vedado  
aa justiça diuina sera offertado  
cuberto de sangue cõ muyta querela  
z crucificado.

**Dauid.**

¶ Eu tambẽ o sey muy certo sabido  
seram suas mãos z pees muy furados  
z todos seus ossos lbe seram cõtados  
z deytaram fortes sobze seu vestido  
**Tempo.**

**Tendes ja dito**

leyray tudo isto posto por esc ripto  
z despejay logo z pagay a pouxada  
compzi cõ a terra q quer ser pagada  
z aos elementos day o spiritu  
nam falcis mais nada.

**Mundo.**

¶ **Morte** despejos nam fique ningue  
**Isayas.**

oo quem me tiuera mais vida alógada  
pera profetar da **Virgẽ** sagrada  
cem mil maravilhas q sey muyto bem  
**Morte.**

prophetas no mais

manda o tempo que logo partais  
partiuos comigo, z nã mais demoras

**Abraham.**

oo morte qua cruasam tuas espozaz

quã lastimeyras. moz. nã vos stenbais  
anday que sam oras.

**Moufes.**

Senhor rey David nã rēdes na corte  
gurugiães, z físicos moozes  
astrologos grãdes, muytos doutozes  
z tu muy serena

que vos dem saude z liurē da morte

**Morte.**

olhay nam vap nisso  
o mal que se cura não he mal de siso  
andam deytrando reinēdos aa vida  
mas o despojo nam tem guarida  
lembzete homē cõ muyto auiso  
que es terra podrida.

**Belzebu.**

O morte, oo morte, sejas bē casada  
que tã limpa gente nos das em poder  
chegayuos aqui senhor **Lucifer**  
pois que rey vema a vossa pouxada  
que nam he rezãõ  
pois q̃ he rey que eu lbe ponba mão  
se nam vossa alzeza, z ponba o aqui

**Lucifer.**

perdoayme vos senhor rey **David**

**David.**

De profundis clamaui, senhor redcãõ

**Belzebu.**

bem estais assi

**Mundo.**

De ley de scriptura z ley natural  
ja tēmos passados os mais pzincipaes  
venba a ley d̃ graça porq̃ os mortaes  
alcancem a glozia de sempre eternal  
venba o pzimeyro

glorioso **Joannes**, sancto pze goeyro  
sancto sem magoa de **Deos** enuiado  
sancto nascido z sanctificado  
cordeyro mostrando aas g̃tes o alto  
com muyto cuydado.

**San Joãõ.**

O brauzes serpētes q̃ em serras adala  
oo dragos feroces q̃stais nos dicertos  
onui os secretos que stam encubertos  
z vos dozmedarĩos tambē nã durmais  
z tu muy serena  
fermosa aue **Fenix**, que tãto sempena  
a ti mesmamas por tua vontade  
vay ver o **Fenic** da sancta **Trindade**  
filho da **Fenix** gratia plena  
que estaa na cidade.

¶ E tu muy soberbo lobo poderoso  
que trazes as ynbas crueys z tēgidas  
no sangue douelhas d̃ pouco paridas  
apzēde de **Christo** cordeyro amozoso  
z vos pomba braua  
que voais plenta, soberba, alterada  
em essas montanhas vincis brãda vlda  
tomay por espelbo a pōba escolhida  
a pomba muy mãsa, a pomba calçada  
de sol he vestida,

¶ E tu vil raposa que vsues dēgano  
z matas quem amas sem nenbũ tentoz  
apzēde de **Christo** q̃ soo por amoz  
offerece aa morte seu corpo humano,  
tu **Agua** real  
que vences os rayos do sol natural  
com tua vista per graça diuina  
guarda não te cegue o sol da rapina  
pois te alumia a luz diuinal  
com sua doutrina.

**Satanas.**

¶ Eu fuy ontem aa cidade  
z estauam os fariseus  
falando nos feytos teus  
z na tua sanctidade,  
de que pasmani os judeus.

Dizem que tu es Elias  
ou propheta enuiado  
ou Anjo dissimulado  
mas eu digo q̄ es Mexias  
z assi o tenho apostado.

Sam João.

¶ Su te conheço muy bem  
z quem es ha muytos dias  
Saram, eu nã o sam Elias  
nem desejo de ninguem  
nem bũas lisonjarias  
nem sam sancto, nẽ profeta  
nẽ menor Anjo encuberto  
voz clamantis in deserto  
esta he a minha vida: certa  
pois queres saber o certo.

¶ Nem Mexias nã sam eu  
nem para lhe desatar  
a correa que leuar  
o sancto çapato seu.  
Antre os judeus acharaas  
o bem q̄ elles não conbecẽ,  
nem tu o conbeceraas  
por q̄ elles não o merecem  
nem tu o mereceraas.

¶ Apartase Satanas, z  
diz sam João.

Sam João:

O mortaes d terra, e terra tornados  
oig sam voſtas almas  
e tam fina ley  
bra voſtos oĩdos. q̄ ecce agua Dei  
ue veyo ao mũdo tirar os peccados  
lle he por certo  
rede esta voz clamante em deserto  
leuantayuos do pco desta vida,

pegayuos com Christo  
que he certa guarida  
que de sua mãõ estaa o ceo aberto  
z a gloria vencida.

Tempo.

¶ Este relógio he muyto forte  
vos perdoayme senhoz sam João  
que voſtas horas compridas estão  
segundo buscaſtes tam cedo a morte  
z por voſta vontade  
vos nã quereis se não pregar verdade  
z ella vos leua da vida presente

Sam João.

que sam muyto ledo z muyto contẽte  
por q̄ a verdade he a mesma Trindade  
verdadeiramente.

¶ E pois eu sam voz de nosso senhoz  
se eu a calar, quem a ha dizer  
as offensas de ds, quẽ as ha de sofrer  
mas clame e deserto qualq̄ pregador  
z seu tema seja  
verdade, verdade, mas o que deseja  
ser bispo, z por tãto prega modesto  
calando z cobzindo o mal manifesto  
nam he pregador da sancta ygreja  
mas ladrão honesto.

¶ Leua me morte. quero me yr daqui  
q̄ ja mostrey Christo a todos os riuos  
yrey dar a nõua naquelles captiuos  
cujo captiueyro teraa cedo fim.

¶ Entrando sam João naquella pri-  
sam, com admiracãm de grande  
alegria cantarão os presos o  
romance seguinte, que fez o  
mesmo. Autoz ao mes-  
mo proposito,  
diz.



Romance.

Bozes dauan prisioneros  
luengo tiempo estan llozando  
en triste carcel escuro  
padecendo y sospirando.

Con palabras dozofas  
sus prisiones quebrantando  
ques de ty Virgen y madre  
que a ty estamos esperando.

Despierta el señor del mundo  
no estemos mas penando  
oyendo sus bozes tristes  
la Virgen estaua orando.

Quando vino la embaxada  
por el Angel saludando  
sue rosa gracia plena  
su preñez le anunciado.

Suelta los encarcelados  
que por ty estan sospirando  
por la muerte de tu hijo  
a su padre estan rogando.

Creça el niño glorioso  
que la Cruz esta esperando  
su muerte sera cuchillo  
tu anima traspassando  
sufre su muerte señoza  
nuestra vida deſseando.

Lucifer.

Que fazes. Sa. eu nam faço nada  
z suo como cão, sem achar bonança

Lucifer.

todos aquelles q̃a morte ca lança  
al cançam per força segura poufada  
pois has me dencher  
de almas humanas, conuema saber.

A furna das treuas, pôte d̃ navalhas  
o lago dos prãtos, a ortã d̃ dragos

os tanques da yza, os lagos da neve  
os rios ardêtes, fala dos tormentos  
varãda das dozes, cozinha de gritos  
o açougue das pragas. a torre doz pi  
o vale das forças, tudo arreo (gos  
Satanas.

bem certo he q̃ tudo ha de ser cheyo  
mas França z Roma nã se fez nũ dia  
Lucifer.

temo Satão queſta mercadozia  
que temos aqui, he brasa no feyo.

Entra a figura de noſſo Redẽptor,  
z o Mundo, z o Tempo, z a Ador-  
te assentam se de globos,  
diz o mundo.

Mundo.

Tambem vos passaes Deos meu  
por esta vida mesquinha  
muyta dita he a minha  
mas onde agasalbarey eu  
a quem tanta gloria tinha.  
Do eternal criador  
oo temporal criatura  
que encubres com terra escura  
oo diuino resplandor  
z imixensa fermosura.

E por tanto eu não sam digno  
que entreia na minha morada  
porque he baixa poufada  
z pera ti verbo diuino  
quanto teubo nam he nada.

Christo.

Nam te rogastes tu conmigo  
nem me des poufada a mi  
que o meu regno nã he aqui  
nem quero nada contigo

mas quatro confas quero de ti.

**Primeyra.**

Quando me vires leuar  
pola tua damargura  
que olhes minha figura  
z o sangue que eu derramar  
te me tua alma por cura.

**Segunda.**

Quando os sayões da cidade  
me pregarem no madeyro  
com fortes pregos daceyro  
que olhes com que vontade  
me entreguey ao carniceyro.

**Terceyra.**

Quando vires espirar  
o meu spiritu cansado  
o meu coração finado  
ue tu te queyras lembrar  
me mouro por teu peccado.

**Quarta.**

Quando enterrado me vires  
em companhanem emparo  
ue do teu coração tires  
ospiros com que sospires  
minha morte z desemparo.

Eu não quero de ti mais  
o reparte teus cruzados  
eus imperios, z reynados  
tuas pompas mortaes  
ueu nã quero teus mozdados.  
Seja Papa quem quiser  
ou Rey quem tu quiseres  
ue os imperios z poderes  
morte os ha de prouer  
tirar a quem os deres.

**Tempo.**

Deu senhor eu que farey

no relógio que me destes  
digo quinda que naceses  
nam se entende em vos a ley  
pois que vos mesmo a fizcites.

**Christo.**

Quando dicam videbitis me  
eu a comprirey que a fiz  
por que o rey que he bom iuyz  
como a ley feyta he  
faz aquillo quella diz.  
Cedo me despejaras  
tem tu o relógio certo  
em tanto voume ao deserto  
z veremos Satanas  
se me fala descuberto.

**Lucifer.**

Digo q este homẽ nascido em Belẽ  
parece perigosa coua pera nos

**Belial.**

senhor Lucifer isso vede vos  
por que todo o mal he de quem o tem

**Satanas.**

Dee ao demo cas antiga  
crede que temos com elle fadiga  
que passa de sancto

**Belial.**

parece o elle

**Lucifer.**

vay Satanas z salta com elle  
ẽ fim elle he homẽ por mais q te diga  
mais podes tu quelle.

Agora que anda assi soo no deserto  
veste este fato z fazete monge  
por que sem isto andaras de longe  
z assi simulado talaras de perto  
ora vay assinha

7 se tu este trazes aa nossa cozinha  
eu te farey muy gram caualey 26.

¶ **Satanas** tentar a **Christo**  
isto 7 diz.

**Satanas.**

Que faz o senoz neste hermo estrágei  
tã so, 7 tã fraco, q̄ por vida minha (ro  
que he grande martey 20

**Christo.**

E tu que confa es, ou que vês buscar

**Satanas.**

Bem ves tu senhoz que sam hirmittão  
logo meu trajo demostra quem sam  
7 he escusado o mais perguntar  
sam monje senhoz

**Christo.**

Nem porq̄ os sagazes 7 bõ caçadoz  
se veste no boy por caçar perdizes  
nam he elle boy como tu me dizes  
julgay polas obras 7 nam pola coz  
sereps bõs juyzes.

**Satanas.**

¶ **Senhoz** ja de fraco 7 debilitado  
deytas a fala cansada com pena  
7 eu ouui dizer ja que se condēna  
quē mata a si mesmo d̄ proprio grado  
pois por que te matas

7 a tua vida assi a mal tratas  
sendo teu prego ao dobro de **Elias**  
come senhoz, que ha cozena dias  
que te desbaratas

E mais se tu es o filho de **Deos**  
como eu sinto, ainda que me calo  
faras destas pedras todas pão. d̄ calo  
segundo a virtude trouxeste dos ceos

**Christo.**

¶ **Escrepto** acharam  
que nam viue o homẽ soomẽte do pão  
mas da palavra de **Deos** procedida

este hea que farta, cria 7 da vida

**Satanas.**

Do como falas, dame outra liçã  
que ja essa he sabida

E se tu como digo filho de **Deos** es  
segundo a noua por esta terra anda  
deytate abayro daquella varanda  
7 nam ajas medo q̄ quebres os pees  
por que escripto  
que nembũa pedra em perna, nem pee  
te pode fazer offensa, nem nada,

**Christo.**

E se eu posso subir, 7 d̄cer pola escada  
pera que he tentar a **Deos** sem porq̄  
que he cousa escusada

**Satanas:**

Quãta pola escada hũ mãco fara isso  
vẽme aa rõtade fazerte hũ partido  
todo homẽ pobze he auozrecido  
tu de meu conselho acolhete ao siso  
7 que hum homem faça  
muytos peccados 7 erros de praça  
por enriquecer, tudo he bem feyto  
que bem sabe **Deos** q̄ quem nada ten  
q̄ tenha mi graças, per diuina graça  
nam no quer ninguem.

¶ **Sabes** Rio frio 7 toda aq̄lla terra  
**Aldeogalega**, **Alandeyra** 7 **Rãginb**  
7 d̄ **laura** **Lozuche**, tudo he terra miã  
7 desde camora ate **Salua** terra  
7 desde **Almeyrim**

bem ate a **Therra** 7 tudo per aly  
7 a terra q̄ tenho d̄ cardos 7 d̄ pedra  
q̄ vay desde **Sintra** ate **Torresvedra**  
tudo he meu, olha pera mi  
veras como medras.

Isto 7 muyto mais, te darey

que não quero mais, se não sentate abí  
dofto em geolboas, e adoza em mim  
olba em quam pouco viraas a fer rey  
e muyto acatado

Chriſto.

¶ Retro, retro malauenturado  
taífo, y noz me, cruel. Satanaas  
cripto he, nam a dozaraas  
enã hũ ſoo Deos, cõ grãde cuydado  
e elle feruir aas

Lucifer.

Que he iſſo Satam

Satanaas.

¶ Enho embarbaſcado  
zeiton mais molino q̃ hũ alfeloe pyro  
dameca nonade que aquelle eſcadeiro  
e o paſtor daquelle noſſo gado.

Chriſto.

¶ Eis aqui ſobimos a Hieruſalem  
pera tirar o veſtido em que ando  
bozque os agoutes meſtam eſperãdo  
lumpza ſe todo meu mal e meu bem  
pero p̃r levar

minha breue vida a que ma de matar  
tañi entregar a minha eabeça  
ta cruel cozoa, pozque ella padeça  
tom tâto de ſangue, que que me olbar  
que nam me conbeça.

¶ Quero p̃r levar eſtes meus cabellos  
onde ſejam feyros duzentos pedaços  
pro p̃r p̃gar eſtes pees e meus braços  
onde os ſinta e nam poſſa velos  
e o delicado  
riſte meu peyto que ſeja paſſado  
o couces yzoſos, e minbas queixadas  
e dentes quebrados cõ mil bofetadas  
e eu virey logo ſer ſepaltrado  
em breues paſſadas.

Belial.

¶ Senba? Lucifer en ando boente  
trememe a vara e a barba tambem  
e doyme a cabeça que tal febre tem  
que ſonia ſam etigo ordenadamente  
e doyme as canellas  
ſayeme que turz per antre as arnellas  
e ſegũdo me acho muyto mal me ſinto  
e algũ grã de ſaſtre me pinta o diſtinto  
ate as minbas vnhas eſtam amarellas  
que he grão laberinto.

¶ Em eſte paſſo vem os cantozes e  
trazem hũa tumba. onde vem hũa  
deuota ymagem de Chriſto  
morto, e depois de acaba=  
a prociſam diz Belial.

Belial.

¶ Erguete ſenboz, que ſegundo creyo  
pois que aſſi treino e eſtou amarelo  
que ſeraa tomado eſte noſſo caſtello  
e o gado que temos ha de ſer albeyo  
Satanaas.

¶ Não he o que uo digo

Belial.

¶ rugẽmas tripas, ardemio em bigo  
e a boca empolada aſſi como de figos  
crede vos rey que tendes inimigos  
pozque eſtas doẽças q̃ trago comigo  
denotam perigos.

¶ Aqui to cão as trombetas e chara=  
melas, e aparece hũa figura d Chriſto  
na reſurreyçãõ, e entra no lyrabo e ſol=  
taraa aquelles p̃reſos bẽauenturados  
e aſſi acaba o preſente auto.

Gloria laus e honoz  
tibi ſit rex Chriſte Redemptoz

**D**ialogo de hũs tres judeus 7 dous Centurios sobre a resurreçao de Christo nosso Redemptor, 7 os nomes delles, rabi Leui, rabi Samuel, dous Centurios 7 rabi Aroz. Entra primeyro rabi Leui 7 diz.

**Leui.**

**¶** Quem cõ mal anda dizia Jacob Rabina Rabasse, Rabi Adousem nam cuyde ninguem que lhe venhabẽ nem he bem que alguem aja delle doo Quem com mal anda, chora 7 nã cãta quem soo se conselha, soo se depena quem nam faz mal, nam merece pena quẽ chora, ou canta, fadas mas espãta

**¶** Dizia minha mãy Semila saborida filbo nam comas nam rebentaras se sempre calares nunca mentiras come 7 folga teras boa vida dizia meu pay Adoie Rabizarau nã comas quente nã perderas o dẽte quem nam mente nã vem de boa gẽte nam vas aa forza não te enforçargõ.

**¶** Dizia meu dono cuja alma Deostẽ nam peques na ley, nam temeras rep se tu te guardares. eu te guardarey quẽ sẽpre faz mal poycas rezas faz bẽ dizia mem tio Rabi mal logrado filbo jacob, o q̃ fazes dizia jacob bade 7 nam tem nome arbegate ea quero te ensinar nam sejas pobre mozi eras honrado.

**¶** fala como deu seras bom rendeyro quando perderes ponte de lodo se nada ganhares perdelo bas todo se sempre perderes nã sejas fizeyro  
**Samuel**  
que falas, que falas azara te reyo

**Leui.**

ando cuydando naquelle coyhado daquelle Mexias que jaz enterrado todo o que dixey foy de uaneo dixey que auia de resuscitar

**Samuel.**

quando meu dono. **Le.** assi digo eu daquelles guayados nembũ pareceo que la ontẽm foram pera o guardar

**Samuel.**

elle dizia o dia terceyro

**Leui.**

que negro chanto. que guerra seria

**Samuel.**

nam falemos nisso, tudo he bulrria pois elle seria o deu verdadeyro.

**¶** falemos em al rabi Samuel oytras lazeyras habi que contar leyro fazer, queres arrendar

comigo hãa renda se fores fiel arrenda comigo este anno que vem

**Leui.**

que renda. **Sa.** hãa renda

**Leui.**

7 nam tem nome

(ar) ve tu se he tal que o demo me tom se nam a arrendar, se me vier bem

**¶** Aem o Centurio 7 diz **Leui.**

**Leui.**

**¶** Que do illo ha lo, que foy q̃ querey Centurio.

vimos passas. **le.** De q̃ que achastẽ. vimos. **le.** q̃ viste, q̃ vos passaste

que be, que soy, dizey que dizcis  
Centurio.  
estando dormindo. **Le.** Doube q fosse  
Centurio.  
esta madrugada. **le.** pela menha cedo  
estavas dormindo, sonhaste co medo  
da ouu aquillo sonhado espantouse

Centurio.  
nao quereis ouuir. **le.** onusimos cotay  
ha de ser hu sonho, que vio hi espanto  
hua a deuinbacam, hum coo, hu chato  
hua patranha. contay acabay  
sonhastes esta madrugada  
estando dormindo, eu vos lembrarey

Centurio.  
ficayuos emboza, jo nam contarey  
**Samuel.**  
digo q opuamos esta gente bonrada  
**Leui.**

ora dizey tudo ha de ser vento  
Centurio.  
nam he se nam coysa de q vos pasmeis  
de grande segredo, opui se quereya  
e sabereis caso de gram perdimento  
**Leui.**

onhou que perdia na ssa do trigo  
demo me dou sefoy optra coysa  
omo dormia de bayro da loysa  
staua abafado. **Le.** olhay o que digo  
**Christo** desdoje. **sa.** que ha d fazer  
Centurio.

abio do sepulchro. **sa.** furtado seria  
Centurio.  
tas resuscitado com grade alegria  
ede vos outros como isto ha de ser  
**Leui.**

ne cabeças estas, que chato nos reyo  
era iuyces de ponte de Loures

tudo isto eram os vossos tremores  
monta ao todo hu grao de centeyo  
Centurio.

**Q**ui os sinays porque os creays  
na hora. no ponto que resuscitou  
toda a cabeça se me depenou  
z venho pelado. **leui.** hay mais sinays  
Dutro Centurio.

**E**u desdentado, ma ora nasci  
soomete hum dente ma mi nam ficon  
o sancto diabo ma mi la leuou  
**Samuel.**

abre essa boca, vejamos se he am  
ja cerrou a caua, o desaventurado  
andaste aas pumbadas com algu rases  
z quebropte os dentes, porq es vilao  
z cuydas que o oyro he resuscitado.  
**Leui.**

milhor viua eu, z meu filho **Jacob**  
que se elle leuante daquelle penedo  
em dias que viuas, namajas tu medo  
que nunca oncontres co outro neso  
Centurio.

**S**ey eu muyto certo qston be pelado  
z alem de pelado tolhido dhubraço  
**Leui.**

**A**rrepelarante aaporta do paço  
olhay que milagre pera ser soado  
Centurio.

**E**stes dedos que dizes rabi  
que nenhua ynba nam ficou contigo  
**Samuel**

mostra veremos que ouu este contigo  
Centurio segundo.

atenta se minto que velas aqui  
**Samuel.**

digo te amigo que foram ynhezros  
ou foy dor dos, cabos, nas potas dos  
dedos

**E** nã nos curaste, com medo dos medos  
mas estes milagres nã sã verdadeiros  
**N**ã digais nada, a nossa comũna  
não façaca rumor no nosso casa!

**Centurio.**

**P**ois que diremos que foy este mal  
ou que remedio a nossa fortuna.

**Leui.**

**D**iras q̄arrẽ. Iaste na fisa dos pãnos  
ou no azeytes do auer do peso  
z que arrepelaste hũ homẽ traueſto  
sobze rezões auera dous annos  
z que agoza te arrepelou  
z mais q̄ restortegou esse braço  
z estoutro vendo te em tal embaraço  
por te acudir que foy, z empegou.  
**E** deu cos focinhos nũ ferro darado  
z quebrou os dẽtes, ynhas z todo  
z assi em todo, pondeuos de lodo  
do cbãto, z da guapa todo misturado.

**Samuel.**

**E**ntendeis aquilo homẽ honrado  
toma hũ vintẽ pera a cabeleyza  
tu come das papas não teras dẽtcira  
z compra hũas luuas ou furtas alguẽ  
nem digais q̄ he viuo, que pola benção  
de Rabi alcauado, z de dona Sol  
que vos tenchemos dentro nũ lençol  
z a capeladas ou mozrais, ou nã.

**Uam se os Centurios.**

**Rabi Samuel.**

**F**alemos, saltemos no arrendamẽto

**Leui.**

**Rabi Samuel** mais releua isto  
quicaps era sancto, este Jesu Chriſto  
que che o most ou em seu finamento  
o Sol elcurou z a terra tremeo

**Samuel**

**E**u te direy a verdade intepra  
tremeo minba casa, cabio cãtar epra  
quebrouse a louça, todo se perdeo  
ate o picbel que tinba da zeyte  
fendeose me hũ pote q̄broume tigelas  
bacios, candicyros, panellas  
não ficou vinagre nẽ em q̄ o deyte.

**Leui.**

**U**amonos hoza a rabi Aroz  
z a rabi franco, z a Rabizaram  
farlhemos mençam da questa rezam  
q̄ se isto be verdade o demo be na noz  
**Samuel.**

**F**alemos tambẽa rabi Mose  
z a Jacob lendroso, z Abzão pelado  
saybamos se este be o nosso esperado  
vejamos se foy, se be, se não be.

**Uem Rabi Aroz z diz.**

**Aroz.**

**L**eprayme passar

**Leui.**

**B**em venhas yzmão, pera onde vas?

**Samuel.**

**D**za estaa quedo z não sejas gros  
que voa pelo ar, z anda pelo chão  
ora atenta misto  
tu saberas, que acerca de Chriſto  
tẽs bem que ouuir, z nos que falar

**Aroz.**

**N**ão posso escutar, que vou campear  
z se lhe tar dai, bem sabes tu isto  
em que pode parar  
por queſte bolsa nã tẽ çarradourc

**Samuel.**

**A**perta lhe a boca ate que isso pare

**Aroz.**

**P**ois que agoza, hũ rey me falasse

eu lhe diria, senhoz voume a mouros  
ou lhe diria  
vou despachar hũa mercadoria  
questa empaçada ao porta redonda  
desta tabailla, e isto tabenda.

Samuel.

dillo te farres de noyte e de dia  
no tempo da monda.

Leui.

¶ Pois vamos cõrigo p'remos falado  
soma que Christo depois d'enterrado  
de aho panete, he resuscitado  
guay dos tristes que estauã guardado  
hũa ficam pelados  
outros sem d'etes, e braços q'brados  
outros sem vnhaa pera fazer pro  
e todos oviram fora do lançol  
sayz do penedo, todos acordados  
em saindo o sol.

Aroz.

¶ Pois erã cozẽta cõ armas armadas  
no podião prender outra vez

Samuel

que rezão eisa de siso de pez

Aroz.

pois nã no prenderã merecẽ matados

Leui.

quem ha de prender  
aquelle q' tem tam grande poder  
em corpo açoytado daquella feyçãõ  
hũa lançada pelo coraçãõ

Aroz.

icays nã soy morto, e pode bem ser

Leui.

ue negra rezãõ.

[Se for a doença que se finara  
posto na coua se alçara e viuera

poderas dizer que esmorecera  
e perderaos pulsos, mas alma ficata  
mas bem vimos nos  
e tu bem o sabes d'õ rabi Aroz  
que soo dos açoytes q' mais nã viuera  
e que o soltaram daquillo mozzera  
e soo da coroa tambem crede vos  
que nam guarrecera.

¶ Pois soo de leuar a Cruz tã pesada  
pola serra acima, homẽ tam delgado  
d'isto soomente ficara matado  
q' lam ja tres mozzes, cada hũa aparta  
e veram os cegos (da  
que soo do tozzẽto q' leuou dos p'gos  
foza matado hum drago feroz  
quanto mais a lançada, cre rabi Aroz  
q' fomos aas lebzes, tomamos mozzes  
esta be a mi, ba voz. (Cus

Samuel.

¶ E a minha tambẽ, e acabo de crer  
que he este o Merias nosso desejado  
porque Ilayas propheta amado  
falou deste tudo o que auia de ser  
e Ezechiel  
Amos, Salamaõ, Havid, Daniel  
tõcos falaram no seu resurgir  
este he o Merias sem mais arguyz  
este he o honrado nosso Emanuel  
oal he mentir.

Aroz.

¶ Meu pay arrẽdou hũas alcaçarias  
junto do termo de Villarreal  
com tal condiçãõ que durasse o foral  
ste que viesse o nosso Merias  
ozamecuray  
juro pola alma que soy de meu pay  
que he esta cousa bem embaraçada



estay ambos quedos nã beq̃çcis nada  
nam fale ninguem vereys como vay  
esta cimburihada.

Meu pay era dono dh̃a filha minha  
e minha mãy filha de meu dono tozto  
e hũ meu yzmão q̃ morreo no Porto  
era mesmo tio dos filhos q̃ eu tinba  
tudo assy vay  
e minha molher, noza de meu pay  
e meu pay marido de sua molher  
e sua molher era sogra da minha  
assy indo fomos, de linba em linba  
ate que meu pay reyo a morrer.

Meu pay falecido  
vay minha mãy e perdeo o marido  
e fez viuua, e as alcaçarias  
foram do pay da mãy de Tobias  
filha de dom Donegal do lorigo  
que morreo nas Pias  
e quando se fez a tomada Darzila  
dona frãca pôba casou em Buarcos  
cõ Beto çapayo capador dos gatos  
que furado alporcas morreo e Lauila

Em aquelles dias  
se fez o contracto das alcaçarias  
e Davia ladapnbas da manga cagada  
leyrou assẽtado que vindo o Mexias  
que as alcaçarias nã tẽdo ellas nada  
que fossem vazias  
seguese logo se Christo he Mexias  
que he saluador destas alcaçarias  
e ficaram liures e postas em cobzo  
pozem eu creyo q̃ o q̃ diz meu sogro  
que he tudo vento, e sam fantasias  
e peccays em dobro.

Porq̃ se fora o que nos esperamos

leuara os iudeus pouo de Israel  
a terra q̃ mana o egypto e o mel  
que he nossa herança q̃ de ds berdamos

Leui.

Assy am que elle dizia  
que essa herança que nam se entendia  
se nam que auemos de resuscitar  
assy como elle pera nos leuar  
aa mesma herança que deos prometia  
lhe ouui eu pze gar.

Porq̃ essas farturas q̃ a terra treme  
foram criadas pera os animaes  
e q̃ o deo poderoso essas cousas taes  
nã as estima, nem da, nem promete  
e que o Mexias  
se bem entendermos nossas profecias  
nam vinba a fartar os corpos de mel  
tambem tuabi estauas Rabi Samuel  
tu rabi Aroz bem vi que dormias  
e Zarababel.

Aroz.

Dois que faremos sobzisto em tãto  
Leui.

que nos calemos em nosso calado  
quem quer q̃ disser q̃ he resuscitado  
darlhey hũa figa debayxo do manto  
e ley ray estar  
que seja verdade calar e negar  
ter mão na sinagoga q̃ nos da repairo  
que sabẽdo o pouo he nosso o fadairo  
e se o auentar  
cada sacerdotẽ lhe compre estudar  
pera buticayzo  
tenbamos todos muy bem que comer  
que farte, e sobeje pera todo o anno  
tratemos em cousas em q̃ caiba egano  
e se nos perdermos nã pode mais ser

**Aroz:**

Sabes que receo  
o mal q fizemos de crime tam feo  
que ia Jeremias nos chorou p' n'leiro

**Leui.**

fundemonos todos en aner d' inbeiro  
po' q' quer seja nosso quer seja albeo  
de deu verdade p'zo

e ter mão na burra, que dizeis Aroz?

**Aroz.**

façamos tamul d' cõ tãtas patranbas

e õ q' embaracemos tamandab façalla  
antes que metam a frota na fo'z.

**E** por simular  
ordenemos festa com algũ cantar  
po' que nã entendãõ q' toinos v'ctido  
cbacota na mão fender os ouvidos  
a quem nos ouvir, alto comegar  
a trauar dos vestidos e cabecear.

**Laus Deo.**

Auto do Nascimento.



Auto do nascimêto de nosso Señor Iesu Christo nouamente feyto por Balthasar Diaz, em o qual entrão as figuras seguintes. s. dous pastores hũ chamado Benito, & outro Bartolo. E depois outro que se chama Lloréte, ho Emperador Augusto Cesar, Cerino Embayxador, el Rey Herodes, dous Iudeus, hũ vilã, hũa velha, Ioseph, Nossa Senhora, hum Anjo, & ostres Reys Magos, Entra logo Benito cantando.

Com Priuilegio Real.

Benito.

¶ O que linda pradería  
que prado para hazer fiestas  
que lindeza de florestas  
que barbecho de alegría  
que mōtañas tan cōpuestas,  
O que prado para fiestas  
o que fuentes, y que caños  
o que valles tan estraños,  
o que ricas choças estas  
para los nuestros rebaños.

¶ Luri al ño de Santillan  
que este es el cempo Eliflo  
es el mismo paraíso  
do nuestro padre Adan  
por soberuia peccar quiso,  
Mas segun veo y deuiso  
si yo tuuiesse mi pancho  
harto de migas y ancho  
nunca seria arrepiso  
ni auria miedo a Sancho.

Mas pues tengo de costūbre  
holgar donde hay holgança  
no me curo de membrança  
quiero hazer luego lumbré  
y enchir luego la pança,  
Que mas vale la esperança  
que hombre tiene de biuir  
que pensar que ha de morir  
ni tener dello membrança:  
sino holgar y reyr.

¶ Pues no tenemos q̄ hazer  
venid aca mi çurron  
pedernal, y esca, eslauon  
guisaremos de comer

sopa cocha en calderon,  
Quesadas y requeson  
migas tostadas y ajo  
tocino con buen tafajo  
no curemos de passion  
quel comer haze el trabajo.

¶ Em quãto este pastor fere  
o fogo, entra ourto chama-  
do Bartolo, & diz.

Bartolo.

¶ O dome a fant q̄ me lleue  
con el putó del tempero  
quanto frio quanta nteue  
mira mira como llueue  
no veis este ventisquero,  
Por sant juncoverdadero  
que todo me stoy temblado,  
no me presta estar luchando-  
ni de correr tras del perro  
ni tan poco andar saltando.

¶ Encouado como grillos  
al tiempo de las si mientes  
esto batiendo los dientes  
como hazen los martillos  
en ayunques muy luzientes,  
No hablo ya con las gentes  
con hazer la plegadura  
reniego de la friura  
pues mata los innocentes  
con su yelo y su blancura.

¶ O verano deseado  
cobertura de pastores  
quantas tristezas, dolores  
tu ausencia nos ha dado  
a los pobres labradores,

Aquestos grandes señores  
que tienen riquezas hartas  
bien aforados en mareas  
no curan de los menores  
mas que se vayá con cartas.

¶ Doy a la rauia la roña  
y el tacaño deste mes  
triste cara de cigoña  
pues que con los pobres es  
mas cruel que la ponçoña,  
En plazerer nunca soña  
uno en darnos cuydado  
es vn espíritu dañado  
destruydor de la leña  
estragador del calçado.

¶ Ninguna cosa apopa  
estodo nuestro recelo  
muy grande amigo de yelo  
enemigo de la ropa  
fuera de todo consuelo,  
Quita claridad al cielo  
da blancura en las montañas  
haze contar mil patrañas  
viste las gentes de pelo  
encueua las almañas.

¶ Es de caminantes pena  
gran estrago de las mieses  
es emparo de los pesces  
hazes secar con arena  
lo que con agua enuerdeces,  
de toda bondad careces  
inutile sin prouecho  
Dios te haga tan maltrecho  
tanto como tu mereces  
pues táto mal nos as hecho.

¶ Acabando Benito de serir  
o lume diz.

Benito.

¶ A la fec gran gafajado  
es la lumbre por sant pego  
muy mejor es este fuego  
que correr tras el ganado  
por las peñas sin sosiego,  
Pues así es quiero luego  
llamar el pastor Bartolo  
porque creo que esta solo  
o quien tuuiera vn borrego  
para sacarme de duelo.

¶ Ho Bartolo, o pastor  
ven acatoste priado,

bar. no puedo que stoy elado  
be. elado, pues peccador  
ado dexaste el ganado,

Bar. No tēgo de esto cuydado  
el demuño que lo lleue  
pues es tan grande la nieue  
que segun estoy tractado  
my vida sera muy breue.

Be. Lleuãta, lleuanta loco  
siempre tienes por boftübre  
de ser grande dormiñooco

bar. llega por tu vida vn poco  
pues tiones piedra de lübre,

Be. Nolo ves en esta cumbre  
lleuanta viene si quies  
bar. no puedo bollir los pies  
be. do al diablo la pesadübre  
de hombre hecho de pez.

¶ Hergue ergue amodorri  
vamos escallentar (do

bar. nome puedo menear  
porque estoy muy aterido  
be. por dios que te de lleuar  
bar. Benito dexame astar  
no me lleues arrastrando  
be. por mas q̄ vayas gritado  
no usaqui de quedar  
neste lugar espirando.

¶ Di cuytado peccador  
hombre de mala ventura  
no sera mucho mejor  
dormir en este frescor  
que hazer la plegadura,  
No es mejor callentura  
para matar los piojos  
q̄ dormir por los rastrojos  
sin ninguna cobertura  
lleno de penas y enojos.  
Bartolo.

¶ Dexame dormir benito  
q̄stoy muy doliéte y flaco  
be. doy al demuño el vellaco  
juro al cuerpo de sant pito  
que esta tomado de baco:  
Es mas maluado que caco  
o hideputa royn  
pues no ha de ser anfin  
que aun q̄ no tengo papo  
he de echarme cabe ti.

¶ Aqui se deita a dormir os  
pastores, e étra o Empera-  
dor Augusto Cesar, & cõ  
elle hũ embayxador seu &  
diz.

Emperador.

¶ Jupiter omnipotente  
me deu seu mãdo jocúdo  
pera sogigar o mundo  
& mandar a toda a gente  
cõ poder mais q̄ profúdo,  
E por tanto eu me fundo  
em me fazer conhecer  
& dos nascidos temer  
pois que nãtenho segúdo  
pera me contradizer.

¶ Mayor sam q̄ os mayores  
dos grandes superior  
mais q̄ meus antecessores  
& tenho mayor vigor  
que todos Emperadores,  
Vencedor dos vécedores  
sam poderoso & possante  
inuíctissimo triumphante  
tenho reis por seruidores  
todo mũdo me he cõstãte.

¶ E pois que como de uino  
tenho no mundo poder  
nam me quero mais deter  
façasse o que determino  
pera mais temido ser,  
Quero mandar escreuer  
por amostrar meus poderes  
a quãtos no mundo ouer  
nascidos & por nascer  
que nascerẽ de melhores.

¶ Quero fazer mando nouo  
pois sou mais grãde idoneo  
q̄ Alexandre Macedonio  
& nãtenho emeu estoruo,  
Lepido, nẽ Marco Anto-  
E pois q̄ tenho poder (nã

sem mo cōtraftar ninguem  
nam me quero mais deter  
porque ysto me conuem  
que mande logo fazer,  
Serino meu muyto amado,  
ja que vos sois o mais velho  
em minha casa criado,  
quero que me deis cōselho  
nisto que tenho ordenado.

Serino.

¶ Senhor nã he bẽ cuydado  
que quem tem tanto saber  
queyra tomar parecer  
de quem nã he doutrinado  
pera se saber reger,  
Bem vejo que he affeyçam  
que me tem sua Magestade  
que outros se acharam  
que tem mayor discreçam  
pera lhe dizer verdade,  
¶ Mas perq̃ vejo a vontade  
de meu senhor tã benigno  
por nam carecer de tino  
tomarey a dignidade  
da qual eu nunca fuy digno,  
Vossa Magestade quer  
que escreua toda a gente  
& ha seysto de entender'  
nam os nascidos samente  
mas os que ham de nascer.  
¶ Ysto conuem a saber  
que as molheres prenhadas  
com as crianças geradas  
& tãbem se ham descreuer  
posto que nam sejam nadas,  
Ho qual he bem ordenado

poem ha se de dizer  
em que lugar ha de ser  
pera que tenham cuydado  
de lhe vir obedecer.

Emperador.

¶ Digo que a meu parecer  
serã bõem nesta cidade  
pois nella pode caber  
gram parte & cantidade  
de quãtos no mundo ouuer.

Serino.

¶ Que se cūpra seu mandado  
meu senhor rezam sera,  
mas nam que seja obrigado  
ho pouo doutro reynado  
ha se vyr escreuer ca,  
Porque como sabeis ja  
tem Rey em Hierusalem  
ho qual podera muy bem  
escreuer quanto la ha  
declarados por ytem.

¶ E se for doutra maneyra  
serã grande fogeçam  
pera as gentes que la estam  
em outra terra estrangeyra  
que vyr ca nam poderam,  
Por q̃ os reynos muytos são  
& as terras muy apartadas,  
são tão longas as jornadas  
que primeyro morreram  
que ca sejam ajuntadas.

¶ E pera serem escreuidos  
com muyto mor breuidade  
crea senhor em verdade  
que melhor são repartidos,  
que todos nesta cidade,

A iij

& se sua magestade  
outra cousa lhe parece  
poçolhe com humildade  
donde descripção falece  
que me receba a vontade.

Emperador.

¶ Bem sabia eu amigo  
tua grande descripçam  
& esta foy a rezam  
porque quis tomar contigo  
este conselho tam sam.  
E pois tenho em minha mão  
Herodes & seu reynado  
eu tenho determinado,  
sem nenhũa dilaçam,  
que lhe leues meu recado.

¶ Dirhas q̄ por demonstrar  
o meu comprido poder  
quero mandar escreuer  
a quanta gente se achar  
nascidos & por nascer.  
E o que deyxo de dizer  
remito a tua bondade  
pois que tês fidelidade  
pera te dar em poder  
casos de moor grauidade.

¶ Aqui se vay Serino & che-  
gando ante Herodes diz.

Serino.

¶ Iupiter dos ceos senhor  
ho faça em vitoria justo  
eu sam ho embayxador  
de Cesar sempre augusto  
ho diuino Emperador  
Aquelle superior

q̄ nam tem par nem segūdo  
senhor da terra & do mūdo  
de Iupiter protector  
mais que os deoses jocundo.

¶ Desejando augmentar  
sua honrra & merecer  
& por se fazer temer  
me mandou pera assentar  
a quantos no mundo ouer,  
Nascidos & por nascer  
inda que sejam gerados  
em o ventre da mulher  
todos seram obrigados  
a se aqui vir escreuer.

¶ E pera eu tal mandar  
tenho poder absoluto  
& todos hão de pagar  
dez dinheyros de tributo  
em quanto o mundo durar.  
E isto se ha de tomar  
pello grande & piquenino  
atsi como se assentar  
que anto val o minino  
como o grãde em seu lugar.

Se mo nã quer senhor crer,  
aqui lhe trago lieença  
comprida de meu poder.  
aqual pode mandar ler  
com estas letras de crença.  
E sem fazer mais detença  
mande isto apregoar  
& não queyra mais tardar  
porque fara grande offensa  
a quem me ca quis mandar.



he. Nam hay causa porque  
se nã cūpra o tal mandado  
sendo tambem ordenado  
& mais tocando a fee  
de quẽea sam obrigado,  
E pois fostes enuuiado  
de Cesar Emperador  
q̃ eu cõfesso por senhor  
nada lhe sera negado  
quando sua vontade for.  
Portanto o que quizer  
eu nam no posso estoruar  
açãsse quanto mandar  
porque tam alto poder  
nam se deue quebrantar,  
Vos podeys hyr repoufar  
por q̃ muyto trabalhastes  
& logo sem mais tardar  
mandarey apregoar  
tudo o q̃ aqui declarastes.

¶ Leuantase Herodes como  
que vay fazer lançar pregam  
& entram dos Iudeus hum  
chamado Samuel & o outro  
Zau, & diz.

Samuel.

¶ Quanta agoa quãta neue  
quanta lama no calçado  
quanto frio mal logrado  
douma nã sey q̃ me leue  
que estoutodo enlodado,  
Ando tam affendegado  
que ou morrerey ou nam  
juro ho nome de Abrahã  
que quãdo eu for matado  
nã ey mais de comer pão.

¶ Quanta quanta caganeyra  
Quanta door de curricu  
& da tripa cagadeyra  
pella bençãem de Esau  
q̃ entendo q̃ fede ou cheira,  
Ho demo dou a canseyra  
de comertanta adefina  
quero yr tomar a ourina  
& manda la o ouliueyra  
antes que me de contina.

¶ Cuydo que me fez doente  
ho medo daquella rata:  
que comeo a nossa gata  
& o baso do caldo quente  
ou o couce da barata,  
Ou o bater da çapata  
que bateo o çapateyro  
& o cayt do candieyro  
& a morte daquella pata  
que morreo no atuleyro.

zau. ¶ Oula, estaca alguẽm  
pera jogar coyteladas  
coyteladas & lançadas  
nam tenho medo a ninguẽ  
fetiuerem as mãos cortadas  
Fiz façanhas nomeadas  
estoutro dia no porto  
que dey quarenta estocadas  
na bãdoua dhũ boy morto  
& corteylhe as queixadas

sa. ¶ Venhas embora Zau  
nã sey quem te deu paixã.  
zau. pelcicy la chũ melam  
& corteyo ate o cu  
cuydo que nam fica sam,  
Se olhares este gabam

veloas todo cortado,  
 quando jizin no chão  
 tomey hum bode matado  
 pello corno com a mão.  
 fa. eu ando muy mal sentido  
 de medo nam sey de que  
 za. eu creio por minha fee  
 que tens o embigo caydo  
 ou algum ouçam no pee,  
 Por vida de dom Moyses  
 que viste algum leytam,  
 & morreote o coraçam  
 ora crede que assi he  
 que ella he tua condiçam.  
 ¶ Assi deos me de boas fadas  
 que se ca vem Amadis  
 cõ as mãos Ambasatadas  
 despido como homẽ diz  
 q̃ lhe corte as queixadas,  
 E q̃ de quatro estoca las  
 a Hector & a Samsam  
 se se lançarem no chão  
 com as costas defarmadas  
 sem trazer nada na mão,  
 fa. Eu tenho inchada a bexia  
 & estou cagado de medo  
 porq̃ ontem hũa formiga  
 foyme in order neste dedo  
 q̃ me fez dor de barriga.  
 zau. Eu tomey hũa espiga  
 que era mais dura cõ figo,  
 tanto a apertei comigo  
 a coytada repariga  
 que lhe fiz cagar o trigo,  
 Tenho feytas mil façanhas  
 com hũa cama de roca  
 matey ja hũa minhoca  
 & quatro ou cinco aranhas  
 no nosso jogo da choça,  
 E fiz comer pella boca  
 tripas a hum camaram  
 & matey hum perdigam  
 que estaua dentro na toca  
 no lugar de cu de cam.  
 fa. Eu digo que assi sera  
 tudo a modo de mintir  
 mas a que viste ca,  
 ou adonde te ques yr.  
 zau & tu nam no sabes ja  
 fa. Se vas ser o baraba  
 digote que faras bem  
 zau. eu vou a Hierusalem  
 porque me cumpre dhytla  
 & ati Samuel tambem  
 fa. Conrame porque rezão  
 te queres hyr assentar  
 zau. tu nam ouuiste o pregam  
 que Herodes mãdou lançar  
 fa. ora digo te que nam.  
 zau. Digo que te mataram  
 se logo sem mais deter  
 te nam fores escreuer  
 & mais tua geraçam,  
 parentes, filhos, molher,  
 fa. Huy que todo. & q̃ chanto  
 conta rogo to amigo  
 zau nam me posso deter tanto  
 anda se queres comigo,  
 fa. guay guay quãto quebrãto  
 zau. Assi Deos me faça santo  
 que o ouuy apregoar:  
 fa. pois começa de contar

za. não cures de fazer prâto,  
 que eu to direy de vagar  
 fa. He cousa que nos da door  
 za. não nos da dor ne prazer,  
 mandou o Emperador  
 porque elle quer saber  
 de quanta gente he senhor.  
 fa. Praza a nosso saluador  
 q̄ nunca logre as herdades,  
 zau. não lhe digas mal tredor  
 vamos sem nenhum temor  
 dizendo algumas verdades  
 fa. Eu te direy o que vy  
 pois queres saber verdade  
 eu vy dentro em çafim  
 hum asno mayor que ty  
 destruyt hũa cidade.  
 zau. E eu vy fazer hũa grande  
 hum piolho e hum ouçam,  
 e vy hum çamaliã  
 que partio pella metade  
 a rocha de çagagiam  
 fa. Allã viuas tu amen  
 como no tempo da poda  
 quando meu pay fez aboda  
 co minha mãy q̄ de ostem  
 comilhe a vianda toda.  
 zau. Eu andaua na barriga  
 de meu pay Kabi azar  
 fuy lhe cagar no jantar  
 e mordeome hũ formiga  
 que me fez logo chorar.  
 fa. Eu vy no meyo do mar,  
 fazer casas com sobrados  
 e nagoa vipelejar  
 cinco mil homẽs armados

sem nehũ se atogar.  
 zau. eu vy hum asno voar  
 e chegar arriba ao ceo  
 leuaua as costas ao y'heo  
 e vy andar pelo ar  
 hua pulga ẽ hum chapeo  
 fa. Vy duas pulgas armadas  
 carregadas de calhaos  
 yr jugando as cutiladas  
 vy hu fino ancoradas  
 mais de corenta mil naos.  
 Vy duas espadas de pao  
 cortar hũa pipa da ceyro  
 tambẽ vi dous bizimbaos  
 matar hũ bode moleyro  
 zau. E eu o asno de teu tyo  
 yr corendo com chichelos  
 e tambem hum bugio  
 pregoar quem tem farelos  
 per casa de gran sofio  
 E mais vy hum assouio  
 pelejar chum alifante  
 e hũ piolho cõ hũ montãte  
 que entrou em hũ desafio  
 e acutilou hum gigante  
 fa. Eu vy ontẽ hũ chicharro  
 yr vestido nhũ capus  
 e hũ ouçam leuã hũ carro  
 e vy andar hum arcabus  
 as punhadã chũ chicharro  
 e tambem vy hum çagado  
 yr tangendo hum atambor  
 e vy hum asno doutor  
 e mais hum pote de barro  
 pelejar chum talhador.  
 zau. no tẽpo q̄ eu era amigo

de toucinho & de morea  
entam vy hum grã de trigo  
pelejar com hũa balea  
dêtro em ciudad rodrigo.  
¶ Quando eu la fuy cõrigo  
dize não vy eu hum crõgo  
tam comprido & tam lôgo  
q̃ estaua comendo o ébigo  
a el Rey de manicongo  
Zau.

¶ Quando eu fuy ao colejo  
aprender a Salamanca  
vy la dentro em vila frãca  
morrer de parto hũ câgrejo  
la na casa de trauanca.  
E tambem vy hũa cranca  
que sabia falar latim,  
& vy dêtro em Almeyrim  
hũ mo xão cõ hũa carranca  
estar cosendo hũ chapim.  
Salmuel.

¶ Eu vy hũ gato meymão  
que tiraua catararas  
com hũa agulha de latam  
tambem vy duas baratas  
que matarão hum liam  
E vy mais hum camarão  
yr encima dhũa boya  
com hũa pipa dalcattam  
& dar hũ cõbate en Troya  
& matar quãtos la estão.  
Zau. Escuyca nam digas mais  
porq̃ aguora ey de ganhar  
vy a torre de Cascais  
yr a yndia pello mar  
& tornar ancorar ao cays.

E tãbem vy deus pardais,  
leuar a torre de Belem  
mais longe q̃ Hierusalem  
& enfronhar tres cabeçais,  
na villa de Santarem  
Samuel.

¶ Eu te digo que ganhaste,  
& que falaste verdade  
entremos nos na cidade  
porque tomo que tardaste  
com tanta proluxidade  
Vamos logo antes q̃ brade  
Herodes nosso senhor  
fa. nam tenhas nenhũ temor  
que eu tenho seguridade  
de Scrino embayxador.

¶ Vanse os judeus, & entra  
hũa velha praguenta: ediz,  
Velha.

Praza a deos q̃ maa doêça  
& que maa dor despinhela  
mao quebranto de canela  
mao caganeyra e corença  
mao inchaço de guela.  
Maa caydura de sêlla,  
mao couce de feradura  
mao febre, & maa quêtura,  
mao dentada de cadela:  
mao pesar, e ma amargura.  
¶ Mao comer e mao beber  
mao vestir, & mao calçar  
mao erguer & mao geitar  
& mao feyxe de laguar  
te faça logo morrer.  
Mao homê, & maa molher

mao lenhor & mao vatlado  
& mao couçe de cauallo  
ma tristura, & mao prazer  
& ma picada de galo.  
Maa door de ventosidade  
& mao quebranto de cuu  
& maa cor, & maa vontade  
& maa yda do peruu  
maa fazēda, & maa herdade  
Maa tomada de cidade  
maa bombardada de pilouro  
& maa lançada de mouro  
ma discordia, ma amizade  
& maa perda de thesouro.

¶ Maa dente de cão danado  
maa door de costas & baço.  
maa corda & mao barão  
& mao podam aguçado  
lhe entre pello espinhaço:  
Maas lombrigas & rayuão  
lhe comão o coraçam,  
maa dentada da lagram  
mao fucinho de cabaço,  
maa cançeyra, maa paixam.

¶ Maa dor de gota coral  
& de pedra & de virilha  
& mao vinho com mao sal  
& maa sardinha de pilha  
que te faça embebedar  
E maa coor de ourinar  
que te salte na bexiga,  
& mao frio na bariga:  
mao quebranto no pader,  
mao trabalho maa fadiga.

¶ Hũa velha amargurada,  
q̄ andaua em dias de parir,  
coma bariga pejada:  
diz que por forza ha dhyr  
por tal neue & tal geada.  
Maa dor de praga rayuada  
venha pello empenador  
pois tal costume quis por  
maa corença abreuada  
lhe entrem no saluador.

¶ Que farey triste coyta da  
con tal trabalho & marteyro  
ma door de gata escaldada  
he atreuisse o poufadyro  
permeta da comiada.  
Mao inchaço de queyxada  
ma dor de dente queixal  
mao trabalho corporal,  
que lhe entre na buchada  
que o moa como sal.

¶ Quero me ora assenrar  
que ja me nam posso ter.  
& a quem me assi faz cançar  
inda o veja deitar  
pera nunca mais se erguer.  
Que nam abasta escreuer  
senam pagarlhe tributo  
os que nam tem que comer  
mao proueyto & mao fruyto  
lhe faça quanto tuer.

¶ Aqui entra o Vilam can-  
tando, & diz.

Vilam.

a vj

¶ Orabom ja que entrey  
bofas a falar verdade  
eu cu ydo que nao ferey  
o melhor que ha na cidade  
alhonda que sou alguem:  
Meu pay cuja alma deos tem  
chamausse Pero tenrro  
hum homem muyto de bem  
meu yrmão era feu gent ro  
que casou em sacavem.  
minha mãy parionũ sobrinho,  
que he neto de hũ pay meu  
é yrmão de meu padrinho  
hnm e icho no bonetinho  
tamanho rapiz comeu.  
Era primo de Mecia,  
e filho de meu yrmão  
e cunhado de minha tia  
abonda que o rapagam  
era cantor de fofia.

¶ Elle morreu afogado  
e deixou a meu yrmão  
de herança e de morgado  
hum lugar muy abondado  
que se chama cu de cam:  
Boj de la este veram  
e me isa de minha tia  
hum vinho de maluisia  
que he melhor q̃ de monçã  
bofas que bem me sabia.

Velha.

Toimoume dor denxaqueca  
que me ouvera de matar  
deyxamo filho prouar  
que tenho a tripa fecca  
que nam posso ja piar.

vi Nã q̃lle esta puro aguora  
ve. assy o beberey puro  
vi. elle he muyto maduro  
ve. nam me ha de ébebedar  
damo tu queu to seguro  
vi. Se quiser vossa merce a  
do vinho da repecydada  
q̃ he melhor q̃ agoa rosada  
eu vos darey pera a cea  
cada dia hũa Canada.  
ve. elle nam valera nada  
vi. agora maora nam  
tem hũa cor tam dourada:  
que parece na chaçam  
nego corriça queimada.

Prouay ora como he fina,  
que vos faça boa prol  
ve. elle tem sabor dourina  
vi. bofas que he o ourino  
do mejo de Catalina  
Ollay vos canta mo fina  
cuidey que daua do melhor  
agoa pte da nossatina  
e fuyuos dar saluanor  
do mejo da menina.  
¶ Ella ha mister hũ cristel  
que fee nego empaturada  
cu leuua esta ourinada  
ao decho do chambarel  
que mora na cortiçada.  
E esta velha destampada  
que o decho se meteo nella  
foy beberme a mejadela  
agora yrmey sem nada  
outra vez pera a portela.

ve, Eu filho nam no bebi  
nam sejas tu tam tobejo  
que quando vy quera mejo  
deiteyo fora de mi  
que me nam fizette pejo

vi. Botas que agora vejo  
ora tomay ho meu quinhã  
do vinho de eu de cam  
que trouge la dalentejo  
que e milhor q̄ de mōção,  
Velha.

Que vinho pera o padar,  
essi deos de saude  
se ho eu podesse achar  
que cada dia hum almude  
bebelte sem me fartar.  
Filho queres me tu dar  
seis canadas e hũ quartilho  
pera beber ao jantar  
eu te farey conuidar  
cõ hũaboroa de milho.

vi. Bofas eu digo que nam  
q̄ minha pipa he gastada  
& eu beby hũa canada  
la dentro em alqueydã  
na vendada repeydada.

ve. pois me nã q̄reis dar nada  
nã quero determe muyto  
yrmeç mahora cansada,  
pagar o negro tributo  
& ficarey deshijada.

vi. Arama que nam sam boõs  
raes pefares nem tal birra,  
que se forão pulhas soos  
acudireilhe com yrra  
s: yram fora de vos,

Mas riparnos de tal geyto  
tanta soma de dinheyro  
digo que não he bem feyto  
que bõ he fazer proueyto  
sem perda do cõpanheyro

¶ Digo eu dona perem  
se eu tenho hũa cadella  
cos cadellos que ella tem  
se ey dhir a Gergalem  
pagar dinheyro por ella.  
Tomẽ na antes a ella  
quanta se ysslo assy he  
eu cuidey pella abofee  
que nam cratala querella  
dou ao decho a relee.

ve. Ma dor de tripa cagueyra  
maa dentada de fardã  
lhe atrauesse o coraçam  
pois me da tanta canseyra  
& trabalho sem razam.

vi. Olhay ca quẽ tem paixam  
he certo que tem pefar  
& pois lho eys de pagar  
nam cureis de pregaçam  
uamonos sem mais tardar  
Velha.

Eu vou dando muytos los  
& nam posso bem andar

vi. dona nam vos cageis vos  
yrcis as caualeyroos  
ate dentro do lugar.

ve. Praza a deos q̄ bom pefar  
veja de vossa merce

vy. ora ponde aquy o pee  
que eu vos tomarey no ar  
bem caualgais abofee

Hirleão a velha & ho vilam  
& entra noſſa Senhora, & Io-  
ſe & diz.

Noſſa Senhora,

¶ Meu eſpoſo muy amado  
ſea vos vos parece bem  
pello que eſta ordenado  
eu tenho determinado  
que vamos nos a Bethlem  
Bem ſabeis q̄ nos conuem,  
de yrmos a obedecer  
a Ceſar & ſeu poder  
pois que nam fica ninguẽ.  
que ſe nam va eſcreuer:

¶ E portanto ordenemos  
eſpoſo de caminhar,  
& tambem de terminemos  
de o tributo lhe pagar  
deſta pobreza que temos  
jo. Senhora muy be faremos  
mas de que ſe pagara  
n. ſ. o noſſo boy venderemos  
que de pois de os nos dara  
com que nos remediemos.  
jo. Senhora pois aſſi he  
vamos não tardemos nada  
mas he comprida jornada  
nam podereis yr a pee  
porq̄ eſtais muyto pejada  
n. ſ. Mais leue & deſcanſada  
me aho agora neſte iſtãte  
& mais ligeyra que ante  
& mais bom auenturada  
mais vécedor a triũphãte,

E por tanto eſpoſo meu  
nam deixe de caminhar  
vamos quando elle mãdar  
que nam leuo pejo eu  
que me poſſa eſtoruar  
jo. Pois q̄ vos podeis andar  
vamos eſpoſa ſenhora  
não façamos mais demora  
n. ſ. vamos logo ſem tardar  
com a paz de Deos agora  
jo. Qué ſe apercebe não erra  
quero me eu aperceber  
de leuar enxo & ſerra  
que nam ſey la neſta terra  
ſe a charcy que fazer.  
Leuarey tambem de comer  
metido no meu ceſtinho  
& a cabaça com vinho  
de tudo mey de prouer  
porq̄ he cõprido o caminho

¶ Aqui achegam a Bethlem  
& diz. Ioſe.  
Minha eſpoſa muy amada  
nam ſey q̄ remedio ajamos  
porque he a noute cerrada  
& nam vejo aquy nada  
adonde nos acolhamos  
n. ſ. neſte portal nos metamos  
que ja a hora he chegada  
mais que bem auenturada,  
por que tanto eſperamos  
& de my tam deſejada.  
Ia minha alma & cõſolada  
ja ſe chegã meus prazeres,  
ja ſe cumpre a embayxada,



por onde ferey chamada.  
bendita entre as molheres  
Oo eterno criador  
filho do eterno padre  
meu Deos, e meu saluador  
quanto prazer meu senhor  
dais a vossa pobre madre

jo. Senhora nos não estamos  
assi bem neste lugar  
quero logo yr, & buscar  
lume com q̄ nos vejamos  
para nos agasalhar.  
Aqui podeis aluergar:  
porque esta noute gea  
eu yrey por esta aldea.  
pera ver se posso achar  
algum lume, ou candeia.

Nossa Senhora.

¶ Oo diuino resplendor,  
prazer dos anjos jocundo  
porque causa redemptor  
quereis nascer neste mudo  
miseravel peccador.

Oo meu filho & meu amor  
carne de minhas étranhas  
pera que vos quereis por  
entre alimarias estranhas  
sendo da gloria senhor.

¶ Aqui chora o menino, &  
diz Nossa Senhora,  
¶ Adorote Rey diuino  
Deos & homẽ todo inteyro  
adorote manso cordeyro  
adorote Rey benigno  
filho de Deos verdadeyro.  
Adorote tua ymagem

filho do eterno Deos  
adorote diuindade,  
adorote humanidade  
adorote Rey dos ceos.  
Oo claridade do dia  
oo Mexias rey celeste  
meu filho minha alegria  
quam pobremente nasceste  
nesta pobre estrebaria  
Nam tendes tapeçaria  
nain quereis panos de rey  
oo filho que vos farey  
minha doce companhia  
com que vos enuolurey  
Nã choreis meu filho nam,  
que me dais pena crescida  
pois sois remedio & guarda  
da humana geraçam  
que sem vos era perdida  
De grandeza muy sobida  
oo diuino poderio,  
oo carne branca, & candida,  
oo vida de minha vida  
que estaistremendo de frõo  
Sacro verbo diuinal  
como vos fazeis pequeno  
pollalinhagem humanal  
jãzeis em cama de feno  
em precepto de animal  
Rey dos reis o mayoral  
senhor da eterna morada  
tomastes pobre poufada  
sendo Rey celestial  
da gloria sanctificada  
o Donde mereci senhor  
que ho filho de deos padre

da gloria superior  
naceste pobre madre  
sem lhe dar nehũa dor.  
Oo meu Deos & saluador  
de frio estais rubieundo  
quisestes nascer no mundo  
por saluar ao peccador  
do triste centro profundo  
¶ Oo carne muy preciosa  
oo meu filho & meu bem,  
vos nacestes em Bethlem  
desta pobre madre vossa  
que nehũa cousa tem  
Riqueza nam vos conuem,  
nem quereis cousa mimosa  
nascestes de my tambem  
por me fazer mais ditosa  
do que nunca foy ninguem.

¶ Aqui vem Iose, & diz  
Nossa Senhora,

¶ Iose amado esposo  
a doray o rey dos ceos  
Christo, & deos poderoso  
filho do eterno Deos  
nosso filho ptadoso  
olhay quã pobre humildoso  
quis nascer entre animais  
esposo que nam adoraes  
ao alto rey glorioso  
dos choros celestiaes.

Iose.

¶ Adorote pam de vida  
manjar dos anjos sagrados,  
Deos nascido & nam criado  
sem principio nem sayda  
homem desta noure nado.

Senhor ao múdo enuido  
rey q̄ sēpte estaa na gloria  
triupho de nossa victoria,  
filho do Padte sagrado  
nossa mezmha notoria.  
¶ Adorote humanidade  
filho de Deos sempiterno  
adorote Deos eterno  
che de toda verdade  
quebrantador do inferno.  
Adorote Deos sēpiterno  
cūprido em toda grãdeza  
pois nacoste com pobreza  
em esta noure de inuerno  
perdoa nossa traqueza.

a. l. Oo sermo syra este mada  
minha gloria, meu prazer  
oo grandeza sublimada  
q̄ não tenho em q̄ enuoluer  
vossa carne delicada.

Tã pobre nascis sem nada  
pequeno manso cordeyro  
que leuo grande marteyro  
por veruos em tal pouxada  
sem ter pano nem cocyro  
Iose.

¶ Tomay senhora cōselho  
pois q̄ deos nos quis ounh  
vedes hy hum mato velho  
com que podereis cubrir  
este verdadeyro espelho.  
Emburilhayo aqui senhora  
por q̄ esta noure hemuy frja  
& quando vyer o dia  
buscaremos la por fora  
ouera melhor companhia

¶ Aquí enuolucra Nossa Señora o minino : e cantaram os Anjos. Gloria in excelsis Deo, e dita Bartolo.

Bartolo.

¶ Ha Benito, ha benito  
lleuanta lleuanta dahy  
yno duermas tan quedito  
que juro al cuerpo de my  
q̄ de de hambre me derrito  
Leuantate luego maldito  
no tengas tanto sosiego  
mira que se muere el fuego  
juro al cuerpo de sant pito  
quel lucño le tiene ciego.

Benito.

¶ No durmia por sã puero  
que estava soncas pensãdo  
como estavas espirando  
todo rendido en el suelo  
con los dientes retẽblado  
yo estauate llamando  
no me podias hablar  
yo quando te oy espirar  
suy y traxere arrastrando  
para hazerte callentar.  
bar. E el prece donore suo  
opera in pensaperi  
escaberibus aqui lanquere  
este comune de duo  
con el domine miserere  
Aue mater muliere  
sois coronapremium  
adueniat regnum tuum  
quis est homo qui nõ fletet,  
deus tuorum milicum.

¶ Quiere dizir este latin  
que tu me diste la vida  
que sin ti era perdida  
be. o hã depura roin  
tienes la cara somida  
bar. pues q̄ tu trayes comida  
comamos benito hermano  
be. tu dolor es de millano  
la bariga mal sentida  
y el papo tienes sano  
¶ Aquí se asentam a comer, e  
aparece ho Anjo, e diz.

Anjo.

¶ Gloria in excelsis Deo  
e na terra paz aa gente  
filij dei omnipotente  
laudate dominum meum  
da gloria resplandecente  
Ho cordeyro innocente  
em Bethlem he ja nascido  
hũa virgem ho hã parido  
e sem de varam semente  
foy no ventre concebido  
¶ Alegrayuos, oo pastores  
oo pastores alegtayuos  
alegrayuos e esforçayuos  
hy vei o rey dos senhores  
nam temais aleuantayuos  
y de ver quem vos fostem  
ho filho do eterno padre  
hã de ver a Bethlem  
h y pastores ver tambem  
sua gloriosa madre.

¶ Aquí se yra ho Anjo, e en  
tra hũa pastor moço chama-  
do Lorente, e diz

La gran clareza del cielo  
el canto y la melodia  
demuestran el alegría  
que tiene con el moçuelo  
la sacra virgen Maria.  
La noche es tornada dia  
y muy clara segun veo,  
ya canta la Monarchia  
con muy dulce armonia  
gloria in excelsis Deo.  
Nascio dios p nuestro biẽ  
a quitar nuestros temores.  
quiero llamar los pastores,  
yremos ver a Bethlem  
el seõor de los seõores.  
yremos dar los loores  
aquel hijo de Dios padre  
que tiene tantos primores,  
y a su bendita madre  
que lo pario sin dolores,  
¶ Oo Bertolo, oo Benito  
lleuantad ayna hermanos  
en nõbre de Dios bendito  
dadme aca toste las manos  
yremos ver al chequito  
bc. Quien es aquel q da grico  
llo. hermanos yo soy Lorẽte  
lleuantaos en continente.  
bc no haremos por sant pico,  
Bartolo pardios q mente.  
¶ Mira, mira que razon  
juro a san junco sargado  
que aquel espaxaõon  
que andaua por el collado  
bolando como amaron.  
llo. Lleuante sin dilacion

vamos uer a Dios nascido  
el Mexias prometido  
que por nuestra saluacion  
vna virgen lo ha parido  
ber. pardios benito es verda  
quel paxaron que bolaua  
nos dixo q en Belen estaua  
y que en Bethlem posaua  
bc. no miras como cantaua  
bar. ella bien musicaua  
y dezia juri a nos  
que era nascido Dios  
y que en Bethlem posaua  
bc. vamos alla todos dos

Llorente.

Sus pastores no tardemos  
lleuemos sendos presentes  
al rey de todas las gentes,  
que nos da quãto tenemos  
no seamos negligentes,  
Ea vamos muy plazientes  
ver al niõo que nascio  
y aquella que lo pario  
mas que toda excelente  
ni que quantas Dios criõ:  
bar, Toma tu alla tu cayado  
empieça de caminar  
vamos diziendo vn cantar  
de plazer y de gasajo  
q dios nos quiso alegrar:  
Llorente ha de ayudar  
ca sus ninguno sifle  
Benito cantara tiple  
porque sabe soltear  
mas mejor q el rey de chipe.

Cantiga.

¶ Tomemos todos pastores  
gran gajaje y alegría  
con el hijo de Maria.

¶ Esta donzella real  
quiso parir en Bethlem  
nuestro gozo, y nuestro bien  
ja clara luz diuinal:

pues por la gente humanal  
pario la virgen Maria  
tomemos grande alegría

¶ Tomen grande regozijo  
los anjeles de Dios padre  
con el hijo de tal madre,  
con la madre de tal hijo.  
pues q̄ por nos nacer quiso  
por quitarnos da gonia  
tomemos grande alegría

Llorente.

¶ Cata cata ally el portal  
y la madre y el inocuelo  
cata ally el rey del cielo  
cata ally aquel zagal  
que por nos nascio nel suelo.

Cata ally nuestro consuelo  
cata ally nuestro amparo  
cata al espejo claro  
que por librarnos de duelo  
el nacer le cuesta caro.

Dimi que hazes benito  
y tu que miras Llorente,  
con el coraçon contrito  
adoremos al chequito  
& offrescamos le el presente.

Benito.

Plazeme de buenamente  
adorote rey diuino

tres personas vno y trino  
solo Dios omnipotente  
Iesu Christo muy benigno,  
Pues eres dios verdadero  
offrescote mi çurron  
my cayado, my caldero  
pedernal, y esca, ella uon  
con esta bota de cuero  
y tambien este pandero  
para quando tu llorares  
y si no te contentares  
mi coraçon que es entero  
recibe si tu mandares.

bar. A vos madre del donze  
muy mas q̄ todas hermosas  
mas colorada que rosa  
muy dulce panal de miel  
madre de Dios y esposa.  
Que sois reyna gloriosa  
arca de la Trinidad,  
recebid mi voluntad  
que no tengo otro cõsuelo  
que dar a su Magestad.

¶ Pero al niño muy tierno  
nascido en rãto trabajo  
offrescole este tafajo  
q̄sbueno para el inuierno  
y esta cebolla y ajo.

y para tomar gajajo  
le offresco este rabel  
que aun ayer le compre  
en casa de Pero grajo  
a treuque de no se que

llo. Perdona reyna del cielo  
señora mipoquedad  
que soy hupobre moçuelo,

no tengo ningun consuelo  
que dar a su sanctidad.  
Por tu sancta piedad  
luzero claro del dia  
fuente de toda humildad  
que mires mi pobredad  
pues eres regina pia.  
¶ Ofrezco yo mi espíritu  
a tu hijo muy jocundo,  
hijo daquel Dios inclito  
ques mayor q̄ todo el mundo  
eun que parece chequito  
A este niño bendito  
eucomiendo yo my alma.  
con el coracon contriro  
q̄ tiene el mudo en la palma,  
y es poderolo infenito.

Nossa senhora.

¶ Meu filho muyto amado  
Ihes queyra gratificar  
e na gloria Ihes pagar  
o trabalho que hao tomado  
pollo vya vyfitar  
Nam se deixem de lembrar  
deste cordeyro innocente,  
que por saluaçam da gente  
quis nascer neste lugar  
tam humilde e paciente

¶ Olhay yrmãos muy q̄tidos  
o Rey da gloria do ceo  
quam pobremente nasceo  
sem arcos nem vestidos  
por salualo o pouo seu  
Com que o enuolua eu  
nam tenho panos foamente  
o cara resplandecente

glorioso filho meu  
como estais aqui contente  
be. senhora nos outros vamos  
el ganado apacentar  
y despues quãdo boluamos  
hablaremos de vagar  
con el niño que adoramos  
Diremos a nuestros amos  
como Dios es ya nascido  
el Mexias prometido  
que no tanto desleamos  
todo el pueblo ser vendido  
¶ Aqui se van os pastores,  
e entram os Reys Magos  
Gaspar, Baltezar, Belchior,  
& diz Gaspar.

Gaspar.

¶ Muyto tẽpo e cantidad  
ha q̄ andamos apartados  
apartados e a fastados  
do caminho da verdade  
por crer endeufes maluados  
Adoramos danados  
a ydolos de madeyro  
& nam eramos lembrados  
de Deo strino verdadeyro  
perdã de noslos peccados.

Baltezar.

¶ Por certo grã ceguidade  
tõy aquella em q̄ viemos  
porque nõca conhecemos  
a sanctissima Trindade  
q̄ nos deu tudo o q̄ temos  
Nam sey como nõ sabemos  
conhecer ho deos dos ceos  
& ho verdadeyro Deos

& nã nos deoses q̄ cremos  
ate agora como increos  
bel. Eu yrmãos muy bê sabia  
que era vão meu adorar  
& Iupiter em que cria  
mas não me quis confiar.  
de minha soo fantesia.  
Porque aquelle que se fia  
em seu proprio saber  
não tem nenhũ entender  
como vemos cada dia  
muytos de tal carecer  
gal. Não ahi mayor sapiência  
que saberse homem salvar  
esta he grande prudencia  
esta se pode chamar  
muy verdadeyra sciencia  
Nã sei q̄ prestou eloquência  
ao gram sabio Salamão  
pois lhe faltou discrição  
tendo tanta excellencia  
pera yr aa saluação.  
E não menos nos atemos  
se a quisermos vsar  
porque de certo sabemos  
q̄ hũ so deos se ha d̄ adorar  
como claramente vemos  
pois cõ saber nos regemos  
não nos faleça rezam  
que o que nos dixẽ Balam  
certo sey que o veremos  
para nossa saluação.

Baltesar.

Muy grãde mais q̄ profũdo  
he o padre deste Deos,  
q̄ não tem par nem segũdo

pois fez em nũ dia os ceos  
& deu claridade ao mundo  
Que tendo escuro & fundo  
& a terra oca & vazia,  
fela firme, & fez o dia,  
muy alegre & muy jocundo  
pera nos dar alegria.  
E deunos contentamentos  
primeyro de nos criar  
& pera nos subltentar  
deu nos quatro elementos  
fogo, agoa, terra, & aar.  
E depois de nos formar  
da terra de que nascemos  
deu ley cõ que nos saluemos  
a qual nos mandou guardar  
& he esta que agora temos.

Belchior.

¶ Este Deos he o que fez  
mais misterios de espantar  
quando se quis assentar.  
em a çarça de Moyfes  
que ardia sem se queymar.  
Este liurou Daniel  
& o filho de Iaco,  
o que nasceo de Rachel,  
& do cruel Pharaõ  
ao pouo de Israel.

¶ Este foy o que os abastou  
de manaa em o deserto  
este fez o maar aberto  
quando a pee ospassou  
como temos por muy certo  
E fez a molher de Abraham  
que concebesse maninha,  
tambem que falasse asinha

do gram propheta Balam,  
quãdo o anjo a elle vinha.

¶ A seca verga de Aram  
este a fez enfiorecer,  
& o nouelo de Gedeam  
que por final pos no cham  
quando vio tanto chouer.

Este o fez ficar enxuto  
sendo a terra molhada,  
nam me marauilhe muito  
do seu poder absoluto  
com q̃ a gête esta espatada  
gal. Não q̃yrais yrmãos falar  
na passada ceguidade  
pois ja temos claridade  
pera nos alumiar.

que he a sancta Trindade  
Com esta firme vontade  
esperemos pella estrella  
pois que Balam dixे della  
como sabeis por verdade  
todo o que vira por ella.

bal. O diuina prouidencia  
rey da soberana gloria  
trino em hũa excellencia  
triũpho de nossa victoria  
cheo de toda clemencia,  
Summa diuina potencia  
paz de nossa grã discordia  
fonte de misericordia,  
mar eterno de excelencia  
nossa mezinha e cõcordia

¶ Nosso cõprido perdam  
senhor & amigo fiel  
tu es gloria & redempçam  
do teu pouo de Israel

seu amparo & saluação  
Pois do cruel Pharao  
foy liure com teu poder,  
faze senhor ja nascer  
a estrella de Iaco  
porque tenhamos prazer.

¶ Aqui aparece hum Anjo &  
a estrella, & fala o Anjo dõde  
estaa a estrella, & diz.

¶ Amigos de Deos dos ceos  
tomay grande alegria  
porque agora antes do dia  
he nascido Christo Deos  
da virgem sancta Maria.  
Acabada he a prophecia  
que disse Balam da estrella  
yde guiados por ella,  
ver el Rey da monarchia  
que nasceo dhũa donzella.

bal. Oo senhor celestial  
verdadeyro Deos & homẽ  
Christo & Deos humanal  
louado seja o teu nome  
& teu poder diuinal  
Pois nos quiseste mostrar  
tua diuina presença  
& nos deste fee & crença  
pera podernos liurar  
a tua sancta nascença,

gal. Oo eterno criador  
& humana criatura  
q̃ ê cobres cõ terra escura  
ho radianter esplendor,  
de tua gram fermosura.  
Por liurarnos de tristura



te quiseſte por em ella  
oo ſoberana donzella  
ſingular virgem muy pura  
que pariſte tal eſtrela.

bal. Oo bõdade eſclareſcida  
vida de noſſa faude  
faude de noſſa vida  
vergel de noſſa virtude,  
orto de noſſa guarida.

Mezinha pera a ferida  
de noſſos grãdes peccados  
deſcanço de atribulados,  
gloria da gente perdida  
prazer dos deſconſolados.

¶ Cõ que graças Manoel  
de toda humanal linhagẽ:  
pagaremos tal menſagem  
como o Anjo Gabriel  
noſ trouxe de tua ymagẽ.  
Mais que bem auenturada  
foſtes vos virgem Maria  
pois por outra embayxada  
foy a gente reſtaurada  
que ja toda ſe perdia.

bel. Deyxemos yrmão agora  
de mais niſto praticar  
& vamos logo eſſor a  
eſte minino adorar  
pois temos tal guiadora  
Nã façamos mais demora  
leuemos algum preſente  
para o rey de toda gente  
aa virgem noſſa Senhora  
que ſeja conueniente.

bal. Nã ſey q̃ lhe offereçamos  
a eſte verdadeyro eſpelho

dainos vos Gaſpar cõſelno  
q̃ p vos nos gouernamos  
atequi como mais velho.

Gaſ. Ouro ao Deos dos ceos  
& da terra q̃ he ſeu nome  
lhoſfregamos irmãos meus  
& encêço quanto a Deos  
& mirha quanto a homem  
¶ Com eſte preſente tal.  
ſey que o contentaremos  
que inda que he diuinal  
como claramente vemos  
naſce pera ſer mortal.

Aſi que he muy natural  
a figura deſta offerta  
nã curemos de mais certa  
pera lhe apreſentar  
pois eſta tanto concerta  
Balteſar.

¶ Com alegria muy mera  
vamos vera Deos naſcido  
ho Mexias prometido  
porquẽ tanto pouo eſpera  
dentro no limbo metido.  
Vamos ver o eſclarecido  
ſenõr dos Imperadores,  
vamos cõ prazer crecido  
dar as graças & ouiores  
a virgem que o ha parido

Yrão oſ tres Reis magos cõ  
a eſtrela diante deſi q̃ oſguia  
cantando. Laudate dñm om  
nes gẽtes, & chegando onde  
eſtara ſeyto Hieruſalem de-  
ſaparecera a eſtrela, & diz.

Belchior.

¶ Irmãos eu nã vejo o ceo  
claro como antes estaua  
nã sey porque escureceo  
bal. a estrela q̄ nos guiava,  
ja nos desapareceo.

gal. Muyto me espanto eu  
porque causa isto seria  
que de noyte nem de dia  
desquanto ha q̄ eila nasceo  
nunca nos escurecia..

¶ Por ventura pode ser  
que esta Deos nesta cidade  
& se isto assi he verdade,  
pera nos aparecer  
nã temos necessidade.

Ou tambem sera vontade  
delle q̄ aqui nã entremos  
& por isso merecemos  
de perder a claridade  
q̄ tequi sempre trouxemos

bal. Foi vôtade d̄ Deos mera  
de virmos a este lugar  
q̄ se a Deos nã aprouera  
bem nos podera guiar  
porque parte elle quisera.

Mas porq̄ Deos nos espera  
que vamos onde elle quer,  
nos fez desaparecer  
a que nossa guia era  
assi como a fez nascer.

bel. Nã deyxemos de entrar  
nesta cidade excellente  
porque vemos claramête,  
que nos deyxou de guiar  
a estrela resplandescêre.

bal. Se nosso yrmã for cõtêre  
cumpra se vossô mandar:  
porq̄ onde ha tanta gente  
podernos ham nouas dar  
deste rey omnipotente.,

gal. Nã quero contradizer  
antes digo que entremos  
Deos nos quis aqui trazer  
pera que manifestemos  
como quis por nos nascer.

bal. Vamos cõ grãde prazer  
dando graças a Deos trino  
que se fez por nos minino  
& quis dos ceos descender  
sem deyxar de ser diuino

¶ Cantarão gloria Patri, &  
chegãdo onde esta Herodes  
diz Gaspar.

Donde está o que henascido  
chamado rey dos judeus  
ho Mexias prometido  
filho do eterno Deos  
nam de baram concebido.

Pelo spirito santo vnido  
em o ventre virginal  
de hũa donzela mortal  
sendo virgem o ha parido  
homem & Deos diuinal

Quifemos senhor vir ca  
fomente a lhe perguntar  
grande merce nos fara  
de nos dizer donde está  
porque o himos adorar.,

Her. Muyto me f z espãtar,  
a nascença de tal senhor  
folgarã ser sabedor

pera ho fazer honrar  
 como elle he merecedor.  
 ¶ Porem queria saber  
 ho caso que vos moueo  
 de virdes ao reyno meu  
 y porque quereis dizer  
 que he rei esse que nasceo,  
 Nam sabeis vos q̄ mandey  
 amoestar & apregoar  
 que todo o q̄ Rey chamar  
 aquelle que nam for Rey  
 que logo o mandé matar  
 ¶ ga. nos nam vimos por di-  
 adorar a este rey (nheyros  
 nem por offender a ley  
 q̄ somos reis estrágeyros  
 doutra terra & doutragrey  
 Mas ho caso que contey  
 nos fez vyr a esta cidade  
 & se vos tomais vontade  
 por estenso vos direy  
 ho que passa na verdade.  
 ¶ he. Eu amigo muy bẽ vejo  
 que não sois vos de culpar  
 que se eu vos quis pregutar  
 foy por que tambem detejo  
 desse Rey yr adorar,  
 Que se delle quis fallar  
 a vos outros foy primeyro  
 & portanto eu vos req̄yro  
 q̄ me nam querays negar  
 ho q̄ sabeys por inteyro.  
 ¶ Gas. Vossa alteza sabera  
 que da nossa geraçam  
 ouue hũ homẽ muyto ha  
 que se chamaua Balam

na cidade de Saba,  
 Este em quanto viuco la  
 foy grande amigo de Deos  
 guardaua os preceptos seus  
 como notorio he ja  
 muyto melhor q̄ os Iudeus.  
 ¶ Depois deste falecer  
 tam sancto como cumpria  
 pera Dcos o receber  
 deyxio esta prophecia  
 que agora quero dizer,  
 Disse que quando nascer  
 de Iaco hũa noua estrella  
 que auia de parecer  
 que entam sayria della  
 hum homem de Israel.  
 ¶ Como fomos informados  
 do que auia de passar  
 ordenamos de buscar  
 doze sabios letrados  
 pera melhor vigiar,  
 E depois de ho hachar  
 fizemos que cada mes  
 vigiasse hum por sua vez  
 pera nos certificar  
 desta estrella que Deos fez.  
 ¶ Estando nos vigiando  
 no monte con grande vela  
 appareceo nos a estrella  
 que estauamos esperando  
 & hum Anjo tãbem cõ ella,  
 Finalmente que com ella  
 guiados viemos ca  
 desdo termo de Saba  
 andamos sempre con lla  
 ja tres dias auera.

He Grãde espãto & alegria  
me fazeyz por certo ter  
nam tanto do que seria  
como de vos ver mouer  
por hũa só prophacia,  
gaf. Muytas outras vos diria  
que fallam deste Mexias  
do Propheta Ysayas  
& tambem de Malachias  
de Elizeu & Zacarias.

Herodes.

¶ Podeys yr quãdo mãdar-  
a esse Rey offerecer (des  
& farmey tanto prazer  
como quer q̃ o achardes  
que vos mo venhais dizer,  
Nam vos dexeis esquecer  
tornando me auisar

que com todo meu poder  
eu ho quero yr adorar  
donde quer q̃ elle estiuer

¶ Yrse hã os tres reys Magos  
& tornarlhe ha apparecer  
a Estrella, & catarão. Lau  
date pueri dominũ. & diz.

Baltezar.

¶ Aqui nascio nosso Deos  
poyz a estrella esta parada  
vamos nã tardemos nada  
adorar ao Rey dos ceos  
senhor da eterna morada,  
bel. Entremos nesta pousada  
onde esta o Rey da vida  
em braços da esclarescida  
Rainha sanctificada  
gloria donõa perdida.

¶ Falla Gaspar  
por todos.

¶ Adoramos te senhor.  
Verbo da sancta Trindade  
senhor de toda bondade  
Christo nosso redemptor  
hõme quãto a humanidade,  
Segundo na diuinidade  
de tres q̃ filho ha por nome  
tres peçoas em vñidade  
verdadeyro Deos & homẽ  
fonte que mana piedade.

¶ Nos senhor te offrecemos  
Myrra, Encenço, & Oure  
porq̃ em ella conhecemos  
ser este aquelle thesouro  
que como Rey te deucimos,  
Posto que nam merecemos  
de vertua claridade  
com os olhos de maldade  
supra os males que fazemos  
tua diuina bondade.

Nossa Senhora.

¶ Muy amados yrmãos meus  
pois que tuestes memoria  
do Redẽptor christo Deos,  
oje mereceys a gloria  
com todos os sanctos seus,  
Que meu filho Rey dos ceos  
nascido em tãta humildade  
nam quer se nam a vontade  
dos corações dos Iudeus  
& de toda a humanidade  
¶ Cerrar se hã as cortinas  
donde esta nossa Senhora.  
diz el Rey Herodes.

Herodes.

¶ Verdadeiramente eu estou muyto maravillado deste Rey tam afamado que estes dizem que nasceo que a elles he demonstrado, Segundo me ham contado que nasceo pera reynar este me ha de tirar meu poder & meu reynado meu ceptro & meu mädar.

¶ E se elle a ysto vem sam perdidido em cötinête porque tenho injustamente ho reyno de Hierusalem sendo de ley diferente, E bem sabe muyta gente como eu sam estrangeyro & que fiz matar ho erdeyro a quem era pertencente este reyno por inteyro.

¶ Por tanto tenho rezam de ter muyto grande dor por ver outro subcessor & estar debayxo da mão de Cesar Emperador, Ho qual sendo sabedor como he ja vindo Rey nascido de outra ley & que eu sam consentidor nam sey como passarey.

¶ E por tanto determino de tal nam deyxar passar & de ho fazer matar agora enquanto he menino pois tenho tempo & lugar,

E se ysto se acabar viuirey muy descansado quero agora esperar ate que venha o recado dos que ho foram adorar.

¶ Em quanto se la detem quero sem mais dilaçam com os da minha openiam tomar conselho tambem por ver o que me diram, Poys muytos comigo sam quero mandalos chamar em quanto tenho vagar porque nam sera rezam deste Rey multiplicar.

Gaspar a nossa Senhora.

¶ Certo senhora, Deos sabe quanto nos peza partir de companha tam suave & como se nos faz graue deyxarmos de vos servir, E se deste despedir nos outros temos saudade sabe bem toda a verdade o que quisestes parir com tam grãde humildade bal. Daynos senhora licença que nos queremos tornar poys nam se escusa apartar de vossa alegre presença com muyto grande petar, O resplandor singular claridade da clareza filho da Virgem sem par perdoenostua alteza que te queremos deyxar

Belchior.

¶ Señora nos nos partimos  
de vossa gram claridade  
com mui grande faude de  
mas ainda que nos ymos  
ca deyxamos a vontade,  
Receba a vossa bondade  
Rey da Gloria y & saluaçam  
pois nalceys por dar perdã  
a toda nossa maldade  
pello peccado de Adam.

Nossa Senhora.

¶ Meu filho dador da gloria  
vos agardeça tal dam,  
& vontade tam notoria  
eu terey sempre é memoria  
vosso aceyto galardã,  
Poys con limpo coraçã  
detã lonje ca vieses  
juntamente merecestes  
dauer cumprido perdã  
dos peccados que fizestes.

¶ E por tão yrmãos amados  
y de com a paz de Deos  
& sede certificados  
que meu filho Rey dos Ceos  
perdoou vossos peccados,  
Nã deyxeis de ser lebrados  
do seu sancto nascimento  
porque este he o inguento  
que ha de curar os chagados  
do pallado testamento.

• Hyrseham ostres Reys  
Magos como que tornã  
Hierusalem, & apparecerhe  
ha hã Anjo y diz.

Anjo.

Vos que vindes de Bethlem  
de ver Deos omnipotente  
nã vades por Hierusalem  
pera os Reynos de Oriente  
nem mãdeys por la ninguẽ.  
Porq̃ el Rey Herodes tem  
determinando com os seus  
de matar a Christo Deos  
ho qual ainda nã conuem  
que moura pellos Iudeus.

¶ A ysto sam enuiado  
pera vos fazer tornar  
porque aq̃lle Rey maluado  
petã he ver acabar  
ho que esta prophetizado,  
E poys comprisen mãdado  
querome yr. e os ceos  
ficay com a paz de Deos  
que sera crucificado  
em poder dos Fariseus.

¶ Fim.

¶ Aqui se vay o Anjo & yt-  
seham os tres Reys Magos  
per outro caminho, & fenece  
a obra em louvor & gloria  
de Deos.

# Auto de Santa Caterina.



¶ **O**bra nouamente feyta da vida da bemaumenturada sancta Caterina Virgem & martir, Filha del Rey Costo de Alexandria, em a qual conta seu martyrio & glorioso fim, muyto deuota & comtemplatiua. Feyta per Baltesar dias da ylha da madeyra, homem carecido da vista. Em a qual obra entram as figuras seguintes. s. sancta Caterina, sua mãy & hum Irmitam, Christo, nossa Señora, hũ paje de sancta Caterina, & o Emperador Maxencio, & a Emperatriz, & Profirio seu paje, & tres Douctores, chamados Ionas, Abiatar: & Syluano: & hũ Anjo Entra logo Sancta Caterina: & sua mãy: muy ricamente vestidas: & diza mãy.

Aláy.

**E**za sabemos por certeza  
filha minha muy amada  
que sois de mo: gentileza  
e mais sabia e ansada  
que ha em toda a redondeza  
Pois em riqueza e alteza  
muy poucos vos sa:m iguaes  
assí que entre os mortaes  
nam se acha tanta nobreza  
como a que vos alcançae

**E** portanto filha minha  
pois sois Princesa chamada  
e de todos muy louvada  
pois aueis de ser Raynha  
rezam he sejaes chamada  
Bem sabeis quam auojada  
fuy sempre por vosso pay  
que Deos de gloria folgada  
e portanto vos folgay  
de me fazer consolada

**B**em sabeis o gram louvor  
juramente com a fama  
e assi me sinto seu valor  
do filho do Emperador  
o qual Aldaureio se chama  
E rambem como vos ama  
por vossa grande bondade  
e estreitada beldade  
que a todo mundo inflama  
a ternos grande amizade

**E**ste quem digo agora  
que todo o mundo ja toma  
em quem todo pouo adora  
quei que sejaes vos senhora  
de seu imperio de Roma  
e pois que elle vos toma

por legitima molher  
deci lo de conceder  
pera que nam tenha soma  
vosso estado e merceer

Caterina.

**D**os deuses celestiaes  
madre minha muy querida  
nam quere:m pompas reaes  
nem grandeza tam sobida  
como vos a mim me daes  
porque ostrium fos terraeas  
nam conuem pera os deos ceos  
e portanto mais quer Deos  
sacrificio dos mortaes  
que grandeza pera os seus

**Q**uanto mais senhora madre  
que sempre minha vontade  
foy viver em castidade  
desque se finou meu padre  
como euendi a maldade  
deste mundo de vidade  
muy maluro e contra seyto  
cheo de tam mao respyto  
que quem tem mais liberdade  
esse vive mais sospyto

**E**u de termino de ser  
em seruiço de Diana  
como Lucrecia Romana  
que antes quis feneceer,  
que viver como prophana  
nam quero ser Ariadna  
a biltade de Tesco  
mas a molher de Sicheo  
cisa Dido mais que humana  
que por casta feneceo

**A**ldayto ha que aborrece  
a luxuria dos mortaes  
desde quando me entendi  
e mais de spois que aprendi



as sete artes liberaes  
porque os vicios mundanaes  
auorece em demasia  
muyto a philosophia  
como vemos por sinacs  
em muytos de gram valta  
Nunca Deos Jupiter queyza  
madre minha muy amada  
que tome tanta canseyza  
que milhor he ser solteyza  
mil vezes que ser casada  
Nam quero ser dontrunada  
de quem tem tanto saber  
pera engeytar e perder  
a castidade piezada  
que tantos desejam ter

AlDay

Nam me parece rezam  
filha essa que me dais  
porque se vos nam casais  
ficara sem geracao  
o reyno que vos herdais  
Queu nam posso viuer mais  
do que Jupiter quisser  
e depois que eu fallecer  
e vos tambem falheis  
perder se ha quantobi ouuer

Caterina,

Depois madre queu morrer  
nam ey metter de reynar  
pois nam ma de aproueytar  
a riqueza nem auer  
que ca tudo ha de ficar  
fazamos polla lograr  
em quanto nos deos der vida  
que depois de fenecida  
goze quem quisser gozar  
ou fique perri perdida  
mãe Caterina a vos conuencim  
de acceptar tal casamento

pois o pono o ha por bem  
e o Emperador tambem  
deu ja seu consencimento  
Nam deis descontentamento  
e tantos vossos parentes  
nem tenhais tal pensamento  
pois todos sam muy contentes  
de tam uobis ajuntamento  
ca, como vos madre vigacs  
que eu seja a mais sermosa  
e mais sabida e poderosa  
que se acha antre mortacs  
e mais rica e auoudosa  
Pois me fazcis valerosa  
buscayme homem valeroso  
que seja tam poderoso  
e senam confa forçosa  
sera tomar outro esposo

AlDay

Bem sabeis vos por certeza  
que o filho do Emperador  
vos sobrepuja em alteza  
em senhoio e valor  
em linhagem e riqueza  
Que em saber e gentileza  
em todo mundo em geral  
nam se acha otro yqual  
mas agora nam se pieza  
se nam o estado real

Caterina

Eu nam sey porque queris  
quebrar minha virgindade  
com estado de vaydade  
pois que ja de mim sabeis  
minha muy casta vontade  
E mais vos digo em verdade  
que nam tome esposo tal  
pois que nam he meu yqual  
em saber nem em beldade  
posto que seja real

A ij

Ally.

**C**Segundo vejo questais  
a paz vos parece guerra  
por que soo de vos cuydais  
que ho mundo todo erra  
e que soo vos acertais  
Alas por que claro saybais  
que vos soo andais errada  
cu vos farcy que digais  
que o conselho que tomais  
pera vos que nam val nada

**C**Agora vos leuarey  
onde esta hum yrmitam  
de muy grande discretam  
z por elle vos farey  
erer que trabalhacs em vão  
Jnda que seja Christam  
z fora de nossa ley  
nam ajais d'isso payram  
que muitas vezes machey  
bem de seu conselho são

ca. **A**Dueto folgarey senhora  
ver christão tam entendido  
vamos logo onde mora  
pois de homein tam sabido  
vos achais bem are agora  
mã. **A**mos logo essa hora  
nam tardemos na partida  
por que elle esta fora  
da cidade em hũa ermida  
q̄ he do Deos em q̄ elle adora

**C**Jupiter Juno Plutam  
seja em vossa companhia  
yz. **D**eos z a virgem Aldaria  
vos de tanta saluagam  
quanta pera mi queria  
mã. **O**ntas vezes vos vcria  
padre com mayor prazer  
do que agora me faz ter  
esta filha tam sandia

quairo nam posso dizer  
yz. **S**enhora eu creço muy bem  
que quetrem tanta prudencia  
como vossa filha tem  
nam otra de illa ninguem  
que vostrem de sobediencia  
**P**or que d'onde ha paciencia  
como de illa ouço contar  
nam se pode esperar  
se nam toda obediencia  
com madre tam singular  
mã. **C**isso faz quem be sabido  
com mã que tanto lhe quer  
mas esta tem pareceer  
que nam ha nenbum nascido  
que a vença com saber  
**E** por issoa quis trazer  
ante vos por que veyais  
quas fere artes liberacs  
que lhe eu fiz apreñder  
foram nella por de mais  
Irmitão.

**C**Ainda nam posso cuydar  
se tem rezam vossa alteza  
pera tanto se aquey far  
em quanto me nam contar  
o caso de tal tristeza  
**P**or tanto se vos nam pesa  
folgarey de o saber  
pera poder entender  
se tem razam a Princesa  
pera nam obedecer

Ally.

**D**eucis saber padre honrrado  
que Alda fencio Emperador  
rem hum filho successor  
ja por Principe jurado  
principal superior  
Sua fama seu louuor  
dizeruolo nam conuem

porque vos o sabeis bem  
basta qua de ser senhoz  
de quanto seu padre tem  
**E**ste baram tam prudente  
por me estimar e honrar  
e o pay que disse he contente  
ba por bem e quer casar  
com esta questa presente  
Mas ella não o consente  
dizendome por verdade  
que quer guardar virgindade  
com Diana e sua gente  
e quistorem na vontade

**E** por me dar mais pesar  
escusale com cautela  
dizendo que ha de casar  
com quem for sabio comela  
e fermoso tam sem pa  
feste nam poder achar  
que sempre sera solteyra  
vedes aqui a canseyra  
que me faz padre aquey rar  
com rezam muy verdadeyra

**E** poyz vos padre sabeis  
a causa de minha dor  
peyous que aconselheys  
a minha filha o melhor  
como creio que sabeys  
Nam quero atcurar as leys  
quetam differentes sam  
quinda que se facs christão  
bem sey que lhe nam dareis  
se nam conselho muy são  
Jrmirãõ

**Q**uemos de obedecer  
aquelles de que nascemos  
quando algũa cousa temos  
saluo salgum offender

aquelle Deos em que cremos  
Como nos nos apartemos  
cu farey com a primeza  
que console sua alteza  
e claramente veremos  
se tem algũa defesa

**A**qui se apartaram o Jrmirãõ  
e sera Caterina e diz sancta  
Caterina ao Jrmirãõ,  
Caterina

**C**onhecida cousa he  
padre nobre muy seiente  
que todo baram prudente  
nam determina o que vce  
mas o que a rezam consente  
Adinha mãy por ser contente  
do q a mim da gram payfam  
he tam ceza de rezam  
que me faz desobediente  
nam no sendo em condigam  
Jrmirãõ.

**F**ilha bem sabia eu  
que quem te tanta eloquencia  
tanto saber e prudencia  
que tomaria por seu  
o bom pera consciencia  
Porque vossa excellencia  
dada per graça divina  
bem parece que he mina  
donde se tira seiencia  
pera nos dar a doutrina

**S**abiamente demandais  
que vos dem ignal marido  
mas esse que vos buscais  
nam se acha entre os mortacs  
em nichũ homem nascido  
Ihum conheço eu escolhido  
virgenito a madre  
que he filho de Deos padre  
mais discreto e mais sabido

que vos em gram cantidade  
**E** he mais fermoso filha  
que vos sem comparagam  
nem q̄ da que nos ceos estam  
por que o sol se marauilha  
de sua desposiçam  
e he de mayor geragam  
que todos que tem alrezas  
matricas que quauos sam  
por que as suas riquezas  
nunca desfalceram

**N**am pode sua doutrina  
compararse entre barões  
por que este he o que cusa  
Arcanjos e dominações  
com sciencia muy diuina  
Este daa graca continua  
as substancias diuinas  
este daa vida aos indias  
este faz a gente diua  
dos gozos celestiaes

**E** mais deueis de saber  
que este filho de Deos padre  
nunca conheceo mulher  
e nasceo de virgem madre  
este tem todo o poder  
e he filho de Deos dos ceos  
tres pessôas hum soo Deos  
este he o que faz viuer  
pera sempre os que sam seus  
Caterina.

**Q**uem he padre veneravel  
estetam nobre barão  
tam eterno e perduravel  
de poderam infaul  
e de tam gram geragam  
Que pode dar saluagam  
e nasceo de virgem madre  
não tendo mulher seu padre

pois tendes tal discerçam  
d'ayme rezam que me coadre  
22. Sabereis virgem preciosa  
queste rey da monarchia  
he filho da mais fermosa  
virgem e mais humildosa  
que se criou nem se cria  
**D** seu nome he maria  
foy criada por vontade  
da sanctissima Trindade  
por que ho filho della aua  
tomar nossa humanidade  
Como foy chogada a ora  
mandou Deos omnipotente  
seu filho muy innocente  
por que a gente peccadora  
o mataste cruelmente  
**P**or que o principe pareceu  
comeo do fructo vedado  
mordeo Deos crucificado  
como muyto largamente  
vercis em este tratado  
Vendo o padre muy fiel  
que o mundo ja se perdia  
por saluar a Israel  
mandou o Anjo Gabriel  
a esta virgem Maria  
e desta virgem muy pia  
ficando Virgem nasceo  
o filho de Deos do ceo  
que por nos dar alegria  
cruelmente padescio  
**E** este chama Jesus  
rey da gloria verdadeyro  
não os vossos de madeyro  
que nam sam deos des deluz  
se nam deos des de marteyro  
**E** se quereys por muyto  
saber deste rey dos reys  
em este liuro vercis

como elle he verdadeyro  
e nam os deuses que creyus  
Caterina.

**R**ogouos padre senhor  
que vos me querais dizer  
se he cousa que pode ser  
ver en este redemptor  
que por nos quis padecer  
Hão me queyras esconder  
a verdade senhor padre  
que tanto desejo ver  
e a senhora sua madre  
quanto se nam pode erer  
Grmitão.

**F**ilha sera impossivel  
que o posa ninguem ver  
se não quem elle quiser  
porque elle he inuicivel  
e mostra se a quem elle quer  
dos mortaes q̄hãõ de morrer  
nam pode viuer ninguem  
mas os que hãõ de viuer  
na gloria sem fenecer  
estes de continuo ho vem  
E se me quiserdes erer  
e meu conselho tomades  
por ventura pode ser  
que ambos vãs os vejas  
muyto a vosso prazer  
Caterina.

**Q**uanto eu poder fazer  
farey certamente padre  
e darey quanto tuer  
por ver o filho e a madre  
que tem tam grande poder  
Grmitão.

Toma esta unasein sagrada  
que he da madre de Deos  
ves ahyta dou pintada  
com seu filho abraçada

O rey da gloria dos ceos  
ninguem ta veja dos ceus  
olha filha muy querida  
que este he o que da vida  
a rodos os que sam seus  
e esta virgem esclarecida  
Com coraçam humildeoso  
roga a madre singular  
que não re queyra negar  
seu filho muy glorioso  
que nella quis encarnar  
nam deyras de lho rogar  
de giolhos muy chorosa  
porquella he tam piadosa  
que alem de to mostrar  
ficaras por sua esposa

**A**qui vem a mãy de santa ca  
terina onde esta o Grmitã cui  
dãdo q̄ elle não pode cõuerter  
a filha a aquillo que ella que  
e diz. **A**day.

**P**adre esculado he falar  
com pessoa ignorante  
que tanto monta pregar  
como querer abrandar  
com a cera o diamante  
E pois ella he tam constante  
eu farey com crueldade  
quebrar sua castidade  
e que vaa sempre a diante  
ho que tenho na vontade

Grmitão

**S**enhora nam he bem feyto  
fazer se por forza jaã  
o que nam se faz por geyto  
porque donde forza ha  
dizem que perca direyto  
mãy. Pois to mey esto a peyto  
eyo certo de acabar  
per forza a ey de casar

A iij

quisto mais he seu proueyto  
que ninguem pode cuydar  
**¶** Deyra tu amanceber  
ammiga de todo bem  
que como o dia vier  
logo te far eyfazer  
o que tanto te conuém  
pois nam ques crer a ninguem  
senam seguir apertito  
de teu desejo maldito  
eu ey de fazer tambem  
o que ja te tenho dito  
**¶** Aqui yra sancta Caterina z  
sua mãy onde esta feyta sua es-  
taurea, z apartada sancta Car-  
terina de sua mãy faz esta orar-  
zam a ymagé que lbe deu o yr-  
mitam. Caterina  
**¶** O virgem sanctificada  
mezinha de Isracl  
vos que fostes laudada  
da angelical enbayxada  
pello Anjo Gabriel  
z increceste trazer  
na sancto ventre escondido  
aquelle que foy nascido  
pera curar z prouer  
o mundo quera perdido  
Vos que fostes concebida  
sem peccado original  
z vos que fostes nascida  
pera curar a ferida  
da lumbagem humanal  
Vos madre celestial  
fonte que mana piedade  
mar que nauega humildade  
remedio de nosso mal  
arca da sancta Trindade  
pois vos sois madre de deos  
e sois rapinha dos Anjos

porta da gloria dos ceos  
e senhora dos Arcanjos  
emparo dos que sam seus  
day remedio aos males meus  
rota pulchra amica mea  
o virgem de grazas chea  
de quem falou sam Alarcus  
que sam orfaã em terra alba  
**¶** O rapinha gloriosa  
madre do rey glorioso  
mais que todas humildosa  
mostrayme vos preciosa  
vosso filho precioso  
Queu desejo por esposo  
nam tardes senhora em vir-  
nem mo queiracs encobrir  
por aquelle grande gozo  
que ounestes em o parir  
**¶** O redemptor verdadeyro  
remedio de atribulados  
perdoayme meus peccados  
pois padecestes martyrio  
por me serem perdoados  
pois curastes os chagados  
com vossa sancta payram  
ouui senhoros meus brados  
por que meus males passados  
ajam comprido perdam

**¶** Aqui estava Sancta Cateri-  
na como que esta trasportada  
z cantaram os Anjos Ave ma-  
ria, z apparece Nossa senhora  
com seu benito filho no collo a  
sancta Caterina, diz nossa Se-  
nhora a Christo,

**¶** Ades filho aqui esta  
Caterina muy chorosa  
ryca, discreta, fermosa  
z segundo mostra ja

deseja ser vossa esposa  
E pois ella he deseiosa  
de ver vossa face clara  
cu filho muyto folgara  
pola fazerdes gozosa  
mostrar lhe essa sancta cara  
xpo. Senhora he gram verdade  
ho que della entendeis  
mas bem sey que conheceis  
que nam tem tanta beldade  
como ysto que dizeis  
por que otras filhas de reys  
tenho por minhas esposas  
que sam muyto mayz fermosas  
como vos muy bem sabeis  
mais ricas e poderosas  
E ja vos sois sabedora  
minha muy amada madre  
ca mais baxa seruidora  
q̃ ana gloria de meu padre  
he muyto mayor senhora  
E mayz superiora  
mais discreta e mais fermosa  
e por tanto eu agora  
nam a quero por esposa  
que nam he merecedora  
dessa senhora.

Podera ella fazer  
se alguma cousa ouuesse  
pera que vos aprouesse  
por esposa a receber  
xpo. poderia se quisesse  
n. Segundo me ami parecee  
tanto ama Caterina  
vossa aposturabemigna  
que para todo interesse  
por vossa graça diuina  
Christo.

E pois meu amor e venço  
como mostra por rezam.

tome o coneeho meu  
e vase aquelle ymitão  
que a vossa imagem lhe deu  
e alimpece pois me creu  
que como ysto fizer  
logo me podera ver  
entonces eu sercy seu  
esposo se a vos prouuer

Aqui desaharce e xpo e nossa  
Senhora, e diz Caterina.

Douuoos graças e loumores  
jesu Christo meu senhor  
perdam de nossos errores  
pois ouistes meus clamores  
e me destes vosso amor

A madre de meu redemptor  
fonte de todo perdam  
bento seja seu louuor  
pois por sua intercessam  
alancey tam gram fauor

E pois vos madre de Deos  
tanto bem me auéis dado  
quero cumprir o mandado  
de meu senhor rey dos ceos  
vosso filho muy amado  
bento louuado e exalçado  
seja vosso sancto nome  
por sempre glorificado  
pois nascestes Deos e homem  
por me lutar do peccado

Diz sancta Caterina  
as ooncellas.

Amigas pois entendeis  
minha tristeza e pelar  
rogouos me acompanyeis  
por que eu quero roinar  
a Ermida que sabeis  
Grande prazer me fareys  
que tanto que la chegar  
que vos queyzaes apartar

z quahi soo me deyrã  
ate vos mandar chamar  
**C**hem auenturado padre  
foy o ensino que me destes  
z o dia em que vos nasceste  
do ventre de vossa madre  
pois tanto bem me fizestes.

**J**rmirão.

filha se vos curredestes  
tudo o que vos courey  
z deyrastes vossa ley  
justamente merecistes  
a gloria do summo rey

**C**arcina.

Eu certo padre nam sey  
como vos possa contar  
por este uo o que passay  
nem como possa calar  
de dizer tudo o que sey.

**¶** Certo muyto folgaray  
princeza esgarçada  
oduar conta tam sobida  
ca. logo volo contarey  
entremos dentro na **Ermida.**

**C**Aqui se aparra sancta **Carcina**  
con o Jr **uram** como que lhe con  
ta o passado z entrara o **Emperar**  
dor **Alaencio** com grande apara  
to, z oriz.

**Emperador**

**C**rain clemencia com razão  
he de **Jupiter** z **Juno**  
z do grande deos **Plutão**  
z do poderoso **Mepuno**  
z de quantos deoses sam  
pois que do pouo christão  
so isentem ser desonrados  
abatidos z abitados  
sem lhe darem o galardam  
que merecem seus peccados.

**C**Grande espanto me faz ter  
dhum pouo tam abstinado  
que se deira padecer  
por **Christo** crucificado  
tantos inarteyros sem erer  
na n olham que **Jupiter**  
he senhor dos altos ceos  
z que nam ha outro **Deos**  
que tenha tanto poder  
entre christãos z **Judeos**  
E pois querendo ja visto  
sua falsa openuam  
com tormentos de pay **Fam**  
cu farequezar a **Christo**  
a todo pouo christão  
z sobre esta razam  
lhe ey de fazer moor **banho**  
que men pay **Alaencio**  
z uenhãs escaparam  
do furioso **Tulcano**

**C**Dihay que vos mando logo  
que com gram seguridade  
vades por essa cidade  
z fazeis arder em fogo  
quantos ererem na **Trindade**  
Celle toda a piedade  
fazez delles sacrificio  
z pera moor crueldade  
mando a meu filho **Alaureto**  
que destrua a **Christandade**

**J**rmirão

**C**Verdadeiramente eu  
estou muy inaramilhado  
do que me auéis conrado  
tam grande prazer he o meu  
que parece quey sonhado  
mas pois deos vos ha mādado  
que empreces o meu mandar  
sem se mais tempo passar  
eu techo determinado



de logo vos bautizar  
ca. Minha alma he consolada  
com isto que ordenaes  
padre nam tardemos nada  
porque nam dejeso mais  
que logo ser bautizada  
p. filha minha muy amada  
assibo quero fazer  
vamos bem auenturada  
pois vos Deos quis escolher  
por esposa tam prezada

**A**qui bautiza o Frmitão sancta  
Caterina e cantará, Laudate  
dominū omnes gentes, e diz,  
Frmitão.

**E**ja sois chamada christã  
tirada de perdimto  
ja sois dos sanctos ymãs  
pois com vontade tam sag  
tomastes tal sacramento  
yvos a vosso aposento  
faze sempre orasam  
ao senhor que daa perdam  
pois vos deu conhecimento  
pera p. a saluagam

**A**qui vay sancta Caterina a  
sua estancia, e faz ourrã vez or  
rasam a ymagem e diz,  
Caterina.

**O** eterno e soberano  
filho do padre eternal  
que por nos liurar de danuo  
te fizeste homem humano  
sendo Deos celestial  
e quiseste encarnar  
por compur as prophacias  
auer frio e chozar  
e depois circuncisar  
sendo nado dozo dias

**E** tu que foste adorado  
dos tres magos Oriente  
e tu que foste leuado  
ao Egypto e criado  
de tua madre excelente  
E por saluagam da gente  
te quiseste bautizar  
e tu que passaste o mar  
com teu corpo innocente  
pela agoa sem se molhar  
**E** tu senhor que alumiaste  
o cego de monhado  
e ao paralitico saraste  
e tu que resuscitaste  
Lazaro sendo finado  
E perdoaste o peccado  
a quem despoiste vendco  
e quiseste ser chamado  
encantador e maluado  
do malino pouo Ebruz  
**E** tu que foste leuado  
ante Annas e Cayphas  
e falsamente accusado  
dando muyras obras maas  
a quem nasceo sem peccado  
E despinhas coroado  
ante Pilatos tambem  
e cruelmente agontado  
e falsamente julgado  
a morte por nosso bem  
**E** tu senhor que padeceste  
em meyo de dons ladrões  
morte que nam mereceste  
para liurar de paixões  
o pouo que tu fizeste  
Della grande dor que oureste  
que tu me queyras mostrar  
ten resplandor singular  
que a veronica deste  
quando te quis alimpar

**A**qui apparece outra vez Chri-  
sto e Nossa Senhora a sancta Cate-  
rina, e diz. **N**ossa Senhora.

**O**lhay filho muy amado  
quam asinha Caterina  
quis compir vosso mandado  
mostraylho rosto sagrado  
e vossa cara diuina  
olhay como he benigna  
casta, limpa, humildosa  
olhay como he fermosa  
olhay filho que he oia  
de ser sempre vossa esposa

**rpo.** **A**gora madre amada  
he renho amor muy inteyro  
quagora muyto magrada  
porque he pomba roxada  
de coruo quera primeyro  
he comparada a coydeyro  
sem magoa de maldade  
pois me tem tanta vontade  
com desejo verdadeyro  
eu quero sna amizade

**n. s.** **F**ilho meu muy glorioso  
grande prazer me fareys  
que por esposa a tomca  
pois que vos quer por esposa  
como vos muy bem sabeys  
**rpo.** façase quanto quereis  
madre com grande humildade  
de muyto boa vontade  
a quero como dizcis  
por esposa em caridade

**n. s.** **E**ntende filha, e procura  
dar sempre graças a Deos  
que re deu tanta a postura  
olha que o reynos ecos  
cubrou tua fermosura  
e quis accender daltura  
e portua grande bondade

auendodeti piedade  
por tu feres criatura  
scyta a sua humanidade  
**Chulto.**

**A**gora madre quero eu  
por esposa a receber  
se a vos vos aprouer  
**n. s.** **A**mi me praz filho meu  
tudo quanto elle quiser  
por que tanto he o prazer  
que disse Caterina tem  
que se nam pode dizer  
nam se deyr e de fazer  
pois que tanto lhe conuem  
**Chulto.**

**A**em a mim Senhora minha  
vem minha esposa querida  
vem princesa esclarecida  
vem para mi raynha  
pois se mi foste escolhida  
vem a mim partey a vida  
vem fermosa para mi  
porcy meu tronno em ty  
seras dos ansos seruida  
reguando sempre seia fim  
**Nossa Senhora.**

**D**ame filha esta mão  
e tomartaa por esposa  
o senhor da saluacão  
pois foste em humildora  
que merceste tal dão  
Nenhum dos da geracão  
nascidos sera teu esposo  
se nam meu filho glorioso  
a quem das teu coraçam  
casto, limpo, e humildoso.  
**rpo.** **T**oma este anel de fee  
e sello do Soutreu sacro  
porque justa causa he  
que por esposa to de

pois ho merece ste tanto  
ja te nam faram espanto  
os tormentos dos mozaes  
nem os vicios mundanacs  
te daram nenhum quebrauto  
agora des oje mais

ca. Adonde mereci eu  
que o filho de Deos padre  
se fizese esposo meu  
e que a virgen sua madre  
o rogasse ao filho seu  
Do madre de deos do ceo  
que graças lhe posso dar  
pera lhe poder pagar  
tanto bem como me deu  
que ando sogeta a peccar

Grças te dou manoel  
senhor da natura humana  
saluaçam de Isracl  
pois me fez o teu anel  
tua esposa soberana  
e a vos filha de Santana  
vrgel de toda virtude  
causa de minha saude  
vossa grandeza inhumana  
louuarey sempre a meude  
Aqui vem hū paje de sancta  
Caterina darlhe noua de como  
sua mãe he morta e diz.

pa. Ninguem se pode apartar  
quando fortuna o despreza  
e por tanto vossa alteza  
nam deue tomar pesar  
porque assy quis a tristeza  
Vossa madre alta princeza  
passou da vida presente  
assy tam supramente  
que nam temos por certeza  
de que soy seu accidente

Sua morte decastrada  
a muytos da grande doo:  
moimente ao Emperador  
porque estaueris accerrada  
com seu filho successor  
Nam ha nenhum gram senhor  
nem homem de baixa sorte  
que nam chore sua morte  
e por isso ha o mayor  
pranto que vi nesta corte

Outra causa aby porque  
se queixam mais de verdade  
porque sua magestade  
maude destruyr a fce  
dos que errem na Trindade  
E mandou pela cidade  
agora lançar pregam  
que todo pouo christam  
moura com gram crueldade  
eu nam sey porque rezam

Agora senhora minha  
connem terdes paciencia  
em esta triste ausencia  
lembreus que sois rainha  
pera vserdes de prudencia  
Curay com a sapiencia  
que Jupiter vos quis dar  
vossa tristeza e pesar  
porque nam sera sciencia  
fazer pranto nem chorar

ca. Assas tem deingratidam  
contra Deos e seu poder  
o que contra seu querer  
cura de tomar payram  
pello que elle quer fazer  
se hão todos de feneccer  
como claramente vemos  
pera que sam rachs estremos  
pois nam tornam a viver  
a vij

pello pranto que fazemos  
**C**Assy que sera escusada  
minha payram e tristeza  
verdade he que a mi me pesa  
porque moirecoram errada  
contra a ley de natureza  
**E** quanto dizes da teza  
em que egoia me ey de ver  
mais quisera nam ita ter  
porque que tem mais baixeza  
tem mais alto merecer  
**C**ham ha tanta dignidade  
no Emperador Romão  
porque quem tem graçam  
ha de ter benignidade  
com os que soceyrosam  
Ibo triste pouo chustam  
que mora nesta cidade  
debaixo de sua mão  
manta com gram crueldade  
matar mytro sem razam  
**C**Por tanto eu decter nino  
de y la sem mais decter  
e fazer lhe entender  
que nam he tanto benigno  
como deua de ser  
**P**or me fazerdes prazer  
paje que me acompanheis  
e que nam me pregunteis  
porquisto quero fazer  
nem a yda me estroueis  
**pa.** **S**enbora escusado he  
quereruos contradizer  
pois que nam reuho saber  
pera chegar ao pcc  
de voffo grande entender  
**E** por tanto o que quiser  
farey de boa vontade  
vamos quando lhe aprouer  
**ca.** com a mayor breuidade

que no mundo pode ser,

**C**Aqui vay sancta Caterina e ho  
paje diante o Emperador Març  
cio e ois sancta Caterina.

Caterina.

**C**Por certo Cesar Augusto  
segundo de ti ouui  
nam es Emperador justoj  
mas o mais cruel robusto  
que no mundo nunca vi  
Aluyto mespanto de ti  
eratar com tal crueldade  
os chustãos desta cidade  
e perseguires assi  
a fee da sancta Trindade  
**C**E se tu tés pareseer  
que Jupiter he teu Deos  
e nam ho que fez os ceos  
eu te farey conhecer  
que erram todos os teus  
sigue os conselhos meus  
e nam viutras errado  
que Christo crucificado  
que mataram os judeus  
he o que ha de ser honrado  
**epc.** **C**erramente grande ofensa  
me faz esta em ocasia  
que nunca te oye em dia  
diante minha presenca  
se disse tal cregia  
**P**or tanto saber queria  
quem sera esta molher  
de tam gram sabedoria  
que me ouisa reprehender  
assi com tanta oufadia  
**ca.** **F**ilho de Maximiano  
quem sou te direy a ti  
nam ja por louuor humano  
mas porque saybas de mi

que nam estimo teu danno  
Porque meu Deos soberano  
com quem eu sou descepada  
me tem tam predestinada  
que teus Deoses de engano  
nunca me faram mudada

**C**E pois saber te daa gosto  
minha lnhagem tam digna  
a mi chamam Caterina  
e sam filha del Rey Costo  
criada em gram doutrina  
Em que pareço menina  
nam julgues por parecer  
que aas vezes tem entender  
pessoa muy pequenina  
mais que grande pode ter

**Ep.** **C**erto grande espanto ey  
de vossa alteza tam pura  
desprezares nossa ley  
e sendo filha del rey  
fallar tam grande locura  
Ademina tem mais cordura  
nam fallas dessa fey sam  
porque te castigaram  
tam riço que por ventura  
nam possas ter saluagam

**ca.** **A**dupto saber me conuen  
pois tem tam diuersos nomes  
tantos Deoses em que creem  
se elles foram ja homẽs  
ou nascidos de alguẽm  
folgaria de achar quem  
me responda como antigo  
a isto que aqui profigo  
porque eu deſejo tambem  
de saber isto que digo

**Ep.** **C**uydey que sabias mais  
do que mostras por razões  
Ja os minusos hoisais

sabem que tineram pais  
os Deoses e gerações  
E o primeiro dos barões  
que no mundo foy gerado  
a terra ho ha criado

Caterina.

**C**o que gentis conerufos  
pera homem amfado

**C**Ja vos outros confessacs  
que os Deoses foram gerados  
e que sabem os boisacs  
serem homẽs terreacs  
e mais de terra formados

E pois della sam criados  
a terra he logo Deos  
por donde tu e os teus  
todos viucis enganados  
que outro Deos ay nos ecos

**C**A terra nam tem poder  
nenhum de fructificar  
nem ho ceo de se mouer  
sem Deos que o quis fazer  
sendo treuas todo ho nar  
este fez tambem ho mar  
e a Lua e as Estrellas  
e deu claridade a ellas  
este as faz alumiar  
como quem tem poder nellas

**C**Este Deos nam foy formado  
nem de baram concebido  
nem de semente nascido  
eternalmente gerado  
foy do padre esclarecido  
Este he obedescido  
Darcanyos e Serafims  
e tambem dos Cherubins  
e dos Anjos muy seruido  
pera sempre sem ter fim

**Ep.** **C**Eu certo nam posso erer  
a viij

senam que esta hesandia  
pois que com tanta oufadia  
nos quer fazer entender  
que Deos fez a terra fria  
E tambem que fez o dia  
e mais que nunca nasceo  
e vemos que padescer  
eu nam sey como podria  
morrer sendo Deos do ceo

**¶** Ohay todos como erra  
esta sem nenhum saber  
que a nos nos quer fazer crer  
que o seu Deos fez a terra  
e que sempre foy nhum ser  
E eu ouço sempre dizer  
aos christãos oje em dia  
que Christo quis nascer  
de hãa sancta mulher  
a qual se chama Maria

**¶** Se esta diz que a gente  
toda foy de terra nada  
e esta foy della criada  
clara cousa esta que mente  
e que seu Deos nam val nada  
nunca vi tanta emburilhada  
hũs dizem que nam nasceo  
e outros que padescer  
ou esta esta gente errada  
ou eu sam grande sanden

ca. **¶** De ego mais que danado  
sem nenhuma intelligencia  
eu farey por esperiencia  
crer que tu andas errado  
e que ja não tẽs prudencia  
Escrita com paciencia  
ho que te quero contar  
porque alem de te pronar  
tua pouca sapiencia  
nam teras mais que fallar

**¶** Segundo ja ey contado  
este he o mesmo Deos  
que morreo crucificado  
que fez a terra e os ceos  
antes de ser humanado  
por aquelle gram peccado  
de nosso primo parente  
foy o filho encarnado  
no ventre sanctificado  
daquelle madre excelente

**¶** Este quanto a humanidade  
foy nascido de mulher  
mas nam quanto a diuidade  
questa foy sempre nhum ser  
como temos por verdade  
sempre foy sancta trindade  
tres pessoas hum soo Deos  
antes de criar os ceos  
e antes da claridade  
os quatro elementos seus

**¶** Este deos que foy nascido  
por lurarados de quebranto  
foy por misterio escondido  
encarnado e concebido  
por graça do spiritu sancto  
padecido por dar espanto  
ho maluado Lucifer  
e tiroulhe de poder  
tanta sancta e tanto sancto  
quanto nam posso dizer

**¶** Ho que assi se concebeo  
peila trindade ordenado  
tambem estava no ceo  
como no ventre sagrado  
daquelle quele escolheo  
quanto a diuino digo eu  
que quanto a homem humano  
com poder muy soberano  
da virgem sancta nasceo

sem lhe fazer nenhum dano

**C**Assi que claro se ve  
que carcees de rezam  
pois crees em deoses de latam  
e deyras a sancta fec  
do scuhor da saluagam  
Se com limpo coragam  
o crees e adorares  
e se tu te bautizares  
alcm de te dar perdam  
fara quanto lhe rogares

**E**pois certo nã calaremos  
as cousas desta menina  
nem sua sciencia diua  
que segundo della cremos  
falla por graça diuina  
Calliope a eniua

ou as musas quantas sam  
quella nã tem diserçam  
pera dar tanta doutrina  
aos sabios que aqui estam  
**A**ham a deuenos de erer  
pois por deosa a nã temos  
nem filha de jupiter  
quanto mais que bem sabemos  
ser hãa fraca molher  
mas o que sea de saber  
vencecla com argumentos  
ou darlhe tantos tormentos  
que a faça arrepende  
de seus falsos pensamentos

**C**õ tormentos nem tumores  
eu lhe farey confessar  
q̃ meus deoses sam melhores  
mas ao de confirmar  
por desputa de doutores  
filosophos e oradores  
farey logo aqui trazer  
que lhe façam conhecer

que nunca vyo sabedores  
nem he nada seu saber

**C**os alcaide e seus criados  
bidema p̃esa guardar  
ate que mande buscar  
os mais sabidos ltrados  
que se puderem achar,  
ham a veja mais estar  
diante de my ailly  
tremina logo daquy  
porque he tanto meu pesar  
que nam sey parte de mim,

**L**euara o alcaide a sancta  
Caterina a hãa p̃isam q̃ pera  
isso sera feita. E depois de ido  
o alcaide, diz scã Caterina es  
ta oragam. Caterina.

**O** meu senhor e meu dey  
tu que de virgem nasceste  
e tu senhor que venceste  
aos douctores da ley  
com as rezões que lhe deste,  
E tu senhor que fizeste  
nas vodas Darcheteclino  
hum misterio tam diuino  
e tu que ao mundo viste  
por dar a todos ensino,

**D**am etu meu senhor deos  
tanto saber como deste  
aos doze apóstolos teus  
quando sobre elles viste  
depois de subido aos ceos  
porque os maluados mercos  
nam me possam comprehender  
com seu maluado saber  
pois venceste os fariseos  
fazem e senhor vencer.

**A**jo. Deos ouuo tua oragam  
esposa de Deos amada

e por seres consolada  
me mandou com dilagam  
a te dar esta embaixada  
digo que nam temas nada  
da disputa que as daucr  
que Deos que he todo saber  
com quem tu es desposada  
todos os para vencer

**P**or ti se conuerceram  
ha fec da sancta Trindade  
e por ti mereceram  
o regno da claridade  
em que sempre regnaram  
Toma gram consolagam  
esposa de Deos querida  
porque tu foste escolhida  
pera dar a saluagam  
a inuita gente perdida  
Caterina.

**D**e clementissimo Rey  
verdadeyro Deos e homem  
com que grazas poderey  
louuar voſſo ſauero nome  
remedio de noſſa ley  
Do meu ſenhor que nam ſey  
nenhũs louvores com que  
louue tam alta mercc  
como de vos alcancey  
ſem auer rezam por que

**D**e grandeza ſem medida  
oo alreza incomparaueſ  
oo fonte que mana vida  
oo virtude perduraueſ  
mas de gloria ſem ſapda  
doy me ſciencia compida  
pera fazer conhecer  
que vos ſoo fazcis viuer  
a mortal gente perdida  
que ſem vos nam pode ſer

**A**qui vem os Doutores ante  
ho Emperador. ſeres que fallão  
e viram bem vestidos, e os ou  
tros nam tambem. E diz o pri  
meiro doutor chamado Abiatar

### Abiatar

**Q**ueja voſſa mageſtade  
pera que ſomos chamado  
porque eſtamos em verdade  
muy preſtes aparelhados  
e ſouer neceſſidade  
de noſſo grande ſaber  
eſperamos de vencer  
quantos ha na chriſtandade  
antes que vades comer

Emperador

**S**em vejo que ſois idoneos  
de ſciencia muy conuina  
mas eſta aqui hũa menina  
que faz dos Deoſes demouos  
e em deſouallos ſe enclina  
E ſe com voſſa doutrina  
todos juntos ma venencia  
gram mercc receberes  
porquella mais he diuina  
que humana como vercis

Jonas.

**A**luito grande eſpanto auemos  
ſenhor de ſeu entender  
que nos faz a qui trazer  
pera que nos diſputemos  
com hua fraca molher  
**P**ois quantos chriſtãos ouuer  
como ja dito he remos  
todos juntos venceremos  
cu nam ſey porquella quer



que tal vergonha passemos

**Q**uas se elle desceja ver  
quantos sam nossos primores  
venha logo quem quisser  
e faribemos conbceer  
que nunca vio sabedores  
Venham quantos oradores  
e poctas ha no mundo  
tee os que estam no profundo  
e veram nossos vigores  
de saber mais que facundo

**Q**Aqui vira o Alcaide ante ho  
Emperador, e trara consigo san  
cta Caterina e diz,  
Alcaide,

**J**upiter em que adora  
ho queyra sempre e calçar  
aqui lhc trago agoza  
esta maga eucantadora  
que melle mandou guardar  
E folgo bem de achar  
tam honrada companhia  
por ver se tem onfadia  
esta agoza de prouar  
ho que disse eitouro dia

**D**iz sancta Caterina  
ao Emperador,  
Caterina.

**N**am sey que juizo he este  
que comigo ques vsar  
que sem caso prometteste  
quanta riqueza quiseste  
a quem me sobrepnjar  
e a mi constranges entrar  
em regurosa batalha  
sem armas nem inimigalha  
mas eu nam quero esperar

se nam soo Deos que me valha,  
Abiatar.

**Q** menor dos que aqui estã  
eu sam em sabedoria  
mas tua grande crigia  
me fara que com razam  
seja grande em demasia  
E pois es maga sandia  
como ja todos ham visto  
antes que se gaste o dia  
te farey negar a Christo  
e mais a santa Aldaria  
Caterina.

**S**ente cega e danada  
nam tercis tanto poder  
pera me fazer mudada  
nem quantos no mundo ouuer  
de vossa ceira maluada  
Porque esta virgem sagrada  
que vos taato desprezacs  
me fara que vos digacs  
que a vossa fee nam val nada  
nem os Deoses que adoracs  
Jonas.

**N**os outros não te quereis os  
prouar que he falso teu Deos  
polla ley que nos cremos  
senam polla dos Judens  
porque mais hõra ganhemos  
E por tanto nos quereis os  
desputar sobre esta ley  
com nosso saber fa remos  
que confesse toda a grey  
que por elle te vencemos

**N**os christãos quereis vizcr  
couzas que dam grande espanto  
que ha tres pessoas, s.  
Padre filho Spiritu sancto

digo que nam pode ser:  
E en te farey conhecer  
que disse o melino Deos teu  
nam ha outro Deos se não eu  
eu sou soo Deos em poder  
ninguem tem o poder meu.

**E** se ysto he verdade  
conhecida couza he  
que he mentira vossa fee  
pois que credes na Trindade  
sem auer rezam porque:  
Assi que claro se ve  
que todo o pouo christam  
vive cego da rezam  
pois que em tres pessoas cree  
com tam falsa openiam

**ca.** **E** pellos liuros dessa ley  
que tu agora rezias  
asinha te prouarey  
e entender te farey  
que tambem sam tres pessoas:  
Tuas razões nam sam boas  
como agora tu veras  
porque he certo que estas  
naquellas crucys lagoas  
do maluado Satanas.

**A**ntes da humana luhagê  
se criar da terra ençoza  
disse Deos, nam por mensajem  
fazamos homem a nossa  
semelhança e ymagem:  
Em ysto nam tem ventagem  
a elle os Anjos dos ecos  
por ter a forma de Deos  
se lhe nam fizesse vltragem  
como vos outros incocos.

**E** se fora este rey  
tres pessoas que adoramos  
hū soo muy certo sey

que nam dissera faramos  
se nam dissera farey

**C**ara sancta Caexina tres  
pregas na saya e diz.

**A**palpa aquy com a mão  
por que vejusteu engano  
ves tres pregas aqui estam  
poistudo isto he hum pano  
como mostra por rezam:  
E inda que nos reimos  
tres pessoas em os ecos  
como por verdade cremos  
digo rue tambem oizemos  
questas tres sam hū soo Deos,  
Assy que a ley dos judcos  
bem parece que he errada  
e tu que nam sabes nada  
pois segues os feyros seus  
e sua ley ja olvidada.

**abi.** **E** folgaria de saber  
de ysta conersam  
por que rezam quis na ser  
esse teu Deos de mulher  
sem semente de baram:  
Respondeme a esta questam  
pois presumes de sabida  
e se meniam das rezam  
logo direy ques vencida  
sem uenbna dilagam.

**ca.** **C**ouando oa terra sagrada  
fez Deos o primo parente  
nam era maldicoada  
nunca gerara semente  
espinhos, cardos, nem nada,  
Pois sendo Eva criada  
da virgem terra tambem,  
muy fermosa e acabada  
pella mão de Deos formada  
que toda per feyza m tem,

Quando ambos se banarão  
estava sem corruptam  
e o peccado que pecaram  
foy tam grande que lançaram  
toda a gente em perdiçam  
e como o segundo Adam  
que Christo filho de Deos  
viste padecer os seus  
pella nossa redempçam  
descendo dos altos ceos

Assy como o pay pryncyzo  
e a molher quando o fendo  
eram virgens por mteyzo  
assy Christo verdadeyzo  
virgem de virgem nasceu  
Com sua morte nos deu  
vida por sempre eterna  
oo ceo pouo juden  
porque nam credes em tal  
pois que por vos padefco.

10. Se Deos roy sacrificado  
como credes por verdade  
pera que foy baurizado  
nam tendo necessidade  
de ser tempo de peccado  
por donde temos prouado  
nam ser Deos esse teu christo  
responde me agora a ysto  
pois tens saber de letrado  
pera ver que diras a ysto

ca. Omis o senbor ser lavado  
por lavar nossas magoas  
e quis ser vagoa molhado  
pera dar virtude as agoas  
de tirar nosso peccado  
E tambem foy baurizado  
por dar comeco ao baurismo  
este he o Deos euuado  
e en maõ estes no abismo  
se não fores perdoado

abi. Se de virgem tam prezada  
nasceo Deos de nazare  
como bizes que se cree  
pera que foy desposada  
sua madre com Josefep  
E se ysto assy não he  
como diz o Evangelho  
o ame rezam e conselho  
com que prouestua fec  
por queu nam vejo aparelho

ca. Entre os judeus foy dado  
bua ley feyta no Imperio  
que a virgem que fosse achada  
em adulterio tomada  
que com grande vituperio  
fosse logo apedrejada  
pois como a virgem sagrada  
trouxesse no ventre o espelho  
podera ser infamada  
se nam fora desposada  
com aquelle sancto velho.

Se de ti fosse olhada  
a ley velha dos judeus  
acharias ser prouada  
a virgindade exaltada  
da virgem madre de Deos  
que uos mesmos liros seus  
o mostra por profecias  
o propheta Isayas  
mas vos outros sois mercos  
nam credes senam falsias

Ecce virgo concipiet e pariet  
et filium, et vocabitur nomen  
eius emmanuel.

Thua virgem concebera  
da casa de Israel  
sempre virgem ficara  
e hum filho parira  
e chamar se ha Emanuel  
Assy que falso eruel

muito mais que ti sabia  
quem fez esta propheta  
em tudo ficas argel  
sem ter nenhũa valia

**ebi.** Nam tenho necessidade  
de mais palauras gastar  
porque minha ceguidade  
nam me pode alumiar  
onde esta clara a verdade  
E se vostendes vontade  
de sobzisto proceder  
bem ho podereis fazer  
mas eu creio na trindade  
e confesso seu poder.

**Jo.** Com muyra causa porque  
tenho sobeja rezam  
de seguir vossa tençam  
que nam creais vos de que de  
couces contra o aguilhão  
Ja desejo ser Chyristam  
Ja desejo bautizarme  
Ja desejo de linrarime  
daquella cruel puzam  
onde vejo condemnarme  
**Diz** o Emperador aos outros  
doutores que ainda nam fallará

Se os deuses sam verdadeyros  
como mostram por sinacs  
porque vos nam despuracs  
pois que vossos companheyros  
ja nam podem fazer mais  
muy abatidos ficacs  
se vos vence esta mulher  
e pois tanto vos louuacs  
nam fique vosso saber  
ho reues do que fallais  
**fil.** Nos nam somos tam sabidos  
pera que nos despuremos  
pois os mestres q nos temos

foram tam prestes vencidos  
como claramete vemos  
mas antes todos dizemos  
que queremos ser chyristãos  
e que reus deuses sam vãos  
e o que digo prouaremos  
sempre a todos os Romãos  
**em.** Sem ser mais de mi ouuidos  
idemos logo queimar  
estes tredores desferidos  
pois foram tam atreuidos  
de chyristãos se nomear  
Assi os mando tomar  
sem nenhũa piedade  
porque sabam por verdade  
que me nam ham desca par  
quantos ha na chyristandade  
**Diz** sancta Caterina aos Dou-  
tores.

**CA** nigos de Deos do ceo  
sobrepy morte muy notoria  
que oje vos digo eu  
que vencia a sua gloria  
segundo me prometto  
pello Anjo que a mi veyo  
E por tanto nam remais  
que o tormento que passacs  
sera grande prazer seu  
muito mais do que cuydacs  
**CA**qui leuaram os doutores a  
marterizar e cantaram. Te ocu  
landamus, e diz o Emperador  
a sancta Caterina.

Emperador

**CA**duy fermosa Caterina  
a mais que no mundo vi  
bem veyo tua doctrina  
e bem sey que es diuina  
segundo de ti ouui  
**E** pois os Deuses em ti

tantos primores poseram  
e tanto bem te fizeram  
deves dar graças sem fim  
a elles pois que tas deram  
**E** se tu queres deitar  
a Christo crucificado  
e comigo te casar  
eu te farey adorar  
mais que Aesta em seu estado  
Teras sempre a teu mandado  
ho meu Imperio Romao  
e qua itos no mundo sam  
e farey templo sagrado  
de grande veneraçam

**63. E** se Alducio sem ser christão  
porque desse liberdade  
a este Imperio Romão  
quicimou com gram crueldade  
nhã rocha sua mão  
Pois nam tenhocu mais razão  
de passar qualquer martyrio  
por meu se ihor verdadeyro  
que por mi passou payram  
enrauado nhã macyro  
**E** por tanto sam por de mais  
teus falsos prometimentos  
porque com nenhãs tormentos  
nem afagos mundanaes  
antes eram mais yscuros  
com aquelle de quem he  
miba alma, miba fec  
sentidos, e entendimentos  
com tanta cousa porque.

**epc.** Pois que tu maga encantada  
te nam vences com saber  
nem com afagos nem nada  
conuem logo sem dezer  
que sejas atormentada  
mando que seja leuada

porque castiguem seu erro  
comomal feytoza errada  
e seja bem agoutada  
com outras vergas de ferro  
**ul.** Não deuta de mandar  
vossa real magestade  
tam maa maa molher agoutar,  
senam com gram breuidade  
logo nessa hora matar  
Porque se agora escapar  
podera tornar de nouo  
a conuerter todo pouo  
a qual cousa pode dar  
ao Imperio grande estrouo  
**epc.** Nam ha morte mais sentida  
que pouco e pouco morrer  
porque bem podeis crer  
que viuendo morre em vida  
quem tem vida sem prazer  
Tomay vos esta molher  
fazeima bem agoutar  
e depois senam quiser  
fala cy a tormentar  
de mais tormentos sem crer  
**ea.** Senhor Deos tu que quiseste  
ser preso crucificado  
e dos judens mal tratado  
pello pouo que fizeste  
nam ser sempre condemnado  
E pois por nosso peccado  
tu quiseste padecer  
rogote me des poder  
que sufra pena e cuydado  
porque te mereca ver.

**E** aqui leuaram sanera Carcina  
ao lugar onde lham de dar os tor-  
mentos, e viray Profrino paje do em-  
perador muyro espanhado da sua  
crueldade, e diz Profrino  
**pro.** De squa me acordo de mi,

nunca vi tal crueldade  
nem tam pouca piedade  
como vejo agora aqui  
em cas de sua magestade  
Que prouando se a verdade  
com razões tam euidentes  
tam tam cegas estas geutes  
que ja nam tem claridade  
nem vem seus males presentes

Ep3. **P**rosirio vcnhas embora  
muyto folgode te ver  
que nouas trazes agora  
daquelle nobre molher  
tam fermosa e sabedora

pro. **E**n as contar e senhora  
se as de sejas saber  
mas nam vos darã prazer

Ep3. **D**ize logo sem de moza  
o que lhe viste fazer

pro. **D**e pois q̄ vos vos partistes  
contate de seus primores  
com as razões que ouistes  
quando disputar a vistes  
como os sabios doutores  
de pois de muytos louuores  
que todo o pouo lhe deu  
Adar encio lhe prometeo  
se de se fosse seus errores  
que seria esposo seu

**A**lduytas covsas prometia  
que nam sam pera contar  
dizendo que se queria  
que coma Deosa a farta  
adorar em hum altar  
e como a virgem sem par  
nao cumprisse seu mandado  
o Imperador yrado  
a mandou logo acoutar  
nam sey mais o que he passado

Ep3. **C**reme **P**rosirio amigo

nao sey se viuo enganada  
mas em verdade se digo  
que esta fee que eu ligo  
que nam me contenta nada  
pro. **N**em a mim nada magrada  
de se quando vi vencer  
aquela sabia molher  
a geute tam auisada  
quanto nam pudera crer

Ep3. **A**lduyto tempo ha que ouui  
fallar da fee dos christaos  
a muy sabidos Romãos  
e segundo conbee  
nos outros somos os vãos  
nao temos concelhos saos  
todos viemos errados  
tam perdidos e astiuados  
que nos tenão pelas maos  
os infernos dos danados

pro. **T**tauro de se joromar  
a fee da sacra Trindade  
que se tu esse lugar  
logo com gram breuidade  
me farta baurizar  
mas nam se pode passar  
muyto tempo que nam va  
onde algq̄ christão esta  
e se me Deos a jndar  
elle me baurizar a

Ep3. **A**ce tu **P**rosirio primeyro  
como passa esta molher  
q̄ agora se da marteyro  
por que se sella vencer  
nao he sen deus verdadeyro  
**D**aria muyto diuheyro  
se lhe pudesse fallar  
pera mella informar  
de sua fee por intereyro  
pois Deos a fez tam sem par  
**P**rosirio.

**C**ossa alteza diz muy bem  
aísy o quero fazer  
logo quero pra saber  
de seu mal e de seu bem  
e virey uolo dizer

ep.3, **M**isso me faras prazzer  
pprosirio meu muy amado  
rogote que com cuydado  
fagas bem por apzender  
todo o que la for contado

**A**quitraram sancta Caterina  
diante o Emperador toda chea  
de chagas e o.3, **A**lcayde

**E**pla aqui vem agoutada  
como senhor de sejas  
de sangue roda baubada  
tam chagada e atormentada  
que nam podera ser mais  
vede agora que mandais  
por que ella betam constante  
que nam ha quem não se spate  
ver suas chagas mortaes  
e seu fermoso semblante  
ep.4. eu creio por minha vida

que depois que te doeste  
de tua carne ferida  
que ja es arrependida  
das palauras que o.1. este  
E se tu ra rependeste  
eu te mandarey curar  
ainda que gram pesar  
foy o que me tu fizeste  
em aísy me deshoírrar

Caterina,

**D**raquoso cão danado  
scruido de Lucifer  
nam me podestu fazer  
o meu corasam mudado  
nem teras tanto poder  
Agora romo prazzer  
com minha carne ferida

por que sey que tenho vida  
e tu que as de feneccer  
nos infernos sem guarida  
Emperador,

**P**ode ser moí vituperio  
que esta com seus ciganos  
nam sendo de dezoyto annos  
desourre assy este Imprio  
com seus ditos tam profanos  
**D**coses tam soberanos  
por que destes tal poder  
a esta maga molher  
que nos faga tantos danos  
sem a podermos vencer  
E por que a outras sandias  
possa isto exemplo ser  
mandoa no carcere meter  
e que esteja treze dias  
sem lbeoarem de comer  
E depois que falsecer  
de fome como coytada  
mando nam seja queimada  
pois nos deoses nam quis crer  
e pereça escomungada

Alcayde

**D** que manda senhor  
sera seyto breucemente  
veremos esta se sente  
este tormento mayor  
co que agora tem presente  
Eu sam muy ledo e contente  
de a por em tal prisam  
que nam tenha saluagam  
nem na espere da gente  
de quantos no mundo sam

Caterina,

**D** eterna magestade  
tu que pela geragam  
foste preso sem rezam  
de tua propia vontade  
por nos liurar de prisam

esforça meu coraçam  
senhor com algum dequite  
porque o temor da morte  
me não metta em tentaçam  
em ciza pusam tam forte

**T**enará sancta Caterina onde  
sera festa hũa pusam e pia **Pro**  
**frio** onde esta a **Emperatriz**

**Emperatriz**

Tenhas embora **Profrio**  
bem folgo contigo ca  
dize que nouas ha la

**Pro**, senhora grande martirio  
a aquella sancta se da  
que sendo acontada la  
as carnes todas rompidas  
quasi morta com feridas  
nam bastou pena tam ma  
se nam outras mais crecidas  
**Ep**, mais tormentos q̄ acontada  
o **Emperador** dar quer  
a hũa fraca molher

**Pro**, diz que seja encarecrada  
treze dias sem comer  
e depois que fallecer  
que a não ham de queimar  
Agora tem bom lugar  
se vossa alteza quizer  
pera lbe poder falar

**Ep**, Amigo como tu sabes  
muy grande consolaçam  
tiuera meu coraçam  
mastem o a leyde as ebaues  
cada dia em sua mão

**Pro**, nam ajas disso payram  
porque quando a prendeo  
nam sey como as perdeo  
e eu as acheyno chãu  
e comigo as trago eu

**Ep**, **Al**,uy bom caminho leuamos

pera nos poder salvar  
do grande erro em q̄ estamos  
**Deos** ras quis fazer achar  
pera que nos nam perçamos  
E pois tanto desejamos  
de fallar a quella sancta  
como a noyte vejamos  
que nam ouuer gente tanta  
encubertos la nos vamos

**Profrio**,

**Al**,uy bẽ falla vossa alteza  
vamos de aparelhando  
que ja a noyte vay sarrando  
**Ep**, minha alma nã tem tristeza  
mas muyto se vay alegrando  
**Pro**, Eu senhora tambem mando  
com muyto grande prazer  
porque cedo auies de ver  
**Deos** que nos esta chamando  
segundo meu parecer

**Al**, aqui vaya **Emperatriz** onte  
de esta sancta Caterina e an  
tes que cheguem a sua estans  
cia apparecerahum **Anjo** a san  
cta Caterina e diz.

**Anjo**,

**Deos** que he faude e vida  
de toda a gente moral  
porque delle es muy querida  
quis que fosses socorrida  
com manjar espiritual  
Teu esposo singular  
por tua grande nobreza  
e virgindade e limpeza  
nam se quis desemparrar  
em esta tam gram tristeza  
**Al**, dandare por mim dizor  
que nam temas nenhũ perigo  
porque te faz a saber  
que sempre sera contigo



quando ouueres meſter  
z quenain queyras temer  
do mal que randa buſcando  
qua ora ſe vay chegando  
em que daras gram prazer  
os que te eſtam eſperando

**E** porque mais conſolada  
ſejas oobem que te deram  
ſem que me detenha nada  
te farey a mezmha  
das chagas que te fizeram  
por ti muytos mereccram  
a gloria dos alros ceos  
z por ti ſeram de Deos  
muytos que antes nam crão  
ſe nam inimigos ſeus

**E** por tanto muy amada  
eſpoſa de meu ſenhor  
eſta ſempre aparelhada  
que cedo ſera ſchamada  
de Chuiſto teu redemptor

Nam tenhas nenhũ temor  
pois he certo o que te digo  
vou me Deos ſique courigo  
não temas por ſeu amor  
de paſſar qualquer perigo

ca. **D**oute graças ſenhor meu  
filho de Deos poderoſo  
que como muy piadoſo  
me mandaste hum Anjo teu  
tam alegre z conſoloſo  
o meu Deos z meu eſpoſo  
quem te podera ja ver  
pera de todo perder  
eſte temor tam medroſo  
que tenho de padecer

pio. **S**egundo auemos viſto  
ja ſereis certificada  
ſenhora da ley de Chuiſto  
ẽya, não fallemos mais em yſto

eu quero ſer baurizada  
vamosos pera a pouſada  
z la determinarẽmos  
em como nos baurizaremos  
vamosos nam tardemos nada  
pro ſenhora ſaluar nos hẽmos

**A**qui ſe vay a Emperatriz, z  
proſirio a ſua inſtancia, z diz ho  
Alcaide ao Emperador,

al, Ja goza ſenhor ſera  
morta aquella encantada  
porque treze dias ha  
que eſta porſa encerrada  
como ſenhor ſabe ja  
agora quero yr la  
porque ſe viu eſteuer  
o qual duuido de ſer  
necceſſario ſera  
de fazella aqui trazer  
em Alcaide muy bem farcis  
rezam ſera que ſaybamos  
ſe he morta como dizcis  
porque enterrar a fazamos  
em ſepultura de Reys  
quinda que ſeja de leis  
differentes a meu eſtado  
ſeu payſoy rey muy honrado  
como vos outros ſabeis  
z em minha caſa criado

Alcaide,

Tedella ſenhor aqui  
mais alegre z mais contente  
que eſtaua quando a prendi  
cu confirmo certamente  
que tem demonia em ſi  
quando a nõ cacer meti  
eſtaua toda ferida  
agora a vejo guarida  
mais ſaa que nunca a vi

em dias de inuiba vida  
emp. **M**ã sey por que es tam dura  
que com tam pouca razam  
ques perder a saluagam  
por se guires a locura  
do cego pouo Christo  
nam tenhas tal confusam  
que Christo crucificado  
nunca foy Deos tam prouado  
como nossos deoses tam  
pois que morreo desonrrado

ca. **Q** perdido Lucifer  
mais malino que a maldade  
certo uam dizes verdade  
e mentes em teu dizer  
pois dizes tal falsidade  
Tua grande eeguidade  
ja ta eu fiz conhecer  
mas nam tu ueste saber  
nem menos capacidade  
pera me contra dizer

epic. **M**ã sey tormentos cõ que  
te faça sacrificar  
folgaria de achar  
quem algum modo me de  
pera bem te atormentar  
por que mandarte matar  
nam ho tenho em vontade  
que bem sey que as de folgar  
se nam com crueldade  
fazerte despedazar

al. **I**hum tormento lhe darey  
com que ella seja espanrada  
e que de forza forçada  
ou se torne a nossa ley  
ou moza despedaçada  
Tragam logo sem tardada  
quatro rodas de naualhas  
e nellas seja lançada  
se nam for seyta migalhas

que digam que nam sey nada  
em. por certo vos me fizestes  
destriste inupto contente  
mando logo a todos estes  
que te façam breuemente  
estas rodas que dissestes  
sejam logo seytas pestes  
nam lhe dem tormento hã soo  
façamua meudo poo  
pois nossos deoses celestes  
desonrrasem nenhum doo  
**A**qui vem a Emperatriz di-  
zere o Emperador e diz.

Emperatriz,

**Q** Marcenio Emperador  
meu senhor e meu marido  
como te vejo perdido  
perdido com gram rigor  
pera sempre destruido  
quando nam sera offendido  
Christo verdadeyro Deos  
de ty e todos os teus  
quando sera conhecido  
por ty o senhor dos ceos  
**M**ã me chama tua ja  
pois ja tenho outro senhor  
que Christo meu redemptor  
o qual sempre meu sera  
em quanto inuiba alma for  
E se disto sentes dor  
mandame matar se queres  
por que quanto for mayor  
a pena que tu me deres  
tanto me faras milhor  
epic. **D**e deoses celestiacs  
Inpiter, Juno, Plutam  
dizey por que nam mandais  
as tres furias infernacs  
que comam meu coraçam  
Do tormento de Asian

cirifo com voffo canto  
pera que vos tarde tanto  
porque me nam funde o cham  
pois viuo com tal quebranto  
Toma logo esta maluada  
que tanto pesa me ha feyto  
coitalhe as teras do peyto  
e seja descabeçada  
sem the auer neubum refpeyto  
olhay todos que he de reyto  
yfto que mando fazer  
quinda que he miuha molher  
nam ferey fuz perreyto  
se iuftiza nam fizer

**A**qui leuão a martirizar a Em  
peratriz, e cantaram, laudate do  
minum ois gentes, e acabando de  
cantar traram as rodas diante  
do Emperador: e diz o Alcaide,  
Alcaide.

**J**a morreo com gram payrã  
noſſa natural ſenhora  
como mandaste agora  
e ja as rodas feytas ſam  
pera eſta encañadora  
E por tanto ſem demora  
moyra com gram vituperio  
eſta falſa enganadora  
que deſonrra eſte Imperio  
cada dia e cada ora.

ca. **O** benigno redemptor  
remedio de noſſos dainnos  
eſforço de meu temo:  
temo: de noſſos enganos  
mezinha do peccador  
**O** padre conſolador  
**S**piritu ſancto de vida  
remediay me ſenhor  
porque nam ſeja offendida

pois vos ſois defendedor  
**O** viuca eſperança  
madre dos orfãos ſenhora  
dos captiuos redemptora  
gloria de noſſa folgança  
noſſa grande deſenſora  
Conſolay conſoladora  
miuha deſconſolayam  
pois ſois noſſa ſaluayam  
ſaluayam e ſaluadora  
da humana gcrayam

**A**qui vira hũ Anjo cõ gran  
de arroydor quebrara as ro  
das das nauilhas e matara a  
gente que eſtiuer de rredor

E diz o Anjo,

**O** pouo dauado ſem fee  
aſſi ſereis caſtigado  
por matar tam ſem porque  
a quem tam ſem culpa he  
ſendo vos outros culpados  
Agora ſereis leuados  
as treuas de Lucifer  
onde por voſſos peccados  
ſereis tam arrebulados  
que vos nam poſſaes valer

**O** ſenhor porque chamaste  
amiga de Deos e eſpoſa  
e ſua may glorioſa  
a quem tu te encomendaste  
de giolhos muy chorosa  
comigo benigna piadosa  
mais do que puedes cuydar  
me mandou a telhar  
da penna muy dolorosa  
que eſperauas de paſſar

**A**dandate dizer tambem  
o ſenhor da eterua corte  
que muy cede te conuem

de passar a cruel morte  
que nam escusa ninguem  
Por gozar tam summo bem  
nam no deuis reccor  
faze por te consolar  
quinda que penas te dem  
pennas pera descansar

Profirio.

Quando acabar a ventura  
deyte abraudar e veneer  
Emperador sem mesura  
que deste morte tam dura  
aa tua nobre molher

Nam olhas que teu poder  
todo ro quebranta Deos  
e que hum Anjo dos ceos  
sem lhe poderes valer  
te matou tantos dos teus

Por tanto cego danado  
nam me deices mais viuer  
por que te fazo a saber  
que sam christão bantizado  
e christão cy de moirer  
E nam quero outro prazer  
senam martirio e tormento  
por que fara fundamento  
minha alma sempre deyer  
auçeyro contentamento

Emperador.

O Jupiter onde estais  
o Neptuno quee de ti  
sacros deoses immortacs  
nam sey porque vos mostrais  
tam yrados contra mi  
Por que nam me dais o fim  
suces que tanta tristura  
o minha cruel ventura  
por que te mostras assy  
tam desabrida e tam onra  
Pois que nam pode ser al

mando que seja lenado  
este mal auenturado  
com tormento desigual  
se ja logo degolado  
Pesa me que foy criado  
em minha casa real  
e sempre me foy leal  
secreto de meu cuydado  
mais que todos principal

Teuerã a martirizar Profi-  
rio e catarã, racabado de catar  
oiz o alcaide ao Emperador  
Alcaide.

Ja cumpriamos seu mandado  
muy contra uosso querer  
mais por lhe obedecer  
que por ser de uosso grado  
o mal que fomos fazer  
E por tanto sem deyer  
mande senhor justisar  
esta maluada molher  
por que em quanto ella viuer  
sempre hade ter pesar

Emperador a Caterina

Não nos tragas de tal forte  
com falsidade enganados  
ou cree nos deoses sagrados  
ou recebe cruel morte  
que merceem teus peccados  
Ja somos certificados  
que vines em falsa scyta  
e por isso ou tu engeyta  
a fec dos christãos maluados  
ou moirre morte de creyta

Caterina.

Tudo sera por de mais  
quanto te posso bizer  
por que teu cego entender  
as rezões spirituaes  
nam no podem fazer ver

**E** pois teés em teu poder  
minha fraca humanidade  
faze ja tua vontade  
porque eu sempre ey de ter  
a secca sancta trindade

Emperador:

**N**am lhe façam mais offensa  
que nam lhe aproueyta nada  
se nam que sem mais decenza  
seja logo degolada  
pois nos faz tanta defensa  
cumpriuste esta sentença  
nam se queyza dilatar  
leuays aleyde sem tardar  
pois tendes minha licença  
e mandays degolar

**A**qui leuam sancta Caterina  
a degolar e diz esta orçam

Orçam.

**O** bondade esclarecida  
vida de nossa saude  
saude de nossa vida  
vergel de nossa virtude  
orto de nossa guarida  
mezinha de nossa ferida  
de nossos grandes peccados  
descanso de atribulados  
gloria da gente perdida  
prazer dos desconsolados  
**O** muy benigno Jesus  
reparoda humildade  
tu que com gram humildade  
morreste na sancta Cruz  
pera nos dar liberdade  
Tu curaste a enfermidade  
de todas perdidas gentes  
enfermas, tristes, doctores  
que estauam na escuridade  
tristes gementes e fientes

**T**u das ao mundo perdam  
e os infernos grandes panto  
tu juraste pouo sancto  
daquella cruel puzam  
onde estauas com gram pianto  
Ma triste sombra da morte  
tu lhe deste eterna vida  
o bondade sem medida  
tu es todo meu deposite  
e minha gloria comprida

**R**ogote senho: sem par  
verdadryzo Deos e homem  
que quem se encomendar  
a mim em teu sancto nome  
tu lhe queyzas orozgar  
Mo que com rezam quise  
em tua sancta memoria  
pois que por nossa victoria  
tu quiseste padecer  
pera nos dar eterna gloria.

**D**iz Christo em voz  
cantando.

Christo.

**N**am queyras nada temer  
vem esposa muy amada  
na gloria sanctificada  
que mereceste de ter  
Eu prometo defender  
a quem de ti se lembrar  
e tambem de lhe ourozar  
quanto com rezam quise

**A**qui degolam sancta Cate-  
rina e horara Ueyte em lugar  
de sangue e vem o Alcaide  
muyto espantado diante do  
Emperador e diz o Alcaide.

Alcayde.

Óssa fãha e gram pefar  
queyza Deos que aproucyte  
porque eu nunca vi langar  
em lugar de sangue cyte  
a quantos vi degolar  
E creio sem duuidar  
que aquella molher he sancta  
que logo no feu fallar  
e na sua graçaterra  
no lo daua a demostrar

Em peradoz

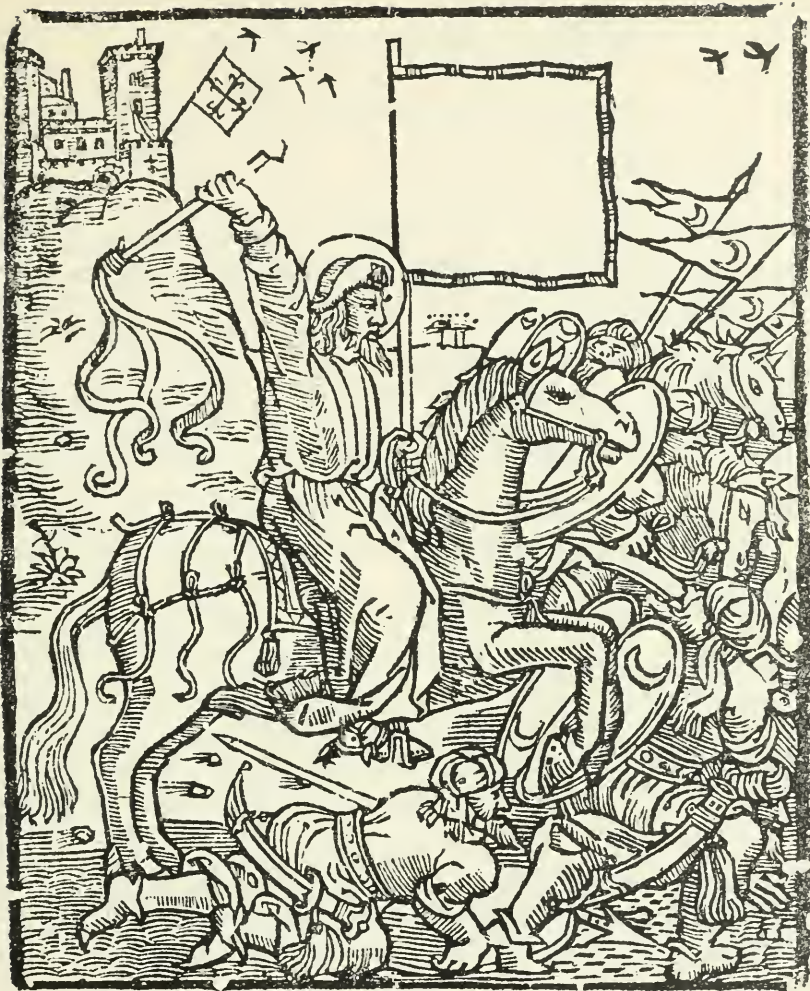
Cham fãcis alcayde nyfio  
que muy norozio e fã  
que a ley dos deofes he ja

muyto milboz que a de chrisfo  
nem que quantas aby ha  
E por tanto bem fera  
que logo daqui nos vãmos  
pois que rãbem nos vãgamos  
daquela molher tam maã  
e dos outros que matamos.

Aqui v em quatro Anjos cã-  
tando. E leuaram a encerrar  
sancta Caterina, e fenece a o-  
bra em louuoz de Deos.

fims.

# Auto de Santiago



¶ Auto do beaueiturado señoer Sãtiago, feyto per Afonso aluares, no q̃l êtrã as figuras seguintes. s. hũ Mouro, hũ ca tivo. Sãctiago: hũ Romeiro: hũ diabo em abitos de Ermitã: hũ Anjo, hũ pastor, hũa Serrana, hũ Ermitã de nossa se ñora.

# Começa a obra

7 entra primeiro hũ mouro, 7 traz o  
Catiuo com ferros, 7 hum sacode  
trigo, 7 hãa moço de mão, 7 ois

Alc.

Alc.

**C**Mo tempo que mi catiua hũmero  
naquelle cidade q̄ chamã de porto,  
hy ja m̄ gonzalues que tẽ olo touro  
oay vera mi cruel catibero  
Xoras, pãcadas cõ bragar de ferro  
sempre chamaba que cantaba galo  
Alc cabram almosaxar cabalo  
7 suscuantar obũ mozo cãp perro,

**P**or ora cõprarte por muito oimero  
7 ja mi tenerte por muito catiua,  
has de servir me que mozo q̄ bibo  
7i por: Masoma mi dox berdadeiro

**T**õ pã bronca pentar cabaleiro  
mi te bronca muito raxar  
com poras bãcadas de ha de matar  
7 has de servir me de mrafonero,

Catiuo

**E**Sam muy contente de te servir  
pois que o quis muba tristeventura  
7 ha muba vida que he damargura,  
ja folgaria de se consumir  
Porque viuẽdo se q̄ he de sofrer  
vida muy triste 7 muy amargosa  
o virgem beguina 7 muy piadosa  
procura tenhora de me remediar

**Q**ue dizer box que ha de fugir  
ja box jaz naquellas pios  
meido no lago que tem tanto nos  
que nunca ver nunca box ha de salir  
Catiuo.

**E** pois eu confio na virgẽ sagrada  
muy piadosa madre de Deos  
q̄ assi como ella he rainha dos ecos,  
he muyto perfeita, 7 muy acabada,  
7 me ha de lenar a sua morada  
em que eu teubo muy gram deusaõ

Alc.

**Q**uerer box cala: oõ perro cabram  
o dar pera box hum gram boferada  
Xus trabalar no curar de nada  
7 no falar em birga maria,  
7 no tener box aquicra brofia  
que todo pentar mentira brobada  
Catiuo.

**E** Deça palairas de grãde peccado  
que agora dífeste sem feres temor,  
não sabes q̄ Chusto no sso se box  
foy concebido e seu ventre sagrado  
Etal privilegio a ella foy dado  
que pode jurar de tribulaçam  
atodo que nella tener deusaçam  
assi per deos padre lhe foy otorgade  
**E** porque ella he intercessora



Diante de Deos pelos peccadores  
e esta nos mira de nossos errores  
por que he muy piedosa senhora

**Q**ueo senhor deos lhe pos a coroa  
e a rês rayna de sua morada  
e esta por certo he merecedora  
de ser de todos muy muito adorada,  
E nella he minha deuacão  
e co n esta se entendo morrer  
porq̃ espero que ma de valer  
e tenar a porto de saluacão.

Ale.

**S**ram fanteia de queste christam  
certo boy otros gente maldita  
nao saber boyq̃ em nostra merquita  
reitar a Maldad de alia dalecoram  
Dra tu agozadar me rejam  
bos que tu querer torbiar  
como moler que conceer baram  
barindo filio boyq̃ feram  
boy otro dezer que birgo ficar

Catuo

**S**am muy contente de to declarar  
como alcança meu fraco entender  
pimeiramente tu bas de saber  
que Deos poderoso quis ordinar  
que o seu filio rey angelical  
por los tirar de mal e quebranto  
se concebe de pollo Spiritu Sancto  
no seu sancto ventre muy diuinal

**Q**ue ves aqui a verdade direyta  
nao te pareça que he grão de milho  
que porque pario o seu sancto filio  
quis que ficasse virgem perfectã  
Eba nada rayna may escolheita

entre as fêmeas que fossem nascidas  
por que as almas q̃ fossem perdidas  
esta as mercede por via de certa

**P**or tanto he dita de muitos loouros  
por nos pario ho filio da luz  
o qual na sancta aruore da cruz  
quis padecer por nos peccadores

Ale.

**T**abê mafoma reitar gram reinos  
tanto profeta de muy grande viço  
o nos altos ceos tener paraiço  
como dios forte e gram sabedor  
E darios riqueras de grande balor  
e darios harturas de ma mte amôto  
moleres bermoças de e. centamêto  
rebe gardanoz como hom barto

**Q**ue si tu querer moitoriar  
tu poder bunt beaabenurado  
dezar tua fee que traxerte ganado  
forro e liure querer te poltar

Catuo

**N**am te pareço q̃ mas enganar  
benzendo me digo arreda saram  
que na minha fee e gram deuacão  
tenho eu esperança de me saluar

Ale

**B**oy tu querer assi porfiar  
com tu bantegia de poco saber  
tenendo experança q̃ questa moler  
de muy poder te ha de zacar.

**C**om pingox de fogo te ha de matar  
todo teu corpo como cão perro  
e ha de lançar te otro biaga de ferro  
de fame de sede te ha de matar

E ha de virgatar me necesse teus coros  
po: stn teneraque pã profã  
entã chamar tu por virgã Aldaria  
que te bñir tirar de terra de mores  
Cariño.

¶ Se martirizares o corpo coytado  
nem porisso ey de desesperar  
mas cõsolar mey cõ quem por salvar  
minha alma foi posto na cruz çeravado  
q̃ da minha vida nã tenho crydado  
cõta alma trãte qneria salvar  
que assi como assi ca ha de ficar  
o misero corpo de terra formado  
Ale.

Box querer calar dõ eã reuegado  
e nã curar box aqui de co: r eilhas  
o co: r eite aqer as oreilhas,  
o co: r eite bõca dõ perro malvado  
e nam te bolir da que te lugar  
reutãdo molendo terefa de trigo  
renam o diablo anda contigo  
por que eu andar mizquita razar.

¶ Cayseho mouro e diz o  
Cariño.

Cariño.

¶ Já se deuitã se quer acabar  
minhas pagr ões, e de fa: enturas,  
pois q̃ mil males, e mil amarguras  
jamais de continuo me querẽ de rãr  
E muyto bem fora virem me tirar  
pã nã os e partes de minha criança  
pois os leuãdo en grã de abãstãcia  
tenho diuheiro a te sobejar.  
Se q̃ro chorar meus males contigo  
e estas tristezas em que contemplo

pois que em mi se cumpre o exẽplo  
de preso, e caruo que nã tem amigo  
E pois que nasce em dia aziago  
pera ser seruo na Berberia,  
quero chamar a virgem Aldaria  
e o glorioso senhor Sanctiãgo  
que pela grã fe, e amor verdadeyro  
que elles trincãram com Jesu Christo  
me tirem das penas em q̃ conquistõ  
e desferã grande e cruel catineyro

¶ O virgã madre do sancto cordeiro  
fonte perena de toda virtude,  
tu nos pariste a nossa saude  
o que padefeco no sancto madreyro  
Dũa senbura que sam cavalleyro  
do teu sancto filho Jesu de Nazare  
e que pelejãdo polla sancta fee  
vũ a capũta que este marreyro,

¶ Por mi ãhas maldades  
que nam ja por al,  
e pollas fraquezas do grã peccador  
pollas quacs sũto ser mercedor  
da crua pãsa e fogo infernal,  
Alas supã senhora tua diuinal  
summa potencie, grãça, e bondade,  
que senbora de mi piedade  
e põeme na terra de meu natural.

¶ Nam sey que te ponha por interessez  
que rogue me tires deste escuro lago  
quero: e por o senhor Sanctiãgo  
de que sam deudo e gram seruidor,  
Do bom cavalleyro, e ajrdador  
dos seruos de Deos, e roho christã  
o que o clamor de minha orããm

z se senhor por mim rogadoz  
que oibe z veja minha grande dor  
z meu catuço z crua pusam,  
z a firme fec, z gram deuaçam  
que tenho cõ ella, z com o saluador:  
E teu nome sa iero de grande primor:  
seruo de Christo muy verdadeiro  
docte de minha pusam z marreço  
z sey tu agora meu consolador.

¶ Entra sanctiago armado cõ bordã  
z chapeo z cõ conchas z diz

¶ A graça diuina z consolaçam  
daqlla senhora porque tu chamaste  
te salue z guarde pois nella esperaste  
com tam pura fec, z gram contriçam  
has de saber que a tua oraçam  
foyram meritoria diante de Deos,  
que ouue por bẽ mãdarme dos ceos  
a te lutar daquesta pusam.  
Eu sam Sanctiago aquelle baram  
amigo dos seruos de deos verdadeiro  
procurador, z bon companheço  
dos q sam meus deuotos de bo coraçã  
Catiuo.

Do seruo de Christo muy glorioso  
sa iero, z dno de myxtos lououres  
de verte cõ n olhos muy peccadores  
milizo me acho mas muito ditoido  
Graças te dou por tam piadoio  
como quiseste mostrarte comigo,  
em me lutar daqueste perigo  
o qual caso tinha por muy ouuidoso

Sanctiago.

Calte que Deos he tam poderoso  
que la nas alturas donde he morador  
castiga ao rey z ao emperador:  
z ouue a oraçam do pobre humildoso

E mais te direy q he tam rigoroso  
contra os q vã contra seus mãdamẽtos  
q mal por aquelles q curã dos tẽpos  
z deçam o caminho do bẽ precioso:  
porque nam sabem que he temeroso  
aquelle juizo que la lhe faram,  
z se for maõ, aa gram perdigam  
sera condemnado per si sem reponso  
E ysto por certo deñtam dolhar  
aquestes pomposos q regem z mãdã  
q ca neste mudo no mal se desmandã  
z la pera sempre o ham de purgar  
z pois tu por mi quiseste chamar  
pera que fosse teu valedor

cu te encomendo pello meu amor  
que sejas pndente em nunca peccar  
¶ E assi que nam de visitar  
os tẽplos de deos, pois es obrigado  
z cõ penitencia chorarteu peccado  
pois elle he contente de te perdoar  
z mais doutra cousa te has de prouer  
em quanto viueres neste triste mudo  
que sejas humilde z muito jocundo  
porque nam vas onde foy Lucifer.  
E nam cobices riquezas nem auer  
nẽ cres de pãpas do mudo enganoso  
mas se muy humilde z muy virtuoso  
que o seruo de deos assi ha de fazer  
z como eu te tirar agora  
tomaras logo o caminho na mão  
z yras dar lououres cõ grã deuaçam  
aa gloriosa nossa Se ihora.

Tira Sanctiago os ferros ao Catiuo  
z milagrosamente o poem em terra de  
Christãos, z diz o Catiuo.

¶ Agora descaça alma peccadora  
das tribulações z penas passadas.

por q̃ja sam em gloria tomadas  
em te achares de tal passam fora

### Sanctiago

**E**n me despidido de ti por agora  
e ficaras com a graça de Deos  
e la nas alturas do Reyno dos ceos  
cu rozarcy por ti cada hora

### Diz o Cativo loo

**E** terra sancta de tanta ex celerencia  
tam desejada do meu coraçam  
sagrada e bendita por aquella mão  
daquelle que a fez cõ tanta prudencia  
beijarte quero com gram paciencia  
pois es ornada de tanta virtude  
de enfermo que era teuho saude  
louuado o senhor de muita clemencia

**E** sera bem que va muy affiã  
antes que em outra cousa me ocupe  
pera a sancta casa de Guadalupe  
a ver e adorar aquella Raynha  
pois que ella foy remedio e mezinha  
de meu catineyro e tribulacãm  
e por me na terra de promissam  
por sua bondade e nã pola minha

**E** jado caminhando pera nossa seño  
ra encõrrã cõ hãromeiro q̃ vay tã  
bẽ pera la, dizêdo.

**E** louuado seja o Rey o unio  
e louuado seja a sua sancta madre  
e louuado seja a sancta Trindade  
q̃ formou o mudo e gêre humanal  
e louuo aquelle que vco encarnar  
em aquelle ventre muy glorioso  
e louuo seu sangue muy precioso  
q̃ por nossas culpas quis derramar

### Cativo

**E** alma minha tã peccadora

venhas embora ymãõ eõ panheyro  
dime quẽ es, ro. sam pobre romeyro  
que vou pera a casa de nossa senhora  
a offerecerlhe minhas oraçõs  
das quacs ella he omã e merecedora  
porque foy sempre minha valdeora  
em minhas angustias e tribulaçõs

### Cativo

**E**n isso mesmo von visitar  
aquella senhora de grã claridade  
porque cõ sua grã piedade  
tene por bẽ de me consolar  
ro. pois comecemos de ca minhar  
aquesta romagẽ de grãde virtude  
ca. Espera ymãõ que teubas saude  
e nora o milagre q̃ quero contar

**E** lhas de saber que eu fuy cativo  
per guerra cruel em terras monros  
e nã me criou auer nêthesouros  
senã esta madre de Deos muy altio  
e ouue por bẽ de dar este cargo  
pera me tirar de tal catineyro  
aquelle muy sancto e bõ cavalheyro  
escu. lo de see senhor Sanctiago

**E** estando preso e muy deseydado  
de me sobreuir tal consolagã  
fuy vñtado do sancto barã  
que cõ sua vista fiquey consolado  
e começando eõ elle a fallar  
olha ymãõ o milagre que fez  
que supramente de dentro de fez  
me trouxe por sonhos a este lugar  
**E** me encomendon q̃ fosse adorar  
aquella senhora de dões ex celerentes  
emparo e abrigo de todas as gentes

que cõ deusaã a querẽ chamar.

Romeyro.

Esso nam he pera duuidar  
nem cu duuido de tudo assiser  
porq̃ o senhor Deos he deugal poder  
que muyto mais q̃ isto pode acabar  
q̃ os aujos e archãjos nã pedẽ contar  
os grãdes milagres q̃ fez neste mudo  
perq̃ he hũ misterio tã alto e pfundo  
que a nos he cõfusão de o praticar  
mas dizeme ymãõ donde es natural

Cantuõ

Eusam de Lisboa

Romeyro

Chamã lbea essa cidade coroa  
mas chamolhe cu  
fragoa do fogo infernal:  
verdade he q̃ o rey henobre acabado  
e os sacerdotes, prudentes cantores  
e ha muitos santos e nobres doutores  
que seruem a deos cõ muito enuado  
e ante estes bõs ha tanto maluado  
q̃ nã temẽ Deos ne as confissões  
tã inclinados a serem ladrões  
q̃ furtarã Deos se o acharẽ dourado  
E nosso senhor sempre esperar  
q̃ nos afastemos de mal tam malino  
esta hũ cordeyro tã manso e benigno  
cõ os braços abertos pera perdoar.  
E isto por certo aua de oulhar  
aquelle que tẽ prudencia, e sentido  
porque o mudo he jaã tã perdido  
que ercimos que poucorẽ por gassar  
Assi que mais disto nã quero fallar  
q̃ he corõsa q̃ sobe em altos estremos  
antes cõ pressaymãõ caminhemos  
e vamos ver que nos aa de saluar

Aparecehe o diabo em habitos de er  
miram pera os fazer tornar do sancto  
propõsito que leuã e diõ

Diabo

Que soys vos ymãõs muy amados  
q̃ ys caminhando por esta moiranha  
soys por ventura de terra de Espanha  
ou agitanos q̃ a dais derramades

Romeyro

Somos romeyros q̃ hinos causades  
pera a sancta casa de nossa Senhora

Diabo

Muito mais prezo acharnos agora  
q̃ ter nesta mão emcoenta cruzados

Cantuõ

Esso por que Diabo  
Eu o direy mas por minha fee  
q̃ eydo q̃ auis de ficar espantados  
porq̃ vi tormentas por terra, e mar  
tambẽ vi cações de grande perigo  
mas tal como este certo vos digo  
que nunca me acordo vello passar  
que soem eydalonam posso estar  
q̃ corpo, e cabeça tudo me nã treme  
e nam suyo pestoa q̃ muito nã temo  
de yz por nã ver tamanho pefar

Romeyro

Dinos o caso daque sse destroço  
e onde acasceco tã grande tormenta  
porq̃ tuas fallas nos põem em af:õ:e  
e tua figura muy grande aluoroço

Diabo

Ay ymãõs meus q̃ dizelo nã posso  
sem grande megoa de meu coraãam  
porque hũ caso octanta payram  
que teuc chorar que he virtuoso  
o qual he que sendo pobre ymãõm

o 111)

z muyto benotodaquessa senhora  
parri da erimida em muy forte boia  
pera sua casa fazer deuaçam.  
Cõ as muitas cõtas reido na mão  
jaa que queria entrar na ygreja  
deyroute vir tormenta sobeja  
que fez na ygreja gram destruyçam,  
E logo em prouisofoy rodando chã  
que cõsa ficou q nam fosse por terra  
z a gente pasmada fugio pera a serra  
com grande temor de forte caçam  
Atas logo viera cõ grãde apressam  
a buscar os caltes, z os ornamentos  
foy tormenta tam grãde dos ventos  
que em Troya nã foytã grã perdiçã,  
Catinõ.

Q d' erucis nonas de grãde tristura  
tam estas por certo q agora nos deste  
z se ahi passa como nos disseste  
nam pode ser mayor de fuctura,

E a senhora se foy achada?

Di. ficou debarço do chão forerrada  
de forte que ceydo qnã se achara  
rom. p'ois rodanta auemosoy la  
a beijar as pedras da santa moxada  
di. De meu cõselho amados amigos  
auais vos logodaqui de tornar  
porque nam vadesla perigar  
na q' l' estormẽos z fortes perigos  
E se quereys vir a hãa Erimida  
onde eu faço munda abiraçam  
rechebreç n'isso consolaçam  
foz por vos oar algũa guarida  
Catinõ.

E õde a rã q' sta terra he estranha  
di. D'etro naquella fragosa montanha  
viçõsa de agoa z de arnozedos

chamase o valle terrinel dos medes  
onde eu viuo por grande fazanha,  
Romeyro,

Apraznos de yr em tua companhia  
pois que o fazes por amor de Deos  
z elle te dee moradanos ees  
por caridade z esmola tamanha,

Entra o Anjo de Deos a defender  
os Romeyros z diz.

Q do enganador z mau Saranas  
membro d'gado de gram mald'çam  
vayte a tua clieura p'isam  
q' os seruos de Deos nam enganaras  
p'porq' estes q' vesham de yr merefcer  
a q' llas moradas de gram claudade  
que tu como cheo de munda maldade  
z como peruerso quiseste perder,  
Diabo.

Tos matalore quereys sempre ter  
sençeyra comigoa vir me efforçar  
pois algũa vez me ey de vingar  
do mal que agora me quiseste fazer  
E mãdonos eu q' el Rey Lucifer  
ha de ter almas em suas tormentas  
z esta semana mais de trezentas  
ey de casar por meu grande saber,  
Anjo

Q vate dabi peruerso maluado  
nam appareas mais neste mundo  
vayte aquelle lago profundo  
do fogo infernal onde es condemnado  
Hã veyo q' auis de estar espantados  
das mãsas palauras daquelle çganãte  
z cõpre que dose mais por d'ante  
andey neste mundo muy percatados  
porq' estes imigos peruersos danados  
cõ grande enueja q' tem de ves ver

amigos de Deos, e seu querer  
por vos atentaré andá occupados  
Catino

Quando mensageiro daquellas altezas  
Anjo de deos tam respaldemente  
sua sancta visita muy excelente  
ha consolado nossas tristezas,  
e pois nos liuraste do inimigo escuro  
que nossa roma já queria estoruar  
tá ora por bem de nos acompañar  
ate nos leuar a porto seguro

Anjo

Quando o diabo já vay de vencida  
seguramente podéis caminhar  
por que por agora me quero tomar  
a corte ecclestiã esclarescida

Quando o Anjo, e elles proseguem o  
seu caminho, e diz o Romeyro  
irmão amigo se sentes prudencia  
ate ita nos altes segredos de Deos  
e considerando nas cousas de deos  
veras maravilhas de grãde excellẽcia  
e veras como Adam  
pellosu peccado caufou perdiã  
a todos os filhos de sua semente  
e veras o cordeyro de deos paciente  
que por nos soffro morte e payram.  
E veras coitada  
fobre os arcãjos muy mais exalçada  
a madre de Deos a que me humilho  
que roga por nos ao seu sancto filho  
e he nossa anogada

Catino

He vejo yrmão q he funda materia  
falar nos misterios de deos poderoso  
e que este mundo he muy perigoso  
e todo fundado em triste miseria

Quando hũ pastor q deu pouxada de  
noite em sua cabana a hũs ciganos q  
se levantará de madrugada, e ibe le-  
uará duas ovelhas e o fardel e vindo  
em busca delles, roya com os Romey-  
ros, e suplicando q sam elles diz,

Pastor

Quando vos del caminhar  
esperadme aby un rato  
que os quero un poco hablar,

Romeyro

Que nos queres perguntar

Pastor

Que quien os mando hurtar  
las ovejas de mi haro

Romeyro

Irmão nos somos romeyros  
himos a nossa Señora  
ambos pobres camibuciros  
por tanto vay te emborra  
que nam vimos teus carniceros

Pastor

Quando Bitanos traydores  
robadores  
no creo en vuestra falsia  
con aquesta ypoercia  
veis robar los pastores  
No soys vos los que llegastes  
esta noche a mi majada  
y tanto me porristes  
y engañastes  
que os diese allí posada  
y despues de madrugada  
todo el haro me robastes  
Pues yo juro a Santilario  
que sino me lo bolucis que  
aqui me lo pagueys y lleueys

de palos muy buen salario  
Que fueron de las ouejas  
que del fardo me truxistes  
adidas, ya las vendistes  
pues por Dios que las ouejas  
me deities, i las comistes  
Canto

Jemão não vimos seu gado  
porque nos vés a roitar  
nam nos metas em cuido  
por ventura es pccado  
que nos queres acantar

Pastor

Ham curcis de os conjurar  
in hablar  
in habo la calde afuera  
que si me hazeyz cañar  
por Dios que os haga saltar  
los carcos dela mollera  
Romeiro

Ham torques nossa tenham  
e ouçam  
nam sefastam importuno  
Pastor.

Que soys vos, i yo soy vno  
pues yo os juro al Rabadão  
q no os he miedo ninguno  
Cuerpo del cielo sagrado  
aquilorrado  
bien sabeyz la germania  
despues q me auexz robado  
y enloda do  
me hablays en romaria  
Romeyio  
Tés muito pouco saber  
z entender  
pouco sintes da prudencia

Pastor

Si vays hacer penitencia  
primero auexz de boluer  
lo que se ocue a consciencia

Quem a Serrana em busca do  
pastor q va pder cobrio no gar-  
do q anda espalhado, z diz  
Serrana

El Paluco el ganado  
ocras en la serrana

Pastor

El Berrola vida mia  
di como has ca apozado  
Serrana

El cuydado  
de buscarre todo el dia  
Dexas las cabrias saltando  
por los recueitos z oreros  
las ouejas bozcando  
los carneros tras montando  
por los valles y senderos  
E tambien los cordericos  
y nascidos de ante ayer  
es manzilla de los ver  
andar asirram chequites  
que no se pueden tener  
y la tu cabra señuda  
mas señuda  
que te guia los corrales  
anda mas braua y sañuda  
corriendo por los farales

Quies si esperas la cerrada  
noche de lluvias z vientos  
vernán los lobos hambrientos  
y oaran en la majada



haco para tus tormentos  
Uee lo que hazes pastor  
dejar de estas conuejas  
y a corre a las onejas  
y no seas cansador  
del dolor de sus pellejas

Pastor

¶ Tunc muy angustiado  
corriendo con fuerre saña  
tras estos que me han robado  
dos onejas del ganado  
y el bato de mi cabaña.

Romeyro

¶ Andate requerimos  
e tomamos a dixer  
que o teu fato nã vimos  
nẽo auemos mister,  
nãtaca vilezas seguimos

Serrana

¶ A Palucoran perdido  
el vino te hizo mal  
a do tienes el sentido

no lo detaste escondido  
debaro del madroñal  
Pues las onejas, si son  
las dos de pucro manchadas  
yo te la ereigo abugadas  
debaro, del tendezon  
que las halla tras mōradas

Pastor

¶ Do Bertolilla hermosa  
Diozre de mucha holgura  
y te haga muy dichosa  
pues que te dio la ventura  
ser muy linda e graciosa

Serrana

¶ Ea pues que sin razõn

a los romeros que fiste  
si por que coniles passõn  
de ma ida luego perdon  
del yerro que comeniste

Pastor

¶ Ahoras que me engañe  
y tal cosa no hare  
yo en que los enoje  
mas ellos me lo demanden  
del trabajo que lleue

Romeiro

¶ Trinão assi o queremos  
nos te pedimos perdã  
põs que por exẽplo reinos  
de deos q̃ nunca tomemos  
mal por mal q̃ he danyã

Serrana

¶ Decid hermanos do vays  
ay mã indulgencias agora  
de aquella virgem sehora  
que Daguadalupe nõbrays,

Catino

¶ De conrino ha perdões  
na sua sañera morada  
pera aq̃lles que he auogado  
e tambem seus corações  
se he requerida e chamada

Serrana

¶ Pues q̃ vays em romeria  
a ver tam alta sehora  
suplico os por cortesia  
que digays a la sehora  
que aq̃sta q̃ su alma cmbia  
es mucho su seruidora  
E que para merecer su  
reyno glorificado, que  
la tengo de yr ver y ofrecer

vn bozeigo bien criado.

Pastor.

**E**tambien vos le direys  
que siempre tenga cuidado  
de mirar por mi ganado  
y por mi rezeays  
vn padre noster chapado.

Carino.

**S**omos co rezeays ymão  
de la por ti libe rozar,  
com tanto que na tengam  
rethas nella dezagam  
pera a seruir z adozar

Pastor.

**P**ues catad que al tomar  
vos y vuestro compañero  
no passéis sin me hablar,  
por que os tengo de dar  
vn requeson todo entero  
y perdon oelo passado  
hermanos me podays dar  
que yo me quero tomar  
a mirar por mi ganado

Romeyro

**D**eos te queira perdoar

**A**ysse o pastor, z a Serrana z os  
Romeyros caminhando vã pra-  
ticando o seguitar.

Romeyro

**I**rmão por exemplos  
que remosfabido,  
conuem que se tenha  
paciencia em sofrer  
z pois que os sanctos  
foram perseguidos  
a elles tambem hemos de seguir  
com ser muy sofridos

**E**ntra o Ermitam de nossa Sçõra  
ra z ois

Ermitam

**O** bñ z yrtude daquelles sagrados  
dões do Spiritu sancto da vida  
venha cõ vosco ymãos muy amados  
por que seiais da graça tocados  
da virgem sagrada muy esclarecida

**I**rmãos notareys  
yiro que ois, z nam dundeis  
pois que por ella me foy reuelada  
he que sonhey a noite passada  
cõ vosco aqunto que agora ois  
Estando de grado  
dormindo emeu leito co spñ casado  
sonhey q me via nhã valle florido  
de mil aruoredos ornado, z vestido  
com rios z fontes de agoa sercado  
Edificada

vy hã casa de alta morada  
laurada com pedras de tanto valor  
que dauam de si tam grã respandor  
qẽ vella miaba alma ficon consolada  
E logo arredado  
daquelle vergel tã glorificado  
vi hũ caminho de muy grande medo  
escuro, z cuberto de hũ aruoredado  
muy mal assombrado.

**E** vi dons arteyros  
diabos muy fẽos como cõpanheyros  
dizia hũ ao outro cõ grande batalha  
co mote foy Serranas na baralha  
daquelles romeyros, z o outro dizia  
ruicos meridos em grande agonia  
cõ arces z enganos de nona mucção

ate me seguir hum falso ymitão  
de modo e maneira q̄ ja os trazia  
caquos na mão,  
e nãz lhe depar sua deuaçam.

**¶** E quiserao senar  
a hũ rochedo de muy grande altura  
onde acabaram a sua ventura  
porque ouuera dalli de lançar  
per modo q̄ as almas nã tuera cura  
pera se saluar.

**¶** Das a Virgem Maria  
por que elles biam em sua romaria  
tambon scelles, e quis lhe valer  
e mandou hũ anjo pera os defender  
o qual mostrou com forte porfia  
do meu poder.

**¶** E isto acabando  
foz se logo huyando e bramindo  
e ouui no dito muy doce cantar  
muyto suave, e muy singular,  
e obũa janella me est auã chamando  
e eu fuy por notar.

**¶** E vy mil bonz. llas  
muito fermosas e mais muito bellas  
e entre ellas vy hũa alta senhora  
a qual demonstrou ser Imperadora  
ou Rayha dellas.

**¶** A qual estendeo a mão  
cõtra mi orzendo, vay logo ermitam  
a receber os meus anjoz, e  
q̄ vem do longo caminho cansados  
os ques no outro mũdo sabe q̄ scram  
bem auenturados.

**¶** E logo acordey  
e amancebendo eu determiney  
de vy a saber se viham romeyros  
e pois que vos viudes,  
ymãos companheyros  
vinde comigo que eu vos leuarey  
a esta senhora dos altos misterios

**¶** Tam todos juntamẽte ate chegar  
onde esta nossa Senhora, e chegam  
do diz o Ermitam.

**¶** Vedes a qui a sancta morada  
daquelle que he regina ceiorum  
chamada Maria muy consagrada.  
por Deos coroada super angelorum  
E vedes aqui a que foy preseruada  
de todo peccado que fosse humanal  
e a que na corte celestial  
de anjos e arcãjos he muy adorada

**¶** E vedes aqui a que concebeo  
o filho de Deos no seu sancto ventre  
e vedes aqui o emparo da gente  
suo pello filho que della nasceo  
E vedes aqui aquella que supre  
e alcança gloria a mortos, e viuos  
e vedes aqui a que rime os catiuos  
a virgem senhora da Guadalupe.

**¶** Sãta mos e terra, dalhe loueires  
pois que vos edre cõ seu scõ mãto  
cõ vosco he a graça do spiritu Sãto  
a qual vos dotou de muiros primores

**¶** Assenta se os Romeyros diante de  
nossa Senhora, e começam as orar  
ções seguintes:

### Canção

**C**Do virgem muy gloriosa  
o fonte muy clareada  
de laude  
o perla muy preciosa  
o rapta piadosa  
de muyra infinda virude.  
Do arca do redemptor  
em que elle foy encerrado  
o madre do salvador  
oibi por mi pecado:  
atribulado.

### Roncio

**C**Sacra perfeita acabada,  
coroa dos ecos, da corte  
imperial  
ca. nara muy encerrada  
altiva sempre chamada  
divinal  
Torre de grande fortaleza  
sagrado templo divino  
coroada de grandeza  
osozre minha fraqueza  
o lehora  
que sam graue peccador.

fim com musica

**C**Segue se há romãce é vni  
gar cutilo pera cârar ao som  
de Imperatriz y Reyna, que  
lhe vem muito natural

### Romance

**C**Piano fazem em Lisboa  
dia de guerra Luzia  
por el Rey dom Aluanel

que se findo nesse dia  
choram duques, choram condes  
cada hũ quem mais podia  
as donas e as donzellas  
muito tristes em porfia,  
os infantres danam gritos,  
a Infanta se carpia,  
seus cabellos fios douro  
arri teava e destrubia  
seus olhos marantibhosos  
fontes de goa parcia  
bem merecem ser escritas  
as lastimas que dezia

**C**Pago ram desemparedado  
destruido merceria  
poua a tua fortaleza  
se romon em terra fria  
o rapha minha senhora  
rapta dona Alaria,  
quem a vos se tou primeiro  
muy grande bem vos queria  
poua que vos hurou da pena  
que passamos neste dia  
e otras magoas que de tristes  
contra nam nas onária

**C**D Principe dona sospiros  
que alma se lhe sabia  
suas lagrimas pudentes  
co nã a gram se lhoz compra  
de dia sempre viana  
de noite nã me dormia

**C**A Riquia extra geira  
que ja chorar nam podia  
com palavras odorosas  
desta maneira dezia

O rayba desamparada  
 que hare sin compañía  
 pues que caesta triste vida  
 sola vna vida tenia  
 y pues q̄ la lleuo la muerte  
 para que quiero la mia  
 oo sin ventura casada  
 tres años no mas auia  
 quan presto que eres hinda  
 triste para que es nascida  
 pues quedas desamparada  
 nña sola 7 sin alegría  
 Si bñā vez acordana  
 ontrasere el morticia,  
 assi pide a Dios la muerte  
 como quien pide alegría,  
 pidia que la lleuassẽ  
 con tristeza en demasia  
 Diciendo. Aluẽ me luego  
 que esta tierra ya no es mia,  
 por la mar por donde fuere  
 algun peligro verria  
 que me mate a mi sola  
 saluando la compañía.  
 ¶ Un bon rey en su acuerdo  
 deste mundo se partia  
 conociendo la su muerte  
 con mucha sabiduria  
 por palabras piadosas  
 los sacramentos pedia  
 hablando siempre con todos  
 Dios su alma a quien denia,  
 ¶ Al duerro llenā el gra rey  
 señores de gran valia  
 diciendo vnos a otros  
 o que triste romeria  
 que grāde amigo perdemos

y que dulce compañía  
 ¶ Passada la media noche  
 tres oras antes del oia  
 metido en vn arauide  
 el que la india regia  
 el gran señor de Quente  
 de sus palacios partia  
 seys seicuras habias ardian  
 escuras a quien las via,  
 triste platro hasta Belen  
 no palacio se bazia  
 en tierra fria encerrado  
 porque assi mandado auia  
 co ociendo que era tierra  
 la mundanal señoria  
 dixo q̄ los vanos triumphos  
 a la muerte pertenecian  
 del que quedo encerrado  
 cada vno se despedia  
 fin.

¶ Sigue se la segunda parte q̄  
 es vn Romance que cuenta de  
 como fue leuantado por Rey  
 el muy alto Principe don Joā  
 tercero Rey de Portugal.

#### Romance

¶ Diez y nueue de Dezembro  
 cerca era de Navidad  
 en la ciudad de Vixboa  
 muy noble 7 siempre leal  
 fue leuantado por Rey  
 de los reynos de Portugal  
 el principe don Jraui  
 principe angelical  
 Salio en vna haca blanca

parefeta de chifral,  
guarnecida de maneyra  
que nam se vio sua y gual.  
Roupa leua rosaga de  
cada fio douro tal,  
forrada de ricas martas  
bem parefeta real,  
Peitote de prata fina  
prata muy ouental,  
barrado de pedraria  
vialhe muy natural  
de perlas nam fazem conta  
porque he barro metral,  
Sooham colar que leuaua  
toda Alexandria val,  
na cabeça leua preto  
por seu padre natural,  
Sabio com lagrimas tristes  
como filho muy real  
o seu rosto tam fermoso  
que parece diuinal,  
seus olhos resplandeciam  
como estrellas cingual  
os cabellos da cabeça  
douro cram, que nem de al  
sua boca graciosa  
com ar muy angelical,  
hum sembrante soberano  
hum olhar imperial  
Nam foy tal concertamento  
no ponotodo em geral  
como ver na ruaciona  
y ho seu Rey natural,  
com tanta gracia e ludeza  
que nam parecchumual  
Os forasteiros deziam  
muy ditoso he Portugal,

Ho Infante dom Dey  
leuabo estoque real  
o Infante dom Duarte  
outro seu ymão carnal  
ao estribo dreyro,  
a peenam lhe esta mal  
porque em tal solemnidade  
tudo lhe vem natural  
Todos os grandes a pee  
quantos ha em Portugal  
o Conde priol leuaua  
a bandeira principal  
assi chegou a sam Domingos  
onde estava o Cardeai  
benzeo muy alto Rey  
de benjam pontifical  
deu lhe logo juramento,  
Jurou no liuro missal  
de fazer cumprir as leys  
como Rey imperial,  
confirmou os priuilegios  
desta cidade real  
E o pouo muy contente  
de Rey tam especial,  
de pequeno sempre grande  
magnifico e liberal  
que he virre de jalsada  
dos principes a principal  
Este tudo assi acabado,  
differam Real Real,  
a lizecam as trombetas  
atabales outro que tal,  
todos lhe benjam a mão  
os senhores em geral.

fim

# Auto de Sancto Antonio.



El Auto do bemaventurado senhor Sancto Antonio. Feyto per Alfonso aluarez, a pedido dos muyto honrrados, e virtuosos Conegos de sam Vicente. Aduy contemplatiuo, e em partes muy gracioso, tirado de sua mesma vida

**E**stam neste auto as figuras seguintes. s. hum Vilão representado. com hum tamboril, e hũa frauts, e hum pá deyro, e acabando de representar entra hum Conego de sam Vicente, com dous nouços que trazem ho abito de nouço pera Sancto Antonio, e assentados em seu lugar conueniente. Entra ho pay e mãy de Sancto Antonio que ho leuã a fazer profissam no mosteyro de sam Vicente, ho Conego lhe lança ho abito com as cerimoniaes que a tal caso pertence, e despois de lho terem lançado sae ho pay e mãy e ho Conego, e fica Sancto Antonio fazendo oraçam a Deos que ho acabe em estado de graça. Entra hum frade de sam Francisco pedindo esmola com sua sacula, e sancto Antonio mouido de deuaçã spiritual lhe roga que fale por elle ao seu mayor, que ho tome na ordem, e ho padre pay, e ficando sancto Antonio soo adormesce. Entra ho diabo ao afogar, e logo em sua defensam entra hum Anjo, y dos entra ho frade de sam Francisco com outro cõpanheyro: e trazem ho abito, e despois de lho lançarem entra hũ vilão e sua molber que vem a rogar a sancto Antonio que lhe refucite hum filho que se lhe afogou em hũa alagda, e sancto Antonio cõ os dous frades, cantaram em glos hos hum responso, e acabado diz sancto Antonio hũa oraçam a Deos, e ho menino que esta no chão morto se aluanta, e conta as cousas celestiaes que vio. E acabando saense todos cantando hum motete de louuor ao Senhor. E as figuras sumariamẽte sam estas que se figuem.

**I**nterluctozes.

Vilão, Conego, os Nouços que leuão ho abito, e ho Pay de sancto Antonio, e a Mãy, sancto Antonio, e dous frades de sam Francisco, e ho diabo, e ho Anjo, e ho Laurador, e sua molber, e ho Menino afogado.

**E**ntra a primeyra figura que he o representado por nome Bonçalo macho e diz.



### Representadoz.

**Q**ulhayme vos bem a testa  
des da cabeça ate baxo  
porque sam Bonçalo macho  
quem qualquer luyta ou festa  
sempze tenbo a barba testa  
ate derribar ho facho.

**P**er que venho jaa per linba  
luytadoz z cantadoz  
do ventre da badarrinba  
z nego nesta voltinba  
vercis se sos baylados.

**E** venho de Lamarinata  
caa nego soo pera ver  
per que laa ouui dizer  
que vay caa muy gráo debate  
de grande festa z prazer,  
z amor daquesta fama  
dizem quec sobre perfia  
que os pescadores Dalfama  
ordenam grande folia

**E** o mordomo por var  
mateyza a estes rapagões  
quisme logo empazar  
pera eu desafiar  
a cantar z abaplar.

os chefres vos follões,  
E bofas seu começar  
vos vereys neste terreyro  
espedaçar ho pandeyro  
z da la volta no ar  
que digaes a mais andar  
decho he o tamborileyro.

Lanta cô ho pandeyro.

**E**sta pedra sejo  
Margueda bem te vejo.

Torna de cbacota.

**T**irade mana esse cordão  
q me matais, ay q me cortays  
per metade do coração.

**P**rofigue.

**P**ois se ouverem de luytar  
eu me desbiso primeyro,  
z venha caa ho cambeyro  
atafoneyro

queu ho fa rey fumeguar  
per metade do pousadeyro.  
**O**ra o mordomo he elle aqui  
bofa não sey o que cuyde  
juro ho corpo de santude  
que fez escarneo de mym.

**M**ão, não, não, não, pode ser  
seria logo demonio  
z bẽ, não ha mais se não dizer  
tomouos pera tanger  
na festa de Santantonio  
z despols não parecer,  
**Q**uanta eu quero ho chamar  
**S**e qui Antonio godinho  
não, não, não ha de falar  
bofa que vejo caminbo,  
pera me daqui toznar  
sem tão soes hũa vez de vinbo.

**M**as por hõrra deña gente  
nego que semelha honrada  
dixey a minba embayrada  
z feraa muy breuementc  
oula chiz fazer calada  
**O**ra vos eys de sintir  
he muy bẽ hõrrar os scctõs  
per q os peccados sam tantos  
que Dcos não nos quer ouvir.

**A**lly que he bem dar louuo  
os sanctos bemisuenturados

Al ij

que sejam em nosso favor,  
e alcancem do senhoz  
perdani de nossos peccados,  
E sabe que ouuy dizer  
a Marianes de crenga,  
que lberneo adoescer  
seu filbo pera mozerer  
deste mal de pestelenga.

¶ Etinha o mal do demonio  
metido no coraçam  
e pella gram deuaçam  
que tinba em Sanctantonino  
liuroulho de tal feyzam  
que bengora sam e ydoneo  
nego pera ser piloto,  
de qualquer caravelam.

¶ Assim que gram sem rezam  
bosa senhozes seria  
se todos com deuaçam,  
nam viessem o perdani  
bonrralo seu sancto dia  
E por que na questa bergueja,  
estaa sua mãy sepultada  
he muyto bem que assi seja  
que qualquer obra sagrada  
nam se vec nem se defeja.

¶ Se enba molher vay abamar  
sua comadre, e ella,  
diz lbe queitaa co jentar  
e que lbe ferua a panela  
e que não na quer deyrar  
e ysto por nam rezar  
Ora mais outra ebaçam  
destas senhozas bonrradas  
que vedes do pensam,  
vem de sopas repimpadas  
de casa desimuladas,  
e ouuyr a pregaçam.

¶ Antão Jesu como he tarde  
que pregaçam enfadonha  
nam vedes ysto comadre  
como he perluto este frade  
auey maora vergonha  
quisto he mal e assaz maldade  
E nam curar de remuzuar  
queste a pura verdade  
e qualquer que sagrauar  
vir lbo ey na pozidade  
se me laa mandar chamar.

¶ Porem vamos e venhamos  
per todalas conclusões  
nos vimos assa pregações  
e os raulcos ou rascões  
furtános quanto leyramos,  
naa casaa entam ficamos  
sem jaquetas nem calçoes,  
Antam quem nos elles vec  
vestidos com seus ensejos  
cuyds que nam ay mais na fec  
e elles sam tam sobejos  
tam sobejos mal fezejos  
que vos matam sem porque.

¶ Se eu vi do nosso alcaçete  
hum dia deste veram,  
e comprar eaa hum berrete  
vay hum decho vū rascam  
repepegame hum bofete  
que oaa comego no chão  
E por estas cousas taes  
vem a rigurosa peste,  
e estes tremozes mortaes  
porque, porque conbecaas  
que hum agoute comeste,  
vem polos males que obraas.  
¶ Pois layba quem mal fizer,  
doulbe rey ou sabedor,  
que diante do senhoz

todos auemos de ser  
julgados por hum teoz  
que la bão de ser ouvidos  
os bureis com os bzo cados  
z ham de ser castigados  
os que foram atreuidos.

**D**ra era pera saber  
aquestes ricos z bourrados  
soberbos z alterados  
mortos por enriquecer  
como seram prosperados  
na casa do merecer.

**E**stoutros peccadores  
dos cabelinhos das copas  
mafecos z cansadores  
que engalbam as cachopas  
se lhe daram la fauozes  
naquellas profundas tocas  
Nam quero mais altercar  
nestes cajos que sam feos  
porque he modam de pecar  
mas vos la cura absoiueos  
cbum dia de jejnar.

**S**omente que seraa bem  
que porcurcis de calar  
porque o ayto logo vem  
que ydo ally a Belem  
z nam poderaa tardar.

**U**ayse o vilam z entra o Lo-  
nego cõ os nouicos q leuam o  
abeto, z sem falarẽ nada se assen-  
tã em seus assentos hõzrados, z  
logo entra o pay z mãy de Sã-  
tãtonio z Sãtãtonio dtraa del  
lea bẽ afasiado, z viraa vestido  
como moço do cozo da Sec.

**D**iz o pay aa mãy:  
Deos por sua piedade  
sem nos lbo merecer nam

nos ven hũ filho de bondade  
de bondade z mansidade  
que nos da consolaçam

**T**odos velle dizem bem  
em todo cabo bem quisto  
certo ysto de Deos vem  
louuemos molher a Ebristo.  
**E** vejo o tam inclinado  
a seguir a sancta tee  
que sempre o vejo occupado  
com muy feruente cuydado  
seruir no cozo da Sec.  
**E** tambem me disse agora  
que religioso quer ser  
dayne conzelho senboza.

**M**olher.

**E** onde se quer meter

**M**arido.

**E**m sam Vicente de foras

**M**olher.

**S**enboz mas eu vos direy  
o que eu tenbo ymaginado  
que pois outro nam ger ey  
que era bem dalo a el Rey  
por ser mais acrecentado.  
**E** pois que fazenda temos  
busquemos lbe dignidade  
que na frol da mocidade  
nam he bem que o cartucemos  
logo em religiam de frade  
**E** deffoutra maneyra caa  
se lhe a forte estaa guardada  
pode ser que medraraa  
tanto com que nos daras  
velbiçe muy descañada.

**M**arido.

**O** senboza nam falemos  
em hourras nem dignidades  
nem por ysto procuremos  
que sam tudo ceguidades

**A** iij

forçadas em hās éstrems  
de mundanas vaydades,  
Nãam no quer ver senhoz  
em vãoglozioso estado  
nem grande comendadoz  
que entam seraa mais danado  
z afogado  
neste mundo peccadoz.

¶ Pois que lbe podemos dar  
que lbe seja proueytoso  
mais que ser religioso,  
com que se po de saluar  
z alcançar  
estado muy glozioso.

¶ Ia fallay ao Pzioz crasteyro  
hū padre nobre z h'rrado  
eu soo sem outro terceyro  
z outo z goume por inteyro  
tudo por my demandado.

¶ Esta tal religiam  
senhoza he virtuosa  
z ba hy domēs de descriçam  
que fazem com deuaçam  
vida muy religiosa.

Moiber.

Senhoz pois que assy he  
façamos sua vontade  
porque elle he de calidade  
que p'raa crescendo na fee,  
na fee da sancta Trindade  
Que certo o Spiritu Sancto  
em este moço espira  
que sempre pera Deos tira,  
cō cuydado, que eu mespanto  
como tem ponta de s'ra  
de jejum, z rezar tanto.

¶ Faz a mãy oraçam a nos-  
sa Senhoza.

¶ O Virgeni nossa Senhoza  
madre de consolaçam

emperatriz muy de coza  
recebey virgem agoza  
esta minha oraçam.

¶ Apresentaya nos ceos  
afugentando ho demonio  
z alçay os sentidos meus  
z rogay por my a Deos  
z por meu filho Antonio.

¶ E pois quer ser religioso,  
ncançay lbe vos a graça  
que seja muy humildofo,  
casto, iusto z virtuoso  
z o que manda a regra faça  
Moiber.

Eu de termino senhoza  
pois Deos assy he cōtente  
que ho leuemos agoza  
logo em esta mesma hoza  
caminho de sam Vicente.

Moiber.

He muyto bem ordenado  
vamos logo neste instante  
filho anday por diante  
vindes vos a parelhado  
nysto que anemos fallado  
pera nelle ser constante.

Sancto Antonio.

Se Ebristo omnipotente  
aa madre que Deos lbe deu  
foy humilde z obediente  
porque nam no seray eu  
que sam terrestre semente.

Senhoza eu sam contente  
de fazer o que mandar des  
z compzir de boamente  
com vontade diligente  
tudo o que vos ordenardes.

¶ Dormiente que ysto seraa  
coufa que muyto deseio  
ja tar damos vamos la

o Spiritu sancto va  
com nosco por mais despejo

¶ Chegam diante do conego  
que ha de lançario abito, z diz,  
o pay. Pay.

¶ Deos seja em vossa ajuda  
senboz muy nobre z prudente  
Deos que todas cousas muda  
com saude vos acuda  
com que viuais sanctamente.  
Trago meu filho aqny  
pera entrar neste conuento  
filho chegayuos ally.

Sancto Antonio.

Saluo seja o ajuntamento  
o desejo de a Deos feruir  
de todo meu coraçam  
hó de sejo de seguir  
de seguir, z de compzir  
esta vossa religiam,  
¶ De tras ca maniatado  
mais do que eu dizer posso  
z vos peço que de grado  
neste conuento honrrado  
vos me recebaia por vosso.

¶ Fala o Conego

¶ A vossa boa vontade  
que tendes de seruir Chzisto  
vos louuamos em verdade  
mas vede por charidade  
se eys de perseverar nisto.

Porque ha na religiam  
muyto grande aspereza  
de lagrimas he o pão  
z continua oraçam  
com grão trabalho z fraqueza.

¶ E auéis de sopoztar  
ho seju z a de ceplina  
com nam dozmir z velar  
z auéis vos de ocupar

em seguir a sancta doutrina  
Que allí se ganha a mozada  
de Deos que be o parayso  
z por tanto ymão por yso  
olbay primeyro a entrada  
nam vos agaste em prouiso  
a nossa vida apertada.

Sancto Antonio.

¶ Posto que acerua, z amarga  
seja a religião senboz  
posto que seja gram carga  
o spiritu consoladoz  
nossas forças nos alarga  
Podéis me o abeto lançar  
queu não venbo contrafeito  
porque se eu me mudar  
sera pera outro lugar  
algum tanto mais estreto

¶ Aqny se assenta de giolbos  
z lhe lançam o abeto com a firi  
monia que lhe pertêce, z acaba  
do, virar se ha: sancto Antonio  
pera ho altar de nossa Senbo  
ra z com as mãos aleuantadas  
dita esta oraçam.

Sancto Antonio.

¶ O virgem muy consagrada  
raynha dos altos ceos  
vos que fostes saudada  
da angelica embayrada  
pera ser madre de Deos,  
outro abito de graça  
me alcançay vos senboza  
o qual minha alma faça  
pers que a Deos apztaa  
o de dentro z de fora.

¶ Aqny se aleuanta z despede  
se de seu pay, z mãy, z diz

A liii

**S**enhor pay por despedida  
a mão vos quero beijar  
ordenastes me esta vida  
a qual por my foy pedida  
podeis mãy ja descansar.  
**E**ts aqui meus enxovais  
eis aqui meu patrimonio  
eis a esposa que me dais  
eis aqui onde leypais  
o vosso filbo Antonio.

**Pay.**

**F**ilho nam vos agasteis  
nem choreis  
pois ficiais com companhia  
com que a Deos seruireis  
z per fim alcançareis  
gloria, descanso, z alegria.  
**N**am vos lembre vossa mãy  
nem a nossa conuersaçam  
nem eu que sam vosso pay,  
mas cõ Deos vos consolay,  
que vos daraa o galardam.  
**E**a dor de meu coraçam  
que leuo desta partida  
Deos a sabe, z outrem nam  
filbo a minha bençam  
vos lanço por despedida.

**Mãy.**

**F**ilho, eu que vos gerey  
dentro de minhas entranbas,  
vede as dores estranbas  
z payram que leuarey.  
com saudades tamanbas.  
**N**am ja por vos ter metido  
onde vos possais perder  
mas por vos nam poder ver  
filbo meu muyto querido  
quantas vezes en quiser.  
**E** go alto eterno Deos  
rogareis por nossas almas

que saydas dos corpos seus  
lbe de em os altos ceos  
a gloria com sendas palmas.

**Pay.**

**Q**uem deyraste de ebozar  
com saudade agora,  
pera vos filbo fallar  
z podermeis abraçar  
z ficaruos muyto embora.

**V**anse todos z o Conego, z  
fica sancto Antonio, z entra hum  
padre de Sam Francisco cõ búa  
sacula pedindo esmolla.

**Padre.**

**P**ay esmolla aos frades de sam  
Francisco pello amor de Deos.

**Sancto Antonio.**

**P**adre q Deos vos qpra valer  
por me fazer a my charidade,  
q elle me quepra dizer a verdade,  
húa rezam que desejo saber,  
acerca de vossa abstinência q viuer  
z tambẽ da regra de vosso seruiço  
que la nessa regra de sam frãcisco  
acostumais yrmãos de fazer.

**Padre.**

**S**i direy yrmão  
fazemos cilência cõ gram deuaçã,  
z muyto jesu, z assy diciprina  
q sam frãcisco deixou tal doutrina  
que quẽ a seguir, teraa saluaçam.  
**A**borrecenos a openiam  
nã nos alembra a vida mundana  
z quebrãtamos esta vida humana,  
seguimos a Xpo cõ grã deuaçam.  
**Q**ueremos pedir  
pelo amor d Deos o comer z vestir  
z amamos a humilde pobreza  
porq o senhor deos nã qr auareza  
no sacerdote que o ba de servir.

**P**orque nosso senhor  
Christo Iesu nosso redemptor  
quando ca veo remir as maldades  
nã troxe riquiças, aẽ prosperidades  
mas troxe pobreza, morte cõ dor  
E por este respeyto  
este triste mûdo, be bẽ cõtrafeito  
porq̃ todos q̃rem seguir vaidades  
cõ pôpas, arreos, z sensualidades  
z Deos nã se q̃r siruir desse geito.

**E** se apressados  
fomos cõ aq̃lles tremozes passa=  
z tãbem agoza cõ peste presente,  
cõ q̃ morremos tão miseramente,  
nos lho merecemos por nossos pe  
Porq̃ ẽ vez de o louuar  
nam vejo ja cousa se nã blaffemar,  
sẽ curar das obras sagradas pias  
mas ha mil maldades, mil erellas  
as quaes eu nã ousô dizer nẽ falar

**A**nã que yrmão  
q̃ vendo eu o mûdo daq̃sta feyçam  
metido ẽ cousas de tão mao zelo  
tomey este abito, z este capello  
z quis servir a Deos na religião.

**S**ancto Antonio,  
Deos seja lounado  
pois q̃ vos deu tã sancto cuidado  
que vos meteo na vida da graça  
z praza a elle yrmão q̃ vos faça  
catholico, z santo bẽauenturado.

**E** porque eu yrmão  
q̃ria sayr da couerfaçã  
das falas, z vsos das mûdanas gẽ  
q̃ me nã vissẽ meus pais z parêtes  
com vosco faria minha habitaçã,  
E por cbaridade  
vos peço yrmão, z deuoto padre,  
que roguels ao vosso mayor  
que pello amor de nosso senhor

me tome na ordẽ cõ boa nõtade.

**E** crea certamente  
q̃ eu nã faço ysto por ser descõtete  
do abeto sancto q̃ tenho vestido  
nẽ da cõpanhia do nosso cabido  
porq̃ todos viuẽ catholicamente.  
E posto que ausente

me ache d casa do senhor sã vicẽte  
eu tenbo nelle tam grãõ deuaçãõ,  
q̃ sempze o terey no meu coraçãõ  
cõ grãõ fce, z amor muy seruẽte.

**E** se poder  
nã no deixe padre, yrmão de fazer  
por caridade z seruiço de Deos,  
q̃ elle vos dee no reyno dos ceos  
glozia z descãço cõ muyto prazer  
Padre.

**I**rmão si farey  
esperayme aquy q̃ eu vos trarey  
ho abeto com que vades vestido  
Sancto Antonio.

**P**adre aq̃y o leuay no sentido.  
Padre.

**D**eo gratias yrmão, q̃ logo virey  
Mayse o padre pelo abeto, z  
Sãtantonio diz esta oraçã.

**D**o meu Deos z meu senhor  
tu es o Rey verdadeyro  
o qual por my peccador  
sofreste muy grande dooz  
encrauado no madeyro.

**R**ecebe minha oraçã  
prazate Senhor de me ouuir  
z vee a minha tençam,  
como be de bom coraçãõ  
desejar de te seruir.

**E** vos Virgem gloziosa  
dos ceos muy alta senhora,  
madre de Deos poderosa  
pera todos piadosa

se de minba entrecessoza.

**¶** Entra o Diabo pera afogar  
Satan Antonio, que cõ a contem-  
piaçam e oraçam adormesceo  
iobre o liure, e diz, Satanas.

**¶** Eu venho ca pera ver  
quem he este caualeyro  
que entrou neste moesteyro  
porque disse Lucifer  
que elle auia de ser  
de Christo gram pregoeyro.  
E que me ha de quebrantar  
com seus prolixos sermões  
as minbas atentações  
que eu faço pero enganar  
almas dos justos barões.

**¶** E creio sem duuidar  
que he este que estaa deytado  
vos minay sem recordar  
que eu folgo de vos achar  
dormindo, e aparelhado  
pera o que eu quero ordenar.

**¶** Vos cuydo que nam sabeis  
quantos fazem chiscaras  
porzem vos o sabereis  
porque desta ficareis  
vencido de Satanas.

**¶** Vos fostes muyto lampeyro,  
com cabeçinba prudente  
meteruos neste moesteyro  
pera serdes companheyro  
do martire sam Vicente.

**¶** E segundo se la soa  
no inferno a mais andar  
dizem que Deos em pessoa  
vos ha tanto de ajudar  
que inda vos bõo de chamar  
sancto Antonio de Lisboa

**¶** Mas eu ey vos destrouar

e afogar

porque nam venhais a ysto,  
que vos nam eis de ficar  
no mundo pera pregar  
patranbas de Jesu Christo  
Mas me auéis de tirar  
as almas de meu poder  
que eu por manhas fiz pecar  
causa pera as eu leuar  
as treuas de Lucifer

**¶** Inda Deos não he contente  
de me fazer tanto mal  
sendo eu anjo exelente  
fermoso, resplandecente  
deytarme no infernal  
fogo, pera todo sempre  
Isto per hum peccadinho  
muyto piqueno peccado  
que Lucifer per doudinho  
fez assi acelerado.

**¶** E pois elle abzio o caminbo,  
foza elle soo condenado  
e nãja eu, que nãfuy culpado  
pesar de sam sadozninho.  
Mas pois Deos quis cõdenar  
a my sem lho merecer  
sayba que eu ey de tecer  
e hurdir e trabucar  
quanto mal puder fazer.

**¶** Eu sou pay dos jugadozes  
e pastor das septiceyras,  
esforço dos roubadozes  
ladroes, e arrenagadozes  
que seguem minhas carreyras,  
E como agoza afogar  
este que tenho caçado  
ey logo dhyz alagar  
hum nauio carregado  
de gente, que quer entrar.



onde vem hum exconiugado  
de dez annos apz . . . do  
que nam se quer confessar.

**A**inda que o corpo sancto  
frey Pero Gonçalves digo  
he tam grande meu inimigo  
que por que ve e que me spanto  
logo he aas laas comigo,

**Q**uestoutro dia passado  
me meteo em grande pauoz  
que tendo eu alagado  
hum barco dhum pescador  
per nome Esteuão rachado  
ebamou por este senhoz.

**P**ero gonçalves honrrado  
que tem por seu valedoz  
z elle teue tal cuydado  
que veyo com gram furoz  
de mil candeas cer cado.

**E**tiroumo de poder  
tendolho masto quebrado  
z o treco esfarrapado  
z o leme ja tirado

em fim ouue de fazer  
com que nam pude comer  
daquelles hum soo bocado.

**D**iz quero começar  
o negocio a que sam vindo  
que o senhoz estas dormindo  
quero lbe a corda lançar  
no pescoco z apertar  
antes que ma va sentindo.

**D**erendolbe meter o laço no  
pescoco, vem o Anjo z diz.

Anjo.

**D**imigo mau peruerso maldito  
ysurpador das almas de Deos  
per tua soberba capste dos ceos  
z por que te ves danado z per sito  
dêueja z malicia enganas os seus.

**P**ois nam enganaras  
que tu es hu falso, cruel Satanas  
disforme nos feptos, ani na figura  
de todo perdido sem meyo nê cura  
q ja pera sempre no fogo estaras,  
sofrendo amargura.

**E**o rey da folgança  
fez, z criou aa sua semelhança  
estas criaturas q sã as herdeyras  
daqlas sagradas z scãas cadeyras  
q la vos ficará na bœa venturança.  
E por tanto maluado  
vayte da quy esprito danado  
por que este q ves te ha de vencer  
te ha de vencer, z fazer conbecer  
que Christo Jelu o Crucificado  
he o Deos do poder.

**P**ois que ja sois vencidos,  
ja sois dribados diabos perdidos  
em este q vedes nam tãdes poder,  
porq o senhoz ds o quis escolher  
pera ser lacto cõ seus escolhidos.

Diabo.

**D**o Satanas que seraa de ti,  
ou que faras, ou onde te hyras  
q todos me sefptos ja vã pera traz  
dizeme Anjo porque es cõtra my  
o Lucifer acude aquy  
ou mãdame sczça de la dõde estas  
que ja enfraqueci.

**E** pois que na terra,  
em pouoado nem menos em serra  
alma nenhũa nam posso caçar,  
q sempre este Anjo me vẽ estoziar  
quero me hy z fazer esta guerra  
nos nauegãtes que andãno maar  
z farey que os ventos  
façã tozmetas cõ taes mouimẽtos  
q as naos se spedace, gête afogar

7 as almas per força lhe ey d leuar  
aquele lago dos fortes tozmetos  
pera me vingar

**M**ayse o diabo, 7 diz o Anjo.  
Recorde seruo d ds nas pasadas  
7 vay a pregar a palaura de deos  
7 ecaminhar pa o reino dos ceos  
al almas perdidas q andã erradas  
7 nam temeras

cousa nenhũa, que tu venceras  
quãtos demonios adarẽ no mudo  
ate Lucifer que esta no profudo  
com tua palaura atormentaras.  
**E** por que ho Redemptor  
te quis escolher pa teu pregadoz  
7 eu ey de ser o teu cõpanheyro,  
teu companheyro 7 ajudadoz  
por tanto yrmão nã tenbas temor  
levantate 7 vay a ser pregoeyro  
de nosso Senhor.

**S**aese o Anjo 7 recorda

Sãtantonio, 7 diz.

**Q**uãdo a virgem sancta Maria  
se he ysto tentaçam  
certo que me parecia  
que ho diabo me queria  
por em gram tribulaçam.  
Do sancta madre de Deos  
senboza muy consagrada  
recebe me em vossa guarda  
pois soys Raynha dos ceos  
ante secula criada.

**Q**uem os frades frãcilcos 7 tra-  
zẽ o abito a Sãtantonio, 7 fala  
o que entrou primeyro.

**D**eo gratias deuoto yrmão  
trago este companheyro  
que veras vossa tençam  
comio he de bom cozaçam

entrar no nosso moesteyro

**E**ste abito vestireis  
yrmão muy deuotamente  
7 com nos outros vireis  
7 a Chzisto las seruireis,  
muyto virtuosamente.

**P**adre segundo.

**N**am vos lembzem as riqzas  
daquesta vida mundana  
nem vos lembzem gentilezas  
porque tudo sam grauezas  
7 fraquezas  
desta triste carne humana  
tiray qualquer pensamento  
de vossa carne 7 vontade  
olhaya prosperidade  
deste mundo q he hum vento  
que se torna em vaydade.

**N**em cuydeis q os senhores  
na morte se hão de esconder  
porq os nobres 7 os psatores  
7 os Reys 7 os Emperadores  
todos hão de fenecer  
**E** por tanto aneis de crer  
que nam ha cousa segura,  
mas antes eis de saber  
que o que mais perualecer  
ha dhy 7 ter  
as cous da sepultura.

**E**a alma he hũa cousa  
glziosa  
que auemos de saluar  
7 cumprenos vigiar  
que ho diabo nã repousa  
com armar a sua louia  
samente pera caçar  
**E** por tanto digo yrmam  
pois que o mudo he peccadoz  
que proueis conuerçam

fazendo contemplaçam  
em christo noſſo ſenhor  
Contemplando que nasceo  
E morreo  
ſendo elle Deos verdadeyro,  
z per nos ſubir ao ceo  
cruel morte padeeo  
encranado no madeyro.

ſanto. Padre muyto bem conbeço  
ſer pſidencia o que fallais  
ja deſejo ſer professo  
vamos não tar temos mais  
por caridade vos peço.

Querendo ſe hir entra o villã  
com ſua molher em busca de ſcto  
Antonio q̄ lhe refuſcite o menino  
William.

Brancanes anday aſinba,  
que cuydo que ſee aqui  
anday erama bondinha  
ſoltay da mão a vaſquinba,  
z vinde junto de mym  
Juro aa fee conferuada  
que eſta molher de peccado  
ſabe que venho eſbofado  
de cansado z eſfandegado,  
z eila vem muy deſcanada,  
co ſeu rabo aleuantado.

brã. Queys voa de começar  
dum niſollo de cabeça  
ſeu nam poſſo mais andar  
que queredes que vos faça,  
joã. Que andeis riço z q̄ venbais  
correndo por hí diante  
brã. Diabo já começaia  
dizey tromba deſifante,  
brã. Que nam me leypais.

João pirez.

Vos não vos quereys calar

juro aa fee conferuada,  
que ſe vos oje tomar  
que vos ey deſpernegar  
vona cegorba eſfolhada  
nos tornar mos z entam  
eu fãrey os toucadinhos,  
andar peilo poo do chão  
brã. Pardeos q̄ o voſſo quinhã  
leuareis neſſes ſocinhos  
huy olhad a venação.

Arbeção diante dos frades, z  
diz. João pirez.

Deos vos guarde a bofee,  
digo que Deos dee ſaude  
o quanto frade aqui ſee  
ſaybanos qual de vos he  
frey Antonio da virtude  
ſanto. Homẽ debẽ que quereis  
joã. Wofa venho apayronado  
z ſe vos ſoys anifado  
logo em mim lobrigareis  
hum geyto de magoſdo  
z carregado,

de payram que ora ouzireys.

Digo que eu tinha hũ filho  
hum mocinho, aſſi mochacho  
bem mentendey moço macho  
tam gentil, tam bonetinho,  
que orſão ſem elle me achô  
o qual era criatura  
que eu pardeos me maraſilbo  
de ſeu enſino z meſura  
era tal que ate o cura  
ſempre lhe chamaua filho.

E minba molher de boa  
que o diabo me tomou  
z me ajuntou  
com hũa tam roim peſſoa  
pareſce que o mandou  
com os patos aa lagoa,

z ho moço quis se lauar  
ou nadar  
que o peccado o enganou,  
de modam que se afogou,  
nem bole nem quer falar.  
**E** ouuy de vossa pessoa  
tanta virtude contar  
que mo podia farar  
que me pus logo nessoza  
em som de vos vir buscar.  
ve. Entramos em Lisboa.  
vi. Deino queres vos calar.  
vos dom rosto dazamboas,  
mais aguda que foroa,  
sempre me auéis destrouar.  
Santantonio.  
**I**rmaõs deuotos amigos,  
nam viuas em discórdia,  
z olhay que da discórdia,  
procedem muytos perigos  
como os diabos imigos  
de vos alcançam vitoria,  
A esso filho de finado,  
z afogado  
podeloeis enterrar  
quentre nos nam eys daschar  
nenhũ tão bemauenturado  
que o possa resuscitar.

Ailam.

**E** da esse he bom recado,  
pssõ he modão dengalhar  
se eu de la venho enformado,  
que vos mo podeis farar  
pera que he refusar.  
ve. Diabo sede calado,  
se ho vos auéis de rogar,  
assi lhe auéis de falar,  
tam soberbo z alterado.  
vi. Do se elle se quer rogado  
z animado

esse he outro cantar  
fãt. Não cureis mais de tardar  
nem falar  
vaa hum de vos polo moço  
z dir lhemos hum resposso,  
que o queyza ainezinhar  
o alto Deos poderoso.  
vi. Brancanes ficay aqui  
que eu vou polo cachopo  
fãt. Da yrmão fazeyo assy  
ve. O moço chamase Lopo  
ora sus anday por hy,  
vi. Que he pois dou razão de mi.  
**A**yse o vilão polo filho z  
avelba faz queyume a  
Santantonio delle.  
ve. Senboz nam he desse gepto  
que todo he mao atee a pele  
tão malino contrafeyto  
que viuo morta com elle  
Porque he hum comedoz  
destruydor de fazenda  
gargantão z bebedoz  
que com todos tem contenda.  
**E** mais tem q̄ he tão goloso  
z cobigoso  
dencher aquelle cortico,  
que aqui se acerra seu viço  
seu vinho ha de ter cheyroso  
z glozioso,  
Então furtame hum chouriço  
mais tredoz que hum raposo  
que jas rē por sobre alcurba,  
João pirez ho lambareyro  
que dentro neste moesteyro  
vos darey por testemunha,  
Aluero diaz porteyro  
**A**ntão fala atreuido,  
mais que se fosse letrado,  
duro de farrezoado,

soberbo mal ensinado  
e nunca arma arroydo  
que nam venha escalaurado  
uam sey quem me fez casar  
e tomar  
tal diabo por marido  
queisme de aconselhar  
se me posso desquitar  
delle pois he tão perdido.

Santantonio.

Digo que pois sois casados  
pollo sancto Sacramento  
que sois per forza obrigados  
de compzir ho mandamento  
de Deos, e nam apartados  
E que siruacs ho senboz  
Deos, com muyta lealdade,  
e sigaes a caridade  
com muyta paz e amor  
na fee da sancta Trindade.

¶ E mal dito ho ajuntamento  
seraa na terra e nos ceos  
que for contra ho sacramto  
e quebrar ho mandamento  
que aly prometeo a Deos.

¶ E ho vilão e traz o filho  
afogado e diz.

¶ Senhoz eylo mal logrado,  
vede se ho podeis sarar,  
quelle ja he trespassado.

Santantonio.

Aquelle crucificado  
Jesu ho pode salvar.

¶ Assentáse todos os tres padres  
s. Santantonio, e os dous compa-  
nheyros de giolhos, e Santan-  
tonio diz esta seguinte oraçam.

O Christo Deos verdadeyro  
senhoz das altas altezas  
tu que por nossas fraquezas

como muy sancto cordeyro,  
sufreste tantas cruezas,  
tu que quisteste liurar,  
Dauid de mão de Golias  
e tambem resuscitar,  
Lazaro de quatro dias  
morto soo por decrarar  
que eras o sancto Aldeias.

¶ Nem com tua alta bondade  
vem com teu poder diuino  
ainda que eu sam indigno  
supra tua piedade  
resuscite este menino.

¶ Alcuantase ho menino  
morto, e diz.

¶ O quem me troxe a este lugar  
quẽ foy q me deu tã grãde tristeza  
quẽ vsou comigo de tanta crueza  
quem me fez vir tornara pècar  
e sentir auareza

¶ O triste de my  
triste foy a oza em que eu nasci  
pois que torneý aver tanto mal,  
quẽ foy q me troxe da luz diuinal  
e gloria que vi.

¶ E estava na corte  
tinha passado o vaso da morte  
nã via maldades, nẽ via peccados  
estava cos setõs bẽaventurados,  
agoza torneý por minba ma sorte  
a passos danados,  
vy a potestade

vy aqlla face da santa Trindade,  
vy a grão luz do Spirito sancto,  
vi tãta santa e vy tanto santo,  
em grão caridade.

¶ Uy a Virgem sagrada  
madre d Deos tã acompañada  
de anjos e arcãjos q estauã cõ ella  
vi tanta virgẽ, vi tanta donzella,

oo como estaua tam glorificada,  
z cousa tam bela

**E** mais vy hum sancto  
posto de giolhos rogádo lhe tãto  
o q quer q era nam sey cerramête,  
mas loube q era o senhoz sã ricête  
q he nosso êparo, z he nosso mãto  
verdadeiramente.

**E** olhey pera o fundo  
vi tãtos diabos ádar ca no mũdo  
tãtas maldades, z tãtos pecados  
vy tãtos senhozes tãtos preiados  
q por suas culpas no fogo profũdo  
estam condenados.

**E** eu bem te vy  
quãdo tu átonio rogauas por my  
z deos quis te ouuir, z quis mãdar  
mĩnha alma ao corpo z resuscitar  
z pois q eu tórney, sabe que de ty  
nam me ey de apartar.

**D**iz sancto Antonio quando ve  
o menino resuscitado.

Lougado sejas senhoz poderoso  
de hũ es trino einfanta Trindade  
por tua potencia z gram piedade  
Christo Jesu misericordioso  
z Rey de verdade  
Chameyre senhoz cõ mui grãde fe  
z firme esperãça q tenbo em ty

o meu senhoz aonde merecy  
fazeres me tu tam grãde merce  
como recebi.

**Uelha.**

**D**o louuado seja Deos  
que me amostrou tal prazer  
filho queredes comer  
mas pois vos vindes dos ceos  
Deos vos auia de manter  
Padres, filhos muito bõzados  
fazedeme ora hũa graça  
que vos veja bem casados  
que venbais a mĩnha casa  
a comer senhos bocados.

**Uilam.**

**O**rs aueylo de fazer  
que pessoas tam honrradas  
z que tem tanto poder  
hã de ser agasalhadas.

**Sancto Antonio.**

**N**ã nos faz migoa agora comer  
mas vamos ir mãosassi jãtamête  
dãdo lounozes ao omnipotête  
Deos q nos quis ouuir, z fazer  
assy hum milagre tam euidente.

**S**aense cantãdo. *Benedictus  
Dominus Deus Israel.*

*Deo gratias.*

✠ Auto do dia do Juizo. ✠



Começa a obra com as figuras seguintes  
Sam Joã Euāgelista, Christo, nossa Sñora  
Sam Pedro, sã Miguel, Serafim, Lucifer,  
Satanas, David, Abselão, Trias, Caym Ab  
el, Samsam, Dalida: hũ Chilão, hũ, escriuão,  
hũ carniceiro, hũa regateita, hũ moleiro  
Entra Sam Joã Euāgelista,

Sam João.

**Q** Os misterios de uinaes  
reuelados em prouiso  
tam temerosos e taes  
de pertay todos mortaes  
que se chega o iuryo.

**C**om trombeta  
cujo som todos esperta,  
manda o senhor chamar  
a todos pera os julgar  
como iustica perfeita.

**U**nde e itay a tentos,  
a par e ha uos muy preses  
muday vossos pñamentos,  
cõpñir se hão merecimentos  
das obras que ca fizestes  
Vir tal,

com seu conselho real  
o gram rey da monarchia  
com a sacra virgem Maria  
julgar vosso bem e mal

**O**s spiritos leuantay  
vereis vossa saluacãm  
vossos feytos ajuntay  
e escriptos os leuay  
cada hum no coraçam

**N**am cuydeis  
que nada negar podets  
nem reuogar a sentença  
se podera, nam tardeis

**N**am se jaistã descuida dos  
partiuos ja deste mundo  
ja deueis ser enfadados  
de seus enganos prouados  
e que se nam achafundo  
Sem tardança

vnde sem fazer mudança.  
e nam queyraes a guardar,  
que todos eis de passar  
pelo peso da balança

**E**ntra Chafflo e diz

**C**ha se mostra nas figuras  
a muy clara prophecã  
e o que nas scripturas  
das humanas criaturas  
eu disse que julgaria

**E**m prouiso  
venham todos a iuryo  
a quelles que sam suauis  
ves a que **P**edio as chaues  
te entrego do parayso  
**E** te faco pastor sam  
da gloria sempre eternal  
e que tu con. o baram  
de muy claro coraçam  
me sejas sempre leal.

**M**uy fiel  
mando ati sam Miguel  
e te dou estes cuydados  
que por ti se jam pesados  
os filhos de Israel

**E** tu os defenderas  
os que se chamarem a my  
do muy falso satanas  
tu ram bem os chamaras  
com tu voz Serafim.

**P**oeras brados  
muy altos e entoã os  
espantosos e esquiuos  
diras os mortos e viuos  
vnde e serets julgados.

**T**u teras este poder



z com vozes de ligentes  
fazeos todos erguer  
que venham parecer  
ante my todos presentes  
com temor  
dize que o fazedor  
que ao mund os foy remir  
que os manda agora vir  
por castigar seu error

**Se.** O muyalto z poderoso  
criador dos altos ceos  
sempre manso z piadoso  
benigno z humildoso  
eu te adoro por meu Deos  
E meu Rey.

em que eu senhor bem sei  
que do tal digno nam sam  
mas logo sem dilacãm  
teu mandado cumprirẽy

**¶** Tange z diz.

Venite os que moraes  
nesta vida trabalhada  
venite que aguardais  
venite todos mortaes  
que ja bora he chegada

Sem tardar  
venite todos a par  
in iudicium z vereis  
como julgados sereis  
pelo que vos quis fazer

**¶** Torna atanger, z entra  
David z diz.

Nam me reprendas senhor  
de tua sanha me tira  
me mento mei redemptor

peço te meu criador  
que amances tua ira  
Nam lembrados  
te se jam meus peccados  
z os delictos contra ti  
a merceate de my,  
q̃ meus ossos são turbados  
nam tardes em me ajudar,  
miserere redempçam  
nam me queiras condenar  
pois nam cessio de clamar  
ati minha saluaçam.  
E perdãam

Porq̃ orey da perdãam  
contra my nam perualea  
stinda que o nam mereça  
dai me vos consolaçam  
z por tua piedade  
te peço muy sincado  
que a minha iniquidade  
deleas como maldade  
z me lava meu peccado  
Junta mente

pois que eu tam diligente,  
meus peccados cometi  
clamarey muy humilmente  
senhor que pequi a ti.  
por que muy justificaçõ  
seras em o que disseste  
assi como eu for julgado  
creo que tu sem peccado  
z denada me fizeste  
Conhecido

fam multo certo concebido  
no ventre de minha madre  
engendrado de meu padre  
em peccado fam nascido

## **C**entra Lucifer 7 a sua corte.

luci. **E** q festa 7 que prazer  
que solaz 7 que a legria  
caldeiras a perceber  
por q vos azeis de ser  
oje cheas neste dia

**C**ozinheiros

ora sus todos ligeiros  
aparelhar muita lenha,  
7 oprimeiro que venha  
polo eis por tras fogueiros

**C**los tambẽ minha cozinha  
vos alegrai nesta hora  
porque logo muy a sinha  
vos fereis feita rainha,  
7 muy grande sentora.

**B**em seruida

fereis, 7 muy percebida  
de manjares delicados  
7 de muy grandes estados  
vos fereis favorecida

**C**begate a qui Lurcão  
7 tu pena de perguica,  
7 assi tambem **M**alcão  
todos com gram rolaçam  
vos ajuntay cõ pero 7 rica,

**S**atanas

tu o maioral seras  
velles todos tem cuidado  
trabalha como esforcado

senam tu mo pagaras

**P**or que oje cõ bõs mietos  
a ofadas sem mentir  
que auzis de ser bom cheos  
enhereis manjas 7 feros  
sem poder mais enguir  
sus festejar

opelar fara lancar  
que u darey q̃s 7 roques  
sus a aparelhar os croques  
7 a sinha despachar

**B**elzebu que fazes la  
7 a ti desnarigado

chegar todos pera ca  
ora vir muy to e rama  
tende tudo aparelhado

**C**oncrusam

todos me virem a mão  
ou cu logo nam ferey  
do logar profundo rey  
se eu nam der minha rezam

**D**a me ca esta caldeyza  
que ja me vem a coragem  
7 a birra toda inteira  
focinhudo tem maneyra  
como me fruas de pajem.

**O**ra bem

sus sus nam bulla ninguẽ,  
7 deitame a sentar  
a!to sus todos caiar  
que logo vira alguem

**C**Aquitorna atãger o **S**era  
fim 7 entra **D**auid 7 diz

**C**ouve minha oraçam  
a ti va o meu clamor  
por que eu turbado fam

z com muyta contricam  
in qua cunque die tribulor  
faleceram

os meus ossos pos fizerão  
hum peccado tam veneno  
z feyto sam como feno  
em peccado me fyeram  
Em meu coraçam ferido  
sam conuertido hy mano,  
z sam ja enuelhecido  
z de todo meu sentido  
tornado sam pelicano

¶ De fusa

feyto sam como Ierhusa  
z tornado doz medario  
como o passaro solitario  
pois meu peccado me acusa

11. Agora auemos de estar  
a juze neste feyto

Dauid nam tomes pejar  
por que ey de demandar  
o que me vem por direyto  
Que a rezam

me obriga atal tençam  
pois aqui esta o Abectas  
ante elle venha Urias  
z voio filho Absalam

E desque elle for chegado  
cada hum rezoara  
o que for justificado  
z estay a paralhado  
que creio que ey lo vem ca

sera. Recordai

vos mortos resuscitay  
ergueuou das sepulturas  
vi. de humanas criaturas

ad iudicium vos chegay

¶ Entra Absalam z diz  
abs. Que de minha fer mufura

graciosa z diuinal  
tambem talhada estatura.  
z tam formosa figura  
nao se outorgou a mortal  
Nam tice par

ren se me pode yguslar  
ren hum nascido baram,  
nomeado era Absalam,  
z digno assaz de leouar

¶ Mas esta gentil figura  
ao cabo desta guerra  
t. da se tornou tristura  
z fiera gentil figura  
se conuerte em triste terra  
Esta vida

nam ate nos imprimida  
em prazer q nos de parte  
tudo se acaba por morte  
q he de assaz paixã crescida

¶ Senhor pai da me ama  
peccuos muy afluado  
que me outorgueis perdão  
z dayme vossa bençam  
z nam esteis mais yrado  
Lem conbeco

que eu nam volo mereço  
por minha grande maldade  
vsay vos de piedade,  
z misericordia vos peço.

¶ E por culpado me dou  
ante vos padre z senhor  
pois christo quando espirou  
ao mundo perdceu

H 11)

perdoay por seu amor.

David.

Tua rezam  
certamente Absalam  
era bem merecedora  
de perdãmas por agora  
nã está em minha mão.

abf. O madre de nãl pumores  
Raynha esclarida  
foco ro dos peccadores  
eu cheo de nãl errores  
que o bze y na outra vida  
Nesta ora  
vos peço aquy senhora  
que me queirais ajudar  
z avosso filho regar  
por minha alma peccadora

n. f. Filho meu glorificado  
pora quella em camaçam  
que vosso corpo sagrado  
em ini faz tam sem peccado  
que lhe outorgueis perdão  
Pela alegria  
que entã sem agonia  
por vos filho recebi  
z sem dores vos pari  
em a quelle sancto dia  
E por aquelles dulcozes  
que minha alma recebo  
com a vinda dos pastores  
pelos suaueis clamores  
que Anjos dauão no ceo.  
Por este dão  
que eu no meu coraçem  
recebi tam alterado  
vos peço filho amado

que lhe outorgueis perdão

Christo.

Sendo vos sua auegada  
certo nã posso deixar  
minha madre tam prefada  
z logo sem tardar nada  
quero y o lo outorgar.

lucf. Que peçar  
como a siba de passar  
por tais vias z taes modos  
por esta maneira todos  
quei em ja de myz ombar.  
Vos meu senhor Absalam  
z David q̄ estais presentes  
cuidareis que por ra am  
me escãpareis da man  
cõ vossas fallas prudentes  
Ora andar  
inda tendes que suar,  
posto q̄ venhaes por vias  
que lego vira Urias  
que vos mandastes matar  
E pois que isto a siba  
não me negueis a verdade  
por que vos por Berabe.  
quebrantastes vossa fe  
por comprar vossa vontade

dau. Discrepar  
te não posso eu negar  
pois estamos a juizo  
de quẽ o sabe em prouiso  
z o pode bem iugar.

Christo.

Bem sou disso a lembrado  
z do pouo que eu ren i  
pelo sangue derramado

estado de meu costado  
z morte que padeci  
Por memoria  
quis morrer, por a gloria  
que deseja: n os mortaes  
se compre com chagastaes  
como he cousa notoria.

Entra Urias z diz  
Buy poderoso Abirias  
ante ti muyto agruado  
me ponho por muytas vias  
por encurtar os meus dias  
David. sem eu ser culpado  
O que fallo

finto em my que onã callo  
por que nam lbo mereci  
z mandou me matar a illi  
sendo seu fiel vassalo.

Em pago de triste afa:m  
que dos viuos se na n farta  
com gentil simulaçam  
pera vosso capitam  
escrive lres hãa carta.

Que dijta  
que hãa batalha farta  
muy cruel z espantosa  
z na parte mala pirigã  
que logo abi me porã  
E que como a fizesse  
que logo soo me deixasse  
pera que eu fenecesse  
z que eu morto se viesse  
z que isto procurasse.

Pois senhor  
perante o vosso vigor  
peço ra:am z justiça.

pois David com tal cobicia  
me foy cruel matador  
Lucifer.

Alisso eu me afirmarey  
z como diz mil jurametos  
z testemunharey  
z a sso jurarey  
sẽ temer nenhús termetos  
E a ssi he

que da cabeça ate opce  
tanto reuolueo z andou  
ate que por sialcançou  
o amor de Bersabê.  
A pega delle Satam  
que ja teu he de direyto  
pega delle tem bem mão  
chegate aqui cabram,  
z tu fa:este tolhetto.  
vem ally

sata. vnde ca senhor David  
z preiso ao nosso paço  
vcreis o que eu faco  
em vosso servuissio aby.  
davi. O tu Anjo de senfor  
dos q são justos chustã os  
socorre me a qui senhor  
contra este tenta dor  
nam me toquem suas mãos  
Audat me  
z delle presto a partaime  
por vossa grande potencia  
nã olheis minha innocêcia  
mas senhor della liuray me  
Sam Abiguel.

O Do innocue Satanas  
cruel z torpe sem ley

A iij

ja o tu nam leuaras  
nem por mais que tu faras  
por que eu to de fendercy  
O perdido  
z de Deos auorecido  
feyo cruel espantoso  
nam te mostres soberbo,  
por q̄ ante my es vencido,

Satanas,

Sempre te mostras cruel  
contra my conquistador  
z me fazes beber fel  
ja mais nunca sam Miguel  
leuey deti amilhoz  
Aofadas  
z apesar de negras fadas  
que diante tua justica  
te deo centino conquista  
z te mostre espaldas.

Lucifer.

Que abhy n ostra fozinho  
cabrão filho daleyua  
fideputa vilanzinho  
si uos eu avos meyrinho  
vos fazeis barba medrosa,  
Du guardar  
que se eu vos panbar  
z vos fezo nesta mão  
tanto couce z repeão  
que vos faça andar no ar.

Samiguel:

Epello muy sancto viger  
z potencia muy diuina  
de Christo meu criador  
te conjuro tentador  
z tua gente maligna,

Que te vas  
onde nam pareceras  
peilo teu soberbo mal  
vayte ao fogo infernal.

Sam Pedro.

Uinde bem afortunados  
da gloria merecedores  
z por myserics leuados  
z tambem apossentados  
que vos nam ajais te mores  
Deyca amão  
vos Dauip z Abselam  
z vos caualeyro Urias  
vinde a gloria do merias  
por voffo bom galardam

Uanse z diu Lucifer,

Co tres furias infernaes  
oolagotris e profundo  
coneus fogos defigues  
que logo nam abraza  
c. m tristeza ao mundo

Tu charam  
barquet. o da perdiçã  
por que nam vês z vera  
como eu z Satanás  
nos finamos de payção

fa. Leste ja vossa merce  
nam cure de se a gastar  
por que o que feyto he  
ja meu senber Lucifer  
nam ne podemos cobrar

luci. Nonais

z vos ainda falais  
dum cabran arnegado  
mestralles vos tá cobardo  
z agora me consolaeis,

Sus chegar agora ca  
vilam z em sinaruos ey,  
vinde ciuel, vinde ja  
sat. senhor ay ay erama  
pera vos que culpa ey

**N**am medeis  
luci. z vos nam me conbeceis  
fidiputa arrenegado  
sat. basta cu vou arrepelado  
luci. que he, isso que dizeis  
sat. eu que digo estou calado

**T**oma atanger o Sera  
phim, z diz.

**S**urgite mortos anday  
vinde sem mais demora  
surgite, z recorday  
ad iudicium vos chegay  
que cumprida he agora  
Espontoso  
he hogram dia temeroso  
do juizo onde todos  
julgara com justos modos  
christo Jesu poderoso.

**E**ntra Caym com homeni-  
no justo, q̄ he, Abel, seu yrmã  
z vem ho menino cantando.

*Lantiga.*

**D**oloroso gado  
de tanto primoz  
doate ho fado  
do triste pastor,  
Lembra yuos cordeyros  
de minha tristura  
ouelhas carneyros  
que poceis verdura

Abel sem ventura  
de vos apartado  
meu gado amado  
de my com amor  
doate ho fado  
do triste pastor  
**D**oe yuos de quem  
de vos se doya  
lembreuos tam bem  
minha companhia  
ja quem ser soya  
sam outro tornado  
ficais soo deitado  
sem ter guardador  
doe yuos oo fado  
do triste pastor

*Fala.*

**D**o vida tam trabalhada  
quem em ti tem confiança  
como s tam desastrada  
vida mundana cansada  
sembũa pouca desesperança  
**E**u diria  
que o que em ty vida cõfia.  
z em ti se esmera z esmalta  
este leyras mais em falta  
perseguinto os cada dia  
**D**o Caym quam sem rezão  
os meas dias mal logrados  
encurtaste coutreyram  
sendo tu conigo firmam  
dhũ pay, z mãy, so gerados  
**D**o ciuel  
comorosas no rosel  
os meus dias floreciam  
z atiz aborreçiam

**H v**





belles e da geracem,  
e que arreue quem do pão  
que come a não tem guar.

Despachar  
e logo sem mais tardar  
o que eu mando seja feito  
anday me copee direyto  
nam vos va cu la coçar

**E** fara Satanas como q' vay  
ao inferno dar tormento aos q'  
laja em, faz como q' ruge co' as  
cedeadas e cousas infernaes.

Satanas

Espera bem suso aguarday  
esperay senhor Caym  
dizerme como vos vay  
ren gay de voslo pay  
logo diante de my:  
que e vos veja

Laym.

Do vida quem te deseja  
tu tuste Caym lamenta  
e grande dor e tormento  
digo que maldito se a  
lle o dia que fuy nascido  
e a q'lle em que fuy formado  
e maldito e perdido  
seja e u' pois fuy nascido  
pera tanto mal debrá. o  
Que farey

Satanas

Espera que eu tu direy  
e a vos vos agastais  
e finha vos comereis,  
e nada vos nam toquey

Valida.

Que sera da minha vida  
condores de ra tritura  
maldita de my percida  
pera que fuy eu nascida  
pois tal minha ventura.

Do que dooz  
tute mundo enganador  
quem em ti faz cabeçal  
fazis fouro infernal  
e ho n. esmo acusador

Qual he o que vida tem  
neste mundo com riquezas  
que podendo fazer bem  
o nam faz sem o ver mignê  
visando de mil fianquezas.

Que passados  
ja da vida os morgades  
como continuo se prouz  
nao lhe val mais q' ate coua  
e elles muyto confiados

Satanas

Abom tempo te acordasse  
bem autada estas  
e supoz que nam visaste  
dillo que agora falaste  
cate tu mo pagaras.

Valida.

Que me quezes  
lat. Farre ey deus mil comeres  
e aparelharte ey e comia  
e trattey mais bem servida  
que ne nhã das mo'heres  
**E** Torna aráger o Serafim  
e entra hũ vilam e diz.

Lantiga.

Do que novas me vieram,

z tu nam temas ninguem  
eis a qui o patrem vem  
tu Abel com elle yras

**A**qui leua sain Pedro  
Abel, z terna ho Sersim  
atanger.

Sersim.

**O** mortos q̄ fois passados  
deste mundo com tal vico  
vinde z fereis julgados  
tomayuos resuscitados  
z vinde estar ajuizo  
que a guardais  
que logo nam caminhais  
viede, vinde, bem a tentos  
receber gloxia z tormetos  
vinde nam aguardeis mais

**A**qui entra Sãsam, z Da-  
lida sua molher, z diz.

Sãsam.

**O** forças tam estremadas  
que s̄ vos, que vos roubou  
em poder de tesouradas  
vos vistes vituperadas  
eu nam sey quem ho causou  
com a sam

z tormento z prisam  
seneceram feytos meus  
em poder de filisteus  
morri eu tuiste Sãsam

**A**legria sem prazeres  
mundo te posso chamar  
q̄sam tantos teus poderes  
que das saber as mo'heres  
pera os homẽs enganar

**O** morada

de enganos nada priuada  
chea de grum monumento  
folba que reuolue ovento  
com qual quer baso virada  
ves aqui quã mal vingada  
foile de minha prisam  
que amceda an pagada  
apagaste bem dobrada  
que era de satis façam

**O** sem ley

sempre deti clamarey  
pois tam mal galardoados  
de ty fuy sem ser culpado  
continote a cularey  
**L**beguemos veras o fim  
da maldade que fizeste,  
chegate z vem aqui  
a juizo eu z ty,  
pois tu assi o quiseste,

Dalida

**A** senhor

que jamais merecedor  
me foite ven:orte tal  
mas eu como de se al  
cometti tal do honor.

**D**iz Sãsam a juizo

Eu sam a quelle encurtado  
z nam ja senhor de dias  
ante vos apresentado  
por que sois justificado  
z verdadeyro **A**berias  
**A**bejulgay  
z aminha morte vingay  
pois vos disseis senhor  
que o que fosse matador

oo **A**erías ,oo **A**doray,  
Justifica peço z rezam  
della pois tam desleal  
me cometeo tal treycam  
z as forças z perfeicam  
me vêdeo contrereyam tal,  
**A**qui eita a  
vejamos que escusa da  
da maldade cometida  
compruarme assi da vida  
c. mo senbor sabeis ja  
dal. **B**em confesso ser assi  
mas nam'a de tal feycão  
que diga o vendi  
z agora vesme quy  
emo teu poder **S**am sam,  
**S**ometida  
emti ponbo minba vida  
faze della teu mandado  
agora tu m'furado  
te mostra a mym vencida.

**C**hrusto.

**N**e por força muy forçado  
que as minbas escripturas  
emo termo lemitdo  
me mostre justificado  
pera todas as criaturas.

**T**u yras  
ao inferno z pagaras  
a maldade que fizeste  
pois teu n. ando vendeste  
serua es de **S**atanas.

**I**uci. **S**atan correpega della  
lança l'hepr. sto o colar  
y de filhoda cadela  
manday me presto cozella

quero della jantar  
**T**aymosino  
fa: cma cozer centino  
em enxo fre z tre n. certina,  
alcatram, breu, z rezina,  
dailhe tormento maligno,  
far. **E**u senbor a leua: cy  
logo onde vos mandais  
z a cozer alancarey

da. aydemy, ay que farey,  
que penas tam difiguas,  
**D**o esquiva

quem antes nam fora viua  
triste mal a venturada  
pera que fui eugerada,  
nos infernos sam catius

**S**atanas.

**P**era que he esse gritar  
com tantos gritos tã fortes  
ca'te nam queyras bradar  
pera que la as de passar  
por mil extremos de morte  
**T**redora

mas mo'her enganadora  
que vendeste por dinheyro  
teulcal companheyro  
z l'he foite maredora

**A**qui a teu maço inferr. o, z  
diz **S**am sam auyzo.

**J**usto rey justificado  
rey dos noíses corações  
rey eterno enuiado  
pera ser ius o charrado.

justo aneílos galardões  
**R**ey ontade  
aue de my picdade

**E**l vij

ay de my pequeno Abel  
Do quem podera tornar  
a viuer, si quer hũ anno  
pera do mundo gozar  
tam bẽ pera me em mēdar  
senelle fyx algum dano  
Que seira  
bo meu sangue clamara  
em iuzo, pois amym  
mitaste cuel Caym  
Lucifer teacusara  
lar. Quem sã estes que cá vẽ  
tam despaco z de vagar  
que tam gram debate tem.  
iu.oo Caym venhais cõbcm  
meu vassalo singular  
Abil prazeres  
vos farey cõ bõs tangeres  
como voisso que eu sam  
afferra delle Satam  
venham caldeyrão culberes  
Orsus leualo logo  
nã aguardeis mais cõ elle  
daylbe la muyto bom logo  
em esse muy brauo fogo  
fazeylhe sayrapelle.  
Rija mente  
leualo logo em quente  
z daylbe boa poufada  
a cozinha despejada  
z botayo em pez feruente,  
Caym.  
Do Anjo que tẽs poder  
contra estes enẽmigos  
seati agora a prouuer  
beni me podes tu valer

z liurar destes perigos  
Ay ay ay  
au. Caym tu co me'les vay  
que seja seu es de rezam.  
vante la. caim.oo, se'hor, não  
mas agora me ajuday  
an. Eu nam te posso liurar  
por neuhã via nem geyto  
cai. nam me posso eu saluar  
an. has de bir sem ouuidar  
por peccados q tẽs feyto  
cai. Ay demí.  
amargo de mí, Caym  
que farey atais tormentos  
tam cruẽs de sentimen tos  
amargo por que nasci  
Do quem nam fora nascido  
ou se quer fora animal  
maldito seja z perdido  
bum lugar entristicido  
fundara de tanto mal,  
Que farey  
maldito ond me yrey  
que folgança posso auer  
maldito posso dizer  
odia em que me gery.  
Abel a iuzo.  
O se'hor quam incurtados  
z cõ quam triste discordia  
os meus dias mal logrados  
z tam sem rezam talhados,  
auery vos misericordia  
Que aatreycam  
empoder de meu yrho  
fenei cu sem peccado,  
ficou orfão o meugado

de my seo emperdicam.  
En certo muyto quisera  
viuer ainda alguns dias  
z que a hũa fenecera  
minha flor, mas que viuers  
gozando milia legrias  
E tua ferre  
oo ma empregada morte  
chea de tanta maldade  
ninha florecente ydade  
em flor he fi este coze,

**Christo.**

Tua muyta paciencia  
que Abel de mostras  
z tua gram innocencia  
conuente minha potencia  
de ty piedade suer  
Bzaras  
da minha gloria seras  
dentro nella apouentado  
onde muyto a teu grado  
descançado viures  
Com muyta celeytacam  
veras a vida que leuam  
os justos que la estam  
z veras teu padre Adam  
z tambem tua madre Eva  
sem temor

**Abel.**

Milgracaste dou senhor  
da qui sempre te darey  
z a ty adorarey  
por meu proprio senhor  
**Lucifer.**  
Abel beijo vossa mão  
quereis vostambem figuir

meu mandado z rezam  
como Cain vosso yrnão  
cu vos mandarey leruir  
**Dzabem**  
vos por modo nem de idem  
pedestes scabar de crer  
que tambem aueis dir ver  
meu fruir que modotê.

**Abel a nessa Senhora**  
**O** gloriosa senhora  
contra a tentada doz,  
meualcy equi agora  
fede minha rogadora  
que sam misero peccador

Pois aqui  
me loconey vos amy,  
em este transericofo  
tam afrito z medroso  
que nam sey por que nasce  
f. m. Abel nã quey se temer  
agora effa a esforce do  
que eu te espero z esender  
z por ti entecerder  
ante meu filio segrado  
**Uayte dy**  
cnc migo ante my.  
aa tua treua eicura  
cnde viues cmtu stura  
z apaitate lego da cui  
lem minha dilacam  
a vos Anjo sam Miguel  
q mo entreguis se pnao  
z olcueie pola mão  
z este pequerio Abel  
**Partiras**  
z lego ho entrzgaras

**A vj**

dacidade **D**azemoz  
maldita seja a morte  
que matou tal laurador.

Fala.

**N**am sey se ha demandas ca  
pera onde eu vou agora  
nego creio que auera,  
nunca homem acaba ja  
com ellas tam soo hũa ora  
**Ay** barom

pois eu sam hũ de mandão  
que dellas sempre vsey  
em demandas mecriey  
que sey mais q̃ hum citom

**A**s porem he forte dor  
que nego nam he por ser  
z nam pode ser mayor  
que a vida do laurador  
que sempre tem q̃ falquer

**E** entam

todos me chamão vilam  
z presumem de senhores  
se não fossem os lauradores  
elles nam tiram pam,

**Q**ue os eu dou pera seus  
ay barom, a rematados  
citra lobos farsus

por que todos os b̃es meus  
forom por per a lançados  
**S**oo por elles

ma dooz de salte nas pelles  
z ogorgulho non azeiro  
sempre auera de ter poleyro  
nam te nam pera elles.

luci. Vilam venhais erama  
pera vcs que ja tardaes

alto ṽinde pera ca.

vil. Bem que rrangeis vos las  
ou nego com quem falais  
luci. **Q**uerizam.

falo com vosco vilam  
ṽindese me ouuis agora  
ora ṽinde na maa ora

vil. guarday la o meu quinhão

**E** tu es mal femabado  
z teês nego ruim presença  
ja te eu vi ser pintado  
nas ygrejas figurado  
que es pior que pestiença  
bosa mais

luci. vilam z vos alargais  
z falais quãto quereis  
z vos nam me conbeceris  
juro que amão me venha's

vil nam ajas tu disso medo  
nem no olho to vera  
requeyrote que estis quedo

luci guay se eu te acolho ca

vil. **O**ra em fim

ficato: a pera roum  
por que tu nego ho es  
en tetrilharey cospres.

luc. vilam olhay pera my

vil. mantenha docos acôpanha  
toda junta como see  
fan tamaria d'ranha  
bemaquella tartarinha  
pera que he com tal guine.

x̃po que queras

vil. quera por todas as vias  
no parayso morar,  
z fela ba que laurar

laurarey cu noytes. z dias  
Por que ja ouus vider  
muytas vezes ao abade  
que auita que que comer  
z assi tam bem que falquer  
que não dauã pam em balde  
xpo. tu erraste

z ao reues tomaste  
quãto o elertigo di: ia  
vil. z se o eu nam entendia  
luci pois vilam ja hi peccaste  
vil. requerote que te vas dy  
tu queres me enganar  
nãmba ella de ser assi  
que eu sey tanto como ty  
queres te tu la afastar.

lu. Que pregar  
pera que queres gastar  
comigo tempo em vã  
nam sabes kyrie eleyson  
nem nunca ho vister zar.  
Uem ca dizimo a qui  
dirtey se ho sabes bem  
ja tu as medo de my.  
vil. Que o sey milhor que ty  
aposta tu hum de cem  
Uos dum cabram  
focinho cara de can  
z duchoza em que peques  
pater noster qui es in celis  
regnũ iuum, kyrie eleison  
Azueias valentes tuas  
ficot dincelo amen  
dobita que mostras as tuas  
jans vicero as gentes suas  
dãdo lbe pãc qellas não tẽ

cadadia  
hey varam Aue maria  
gracas q tẽ muitos frutos  
do minestea condy:tos  
sem elles nunca comia  
Creo ora em Deos padre  
sobio aos ceos z a terra  
z veyrou ca n: eu compadre  
junto com minha comadre  
de core sempre em gue. ra  
Criador

do milho do laurador  
para sempre podroso  
creo nelle quanto posso  
pois be tam forte! enbor  
E morreo morte de tratos  
muy forte mente acoutado  
arrenego de Pilatos  
z tambẽ dos maos çapatos  
z tudola va emburilbado  
Nam he por ser  
quengo sob seu poder  
padeceo frio de inuernos  
samicas foy aos infernos  
que nam tinha que falquer  
Adam z Eva tirou  
que em forte e fogos ardiã  
os diabretes marou  
z por que es la chimpou  
elles bem lho mereciam.  
Onde see  
nos ceos digo abofee  
z nos mandara matar  
z com gloris julgar  
ay barom olgo he he  
E vos samicas curdaís

que nam sabia eu rezar  
pois ainda eu ley mais.  
lu. **B**hū vilam z voserrais  
comigo auais de morar.

Unde em bora.

vi. **S**amitas orama ora  
nella ainda pera ty  
nam fera yfso assi  
como tu rezas agoza.  
Nam fera essa ha verdade  
eu tu mentes com falsa,  
por que la bonosso abade  
nam rezava elle em balde  
z cada sempre dizia.

**E** pre zava

z sempre nos a penava  
cada hum nhūa cinquenta  
sas vezes boa dezena  
que nenbūa nam quitava

xpo. **T**u pecaste neciamente  
entendias ao reues  
por tu seres negligente  
z nam vias de prudente  
de Saram jas raues

**Q**arte la

lu cuics tu. vii. ouço erama  
befa pardeos nam yrey  
xpo. tu es seu vii. cunā q̄rerey  
nam me acoibera eſte las  
bempor que yria eu la ter  
pardeos eſta be ora boa  
na. nter cu la que falquer  
z mandarem me viuer  
com tam ciuel roym pelloa

**C**hristo.

**C**om direyto

tu es seu de qual quer geyto  
vay que late abugaram

vii. nam me quadra essa rez. m  
pera ma. vay este feyto.

lu. **S**atanaas que fazes la  
vem, vem, correndo aſinba  
correndo vem logo ca  
oues tu corre vem ja  
deſpeja hem acozunba

**U**em ladram

leua la este yllam  
nam querees senam tardar  
vem z fazem. o suar  
cozemo em al catram

la **D**ia vem com negra dooz  
anda que eu te leuarey  
triste de ti peccador  
mal fac'ado lanrador.

vii. **L**exay me q̄ auallarey

**O**y oy oy,

lat. ja me vos falats francoy  
nam no fabais mastigar  
assi me auais de falar  
cue volo direy demoy

vii. **A**a valia, aque delrey  
com a questa carantonba  
bo demo que a eu dey  
aa valia, que farey  
doujora o demo apeconba  
**A**y ay ay

oula. como assi. lbe vay  
minba nãay que nãarpela  
samitas erama nella  
estay erama estay.

**E**nõ ha aqui quadristbeito  
pera eſtes la comardos



do u ao decho o lagarteiro  
fa. E ho vilam he tencoeyro  
tu pois tâgrãdes brãdos  
Abil pan çadas  
tedarey bem pespegadas  
ba vllão qãlli estas ancho  
vil. Digo qã redets ho gãcho  
nã me pegueis nas qyxadas  
Aqui ho eua ao in.erno: z  
tange o Serafim

se. Ora vinde receber  
galardam do que fizestes  
in.erno, gloria, eu prazer  
vinde todos julgados ser  
ora vinde mortaes prestes,  
Laminbay

a juyzo vos chegay  
onde vereis a hitmores  
ora vinde peccadores  
em balança vos pesay.  
Entra hũ, Tabaliam, z diz  
Lucifer,

Que diz la ho Tabaliam  
meu vassallo z seruidor  
muyto famoso trubam.

ab. Vos mentis pera cabram

lu. Ho, vos sois sem labor  
Dessa via  
vos his vos aa correyrã  
nam sois vos bom coxezã  
ta. mas antes sou muy loução  
por minha galantaria  
E poreindarna verdade  
nam chamo eu ysto zombar  
lu. z vos trazets grauidade  
pois da me a myna vôtade

que ca ha ella de quebrar  
ta. Mas meu paço

nã he essa acouta q eu faço  
o oiabo esta gracioso  
lu. mas o bultrão vã gostoso  
pois ja tu estas no laço  
que tuas bultra z prozadas  
eu as tenbo ca escritas  
em o meu liuro assentadas  
z todas bem alegadas  
que nam ha hi contra dita  
ta. Por que nam

lu. cuy dauets tabaliam  
que era algum paruo eu  
ta. andar dhy para fãdeu  
lu. andar dhy para ladram.

Uem cem furia inmolesfo  
como que não conhecemos  
que seu pay vindia celloa  
pois tãbem nos ca sabe mos  
escrueu z de pois desto.

E dar penadas  
antre unhas z riscadas  
fazer do torto dhy, to  
z escornar quel quer feyto  
z fãdalo das mas fãdas.

E onde dizta, vy  
em deuassa aelle dada  
nam punha sengim, ouuy  
z eu soão que o escrueu,  
do custume disse nada

Moborrado  
la polo senhor riscado,  
dizia com grauidade  
filho por fa er verdade,  
deos o sabe mal peccado,

Por peitas de laurado: es  
galinhas, patos, capões,  
cada dia os peccadores  
eram hy seus corretores  
e tu confalças rezões  
Lhes mentias  
verdade nunca dizias  
se nam tornay cada poeis  
e elles vendiam os bois  
por tuas galizarias,  
Gay muy a zinha Satam,  
e entra prestes por esse  
ratinho ciuel vilam  
vira ver este escriuam  
e vera se o conhece,  
Gay correndo  
e tu estaste derendo  
fidiputa malhadeyro  
faze, o que estou dizendo

Gay Satanas ao inferno  
e tras o vilam as costas,  
e diz, Lucifer.

luci. Este he o teu cõpetidor  
gslante que nam tempreço  
conhece o leura dor  
fala nam ajas temor

vi. He o demõ se ho conheço  
Ven sũa  
dõija o demõ delle a vinda  
que vem elle ca buscar  
sey que vem tabulizar  
qê me deu perda mũa  
E sete annos me trouguee le  
nũa de manda metido  
que dor lhe falte na pelle

maa trama q̃ o arrepelle  
que assi me elletem moydo  
Cada hora

dizia me venhais em hora  
aifonso de burriam  
ho vencimento hena mão  
deixay me com a parola  
Assi que da questa sorte  
des fiz eu meu poleyro  
e como me hũ bacorete  
da casta ruyua momote  
que o eu dou para raseyro  
Reuoluco

tanto a tas que me roceo,  
e deu comigo por portas,  
entam souiome as botas  
desque vio que me perdeo  
La pagareis vos o pato  
se a dergardes de vir  
faruos hão comer barato

luci. para ho seu falso a parato  
era bom yfso fingir  
taba. O vilam

ciuel sem ter discricam  
tês me aqui injuriado  
hum homẽ de meu estado,  
vil. estado com o que lhe dam

luci. Ora vinde e vereis  
ho meu paço e varandas  
e tambem escreuereis  
e minhas notas tereis  
por q̃ tenho eu ca de mãas

tab. Que fallar  
paruo se deue chamar  
o que faz teu mandado  
vos do imperro orrengado

oufais aby de paltrar  
E porem quem vos tiuera  
donde diz meu coraçam  
parestas queu vos fizera  
que a fantezia viera  
cayraime na questa mão  
Abas contudo  
por agora farmey mudo  
pois que nam vejo a minha  
porem se eu fora a diuinha  
eu trouxera forte escudo

**C**hega bo Labaliam  
ao Furzo e diz.

**C**hego aqui tã cansado  
que dizrlho nam coru: m.  
dêntemoz grande cercado  
junta mente anojado  
por hús feytos que deixey  
Por concertar  
que os dey atresladar  
em que estauã mil ricasas  
as partes entrelinhadas  
que he amy pena sem par  
Luzido.

**C**ayte mal aueaturado  
do pad. e celestial,  
injusto cruelo anado  
pois estas sentenciado  
a a quelle fogo infernal.  
Roubador  
da justiça usurpador  
vayte daqui q eu te mã lo  
onde viuras penando  
com muytos prantos e dor  
Uayte que eu te mando yr  
vãte: lies; justo e p. este mête

e late véras carpir.

lu. **E** Que aião auéis de vir  
eo q sego o meuão quente  
fucinhndo  
manda a parelhar bêtudo  
alem ô grandes fugueyras  
a quenta gielhas caldeyras  
vay a fnda cabeçudo.

taba. **E**o triste de my perdido  
para sempre condenado  
oo n. undo de my querido  
fuy de ti favorecido  
e ca sou dessem parado  
Eu cuidaua

que os males q ord. nana  
nam eram ta mpeçanhêtos  
peioe quaeos tãos tormêtos  
meu destino me ordenaua

luci **E**ra. susculalo la,  
ay ja grellias ao uime  
fara. Zaba may to que as ha  
luci. a fliora hem esta  
darlhe comãchũ de gume  
Engoalo

interio e nam partilo  
e nam the fcais esgares  
fzeill e mil pezares  
per justiça e meu estillo  
fara. anda ca nosso irmão  
nosso a mago singular  
este teu fresco caram  
veras como to poram  
em v uo fogo atoirar

taba. **A**bal fadado  
triste mal aueaturado  
mundo triste em ganador

aqui me vieste por  
por galardam do passado  
**Q** Tunge o Serafim z entra  
o carniceiro z diz Lucifer  
Do mogarefeseñhoz  
como vai la abalanca  
oy chandões quelhẽ por  
carniceiro de pumer  
namaua la mananca  
Carniceiro.

Siaua  
mas quando matar quiria  
qẽstaua desposto z forte,  
de unie dor z foy de morte  
ficou la a carniceira

Lucifer  
Uinde ca gesta poufada  
ondetenho a mercadoria  
de vos tanto de sejada  
faço pesos z machada  
com folk que afouia

Ora entray  
z dessa carne talhay  
que la achardeñ pera vos,  
z do lombo pera nos  
ja sabeis onde ysto vay

**Q** Ueremos como pesais  
folgarey bem de vós ver  
dessa manhas de q̃ vsais  
pera ver se me enganais  
contodo vosso saber,

Zantaremo z  
ent vós folgaremos  
cõ lombos tenros suzeis  
desses que vos la furtaveis  
tã benos ca quimbã teimos

car. **Q** Eu creio q̃ vos zõbais,  
comigo aquy estando  
porem vos bem a pontais  
luci. Carniceyro vos estais  
escripto nos do meu bando  
car. Vos aboa

eu tenho ordẽs z coroa  
z aninguem medo ey  
se algũa ccusa furtey  
a balança era apessoa  
luci. Ora sus sus entray logo  
vos vundes praticador  
pois ca eita o meu fogo  
q̃ vos tẽ armado bũ jogo  
do qual fostes ganbador  
fata. Anda vem

car. oo pesar de santarem  
z com quem em tal se vio  
oo puta que vos pario  
que ella assi cortes vos tẽ  
Ficai nos muito cramaa  
por vosso merecimento  
quereis acolher la

fata. ora tu tornaras ca  
que sabe que vas de vento  
xpo. Redempçam

em ti nam bã mao chritão  
pois alucifer seruisse  
nada nam restituiste  
dig io es de perdicam  
pera sempre condenado  
em as penas infernaes  
em seus liuros assentado  
pois nunca justificado  
temostraste e feitos taes  
E bradando

os pobres por ti chamando  
dando piadosos gritos  
tu acudias aos ricos  
os pobres desemparrando  
luci Sempre niso se fundava  
este gentil caualleiro  
que quando carne talhaua  
os janbóis aos pobres dava  
z o jarrete ao escudeiro  
Ora andar  
pois se falono pesar  
esta he outra a dicam  
que o seu dedo polegar  
o condenou a ladram  
Satam corre vai a lli  
anda agora muy ligero  
traze aquelle carniceiro  
z venha logo aqui  
vay con elle lagarteiro

### Satanas

Vem veras  
o p: co de satanas  
z aboca do cam ferueyro  
onde muy cruel marteiro  
z triste pena aueras  
car. Onde me queis leuar  
nam pegueis assi de my

### Satanas

Leuote acozinhar  
adonde bas de passar  
tormentos q̄ não tem fim  
car. Do mundo  
cheo de enganos sem fundo  
quanto trabalha por ti  
z agora ves aqui  
pelo teu vou ao profundo

Todos pers my olhay  
z vercis on le vouter  
tristes mortais accorday  
o mundo triste deixay  
z seu iniquo viver.

sata. Bem relatas

mas nam atas nem desatas  
peis a inda não sentes dor,  
que faras quando te eu for  
leuar jaas infernaes matas

¶ Leuã carniceiro ao inferno  
z tange o Serafim, z entra  
humã regateyra z diz  
Regateyra.

Ora eu vou em caminhada  
ha alta glorio diuinal  
por que era confrada  
z tenho por suegada  
sempre sancta Latherina  
De moneira

que cada segunda feyra  
de my era visitada  
candea z pão offertava  
com sua offerta inteyra  
De acões z romarias  
nunca ja mais acabava  
a poder de Auc Abanas  
os seus sacros treze dias  
cada anno jejuava

¶ Peis clamar  
em prociões z andar  
sempre eu era adianteyra  
luci. que diz la a regateyra  
rega. que te venha maopeler  
luci. vos truzcis epinices  
z sobei ba tam inteyra

rega. Olha y vos dize as rezões  
luci. Também es vendê caçõ es  
como vos lanaribeira

Que dizeis

rega. Digo que me ensinareis  
luci. Trazei ca postas darr.ias  
z cantaremos as mapas

ea z vos ja me entendeis

rega. Liurenos deos d. z q si  
peccador que se a fogou  
luci. Do que go. taso anextim.

eu sey valcontio z latin

rega. latin que volo en inou  
luci. Que pregar

z galante perguntar

pe a quem he peiro velho,

ve, o muy maõ u parelho

a vosso dissimular

Regateira.

Do mas doares q te apertê

para filho do ladram

negras fadas que te acertê

Satanas.

Estas deuotas come em

o demõ z a chatoão

Hois cairas

onê despois mediras

que te acharas saltada,

por que nam tardes lanada

rega. hay nũca tu illo veras

Uise quizo.

rega. Op adolo Jesu.

t. custodio Anjo bento

agora me tira tu

deite falso Belzebu

z des. u fere tormento

f. Abi. nam curdaste

da morte nam te lembraste

do temeroso juizo,

mas centeu pouco auiso

o proue pouo roubaste,

z pois o m mado se uilte

semde Deos feres lebrada

tem nada restituiste.

e. f. tua alma triste

est ja sentenciada.

Mos infernos

espra em seus cadernos

pois doz d Deos teriscate

com Lucifer concertaste

para seu z fogos eternos

fara. vinde ca nossa parceira

z das furias infernais

vinde a nossa ribeira

que ca fereis regateira

de choros tristes z ays

rega. crua forte

o quem cuidara na morte,

nunca mais se perdera

por que se eu assi fizera

tuera sancto de porte

mas nam vala arrepender

despois da vida passada

eu ja mais nunca quis crer

na morte, cuidei viuer

z achei me saltada

fara. Queres vir

deixa agora decarpir

que la tês tãtos que brãtos

e spantos, z nojos tantoa

que nam possas mais rustir

Aqui a eu ão ao inferno z en-  
tra João luis molleyro cõ hũ  
folle aas costas, ou bum sacõ  
z diz.

Molleyro.

Arrenego da moagem,  
trabalho he ser moleyro  
z agora nesta viagem  
tomey o demo por pajem  
foime mui bõ cõpanheiro  
luci. Bem que diz  
o meu senhor João luis  
z vos de que vos queixais  
o que erama venhais  
dum franganito petis  
mo. mas meteia vos no coo  
z se ja pera vos toda  
sem apartir pelo meo  
vistes cõ que elle veõ  
tomay q̃ vos vem da beda  
luci. O gostofo  
ladram cara de raposo  
tamanho como ninguem  
a sobeiba cõ que vem  
o pilrote reuoltofo  
ora vinde vilanzinho  
ora entray meu coraçam  
vinde ver o n. eu muiinho,  
olhai que negro focinho  
entam diz que he de mgrã  
Que a legrias  
viude que tenbo maquias  
vos he tendes boa mão  
ora sus anday bultram  
ao coindre das bultrarias  
mo. vosso patorto marri. elo

soube da chaque dexinha  
luci. mas tu vas gostofo bello  
peneirauus a farinha  
z trazias o facello

Aba's fazias

palha no sacõ muiias  
entre voltas na farinha  
peccador de que ão tinha  
mais da quillo que n. oias  
mo. mentis vos q̃ nã furtava  
a tentay como fallais  
hãa soo vez maquiava  
aas re. es duas q̃ errava  
minha molter peccou mais  
luci. Que mentira  
ladraõ se to eu nam vira  
que te ajudava a furtar  
z os sacõs acatcar  
de te z eos la suo ira  
vilão cõ o que furtavas  
pagauas o senhorio,  
tua casa sustentavas  
em meu seruiço andavas  
por chuua calma z frio

Molleyro.

Babao  
negras fadas, anno mao  
medraras pera foinero  
luci vinde ca ladram moleiro  
bauels de passar o vaõ

Molleyro ao juizõ.

A meu senhor eu morri jaã  
z morri con gram pefar  
z deixei todo meu la  
luci olhai arejam que da  
nunca se quis confessar

Nem te ficou  
o senbor quando se finou.  
nem soube Kyrie eleylam  
sabio no mudo mor ladrã.  
que ja nunca se emendou.  
mo. o pardeoa que elle mente  
pera que he isso tambem  
luci. fide puta negligente  
torpe z deroim se mente  
z vos desmentis ninguem  
xpo. Grampaixão  
tenho pois que redêpeam  
em ti namba peccador  
sendo eu teu remidor  
nam vstaste de chãstã  
roubaste todas as gentes  
encobrias muyto mal  
dos proximos z parentes  
pera os fogos ardentes  
te in ando vaite infernal.

Lucifer.

A si a si  
oo moleiro guay de ti  
z venhas muytierama  
mo. pera vos rapaya la,  
luci. Satanas pilhao aly  
sata. ora vinde refalsado  
sois vos do casal de pedro  
vinde ca bulirão prouado  
mo. vaite dhi questas errado  
sata. oo vos sois o pego negro  
Bem estais  
oo que erama venhais  
ja vos eu nam conheca  
mo. doujo demo v castia  
sata. z ja vos vos agastais

ast vos ey da pãubar  
aos hombros como saco  
z ao inferno vos leuar  
tem viuo pez vos deitar  
por que sois hu grã velha co  
mo. Aa valia:

sata. este vilam a ssoia  
o bai como he fraco z mo'e  
mo. nã me arrebeteis o foile,  
dou o de mo acompãhia  
Eudigouos que me solteis  
que bem me saberei tr  
Satanas.

Pois que vos assi quereis  
aguarda ora z vereis.  
mo. ay que me deixou cair  
sata. sus erguer  
z vos deixais vos cair  
o vilam he em perrado  
mo. ay que me tem derredo  
nam me posso reuoluer  
sata. Anda que eu te curarey  
combõs fisicos reaes  
no inferno te porey  
mo. Aa valia a que deirey  
atentay que me arrastais  
nam ey eu asai de andar

Satanas

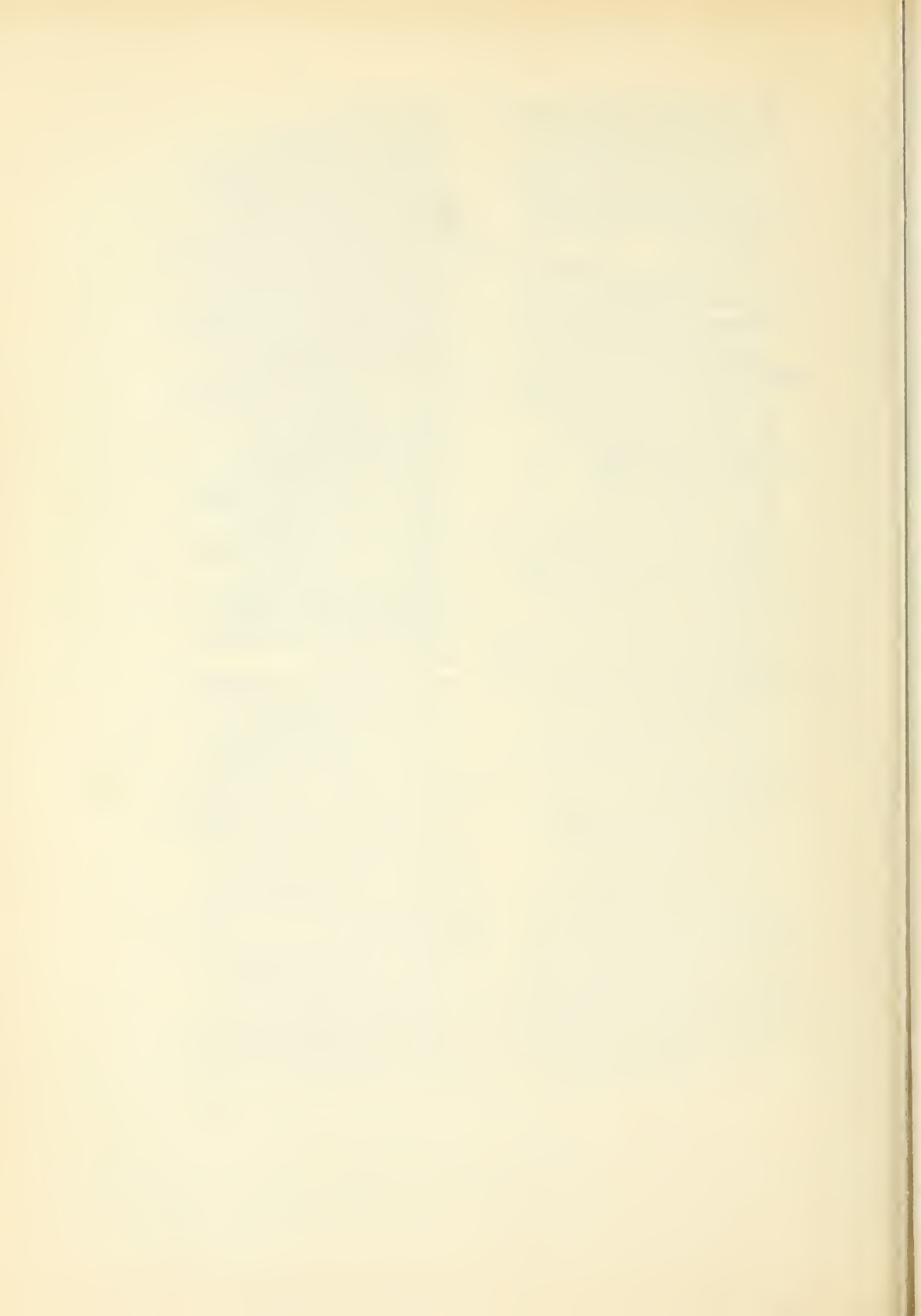
Comonisto ey de star  
cum fi: i puta ladrã  
vem por elle aqui Lurcão  
leua la a cosinbar

Aqui leua o moleiro ao in-  
ferno, que sera aderradeira fi-  
gura que a quiteira z diz  
Christo.



**C**ha os bem auenturados  
viueram vida folgada  
pera sempre aposentados  
nos altos choros sagrados  
da Trindade sublimada  
Viuiram  
dende nunca morreram  
gozando de mil primores,  
e a my cem mil lououres  
de continuo a doraram  
luci. Aqui nam a mais q' auisar  
quanto ao meu parecer  
sera bem de caminhar  
e fazer logo lancar  
esses tristes a co'fer  
Sus tal via  
tusafam em companhia  
nao aguarde hu momento  
para polo ar em vento  
e desatar a copia  
aos mesquiños peccadores  
que la tenho em priam  
e dalhe penas e doras  
e de continuo mayres  
sem auer velles patram  
Gaytã deu  
e este triste reyno in:cu  
cheo de dor e tristura  
e penosa treua escura  
derrete por elle breu.  
Sentença de Chr:sto.  
**C**He malauenturados  
sem bhãa redença  
de meu pay maliquados  
pera sempre condenados  
com ho rey da perdiçam

**C**herubins  
arconjos e serafins  
cantay gloria sublimada  
e a minha madre sagrada  
inuocay semterdesino  
**C**Dirã deus anjos cantando  
Gozay bem auenturados  
da gloria que merecestes  
gozareis de ricos prados  
e delirios prantados  
pollas obras que fizestes.  
Nam temais  
que no parayso estais  
o lhay se o mereceis  
vos outros que ca ficais.  
Fazez polo alcançar  
em quanto tendes poder  
viaçca de bem obrar  
que quando vier julgar  
o possais bem merecer.  
Cuiday bem  
nestemundo que fim tem,  
e no juzo hum hora  
a virgem no'ra Senhora  
rogue por todos. Amen.  
xpo. **C**Quia todo peccador  
por quem minha alma pu  
uiu a congaca e amor,  
e viuendo de' louuor  
a quem vos remio na cruz  
E cantando  
gloria sempre mentando  
e o meu nome em mortal,  
sus o gloria diuinal  
q'õs adreme esta esperãdo  
Fimis.



# Auto de Ines Pereira.

Escudeyro.

Ines pereyra.

Lianoz vaz.

Mãe.



Feyto por Sil Vicente, representado ao muyto alto, e muy poderoso Rey dom Joam o terceyro no seu conuento de Tomar: Era do senhor de **AD. D. xiiij.** O seu argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leue, que cavallo que me derrube. As figuras sam as seguintes. Ines pereyra, sua mãe, Lianoz vaz, Pero marquez, dous Judeus, hum chamado Latam, e outro Vidal hum Escudeyro, com hum seu Adogo, hum Ermitam.

**E**ntra logo Ines pereyra, e finge que esta laurando soa em casa, e canta esta cantiga.

Lanta Ines.

- ¶ Que cõ veros pena y muere  
q̃ bara quando no os viere.  
Galado.
- ¶ Renego deste laimar  
z do primeyro que o v sou,  
so diabo que o eu dou  
que tam maõ he daturar.  
Do Jesu que enfadamento  
z que rayua, z que tormêto,  
que cegueyza, z q̃ canseyza,  
eu ey de buscar maneyza  
dalgum outro auiamento.
- ¶ Loytada assi ey de star  
encerrada nesta casa,  
como panela sem asa,  
que sempre estaa n'ũ lugar.  
E assi bam de ser logrados  
dous dias amargurados  
que eu posso durar viua,  
z assi ey de star catiua  
em poder de deffidados,
- ¶ Antes o darey ao diabo  
q̃ laurar mais nem pontada,  
ja tenho a vida cansada  
de fazer sempre dhum cabo.  
Todas folgam z eu nam,  
todas vem, z todas vam  
onde querem, senam eu,  
huy que peccado he o meu  
ou que door de coraçam.
- ¶ Esta vida he mais q̃ morta,  
sam eu coruja ou curujo,  
ou sam algum caramujo  
q̃ nam fae senão aa porta.

E quando me dão algũ dia  
licença como a bugia  
que possa estar aa janella  
he ja mais que a Adadanella  
quando achou a aleluya

- ¶ Vem a mãy da ygreja, z não  
na achando laurando  
diz.
- ¶ Logo eu adeuinhey  
la na missa onde eu estaa  
como a minba Ines laurauz  
a tarefa que lbe eu dey.  
Acaba esse trauesseyro,  
huy naceote algum vnheyro  
ou cuydas que he dia sancto.
- In. Prazza a deos q̃ algũ q̃brato  
me tire de catiueyro  
Abãy.
- ¶ Toda tu estas aquella  
chorante os filbos por pão  
In. prouueise a deos q̃ ja he rezã  
de nam estar tam singela.  
Abãi. Olhade la o maõ pefar  
como queres tu casar  
com fama de preguiçosa,  
In. Mas eu mãy sam aguçosa,  
z vos daísvos de vagar.  
Abãy.
- ¶ Ora espera assi vejamos  
Ines. Quem ja viffe esse prazer  
Abãi. Calhe que podera ser  
q̃ ante pascoz ṽe os ramos.  
Nam te apresses tu Ines  
mayor he o anno q̃ o mes.  
quando te nam percatares

viram maridos a pares  
z filhos de tres em tres.  
¶ Ines. Queromora alevantar,  
folgo mais de falar nullo  
assi Deos me dee o parayso  
mil vezes que nam lauar.  
¶ Isto nam sey que o faz,  
Abay. Aqui vem Lianoz vaz  
¶ Ines. E ella vem se benzendo,  
Lianoz vaz.  
¶ Jesu que me eu encomendo,  
quanta cousa que se faz.

Abay.

¶ Lianoz vaz, que he isso?  
¶ Lia. Tenbo eu mana amarela?  
¶ Abai. Abai ruiua q̄ húa panela  
¶ Lia. Nam sey como tenbo siso,  
Jesu Jesu que farey  
nã sey se me va a el Rey,  
se me va ao Cardeal.  
¶ mã. E como tamanho he o mal  
¶ Lia. Tamanho eu to direy.  
¶ Clinha agora por aly  
oo redor da minha vinta,  
z hum clerigo mana minha  
pardeos lançou mão de mi.  
¶ Nam me podia valer,  
diz que aua de saber  
se era eu femea se macho:  
¶ mãy. Muy seria algũ mochacho  
que brincava por prazer.

Lianoz vaz.

¶ Si mochacho sobejava,  
era hum zote tamanhofo  
z eu andava no retouço  
tam rouco que nam falava:

Quando o vi pegar comigo  
q̄ me achey naquelle perigo,  
assoluerey, nam assolueras,  
tomarey, nam tomaras,  
Jesu homẽ que has contigo.  
¶ Irmaã eu te assoluerey  
co breulayro de Braga,  
que breulayro, ou que praga  
que nã quero aaque del Rey.  
Quando vio reuolta a voda  
foy z esfarrapoume toda  
o cabeçam da camisa,  
¶ Abai. Assi me fez dessa guisa  
outro no tempo da poda.  
¶ Eu cuidey que era jogo,  
z elle day o vos oo fogo  
tomonme tamanho riso  
riso em todo meu siso  
z elle deixoume logo.  
Lianoz vaz.

Si agora yeramas  
tam bem eu me ria ca  
das cousas que me dizia,  
chamauame luz do dia  
nunca teu olho veraa.  
¶ Se estiuera de maneyra  
sem ser rouca bradara eu  
mas logo o demo me deu  
cadarram z peytogeyra.  
Locegas, z cor de rry,  
z fraca pera fugir,  
z fraca pera vencer:  
porem pudeme valer  
sem me ninguem acudir.  
¶ O demo, z não pode al ser  
se meteo no corpo delle,  
A ij

**Adá.** Dara conhecia telle?

**Lia.** Adas queriame conhecer,

**Adá.** Distes vos tamanho mal

Lianoz vaz.

Eu me yrey ao Cardeal  
z farthey assi mesura,  
z contarly ey aa aventura  
que ach ey no meu oliual.

**Adá.**

¶ Nam estaas tu arranhada  
de te carpir, nas queyradas,

Lianoz vaz.

Eu tenho as vnhas cortadas  
z mas estou trosquiada,  
E mais pera que era yfso,  
z mais pera que he o fiso  
z mais no meo da requesta  
veo hum homê de bñia besta  
que em velo vi o parayso.

¶ E soltoume porque vñha  
bem contra sua vontade  
por: em a falar verdade,  
ja eu andaua cansadinha.

Nam me valia rogar  
nem me valia chamar,  
aaque de Vasco de foes,  
acudime como foes,  
z elle se nam pegar.

¶ Abais mansa Lianoz vaz  
assi Deos te faça sancta,  
trama te dee na garganta  
como isso assi se faz.

Ysto nam releua nada,  
tu nam ves que sam casada:

**Adá.** Deras lhe maora boa  
z morderalo na coroa,

**Lia.** Assi, fora escomungada.

¶ Nam lhe dera hum empuxão  
porque sou tam mauiosa  
que he cousa marauilhosa,  
z esta he a concrusam.

Leyremos isto, eu venho  
cô grande amor q̄ vos tenho  
porq̄ diz o exemplo antigo,  
que amiga z boni amigo  
mais aquenta q̄ o bõ lenho.

¶ Fnes estaa concertada  
pera casar com alguem.

**Adá.** Ategora com ninguem  
nam he ella embaraçada.

Lianoz vaz.

Em nome do Anjo bento  
eu vos trago hum casamêto  
filha, nam sey se vos praz:

**Fnes.** E quando Lianoz vaz?

**Lia.** Ja vos trago aulamento.

**Fnes.** Pereyra.

¶ Porem nam ey de casar  
senam com homem auísado,  
inda que pobre, z pelado,  
seja discreto em falar,  
que assi o tenho assentado.

**Li.** Eu vos trago hũ bõ marido  
rico, honrrado, conhecido,  
diz que em camisa vos quer:

**Fnes.** Primeyro eu ey de saber  
se he paruo se he sabido.

Lianoz vaz.

¶ Nesta carta que aqui vem  
pera vos filha damozes,  
veredes vos minhas flo. es  
a discriçam que elle tem.

**Ines.**

**Mostrayma ca, quero ver,  
Li. Tomay, z sabeys vos ler?  
Má. Huy, z ella sabe latin  
z gramateca, z alfaqui  
z sabe quanto ella quer.**

**¶ Lee Ines Pereyra a carta,  
a qual diz assi.**

**¶ Senhora amiga, Ines pereira  
Pero marquez vosso amigo  
que ora estou na nossa aldeia,  
mesmo na vossa mercea  
me encomendo, z mais digo.  
Digo que benza vos Deos  
que vos fez de tam bõ geyto  
boni prazer, z bom proueyto  
veja vossa mãy de vos.**

**¶ E de mi tambem assi,  
ainda que eu vos vy  
estoutro dia de folgar,  
z nam quisestes baylar  
nem cantar presente mi.**

**Ines.**

**Ma voda de seu auoo  
ou donde me vyo ora elle,  
Lianoz vaz, este he elle?**

**Li. Lede a carta sem doo  
q̃inda eu sam contente delle.**

**¶ Toma Ines Pereyra a pro-  
seguir com a carta.**

**¶ Nem cantar presente mi,  
pois Deos sabe a rebentinha  
que me fizestes entam,  
ora Ines, que ajais bençam,  
de vosso pay, z a minha  
que ventu ysto a concrusam.**

**¶ E rogouos como amiga  
que famicas vos fereis,  
que de parte me faleis,  
antes que outrê volo diga.**

**E se nam fiaes de mi,  
esteja vossa mãy aby,  
z Lianoz vaz de presente  
veremos se sois contente.  
que caseinos na boa ora.**

**Ines Pereyra.**

**¶ Desque nasci atee ago: a  
nam vi tal villam comeste,  
nem tanto fora de mão,**

**Li. Má queyras ser tá senhora  
casa filha que te preste  
nam percas a occasiam.**

**¶ Queres casar a prazer  
no tempo dagoza Ines,  
antes casa em que te pez  
que não he tẽpo descolder.  
Sempre eu ouni dizer  
ou seja sapo, ou sapinbo,  
ou marido, ou maridinbo,  
tenha o que ouuer mister  
este he o certo caminho.**

**Máy.**

**¶ Pardeos amiga, essa he ella  
mata o caualo de cela,  
z bo he o asno que me leua.**

**Li. Filha, no chãõ do couçe  
que nã poder andar choute,  
z mais quero que me adore,  
que quem faça com q̃ chore.  
chamaloeç. Ines. Si  
venha, z vejame a mi,  
quero ver quando me vir**

se perdera o presumir  
logo em chegando aquy.  
pera me fartar de ryz.

Abay.

¶ Loucate bem se vier,  
pois que pera casar anda:  
Ines. Essa he boa demanda  
cerimonias ha mister  
homem que tal carta mãda.  
Eu o estou ca pintando,  
sabeis may que eu adeuinbo  
deue ser hum vilanzinbo,  
eylo se vem penteando  
seraa com algum ancinho.

¶ Aquy vem Pero Marquez,  
vestido como filbo de laurador  
rico com hum gabão azul deita  
do ao hombro, cõ o capelo por  
diante, e vem dizendo.

¶ Homem q̄ vay onde eu vou  
nam se deue de correr,  
ria embora quem quiser,  
que eu em meu siso estou.  
Nam sey onde mora aqui  
olhay que me esquece a mi,  
eu creio que nesta rua,  
esta parreyra he sua,  
ja conheço que he aqui.

Chega Pero arquez a onde  
ellas estam, e diz.

¶ Digo que esteis muitẽbora,  
folguey ora de vir ca,  
eu vos escreui de la  
hũa cartinha, senhora.

Assi que, e de maneyra:

Mã. Tomai aquella cadeyza  
De. E que val aqui hũa destas?  
Ines. O Jesu q̄ jam das bestas,  
olhay aquella canseyra.

¶ Assentouse com as costas  
pera ellas, e diz.

¶ Eu cuydo que não estou bem  
Mã. Como vos chamã amigo  
De. Eu Pero marq̄z me digo  
como meu pzy que Deos tẽ.  
Faleceo perdoelhe Deos  
que fora bem escusado,  
e ficamos dous ereos  
perem meu he o morgado.

ma. o morgado he vosso estado  
isso vera dos ceos.

Pero Marquez.

¶ Baigado tenho eu ja quãto  
e o mor de todo o gado,  
digo mayor algum tanto,  
e desejo ser casado  
prougue se ao spiritu sancto  
com Ines, que eu me espãto  
quem me fez seu namorado.  
Parece moça de bem,  
e eu de bem er tambem,  
ora vos ide la vendo  
se lhe vemilhor ninguem  
a segundo o que eu entendo.

¶ Luido que lhe trago aqui  
peras da minha pereyra,  
ham de star na verradeyra  
tende ora Ines porbi,  
Ines. E isto ey de ter na mão,  
De. Deitay as peas no chão.



**Fnes.** As perlas perá enfiar,  
tres chocalhos, e hū nouclo,  
e as peas no capelo:  
E as peras onde estam.

**Pero Marquez.**

**¶** Nunca tal me aconteceu  
algun rapaz mas comeo,  
que as meti no capelo,  
e ficou aqui o nouelo,  
e o pentem nam se perdeu.

**¶** Pois trazias de boamente,

**Fnes.** Fresco vinha o presente,  
com folbinhas borrifadas,

**De.** Há quellas vinhã chêtadas  
ca no fundo no mais quete.

**¶** Vossa mãy foyse, ora bem  
foos nos deixou ella assi,  
canteu quero me yr daquy  
nã diga algũ demo algũe.

**Fnes.** E vos que auicéis de fazer  
nem ninguem q̃ ha de dizer  
o galante despejado,

**De.** Se eu fora ja casado,  
doutra arte auia de ser  
como homẽ de bom recado.

**Fnes Pereyra.**

**¶** Quam desuiado este estaa,  
todos andam por caçar  
suas demas, sem casar  
e este tomadeo la.

**De.** Vossa mãy he la no muro,

**Fn.** Minha mãy, eu vos seguro  
que ella venha ca dormir,

**De.** Pois senhora quero mir,  
antes que venha o escuro

**¶** Uira ca Lianoz vaz

veremos que lhe dizeis,  
**Fnes.** Homẽ nam apoziteis  
que nam quero, nem me praz  
yde casar a cascais,

**De.** Nam vos anojarey mais,  
inda que sayba estalar,  
e prometo nam casar  
atee que vos nam queyrais.

**¶** Estas vos sam ellas a vos  
anda homẽ a gastar calçado  
e quãdo cuida que he autado  
escarnefucham de vos.

**¶** Nam sey se fica la a pea  
pardeos bo hya eu a aldeas,  
senhora ca fica o fato,

**Fnes.** Olhay se o leuou o gato

**De.** Inda nam tendes candeas.

**¶** Donho per caso que algũe  
vem como eu vim agora,  
e vos acha soo a tal hora  
pareceu os que sera bem.  
Ficayuos ora com Deos  
farray a porta sobre vos  
com vossa candeazinha  
e siquizes sereis vos minha  
entonces veremos nos.

**Fnes Pereyra.**

**¶** Pessoa conheço eu,  
que leuara outro caminbo,  
casay la com hum vilãzinbo  
mais couarde q̃ hum judeu.  
Se fora outro homẽ agora  
e me topara a tal ora,  
estando assias escuras,  
falaramẽ mil doçuras  
ainda que mais nam fora.

A liij.

Vem a Mãy e diz.

¶ Pero Marquez foysse ja?  
Ines. Pera que era elle aqui,  
Mãy. Nam te agrada elle a ti?  
Ines. Classe muytierama.

Que sempre disse, e direy:  
mãy, eu me nam casarey  
senam com homem discreto,  
e assi volo prometo,  
ou antes o leyrarey.

¶ Que seja homem mal feyto,  
fco pobre, sem feçam,  
como tiuer descriçam,  
nã lhe quero mais proueyto.  
E sayba tanger viola,  
e coma eu pão, e cebola,  
siquer hũa cantiginha,  
discreto feyto em farinha,  
porque isto me degola.

Mãy.

¶ Sempre tu has de baylar  
e sempre elle ha de tanger,  
se nam tiueres que comer  
o tanger te ha de fartar.

Ines. Cada louco cõ sua teima,  
com hũa borda de boleyma  
e hũa vez dagoa fria,  
nam quero mais cada dia.

mãl. Como as vezes isso qyma

¶ E que he desses escudeyros?

Ines. Eu faley ontem ali  
que passaram por aqui  
os Judeus casamenteyros  
e bam de vyr logo aqui.

¶ Aqui entram os Judeus ca/  
samenteyros, chamados, hum

Latam, e o outro Uidal, e diz.  
Uidal.

¶ Ou de ca, quem esta la,  
Uí. Nome del deu aqui somos  
La. Mã sabeis quã lõe fomos,  
Uí. Corremos a yza maa.

¶ Este e eu. La. Eu e este,  
polla lama, e pollo poo,  
que era pera aver doo,  
com chuiua, sol, e flordeste,  
foy a coysa de maneyra  
tal friura, e tal cansera,  
q trago as tripas maçadas,  
assi me fadem boas fadas,  
q me saltou caganeyra.

¶ Pera vossa merce ver  
o que nos encomendou,  
La. O que nos encomendou,  
feraa se oyuer de ser,  
Todo este mundo he fadiga,  
vos dissestes filha amiga  
que vos buscasemos logo,  
Uí. E logo pusemos fogo,  
La. Calte. Uí. nã queres q diga  
nam sou eu tambem do jogo  
Latam.

¶ Nam fuy eu tambẽ contigo,  
tu e eu, nam somos eu,  
tu judeu, e eu judeu  
nã somos massa dum trigo.  
Uí. Si somos juro al deu.

Latam.

Deixame falar. Uí. Ja calo:  
Uí. Seubora, ha ja tres dias,  
La. Fala s lte tu, ou eu falo?

ora dize o que dizlas,  
que foste, que fomos, q̄ hias,  
buscalo, esgarauatalo.

Tidal.

¶ Vos amor quereis marido  
discreto, e de viola :

La. Esta moça nam he tola  
que quer casar por sentido.

Li. Judeu, queres me leyxar?

La. Deixo, não quero falar:

Li. buscamolo. la. ÷mo foi logo  
crede que o voffo rogo  
vencera o Tejo, e o mar.

¶ Eu cuydo que falo, e calo :  
calo eu agora, ou não?  
ou falo se vem a mão?  
nam digas que nam te falo.

Jnes.

Jesu, guardame ora Deos,  
nam falara hum de vos:  
ja queria saber isso.

Abay. Que fiso Jnes, que fiso  
tes debayto desses veos.

Jnes.

¶ Diz o exemplo da velha,  
o que nam aueis de comer  
deyxo a outrem meter.

Abay. Eu ná sey quẽ tacõselha.

Jnes. Em fim, q̄ novas trazeis?

Li. O marido que quereis  
de viola, e dessa sorte,  
nam no ha senam na corte,  
que ca não no achareis.

¶ Falamos a Badajoz,  
musico, discreto, solteyro,

este fora o verdadeyro,  
mas soltouse nos da nos.

Fomos a Uilla castim,  
e falounos em latim,  
vinde ca daqui a hũa hora  
e trazeime essa senhora.

Jnes. Tudo he nada em fim.

Tidal.

¶ Esperay, aguarday ora,  
soubemos obum escudeyro  
de feçam de atafoneyro,  
que viraa logo effora.

Que fala e comora fala,  
estrogira esta sala:  
e tange, e comora tange  
alcança quanto abrange,  
e se preza bem da gala.

¶ Uẽ o escudeyro cõ seu moço,  
q̄ lhe tras hũa viola, e diz  
falando soo.

¶ Se esta senhora he tal  
como os Judeus ma' gabarã  
certo os anjos a pintaram,  
e nam pode ser hial.

Diz que os olhos com q̄ via,  
erão de sancta Luzia:  
cabellos, da Adancla:  
se ella fosse donzella  
tudo effoutro passaria.

¶ Moça de villa seraa ella  
com sinalzinbo postico,  
e farnosa no toutico,  
como burra de Castella.  
Eu assi como chegar,  
cumpreme bem a tentar

A v

se he garrida, se he honesta,  
porque o milhor da festa  
he achar siso e calar.

**Abay.**

¶ Se este escudeyro ha de vyz,  
e he homem de discriçam,  
has te de por em feyçam,  
e falar pouco, e nam rir.  
E mais fnes nã muito olhar  
e muyto cham o menear,  
porq̃ te julguem por muda  
porque a moça sesuda  
he bũa perla pera amar.

**Escudeyro.**

¶ Olha ca Fernando, eu vou  
ver a com que ey de casar,  
uisate, que has de estar  
sem barrete onde eu estou.

**Do.** Como a rey, corpo de mi,  
muy bem vay yssõ alli,

**Esc.** E se cuspir polla vêtura,  
põelbe o pee, e faze medida:

**Do.** Ainda eu isso nam vy.

**Escudeyro.**

¶ E se me vires mintir  
gabandome de priuado,  
estaa tu dissimulado,  
ou sayte la fora a ryz.

Ysto te auiso daqui,  
fazeo por amor de mi

**Do.** Dorem senhor digo eu,  
que mao calçado he o meu  
pera estas vitas alli.

**Escudeyro.**

¶ Que farey, que o çapateyro

nam tem sollas, nẽ tem pelle,  
**Do.** Çapatos me darã elle  
se me vos desseis dinheyro.

**Esc.** Eu o auerey agora,  
e mais calças te prometo:

**Doço.**

Homem q̃ nã tẽ nem preto  
casa muyto na maa ora.

¶ Chega o escudeyro onde esta  
fnes pereyra, e aleuantão  
se todos, e fazem suas  
meduras, e diz ho

**Escudeyro.**

¶ Antes que mais diga agora,  
Deos vos salue, fresca rosa,  
e vos de por minha esposa,  
por molher, e por senhora.

Que bem vejo

nessa ar, nesse despejo,  
muy graciosa donzella:  
q̃ vos sois minha alma aquella  
que eu busco, e que desejo.

¶ Obrou bem a natureza  
em vos dar tal condiçam,  
que amais a discriçam  
muyto mais que a riqueza.  
Bem parece.

que soo discriçam merece  
gozar vossa fermosura,  
que he tal que de ventura  
outra tal nam se acontece.

¶ Senhora eu me contento,  
receberuos como estais,  
se vos, vos nã contentais,

o vosso contentamento  
pode falecer nomais.

**La.** Como fala

**Li.** Mas ella como se calla,  
tem atento o ouuido,

**La.** Este ha de ser seu marido  
segundo a coufa sabala.

**Escudeyro.**

**¶** Eu nam tenho mais de meu  
soamente ser comprador  
do Barichal meu senhor  
z sam escudeyro seu.

Sev bem ler

z muyto bem escreuer,  
z bom jogador de bola,  
z quanto a ranger viola,  
logo me ouuireis tanger.

**¶** Moço que estas la olhando,

**Mo.** Que manda vossa merce,

**Es.** q venhas ca. mo. pera que

**Esc.** Pera fazeres o q mando.

**Mo.** Logo vou,

o diabo me tomou  
tirarme de Joam montes,  
por seruir hum tauanes  
mor doudo que Deos criou.

**Escudeyro.**

**¶** Fuy despedir hum rapaz  
por tomar este ladram,  
que valia Perpínam,  
moço. mo. que vos praz.

**Esc.** A viola,

**Mo.** Do como ficara tola,  
se nam fosse casar ante  
co mais çafio bargante,

que coma pão z cebola.

**¶** Eyla aqui bem temperada  
nam tendes que temperar,  
**Esc.** Faria bem de ta quebrar  
na cabeça, bem migada.

**Mo.** E se ella he emprestada  
quem na auia de pagar.

**Aben amo,** eu quero mhyz,

**Esc.** E quando queres partir?

**Mo.** Antes q venha o inuerno  
porq vos não dais governo  
pera vos ninguem seruir.

**Escudeyro.**

**¶** Nam dounes tu q te farte,

**Mo.** No chão, z o telhado por  
z çarrasema gargata (mãta  
cô fome. **Esc.** Isso tem arte.

**Mo.** Vos sempre zôbais assi,

**Esc.** Do que boas vozes tem  
esta viola aqui,  
deirame casar a mi,  
depois eu te farey bem.

**Abãv.**

**¶** Agora vos digo eu  
que Ines estaa no parayso,  
**Ines.** Que tendes de ver cô isso  
todo o mal ha de ser meu.

**Abãv.** Quanta doudiçe,  
**Ines.** Como he seca a velhice,  
leixame ouuir, z folgar,  
que nam me ey de contentar  
de casar com paruoice.

**¶** Pode ser mayor riqueza?  
que hum homem auifado,  
may. muitas vezes mal peccado

he milhor boa surpresa.

*Ratam.*

¶ Ora ouui, e ouuireis,  
escudeyro cantareis  
al gña boa cantadela,  
namoray esta donzela  
esta cantiga direis.

*Canta o Judeu.*

Canas do amor, canas  
canas do amor.  
Polo longo de hum rio  
canaual vy florido,  
canas do amor.

¶ *Canta o escudeyro o romãz*  
ce de mal me quieren en cas  
tilla e diz, *Uidal.*

¶ *Ratam,* ja o sono he comigo  
como oyrno cantar guayado,  
que nam vay effandegado,  
*La E* se he o demo queu digo,  
*Uiste* cantar dona *Sol?*  
Pello mar vay a vella,  
vela vay polo mar.

*Ratam.*

¶ *Filha Ines,* assi viuaes,  
que toméis esse senhor,  
escudeyro, cantador,  
e caçador de pardaes,  
*Sabedor,* reboluedor,  
falador, gracejador,  
afoytado pella mão,  
e sabe de gaviã,  
tomayo por meu amor.

¶ *Podeis* topar hũ rabujento  
desmazalado, baboso,

descancarrado, brigoso,  
medroso, carrapatento,  
Este escudeyro zofadas  
onde se derem pancadas  
e le as ha de leuar,  
boas senam apauhar.  
nelle tendes doas fadas.

*Mãz.*

¶ *Quero* rir, com todaa magoa  
destes teus casamenteiros,  
nunca vi *Judeus* ferreiros  
aturar tambem a fragoa.  
*Não* tee milhor, mal por mal  
*Ines,* hum bom official  
que te ganhe nessa praça  
q̃ he hum escravo de graça,  
e casaras com teu ygual.

*Ratam.*

¶ *Senhora* perdey cuydado  
o que ha de ser, ha de ser,  
e ninguem pode tolher  
o que estaa determinado.

*Uí.* *Assi* diz *Rabbi Zarão,*  
*Mãz.* *Ines* guarte de rascam  
escudeyro queres tu.

*Ines.* *Jesu,* nome de *Jesu,*  
quam fora sois de feyçam.

¶ *Ja* minha mãz adeuinha  
ouuestes por vaidade  
casar a vossa vontade,  
eu quero casar a minha,

*Mãz.* *Casa* filha muyto eboza,  
*Esc.* *Dayme* essa mão senhora  
*Ines.* *Senhor* de mui boz inête  
*Esc.* *Por* palauras de presente

vos recebo desda goza.

¶ Nome de Deos assi seja,  
Eu Bras da mata escudeiro  
recebo a vos Ines pereyra  
por molher e por parceyra  
como manda a sancta ygreja  
Ines pereyra.

Eu aqui diante Deos  
Ines pereyra recebo a vos  
Bras da mata, sem demada,  
como a sancta ygreja mada  
La. Juro al deu abi somos nos  
Os Judeus ambos.

¶ Alça manim dona o dono ha  
arrea espeçulaa,  
bento o deu de Jacob,  
bento o deu que a Pharao  
espautou, e espantaraa.

Bento o deu de Abraham,  
benta a terra de Lanam.  
pera bem seiais casados

¶ Ti. Dainos ca senhos ducados  
Abai. Amenhaã volos darão.

¶ Pois assi he, bem seraa  
que nam passe isto assi,  
eu quero chegar alli  
chamar meus amigos ca.

¶ E cantaram de terreyro  
Esc. Do quem me fora solteiro

Ines. Ja vos vos arrepêdeis,  
Esc. Do esposa nam faleis  
que casar he catu:eyro.

¶ Aqui vem a Abay cõ certas  
moças, e mãcebos, pera fazer e  
a festa, e diz húa dellas  
per nome Luzia.

¶ Ines por teu bem te seja,  
oo que esposo, e que alegria,  
Ines. Venhas embora Luzia,  
e cedo te eu assy veja.  
mã. Ora vay tu alli Ines,  
e baylareis tres, por tres,  
Ser. Tu com nosco Luzia aqui  
e a desposada ally,  
ora vede qual direis.

¶ Cantam todos a cantiga  
que se segue.

¶ Mal ferida va la garça  
enamorada,  
sola va, y gritos daua.

¶ A las orillas de vn rio  
la garça tenia el nido,  
balletero la ha herido  
enel alma,  
sola va y gritos daua.

Fernando.

¶ Ora senhores honrrados  
ficay com vossa merce,  
e nosso senhor vos dee  
com que viuas descãçados.  
Isto foy assi agora,  
mas melhor seraa outroza,  
per doay pello presente:  
foy pouco e de boamente  
com vossa merce senhora.

Luzia.

¶ Ficay cõ Deos, desposados,  
com prazer, e com saude,  
e sempre elle vos ajude  
com que seiais bẽ logrados.

Abay.

Ficay cõ Deos, filha minha,

nam virey ca tam asinha  
a minha bençam afaís,  
esta casa em que ficais  
vos dou, e voume a casinha.

¶ Senhor filho, e senhor meu  
pois que ja Ines he vossa  
vossa molher e esposa,  
encomendoula eu.

E pois que desque nasceo  
a outrem nam conheceo  
se nam a vos por senhor,  
que lhe tenhais muyto amor  
que amado sefais no ceo.

¶ Ida a mãy fica Ines Perei-  
ra e o escudeyro, e sentase Ines  
pereyra a laurar, e canta  
esta cantiga.

¶ Si no os vüiera mirado  
no penara.  
pero tan poco os mirara.

¶ O escudeyro vendo cantar a  
Ines pereyra, muy agasta  
do lhe diz.

¶ Vos cantais Ines pereyra  
em bodas me andaueis vos,  
jiro ao corpo de Deos  
que esta sefa a derradeyra  
Se vos eu vejo cantar  
eu vos farey assoular,

Ines. Bofee señoer meu marido  
se vos disse sois seruido  
bem o posso eu escusar,

Esc. Ahas he bem q̃ o escuseis,  
e outras cousas q̃ não digo,

Ines. porq̃ bradais vos comigo  
Esc. Sera bem que vos caleis

E mais ferets auisada  
q̃ não me respondais nada  
em que ponha fogo a tudo,  
porque o homem sefudo  
tras a molher sopeada.

¶ Vos não aueis de falar  
cõ homẽ nẽ molher que sefa,  
nem samente yr aa ygreja  
nam vos quero eu leyra.  
Ja vos preguey as janelas,  
porq̃ vos não ponhais nellas  
estareis aqui encerrada,  
nesta casa tam fechada  
como freyra Doudiuelas.

Ines Pereyra.

¶ Que peccado foy o meu  
porque me daís tal prisañ,  
Esc. Vos buscais discriçã  
que culpa vos tenho eu.  
Pode ser mayor auiso,  
mayor discrição e siso,  
que guardar eu meu tísouro  
nã sois vos molher meu ouro  
q̃ mal faço em guardar isso.

¶ Vos não aueis de mandar  
em casa samente hum pelo,  
se eu disser, isto he nouelo  
aueylo de confirmar:  
E mais quando eu vier  
de fora aueis de tremer,  
e cousa que vos digaes  
nam vos ha de valer mais.  
que aquilo que eu quiser.



¶ **Boço,** as partes dalem  
me vou fazer caualeyro,

**Boço.**

Se vos tiuesseis dinheyro  
nam seria senam bem.

**Escudeyro.**

Tu has de ficar aqui  
olha por amor de mi  
o que faz tua senhora,  
fechala has sempre de fora  
vos lauray ficay per hy.

**Boço.**

¶ **Com** o que me vos deixays  
nam comerey eu galinhas:

**Escudeyro.**

Clayte tu por essas vinhas  
que diabo queres mais.

**Boço.**

Olhay olhay como rima,  
z depois de yda a vendima?

**Esc.** Apanha desse rabisco,  
**Bo.** Desfar ora de sam pisco,  
conuidarey minha prima.

¶ **E** o rabisco acabado  
irney espojar aas cyras,

**Escudeyro.**

Clayte por essas figueyras  
z fartate de smazelado.

**Bo.** Assi escu. pois q̄ cuidauas  
z depois viram as fauas,  
cenheces tubaras da terra?

**Boço.**

Minos vos ehora aa guerra  
q̄ eu vos guardarey oytauas.

¶ **Ido** o escudeyro, diz ho  
**Boço.**

¶ **Senhora** o que elle manudo  
nam posso menos fazer,  
**Ines.**

¶ **Pois** que te da de comer  
faze o que te encomendou.

**Boço.**

¶ **Vos** fartayuos de laurar  
eu me vou desenfadar  
com essas moças la fora  
vos perdoayme senhora  
porque vos ey de fechar.

¶ **Aqui** fica Ines pereyra soo  
fechada laurando, z cãtando  
esta cantiga.

¶ **Quê** bem tem, z mal escolhe,  
por mal q̄ lbe venha, nã sanoje.  
**Galado.**

¶ **Renego** da discriçã,  
comendo ao demo o auiso,  
que sempre cuidey que misso  
estaua a boa condiçã  
cuidey q̄ fossem caualeyros  
fidalgos z escudeyros,  
nam cheos de desuarios,  
z em suas casas massios  
z na guerra lastimeyros.

¶ **Uede** que caualaria  
vede ja que mouros mata,  
quem sua molher maltrata  
sem lbe dar de paz hum dia  
**E** sempre ouni dizer  
que homem q̄ isto fizer  
nunca mata drago em vale,  
nem mouro q̄ chamem Ale  
z assi deve de ser.

¶ Juro em todo meu sentido  
que se solteyra me vejo  
assi como eu desejo,  
q̄ eu sayba escolher marido  
A boa fee sem mal engano  
pacífico todo o anno  
que ande a meu mandar,  
auia me eu de vingár  
deste mal, 7 deste dano.

¶ Entra o moço com hũa catta  
de Arzila, 7 diz.

¶ Esta carta vem dalem  
creo que he de meu senhor,  
In. mostrai ca meu guardamoz  
veremos o que ahy vem.  
Lee o sobrescrito.

¶ A muy prezada senhora,  
Ines Pereyra da graã,  
a senhor minha ymaã.

In. De meu irmão venha çbora  
Moço.

¶ Oosso ymão esta em Arzila  
apostarçy que hy vem  
noua de meu senhor tambẽ.

Ines. Ja elle partio de Tauila?

mo. Ha tres meses q̄ he passado

Ines. Aqui viraa logo recado  
se lhe vay bem, ou que faz.

mo. Bẽ peq̄na he a carta assaz,  
Ines. Carta de homẽ auizãdo.  
Lee Ines pereyra a carta  
a qual diz.

¶ Muyto honrrada ymaã,  
efforçay o coraçam,  
7 tomay por deuaçam  
de querer a Deos quer,

Ines Pereyra.

E ysto que quer dizer,  
Prosegue.

E nam vos marauilheis  
de cousa que o mundo faça,  
que sempre nos embaraça  
com cousas, sabey que indo  
vosso marido fogindo  
da batalla pera a villa,  
a mea legoa de Arzila  
ho matou hũ mouro pastor.

mo. Do meu amo, 7 meu señoz  
Ines Pereyra.

¶ Dayme vos ca effac haue,  
7 hy buscar vossa vida,  
mo. O que triste despedida,  
Ines. mas que noua tam suaue.  
Desatado he o noo  
se eu por elle ponho doo  
o diabo marrebente,  
pera mí era valente,  
7 matouho hum mouro soo,

¶ Guardar de caualeyram  
barbudo, repetenado,  
que em figura dauisado  
he malino, 7 sotraucam.  
Agora quero tomar  
pera boa vida gozar  
hum muyto manso marido  
nam no quero ja sabido  
pois tam caro ha de custar.

¶ Aqui vê Lianoz vaz, 7 finge  
Ines pereyra estar chorando,  
7 diz Lianoz vaz

Lianoz vaz.

¶ Como estaes Ines pereyra  
Ines. Abuito triste, Lianoz vaz  
Lia. Que fareis ao q̄ Deos faz  
Ines. Casey por minha cáseyra.

Lianoz vaz.

Se ficastes prenhe basta,

Ines. Bẽ quisera eu delle casta  
mas nã quis minha vêtura:

Lia. Filha nam tomeis tristura  
que a morte a todos gasta.

¶ Que auedes de fazer  
casadeuos filha minha,

Ines. Jesu Jesu, tam asinha,  
isso me aueis de dizer,  
Quẽ perdeo hũ tal marido  
tam discreto, z tam sabido,  
z tam amigo de minha vida,

La. Day isso por esquecido  
z buscay outra guarida.

¶ Pero Marquez tem q̄ erdou  
fazenda de mil cruzados  
mas vos quẽreis auisados,

Ines. Nã, ja esse tempo passou.  
Sobre quantos mestres sam  
a experiencia da ligam,

Lia. Pois tendes esse saber  
querey ora quem vos quer,  
day oo demo a openiam.

¶ Clay Lianoz vaz por Pero  
marquez, z fica Ines perey-  
ra soo dizendo.

¶ Andar Pero Marquez seja  
quero tomar por esposo  
quem se tenha por ditoso

de cada vez que me veja.

Poz vsar de siso mero  
asno que me leue quero,  
z nam caualo folam:  
antes lebre, que liam:  
antes lauradoz que Hero,

¶ Tem Lianoz vaz, cõ Pero  
marquez, z diz Lianoz vaz.

¶ Romais cerumõias agora  
abraçay Ines pereyra  
por molher, z por parceyra,

Pe. Iha homẽ épacho maora:  
Quanta a dizer abraçar.  
depois que a eu vsar.  
entonces podera ser:

Ines. Nã lhe quero mais saber,  
Ja me quero contentar.

Lianoz vaz.

¶ Ora dayme essa mão ez  
sabeis as palauras, si:  
Pe. Esfinarãmas a my  
porem esqueçem me ja.

Lianoz vaz.

Ora dizey como digo.

Pe. E tendes vos aqui trigo  
pera nos geytar por cima,

Lia. Ynda he cedo, como rima.

Pe. Soma, vos casais comigo

¶ Eu com vosco pardeltas  
nam compre aqui mais falar  
z quando vos eu negar  
que me correm as orelhas.

Lianoz vaz.

Cloume, ficayuos embora,

¶ Claise, z diz Ines pereyra.

**Ines.** Marido sayrei eu agora?

que ba muyto que nam sabi,

**Per.** Si molher, sabi vos by  
que eu me yrey para fora.

**Ines** **Perceyra.**

**¶** Marido nam digo diſſo,

**De.** Pois q̄ dizeis vos molher

**Ines.** Yz folgar onde eu quizer,

**De.** Hi onde quizerdes yz,  
vinde quando quizerdes yz  
estay quando quizerdes estar  
com que podeis vos folgar,  
que eu nam deia consentir.

**¶** Uem hum hermitão a pedir  
esmola, que em moço lhe  
quis bem, z diz.

**¶** Senhores por charidad  
dad limosna al dolorido  
hermitaño de cupido,  
para siempre en soledad  
pues su sieruo soy nascido.

**Por exemplo,**

me meti en su sancto templo  
hermitaño, en pobre hermita  
fabricada de infinita  
tristeza en quien contemplo.

**¶** Al donde rezo mis horas  
y mis dias y mis años,  
mis seruicios, y mis daños,  
donde tu mi alma lloras  
el fin de tantos engaños.

**Y acabando**

las horas todas llorando,  
tomo las cuentas vna a vna  
con que tomo a la fortuna

cuenta del mal en que ando  
sin esperar paga alguna.

**¶** Yansi sin esperançã  
de cobrar lo mereſcido,  
firuo allí mis dias **Copido**  
con tanto amor sin mudançã  
que soy su sancto escogido.

**Do senhores**

los que bien os va **damores**  
dad limosna al sin bolgura,  
que habita en sierra escura,  
vno de los amadores  
que tuuo menos ventura.

**¶** Yo rogare al dios de mi  
en que mis sentidos traigo,  
que recibais mejor pago  
de lo que yo recebi  
en esta vida que hago.

**Y rezare**

con gran deuocion y fee  
que **Dios** os libre dengañõ,  
que esto me hizo hermitaño  
y para siempre sere  
pues para siẽpre es mi dañõ.

**Ines** **Perceyra.**

**¶** Ohay ca marido amigo  
eu tenbo por deuaçã  
dar esmola a hum hermitão,  
z nam vades vos comigo.

**Pero marquez.**

**Hi** vos embora molher  
nam tenbo la que fazer,

**Ines.** Tomay a esmola padre la  
pois q̄ deos vos trouxe aqui

**Er.** Sea por amor de mi  
vuestra buena caridad.

¶ Deo gracias mi señora  
la limosna mata el peccado  
pero vos tenéis cuidado  
de matarme cada hora  
Deuéis saber  
para merced me fazer  
que por vos soy hermitaño,  
y aun mas os defengañó  
que esperanças de os ver  
me hizieron vestir tal paño.

Ines Pereyra.

¶ Jesu Jesu, manas mínbas,  
foes vos aquelle q hum día  
em casa de mínba tia  
me mandastes camarínbas.  
E quando aprendía a laurar  
mádaueis me tanta cousinba,  
eu era ainda Inesinba  
nam vos quería falar.

Ermitão.

¶ Señora tengo os seruido  
y vos a mí despreciado,  
hazed que el tiempo pasado  
no se cuente por perdido.

In. Padre muy bẽ vos entẽdo  
oo demõ vos encomendo  
que bem sabeis pedir,  
eu determino l dhir  
aa ermida Deos querendo.

Ermitão.

¶ Y quãdo. In. hi vos meu setõ  
que eu yrey hum día destes  
muyto cedo, muyto prestes:  
Er. Señora yo me voy en tãto.

Ines Pereyra.

¶ Em tudo he boa a cõcrusam

marido aquelle hermitãõ  
he hum anginbo de Deos,

¶ Pe. Corregeuos esses veos  
z pondeuos em fey cam.

Ines. Sabeis vos o q eu quería

¶ Pe. Que qreis mínba molt er,

Ines. Que ouuesseis por prazex  
de ymos la em romaria.

¶ Pero marquez.

¶ Seja logo sem deter,

Ines. Este caminbo he cõpido,  
contay hũa estoria marido:

¶ Pe. Bofa que me praz molher

In. Passemos primeyro o rio,  
descalçaiuos. pe. z pois como

In. E leuarme eis ao hombro  
nãõ me corte a madre o frio.

¶ Põese Ines Pereyra aas  
Costas do marido, z diz.

¶ Marido assí me leuade

¶ Pe. Ydes aa vossa vontade?

Ines. Como estar no parayso

¶ Pe. Muyto folgo eu com isso.

Ines. Esperade ora esperade.

olhay que lousas aquellas,

pera poer as talhas nellas,

¶ Pero marquez.

Quereis q as leue. In. Si

hũa aqui, z outra aqui,

oo como folgo com ellas.

¶ Cantemos marido quereis

¶ Pe. Eu nam saberey entoar,

Ines. Pois eu ey soo de cantar

z vos me respondereis

cada vez que eu acabar,

Pois assí se fazem as cousas.

¶ Canta Ines pereyra.

¶ Marido cuco me leuades  
e mais duas loufas,

Pe. Pois assi se fazẽ as cousas:  
Ines Pereyra.

¶ Bem sabedes vos marido  
quanto vos amo,  
sempre fostes percebido  
pera gamo,

Carregado ydes nossamo  
com duas loufas,

Pe. Pois assi se fazẽ as cousas.

Ines Pereyra.

¶ Bem sabedes vos marido  
quanto vos quero,  
sempre fostes percebido  
pera ceruo.

Agora vos tomou o demo  
com duas loufas,  
pe. pois assi se fazem as cousas.

¶ E assi se vam, e se acaba  
o dito Auto.

¶ Laus Deo.

Auto das Regateyras , feyto por  
Antonio Ribeyro Chiado.



Pratica de treze figuras. s. Velha, Breatiz,  
Negra, Comadre, Pero vaz, Noyuo, Máy,  
Ioam duarte , afonso tome , Fernam  
dandrade: Gomez godinho:  
Grimanefa.



**V**ertuoso Auditorio, e nam se va a ryz, porque lan-  
 ça homem mão por velhices que não fazem mais a  
 proposito, que digamos pondelhe vos la o nome,  
 porque quem faz a casa na praça: cada hum rema  
 pera sua openiam, como quem escreue em parede,  
 por cujo respeito passa assi. O Autor, como cousa  
 que em todas as suas vos deseja servir, vos pede e assi riquere da  
 parte de vossas descriçõs, e a honrra de seu trabalho queirão ou-  
 uir esta breue colaçam, fundada no aprazimento de diuersas ten-  
 ções que nesta congregação estarão, porque ja sabeis cada hum  
 he filho de seu pay, e muitas vezes sacontece, terem algũs os en-  
 tendimentos tam ferrugentos que pera lhe chegarem ao viuo não  
 podera ser sem escandalo de quem no entende. E aqui mençarro  
 porque nesta pratica se tratam passos que se ouuirão, e nam, verão  
 lhes pede a queyram ouuir como he rezam, e dos paes se spera, que  
 nas mãos mil vezes beijo.



vel. ¶ Beatis ou Beatis  
bre. Senhora  
vel. Anda doumes não se cre  
ergueroza. bre. Pera que  
ve. Pera nada  
bre. Yaquí somos que vos fiz  
eu nunca tal molter vi  
sey quey dir colher amores  
ve. Erguer aas mas horas  
z vos respondeis me assi  
vos aueis mister esporas  
que desoutro cadela m  
sey quinda senam leuanta  
cadela. ne. Seora  
ve. Quereis q vos va tirar a máta  
ne. Crialeisam, chrisleisam  
fato biceto nemen tuu  
ve. Olhade a peite no cuiu  
agora lbe chegou a deuagam  
ne. Ami catibaro Judeu  
nam quere ca mi raza  
ve. Ella respondeme ja  
guardayuos nam vos tomeu  
ne. Ami fruga bofo mata  
bofo sempre brada brada  
cadela, cadela, cadela,  
bendeme para Castela  
vel. Nunca to olho vera  
a vos vos poram na cela  
Luidais cadela que zombo  
porque não me tens amor  
eu vos darei a senhor  
que vos ponha o pao no lóbo  
z quicais fereis pizor  
quereis vos oje abalar  
que madruzada Dalfame

cedela z em eu na cama  
vos pondez vos de rezar  
nam vira por ti ma trema  
ne. A bofo sempre sa greya  
ve. Muy que diz ella que diz  
bre. Diz q paltrais como gralha  
ve. Cadela tomay cisa tal. a  
z yde logo bo Casaris  
z leuay com vosco o assento  
ou nam vos lembie de tornar  
quinda aueis de pereirar  
z fazer oje o formento  
queste tu oje abalar  
ne. A mi nam caba befi  
ve. Leuay os fatos ao rojo  
o viso vos faz a vos nojo  
cadela quez yz por bi  
o vosso paltrar be de pega  
vos prouareis o toucinbo  
cada hum va per seu caminbo  
que nam pario aqui s galegs

¶ Faz que vay nar na negra z vè  
com sua filha z diz.  
¶ Comisto esta concertado  
que prazer z que frescura  
tal seja tua ventura  
em que trazes o cuidado  
feito be ja não tens cura  
bre. Vos tendes muita rezam  
vedes muitos desarranjos  
leuais me vida dos Anjos  
z dais me ainda payram  
vel. E que vida leuo eu  
andar embora ter bem  
bre. Têdes vos em casa alguém

que vos sirua serão eu  
ve. E como ora isso tem  
negro seruiço he o teu  
bre. Eu não vos posso entender  
ve. Malina quem te mataste  
bre. Mas quem de vos escapasse  
pois tão maa sois de sofrer  
vel. Afee que nam menforcasse  
bre. Eu lavar e esfregar  
varrer e esfolinhar  
e por dalme ca aquella palha  
ve. E tu fazes nemigalha  
senam comer e folgar  
e palrres como galha  
e lingua não na vão buscar  
milho: a Frades nem a Roma  
mas o ensino quella toma  
alguem no ha damargar  
ve. Se o amargar sam contente  
mas não ey de ser basoura  
ve. Trazeme aqui a debadoyrã  
e hum tanbo em que masente  
acabay colber meyradeira  
e pondelhe la hũa meada  
questa dentro no cabaz  
se inda estiuier em paz  
que aqui não esta quedo nada  
o rabear quella faz  
Senhor dame paciencia  
certo não he pera crer  
quem te em casa ouuer de ter  
tera sua consciencia  
danada se te sofrer  
e. Não ficão la mais meadas  
. Ficaram as que vos fiastes  
que maora ca ficastes

guardada pera tacs fadas  
pois tão cedo inadrugastes  
Clay ver quem bate alli  
dize que não estou ca  
calli bate quem sera  
co. Binha comadre esta hi  
vel. Abre quee minha comadre  
na fala vos conbeci  
co. Deos vos salue  
ve. Comadre venhais embora  
donde he a vinda agora  
co. Leuey a vosso compadre  
de comer canda hi fora  
e ando assi não sey que janda  
ve. que mal foi esse tamanbo  
assentayuos nesse tanbo  
isso he andaço canda  
co. Não sey que he nem que nam  
mas desta negra emprenhida  
ando assi para morrer  
comadre nam sam molher  
ve. Benga vos Deos  
co. Ay ay não me ponhais a mão  
que o não posso sofrer  
ve. Quanto ha qua si andais  
co. Desda entrada Dagosto  
ve. Não tendes pano no rosto  
co. Clay e quatro meses nomais  
ja ey de mudar o posto  
ve. Eu a quatro dias quera  
desposta, rijs, hum liam  
e agora esta pay rão  
me tornou hum pão de cera  
co. Pilo he do coração  
bebede a lingua cernina  
vereis como vos acaba

vel. Tudo isso he por demais  
isto he minha mofoina  
por aqui me metem punhaís  
co. Eu de tomar qualquer carga  
aqui macode a dença  
ve. Dois comadre isto he criança  
que se vos mete na ylbarga  
co. Eu coufa que coma me presta  
z assi não posso comer  
vel. Adoça vay tu enfondir  
poeste a olbar como besta  
não tendes nada que fazer  
todo o mal em mim senserra  
por aqui me dão ao ferrolho  
que não posso cerrar olho  
grito em ceo grito em terra  
z sobesse a madre ao peyto  
que me não conhecereis  
co. Defumayuos com papeis  
que fazem muyto proueyto  
z vos me nomeareis  
ou tomay caldos de formento  
z purgareis destes lugares  
ve. Tenho ja coalhado os mares  
com mezinhas tudo he vento  
Troute cengido hum bragal  
beoi dez manhaás a norça  
comadre nada meiforça  
mas antes dobro meu mal  
pus ja a alfaua da cobra  
z o ovo com ha alfazeina  
mas comadre isto he postema  
pois a mezinha não obra  
isto tenho ja por preima  
co. E ando assi tam pejada  
com estas nezas denças

ve. Vos trazels duas crianças  
como eu estou aqui assentada  
z vos comadre sueis miser  
muitos mininos a mcude  
co. Queria ter mais saude  
ve. Dois fazey vos por viuer  
co. Comadre eu vos direy  
ja não me prestam mezinha as  
aay pernas q nam sam minbas  
cadeyras que vos farey  
vel. Comadre vos parireis  
z o corpo descansara  
co. Mas quero mir que tardo ja  
ve. Estay logo vos yreis  
co. A muyto questou ja aqui  
ve. E meu compadre  
anda agora a jornalado  
co. Anda e hua negra empreitada  
negra sou z espezinhada  
que tudo temos gastado  
quisso me tem enterrada  
tomou hua obra de praga  
z meteo officiaes  
z gastamos, que falais  
quando veyo a negra paga  
ouue hús quatro mil reis  
Então pagáolhe com parola  
palaurinhas de pinceos  
ve. Não falta a merce de Deos  
sempre acode com hua esmola  
co. Assi aja eu vossa benção  
como vendi meus arcis  
manilhas z arrieis  
sem me ficar hum tostão  
nem ceitil  
ve. Comadre ami o dizeis  
A iij

perdoe Deos quem soi vender  
hũa taça de bestiaes  
por dar de comer a cães  
que cuidei dendoudecer  
z mais cos ganbos da gora  
bem vedes que jandos sam  
co. Tudo vai em perdiçam  
oje mal cras empeora  
como diz la no rifam  
ve. Tudo vai fora destrada  
bem no reço z bem no sey  
co. E mais com esta yda denrey  
nam ha dauer venda nada  
vel. Comadre eu vos direy  
fica bomem naqueste inferno  
co. Aduitas vezes cuido em mim  
que se vai a Almeirim  
hum Rey meado inuerno  
vel. A fazer rico Escorupim  
co. Disso soo me fica magos  
nunca he contente a peessoa  
hum Rey questaua em Lisboa  
assi como o peyre nagoa  
mes vos veredes o que soa  
vel. Todos nos isso cramamos  
comadre manso o dizeis  
mas sam vontades de Reys  
que quereis que lbe façamos  
como dizem la vam leys  
co. Ysso he estopa ou linbo  
vel. Linbo. co. Como he delgado  
nam faço eu este fiado  
mal peccado  
ja vou por outro caminho  
ja os meus neeros sam mãcos  
yiuo assi por maravilha  
eu sey ja beatilha  
q̄ dei por seis centos brancos  
z de que comprei faldrilha  
ve. E inda agora valem caras  
co. Ysso era em tempo de peste  
ve. Que rendera tal comeste  
co. Por arrate quatro varas  
ve. Nunca lho dinheiro preste  
de dez arrateis z meo  
mandei lançar seis lenções  
z não me rendeo tam soes  
a tres varas. co. Nam no creio  
vel. Por vida Dana de goes  
todos sam ladrões a eyto  
o milhor delles mais furta  
co. Pois comadre não encurta  
o fiado desse geito  
ve. Pois vême com outra dança  
que lbe falta ainda fiado  
z não no acharey emprestado  
em toda esta vizinhança  
co. Ysso he roubo prouedo  
vel. Seu achara nessa praça  
se quer hum par de nouclog  
co. Folgara eu bem de telos  
para volos dar de graça  
vel. Uejam vos aqui estar  
por hũa cousa enforcada  
alli achais emprestada  
co. Ysso he pera pasmar  
ve. Comadre não vedes nada  
que tenho aqui hũa vezimba  
que me roe como traça  
comadre não sey que faça  
co. Como se chama. ve. Acta riba  
co. E fazais me nessa taça

z que peçes  
z que fiso z que cabeçz  
comadre na minha rua  
mora hũa espada nua  
que fere desque começes  
vel. Esta sera pão z mel  
pera estoutra que he liam  
tem lingua de scorpian  
c. Onde mora. v. juto a sã miguel  
nunca vi tal condicam  
co. Que casamento alli esta  
tam negro tam espezinhado  
ve. Quanto lheu tenbo pregado  
co. Preguelhe ella a yza maa  
ba de pagar seu peccado  
ve. O coyado anda a pescar  
posto aos perigos do mar  
vestido em hum cbapeiram  
z o negro escudeiram  
foualhe no alguidar  
z a filha da Rabella  
outro pote tal como ella  
co. Quala que mora Radica  
ve. Aqueffa que por justiça  
savia dentender nella  
Aqui mora outra boneja  
que presume de santcyza  
arroja o cu pola esteira  
z vai tam sesuda a ygreja  
co. Dois essa he sua praceira  
ve. Esta lbe lee ella os baldos  
z essa lbe mere os caldos  
z essa de seu ay Jesu  
chamasse hũa a outra por tu  
cada hũz tem seu ladroaço  
todos oedem per hum tarraco  
Alli he o embeoedar

qual debã yxo qual de cima  
te hũa escola desgrima  
comadre não he de crer  
de hũz mui grande erronia  
z he hũa Babilonia  
assi pera os souer ter  
se yz noite pela menbaã  
a outra sua ymaã  
inda Deos nam daua luz  
lançou o outro do capuz  
co. Sayo de carpear laã  
z cumpre homem dizer bus

Pera que sam esconjuros  
olhay ca comadre minha  
ja por linba vem a tinha  
sain seus peccados escuros  
vel. Assi como ha cousa forte  
deyxar daquentar o lume  
assi mudar costume  
he bum aparelho de morte  
co. Deyxaya ca si presume  
vel. Crede cas vezes me vem  
veas pera me enforcar  
co. Estara bem de vagar  
quem se matar por ninguem  
tudo o tempo ba de curar  
ve. Comadre que vos parece  
deste que quer ser meu genrro  
co. Comadre manso z tenro  
z doudo se facontece  
ve. Não he macho nem capacho  
nem he pão rein formento  
he paruo que tem por cento  
co. Tenue ma ora cnipacho  
elie he daquelle elemento  
esse tal

terá mão no castiçal  
e falão peneirar  
vel. E andar e defandar  
co. Casa logo Breatiz mal  
vel. Entendey vos isso bem  
quem casa com tal comele  
nam casa com sua pelle  
mas casa co quelle tem  
que o marido  
nam no queria eu sabido  
co. E pois como  
ve. Rico e tolo  
que visse a corna co olho  
e preguntasse, que quilo  
Elle tem  
vinho e pão quanto conuem  
e em que seja malbadeyro  
bom he marido gaiteiro  
o. Dizeis comadre mui bem  
re. Pois comadre que cuydais?  
mais val saber que auer  
e o dar que receber  
se nisso bem atentais  
o. Escolbauos Deos aquillo  
quelle vir que he seu seruiço  
mas comadre não vos cobico  
tal marido nem tal grillo  
meteloeis num cortiço  
assi como meu assento  
assi me deyro eu estar  
l. Sey que tendes damaçar  
Tento muito do quebranto  
e muito do mao pesar  
p. noite fui ao terreiro  
e trouxe trigo de Bordeos  
am. Aluo como estes reos

e sayo me todo boneyro  
e vay a boa da forneira  
lançoumo a costaneira  
e elle quer a frol do forno  
amarga como pioho  
nam mo querem na ribeyra  
vel. Comadre esse trigo tal  
querse ao sol muito secado  
e senão he misturado  
pegase todo ao bragal  
e quer que folgue da mão  
hum pouco no alquidar  
co. He hum bofe damassar  
ve. Leua agoa. co. He perdigam  
leuara todo esse mar  
vel. Ama tem sempre bom trigo  
co. Quinta feira levei della  
tem muita vea e lingela  
ve. Faz bõ pão. co. Eu q vos digo  
faz boleymas de Castella  
ve. Eu q sam das mais pichosas  
trago sempre do que soy o  
he sujozinho tem soy o  
porem faz hum pão de rosas  
co. Eu tambem sam filho Deua  
e levei daquelle mesmo  
e lanceilhe agoa a esuro  
mas não no achei de leua  
comadre vos que mandais  
que he tempo de me mudar  
ve. Que vos deyre Deos lograr  
co. E vos comadre ve jais  
prazeres. ve. Quereis cá jatar  
co. Não comadre eu ven cõtente  
do vosso contentamento  
não se faça o casamento

sem eu ser tambem presente  
vel. **H**uí comadre se quer vos  
sem vos que prestaua eu  
doutos a sam Bertholameu,  
nam sam meus gozos tão sos.  
cô. **N**ã vos espãte o genrro toscó  
que be muíto bem asombrado  
ficaí emboza comadre.  
ve. **D**ois dízei la a meu cõpadre  
que venba a fantar com nosco  
que o ey por nosso conuidado.

**S**acisse a Comadre.

vel. **B**riatiz, moça, Briatiz  
bre. **S**enhora  
vel. **I**nda esse demo não veo  
bre. **I**nda não. ve. **E** como creó  
questada de chafariz  
eu a meterey no seo  
e vos bela mal maridada  
delas mas lindas que yo vi  
say ca fora say  
sey que sois dama encerrada  
nam sey que diga por ti  
tu perguiçosa,  
dozininhoca, mentirosa,  
golosa, mixiriqueyza,  
rapariga indíçadeyza,  
porque nam es virtuosa.  
bre. **O**lhai os bem vos entendo  
sam muíto boa molher  
e mau grado a quem tiuer  
milhoz fama. ve. **D**eos querêdo  
es muíto boa molher  
de bõs caldos meredeçza,  
limpa mosca be prazer

agustosa no comer  
feitiboa que lauoura  
faras a quem te tiuer.  
**E** o marido que leuar  
tal joya como tu es  
cumprelhe andar dos pees  
que tu mas desperdiçar  
segundo es feita ao reues  
e mais quem viuer vera  
a volta que o mundo da  
e veras se não me cres  
que o que não se faz no mes  
pelo anno se fara  
co que teu compadre deyrou  
não no bebi na tauerna  
custado touvera hũa perna  
foras a molher que sou  
mas inda agoza es moderna  
eu nam sey quem sofrera  
as teas candas tecendo  
**B**riatiz mui bem tentando  
e ao diante se vera  
see virtude o queu reprendo  
que quẽ não cre madre velha  
eu não te falo **S**alego  
nam tenganes tu contego  
atenta quem taconselha  
e sigue polo meu rego  
eu douto sangue do braço  
e tu não mo agradece  
tanto andas tanto tece  
que sey eu quisto queu faço  
ainda mo não mereces.  
bre. **L**asyme vos com alguem  
e fereis desabafada  
ve. **E** com quem díze desfaçada

olha nam te quer ninguem  
ques hũa defenitreada  
z por essa lingua tua  
ta de vir o cas de ver  
nunca me quiseste crer  
tu daras final na rua  
re. Darey de boa molher  
vel. Rogo a virgem Adaria  
que nam seja eu prophecias  
z que saya eu mentirofa  
re. Não ey de ser aleyuofa  
el. Peça be quem em si confia  
olha eu te direy  
todo o viuer be fadiga  
z mais nunca ninguem diga  
desta agoa não bebercy  
digo tisto como amiga  
Poẽ hũa pouca d'agoa açcer  
morna não ja muito quente  
para fazer o crescente  
essa negra se vier  
z se quiseres escaldar  
essa carne da gainela  
mete-a em hũa panela  
se quer faras hum jantar  
fos gatos não dão com ella  
e. A mister que Ysabel mande  
a panela que leuou  
l. Muy agora lhe alembrou  
a morte de Joam grande  
z agora lhe chegou  
no cozinhár bem te alargas  
busca tu por essa casa  
hũa panela de hũa oza  
que pera isso a cem carcos  
Entra a negra com o Parro

com o pote quebrado z diz.  
par. Abandame ca minha tia  
que disse que dizia ella  
olhay que ja mesquecia  
sabeis vos quella dizia  
dizia que diria ella  
ja me lembra ja ja ja  
disse que viesse eu ca  
Luzia sabeis a que  
ne. Boso tia nam disse  
par. Disse ca vossa caroucha.  
quebrou o pote na rua  
z que acontasseis vos nua  
por amor dela ma ocha  
ne. Abi não quebrar bosso porta  
befa passa não falou  
par. Si queinha dona mandou  
por aquessa mesma porta  
neg. Portuga sentar diabo  
par. Dois dizcy vos quẽ não tẽ  
neg. Boso nunca tende bem  
par. Si terey mas vlo raho  
vel. Oratnomais arauia  
tu mas de leuar a coua  
quebrasteme a quarta noua  
par. Sabeis vos onde ella fia  
vie z não no direy  
vel. Anda ontem lha comprey  
cadella rosto de stria  
que farey a que del Rey  
par. Sabeis vos o que facais  
ve. Que ey o fazer. p. Que sey eu  
vel. O estruydora do meu  
muy fora de vos andais  
Negra.  
Min traze pote cabeça



a rua do fronto pretada  
 beffa que vem carregada  
 disse negra anda coapresa  
 inim cay todo calabrada  
 vel. Quem me deu tal entoual  
 pera meu descanso todo  
 cadela tu es engodo  
 que nasceste em Porttugal  
 pera me porres de lodo  
 eu não posso cuidar al  
 Ya me quebraste bñs talha  
 quatro potes hum azado  
 tudo me tês ja quebrado  
 ja não tenho nemizalha  
 z sofrerte be meu peccado  
 ne. Ullo culpa que inim tem  
 vel. Cadela inda tês lingoa  
 quanta disculpa não mingoa  
 bem sey donde isto vem  
 Tendes ja a vergonba raza  
 eu te conheço rapoza  
 leuantouse a preguiçosa  
 z foy por o fogo a casa  
 vos fois feita de manteyga  
 benza Deos esta negrinha  
 bi peneirar a farinha  
 z deytay o rolam na teyga  
 acabay cadela asinha.

Uyffe a negra.  
 ve. Breatiz. bz. Senhora. ve. vé ca  
 abre me a arca dos lenções  
 z reuolue como soes  
 z pera a banda dacola  
 mete a mão lo. zo assi  
 bre. Acabay nunca tal vi

vel. Acbaras abi hum bragal  
 z dayo a queffe entoual  
 que sinja derrador de si  
 bre. Queres mais  
 vel. E ja vos agastais  
 bre. Sim com tanta Breatiz  
 vel. Não falem a emperatiz  
 bre. E vos por ventura acabau  
 vos não fois como a outra gé  
 nunca vos vi sem bradar  
 nain ha saber vos leuar  
 nem abi quem vos contente  
 z disto vos podeis gabar

¶ Entra Pero vaz o pay do n  
 uo z diz.  
 po. Entraremos sem saber  
 vel. Quem he o que assi despac  
 po. Ladrão que furta quantact  
 vel. Yllo autamos nos miser  
 mas furtar algũa bozrachça  
 po. Logo eu essa furtaria  
 porei dalle a quem a caua  
 vel. Olhai vos onde eu estaua  
 antre que vos conhecia  
 mas nem vos desemençaua  
 Iho mundo he enfadado  
 doula, fechar, z dazbir  
 po. Ontem quisera eu qua vir  
 z não pude dacupado  
 z venho por não mentir  
 vel. Eu estaua pera yr la  
 po. Lomey logo a dianteyza  
 vel. Assentayuos nessa cadey  
 chejayuos pera ca (r  
 p. Bê eitou. ve. Não sejais desli  
 A vj

aqueilo que eu digo não se faz  
brado, fecha essa porta negra  
po. Ysso he por compzira regra

se queres viuer em paz  
tuas portas fecharas. etc.

re. Não he isso nem galha  
sam aqui atagantada

po. Por isso porta fechada  
tira o dono da baralha  
ya pelo meyo da estrada

rel. Estamos num mundo tal  
que não fio de ninguém  
z mais não sei que me quer bẽ  
nem menos quem me quer mal

o. Os que tem siso isso tem  
nam vos acho eu nisso tosca  
mas discreta z auisada  
z mais em boca fechada  
ja sabeis não entra mosca.

. Pois quem pineira z amassa  
destas cousas sabe o centro  
metem a cabeça dentro  
por darem fe do que passa

. Amalicia he seu coentro  
abasta por todalas vias  
tomais o meu conselho  
z mais diz hum dito velho  
uge das mas companhias  
eras de todos espelto

¶ Aquí tose Pero vaz.

Não vindes vos todo trigo

Eu ando morrendo em pec

o vosso mal de que he

Eu nam mentendo comigo

impre estou neste mateyro

tem me ja morto essa tosse  
vel. Curarmia se a vos fosse  
z enfozealteso dinheyro

po. Ja em mim nam ba ter posse  
isso ma de tirar a alma  
z de noyte mais se maguca

vel. O doutor da mulla ruça  
vos dara sam como a palma  
ou o das sete carapuças  
que aqui anda baganao  
toinay vos agoa do pao

po. Pois nã a poder de chuças  
sararey. vel. Ysso he mais  
mestre Anrique q he prouado  
pera aquellas per rugueyras  
faz curas muy verdadeiras

po. Sabeis quem me tem pelado  
mestres, mestras, meu pecado  
boticas z cristaleiras

olhay vos como isso rima  
he muito forte elemento  
todo seu curar he vento  
ca mezinha vem de cima

vel. Bem no vejo z bem no sento

po. He muito forte contenda  
vos ficais por derradeyro  
sem faude, z sem dinheyro,  
z sem vida z sem fazenda  
z sem alma. re. He martyro

po. Ora hi dar delles quere! la  
tenho com mestres casados  
passante de cinco cruze dos  
ora lula faude quee della  
vel. Elles não tem eutres terçes  
sam ce mo es procuredores  
screccitaz y eles tores

pera endez doutras boenças  
e yguas dos peccadores  
po. Outra pera que saibais  
a fora suas receytas  
me tem leuado de peitas  
mais de dez tostões z mais  
vel. Gisseos eu cõ mas maleitas  
deyraos que seu officio  
po. Das delles arrenegay  
ve. Falemos no que nos vay  
quisto tem ja dabenicio  
po. Fallastes a concrusam  
as cousas que de Dees sam  
Deos as ordena z junta  
vel. A virtude he ja defunta  
po. Não ha reger por rezam  
mas pois isto anda na fragoa  
venho saber deste linho  
z pois agoa não vê ao moinho  
que va o moinho a agoa  
por tudo yz por seu caminho  
vel. Não hay mais que concertar  
vos mandastes me falar  
por nã sey quê. pe. He verdade  
ve. Pois saibamos vossa vôtade  
voſto filho quer casar  
po. Si com vossa filha Brestiz  
vel. Sabeis o que a moça diz  
diz mui bem en lho aconselho  
que antes quer marido velho  
rico, que moço cõ dous ceitis  
po. Pera isso en vos direi  
en com mei: filho farei  
boõs sefente mil: caes  
pagos em cruzados raes  
a fora o que lhe corey

que he de seu officio marca  
conuem a saber, redes, barcas,  
vcha sua gorazeyra  
pranchas, sua vella intezyra  
yſto tendes como marca  
E assi mais lhe daremos  
fateyxa, cordas, z remos  
rede leuar, sardinheyra  
com seu cope z maneyra  
como veram z veremos  
ve. pois minba filha brestiz varela  
quem ouuer de casar com ella  
tem muito bom casamento  
tem hum olyual em sam Bêto  
z hum pinha! na rentella  
z vinha daforamento.  
Ytem mais  
tres colchões seis cabeças  
z hum mui bom cobertor  
z outro do mesmo teor  
dous pares de castiças  
Seu estanho  
z hum copo assi tamanho  
que tem dous marcos z meyo  
cortinas de seu arreo  
tres eseyras z hum tanto  
z tem mais por esta guisa  
hūs tres bacios de pisa  
z de fartês duas bacias  
z seis boas almofias  
hum gral com sua mão lisa  
hum envergam  
quatro lenções de ruam  
z seis destopa curados  
oyro de linho delgados  
z o mais que lhe darim

aquelle que viue e reyna  
sabe como fisto caua  
e daruosey hũa eseraua  
que trabalha como zeyna  
amaissa, esfrega, e laua  
po. Essa não se pode ver  
vel. Sim Jesu logo nessora  
cadella say ca fora  
ne. Seora nunca poder  
amaissando sacupada  
vel. Cadella ja começais  
assi quero que venhais  
quisso não releua nada  
ne. Seora sa farinha da  
vel. Achegayuos pera ca  
ja vos receais a carga  
ne. Essa cousa sentz amargz  
po. E esta de que annos sera  
vel. Ella veyo a meu doder  
moça de trinta e hum anno  
não tendes comigo engano  
po. E agora que pode auer  
ve. Há queira deos q̄ vos menta  
ouuea no tremor da terra  
pode agora auer essa perra  
moça valgús cincoenta  
saluante la conta erra  
po. Quanto anno Portugal  
ve. Nam he ella tam saluagem  
fallaylbe vossa lingoagem  
inda quella fala mal  
po. Quanto ano nam tender  
ne. Bosso tem grande borosio  
po. Como cbamar terra bosso  
ne. Terra meu nunca saber  
pera que bosso pergunta

essa cousa nunca ouuir  
po. Quantos filhos vos parir  
ne. Bosso, tres, quatro junta  
po. Abosso tem inda dente  
ve. Ainda tem os queyxaes  
be moça, vos que lbolhais  
po. Comer bem santar valente  
ve. Quanta disso não ay mais  
po. Nam curemos de mais festa  
nam ay mais que falar  
ve. Uay acabar da maissar;  
deyxa messa maça testa  
po. Em quauemos da sentar  
ve. Eu digo que sam contente  
po. E eu tambem nisso fico  
moça fermosa e elle rico  
vel. Bosso senhor os acrecente  
e elle nam lha dachar  
menos a principal peça  
e posto que a nam conheça  
cu sey bem qua de folgar  
po. Deyremos nos isso agora  
ve. Há vos polo noiuo embora  
po. Assim quero ordenar  
vel. Aueis logo de tomar  
po. Si vossa merce. ve. Yde eboza

¶ Aqui se vay ¶ Pero vaz  
vel. ¶ Breatiz senhora  
say ca fora oje neste dia  
bre. Ora ermaqui que mandais  
vel. Nam sera bem que sayacs  
desse pote da letria  
bre. Nam sey em que vos saluais  
nam entendo vosso geyto  
tendes forte condigam!

vel. De prata nam ha chinfram  
quantagora he o feito feito  
trazeis grande alteraçam  
bre. **A**dui bem se ve a queu trago  
digao essa vizinhança  
sufreuos he pestelença  
nã sois molber mas sois drago  
sois peçonha  
que noite z dia não sonha  
scnam por dayme essa palha  
cortardes como naualha  
vel. Como se desauergonba  
tu tens infinda razam  
dizes verdade assi he  
mas ao vilam daylbe o pee  
z elle tomaruos ha a mão  
se teu ati não deyrasse  
com tuas velbacarizs  
afee que tu me serias  
tam cortes que sobejasse  
certo não es tu a filha.  
que me ergue donde eu cayo  
z por em al cuyda el bayo  
z al cuyda quem o silba  
pela alma deste meu sayo  
Agora te esfarey  
veremos como te amanhas  
cumpre te mudar as manhas  
z senam eu te direy  
sabe que ati soo tarranbas  
o filho de **P**ero vaz  
he dourado como o sol  
rico, bom homem, de prol  
z em quem aquisso faz  
nam no risco do meu rol  
**B**em ouuiste o que passamos

bre. **E**u bofe nam ouu nada  
vel. **P**orque mentes desfaçada  
nam ouuiste o que salamos  
como es desauergonbada  
bre. **E**u estaua lauando a louça  
z mais eu cousa que ouça  
não me fica na memoria  
e mais sera forte estoria  
casar eu com **J**oam da bouça  
**E** ainda quelle tiueffe  
mais do que dizeis remuyto  
queria saber que fruyto  
fara tal homem como esse  
vel. **N**am curemos nos demais  
se vos não vos contentais  
esse he outro cantar  
ques tu com elle casar  
bre. **F**arey o que me mandais  
vel. **L**udo esta na tua palma  
nam quero contigo brigas  
nem quero que despois digas  
mao inferno de **D**eos a alma  
z mais com tais raparigas  
bre. **D**igo, z redigo ao presente  
z redigo ainda alem  
que quero casar com quem  
vos fordes muyto contente  
vel. **I**sto me parece bem  
as moças obedientes  
a sas mães z a seus pais  
dalhes **D**eos as fadas tais  
como despois vem as gentes  
z alem disso muyto mais  
tu dizes que es aqui moura  
bre. **Q**uanta isto **D**eos o sabe  
vel. **P**arz que se aquisso acabe

tira la essa debadoyra  
correge aquellas cadeyras  
despeja essa casa toda  
pois tua ba de ser a boda  
aínda que tu não queyras  
viste aquella fraldilha  
z poras a beatilba  
que esta dentro no escaninho  
z viste o gonete fino  
z cinge essoutra mantilba  
Correge muito bem tudo  
essa negra laue os pratos  
z desta fora esses gatos  
nam façam algum intrudo  
nas precolanas pintadas  
poras as fruytas das martes  
z nos çafatês os fartês  
com issoutras girgiladas  
Essas frutas da freyra  
poras por sua maneyra  
nos outros pratos grandes  
z nas bandejas de frandes  
questam dentro na taceyra  
die. E os bolos de rodilba  
z essoutras sensaborias  
yel. Tiram la nas almofias  
z see tu agora boa filha  
z emmenda os outros dias  
E aquesse frito queu fiz  
veyrayo estar no alguidar  
que nam ba ca daporitar  
acaba filha Breatiz  
die. Hay mais que concertar  
yel. E dize aquesse cadelam  
que trabalhe z nam saente  
z mais dizelbe que a quente

agoa pera esse leytam  
que depene essas galinbas  
z os patos z os coelbos  
a casa pareça espelbos  
que não digam as vezinhbas  
que tenho aqui dous fedelhos  
¶ Entra Pero vaz, z o Filho, z  
Joana vaz molber d Pero vaz.  
Pero vaz.

¶ As cousas bem concertadas  
nas pedras parecem bem  
quanto mais quãdo em si tem  
serem por Deos ordenadas  
passam ainda mais alem  
porque este mundo coyado  
he tal por nosso peccado  
que quem do leme descuida  
he necessario cacuda  
assi que vay affogado  
O mundo he como coceyra  
se bem nelle contempria  
folgais quando vos coçais  
z ardeuos na derradeyra  
tam enganados viueiros  
z tam fora da estrada himos  
que sahora o nam sentimos  
la no fim o sentiremos  
saqui não nos resumimos  
¶ Trago testa concrusam  
porque diz la Salamão  
que quem não oulha ao diante  
do mal que vir não se spante  
pois tem iuyzo z rezam  
tu inda agora es moço  
z nam sentes o destroço  
trasto mundo enganado

nam es inda esprementado  
portão o jugo no pescoço  
z achartas salteado  
Eu z tamây te criamos  
ate esta hora em ponto  
a fora o que te não conto  
que he na vida que leuamos  
que tudo tem seu desconto  
fui sempre de ti contente  
foste nos obediente  
como filho virtuoso  
agora por meu repouso  
he mui bem que tacrecente  
E pois da morte não sabemos  
cada hum em si aponte  
vay tudo de monte a monte  
cumprenos que nos velemos  
porque o mal nos não afronte  
Joana vaz andaí ca  
tamây tambem te dirá  
onde da nossa tençam  
mây. Auera nosã bençã  
z Deos tambem ta dara  
E se faes a natureza  
manso homem de sossego  
nos partiremos contigo  
daquessa nossa pobreza  
z teras em nos achego  
sempre do milhor tarrea  
z darnos a nos descanso  
z mais o vezerro manso  
mama a sua mama z alhea  
E mais não paille por riso  
tu es moço de bõs trinta  
z como ta barba pinça  
logo he tempo de ter siso

noi. Eu estou sob vosso poder  
vos de mi podeis fazer  
como for vossa vontade  
po. Essa he toda a verdade  
noi. Pois cauí eu de fazer  
Eu nam respondo aqui  
senão que ambos façais  
como mãy z como pay  
z o que virdes ordenay  
com que não vos rependais  
porque diz antes que cases  
olha primeiro o que fazes  
nam te venças por riquezas  
porq̃ as cousas q̃ mais prezas  
as vezes não sam capazes  
Porque destes casamentos  
as vezes se seguem erros  
z os erros sam desterrros  
de propios contentamentos  
assi que neste casar  
sem homem se aconselhar  
com Deos z consigo mesmo  
se se casa assi a esino  
viue pera mais cansar  
po. Tenho bem oulhado tudo  
deyra tu o cargo a mi  
porque tu veras no fim  
se o fiz como se fudo  
noi. Vos tendes a faca z o queiso  
cortay por onde quiserdes  
porque tudo o que fizerdes  
outra cousa não desejo  
po. Esta molher que teu dou  
he pera casar com conde  
a fora o que mais etconde  
do que eu bem contente sou

he virtuosa  
rica, honrrada, e fermosa  
que de bem em milhor caxas  
porque estas sam as alfayas  
pera lhe não porem grossa  
noi. Eu tinba no pensamento  
dar primeiro hũa yda fora  
porque casarme agora  
he catuar-me ante tempo

po. Não to tolho vay embora  
noi. Eu nam digo agora isto  
por nada bein tenho visto

que me desejaes proueito  
e por esse so respeito  
naquessoutro não enxisso

Mas pots vos contentais  
ja vos digo estou cruzado  
e isto aparelbado

a fazer o que mandais  
mãe. Filho sejas bem casado  
a bençam de Deos e a minha  
e a de vossos avos

venba filbo sobre vos  
noi. Que fazeis vamos asinta

po. São auemes dir tão sos  
espero por Joam duarte  
por qua homem de dar parte  
delias cousas os amigos  
e mais aos que sam entigos  
virtuoso per sua arte  
e aprende bem se viueres  
traze o amigo por estojo  
e selke sentir teu nojo  
dalbe parte dos prazeres.

¶ Aqui entra o padrinho.

ps. Ora Deos vos salue ca,

po. Venbais embora com padre  
pa. E quee de minha comadre  
po. Não na vedes, eyla aqui esta  
vos esperais que ladre  
mãe. Eu cuidey que não viesseis  
pa. Deizei mais estar em praticas  
e entam pessoas freymaticas  
em casa nunca quiselleis

¶ Entra Afonso thome, Fernam  
dandrade, Felipe godinho,  
mancebos.

ãdr. Beljamos as dos senhores  
não serey eu tambem socio  
ja entendo este negocio

po. Somos vossos servidores

ãdr. Vos sois o que vos culpaes  
não sa dir por essa guã  
he noyuo furtado aa lisa  
isto ou como lhe chamaes

po. A gente agora he sobesa  
ha dir aa porta da ygreja  
este domiingo que vem  
e entonces sera bem  
ca queffa tal honrra seja

ãfõ. Tambem nosca somos gẽtes  
e honrrados quanto monta  
e se bem lançamos conta  
alem damigos parentes

E porem  
aqueste descuido vem  
de não sey e bem sey donde  
por qua inim não se mesconde  
ho que he mal, e o quee bem  
god. E eu nam quero falar  
nam me mandarem chamar



sendo aqui tanto rezinho  
ja bis por outro caminho  
nam ay que confiar  
po. Tenho esta condição  
não vos quis dar apressam  
que fereis acupados  
afõ. Mas nos somos obrigados  
fo pela conuersaçam  
ãd. Mas elle por nos nam deuer  
virnos lbe bailar na boda  
encobrio a festa toda  
po. Antes eu busco prazer  
god. Psto em que ponto esta  
po. A zora ymos pera la  
afõ. Ora pois sus partir  
po. Todavia quereis yr  
god. Pera isso vimos nos ca  
pa. Não vossas merces diante  
z o noiuo aqui roçagante  
noi. Nunca taes concertos vi  
tanto monta aqui como alli  
and. Falais como homem galate  
nam sois noiuo çapateiro  
caueis dir por trasfuguetro  
la de tras no cu de Judas  
por quas pessvas sesudas  
hão doulhar tudo primeiro  
po. Ou de dentro da pousada  
vel. He de paz podeis entrar  
pad. Esse be mui bom falar  
ve. Tenha èbora a gente hõrada  
ora sus assentar  
cada hum tome seu assento  
não se peze a casa toda  
and. Onde ha reuolta de voda  
nam sa de ter esse tento

ve. Hui se quer vos Joã duarte  
pondes vos la na traseira  
peraqui tendes cadeyza  
mudaynos destoutra parte  
senhor Afonso thome  
nam se va a estar em pee  
afõ. Deixaine vos a mim estar  
po. Peraqui tendes lugar  
afõ. Esteja vossa merce  
ve. Aqui vos assentareis  
aa senhor Fernão dandrade  
and. Estou a miyha vontade  
ve. Acabay. an. Mo não canseis  
vel. Agasalhar todos per hi  
porqueu não tenho aqui  
mais assentos ao presente  
cuydei quera menos gente  
pad. Estamos mui bem assi  
ve. Perdoay que logo venho  
dou ca dentro tã chegado |  
z trarei a desposada  
po. Vinde logo  
ve. Logo nada me detenho  
pa. Lisar filho be grão tormento  
duas mil fazendas consume  
an. Tense ja tanto em costume  
que ha sentir-se agora be vento  
po. Cada dia facontece  
z isto a todos empece  
anda esta cousa tam rasa  
que quem faz casa desfaz casa  
porquem lbo não agardece  
noi. Psto se dira por mim  
o comisso estava certo  
afõ. Isso be a quẽ anda mais pto  
la tiramos a outro sim

mais sotil z mais secreto  
vel. Luzia ouues cadella  
neg. Seora  
vel. Traze ca esses gonetes  
z trazeme esses alienetes  
que yr noite pus na chumela  
Oulba ca. abre a cayra  
z tirame a minha fayra  
que esta no fundo de tudo  
z a saya do cos de veludo  
que tem alforja maia baíra  
z trazeme o meu cordam  
em que esta atado o meu bonso  
z isso que trouxe Afonso  
tira passo z tem bem mão  
E dentro na condesinha  
acharas búz rodelinha  
que be de pano dalmadraqe  
tem hum pouco destoraque  
trazea ca z vem asinha  
ne. Nunca achar seora não  
arca todo reboluido  
saya santar escondido  
ou leba elle ladram  
toro casa anim cata  
Jesu Jesu esse diabo leuou  
vel. Cadella seu a vos vou  
quereis oje vir de la  
ne. Gradia o gonete a mantia  
turo turo sa furtado  
Jesu Jesu hulo sa guardado  
Jesu Jesu brigua Maria  
Ello chane desse porta  
Jesu esse casa não tem gente  
a que esse veyra a semente  
esse candea sa mo:ta

elle chama toro dia  
cadella nunca Luzia  
cadella como te oyo  
cadella deytate moyo  
ve. Tendes grande fantessa  
ne. Dize verdade esse tem  
brada brada bosso bem  
nunca bosso mim tende  
porque bosso nam more  
mi dara bosso bintem  
ve. Tudo nesta negra sume  
olba de aquelle focinbo  
tomay cadella hum testinbo  
z tende aqui hum perfume  
Anda por ay diante  
tira por aquesse manto  
acaba acaba quebranto  
se leda tem hom sembrante  
bre. Ja qui sois não bradeis tanto  
vel. Lo:rege eisa biatilba  
z tira eissas crenchas fora  
ora sus andar emboza  
ergue mais eisa faldrilba  
huy oulba y vos como meu bia  
sem veoz z sem enteruia  
achauame tam pejada  
co. Yiso não releua nada  
ve. Que diram que san sandia  
negra antes que mesqueça  
a minha beatilba poemna  
z dame ca essa peloyna  
quem tarma eisa cabeça  
bre. A fruyta quem na de dar  
ve. Adais empecilho echartemos  
co. Adas oje não acabaremos  
dalla quem se acertar

ora sus comadre andemos  
vel. Assim como tu chegares  
faras a todos medida  
ficaras muito segura  
segura sem te mudares  
perdoay que ja tardava  
po. Isso não releua nada  
pa. Não tarda quem arrecada  
aid. Porem alguém se enfadava  
and. O noiuo se facontece  
que he mal cas vezes acude  
pa. Tal seja minha saude  
qual ma noiuo a mí parece  
po. Possibe Deos sua virtude  
ve. Não corteis de dous gumes  
fique isso pera outro dia  
porque esta na companhia  
quem vos pedira seumes  
noi. Isso quer ser zombaria  
ve. Não curem de se estender  
nem aja assi cumprimentos  
façãose os prometimentos  
que ha muito que fazer  
pa. Falais como quem no sente  
dizei silba sois contente  
de casar, dizei si ou nam  
bre. Si sou  
pa. Ora day ca a mão  
e dizei presente este gente  
e vos tambem não vos vades  
decrarardes vos conuem  
sois contêre. no. Si. pa. Esta bẽ  
yguas estais nas vontades  
Day ca as mãos e dizei assi  
digo eu Breatiz Clarela  
que por meu marido e amigo

recebo a vos João corriguo  
tomay agora a mão della  
e dizey como eu disser  
digo eu João corriguo  
que com vontade singela  
recebo a vos Breatiz Clarela  
por molha.

Comadre.

Que fazeis deita ilho trigo  
quis Deos que fosseis casados  
pera que sam mais trapaças  
alçay as mãos dailhe graças  
filhos seiais bem logrados  
ella moça, e elle moço  
bem se foram ajuntar  
por vos se pode contar  
deitem o noiuo no poço  
se com a noiuo nam brincar

Entra Grimanesa.

grí. Mandá aqui minha senhora  
que perdoe por agora  
e que sayba que he sua toda  
e que pera ajuda da boda  
manda isto. ve. Tenha embora  
grí. E que lhe roga que ponha  
a noiuo muito de festa  
ve. Aguarday leuareis a cesta  
dizelhe que ja he vergonha  
de tanta merce comesta  
grí. Mandá mais vossa merce  
vel. Assentay vos silba aby  
e como acabarmos aqui  
leuarlbeis nam sey que  
e mais quero que seiais  
porque sey que vos cantais

**gri.** Eu bofe nunca cantey  
**ve.** Nam ja ami que bem o sey  
**pa.** Nam ba aqui que fazer mais  
**ve.** Nam se bulla aqui nanguem  
nam he festa sem comer  
z o comer he prazer  
z o prazer daquillo vem  
comadre soergueyvos vos  
z leuantade esses doayros  
**and.** Se formos la necessarios  
tamocm seruiremos nos  
**ve.** Adana como sain colayros

**¶** Aqui trazem as comadres a cõ  
foada. s. a Uelha z a Comadre, z  
mây do noiuo, z a Negra, **Pero**  
vaz lança o vinbo.

**ve.** Ora sus de mano em mano  
lançay mão z bebereis  
**afõ.** Vos as pedras forçareis  
**mây.** Pois q̄ vem de anno é año  
vingayvos  
**pe.** Muy bem dizéis  
**co.** Comede ora acabade homem  
comede não ajais payrão  
**pa.** Achastes vos o mochocho  
que se peja muito onde come  
**co.** Sempre vos assi acho  
**ve.** Vos **Pero** vaz ao padrinbo  
z o senhor Felipe godinbo  
que fazeis Fernam dandrade  
chegade se quer chegade

**po.** Peça quem quiser o vinbo  
**mây.** E vos Afonso thome  
lançade a mão ou o pee  
**afõ.** Nisso sam eu bem galante  
**ve.** A taça ande por diante  
**god.** Bebamos pois que assi he  
**ve.** Entrementes que duramos  
que folgemos que comamos  
com fazer pozem virtude  
por ca virtude acude  
a saluaçam que speramos  
olba não se quebre nada  
leua la dentro cadella  
a festa ha de ser refestela  
**pa.** Vos falais como auisada  
**co.** Cantade vos de terreyro  
tres por tres de cada parte  
**po.** Ordenay vos por vossa arte  
queu quero ser o primeiro  
**ve.** Eu z Afonso thome  
z Brimanesa, yzguete em pee  
vos outros la concertade  
o noiuo z Fernão dandrade  
z Godint: o  
**go.** Serey bofe  
**ve.** Ora sus pois começade.

**¶** Cantem de terreyro qual que  
serem tres por tres.

**¶** Fim.





## Dos dous Ladrões.



**C**Auto nouamente feyto por Antonio de  
Lirboa muyto gracioso. Representado ao  
Conde de Vimioso. Em o qual entram on-  
ze figuras. s. dous escudeyros, e hum ju-  
deu, hum Vilam, dous moços de pa-  
ço, e hũa moça, hum meyrinho cõ  
dous beleguins, e hum moço  
Representador.



**E**nta o moço representa  
dor: e diz.

**Q**uem for moço escudeiro  
cumpre he ser sabedor  
ba de ser bom cozinheyro  
e discreto mensageyro  
e regatam comprador  
ba de ter tal discreçam  
q quando vir cousa a modo  
lhe sayba lançar a mão  
e com meyo real de pã  
se mantenha bum dia todo

**E**u estive cum prelado  
la na villa dos hombreiras  
este me fez au fado  
de sempre lhe leuar recado  
a vultas e alcoueteyras  
diz se falares bũa hora  
damores se muy trauesto  
tirar lho barrete fora  
cõ beijo. has n. ãos senhora  
e dar com ella da uesso

**I**sto com repiniquete  
como me tu vees fazer  
com umbicar de barrete  
com arzinho tam docete  
que folgueso de te ver  
de: iame de ste sem  
lbaa tu de faler Siluestre  
por isto diz q e bom mestre  
tra discipulo bom  
**A**gora vim ca n erar  
com ham pelado de u. u. cito

**a** chey tudo verdadeyro  
quanto n e foy en'nar  
ho padrefrey calaeyro  
**B**andoume ca o Eu: or  
nã cuides que vei ho en solo  
fez me representador  
q como quer q lle he moço  
mandon me ço en barador

**O**nde ha pouca y da e  
nam pox e a er nuyto sfo  
ho autor he muy neugo  
e toda sua vontade  
he de culpa se acui disse  
e com toca ua fraqueza  
do exemplo tenam m uca  
q mais val que deos ajuda  
ja sabeis esta certe a  
**A**gora a vontade minha  
ros: iey muy de v. gar  
que por muyto madrugar  
nã amanece mais a nha  
dous escudeyros peia os  
logo pumeyro han. de ntrar  
que se me em a roubar  
por se acharem de çgarrados  
e nam podereim te edrar  
**A**gús tempo fundamto  
que nomear as figuras  
de n. uy grande en fademto  
por tanto dou a cabento  
que siguiu suas duçuras  
cada bum diga o que quisei  
e unte não lamo ci n e  
por que leguir o culturre  
nae he ião pouca nica ver



**C**as podem como d' dizer  
se paifar algum error  
perdoay porque o au oz  
hencuoneste mister  
nae me quero mais octer  
quero mir que vos enfado  
vou muy cemente pagado  
por ta! apara ho yer

**E** Saife o moco z entram de...  
escudeyros, Antonio to'ado, z  
João cardoio.  
Jo Senhor Antonio tofado  
aa meu senhor que me mãdeis  
jo. hum homem que sta pelado  
z ha de n. ante estado  
senhor que lbe aconselhaís  
an Que senhor  
temar de malo milhor  
outra tanto faço eu  
jo. nam ha nulhor nem piez  
valia dum caracol  
nam t. nibo sen. or de meu  
an Soportar  
jo o day a E esse o esperar  
z soporta tamhem  
senhor que mia: ydatem  
nao lbe de de milhor cauar  
an menor nam  
gra m coua lbe ser corte em  
c ue por viuerdes hori edo  
c ue furteis nam he peccado  
ela lbe munha o: n. tam

**E** La se  
que a corte gram cor. lbe

que valer dous cortees  
hum senhor beijo lba: mãos  
z cuas de volia merce  
Hum auiso  
hum saber falar com: lso  
pois ver a ceusa que anda  
a meu senhor que me n. ada  
estou a vesso leriço

**E** Na seycam  
hum andar tam fofarram,  
ora hum. tatar com: tencio  
Jo. q: a corte he funaamento  
n. euk nhor da desle. m  
João cardoio.

**B**em fa'ais  
mas podem se bem o' hais  
en. fim ser hor esta vida  
he vida t. pe: erdida  
por mais q' vos me digais  
Porque ufo  
sam palares tudo he riso  
a vida que ena cu boa  
Antonio tofado  
O nam diga ta: pessos  
que en. fim core he parat' o  
João cardoio.

**A**houe eu  
cin yer andar hum judu  
tão pres. ntuofo z gamenbo  
hum t. aterneyro: andeu  
ter mais ciuidades de leu  
do que u de cabellos ranbo  
E tambem  
na m veres rico ningeem  
se por tho bem olhaís

aquestes officios tais  
capateyros  
shabebes tauemeyros  
pescadeyras isso assi  
mas porcos escudeyros  
as casas feyras palheyros  
sempre de continuo vi  
en. **S**ra m payram  
senhor vos tendes rezam  
porque eu deyro mal pecado  
o meu pelote empenhado  
venho em calças e gibam  
e com isto  
não tenho por Jhesu christo  
foo real em meu poder  
jo. **s**enhor eu fundamente  
se vos muy bem parecer  
com rezam  
sabeis que diz orifam  
quem senam auenturou  
nunca perdeo nem ganhou  
esta be minha tençam  
se bem olhais  
senhor quam pelado estais  
e eu muyto mais que vos  
metamonos se mandais  
e reubar nos ambos soos  
an. **b**om zombar  
folgode vos escutar  
porque em tal cateçeria  
se comecarmos a gostar  
nam nos podera tirar  
né Deos nem sancta **M**aria  
A qualauer  
vilanzinho que vier  
bó cabaz douos queçirinhos

achegamos com saber  
e ciralho do poder  
po. muy galante; geytinhos  
jo. **S**ra bem  
pois que Deos a ver nos vê  
facamolo dessa sorte  
nam curemos de ver Rey  
e pinguesse toda a corte  
**S**enam fartar  
que se nos Deos ajudar  
dinheyro podemos ter  
e depois de enriquecer  
y viuer nbum lugar  
an. **Q**uem no visse  
que desta vida saisse  
algun pouco melhora do  
jo. **b**em rico ou bem pinchado  
tudo o al he paruoisse  
se Deos quiser  
inda e fero de ter  
sesenta mil réaes de renda  
an. **e**u com telos de fazenda  
me viria Deos a ver  
jo. **P**or ventura  
faltaruos ha vestidura  
comer nem cousa nascida  
be hum officio que dura  
em quanto vos dura a vida  
an. **l**argamente  
se for homem sufficiente  
sabido neste mister  
sempre tera de comer  
e vestir honrradamente  
**P**ois senhor  
sabeis o bom caçador  
ha sempre dandar calado

porque a coça milhor  
e pantalle deorum  
e a meu ver  
nem quero mais despend'er  
porque a bom entendedor  
pouca a palauras a do d'ier  
Antonio tofado.

Vos fallais muy ben. senhor  
Aqui entra hum Judeu  
e diz.

**Q**ue coysas . q̄ baralhas  
que maranças sam aquellas  
guardemo senhor de espadas,  
ou de jogo de punhadadas  
e de pingardas, ou bestas,  
como aroygado

rempo polo deu sagrado  
foem ver espada nua  
fujos homente da rua  
onde oyo o grito outrado

**C**omo sabido  
nam sou nada darruydo  
nem de pelejas me pago  
se estando em casa n' estado  
oyco na rua apellido  
de medo to de me ago  
a verda e

bee carlanbia heidade  
fo... o questas andancas  
e nam ve nunca cidade  
nem pelajas nem metanças

**M**em a ruydos  
nem t'oumes n'ozes sentidos  
nem noyros effan legados  
que a nam tenho emidos  
em ruydos m'ozes ruydos

e mas adas  
a bonés d'opelae q̄ radas  
correladas cedo ou tarde  
a oytros estocueadas  
destas tais balcarnadas  
n'egarde ofinhor me garde  
por esta fada

nem quero trazer espada  
porque he muy bon. e selbo  
azer paz e mozer velbo  
guardar da gũa porrada

n'urba melber  
em f'omente espada ver  
mudafelbe toda a cez  
nem cu negre sihe mayor

nam qu' r' hum puntal trazer

**D**e gereram  
nos ve n'iste q' e meu yruão  
hede e propie n' et. l  
meu primo outre cue al  
meu negro desta fey. n

an. bo gracião  
ouute senhor João card. so  
jo. muy gos ofe he o Judeu  
ju guay guay, qui moze eu  
guay o t' rabi marhe lo  
que lera

jo. Sayam os senhor de ca  
grei e pio: esiar illi  
Lou é de bem. a f. l'ay bela  
nam vos ch. gu y. p. e. a my  
dese cabo

fallay. e say cuedo orabo  
ora. Des venha con go  
e m' guarde de feigo  
e de ves como do u. do

an. Ene labor  
a hum ladram saltador  
não se diz mais estay que do  
dizey de que auer o pauor  
u eu senhor não ey temor  
mas tenho muy grãde medo  
an. vos que vedes  
ju. vejo estas mãos q̃sãõ redes  
e anzolos de pescar  
an. que judeu tam singular  
fallay la com essas paredes  
jo. **Q**uomem bomtrado  
passay sem nenhum cuydado  
não tenbais temor de nada  
segura tendes a estrada  
nam seiais mat auitado  
ju. olhay la  
como estam com a yza mas  
no caminbo atranessados  
com as espadas pera ca  
tam negros refinçados  
**Q**uay de my  
sey que nam vos conbeci  
reilas caras nessos rostos  
olhay la como estão postos  
tornarme quero daqui  
pois coyrado  
vi me u ca em negro fado  
prometeisino premeis  
que nenhum mal me fareis  
pelo juramento jurado  
**Q**uam falais  
an. prometameis ju. segurais  
an. seguram os ju. vostão bem  
ficais como homem de bem  
que nenhum mal me fareis

jo. que si fico  
an. crede que o judeu vem rico  
ju. que falais la a orelha  
mal parece essa conselha  
nam quero conta com bico  
jo. **P**esar de tal  
cum judcu tam bestial  
aqui Antonio rofado  
ju. ay ay ay que sam matado  
ay del Rey que grande mal  
an. vos falais  
voto a tal se boqueiais  
o m judeu perro cornudo  
que vos faça mais meudo  
que o po sobre que andais  
Judeu.  
**Q**uomay hi  
o bellamiguais de mi  
nam me façais tal estrago  
an. não cuideis viruos assi  
trazeis mais dinbeyro aqui.  
ju. polo deu senhor nam trago  
an. sus botar  
nam vos veja aqui estar  
nam cureis de mais ra: ões  
ju. negro lodo e mao peçar  
mao fogo de sam **M**arcal  
que venba por taes lajões  
**Q**ue farey  
me: quimbo por donde yrey  
que assi estou de pojado  
Justiça a que del Rey  
namiba ora aqui a quem  
que nisto ponba: e crado  
grande mal  
negra **P**alcoas e mao **P**atal

e não sam. Joam, tambe m  
venha por quem me faz tal  
de birra quero mozer  
pelodeu que me mantem  
**C**onde estaua  
guais que nam arrancaua  
da adaga que trago aqui  
quero tornar la si fi  
pois agora ma lembrava  
a que espero  
quero yr, porez nam quero  
negra foy ca minha vinda  
mas porez nam descepero  
dunbeyro me fica ainda

**C**ora andar  
quero me decebirrentar  
a mara da minha vida  
mas segundo meu cuydar  
que quero aqui deytar  
durmyrey bñia dormida  
tam valente  
me acho que certamente  
se de pois assi me achara  
bo que se fez nam passara  
se me este braço nam mente

João cardoso.

**P**esar de sam  
pouco pela este bolsam  
muy pouco deuedeter

Antonio tofado.

**A**brinboz pera ver  
que taleita o cristam  
boa entrada

jo. de cruzados sem mais nada  
redos em muy bos doções

ca dentro, tinha tostoos  
quisto no bolsinho esta  
**E** tambe m  
nam sey quantos vintêcy em  
este foy bom lançozinho  
pardeos que deste caminbo  
eitapamos muyto bem

Antonio tofado.

**S**em duuidar  
muy gram cousa he furta  
nã cureis de mais conselbo  
z porez este he o mal  
que se vos vem a tomar  
pagais o nouo z o velho

João cardoso.

**A**ntes nam  
de marauilha hum ladram  
vereis vos prender senhoz  
an. mas todos pesar de sam  
do que tenbo eu grãotemoz

João cardoso.

**P**ois notay  
que outra cousa nam ay  
que se vos auenturais  
he come homem que vay  
a **P**eru se bem olbais

an. Bem ho reio

porez muy gram mal sobejo  
he o que se segue daqui  
jo calayuos corpo de mi  
que me mataes neste enseyo  
se quereis

n. eteyuos frade fareis  
vida sancta pois sois sancto  
an. ja me vos enfadais tanto  
quanto vos muy bem sabeis

Tudo car' o' o.

**E**stam nam mui  
quanta da queza fey q' m  
nao medraremos ne tanto  
ou he que auia de ser san. o  
ou auia de ser ladram  
bem estais  
azinha vos enfadais  
nunca eu conuolho n. ed. o  
na for vos pa camara pedro  
nem por mais q' me digais

**E**ntra o Vilam cantan-  
do.

Cantiga.

Os olhos de minha vida  
me tempreio z catiuado  
que na posso estar quedado

falia.

**O**ra de. e que o cantar  
que el gra o coraçam  
quando homem ve de fe. ca  
he milhor que hu bo janar  
mas por m  
fanuase o homem veit  
como eu venho agastado  
que he prestao coy. do  
nem tanger nem baylar be.

**E**stua cantiga  
que se diz da eremiga  
por aqui he vay o cantar  
comecasse l. por mal  
he bua muyto antiga  
ba ba ha ;  
kruca me a len. bre ja  
quecoiza queza fey cam

ma' eremiga. he som  
mal vey assi erama  
ouubem a ten. e mdo

**E** Cant. ga.

Abata me quando vos veio  
quando vos nao veio mais  
nao fey porque me matais  
falia.

**E** bese

creo meu peoora fee  
bumpou com. l. auiao  
t. mposoy q' n. al peccado  
vos cantar a eu como que  
mas agora

como casey na ma: a  
na maora z nella z nella  
perdi o co. o ga gante la  
f. nunca logo r. esora

Como casey  
segonego com. fey ;  
a l. codir na mo. l. er  
tan bem perdi o tal ger  
q' tanga m. l. hor. qu. n. cy.

**E** foytudo

cu. fiquey me come mudo  
minha n. o. her. o. i. ad. pego  
sempre anaa la co. ciego  
eu cutde que iam conuado  
bese fi.

estou ro dia os vi  
ey vergonha z e o dizer  
vilhe b. a. c. u. l. a. f. e. u. e. r.  
do que n. e. pe. l. u. e. m. e.

**E** nemeranda

reyo que. a. a. ab. ra. ca. da

como elle si por sam mil  
enriba doperriril  
z com ella trabalhaua.

**C**ora em fim  
elle he homem como my  
mal lhe ey culpa de poer  
ella tambem he molher  
z fallo seu z assi

**E** tambem  
eu quero he grande bem  
z ella tambem amy  
tanto me da assi com assy  
tudo he seu ay o tem.

**E** na verdade  
ella viue a sua vontade  
eu tambem viuo a minha  
pera quee mais liberdade  
pera quee mais louuaminha  
**D**eos louuado  
he crego, he beneficiado  
z mais sempre lhe dara  
jaa lhe deu hum calcado  
lamica sempre lhe daa.

**J**oam cardoso.

**P**or lam sam  
gostoso vemo vllam  
nam vedes como he bonito  
bei o as mãos do fofarrão  
vil. Falla. n e por garauto  
guarda fora  
não direis venhais embora  
eu cou'a assi de prestar  
lego fa lais por beijar  
an. E los tendes re, am agora  
**A**das por em  
dizey no cabaz que vem

he coisa pera vender  
vil. Samicas ouem de ser  
ouos z queijos tambem  
jo. Descobri

vil. vos que quereis bofe fi  
to compraruos pois q vendeis  
vil. Si maora comprareis

lamica zombais de my  
**J**oão cardoso.

**Q**ual zombar  
nam quero senam comprar  
que cousas tem vilanzinhos  
z a como aueis de dar  
o par haquestes queizinhos

vil. a vintem  
an. a menos tomareis tambem  
vil. abofe senhor que nam  
que mais de custa me tem.  
an. z os ouos como se dam

vi. **C**ha de custar  
se vossa merce mandar  
aduzia a dezoyto reis  
an. a quinze nam tomareis  
vil. seja por descarregar  
mas bofe

que muyto barato he  
lamica rependemcu  
jo. z vos mano sois sandeu  
vil. ho corpo de Santandre  
jo. Sus vilam  
contay de mais dhum rosta.  
vil. Pareceuos bem engano  
runca mais menganaram  
a corpera nam de iam  
z eu lamica perdi o pano  
si perdi

pois eu o tragia aqui  
merido neste gabam  
o que maora ca vim  
que maora moje ergui  
er lo aqui corpo de sam

**E**rama

po: perdião o daua jaa  
jaa lheu fazia essa conta  
jo. fazey conta que tanto monta  
porque bem perdião esta  
vil. que dizets

jo. digo que quanto trazets  
nesto panozinbo atado  
vil bofe senhor hum cruzado  
z nam sey quantos vintêis  
Antonio tosado.

Sois casado

vil. muy bẽ Deos seja louuado  
an. quanto ha que vo z casastes,  
vil. dilocy pois preguntais  
hum anno faz acabado  
mas perem

vossa mercea tambem  
porque me pergunta isso  
an. por ver se casastes bem  
vi. bosa negouos eu isso

Antonio tosado.

Quereis saber  
pois sabeis que ouui dizer  
porem nam sera verdade  
que ta que doum e cum frade  
Ulam.

Quantisso bem pode ser  
que marauilha  
jaa lhe la deu bũa fraldilha  
hum crego de sam Thome

nam releua molherbe  
nuncalhe falta' beartilha  
nem çapata pera o pec  
**Q**uero ver  
se vos tuuissetis molher  
digo a qual criatura  
foisse de sua natura  
trabalhar z correger  
que remedio podcis ter  
marala não he direyto  
pois dalhe não he bem feito  
pois que, deyrtaia fa: er

jo. Bom falar  
esse he meu a conselhar  
fazeyo vos sempre assi  
quem vos mere trabalhar  
nem andar daqui perali  
estais comigo  
conselheuos como amigo  
vi. muitas merceas senhor  
pola bea vontade z amor

**A**qui lhe tome Joam cardo  
soo pano da mão, z diz o Ulam.

vil. **B**em quee isso  
vo z ombais eu vay de fiso,  
jo. zombar vos parecera  
vil. acabay senhor daqui  
nam este mos ora isso  
jo. bem esta  
poem milhor vos sera  
yruoe ora vilam prestes  
fazey conta que o perdestes  
Ulam.

ma! me parece isso jaa



**B**em bem bem  
vos jugata sine perem  
de rapina y crama  
affi facustuma ca  
tratar os ho nês de bem  
bem tratados  
vindes como homês hõzados  
parecendo fidalgões  
vos jugataes de ladrões  
vejamos eu enforcados

**S**ram fadiga  
perem deyrando esta brigã  
pois leuais dinheyro aifaz  
dayme si quero cabaz  
jo. da uos ey bõa gram figa  
vi. Ora roigay  
reugo ora de meu pay  
pois dõs frefeito nos ceos  
dayme ora o cabaz day  
yiqu rpor amor de Deos  
an. Si buncar  
porquẽ nõ eys de leuar  
o. qui tamando comisso  
vi ynda nõ nõ quereis dar  
por amor de Je. u Chusto  
jo. ou vilam  
nam cureis de mais rezam  
yus ora muyto em ora  
vi ficay uos com a ma hora  
pera ladraua eyram  
E. Uos r effutro  
ve. a eũ como vi outro  
como creõ que verey  
vi de os a lados dinrey  
se. oram orados doutrem  
nam nos culpa. a perem

corpo de mi  
quem he aquelle que see li  
chimpado naquelle chãõ  
valhame Deos Birie eleiõ  
Je fa me liure de ti  
S. am mo fina  
credo in Deo Salue regina.  
conjurato bem sera  
r effais respondera  
Jesu sancta Catharina  
ay meu pay.

ju bem que he isto guay guay  
eu sonho estou acordado  
vi. certamente isto he peccado  
se no mundo verdade ay  
ju. Sauy de mi  
quem ouço falar aqui  
o que esteis muyto crama  
pois que vindes ora ca  
mate. me medo affi  
que quereis  
faiay menam respondeis  
vos sois homẽ ou sois diabo  
polo deu que o parecis  
to. lo de cabo a rabo  
Se yem a mão  
lereis ora a gum ladram  
vos que la riba ropey  
r vinheis cõ gram opressam  
a roubar me ora o mantam  
pelo deu que o jurarey  
vii. que que que  
r tambien vos si bofe  
te paties com esses ladrões.  
la me rouba an nbumpo.  
lam. ca qua. ro toites

Judeu.

**O**lhay olhay  
não vos espãteis guai guay  
porãsses ladrões maluidos  
me roubaram dez cruzados.  
si por vida de meu pay  
**E** eu com nojo  
tetal todo z tal despojo  
me deitey aqui a dormir  
vil. famicas eu quero yz  
falsquer queixume a joã tojo  
**P**orque te  
ho juyz si abofe '  
z por nullo recado  
ju. fallais tem sois eufado  
dizeis bem por minha fec  
ora andar  
que por vida de Gaspar  
z de meu filho **B**athias  
assí os veja lograr  
que os ey de ver enforçar  
antes que passentres dias.  
**S**i verey  
senão eu me enforcarey  
z vos comigo a prazeyra  
vi. bosa nunca **D**eostal queirẽ  
nem eu tal cousa farey  
ju. **P**orque nam  
vi. douo demõ obestarram  
isso auita eu de fazer  
nem por quanto ha no torãõ  
nem por quanto ha dauer  
Judeu.  
**D**izemetu  
vil. tu es uru ru ru ru  
quatro milbores que ti

medizem vos bofe si

ju mais vay albardar hum mu  
vii. Bem que he tito  
cu sou algum **E**ntechristo  
ou ficais demoninhado  
ju. eres lodo z enlodado  
vil. **e**speray dom: mata **C**hristo.

**L**agauo vay  
polabencãe de meu pay  
ho demõ que adeunho  
que chey o fica o caminho  
famica por onde vay  
gram facanha  
doulhejora o decho a manha  
doulbe jora o demõ o modo  
sabeis a que o apodo  
como a mosca com a aranha.

**O**rabem  
esta gente que ca vem  
semelhõume elles rascões  
guardemora delles **D**eos  
he gente que nam tem ley  
**D**ehũa casta  
queo com: er nncalha basta,  
isto porque lhõnam dem  
z mais be tal chaõm  
que tudo quanto tẽm gasta

**E**ntramdõus moços de pa  
ço, hum per nome **P**acheco, z  
outro **O**liueyra z diz.

**O**liueyra.

**A**senhor **P**acheco anday.  
vos deueis de vir cansado  
**P**acheco.

**C**omo virey des cansado

pois de canso em mi nam ay  
ma! peccado  
ou deueis deser namorado  
pa. isso deyrá eu pera vos  
que sois discreto e auizado  
que os brutos como nos  
basta nos nosso cuidado

**O**ulueyra.

Bom he isso  
porem falando de fiso  
lembrar he aquella mocinha  
pa: qua! ou. a da trauesinha  
pa. senhor muy longe vou disso  
ou. sera assi

porem dyrrão me ami  
que a vos queria ella bem  
e vós a ella tam bem  
pa. outra vi que me perdi  
minha liberdade tem  
Em verdade  
entreguely he minha vótade  
tratame como vassallo  
fazme mil cousas que calo  
sem auer de mi piedade

ou pois senhor  
quante unam teria amor  
cô quem verme não quise  
pa. se isso assiser podesse  
eu seria o ganhador

**O**so tam bem  
nã vos lembra em Santarê  
com aquellas raparigas  
a quem vos queris bem  
que vos traziam desde  
ate vos dar no rosio figas  
limpamente

ou. Falay no tempo presente  
deyray o tempo passado  
que tam bem em Benauente  
fostes vos bem namorado

pa. Ora em fim  
crede que de vos ami  
ay muy pouca diferença  
amor he hãa doença  
doença que nam tem fim  
sem fim he pestelencia

ou. de fisa maneyra  
cada hãa falla da feyra  
ja mentendeis muy bem  
pa. meu senhor quem amor tem  
ba d amar em qnsm queyra  
ou. Eu bem sey  
que amar e querer bem  
he cousa muy conbecente  
quem bem ama tarde oluida  
mas quem a amor menão tem  
terto eu cousa he perdida

pa. bem direis  
isso porque o não fareis  
pois que sois tam sabedor  
ou. beijo as do meu senhor  
vi. mãtenha De os suas merces  
ou. pera onde ys  
vil. famica veu mo juyz  
contar he bem agastado  
bum pouco de maorecao  
que fe fez como homem diz

pa pois contay  
vi. contarey ora me eu pay  
de birra queris morrer  
ou. o, a auer lo de fazer  
vi não farey per quanto ay

ou. **O**ra ja  
vi. Afastay uos para la  
ou. vedes me aqui afastado  
vi. nam seiais ma! auifado  
se iam yreis crama  
vos squais  
famica sey que cuydais  
que sou eu alguem por hy  
pois honrray me vos anil  
porque eu sou dos principaes  
do lugar donde nasci  
**T**enho gado  
e João pirez meu cumbado  
tem rinhao e oliuacs  
som muy bem emperentado  
e sendo la tam honrrado  
vos por canão me honrrais.  
pa. he muy bem  
vossa merce tem ream  
daqui he peço perdani  
vi. falay não faleis com a mão  
ou. vossa merce donde vem  
vi. vossa merce tem rezam  
ou. vossa merce  
vi. ora bem isto que see  
vossa merce dar em mi  
vossa merce bofe fi  
ou e vossa merce nam yee  
vi. ay dinrey  
pa. não gnteis homem de bem  
hon. o. he deis. **O** ueyrra  
como vos chamao drey  
vi. como me chamao nam sey  
renego da crama sey. a  
**O**ra isto  
fayle mais a hum antechristo

nem a hū moiro emperado  
a hū bomē casado e honrado  
fazeis tanto mal como isto  
fidalgos  
e rascões e escudeyros  
nunca vitam na rele  
doubedecho as nações  
que tam na gente eila be  
**E**los cuydais  
que vos catam elles mais  
se sois casado ou nam  
ou seiois de gerçam  
nem outras continhas tais  
senam dar  
famicas não val bradar  
nem dizer e itay quedado  
nem dizer que sois casado  
nem que andeis pera casar  
ou. **O** bom bom  
balharey ao vossosom  
e vos soefme dessa sorte  
vi. sei que cuydareis rascão  
que nam estiu eu; a na corte  
pois eu ja  
andey famicas per la  
cum negocio que traguis  
bofe que auiado esta  
quem anda em tal agonia  
**N**am aproueytáua  
nem por peyras que peltava  
a hum decho destes dinrey  
pois da payra se chamaua  
que on. a. enam! bosey  
ou quanto assi  
chegarmeey e upera ti  
ora me vos contentando

vi. ou'la ou. zimba zombando  
nam esteis vos danço em mi  
pa. **C**bergay ca

vi. fassay uos la erama  
inda vos a ella tomais  
ou vos vilanzinbo fallais  
daylbe Pacheco de la  
que fugir

pa van os onde suemos dir  
deyxemos este fallar  
nam sey quem veyo assomar.

jo. nam sey quem veyo la vir

**E**m verdade  
gente be de grauidade  
ora nomais sen. rascões  
estes ham mister rezões  
faladas por diuidade  
vem louções

ou senbo. es be'elhas mãos  
an. E eu as de vossas merces  
vem da corte os corteis es  
pa. o bem fallar. bés primores

Antonio tofado.

**Z**ombais zombais  
foi gob m'pois jugatais  
della maneyra conigo  
pa se de corteis vos prezais,  
nam sey porque acostumais  
esse fallar tam amigo.

Joam cardoso.

**L**ouçam  
vos sose me tam corteisam  
fallais contrapum eado  
ou. inda isto be canto chão  
nam estais vos espantado  
Antonio tofado

**M**as pore m  
os senhores donde vem  
ou. vinda corte a seu seruiço  
an. z el Rey que vontade tem  
ou elle o sabera muy bem  
quem quereis que sayba isso

Antonio tofado

**C**oncrusam  
crede que sois Salamão  
z vos senhor sois petrarca  
tais razões tal descriçã  
certo que nam se acharam  
daqui a grande comarca

João cardoso.

**T**al fallar  
nem tam gentil moteyar  
nam se achara no mundo

Antonio tofado.

**E**m fim sois outro segundo  
João de mena sem tardar

Olueyza.

**E**u entendo  
z am. me vay parecendo  
que vos vie m'Almeyram

Antonio tofado.

**A**ssi me parece ami  
que vos vou eu conbecendo

Olueyza.

**P**or meu amor  
con o vos chamão senhor  
an. am. Antonio tofado

Olueyza.

**S**ã meu senhor amado  
jo eu se m'vosso seruidor  
que canseyra  
an. bo n. eu senhor Olueyza

quanto ha q̄ não nos vimos  
ou. desde tempo que partimos  
de la de val de figueyra  
an. **Q**ue auera  
ou quatro annos justos ha  
z cando que vay por cinco  
an. zombay, zé bay he hū bunto  
ou. que vinda foy esta ca  
a folgar  
an. senhor vinha a passear  
ou. pois tam longe da cidade  
an. venho ca ver hūa verdade  
que quero agora comprar  
ou. **E**u creio  
desde que dom João veyo  
vos fizestes comprador  
z el Rey nosso senhor  
crecêto uous. a. meo por meo  
ou. folgo eu  
porem senhor que vos deu  
algūa cousa bem fina  
an. hum officio pe. a a Mina  
que vendi a hum Judeu.  
ou. **M**orador  
an. mas escriuão que he milhor  
ho qual me foy bom agora  
ou. folgo tanto meu senhor  
como se meu proprio fora  
pa. ora anday  
dellas razões vos deyray  
que se faz tarde andemos  
porque cō cedo chegemos  
porque o sol pondo se vay.  
**S**ilueyra.  
Por amor de mi  
Pacheco eixey me aqui

que logo tozno neffora  
pa. ora estais b. m. pardos si  
illo ey misleragora  
onde hys  
ou ho corpo de sam dinto  
z vos não me esperais  
pa. tornay logo z não tardets  
cuuis **S**ilueyra ouuis  
a pejar  
de quem ma de bautizar  
**A**noyte quer se ja vir  
z estamos de vagar  
jo. não vos deueis dagastar  
q̄ na venda podeis dormir  
pa. bem andaria  
quem dormisse oje este dia  
na venda do carriscal  
sempre felgais de zombaria  
porem eisa zombaria  
nam val hum meyo real  
jo. **D**ia nomais  
vos mano quando zombais  
cuidais que sois gracioso  
pois sois o mais delgostoso  
que a todo mundo enfadais  
pa. como isso  
he a. a tam castico  
grande cousa he natural  
dizem: sois do funchal  
jo. eu vos darey conta disso  
**A**ntonio tofado  
ora sus tende cuydado  
nam vos quero mais dizer  
agora quero eu ver  
hum rascanzinho cagado  
an. Joam carde do

tende bem m'ão q' he forçofo  
ja fois vos este matalete  
ora dispilhe o pelote  
pois que he tam gracioso  
De fey cam  
que abayceya p'ra surçam  
pois fal a tam de sbei ei o  
pa. que acha qua tam benesto  
he este pera hum'aciam  
en ora agora

vos ped'eis yr muito embora  
r yre'c mais de pujado  
v. lham'c no'la Senhora  
r vos hu' fato hum' soldado  
P' r yrida m'ba  
n o vos faka' enã gerinha,  
com penache e spadarram  
qu' gen' l' r' spof cam  
jo n. ill. or que a que antes tinba  
pera l' umbayio vilam  
pu. fo' got em.

pois l'be pareço tan bem  
mas eu cur'ço a meu ver  
que m' l' boz l'ba de parecer  
ho pelote que l'atem

an. **E** Deu ser boz  
r de uos por meu am. or  
culbay que me anojarey  
sem. anajo anojart'os ey  
nam quey r'ais ser falla. or  
pa. calarmey

r por agora me yrey  
daqui vos prometo eu  
e ue'ieu espada ey t' e meu  
a gum' ten. pe me vingarey.

an. **S**em fazez

ora Deos me vea a ver  
co n'ete peiore tal  
hepera m' natural  
nam se pode mais fazer

jo. v'isti v'isti

an. v'istirey vedelo acut  
infim' coufa be de n' n'iro  
jo. bo sent' or que esta ou' n'iro  
enday era p'ra ay.

Singular

em. q' o man' ar'ie c. r'ar.  
r fa' eraa rolla n. c' d'ida  
nam se pedera a bar  
h'ua coufa tam n. icida  
cubri a capa

essa dispo' cam rapa  
estats feyto hum' Car' cal.

an ouereis de dizer papa

jo perdoay se faley mal

an. **E**u d'ria

senhor que muy bem fer'a  
que nos fosse mos daqui

jo hara' am saber que a

porque di' era l'io assi

an. eu o direy

porque senhor se o' bala' bem

a questa n'ua em verdade

and' ara ja a nacidade

muy quente que eu bem o sey.

**E** pode ser

que nos y enham' a prender

jo ho se quer r'ce deys l'io

que fois o c. m' de l'io

senhor de. odo o' l'aber

an. r'alle

que c. car'ecris de mi

po lo que digo senho  
jo nam ajais nenhum temor  
em quanto estive aqui  
an hee muy bem  
pois quem tal esforço tem  
merece mil cousas boas  
mas isto digo por em  
por que nam tenbo tambem  
minha vida em tres peiloas

pa. cu sam  
perdido em concur sam  
bua moça vem ali  
pelamed star assi  
despido desta feçãin

**B**eijo as da minha senhora  
mo. z eu a da desposifam  
pa. como isto he cortefam  
mo. mas comisso he bom agora  
por que he perto do veram  
dizey mora

va hame nessa Senhora  
vos vendestes o pelote  
ou sey queo jugastes ora  
na n me f. l. is matalote

**A** falay ia

pa. senhora vindes de la  
da cidade m. olha q pragas  
eu he d. go que se vaa  
z elle descalça as bragas  
di. eynisto

pa ren go do antechristo  
pois ca ora que vos vi  
sam mais veio que de mi  
nam ponha: s ouuida n sto  
mo. Tendes rezam  
mas falando em concur sam

que soy isto me di ey

pa. isto me fez hum ladram  
ou ladrões os quaes sam  
ambos criados del Rey  
mo. que dizeis  
ora vos escarnecis  
ou falais de siso comigo  
pa. senhora nam duuideis  
que he assi como vos digo

mo. **P**ois cortada  
triste de mi desdada  
z eu como passa ey  
pa fazey o que vos di ey  
z nam cu: eis de mais nada

tomayuos ora  
pera a cidade senhora  
se quereis fa: er o siso  
quinda cu tenbo agora  
bua cama a vosto seruiço

mo. **B**e n dizeis  
se pola cama o auéis  
muyto sey que ma darã m  
de cear nam me dareis

pa daruos ey meu coraçã m  
mo. bem fãia

mas com tudo todauis  
determino de passar  
pa muyto grande erro seria  
mas deueis vos de tomar  
mo. **Q**ue nam quero

em **D**eos conño z espero  
que de mi auera deo  
pa. eu senhora desespere  
pois q me deyrãis tam so  
elhay bem  
pois que tam pie: o me tem



esta vossa sermosura  
quey doo de mi tambem  
nam n. e deis a sepultura  
**E**m verdaçe  
deyrat me cõ gram saudade  
ba serbora tomay ca  
n. o. isto he n. uytarde jaa  
pera tomar a cidade  
quero n ir  
z ieyes quiferdes vlr  
te: meate la companhia  
certo muyto folgaria  
pa pois con. o despidoe ydyz  
quem nos visse que diria  
no **Q**ue re: em  
dram cuis muyto loucam  
z schais que he muyto mas  
aquella dispossam  
era em fim quero nitr jaa  
vos ficais  
pa. senhora l: me leuais  
este: iste coraçam  
oe cuj dados ficaram  
ficarem penas mortaes  
ficara toda payxam  
mo **G**rande nooz  
fica mozo o peccadoz  
assi ho dia bo orome  
se o nam n. atasse a se me  
mats quec mata o meu amor  
pa doute hãa figa  
pera putar repariga  
olhay que rosto ella tem  
pera se matar ninguem  
nem ter por ella faciga  
**S**asse o u: ego:

an. **M**inha serbora  
vos venhais muyto en bora  
minha vida nam falais  
mo se vos vos adiantais  
a fa'ar logo nessesora  
jo. **E**ubem sey  
poisque nam me adientey  
que me falareis senbora  
mo. vos senbor esteis em bora  
bonam descubra. jo. farey  
pois minha alma vos adora  
**M**inha vida  
como ys vos por ca perdida  
mo. nam vou eu perdida nam  
jo vindes vos por perdicam  
de minha vida vencida  
de vossa gram perfeçam  
mo. falay em al  
jo. senbora pelar de tal  
como vos chamã m margaida  
amarga de minha vida  
pots que não sentis n. eu mal  
**S**e olhais  
duas mil penas me dais  
z eu mour o sem conforto  
olhay que me tendes morto  
sendo viuo menterrais  
mo **S**empre vi  
desdo dia que nasci  
a todos illo dizer  
z nenhum vejo morrer  
po'lo qual julgopoz mi  
que vento deve de ser  
jo **E**lo: senbora  
como quer q estejs de fora  
julgars illo muyto mal

se vos sentisfeis agora  
agrapena que em nã moza  
nan d'icissotal  
mo. que sentis  
be corrença ou prioris  
jo hum mal que vida me mata  
mo pois z isso eu volo fiz  
jo. Nam o sey  
Abas senhora sey muy bem  
quella me pode matar  
a vida me pode dar  
pois em sua mãoa tem  
mo. em minha mão  
nissõ nam tendes rezam  
z assi volo prouarey  
por vos tirar de payram  
z logo senhor mitrey  
mayio embora  
jo onde vos fordes senhora  
crede vos que la ey dir  
mo ora vos digo que agora  
senhor me quero eu rir  
sn. ho senhor  
esta tocado damor  
não lbe ponhais culpa nam  
amor d'ua payrão  
l'ua payrão muy pior  
mal vezes que cadarram  
mo. Pois eu  
sem causa desse mal feu  
sn. digo eu. embora que si  
z isto julgo por nã  
porque sey que mal he o meu  
por que amor  
te mtanto mando z vigor  
q'onde choga he conhecida

mo. Be gram verdade senhor  
porem se aquillo he fingido  
Antonio rosade.

¶ Nam no creais  
mo. Abas creio porq' se olhais  
não ha nmguen q'õ não faça  
cuydo que o acostumais  
porque sey quenam achais  
pera caçar milhor caca  
E a meu ver  
a todos vejo dizer  
ho que esse dizerama  
ora pois nam pode ser  
não. eu sam tam gentil dama  
pera o mundo se perdei

¶ Aqui entra o Berzinbo cõ  
o Gilam z dous Beleguns. hũ  
per nome Gilbalpando. z o ou-  
tro Somezart. yro. z diz o mey-  
rinho  
mei. Ora sus anday diante  
amostraynos o caminbo  
vil. Por aqui senhor meirinbo,  
hum pouco 'a mais auante  
Que os ladrões  
sam ambos es. ude yroes  
digo criade s dinrey  
eylos vejo z ey ey  
questão em grandes rações  
ma. Alto em nomie de Jesus  
vos outros nam acoua. dar  
que senos Deos ajudar  
yremos d' plus em plus.  
vil. Abas senhor  
juro os anil peccador

dir delante se querels  
y bazer por vuestro amor  
con que luego lo tomeis  
**¶** Que alla be  
bien sabe vuestra merced  
quanto yo soy esforcado  
pues a courer por el pie  
mal año a guante cagado  
**¶** Pues pardiez

que ya me acuerdo vna vez  
con diez hombres me topar  
y ante de se santiguar  
mate yo delios los tres

**¶** Y al vno  
mas valiente que ninguno  
y que se llegaua mas  
vile vn golpe compas  
que lo henci hasta el culo  
y desto que digo

me sera muy buen testigo  
Alonçillo y joan mocofo  
porque se hallaron conmigo  
naquel salto peligroso

gua. Crede vos

que ja nunca bimos ne o  
senam quem sabe falar  
quando vem a pelejar  
ficar preso nas pios.

**¶** Mas bofe

pois quelle tam valente he  
e se faz tam gram pujante  
debeo bosa nerce  
samica mandar diante

Ulhalpando.

**¶** Soy contento  
que pardios segun me siento

nada es todo a mi ver  
aqueillo que espero bazer  
para lo que aqui apresento  
mei. Ulhalpando  
sabeis o que estou cuydando  
que muyto melhor seria  
vedelos estam salando  
demo de supito la  
Sem tardar

porque nam tenham lugar  
de se poder acolher  
gua. deuese senhoz bazer  
ho que samerçe mandar

vii. Sea anfi

no se dere f. fioz por mi  
de bazer lo que quisiere  
yo te pron ero daqui  
que huelgue de q me viere

gua. **¶** Ja queria

essa bosta fantasia.  
samica vero que tem  
vii. cierto yo mas bolgaria  
porque supieffedes bien  
quic n traes en companhia

**¶** No veis vos

negra **¶** Pascoa os de Dios  
negra mas que negra pez  
es esta la pumera vez

gua. agora o bere mos nos  
mei. Tempo tem

em que pode mostrar bem  
se tem feyto com rezões  
ora sus presos ladres  
logoda parte del Rey.

an. Ay me; quinbo

oula vos senhoz me irubdo

na m cureis de chegar ca  
que cõfag'o a sain martinho  
que vos faça falar la  
João cardoso.  
como estais tam preguiçoso  
jo. a quisto ia nam tem cura  
mas pizem que bom e forço  
quebranta mala ventura  
mei. Someza tu yro  
apegar de sie escadeyro  
Ulbalpando acc di ali  
acabey bulinos obi  
nam se jats tam referteyro.  
vil. Drefos som  
jo. rene gode ti vil. m  
pois que tu este poder  
pera fazeres prender  
passas de tal feycam  
me. y mezquina  
sua eu direy que sta n ocinba  
vos traziam e lez ca  
pera lbe. ruir de do inba  
quella des e ge yto esta  
mo. E y de ny  
que m forte tempo me ergul  
pera ver tanta tristeza  
gu. pois vos tambẽ yzta presa,  
que o quu dig. he ali  
mo. Delairada  
m lhor me fora coytada  
ca arpaifa nam ser tofca  
porque em hoca cerrada  
dizen. qu. não est. a mosca

**E** Que payrem  
be ver culpa em rezam

z ver arezam sem culpa  
se rezam nam me de. culpa  
sem rezam culpada sem  
mei. Ora andar  
queira eu vejo o lugar  
ja nos bimos cõ gando  
vil. pois quantea qu'ro cat tar  
ajudavnos U. l. al'pando  
Ulbalpando.  
Bemmeno  
canta tu j ues vas l'itiano  
vi bofas quasi centare /  
pois me B. eos fez tão bem  
vil. Alto ye: e ooy la mano  
em hora bu. na  
cum q se q es niuy gram pena  
y dolor qu. no tiche par  
aquel que tiche pelar  
ve. la alegria agena.

**E** Cantiga do vil. m.

Dois quem se virgou de m  
veja de mi tam vingado  
Dios seja sempre louvado

Gram prazet he a vingança  
prazet pera o vingador  
z quando não fiz tardança  
entam. emuyto melho:  
porque se passa fu. o:  
sendo ho tempo pass. do  
nam doleja ser vingado.

**E** Fin.

**¶** Chiste.

**¶** Ley diuina y humana  
es que muera el que mato  
q' qualquier que no perdono  
no es pe donado  
fuego de amor ayzado  
me mato con su ma'icia  
no ay ley, no ay justicia  
que lo mate  
claro esta no ay debate  
q' ella ciron q' algo a hurtado  
si con el hurto es hallado  
palo y foga  
el ladron da me: me roba  
si justicia lo buscasse  
cierto soy que lo hallasse  
nel delicto.

**¶** En las leys esta escripto  
se forza e el forçador  
que sea merecedor  
dela muerte  
el amor pu' ante y fuerte  
ha entrado em mi pos. da  
dero voluntad forçada  
y no oy castigo  
libem todosio que digo  
se a'guno en la se: d. bdo  
la justicia lo mando  
hazer e nra  
el amor que fuego atiza  
no tiene dubda so' a y na  
mas no tiene ese ninguna  
y no lo queran  
muchos a muerte condena  
que son falsos n. onederos  
para enganar

falsa moneda de floza  
no de plata ni de oro  
mas de mudança  
con las quinas de esperança  
que de la vna parte son  
y las cruces de passion;  
de la otra parte  
por tal modo y por tal arte  
todos mis bienes robo  
la moneda me dexo  
en satisfacion  
pues que contra este ladrõ  
no puede euer otro medio  
quero tomar por rem. dio  
blasfemar del  
que es este maluado y quel  
todo me ha despedaçado  
solo la lengua ha dexado  
libre y sana  
y diuina y humana  
es que muera el que mato  
qua quel que no perdono  
no es perdonado.

**¶** Fin.

**¶** Copias de oyme la mi se  
ñorale q' os quero dezir.

**¶** Oyme la mi señora  
lo que es quero dezir  
que no es fare a n. entir  
solo vn punto

**¶** Aueio y bñio junto  
en vroz ardo y hielo  
buelo hasta el cielo  
y quedo en tierra

**E**n mí solo se encierra  
el mayor mal del amor  
en mí tiene el dolor  
su aposento  
Qualquier pena y tormento  
al mio comparado  
que es vn fuego pintado  
del infierno

**E** de males me gouerno  
e mis penas son sin cuento  
bendito el sufrimiento  
que en mí cabe

**S**i mando que me acabe  
amor manda y ordeña  
que tenga por muy buena  
la triste vida.

**Y** a no se que triste diga  
con tanta sin razón  
esta tanta mi pasión  
que muero della

**Y** a no tengo querrela  
del tiempo que vos seruis  
fino no aueros conocida  
hasta agora.

**D**yme linda señora  
lo que mi se apregona  
veréis que de mi persona  
soy enemigo

**A**l quien soy yo yo figo  
pamo a quien mire  
y buico a quien podre

dar tormento.

**S**eruido hago al viento  
en mí no ay confianza  
perdido la esperança  
de amor ciego

**E**n mí hallaran fe ego  
los frios de afección  
dentro en mi corazón  
tengo vna fragoá.

**E**n mí hallaron agua  
los que quisieren beber  
de mis ojos corer  
veran dos rios

**Q**uè quisiere vñtros frios  
quel vno al otro alanca  
el mi corazón los lanca  
con sospirós

**D**e mí poderan dez tros  
que soy tierra sin angustia  
por lo qual yerua se amucha  
sin prouecho

**D**e mí tengo despecho  
que tengo el amor sobrado  
quel viento me lo ha sacado  
de mi amigo

**S**in.

**M**í quiero q me lo tome  
ni quiere que me lo figa  
ni quiere que me aqueje  
de mi vida.

# Auto de Florença



¶ Auto feyto por Joam de escouar a el Rey  
dom Sebastiam por Natal, de mil e qui  
nhentos e sessenta e hũ annos. As  
figuras sam as seguintes. s. Hum  
Ueador, dom Simam, dõ fer  
nãdo, Andrade, Lionisa,  
Sallego, Floreça, El  
lam, Bay de Flore  
ça, Theodora  
pastora,  
Martinho ratinho, Ventura, tres sabios  
cantoers.  
¶ Com licença impresso

**¶** Entra logo o veador e diz.  
Veador.

**¶** Não se ninguém nesta casa  
pajes, negro, varindeyo,  
mogos dasporas, despendido,  
bosa si, ninguém não fala,  
eu sou aqui veador pacyo.  
Zionisa, Angela, Graucilla  
ninar carapera, nem coizella  
nem negra ha q me responde  
ora feytee, abonda  
o. las tras amor aa trela.

**¶** Como o amor se chautou  
em to ta no, logo infinou  
toda a casa tres ofato  
que no feon não nem gato  
que amor se nam pitbou,  
ha noje saber esta poira  
abuzam minha mãy poira  
Zionisa. si. que chama fora  
ve abusa para Adaria senhora  
ja eudey que creia moira  
Zionisa.

**¶** Veador de vossa mão  
impytoha que moito sam  
ve. abinoira de la Berberia  
fazeis de min zombaria  
li. por vida minha que não.  
ve. pouco trato. li. a se nã faço  
ve. fazey que eu sou de paço  
li. sempre vos seyfer corrido  
ve. corrido

romara a tres por partido  
que me chamareis madraço  
li. isso nam, ve. ha mulatinha

quanto sabeis, por lembrete  
to. nay este caninere  
e pera ver se sois minha  
fazey me outro ferrere.  
li. vede bem o que dizeis  
ve. senhora que me ferreis  
li. mostray. ve. eis me aqui posto  
li. eu nam sey ferrar no rosto  
ve. pois onde. li. nas mãos e pees  
Veador:

**¶** Ha barba, na face, na testa  
aque si. li. mais natural  
he nos pees. ve. como besta  
li. a fee por esta.  
que nam dizia por mat,  
ve. ay. li. não por min  
ve. pois porquem  
li. sera por Angela. ve. ablionisa  
que mais te quero em camisa  
que Angela com quanto tem  
li. porq. ve. porq. es bñ gral de pe  
bñm aljofre, cancelam  
hña alcora douro pel  
ab dhña mouira Dargel  
feyteepra. li. tiray la a mão  
ve. e quem vos deu este anel  
li. este anel, meu namorado  
ve. isso nam ab Jam rojado  
li. aneis vos crimes. ve. si ey  
li. pois oay me outro. ve. si darcy  
com hñas letras grifin alrado

li. **¶** Darcis vos anel de vento  
ve. onde he ydo dom Simão  
li. foy a casa de seu yrnão  
falar no seu casamento



ve ha mupdo. li. de madrugada  
ve. z de rrouos encerrada  
te como, z nao o mereço  
ve senhora nam tendes piceo  
fois hū ambre emmermelada  
Romia.

**C**eis meu senhor dō Simã  
vem na escada cō seu ymã  
ve, ja fogis dhūa cadela  
vos capreis na esparrela  
parestas, como taralham

**C**entra dom Simam, z dom  
fernando ymãos z hū paje  
por nome Andrade z  
oiz dom Simão.

**C**uadoronde andais  
não quereis senão dormir fora  
ve ha sancta Maria senhora  
per duas noites no mais  
q̄ dormi. dō. dormi embora  
dō f. roznemos ao praticado  
dō. cerray essa porta joã rosado  
em quanto aqui falamos  
dō f. z pois nam nos assentamos  
dō. sentese que eis me sentado  
Dom fernando.

**C**quem da rezãose de fura  
vem capz em moor afronta  
z quem não tem cõsigo conta  
perdea hours z valia  
perdea Dcos, z tanto monta  
em sou daqueste conselho  
z como ymão mais velho  
poibdo tempo atalaya  
ja que o tempo nos ensaga  
seja o tempo nōsdo espelho

**C**Propus este fundamento  
sobre vosso casamento  
queo casar contra direyto  
nam resta depois de feyto  
se nam loo arependimento  
Platãofendo perguntado  
quem foy o mais esfozgado  
antre os homẽs, respondo  
quem assi mesino se veneco  
z casou com seu estado.

**C**Mo rachar faço o que veno  
z como ymão me atreuo  
em publico vos repiender  
por que quem vos conheceer  
não vosta che de manco  
dō. rache quem quiser embora  
queu sou casado com ella  
posto que seja pastora  
ah florença minha senhora  
fois frol da serra da estrella.

**C**ha foida antre abrolhos  
pera me dar mais conquista  
quem sera que não i nista  
pois me perderã meus olhos  
z acharão me em vossa vilia  
and. ja nōsamo de fatina  
ve. tem cabeça da zaimoa  
and. se entra amor nūa peifoa  
sendo alua mercolina  
tralo cõsigo a roa.

dō f. Repugna cõtra a prudẽcia  
quem da rezãose he yfento  
dō. quanto a esse fundamento

eu nego a consequencia  
rapouo o contentamento  
que por florença me perdi  
andado nos bosqs de amor  
no qual saltou seu nebr  
z sendo eu o casador  
me casou com elle a mim  
**C**si quey de todo recidido  
entregãdolhe meu cuydado  
z vendomeram ferido  
tomara ja por partido  
perderse a si z a seu gado  
dõs. pois q̃ meus conselhos sam  
edificados em vam  
z do amor sois cõstante  
de hoje mais por diante  
nam merehais por j̃mão

Casay com vossa pastora  
pois lbe valeo a ventura  
merecer por fermosura  
de bayra vir a senhora  
mas he bem que pouco dure  
cõ isto me vou não falo mais  
segui vossa openiam

Uayse.

dõ. Cuyda agora meu j̃mão  
que lbe vino nõ castello  
cada hũ be de sua condigant  
casarey com quẽ quizer  
soo nissoserey sento  
nam mey de contra dizer  
por que este casamento  
nam ho cuydey merecer,  
and. la vem o arrependimẽto  
dõ. Lionisa me chamem ca

farey prestes a partida  
em quanto a cousa a si esta  
ve. lionisa li. qm chama ve. ama  
an. i. lbe fauor li. por sua vida

Que me quereis veador  
ve. eu nada que meu senbez  
he a zora que vos chama  
ab mulata como es dama  
abca n de mi peccador  
dõ. Lionisa venhais embora  
em quanto eu chego fora  
esta casa vos entrego  
soo nela fique o galego  
queu vou por vossa senhora

Em final de alegria  
a milhor tapeçaria  
armẽlogo z ham estrado  
muyto bem aleatizado  
fazã prestes ve. a estrabaria  
dõ. ab vilam malenfinado  
no. com diligencia farey  
tudo quanto senhoz manda  
dõ. vamonos pera varanda  
que della me auarey  
por dar fim a esta demanda  
Remhar me eis o sibam  
ve. o de praz. dõ. j̃mão. si.  
ve. bem a mão  
nam perrenez pera senhora  
isso dõ. pois. ve. hãa albarda  
ou hem ceçam  
dõ. que confas reudes vilam  
ve. he mutira  
dõ. anday embora

**¶** Aqui se recolhem todas estas figuras, e entra Sil payo payo de florença com a filha e diz.

**¶** Ouvis vos filha florença pois sois fermosa de vos beza prezayuos de virtuosa que isto he mais q ser fermosa ja quee de vossa colheça que virtude e fermosura mostralhe Deos a vçtura muyto mais do que mercee e quãto mais vai, mais ercee por ter a rayz segura.

**¶** Diz o crego na cartilha na regra de viver em paz patrem e matrem ho iraras e quem o deshonra filha torna se tudo atras si farey senhoz meu deuer pois a Deos he tam accyto pag. Deos vos faça boa molher e vos queyra escolher o que for mais seu proueito. florença.

**¶** E a elle poiba noutro estado pag-yuos filha ver o gado que eu torno a val despinha a ver se na outra vinha gem serodo vindimado: e setopardes Lionardo ou pascoal, ou Aldartinho mandayos vir do caminho que no lugar os aguardo q hão dir trafegar o vinho

**¶** Ayse o pay e fica florença falandolõ florença.

**¶** Quando a cuydar me ponho nas confusões de dom Simão caye me o fuso da mão e se acido deste souho torno a fiar em vão tudo ha e pode ser e receberme por molher mas torno a cuydar por em que não naei pera tanto bem soo Deos o pode fazer.

**¶** Ante dias sam passados seodez fião pera o prazo quando seram acabados deylhe de penhoz hum abraço e elle a mi os seus cuydados he aquella Teodora que la vem pola portela venha ella muytembora que tambem esta pastora quer bem na serra da estrella **¶** Entrando Teodora pastora acha o ratinho estar espreitando derras obum vallado a florença e diz Teodora. Teodora.

**¶** Martinho a que espreita is mar. vay Teodora teu caminho flo. abi citaua esse ratinho que o pon aas mas malcitas mar. assi florença, a Martinho si. mana a onde estaua laçado e co. detras da quelle vallado.

flo. saybe vos ao semo á pelle  
reo. nam sabeis mana delle  
flo. bofe nãre. como he malua. lo  
Ala. rudo.

¶ Quem te esfolasse florença  
e tripasse o coraçam  
flo. porq̃ choras truzimãõ  
mar. porq̃ nam tã conciencia  
cafarre com hum rascam  
não es proxima nem chustãã  
não pelas oras de Deos  
ou tu es Turca paxãã  
ou es moura dos increos  
ou es vêtouba vãã.

flo. Al darrinho tu estas em si  
mar. florença bem entendi  
qua ito a zora paroucaffe  
e ja que tu me enzepraste  
ey oje de sayr de mi

flo. longe va o teu agouro  
mar. florença tomar mey mouro  
nam me faças ser inereo  
que furo pelo sancto eco  
que es brabeie mais q̃ rouro.  
Teodora.

¶ Queis não fazer alnoiro  
mar. nam quero se nam gritar  
reo. Al darrinho queis te calar  
mar. nam reo. calte mo. o  
mar. cõ hũa pedra no pescoco  
me ey dir chanzar no mar  
e praza a deos q̃ me engolape  
alguni peyre Tubaram  
ou Balca, e quando nam  
anteprizado me si que  
la no peço do lamaram.

flo. Al diller feya tua estrellã  
mar. mas vencia hũa cadella  
ram parada e tam rayrosa  
q̃ me engolupe e eu nam possa  
sayr mais do ventre della  
reo. algũa cousa lhe fizeste  
pois rãmo chora e pragueja  
flo. milhor boa moiber me veja  
mar. praza a Deos q̃ o q̃ disseste  
contigo que nunca seja.  
florença.

¶ Clayte emboira toleyram  
mar. pey, mas o coraçam  
meitoura pelo espinhago  
flo. en sou a que isso te faço  
mar. tu florença e o teu rascam  
flo. Al darrinho mal te entendete  
mar. queis apostar que disseste  
que lhe desleham abraço  
ab Al darrinho q̃ de madraço  
em o omuido tam moucãe

¶ E pois a cousa assy vay  
e por rascam tu me engitas  
em o di ey ateu pay  
flo. Al darrinho do que sospetas  
que lho digas, não me vay

¶ Clayse Al darrinho.  
reo. Algũa cousa aquillo he  
florença. flo. por minha fee  
que he por coma socnada  
reo. vos mana sois ja casada  
flo. eu casada, bem se ve,  
reo. ora nam mo enembras  
porque pode ser ficais  
que nam tendes outra amiga  
flo. he verdade, isso me obriga

porém não me descebrais  
pois me forais que o diga  
Sendo hum dia de festa,  
acertou a esta floresta  
vir caçar hum gram senhor  
e bem fora de ter amor  
tinha com meu gado a festa

**C**ão pcc obũ frero assentada  
vi vir hũa cervaa acoçada  
e por escapar do laço  
deitou se no meu regaço  
como coufa costumada,  
vinha a cervaa muy ferida  
e achando em mim guarida  
diz quem a trazia a cosso  
pois a cervaa desics vida  
daya tambẽ ao seruo vosso

**C**ayrio mas faces no chio  
seu lhe saber responder  
começou de me requerer  
atee que me deu a mão  
de não ter outra molher.  
teodizeite florença mal  
deixar por outrẽ a martinho  
flo. eu figo outro caminho  
teo. não deixaria eu pascoal  
nẽ por todo Douror minho

florença,

**C**ham, nam, nam aparta fora  
se te fi-esseim Kaynha  
teo. nem infantia emperadora  
antes queria pastora  
cõ pascoal por vida minha

que mana tam prazentero  
tam despejado e sotil  
canta e balha de tercirro  
roca muy bem hum pandeiro  
hũa franta hum tamboril.

**C**ham ha festa a que não va  
nem luta sem elle presta  
canta aqui, canta acola  
não se pode chamar festa  
onde pascoal não esta,  
pois logo porque metal  
daxaria eu este tal  
por me verem mor alteza  
não quero outra riqueza  
nem outro bẽ se não pascoal

flo: Deoste cumpria teu desejo  
teo: e ti faça gram senhora  
pois estas ja nesse enfeço  
flo: meu pay e mda: ti lho vejo  
mudemos a fala Teodora

**C**Aqui torna o pay com mda:  
tinho, e diz o pay.  
Pay.

**C**Martinho onde estão  
mar. noffamo cytas aqui  
pay: affi senhoras, affi  
namorougada com raseão  
flo. que eu pay. andar por hi  
flo. senhor em mi não ha falha  
pay. o que martinho perimicou  
elle não o admiuhou  
mar. eu não perimigumigalha  
se não quanto ella falou:

A 111)

Paç.

Tomay na mão caminho  
confiauos na senhora  
reco. fizestes bem com ratiho  
paç. calaynos ja Teodora  
que gente he aqlla marinho  
mar. n'offamo isto he celebrada  
que vem pela espofada  
paç. ayaramaa eu deuinho  
q' na h' de ripar no caminho  
ma. q' remedio. pai. tornar ao vi  
cinho.

Recolhe-se o pay o ratiho  
pera d'itro, e entra d'o Simão  
e o veador, e d'iz d'o Simão

Ca, toda a gente fique fora  
entre loo veador  
joam rosado vos agora  
a uicis de ser o tro Eptoz  
outro a uibal, ve. m'ayr'ebora  
capa espada de cabo  
n' o quero mais q' h' pendo  
d'o. ta, veador estay quedo  
ve. estou ja feyto h' d'itro  
de mi mesm'oreinho medo  
d'o. hom' que larga a espada  
fara pouco ou quasi nada  
ve. vossa merce pouco entende  
das armas, q' ningu' se de f'ede  
se l'he d'ão muyta pancada.  
d'o. d'itro estaa singular  
ve. a pedra não ha de quebrar  
peles tercos.  
d'o. se da de ponta  
mere a seu dono em afronta  
ve. faz hom' isso per zombar,

Paç.

Fecha a porta q' este segura  
que cylos vem pela cancela  
ra. n'offamo quebrouse armela  
que chanta na fechadura  
pai. p'oeiba tr'ac'ara. quece della  
d'o. esperay e espreyrary  
por riba daquestes paos  
ve. espreite senhor q' eu panharey  
corre tanto dos calhaos  
paç. trancaste a porta  
mar. si tranquey.

Veador.

Offamo, mas de verdade  
aisto vistes da cidade  
d'o. ja vos temeis veador  
ve. qua itee pelo meu temor  
pode marar aa vontade  
d'o. ou de d'itro. pa. q' vos req'tro  
da parte do abade p'ebeyro  
que vades vosso caminho  
trancaste a porta Albarinho  
d'o. de que vos temeis c'opañeyro

Paç.

Dame ea aquella chupa  
e mere h' farpão na besta  
ve. day vos eodemo a festa  
aqui ha d'auer escaramuca  
d'o. abzi ymão por vossa fee  
paç. nomee se por quem he  
d'o. se quereis saber quem sam  
he hum mais q' v'osso ymão  
paç. perdoe vossa merce  
que isso he manha de ladrão  
ve. p'esar de meu anozorro  
nesta guerra ey de ser mozo

senhor: espere, dō, onde vs  
ve, a confessar  
dō, isso he p: a bom porto  
pay, trã castes e porta Aldarinho  
mar, tranquey, ve, doo por feito  
coytado de mim mesquinho  
que a alma me vem ao peyro  
dō, sequer vos que sois valente,  
ve, ab-marry: e sam Vicente  
padroeyro de A r boa  
vou, vou, dō, onde  
ve, fazer a coroa  
e acho me muytoente

**Quando** medo e quanta nõsta  
tudo se vayem rezões  
abre a porta de farma a besta  
matemos estes ladrões  
dō, seffe senhor: a requesta  
eis aqui a minha espada  
ve, fizestes bem,  
eis aqui a minha tambem  
não somos gente nem nada  
pay, q̄ queris logo da poufada  
dō, coufa he de vossobem

**Dame** licença de entrar  
dirno doera, noffamo q̄ v̄ ripar  
a cachopa, pay, esta calado  
que parece homẽ honrrado  
não nos ha de agrauar  
Aqui se recolhem todas estas  
figuras e torna **Uionisa** e diz  
**Uionisa**,  
Adeu senhor ja elle tarda  
mas dizem que quẽ aguarda

tem por sua condiçãõ  
de desesperar, e enãõ  
nemhũa rezãõ resguarda  
do que stou bem, de cansada  
que tenha a casa armada  
e o al prestes e autado  
resta soo poer o estrado  
feito isto, nãõ faltra nada,  
Aqui entra o gallego e diz,  
**Gallego**,

**Ay** sanctos de p̄õte vedra  
mal chechos faga a cruzado  
li, q̄ foy isso, ga, caybos a escada  
dey com a cabeça na pedra  
bẽ vos roda escalabrada  
li, **Angela** e **Braucela**  
nãõ podião ter bem mão  
ga, day vos ao demõ a donzella  
que, por p: ver a janella  
vos bim eu redondo no chãõ  
**Uionisa**,

**Curarãõ** vos, ga, e q̄ almas  
pera curar o gallego  
estando do sangue cego  
vos beyo ranger as palmas  
fazendo de mi morecego  
li, e pois estais ja milhor  
ga, loubado noffo senhor  
ja vos trago de quilon  
fanlome oje o surujom  
se me queria cõ elle por  
**Uionisa**,

**Dei** temos essa perfia  
hi onde estaa a tapezaria  
e acharcis separado  
hãa atearifa de strado  
**A v**

trazeya com a demasia  
ga. meu pay bos emba hu cavallo  
que corria, ay damallo  
li. o que digo, e o que responde  
g. ha bos e como elle o conde  
li. e trazca no que vos falo  
gallego. ga. pouca erranga  
bos e esta toda bria  
se bos eu ganho hua lanca  
cos soldados de Carranga  
bos va receber moradia  
li. ora hi por amor de mi  
que creço que sera aqui  
muyto cedo dom Simão  
ga. do Simom, per essa razom  
bos. rez. digo que si.

Uayse pera dentro e diz.  
Nionisa.

Em minha vida não vi tal  
gallego de tanto gosto  
alguem ja o tem em posto  
que va servir seu natural  
entrou nesta casa boçal  
e vay ja mudando o posto

Toria vir o gallego só hua  
alcatifa e coris aas  
costas cantando,  
Cauriga.

Ay Catalina mi vida  
ay Catalina se te vira  
Nionisa.

Alegre vem o gallego  
Jesus que queda que deu  
ga. se es diabo en te arrenego  
li. que he isso vinheis cego

ga. nam, que bẽ bos bejo eu  
li. ponde o estrado pera alli  
na ai esta bem isso assi  
mudayo pera acoita  
torne outra vez pera ca  
veiba outra vez pera alli  
Gallego.

Es bos zombais de mi senhora  
pois bmdco fazer agora  
e leuara milhor graça  
li. assi farey. ga. pois faza  
fiez bos feço aa risonra.

Aqui vẽ Andrade moço dar re  
bate da vida de seu  
senhor e diz.

Tem noffamo parniciorum  
com sua pastora bella  
tam contentẽ e tam na sella  
que a rec fecula seculorum  
se babaraa diante della  
bem que a senhora he fermosa  
discreta e virtuosa  
pozem eu antes tomaria  
cem mil rês de moradia  
que bom resto por esposa

Ca que a cousa assi passa  
vou me em tanto a casa  
e dizerlhe: como vem  
meu senhor pois que a tem  
muyto boa pro! he faza  
Nionisa que vay ea  
li. Jesus andrade venhais ebora  
an. meu senhor e minha senhora  
sam chegados. li. chegados ja  
a bom tempo vem agora



¶ Querendo tudo amado  
ca terra bem esse estrado  
ga. a? barom

sebos não e. ta bom  
boldeo de fouro lado  
quanta gente bem a ber  
li. quero yra receber  
a escada meu senhor

sa. tam hem se bos eu la for  
nam me ham la de comer

¶ Recolhem se todas estas figuz  
ra st extra Sil payo, 2 o  
veador, 2 diz o veador.  
Veador

¶ Que vos parece Sil payo  
pay. todo me pasmo 2 desmayo  
de ver tanto trelá canfuz  
ve. alcuantay do capuz  
o rabo do papagayo  
pay. que ricas trapezarias  
comotem ricas bestolias  
ve vedes alla Tabuias  
2 ogigante Solias  
das antigolhas mermolias,  
Pay.

¶ Quem he aquelle azemel  
que asopra 2 enche os folles  
ve. he Alderentio cos retro poles  
pay. 2 o que tem mão no picbel  
ve. he de cos Bacozo cos beinolce  
vedes zerbi 2 os mauritanos  
esta cõ Uergil; na scyria  
vedes aly a forneyra  
que matou os castelhanos  
Pay.

¶ Heinhã couza ao homẽ escapa

quantazora eiton hum papa  
2 minha filha Imperadora  
eu dom payo da galdrapa  
2 ella dona gualdrapa sefora

¶ Aqui vem dom Simão com  
dona florença pela mam muy  
ricamente vestida, 2 diz dom  
Simam.

¶ Que vos parece senhora  
estes payos, flo. muyto bem  
dõ. de mais fois mercedora  
que onde tanta graça mora  
mais que payos lhe conuem  
assente se neste estrado  
espareca a famelia  
trumphe de mim alegria  
reque o bem desejado  
cante Diphco neste dia  
florença.

¶ Tanta gloria, tanto bem  
nam a mercei senhor  
dõ. merceyla pois a rem  
de vossa parte o amor  
2 a mi pois me fostem  
assentaynos senhor pay  
2 vos páses me cantay  
day mostra de minha gloria  
traga aa musica aa memoria  
que outra gloria a hi nam ay

¶ Aqui cantaram os payes que  
pera isso viram logo com bo  
senhor dom Simam, 2 estau-  
do no meço do vilancete vem  
bater aa porta, 2 diz dom Si-  
mão,

Dom Simão.

**C**acador hi ver quem bate  
e dizeylhe que nam nos mate  
ve. senhor, he o alcaide moor  
dō. abrilhe a poira vedor  
al. não se va a darrebate  
dō. rebate, nam ha de que  
al. bejoas mãos de vossa merce  
dō. chega a cadeya ali moor  
al. por não auer aluoroço  
foos onas palauras em pee

**C**Senhor dō Simão sois preso  
el rey vos manda prender  
por ydestomar molher  
tam baixa no vosso preço  
quanto podeis merceer.  
dō. em mētego aa prisam  
ab mundo como es vão  
coytado do que em ti moza  
flo. q̄ he senhor. nada senhora  
vão me chamar meu yrmão,  
Alcaide.

**C**Pera q̄. dō. folgara velo  
al. eu nam trago senhor licença  
pera fazer mais detença  
la o yza ver ao castello  
despidase de dona florença  
an. eis dō fernando aqui vem  
dō. venha cimbra meu yrmão  
dō f. q̄ vay ca. dō. señor. vay bem  
se nã que sempre homẽ tem  
neste mundo hum se nam

Dom fernando

**C**Estay preso. al. Senhor si  
dō f. merceço pois que soy cego

dō. nam he isto pera aqui  
em quãto vou por amor de mi  
esta casa vos entrego  
al. senhor vamos. dō. espere  
senhora nam se altere  
reũsta a toda a tristeza  
que muy cedo sua alteza  
mesoltarãa, não se espere  
Aqui fica meu yrmão  
senhora em vossa companhia  
flo. ah meu senhor dom Simão  
quem me roubou a alegria  
porque a perdi por mão.

**C**Recolhẽse pera dentro o alcaide  
de moor e dō Simão, e cõye  
no estrado esmorecida do  
na florença, e diz dom  
fernando.

**C**Senhora ao feyto feyto  
a tudo se ha de auer respeito  
que neste mundo coytado  
nam ha nenhũ bem desejado  
nem contentamento per feyto  
flo. nam ha quẽ tenha sofrimento  
pois hum soo contentamento  
nos custa sempre tam caro  
pay. choremos nosso desamparo  
ve. choremos que stou birrento  
florença.

**C**Calamos nam choreis pay  
pay. eis a gualdrapa la vay  
e os guantes e o chapeo  
Deos me leue espido ao eco  
pois o mundo alli vay  
nam quisera conhecẽlo

ve. Sil payo vamos a velo  
pay. e onde estaa n a cadeia  
ve. e elle Deos milhor estrea  
pay. pois onde. ve. no castello

**C**Uqui se vam cites dous a  
ver a dom Simão ao Castello  
e diz dom fernando.

**S**enhora eu vos confesso  
que se meu yrmão vay preso  
questou mais preso eu agora  
flo. e de quê. dōf. de vos senhora  
e ser solto não o mereço,  
nam sey se forão meus fados  
ou meu furo, ou meus peços  
como senhora vos vi  
logo do amor conheci  
trazer me jugado aos dades  
florença.

**S**enhora euhado não entendo  
dōf. nã eu me posso entender  
nem entendo obem querer  
que se quero o que pretendo  
he mytro difficil de auer  
flo. pera euuhado senhor  
essa rezão não concerta  
deixala sera milhor.

dōf. quien entra eu cas del amor  
al salir no halla puerta.

**S**enhora elle me meteo  
e me fez de vos logepto  
e pois assi me prendeo  
de fadagora como reo  
pazue as eustas dēste feyro:  
porque sempre reprendi  
a quantos no amor achey

porque nunca me em tal vi  
agora me reprendo a mi  
pois que tam tarde comecey

florença.

**C**ham be oa n mo generoso  
co meçar coufas ynoimes  
nem de fidalgo virtuoso  
dōf. remedio ram duuidoso  
não he de star mos conformes  
flo. far me ha mal ensinada  
se a coufa for por dianre  
dōf. maray me senhora euhada  
eis aqui a minha espada  
flo. sera bõ que me alcuante

**Q**ue ja nam posso sofrer  
de spejo de maõ ensino  
dōf. rudo vos ey de sofrer  
mata ime que de termino  
de leuar auante a roza  
flo. deyralo ey nesta fala  
se sobre isto mais fala  
dōf. não aperte tanto a escora  
queira senhora soltala

**Q**ue em falar e fermofura  
excedis minha senhora  
a roda humana criatura  
se mais tiuera ventura  
mais de vossa parte fora  
flo. prometo que dom Simão  
sayba isto antes do hã hora  
dōf. fogis, esperay senhora  
zombareis como quem sam  
flo. pois la zombareis de fora.

**R**ecolhe se dona flozera, e diz  
dom fernando.

**S**e zombar sera de sorte  
que vos custe a zombaria  
senhora vsque ad morte  
fechauos fazemos forte  
quem muda e y aseruentia:  
que direy a meu ymão  
que lhe comeries treyção  
e que apegastes de mi  
e como hum acoz foga  
ficando a capa na mão

**E** pera mais dissimular  
quero a porta deisar  
pera fazer euidentie  
que sou do caso innocente  
e assi me poderey saluar:  
ve. eu astenho de ganhar  
pay. eu as soube mais primeiro  
aluzaras. dōf. q̄ he. q̄rcis falar  
pay. de y ray me esme meleygar  
q̄trago o folgo no garguciro

dōf. Como me cae isto a popa  
ve. pois não seja esquecido  
das aluzaras. dōf. screis seruido  
vão aa minha guarda roupa  
traga cada hū seu vestido  
ve. o meu ha de ser amarello  
pay. o meu nã. dōf. pois. pat ruã  
ou balagate donraão (de selo  
ou senão de veludo pello  
cō pespõro adramascado.  
ve. Do pesar de sam coentro  
que fazemos aqui agora  
vamos a ver a senhora

pay. onde se ella. ve. sera dentro  
dizem pois não se fora.

**R**ecolhem se pera dentro, e  
fica do m fernando.

dōf. Grande coitello e y mister  
que se a senhora não he caura  
ha lbe rudo de dizer  
e com este quinze e falta  
posso o logobem perder  
Quero me mostrar sentido  
e que sayo do arroydo  
de molheres praguejando  
que meu ymão em chegado  
uão me ãnta ser fingido

**F**ia y uos la em donzellas  
y uos a Aldua ou a franga  
fechay lbe porta e janellas  
e vereis dentro quem dança  
todo o mal vos vé por ellas.

**A**qui vem ja solto dom Si  
mão, e muy esparado da ex  
clamação que ouue a seu y  
mão e diz.

dō. Truão de que vos que y rays  
dōf. pe ra bem seja a soltura  
e quanto ao q̄ me perguntais  
em duas palavras no mais  
direy tanta defauctura  
dō. que soy. dōf. minha cunhada  
dō. que fez. dōf. assi quafinada  
requer come de amores  
e eu por não lbe dar fauores  
pegou de mi na escada  
**E** assi como quem escapa  
nalgun palanque ou sola pa  
dalgun touro, lbe scapey

em resteminho de pexey  
nas suas mãos muita capa  
dō. Do caso não esperado  
o otriste porque fuy cego  
que remedio, dō. f. hū bocado  
dō. mas antes o meu galego  
a mare. dō. f. muç bi olhado  
¶ Aqui vem dona floriza a re-  
ceber a dom Simão e diz.

flo. ¶ Cham me pude senho: ter  
que onão viesse reccher  
ah meu senho: dom Simão  
dō. falsa tiray la a mão  
oo pessima, oo maa molher  
flo. senho: que the mercei  
dō. quds diante de mi  
o galego e o veador  
me chamê logo. flo. ah senho:  
que he o que the conecta.

¶ E se nam  
diga o senho: seu ymão  
dō. seu senho: eumbada  
q̄ ey de dizer, não sey nada  
dō. não esento mais rezão  
logo sercis amada.

¶ Recolhêse estas figuras pera  
ditro e diz dona floriza soo.

¶ Ayriste de mim coytada  
este mal donde me veyo  
como me sinto tronada  
de confusa e gastada  
estou posta em arreccyo

¶ Aqui vem o galego como al-  
gos a matar dona floriza,  
e diz o galego.

Ja bohe dada a senzeira  
confessay vos dona forença  
que eu venho vos a matar  
vossa merce ha de perdoar  
que não posso fazer detença:  
flo. gallego isso porque  
gã. no lo sabereis aa bofca  
sabey como fordes morta  
não aueis de ficar torra  
nem vos ha de oodr pec

flo. A isto vem, e isto ganha  
quē muda o estado e nacida  
gã. não vos he grande façanha  
nem vos he perda tamanha  
perder hũa pessoa a vida  
flo. gallego rende respeyto  
ser innocente molher

gã. e vos não abies de morrer.  
pois milho: he telo seyto  
que telo mada por fazer:  
Querendo he torrar a cabeça  
vem a Ventura cō tres Sar-  
bios cãrores, e diz a ventura.  
Ventura.

Ta, ta, villano gallego  
no mates la hermosa  
soberana

gã. se es diabo eu te arrenego  
vẽ. no soy sino la Ventura  
gã. seras tu algũa agitana  
vẽ. tomad e pagareis el paro  
gã. nam vos he isto ho que caro  
quem vos traz a las de grou  
ou vos he alma de maralhou  
ou alma de cão ou garç.

**Q**uise recolle o galego fo-  
 gundo, e cantão os sabios  
 a cantiga seguinte  
 Chama la vètura s'empre q' te lleue  
 pues ella viene pa defenderte  
 de la cruda muerte  
 la rueda se mueue  
 y tu ventura haze lo q' deue  
 vñ. **M**otemas floréa hermana  
 de me ver  
 que tambien yo soy muger  
 no de carne ni humana  
 mas compuesta de otro ser  
 este ser e compostura  
 que tengo de criatura  
 tengo lo tanto de fuero  
 que tengo la cara de honero  
 y el nombre de ventura  
**S**oy la que ando bolando  
 soy la que nunca esta queda  
 no tengo hora, ni quando  
 lo que tengo es esta rueda  
 con ella ando e ofando  
 y porque de i se espera  
 comecarse oyu rueda  
 a subir, quiten se a fuera  
 trabajos de tal manera  
 que boluerse atras no pueda.  
**C**omão a cantar os Sabios  
 bios e em quãto cantão vestê  
 a dona florençabum roupam  
 e he pôe hũ barrere na cabe-  
 sa, e he oãõ hũa vara na mão  
 Cantiga.

**T**rabajos, y a fan, e mas fadiga  
 a qualq'er q' es nacido no se escusa

porque su musa  
 del se oluida (Vida  
 mas todo el hié se cobra con la masa  
**A**cabado de cantar diz osabio  
**L**as terras de Alexandria  
 e de Athenas q' aprendimos  
 enri te las imprimimos  
 por nuestra sabiduria  
 ya esso ca venimos  
 sa, en tus manos sera puesto  
 descubierta la traycion  
 y metido en confusion  
 no osara mostrar el gesto

Sabio tercero

**H**azmos te gouernador  
 de esta tierra  
 porque castigues la guerra  
 que te hizo el mal hechor

Sabio primero

**A**ora señora que har emos  
 vñ. q' mis sabios, q' nos vamos  
 a la tierra oo habitamos

Sabio segundo.

Pues andando le cantemos  
 la ventura que le dexamos  
**R**ecollêse cantãdo esta cantiga.

**Q**uê ventura faorece  
 de todo bem enriquece.

Volta.

**D**iligencia tras ventura  
 e arte e mais saber  
 pois quem esta quiser ser  
 acente bem sua figura  
 que a roda não segura  
 mas onde faz alicesse  
 de todo bem enriquece.

¶ Recolhi: se todos pera deuro,  
e fica dona florença diz  
zendo consigo soo  
Dona florença.

¶ Que lettras, e que condam  
se imprimio neste meu peyto  
que homens aquelles seram  
que com soo porme a mão  
fiqury douroz em direyto:  
pois reubograz de doutor  
quero como julgador:  
assentar-me na cadeya  
que saybam pela primeira  
o engano do tredor.

¶ Aqui se assenta na cadeya  
como justiça moor, e vem o  
pay cuberto de doo ro veador,  
e diz o pay.

Agremejay olhos a pares  
pola triste encurrada  
tes que faças encurrada  
com ribeyras de peiores  
pola pay da malograda.

Veadoz

¶ Sil payo de xay o pranto  
encomendaya a algũ sancto  
ou sancta de bẽ fazer  
ja que ama de morrer  
marala outrẽ não foy raxo  
pay. ¶ Onde vos acharey  
a bẽ de feyto

¶ c. se ella for por caminho drecto  
ja vos ella agora estaa  
no valle de Josafaa  
dando co ita de seu feyto  
e se orẽ entremelado

que não soube dar recado  
se se confesso u ao crego  
mãdalabã chimpár no pego  
que vaxter ao mar coalhado

¶ E vem a filha da cobiza  
com gadanhos que enfeitiza  
de jugueres, gatamachos  
e os deimos tatarachos  
que mascarram com co: t sa  
pay. vou me direito a justiça  
que mande tirar de uassa  
vc. mas va menos pera casa  
pay. eu cy de despira a preguiza  
tes o enforcarem na praça  
flo. ¶ Homem honrado  
de quem ydes agranado  
pay. chũ gẽro que me engulipou  
hũa filha, e ma marou  
sem tam fois auerhe errado  
flo. e agora que quereis  
pay. qui seralha demandar  
per justiça. flo. mãdayo citar  
per ante mim e vereis  
como vola faço zomar.

¶ c. ¶ Effourra porra  
rem o outro a filha morta  
e diz que a fara tornar  
flo. fala cy logo resucitar  
pay. ficara quebrada ou torra  
vc. isto he algũ despachadeyro  
ou escolar viandante  
pubricamente  
ou magistro de sequeyro  
resing: tayo conde andeyro  
pera ver frey estudante:  
¶ Ubi e nam vos detenhais

faço homem o que vos digo  
pay. João rosado vos ficays  
ve. fico. flo. trago consigo

seu ymão. ve. vos deunhais  
querem ymão, e fencio te  
cite he algum franchinore  
berberim dela Turquia  
que per arte nigromancia  
sabe quanto estaa nũ pore.

¶ A arte de refugitar  
he cousa senhor que se vende  
ou se aprende  
na carta de marcar.

flo. a os cõpete. ve. como entãde  
não quero isso perguntar  
se nam.

per algũa perpelexam  
do zodiaco berberatiuo  
ou per estromigas da mão  
ou per algũa trefusam  
sendo morto tome viuo.

¶ Aqui troce a porca o rabo  
cuydareys que não ha mais  
que, bam, bẽ, bim, q̃ soletrais  
este homẽ tentar diabo  
magistre qui non falais.

Toma a vir o pay r diz.

¶ Senhor eylos aqui vem  
nam esperesa minha justiça  
per ninguem

que agora quem não tem  
tãge em sino de cortiga  
r diz a cobica, issa, issa  
pura, pura rem, rem.

flo. Homẽ horrado  
cu tenbo esse cuydado

pay. nuyra sande tenha este  
le fossen todos como este  
não aueria tanto agruado

¶ Aqui vês os seus ymãos r o  
galego, como que vẽ requerie  
dos per a re. o governador, r  
diz dom fernando.

¶ Que nono governador  
he este ou que doutor  
que nos mandou requerer  
dõ. não sey eu, ja pode ser  
não ser do referido sabedor  
ga. hũa palavra senhor dõ Simõ  
dõ. salay. ga. não vos he bom  
vir com carta confessatiua  
que vos ey medo da olua  
r do crego, r do pregom

dõ. Anday galego r não remais  
ga. outra palavra p̃rim eiro  
senhor souboz canalezio  
dõ. bem o sey. ga. r mais  
meu pay he hostaberneyro  
dõ. gentis encargos

ga. bom he toda bria  
prezar da cabalaria  
pera vir com hũs embargos  
ao passar da eba cellaria

dõ. Ih. galego pois eu vou  
ga. eu se me vir em aperto  
ey de jurar, r fazer certo  
que vossa merce a matou  
logo bolo digo. dõ. estamos perto  
vamos cheguemos aa vara  
ga. ay barom que mais folgara  
estar no moesteiro dõ pederne  
cõ bom lacõ, vinho r cherne



ou dez pontos pella cara  
que vos chezar agora a vara  
dō. Posto q̄ não hē meu juiz  
seba ouer gram reuerencia  
a esta vara sem equivalencia  
pelo que senhor não o fiz  
a seu mandado resistencia  
que manda senhor de mi

flo. daa contra vos aqui  
este homē hãa querella  
sa querella

quem se bira em Castella  
pelar della r de mi.

dō. Querella senhor, de que sorte  
que eu estou bem innocente  
flo. sabey pois que he de morte

o caso he mais forte  
do q̄ eu d'uz, sa. bofã q̄ mēte  
flo. homē horrado falay

o que quizerdes cōtra elle  
pay. senhor oibe, eu era pay

de hãa filha da minha pelle  
que eu fize em sua mãy.

¶ E elle senhor foy r veyo  
prenderãno e galhou  
minha filha tasque a matou  
morreo ella nest e meyo  
diga elle o q̄ mais passou

flo. isso vay muyto confuso  
pay. eu não o tento per vso

flo. tomaybam procurador  
ou deponha ou senhor  
r falo ey aqui concluso.

dō. Si porcy  
sabera que eu amey  
de vontade a hãa paitora

sua filha, r a deshora  
eu com ella me cascy  
fuy preso na conjunção  
carregueya a meu ymão  
pera estar muyto guardada  
pegosa delle em hãa escada  
per modo, parece de treição.  
¶ Do qual feyto eu sospeyto  
que ja que ella se arreuita  
com meu ymão, q̄ o farta  
com os mais sem ter respeito  
r de sorte

que lhe apparebey a morte  
como a meu estado conuinha  
dō. inda meu ymão mais tinha  
q̄ dizer, mas ouelhe a corteia

flo. Como poderey saber  
se passou isso assi

dō. creca vossa merce a mim  
que eu sou dmo de erer  
ga. he verdade. pai. calai mal sim

flo. Somente por essa noua  
ou fama, assi amastes

dō. senhor si. flo. pois cōfessastes  
nã ha logo u. ister mais prona  
quec do passe que tomastes

dō. O passe senhor, ey lo aqui  
flo. Al darauis hãa molher assi  
por dito de vosso ymão

sem saber outra rezão  
cu tal morte nunca vi  
se ella agora aqui estuera

ra. contrayto vos dissera  
que sentença então haria  
dō. vossa merce julgarra

como quem he, r se espera

ão. Assim o quero fazer  
porê não vos demudcis  
paresouos eu molher  
que vos podia cometer  
**C**Aqui despeo roupa e tira o  
barrere e fica em figura  
de molher e diz  
não falais nem respondeis  
e vos senhor dona Simão  
por dito de vosso ymão  
vsaucis tanta cruzza  
pay, Jesu fi, ha vos sois essa,  
flo, cita sou oarime a mão.  
dõ, scñora que vos trouxe aqui  
sou eu cite, creio que si  
que vos trouxe imagẽ pura  
ante meus olhos  
flo, a vçtura q̃ tire quando nasce  
ve, ja florença appareco  
to despachadouro se souuo  
pelo canoõõ rua noua  
pay, vistes filha da coua  
ou do limbalõ, ou do ceo  
flo, Pergunte a seu ymão  
questa cos olhos no cham  
em uergõhãdo co chapeo  
qual de nos deose mouco  
a ser do autor da treçãam,  
dõ, q̃ he isto scñor dõ fernãdo  
nem falais nem oais rezam  
respondey que estais cuydãdo  
ve, cuyda na renda do caruãõ  
dõ, as forcas me vã saltãdo  
**C**Ham tenho rosto  
de falar  
heis me aqui esto u posto  
execute em mi sua yza

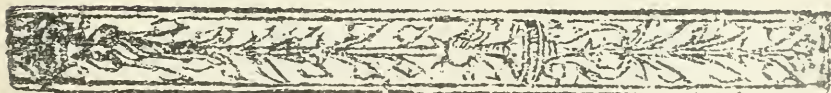
pay, logo Deos vio a mentira  
e as bultras, que de gosto  
dõ, quer q̃ o mare, flo, scñor, não  
elle seja seu juiz  
dõ, moura como mao ladram  
dõ, nem a morte para perdãõ  
da ofensa que lhe fiz  
lo, Ham se faça tal ofensa  
dõ, senhora dona florença  
por que fique em memoria  
hãtal feyto conte a historia  
a todo mundo em presenca  
e tal ymão  
vãsse com a maldizãam  
logo diante de mim  
flo, mas antes senhor aqui  
por que sois lhe dai perdãõ  
Ham aja mais seguridade  
nem odio nẽ ymizade  
pera Deos fique o castigo,  
sede senhor seu amigo  
hãste saber se a verdade  
e quanto ao que preçãdeis  
saber, vay vos lugar  
ao tempo q̃ mais de uagar  
la de uroo sabereis.  
dõ, Senhora q̃ he o q̃ resta  
flo, que carẽ todos e faça festa  
assi juntos como estam  
ve, eu recarey meu quinhãam  
flo, a contriga seja esta.  
**C**arriga.  
Ningũẽ deue ja fiar  
sua molher nem oirmãam  
guarda, guarda da treçãam  
**C**Sim,

## Da Bella menina.



Auto nouamente feyto, dos bem côpostos e graciosos amores da Bella menina com hum fidalgo de Franca. Feyto e emendado por Sebastião pirez natural da cidade do Porto. Onde se cõtem as figuras seguintes. s. hum pastor per nome Vicente representador, ho pay e mãy da Bella menina, Bella menina, pasibula sua criada, hũ paruo, hum fidalgo, e hum seu negro.

Entra o representador.



¶ Entra hū pastor representa-  
dor por nome Vicente.

Representador.

¶ Dios bendiga noza buena  
de corrida Satanas  
reniego yo por estrena  
o que mañana tan serena  
hideputa y que solaz,

y que alegría  
que me toma oy neste día  
con plazer y gran gafajo  
no tēgo de hazer trabaj  
oy, juro por vida mia.

¶ O que día tan loçano  
oy al mundo amanecio  
ferenissimo y galano  
plazentero de verano  
bendito quien lo crío  
que por san  
la fiesta de sant Juan  
nunca vino tan loçana  
pardios no me toma gana  
de hazer algun afan.

¶ Finge cantar o ruyçinol.

¶ Digo foncas pararitos  
con gafajo canticando  
en corriendo dando gitos  
no mirais las auezitas,  
como estan dello gozando,  
con dulçor

pues oys el ruyçiñor  
cantar con la tortolilla  
apuntome vna esparilla  
quien te tuuiera traydor.

¶ Como canta su merce  
landre en tal garguero  
Orpheo yo jurare  
no canto por buena fe

y ansí el can Ceruero  
que lo coma  
mala ravia y carcoina  
que ansí gríta con su son  
boto a diez gana me toma  
de dezile vna cancion.

Villancico.

¶ Muy bonita eres ferrana  
y mas bella que la flor  
duele te pues del pastor.

¶ Lanta o ruyçinol z díz  
o pastor.

¶ No oys que me lleuo  
catorze puntos en gritillo  
o mal fin que mengaño  
no lo puedo vencer yo  
canta como vn camarillo  
quan florido  
esta el rosal garrido  
por sant pito ques plazer  
oyr el agua correr  
que rega todo el exido.

¶ Quiero andar daquí ally  
haziendome del galan  
vn rato durmiendo aqui  
otro aqui, otro alli  
regozifate gañan  
que my padre  
ya es muerto, pues my madre  
de parir tiene jamas  
tu Vicente miraras  
no te muerda el perro y ladre.

¶ Ay señor tiene corderos  
tantos, que dello s oluida  
muchas rentas y carneros  
bezerritas y aperos  
cada año vaca parida  
peña tal

no se vïo bestia animal  
que contino venga y vaya  
pusome por atalaya  
de su bija immortal.

¶ Porq̃ esta buerta se llama  
de los nascidos temor  
que es dela hermosa dama  
bella niña de gran fama  
dela qual yo soy pastor:  
guardador  
que su padre, my señor  
el buen hidalgo anciano  
me puso por ortelano  
para la guardar mejor

¶ Porq̃ la niña es hermosa  
y parece lindamente  
es mas bella que la rosa  
su padre della celosa  
no quiere que la vea gente,  
sino yo  
y otra persona no  
della sepa que es nascida  
mandala queste metida  
nesta buerta que planto.

¶ Y por tanto abotado  
cada qual deue mirar  
que eneste buerto vedado  
ninguno sera osado  
nel por pensamiento entrar,  
si rebaño  
no quisiere por su daño  
si aca entrar juraria  
que quiza mas le valdria  
tener quartanas vn año.  
¶ Y por esto daqui digo  
lo que os cumple mirar

y Dios me sea testigo  
y ningun piense consigo  
que no lo ha de pagar:  
dende aqui  
mas no oïgo jurar a my  
que viene su viejo padre  
y la niña con su madre  
escuchaldos z oy.

¶ Olem o pay, z a mãy, z a fi-  
lha, z a criada por nome Pa-  
sibula, z diz o pay.

¶ De mi filha desejada  
tanto amada  
deste pay cansado z velho  
tomay vos sempre conselho  
pera ser bem doutrinada  
a fortuna nesta vida  
muy sobida  
vos dotou em gentilezas  
guarnecevos de riquezas  
de questais bem bastecida  
¶ Tendes por madre senhora  
superiora  
vossa mãy questa presente  
serlhe eys obediente  
a seus ditos cada hora:  
das riquezas mundanay  
vos estais  
em gram maneyra abundante  
fois mocinha z muy galante  
mais que outra que veais

¶ Filha por direyta via  
em demasia  
fois mais hermosa que Dido  
Deos vos depare bñ marido  
como eu filha queria

minha de terminaçam  
z tençam  
he ja quando vos verey  
casada. entam ferey  
fora de toda payrão  
mã. Mã soo filha vos pareça  
que careça  
deyrardes de ser casada  
z de muytos demandada  
mas nã ha que vos mereça  
fil. por muyto grã nouidade  
em verdade  
tenho eu senhora madre  
vossos ditos z o meu padre  
dizeyme vossa vontade  
¶ Que não ey de resistir  
nem sayr  
de vossa obediência  
mas logo com diligência  
vosso mãdado compur  
mã. filha vos sois mui fermosa  
generosa  
temo credes de ligeyro  
neste mundo lisongeyro  
sua promessa enganosa  
bel. Que engano poder ter  
nem auer  
o mundo pera a limpeza  
de minha grande nobreza  
pay. isso vos quero dizer  
em esta vida presente  
toda a gente  
nam viue se nã denganos  
z os corações soberanos  
se enganam ligeiramente  
¶ E mais vossa fermosura  
z apestura  
tam honesta retrayda

temo que seja sentida  
ponho isto por figura  
que como he sabedor  
algum senhor  
onde a fermosura mora  
busca filha nessa hora  
mil enganos sem temor.  
¶ E vendo vossa ydade  
z mocidade  
ser inclinada a bom fim  
fabriquey este sardim  
pera mais seguridade  
cerquey ho de altos muros  
fortes duros  
onde sem receo vos  
com vossas donzellas fos  
dareis passos muy seguros.  
¶ E assi vos pus hũ pastor  
por guarda dor  
de vossa fama immortal  
tambem sera do rosál  
deligente plantador  
aqui filha podeis ver  
agoa correr  
pera as rosas regar  
tereis aqui hum folgar  
muyto a vosso prazer.  
¶ Em oum des cada dia  
armonia  
das auezinhas des ceos  
que dam louvores a Deos  
sentireis muyta alegria  
nam vos lembre no sentido  
homem nascido  
gozay vossa fermosura  
por esta fresca verdura  
tomareis gozo crecido.  
¶ Domos de dez mil sabores

os millores  
que no mundo se acharão  
vereis aqui no verão  
rosas de diuersas cores  
tambem aqui porrey eu  
Bertolameu  
pera que filha riays  
quando seus dit os ouçays  
do muy paruo fazer feu.

**Mãay**

¶ **F**ilha minha generosa  
tam fermosa  
atentay por vossa fee  
a casta Penalope  
z assi Lucrecia famosa  
z pois vos Deos guareceo  
z vos deu  
tal fermosura z beldade  
amay vos a castidade  
de que Petrarca escreueo.  
¶ Se quiserdes ser humana  
z pacifica serena  
z ver amor como dâna  
vede a coronica Troyana  
a fim que ouue por Elena  
z a cayda  
de principes por vos lida  
tereis sempre na memoria  
vereis do mundo a vâa gloria  
pela fortuna regida.  
¶ A todos vossos criados  
mandareis com discriçam  
que sejam de vos amados  
do seruiço galardoados  
z leais vos seruirão  
z a nobreza  
de vossa grande limpeza  
faça feytos virtuosos

porq os coraçõs generosos  
nunca em si mostrã fraque za.

¶ As donzellas que tereis  
z mandareis  
darlbe eis boa doutrina  
começaylbe de menina  
bom ensino lbe dareis  
os liuros que auers de ter  
pera ler

Boecio de consolaçam  
as doutridas de Latão  
nam as deyreis esquecer.

¶ Porq depois de casada  
doutrinada  
de casa de vosso pay yreis  
vossa casa regereis  
com castigo, moderada.

**Bella menina.**

¶ Por certo madre senhora  
desdagoza  
me cõuem sempre estudar  
pera ja mais não errar  
nem tam somêtes hũa hora  
Vossos conselhos prudentes  
eloquentes  
dignos de eterna memoria  
ajam senhor a gloria  
todos vossos decendentes.

**Mãay.**

¶ Ficay bella criatura  
em fermosura  
aqui com minha benção  
ditoso sera o baram  
que gozar vossa apostura:  
eu vejouos tam fermosa  
graciosa  
mais que todas bonitinha  
que juro por vida minha

A tij

que eu em mi sam ciosa.

¶ Clayse o pay z a mãy, z fica  
a filha z Pasibula, z diz a  
Bella menina.

¶ Certo muy maravilhada  
z espantada

sico em ouuir seus estremos

¶ Pasibula nos q faremos  
pañ. senhora nam digo nada  
em lbes eu ouuir fallar  
tam singular  
doutrina maravilhosa  
me deyxaram tá cuydosa  
que era pera pasmar.

bel. Ora vay por tua vida  
de corrida  
z colhe daquellas flores  
das mais lindas z milbores  
ora corre, vay garrida  
passi. si minha senhora yrey  
z trarey  
das mais fermosas z bellas  
z em quanto for colbelas  
hã cantiga direy.

Cantiga.

¶ Andava a moça no rosal  
colhendo flores z rosas  
z colhia as mais fermosas.

bel. canta assi tu viuas amē  
z tu douda tēs garganta  
passi. o que bom dizer podem  
bel. por minha fee cantas bem  
canta outra cantiga canta.

Canta Pasibula.

¶ Que orta tam deleytosa  
pera quem tiuer amores  
dabzta dama fermosa  
entre estas lindas flores

Bella menina:

¶ Se eu fora cor tesam,  
z te ouuira cantar  
z nam te vira o carão  
mouuera de namozar  
desse teu cantar loução  
namozado  
com gram cuydado andara  
pelo teu cantar penado  
mas se eu te vira a cara  
dera a teu rosto mao grado.

Pasibula

¶ Tem vea vossa merce  
z esta agora dizidora  
folgo com isso a fee  
tem rezão z assi he  
dizels verdade senhora  
vos zombais  
de meu cantar z motejais  
pera isso cantay vos  
z entam veremos nos  
como senhora cantais.

¶ Entra hum paruo.  
cantando.

¶ A nossa pereyra esta  
carregada de ameijas  
o nosso caruallo da  
pepinos z mais ferejas.

Falla.

¶ Pasibula quee de ti  
falay erama pera vos  
ou te passa pera ali  
entam guarda vuos de mi  
vos estais na orta soos,  
na maa ora  
muytas merceas senhora  
pardelhas que vos não via  
mãy Jese virgem Maria



porq̃ nam falaís cachorra  
pasí. Nuy mas oras q te acabē  
pera ladram deffaçado  
negras fadas que te fadem  
par. não queu falo cō esta adē  
o rostinho depenado  
a ladroa  
z vos mana soís bulroa  
dou ora o demo a tinhosa  
lambe pucaros golosa  
furta mischos de boroa.  
pasí. Senhora mandeo calar  
z se nam saltarey nelle  
bel. calte deyrao falar  
antes he pera gostar  
ouuir os seus ditos delle  
par. Saltar  
digo la yras tragar  
saltay vos em voffo pay  
que jagora minha mãy  
nam he pera carregar  
bel. encomendote ao diabo  
que assi me fino de riso  
chocarreyro ate o cabo  
par. aquella eu leuoto rabo  
folgas tu muyto com isso  
pasí. Toleyrar  
deyra a cayr no chão  
a cota de cortapisa  
que lha mostras a camisa  
par. eu cuydey que era fustão  
pasí. andar di muyteramaa  
pera velhaco bargante  
par. essa rapay vos la  
Jesu quantas que me daa  
sam Gonçalo Damarante  
que me dam  
pancadas z nam ja pan

arreneço desta vida  
z vos mana andais sayda  
pois samicas nam sam cão  
bel. bertolameu. par. ham  
que quereis, q̃ nam ey ladir  
porque destes ma menhão  
day mevos hũa mação  
z senam hyrei dormir  
bel. quereis vir ca  
par. Digo que nam ey dir la  
pas. chama te tua senhora  
par. inda vos fallais pei dora,  
matrama te leue ja,  
pas. ora vinde meu filinbo  
z darreis hũ grãde a braço  
olhay como he bonetinbo  
par. orostinbo destorninbo  
ella chamame madraço  
bel. ora nam  
Bertolameu daca amão  
z fede ambos amigos  
pas. eu lhe darey dos figos,  
par. darreis vos figos de cão  
pas. pera vos meu namorado  
he essemuy bommanjar  
pera serdes comuidado  
par. orostinbo defumado,  
inda te oje veja açoutar  
eu hyrei  
pera casa z dilo ey  
nessas oras amentio  
z lan çarauos uorio  
então eu nam vos verei  
Jdo oparuo diz bellamentina.  
.contra ti muy indinado  
belvay ho triste pecador  
pas. eu corteilhe ho costado  
bel. se elle fore quifado

dillo ha a meu senhor  
pasi. se disser  
bem sey o que ha de fazer  
ey me de por a negar  
meu senhor nam ha de dar  
credito a seu dizer  
bel. Que orto tam deleytoso  
ornado de perfeçam  
z de rosas tam viçoso  
parece aquelle fermoso  
em o qual Deos pos Adão  
terreal  
celeste angelical  
por certo este plantou  
debairto do ceo criou  
por sua mão diuinal.  
¶ Aqui as aues cantar  
com tam doce melodia  
hũas com outras voar  
nunca se vio tal folgar  
si por certo juraria  
que frescura  
de rosas z que verdura  
graças aja o criador  
que tal fez, a elle louuor  
lhe dee toda a criatura.  
pasi. Senhora se agoza êtrasse  
por ventura no jardim  
hum homẽ que vos falasse  
damozes z requebrasse  
bel. que homẽ triste de mim  
chocarreyra  
vay te di pera agoureyra  
nam me queyras assombrar  
nem em homem auentar  
pasi. olhay vos della a cãseyra  
¶ Que espanto, bofee si  
nũca nos venha outra pda

orala viesse ora aqui  
bel. nunca tal bugia vi  
rogote que estejas queda  
pasi. que faremos  
bel. que aqui nos assentemos  
em esta orta a dormir  
calte nam queyras bolir  
hum pouco repoufaremos

¶ Estado dormindo vẽ hũ fi-  
dalgo que anda caçandó z diz.

¶ Que entrada tã deleytosa  
que rosal tam gracioso  
que verdura tã fermosa  
que frescura tam saudosa  
como estaa todo viçoso  
que alegria

de aues com armonia  
que suaves cantos dam  
aqui entrou o meu falcam  
que eu perdi naqueste dia.

¶ Dalgũ senhor de respeito  
este jardim deue ser  
porque pomar de tal geito  
nunca o vi tambem feyto  
nem espero quey de ver  
eu nam creyo

que segundo seu meneo  
nam seja de gram senhor  
z deue ter guardador  
dandar aqui arreceo.

¶ O soberana ventura  
bem afortunado de mi  
onde a vida não he segura  
oo angelical figura  
aueis de ser minba fim:  
qual cuydado  
vos trouxe aqui dscuidado

ditosa ventura minha  
tu ma guia e encaminha  
ao melhor fim de teu grado.  
Como dorme descuidada  
a que dormindo matou  
a minha vida penada  
a deusa de mi amada  
esta nos ceos se criou  
que victoria  
pera eterna memoria  
queria ja que acordasse  
ainda que me matasse  
a morte me sera gloria.

¶ **A**corda **P**asibula e diz.  
pass. ¶ **J**esus, Jesus treyção  
homẽ que buscas aqui,  
fid. busco minha perdição  
que em vez de buscar falcão  
busco a mi que me perdi  
matadora  
nam me sejas vos agora  
crua porque causareis  
minha morte, e vos fereis  
soo a mesma causadora.

pass. **H**uy triste mal fadada  
quẽ vos mãdou aqui entrar  
fabi fora sem mais nada  
se de morte desestrada  
nam quiserdes. acabar

fid. do divina  
a morte se vos menina  
ma podets dar sem medida  
em vos tenbo morte e vida  
de cruel nam sejas dina.

pass. **H**omẽ vos não mēfadeis  
com vosso falar ynozme  
ydeuos ja se quereis  
olhay não me acordets

minha senhora que dorme  
se sentido  
fois della neste exido  
finarse ha de temor  
logo seu pay meu senhor  
vos matara, fois perdido.

**F**idalgo.

¶ **S**in quãto a senhora esta  
esse pouco a dormir  
se cortesia em vos ha  
day dous passos pera ca  
por nos ella nam sentir  
isto agora  
em algum tempo senhora  
eu volo galar dos rey  
pass. triste de mi que farey  
senhor ydeuos embora.

¶ **E**is me aqui q quereis  
acabay por vossa fee  
fid. essa fee vos a tereis  
peçouos q nam negueis  
esta senhora quẽ he  
pass. que dizer  
pera que quereis saber  
nẽ perguntardes seu nome  
yde que o demo vos tome  
fid. nam tem elle em mi poder

¶ **O** poder ella o tem  
junto com a liberdade  
nam no tem outrẽ ninguẽ  
em vos tenbo mal ou bem  
em vos yra, ou piedade  
e queria  
que dama por corteia  
que tanta merce me faça  
que me digals vossa graça  
tirayme desta perfia.

passi. Por nã ser mal ensinada  
volo quero outorgar  
essa merce demandada  
fabereis queu fuy chamada  
Pasibula ao bautzar  
z este figo

z este trago comigo  
ate esta hora presente

fid. Pasibula paciente  
vos mostray a meu abrigo

¶ Pasibula diz paciência  
este, p, traz mil sentenças

z Pasibula prudência  
ora sem mais resistência

díruos ey minhas pēdēças  
vos calada

me fereis nesta jornada

¶ Pasibula por meu amor

dyruos ey o interior

desta minha alma penada.

¶ Apontay bē os sentidos

pera mauer descuitar

tende os apercebidos

despertay esses ouuidos

¶ Pasibula.

Nam posso eu aqui estar

nessas profas

fid. oo bela rosa das rosas

ouuime z estay bem atento

contarvos ey meu tormēto

que me daís dama fermosa.

¶ Eu sam dalta geraçam

venho de sangue real

quis Deos, on a perdiçam

que me fogio hum falcam

dentro aqui neste rosal,

em lugar

de senhora yr buscar

a esta aue volatiua

fiz minha alma catiua

em vossa senhora amar.

¶ Logo na filosofia

da fabrica do jardim

me pareceo que seria

senhora de gram valia

por onde mereça a mi

¶ Pasibula.

Que prazer

quem a ouuer de merecet

vos estais muyto enganado

o yqual de seu estado

estaa inda por nacer

fid. ¶ Senhora ja sam nacido

tanto nam a encareçais

que se della for conhecido

eu creyo que seu partido

fobiraa hum grado mais

passi. mas em verdade

se de sua grauidade

fosséis bem certificado

vos penasse auer entrado

aqui sem sua vontade

¶ Fidalgo.

¶ Senhora pello presente

não faleis em fidalguia

que se ella be de tal gente

crede verdadeiramente

nisso nada llye deuia

passi. confusam

me da senhor tal rezão

que vos sintam eu arreceo

aqui nam ha outro meyo

fingi que sols meu ymão.

¶ E que andastes no Brasil

z nessas partes dalem

fid. o auiso tam sotil

oíscrceta dama gentil  
vos sois minbalma z me u bē  
z pera mais  
dissimulaçam que tenhais  
cō hum meu negro boçal  
recados a este rosál  
vos mandarey se mandais

**P**assibula.

**I**llo foy bem acordado  
nã ha qui mister mais nada  
y uos perdey o cuydado  
por que u terey ca recado  
por onde tenhais entrada  
fid. desda goza  
beyjo vossas mãos senbora  
por essa merce infinda  
quando mãdais seja a vinda  
passi. seja aa menbaã aa hũ ora.

**E**u vou a a desperrar  
partase vossa merce  
fid. partirney sem apartar  
meu coraçam de amar  
essa dama com gram fee  
passi. oo senbora

levantay uos que he ja ora  
bel. a bom tempo macordaste  
o hum sonbo mao me tiraste  
pesado em questaua agoza.

**P**or minba fe q̄ sonbaua  
que entraua no jardim  
hũ homē que me forçaua  
eu entonçes que gritaua  
ninguem macodia a mi  
ay Jesu  
tambē sonbaua que tu  
o querias ajudar  
pera me elle forçar  
nunca vi sonbo tam cru.

**S**entam por berradeyro  
que eu com elle me hia  
tinba lbe amor verdadeyro  
assi como de primeyro  
ante mi ver nam podia  
passi. pode ser

bel. isso has tu de dizer  
sempre has de ser traueffa  
doute ao demo essa cabeça  
nunca mais siso has de ter.

**C**ãse z acorda o pastor  
por nome. Eliciente z diz.

**C**alasma el cuerpo d̄ sant  
pienso que da medio dia  
a no plega a sant Juan  
no tengo oy hecho asfan  
por que vn rato dormia  
por sant pero

landre enel majadero  
por lo que oy trabaje  
a my amo medrare  
que caya para honero

**Q**uiero luego trabajar  
que tengo bien que bazer  
primero be de regar  
las naranjas y mirar  
se hallo con que beuer  
que es templano  
nestes dias de verano  
trabaja hombre por dez  
pues assi lleue mal mes  
el sueldo que dami amo

**P**or sãt pito q̄ hã hurtado  
las almeras que tenia  
en esta aruore hã llegado  
a no pesia a ti mal grado  
soncas quien las lleuaria

si lo se  
quien la burto le hare  
que le amargue la comida  
o reniego de mi vida  
para esso las plante.

Entra o paruo e diz.

¶ Olhay venho ca Vicente  
que meu tio quer morrer  
elle faz muyto doente  
venho buscar a semente  
ey dir a todo correr.

par. oys vos  
duelos negros te de Dios  
y aun quien te aca embio  
que a tal persona busco  
par. dayme hu feyre tamanbo.

¶ Olhay dizẽ q acolbais  
muyto asmba q esmorece  
coryes e marcoriais  
e não sey que cousas mais  
o eramaa que mesquece  
par. dolorido

e do traes el sentido  
guardate dun bofeton  
par. eu cuydana no meu pão  
mas elle he ja comido.

par. Toma aguija muy priado  
y abala parte presto  
y no te estes engorçado  
par. isto não he hu punhado  
carregayme vos hu cesto

par. ves ay  
mal cesto vega por ty  
y aun quien te aca embia  
par. pois ainda mesquecia  
hum orelo que perdi.

¶ Asadaymo ora a buscar  
de vagar q eu voy de prest

que o velbo quer se fiuar  
entain hão lbe de lauar  
os pees e mais a cabeça  
e sabeis

Vicete acolberme eis  
origas e mais borrages  
e coentros e soages  
sam boas pera chrissteis.

Uẽ Pasibula e a Bella  
memina e diz Pasibula.

¶ Bertolameu  
desse vagar vos mando eu  
ha tres hora que vieses  
par. e pois vos não me dissestes  
que fosse correndo eu  
par. scñora aqui ballo yo  
passadas dobre esraño  
o quiza alguno entro  
y las almedras hur to  
y maçanas del m ançano.

bel. ¶ Nam entraria  
ninguem que se guardaria  
de dar a fim a seus dias  
tu Pasibulla as comerias  
ou Bertolameu seria

par. eu, par delhas nam comi  
vos fazeis de mi ladrão  
nam ey dandar mais aqui  
bel. nam o digo eu por ti  
mas que de casa seram.

par. ¶ Serey eu  
meu senbor Bertolameu  
vos sois o meu coração  
par. e adonde põeme a mão  
e cuyda que sou sandeu.

Uayse o paruo e vem o  
negro e diz.

neg. ¶ Ou la gentes  
ou falay corpo na sam  
quebray homẽ sua dentes  
o recado sua parentes  
ou sioza beyjo m̃ão  
pasi. quẽ be

neg. sioza beyjo sua pee  
cõ sua caracanhbar morado  
mĩ trazey ca hũ recado  
pera day a bossa me rce

¶ Eu sa negro de bossa yrmãõ  
que onte de Brasil chegou  
pasi. ay Jesu que alteraçam  
nouas tem meu coraçam  
que em estremo me alegrou  
ah senhora

bũa noua nesta hora  
creyo nam vos pesara  
meu yrmãõ que veyo ja

Bella menina:

¶ Venha elle muyto emhora  
pasi. ¶ Abanda senhora dizer  
que se licença lhe dais  
que me vira logo ver  
pois em vos he o querer  
mandalo ey vir se mandais

bel. z quem be  
quanto disse. disse cre  
nam seja algum enfugido  
pasi. ay isso ha uo vosso s̃etido  
nam crea vossa merce

¶ Preto vinde vos ca mano  
veruos ba minha senhora  
meu yrmãõ vem castelhano  
ou portugues, valenciano

neg. Portugal sa elle agora  
tam bragante  
sioza tam fermosante

z mais elle manda beyjar  
suas dedos cõ caracanhbar  
dessa carora galante

bel. ¶ Dize negro teu senhor  
pera quem te deu recado  
nam tinha outro seruidor  
pera mandar sabedor  
que falara declarado  
se nam a ti. neg. si  
posso eu nam yr aqui  
pesara de sam formente  
tambem negro nam sa gête  
z boso zombay de mi.

¶ Eu suas comendas day  
que elle manda traze ca  
z com sua yrmãõ falay  
bel. ora pois correndo vay  
esta reposta lhe day  
em verdade

que se nam fora amizade  
que a mi sua yrmãã tem  
a outra pessoa. alguem  
nam lhe dera liberdade  
¶ Pasibula.

¶ Senhora esta merce  
recebo eu cõ as mais  
alto sus negro nũ pee  
correndo, dizelhe que  
venha, nam vos detenhaís  
sem de ter  
tambem lhe has de dizer  
que ja tenho demandada  
z a licença outorgada  
neg. com esse noba tem prazer

¶ Por sancto ladra sioza  
olhay bos o queu jurou  
que solgay eu mais agora

que me dizer nesta hora  
minha siora furou  
sua comer  
que elle agora ba de ter  
com aquelle recadinho  
furnando põe pee caminbo  
z bay a todo correr.

Clayse o negro z diz a  
Bella menina.

¶ Quanto agora de falar  
douda como estas alegre  
pasi. tenho rezão de assi andar  
ba me logo de casar  
que ando por aqui ao segre  
bel. ja casar  
yra em tal madrugaz  
bideputa que caseyra  
leuara negra canseyra  
o triste que te leuar.

Tem o fidalgo com o  
negro z diz o fidalgo.

¶ E senhora esta ca alguẽ  
Fernando bate ali  
neg. oula gẽte nã falay ninguẽ  
pasi. ay minha senhora, vem  
meu yrnão creio aqui  
fid. mas quam fora  
estais vos yrnãã senhora  
deu vir ter a este paço  
mandayme dar hũ abraço  
pasi. yrnão venhais muitẽbora  
Bay Jesu quã demudado  
senhor vos fizestes la  
viudes fermoso z barbado  
com hum rosto apessoado  
Fidalgo.

Yrnãã isso baste ja

mal prudente  
foy nam yr primeyramentẽ  
como a rezão requeria  
a fazerlhe cortesia  
a esta dama excelente  
¶ Senhora q Deos dotou  
fermosura soberana  
por sua mão matizou  
z consigo figurou  
mais diuina que humana  
eu aqui  
sam vindo a este jardim  
a minha yrnãã visitar  
z tambem pera beyjar  
as vossas mãos serafim.

Bella menina.

Tenho lbe e merce. senhor  
essa proza cortesiaã  
chea de tanto primoz  
leyray vos esse louuoz  
aa senhora vossa yrnãã  
que be auisada  
z porem vossa chegada  
seja muyto na boa ora  
fid. beyjo vossas mãos señoza  
z a vossa muy bẽ achada.

¶ Pasibula.

¶ Senhora eu estou olhãdo  
que foy de ca tamanino  
fid. yrnãã o tempo andando  
mudase sem saber quando  
se faz homẽ de menino  
bel. por merce  
nos contay por. vossa fe  
nouas de la dessas partes  
por onde senhor andastes  
algũa conta nos de  
Fidalgo.



¶ Quero as senhora dar  
pois que tanto mo rogais  
contas de meu embarcar  
contas de nunca acabar  
contas de meus tristes ays  
a rezão  
de minha embarcaçã  
passey o gram mar Despaña  
fuy a França e Alemanha  
aas Indias e Teruam.

¶ No estreito de Sibaltar  
e o golfam do Lam  
nestes me vim affogar  
quis ma fortuna saluar  
pera minha perdiçã  
pelesey  
com Turcos e escapey  
de suas grandes fortunas  
do mar e suas lagunas  
e em nenhũ periguesy

¶ Fuy aa Leuante e Ponete  
corri toda Berberia  
e passey por Occidente  
com grande armada de gente  
como a fortuna queria  
eu venci

fem ninguem vencer a mi  
em nenhũa desta guerra  
e estando em paz em a teerra  
em hũ soo dia me perdi.

¶ Andando hum dia a caçar  
por hũ bosque cõ falcã  
quis ma fortuna causar  
que o lancey aa voar  
a pos de hũ gaurã  
em lugar  
do falcã eu tomar

e tornalo pera mi  
foy voar a hũ jardim  
onde o fuy a buscar.

¶ Por minha vida q quando  
isto digo, sam choroso  
e mais neste aqui estando  
como este sem faltando  
era o outro deleytoso  
deste gepto  
proprio, dito e feyto  
era assi fructificado  
de altos muros cercado  
de gram senhor de respeyto.

¶ Finalmente  
nesta orã deleytosa  
pelo meu falcã chamey  
se nam quando eu topey  
hã moça tam fermosa  
parecia  
anjo que do ceo cahia  
e eu tanto que a vi  
disse, ay triste de mi  
e ella entã dormia

¶ Em dando este ay tamanho  
veyo logo hã donzella  
com hũ rosto serofanho  
que segundo era estranho  
achey gram nobreza nella  
cortesia  
tanta quanta merecia  
de maneyra que fiquey  
perdido, e perderey  
por esta causa alegria.

Passibula

¶ Assi ymão namorado  
fois vos e tendes amores

ora ellaís bem auiaad o  
inda bem não foís chegado  
vos quereís meter é dozes  
ja, ja, ja  
pera ella senhora yza  
toda vossa fazendinha  
fid. a fazêda 7 a vida minha  
sua ate morte sera.  
bel. ¶ Certo crua sera ella  
nam vos dar bõ galardam  
Bel. oo discreta dama bella  
o que eu espero della  
fim de minha perdiçam  
pasi. huy canseyra  
ymão 7 dessa maneyra  
foís vos por ella perdido  
tam alto he o partido  
dessa senhora guerreyra  
¶ De que ydade sera agora  
essa senhora que amaís  
assi he ella matadora  
fid. sera nem menos nê mais  
como he vossa senhora  
propriamente  
em vela aqui diante  
com tam galante despejo  
pareceme que a vejo  
ante meus olhos presente.  
¶ Porq̃ ver ábas figuras  
a desta senhora 7 a sua  
propriamête nas grãduras  
nas feyções 7 nas posturas  
furara que ella he hũa  
a que eu amo  
por certo agora me chamo  
vitoso 7 afortunado  
ver o rosto comparado  
ao vosso soberano

bel. ¶ Isso seria afeycam  
que me terieís dantes  
nam tenho tal perfeycam  
que fermosa nam o sam  
nem me prezjo das galantes  
fid. pois a fee  
que aquella Bersabe  
pela qual Dauid peccou  
creyo ser vossa merce  
7 nam a que elle amo u  
foís mais q̃ Venus fermosa  
nê que aquella Laura casta  
dama q̃ foy generosa  
de Petrarca vos foís rosa  
furay quem foís abasta  
bel. Ya senhor  
pera mí esse louuoz  
a metade abastaria  
fique em vos a cortesia  
seja fea quem o for.

Entra o paruo 7 diz.

Paruo.

¶ Elinde ja muytleramaa  
que meu tio quer comer  
ellas ainda estão ca  
bẽ este homẽ que aqui está  
que vẽ elle ca fazer  
pasi. he meu ymão  
par. va logo beyjar hũ cão  
onde lba pele minguar  
que homẽ não ha ca dêtrar  
que meu tio não quer não.  
Pareça queu lho direy  
7 vos falauéis com elle  
entam bella eu vos farey  
pasi. olhay o tolo em q̃ vein  
dou o dcimo o corpo delle

bel.oo senhor

y deuos por meu amor  
queste tolo dilo ha  
meu pay vira logo ca  
tenho delle gram temor

fid ¶ Perola muy preciosa  
beyjo vossas mãos diuinias  
ymãa voume com a vossa

par. z vos ouelha ranbosa  
brincaueis cõ as meninas  
andar di

bella vinde por aqui  
anday, anday boa dona

bel.ati que diabo te toma  
par.elle te tomara ati.

Bella menina.

¶ Ora vay que nos yremos  
dize a meu senhor q̄ jante  
q̄ nos comer não queremos

par.ora vinde jantaremos  
ja vos vos fazeis doente  
assi lbe vay

eu o direy a vosso pay  
como vos tinbeis medo  
hum homẽ neste exido

passi. se lho tu dizes ay,ay.

Idos diz Vicente pastor.

Vicente.

Malas me Dios cõsagrado

a Pluton reniego yo

a Lucifer doy mal grado

digo questoy espantado

aquel hombre por q̄do entro

a Zurcano

el hõbre hidalgo anciano

y de alta sangre y prez

do mas amarga vejez

con la suya por tu dafio.

¶ Al foncas q̄ ellas pensarõ  
que ninguno no las via  
y de my no se acordaron  
todo lo que ellos hablarõ  
yo daqui bien los oya  
la culpada

aquella pieça maluada  
de Pasibula alca hueta  
lo metio enesta huerta  
la mala hembra prouada.

¶ Tem o Paruo com o pay,  
z diz o Paruo.

par. Uedes tio aqui estaua  
o homẽ com ellas falando

z Pasibula folgaua  
por isso ella tardaua

quando vos sieis jantando  
vel.que dizia

ou que vestidos trazia

vinha mais que elle soo

par.hũ seu negrinho noytiboo  
como caruão reluzia

pas. Syd buen viejo y seõor  
anda muy presto y a guisa  
de tus males y dolor

no quiero yo ser guardador  
mas vna bora, de tu bija

ve.como nam

dizeme porque rezam

z se a achar homecida

tirarlhey logo a vida

pela minha mesina mão.

Paruo.

¶ Aqui neste enrargam

falaua elle com ella

pasibula chamoulhe ymãõ

z eu entremente entãõ

fuy arinar esta costella

pas. En my cabafia  
estaua yo esta mañana  
quasi vna hora seria  
my señor de medio día  
que lo vi en su compañía  
vel. como; ou de q maneyra  
por onde entrou elle aqui  
o yelibice de canseyra  
pas. pienso que por escalera  
basta con ellas lo vi  
yo quisiera  
trauar del y su triguera  
gran temor de me el matar  
tuue en grande manera  
vel. porq nam mias chamar  
oo que filha não tiuera  
pas. aun pienso q ha de boluer  
es vn hombre muy galan  
la niña a su querer  
no lo podia mas ver  
que ver el fiero Satan  
de manera  
que aquella escopetera  
de Pabnulla lo llamaua  
hermano, y muchoholgaua  
es muy mala rabonera.  
vel. Afirmas q ha de tornar  
calte quen os colhcrey  
cumpreme dissimular  
voume logo presto armar  
aqui os esperarrey  
farey armar minha gente  
polos ey logo em cilada  
pera esta caualgada  
estaras prestes Uicente.  
Pastor.  
¶ Juro por pito sancto  
y al roxel de seuilla

si aca aquel quebranto  
viene yo le tomie el manto  
y quebre la rebadilla.

Parruo.

Ha, ha, ha  
ves vayte di erama  
ques rebolan castelhano  
diz agora isto o marrano  
entam depois fogira.

Pastor.

¶ Quiza os llama el diablo  
para ser vuestro padrino  
por el cuerpo de sant pablo  
no digas mas tal vocablo

par. vayte di q es baganino

pas. callate ya

mira no vaya aila

vel. Uicete teras cuydado,

pas. señor menester sera

que yo este bien armado

pa. r. tio se o nos colhemos

auemolo daçoutar

fabeis vos que lhe faremos

hñ bate cu lhe daremos

entam elle. ha de chozar

a manadas

lhe daremos bofetadas

entam muytos empurões

punhos secos repelões

z cortilo bem a osadas.

¶ Idos, diz o pastor  
comparádo.

¶ Aquesta noche seguinte

conuiene que vele yo

como la grulla sapiente

que si duerme, luego siente

la piedra que le cayo

de la mano

porque no trabaje en vano  
quero la grulla imitar  
no dormir mas bien hablar  
al palaciego galano.

¶ **Uem a Bella menina cõ**  
**Basibula z diga**  
**Bella menina.**

**C**licente que faze s bi  
pas. señoza voy almorzar  
bel. como vay meu pay assi  
pareceme que o vi  
anojado com pesar  
pas. que pequice  
senhora toda a velhice  
aborrece a mocidade  
vosso pay naquella idade  
nam quer ver a meninice.

pas. ¶ **D**esso por cierto no se  
pero el enojo traya  
ninguna cosa le hable  
señoza juro a my se  
que algo enojado venia

pas. que, não não  
os spiritus não estão  
de contino em hú ser  
húas horas tem prazer  
outras dozes de payxão.

**Bella menina.**

**T**enho temor, sayba parte  
que veyo aqui teu yrmão  
olba pasibula guarde  
que teu yrmão por sua arte  
lança a pedra escõde a mão,  
contra my  
na entrada do jardim  
onde o falcam perdera  
tudo aquilo a mí era  
porq cu bem o enterdi.

pas. entendestes vos traydora  
tomay la como he malina  
o que aluicaras senhora  
vos mereço nesta hora  
prometeis mas vos a mí  
bel. bem de que

dize tu porque tas de  
queu ta prometo dobrada  
pas. não vos ey de dizer nada  
se não me daís vos sa fee

¶ **D**e tudo ouvir z calar  
quanto vos aqui differ  
bel. dizeme isso sem tardar  
acaba se bas dacabar  
que eu to prometo de ser  
pas. **O bella**

fermosa gentil donzella  
como vs soy vosso amigo  
calome que mais não digo  
bel. ora acaba taramella.

**Basibula.**

¶ **S**abeis como vay fandia  
quando ca vier meu yrmão  
q ha de vir ca neste dia  
farlheis muyta cortesia  
com o gíolho no chão  
z bom geyto  
o resto ledo z direyto  
falandohe por senhor  
pondo nelle o vosso amor  
vosso sera o proueyto.

**Bella menina**

¶ **H**uy moça, nã entedi isso  
au como falaste assi  
sey questas fora de ti  
pas. Jesu, inda estou em mí  
beto **D**eos que me deu siso  
escutay

fe quiserdes z olhay  
este homem que aqui vem  
be homem que vos quer bem  
gram senhor vede, atentay.

¶ Elle he de sangue de rey  
veyo aqui ter por ventura  
o qual depois vos direy  
z larga conta darey  
ama vossa fermosura  
ao dormir

que vos vos quisesstes yz  
lançar no jardim por festa  
direyto pola floresta  
o vi eu pera ca vir.

¶ Eu tanto que o achey  
que vossa merce dormia  
hum muy grande grito dey  
z com elle pratiquey  
z soube quanto queria  
finalmente.

que he de muy alta gente  
z gram rico abastecido  
z quer ser vosso marido  
be discreto z prudente.

Bella menina.

¶ Pois porque nã me dizias  
isso logo da primeyra  
fizera lbe cortesias  
dize que nã encohras  
que tu es alcouiteyra.

¶ Pasibula.

¶ La, ta, ta  
que o seu negro vem ja  
fede agora muy manhosa  
day! he reposta graciosa  
como alle vier ca.

¶ Tem o negro, z diz.

neg. ¶ Praza a deos cõfabrado  
diabo leuay amor  
meu sior anda namorado  
nossa casa emburiado  
eu sa sua bayrador  
turo dia

sa dizendo vida mia  
belleta minha siora  
pera nossa sa maora  
que vos vi quãdo dormia.

¶ Eu por bõsso tem fadiga  
pessara de sam furu nãdo  
tem furado minha boziga  
ja mi não sabe que diga  
turo dia sa chorando:

¶ Ora calay

suso eu quero chamay  
a sua arcouiteirinha  
ella gram deffaçadinha  
turo eila arrecaday  
oula siora golesinha  
mandayme ca meu sior  
q̃ tornay eu muyto aziinha  
si bofe por bida minha  
que elle lebay muyto dor.

¶ pasi. ¶ Que, que

neg. manday siora dizey  
a bos que elle bẽ ca agora  
porq̃ a menhã bay fora  
pasi. se minha senhora quiser  
bel. olha moça não menganes  
porque ati enganaras

¶ Pasibula nam te dãnes  
pasi. vedes vos bẽq̃ demanes  
la te arreda Satanas

¶ Que combate  
mandame dizer que parte  
oje as tarde pera fora

que me quer vir ver agora  
bel. nam te digo nada, guarde  
passi. Jesu q̄ mey de guardar  
isto he demo e não molher  
que ja nunca ha dacabar  
neg. foz a nam pelejar  
por a mi merce fazer.

¶ Entra o fidalgo  
armado, e diz.

fid. ¶ Salteada  
de proposito tomada  
fois yrmãa por minha fe  
as naos de vossa merce  
beyio senhora prezada  
bel. senhor muyto bẽ venhays  
tarde nos viesstes ver  
fid. pois dẽ cedo vẽ meus ays  
be. effes ais vos mesmo os dais  
a essa que bem vos quer.

Fidalgo.

¶ O senhor  
se eu fosse sabedor  
que eu della era amado  
homẽ bemaumentado  
nunca foy se eu não foy  
passi. yrmão vos tẽdes prazer  
olhay que eu a deuinho  
que folga bem de vos ver  
isto me da a saber  
este meu dedo meiminho.

Bella menina.

¶ Calte sandia  
chocarreyra per toda via  
senhor perdey o cuydado  
sede em ella confiado  
nam lideis com a perfia  
fid. oo angelica figura  
fhoz de toda perfeçam

pois que vossa fermosura  
esforça minha tristura  
meus males fenecerão.

¶ Os tormentos  
que de mi não sam ysentos  
por gloria os sinto agora  
pois q̄ vos minha senhora  
esforçais meus pensamẽtos  
passi. Jesu o sangue turbado  
tenho egoza em vos ver  
dessa maneyra mudado  
vindes vos yrmão armado  
nam sey quillo quer dizer.

Fidalgo.

¶ Dilo ey  
mas nam sey sagastarey  
nullo a vossa senhora  
passi. que vos escute agora  
isso eu lho rogarey  
bel. bẽ pode senhor contar  
o que for sua vontade  
por queu o quero escutar  
passi. ora yrmão auéis de dar  
conta dessa nouidade.

Fidalgo.

¶ Que sera  
vossa merce sabera  
a causa por assy vir  
esta noyte ao dormir  
lũa forte vi bem maã  
Sonhey questaua contãdo  
aa senhora meus cuydados  
e que mos estaua escutãdo  
e vos no jardim estãdo  
vinhã mil homẽs armados.

¶ Contra mi  
dizendo, neste jardim  
quem te trouxe criatura

fera tua sepultura  
nelle fera tua fim  
com adargas embraçadas  
todos pera mi direyros  
as espadas arrancadas  
nũas pera mi viradas  
põdomas pontas nos peyros.

¶ Com e lamoꝝ  
diziam, oo tra ydoꝝ  
cada qual me mal tra taua  
en entonçes que arrancaua  
nam sem falta de temor  
aos golpes me metia  
com tres cõ grande crueza  
nenhũ delles me feria  
pellas armas que trazia  
que eram de gram fortaleza.

¶ Finalmente  
contra tal poder de gente  
escapaua ser ferido  
nisto lidou meu sentido  
toda esta noyte presente  
z assi  
que eu tanto .que me vi  
lidar em esta perfia  
oje estas armas vesti  
queyza Deos nam seja assi.

¶ Passibula.

¶ Prazera aa virgem Maria.

¶ Que nam, nam  
ymãõ de meu coração  
peço aa Virgem sagrada  
que vos traga em sua guarda  
z vos liure de payrão.

¶ Aqui vê o velho armado  
z trara algũs criados cõst-  
go z diz entrando.

¶ Velho.

¶ Aqui todos meus criados  
mostray vosso coração  
vinde a ponto armados  
varões muyto esforçados  
que me hão seyto treyção  
z roubaram  
minha fama, z cortaram  
o fim de meus tristes dias  
tredoz dije que fazias  
moire pois taqui acharam.

¶ O fidalgo arranca z diz.

¶ De minha genealogia  
oonde venho saberas  
ser de grande fidalguia  
z ponto de couardia  
tu em mi nam acharas.  
vel. sem tardar  
sus fazey pelo tomar  
mataymo sem dilação  
ou mo tomay aa puizam  
z não vos queyza escapar.  
passi. Senhor vê mal eformado  
deyre me falar a mi  
z não mate esse coyado  
que he sem culpa cõdênado  
vel. não me fales vayte di  
neg. que farey

gente, ou a que de rey  
não matar minho fioz  
fid. calte não tenhas temor  
porqueu me defenderey

¶ Paruo.

¶ A valia cos ladrões  
que nos vinham a furtar  
no erido os agriões  
rabaças z almeyrões  
que nos temos no pomar



neg. mal fadado  
de mi malaventurado  
homẽ guardaite la  
se não eu te matara  
por aquelle ceo sagrado.

Fidalgo.

¶ Não me posso defender  
contra tanta multidão  
aqui ey de fenecer  
z cauallero mozerer  
com minha espada na mão.  
neg. ay ladrão

boto dez darte fungão  
que te quebray turo dêtes  
a que de rey cude gentes  
vel. matayme esse cabrão.

Fidalgo.

¶ La, que me sinto ferido  
direyto no coração  
z ja me dou por vencido  
vel. has te de dar por rendido  
posto em minha prisam  
fid. sam contente

pois fortuna ao presente  
me quis por em teu poder  
não me pesa de o ser  
louuo a Deos omnipotẽ te

Velho.

¶ Neste jardim q̃ buscauas  
pois que a mi offeudias  
z miuba honra roubauas  
dizeme com quem falauas  
antes q̃ de fim a teus dias  
fid. que despejo

bom velho, q̃ em ti vejo  
pera me trazer aa morte  
vel. pois fazias negra sorte  
não fales ja tão sobeio

¶ Paruo.

¶ Aniels vos de cayz  
na nossa balcorriada  
pois que ca quisesles vir  
hão vos a vos de cortir  
z dar infinda pancada.

¶ Negro.

Labrador  
a bos tolo sem sabor  
falay descortesia  
vos cayra algum dia  
na mão de minha sior.

¶ Velho.

¶ O filha de mi querida  
esta he a honestidade  
em que vos tinha metida  
cria não serdes sentida  
z fizestes me maldade:  
oo traydora

¶ Pasibula feruidora  
que eu fiaua de ti  
minha filha, z ves aqui  
de que fosse causadora.

Fidalgo.

¶ Senhor eu sam o culpante  
nenhũa não he culpada  
não mostreis fero sembrante  
que tudo vos direy ante  
que daqui moua passada:  
a ventura

me sobio em tanta altura  
tanta quanta desejey  
z sam bisneto de rey  
real sangue por natura.

¶ Erdey de minha crança  
trinta contos de fazenda  
sam primo del rey de França  
a minha triste andança

me trouxe a esta contenda  
por andar  
num soo dia de pesar  
sabi com dez caualeyros  
por hũs ermos estrangeyros  
com hum falcão a caçar.

Paruo:

¶ Jezu camamba mentira  
o minha mãy como mente  
entam quẽ aquilo ouuir  
porque elle mentio tem birra  
se faz o triste doente.

Uelho.

Calte ora por tua fe  
ouui estay bem atentos  
bem prontos os pensamentos  
tu escuita, ouue z ve.

Fidalgo.

Finalmente que andando  
senhor por hũa floresta  
com o meu falcão caçando  
me fogio assi voando  
hũa tarde pola festa  
z assi

z eurem tanto que o vi  
ao alcance andey  
de maneyra que entrey  
em este voffo jardim.

Uelho.

¶ Pois agora q̃ quereis  
dentro aqui neste pomar  
se o queu disser fareis  
de pũsam liure sereis  
logo vos quero soltar.

Fidalgo.

Responder  
senhor a voffo dizer

nam he muyta marauilha  
pois quereis que vossa filha  
que a tome por molher  
¶ Pois certo não lhe ira mal  
em me leuar por marido  
z pois que he minha y gual  
cafarme em Portugal  
disso sam ledo z seruido  
desdagoia  
a recebo por senhora  
se ella contente for.

Bella menina.

Sam por certo meu senhor  
que sam vossa seruidora.

Uelho.

Sem tardar  
sus vamos logo ordenar  
muy reaes festas z vodas  
z vossas donzellas todas  
que vos venham festejar

Parabula.

Por eu ser alcomteyza  
senhor deste casamento  
z vos liurar de canseyra  
eu quero ser a primeyza  
que dee o contentamento  
no cantar.

Finis.

Cantiga.

¶ Que ventura tam diuina  
o que bemauenturança  
pois o fidalgo de Françõs  
leuou a Bella menina.

Laus Deo.

# AVTO NOVAMENTE FEYTO.



Sobre os muy sentidos amores q̄ teve o Duque de Florença, cõ a muy fermosa Bracibelia filha do marques de Ferrara: em q̄ se introduzẽ as figuras seguintes. s. Marques: Bracibelia cõ duas damas, Belicia, e Paulina: hũ Enano chamado Rosibel: e hum ortelão chamado Orcasto: Mahometo mouro: o Duque com dous soldados, hum Persiano, e outro Joã temeroso, hum Abegã, e sua filha Brasia e dous ratinhos criados do abegã, chamados hum Sil, e outro Bras, e hũa moça chamada Joana, e dous vilões, Lourenço, e Gasco.



**H** Marques.  
Hija mía de mi gloria  
con vos platicar quería,  
Eracibelia.

hable señor q̄ con cortesia  
el sentido, y la memoria  
terne con su señoría.

Marques.

Bien esta  
vosotros salios alla,  
Belicia quede si quiere,  
que de lo que resumiere  
tambien su parte le va

¶ Vanse todos, y fica o Marques,  
y a filha, y Belicia, y  
diz. Marques.

¶ Hija mía, iluminaría  
de mi honrra, y mi blason,  
oydme con a tención:  
que esta habla temeraria  
sale de mi corazón.  
Y pues que tanta exaucia  
ay en vuestra juventud,  
sentí quan alta prudencia  
sera dar obediencia  
al padre, y a la virtud.

¶ No digo que no vistais  
oro, sedas, y brocados,  
joyas, y ricos tocados,  
mas q̄ en los ojos pongais  
silencio, y buenos cuydados.  
Cercis princesas Troyanas  
Briegas, y Italianas  
q̄ por hechos mal mirados  
perdieron hōra, y estades

por locas, y leuianas.

¶ Despues que Dios me lleuo  
vuestra madre por mi duelo,  
ningun plazer me quedo  
sino vos, que sois consuelo  
del pesar que me dexo.

¶ Ved la caua quanta guerra  
causo con perderse España  
que fue deshonrra tamaña  
para su padre, y su tierra,  
y a otros que amor engaña.

¶ Y pues que teneis motiuos  
hija de muy generosa,  
porque no os engañe cosa,  
tened respectos altiuos  
de muy buena, y virtuosa.  
¶ Pues que toda mi riqueza  
y mi tierra, y marquesado  
es para vos lemitado,  
mirad vos por la nobleza  
de mi hōra, y vuestro estado.

¶ Que por el mercamiento  
de vuestro estado, y persona  
tengo yo en pensamiento  
de daros en casamiento  
al duque de Barcelona.  
gra. Muy subida

es la merced recebida,  
mar. digo lo que cumple a vos,  
gra. yo señor soy comedida  
y por ello plega a Dios  
le de mil años de vida.

¶ El es mi padre, y señor  
yo soy hija, y sierua suya,  
y estos cōsejos son de amor  
mar. mas son hija de temor,

gra. Calle señor. y conchuya  
Que me afrenta,  
mar. no se alargue mas la cuenta  
y vamos a comer,  
venid hija con plazer:  
que el coraçon que lamenta  
dago se deue temer.

¶ Ulyse o Marques, z vé ho  
ortelam cantando, z diz.

or. ¶ Quando yo veyo la rosa  
banca, colorada, y bella,  
to. lo. ne buelzo en vella

¶ Quando yo veo la rosa  
colorada, y colorada  
que cosa tan alindada,  
anti queria yo la hermosa  
q me entrasse por la pasada.

Que quien sirue de ortelano  
a vn señor tan robusto  
trabaja inuerno, y verano  
y dizeos ha villano  
la fructa buena, y de gusto  
no le toqueis con la mano.

¶ Porque es para el señor  
veys que pena, y que dolor  
diz que tengo de caualla  
y no tengo de mascalla  
mas lo que siento peoz  
que me vienem a contalla.

Do al diablo tales señores  
q mal mes medre, y mal año  
quien sirue a señor tacaño  
que no quiero sus fauores,  
ni su capa, ni su paño.

¶ Quando yo seruis al cura

que vida que me lleuaua,  
que de roscas me trazaua,  
que tenga mala ventura  
quien me saco donde estaua.  
Yo era el yfopero  
monazillo. y tefozero,  
sabia mas que vn carturo,  
el diablo aca me truxo  
a feruir de pomarero.

¶ Mahometo. ma. que mādaz  
ort. ea moro veni aqui,  
vamos a trabajar:  
fuso presto llevar.  
mou. ala bur muy to falar.

Bur bilano

no conoxer esta mano,  
or. cortada la vea, y coxa,  
mou. que dezir bur barba roxa?  
or. que deue ser tu hermano.

Abouro.

¶ Si a la fe  
orte. y al perro como le fue  
en Tunes, y en la Goleta,  
no le valio su propheta  
Abahoma, que dios le de  
muerte de mala escopeta.  
Que vn mi hermano  
murio aby como vn troyano  
en poder de gente perra.  
mou. pois rētar cosa de guerra  
que moro matar christiano  
por querer tomar su tierra.

orte. ¶ Pues el Emperador  
con guerra de gran furor  
ha dyza tomar Turquia.  
mou. ala ca bir algun dia

A ij

gran tures ventar melior  
quebrar de su fantagia.  
orte. Vos perro auéis de mētir  
quel Emperador ha doy  
prender esse can seruero,  
y a España ha de venir  
a seruir de azeuilero.  
Y sin ninguna question  
tengo dir con mi açadon  
matar vn moro maldito,  
mou. mira barbas de cabron  
qualquer moro tamañito  
dar para box bofeton.

orte. Esto a mí?

guardar don perro alfaqui  
no os cuelgue de vn oliuo,  
mou. Boro que rentar catiuo  
bux bele, calar allí.

Orasto nam querer reñir  
mi trabajar, y seruir,  
orte. pues camina delantero,  
que duelos de compañero  
me dieron para biuir.

¶ Uaise o mouro com o ortelã  
z vem o enano Rosibel cõ duas  
damas, hũa per nome Pauli-  
na, z outra Delicia, z diz.

Enano.

¶ Gracibelia mi señora  
manda que le aparejeis  
el estrado a do sabeis,  
y hazeldo luego a la hora  
Delicia que no tardeis.  
Y hazelde de vna pieça  
vna guirnalda segura,  
desperança, que es verdura

que se ponga en la cabeça  
la diosa de hermosura  
beli. Plazeme  
pau. yo mi señor lo hare  
ena. yo no mado a vos paulina  
que el dia que os mire  
bize mi persona dina  
de ser chapin de su pie.  
pau. No me moteje señor,  
tenga su coraçon fiel,  
ena. señora ya estais enel,  
pues os di la fee, y amor,  
y aun el alma con el.

pau. Que dulçura  
no queria mas ventura  
si el dessa fee no me falta:  
ena. Yo se la doy tan segura  
como ella da quinze, y falta  
a todas en hermosura.  
Por lo qual soy tanto suyo,  
y tan leal,  
que de su seruo me arreo:  
pau. de contera no lo creyo,  
ena. pues crealo, que el desseo  
en mi gesto da señal  
el dia que no la veyo.

beli. Jesus Paulina assi  
amaís vos a Rosibel?  
pau. hermana es mi joyel,  
y en yendose daqui  
yran mis ojos tras el.  
ena. O mi estrella,  
yre sin mi, y con ella,  
pau. o mi hermoso Absalon  
yo es dare el galardon  
que pide vuestra querella.

¶ Y pues mi señor que assi  
dezis que yo os posseo,  
con aquella voz de Orfeo  
cantad por amor de mí  
la cancion de mi desseo.  
ena. Soy contento  
si no perdiessse el aliento  
mirando vuestra excelencia:  
pau. por mas animoso os fíeto.  
ena. señora en vuestra presencia  
pierdome, y no lo siento.  
¶ Sospiro, e diz Paulina.  
pau. Rosibel sed confiado,  
ena. soy lo señora de mí,  
y de vos desconfiado:  
porque dama nunca vy  
que tenga vn solo cuydado.  
pa. no sois vos muy gétil hóbze  
ena. esto ya esta manifestto,  
y aun no muy mal dispuesto:  
que bien lo dize mi nombre  
con las muestras de mi gesto  
Paulina.  
¶ No veo galan segundo  
hermoso de su manera,  
ena. pues si yo no fuera cimera  
de los galanes del mundo  
miraros no me atreuiera:  
¶ Pues si con mano valiente  
os vuisse de seruir  
aun q Heres fuera presente,  
y Hercules el potente:  
yo los hiziera rendir.  
¶ Señora dezir no basto  
lo que hize en Berpiñan  
en Pauia, y en Abilan

seruiendo al marçs del gasto  
de alferes, y capitan.  
pau. Sois de terrible osadia  
ena. mire este cuerpo gentil  
que si de mi valentia  
señora vuisse dos mil  
ya se tomara Turquia.  
¶ Yo dexe mil sepulrados  
en las guerras de Baplona  
capitanes esforçados,  
y los mas fuertes soldados  
temblauan de mi persona.  
Y agora el gran primor  
de vna niña donzella,  
me hizo cautiuo della:  
o Paulina mi amor  
doleos de mi querella.  
be. ¶ Amor engañador  
falso, y encantador,  
dereniego de tus daños,  
pues mãchas todos los paños  
y aun a este peccador  
bazes sentir tus engaños.  
Auy terrible es tu venablo  
pues vèces lo flaco, y fuerte  
y aun este visaje de muerte  
môstro, estiercol de establo  
te precias de conocerte.  
ena. Adira puerca chocarrera  
yo juro por mi persona  
si mi señora no fuera  
quel castigo yo os le dicra  
be. anda vete dahi mona  
bujearrona pastelera.  
Que Paulina  
no es tu persona digna.  
A iij

para con ella bñir,  
ena. bien se, ni tu de servir  
las moças de su cozina.

¶ Y callaos duna bobá  
que os dare despalderazos:  
be. muerta estoy de amenazas,  
veni que enciella corcoba  
os dare mil chapinazos.

pau. Señor pues sois singular  
y el saber en vos se encierra,  
fuirios pues ella yerrá:  
ena. a que no puedo estar  
sin matalla, y derrocar  
estos palacios por tierra.

pau. Jesús q̄ hombre tan fuerte  
ena. soy mas fuerte q̄ la muerte  
y no me tengáis señora.

be. de aldo, venga en buen ora,  
esse gigante tan fuerte.

ena. No me tenga señora ya  
que soy vn leon denodade:

¶ El qui da Belsicia ao Enano,  
z foge, z diz o Enano.

ena. Ay q̄ me quebro el costado  
Paulina tengala allá,

be. No sois vos el grã soldado,  
oy sine bolucos aca.

pau. No es para estimar pecco  
Kosibel si bien lo veys,

be. Paulina no lo engañeis  
porque anda damores loco  
y vos la culpa teneis.

Y llamad presto a la puerta  
que es ya tarde, y nos cōuiente,

¶ E ha ma Paulina aa porta.

pau. Orcasto,

orte. Quien llama,  
pau. Abre, y despierta

a Giacibella que viene  
a passar tiempo en la buerta.

orte. Es Paulina la que llama  
pau. Si villano abre presto,

or. pardios q̄stoy mal dispuesto  
y acostado en la cama,  
tan amarillo del gesto.

pau. Y de que.

orte. pardios señora no se,  
fino que vino el forurjano  
y tentome así la mano,

pau. y que dixo. or. dixo que fue  
de dormir solo el verano.

Paulina.

¶ La pues abre ayna,  
orte. y traey sine de presente  
alguna cosa caliente,

pau. abrínes que passa gente

orte. o doy al diablo la mobina,  
que no hara melezina

a vn hombre que esta doliēte  
Dache mache. pau. y q̄s esso

orte. mi padre

el perro comiome el queso,  
y la carne, y el tofino,

y mas trestornome el vino  
be. roma vellaco terefo

q̄ soys muy falso, y malino.

Ortelam.

¶ Ofrescolas al diablo,

pau. que habláis passito vos,  
o. te. no nada valga me Dios,

encomiendome a san Pable  
pau. pues echad fuera la boz.



muy despierta  
no habéis con lengua muerta  
orte. por dios que tal no me se,  
mirar a vuestra merced.

Jesus parece esto puente,  
be. toma dally prestamente  
y ayudame a concertar,  
orte. y dareisne dalmozar?  
pau. y tu no estauas doliente,  
orte. pues tengo de ayunar.  
pau. Si, y queda mirando allí  
que Gracibelia a la hora  
ha de venir por aquí:

orte. *Paulina, Paulina* señora  
pan, y vino para mí.

¶ *Ganse* ambas, e entra ho  
Duque, e diz.

du. ¶ Tengo por dichoso hado  
poner a risco mi vida  
por señora tan sobida,  
pierdase todo el estado  
por gloria tan conosciada.

orte. que es esto aca no entreis.

du. mira q̄ te dire *Hermano*,  
or. que os digo en canto llano  
que no, aun que me deis  
el tesoro *Elezeano*.

Entrais como si esto fuesse  
algun meson de *Paris*,

du. ya lo siento. or. no sentis.  
que si el *marques* lo supiesse,  
por dios q̄ la muerte os diessse  
pues que a su buerta venis.  
Salios a fuera vos  
porque no nos scaesca  
que nos ma te ambos a dos,

fino alçare la boz  
que mas quiero mi cabeza  
que la vuestra juro a *Dios*.

du. ¶ *Hermano* si sois contento  
de escucharme ganareis  
y tomad porque calleis,  
or. que es, *duero*, si consiento:  
pues dezid lo que quereis

du. *Pues* q̄ mi mal me cõbida  
a dezirte lo que quiero,  
fabras que nel alma, y vida  
tengo *hermano* vna herida  
que de su dolor me inuero.

¶ Y en la fuente del desseo  
desta buerta singular  
viene vn aguila real,  
la qual si yo caço y veo  
luego sanara mi mal.

orte. Y dezidme donde viene  
aquella aguila señor,

du. nasce de la morada del sol  
y tal fortaleza tiene  
que vence y mata el amor.

or. *Pues* yo miro, y no la siento  
du. porque creas

que tu poco sentimiento  
y su mucho merecimiento  
te causa que no la veas.

or. *Pues* que hablar le dessea  
entre, y cierre la puerta  
pongase en parte secreta  
y entre que no lo vea  
vn perro q̄ anda en la buerta

¶ *Uayse* o ortelão, e o *Duque*  
e entra o *Marques* cõ o enano  
e diz o *Marques*.

mar. ¶ **O** mundo quanta passio  
causa tu sensualidad  
el demonio es el ladron,  
que nos hurta la razon  
y nos vende la maldad.  
Que esta hija  
que me quedo, me cobija  
el coraçon de cuydados,  
veyolos mal amañados  
a Dios me doy que me rija  
no me afrentẽ mis peccados  
¶ Rosibel va la via  
llamame esse otelano,  
ena. Orcasto  
orte. Que querẽis hermano  
ena. que os llama su señoria  
veni de presto, y templano.  
orte. Quiere entrar  
ena. sale que te vengo a llamar  
de presto villano loco  
or. pues dize de q̄ espere vn poco  
que primero he dalmozar  
ena. Sale a ca mira q̄ se enojara  
el marques q̄ esta atendiẽdo,  
or. Dize de que estoy comiẽdo,  
que pardios que el no dira  
que es mal que estoy haciẽdo  
ena. poca virtud mora en vos  
dun villanazo maldito  
orte. guardad dũ chiquirriquito  
sialla salgo boto a dios  
q̄ os mate como vn mosquito  
ena. Tu a mi  
orte. Ala se digo que si  
ena. pues sale con tu broquel  
orte. ya salgo, ques del, q̄s del

mar. Villano llegaos a mi,  
orte. señor burlaua con el.  
mar. ¶ **O**tra cuẽta mas subida  
tenemos de mas rebierta,  
no os dire yo q̄ esta puerta  
de la huerta  
aun que os costasse la vida  
a nadie no fuesse abierta.  
orte. Si señor  
mar. dezid dun perro traydor  
porque la osais vos de abrir  
a los que suelen venir  
a hazerme deshonoz  
y le days el consentir.  
or. Jesus santiguar me quiero  
mar. pues aun esse negar  
os culpa de mas querellas,  
vos auẽis de confessar  
quien viene aqui hablar  
de noche con mis donzellas.  
ort. por mí fee que no lo fe,  
ena. pues yo fe que vos le abris  
orte. pardios digo que mintis,  
ena. mantenga dios su merced,  
orte. pues mira lo que dizeis.  
mar. ¶ **O** villanos  
que todos sois inhumanos  
or. todos somos de vna pieça  
mar. Rosibel tomalo a priessa  
y a tale pies y manos  
y cortale la cabeza.  
Otelano.  
Ay cuytado  
que muero sin ser culpado  
mar. matalde sin mas questiones  
or. escucheme dos razones,

no sera señor vengado  
con darne dos bofetones.

Rosibel.

¶ Pi con ciento  
fino daros con tormento  
muerte muy fuerte y cruel,  
or. porque señor Rosibel?  
ena. porq̄ dais consentimiento  
que entre enel vergel  
de mi señor,  
nadie hazerle desonor.  
orte. ¶ Ala se no se aofadas  
ma. pues quié da aqllaspizadas  
de noche al derredor  
de mis palacios  
orte. No se señor  
mar. balde de estocadas,  
a esse perro traydor  
orte. yo dire señor, yo dire señor  
ena. pues dezid al señor marqs  
quien es el que aqui venia  
orte. pues mande su señoria  
que me desaten los pies  
mar. Dezildo assi toda via,  
orte. Dizē ques de gran primor  
y de grande excelencia  
señor duque en valencia  
mar. No digas mas q̄ ya siento  
do viene la consequencia  
¶ Yo te quiero perdonar  
si hazes lo que te dixere  
con secreto singular,  
que me vayas a llamar,  
la noche que aqui viniere  
Ya se gura  
Que no te sienta criatura

deffo tal, y tiene vigia:  
orte. O buena velez, y ventura  
tenga vuestra señoria.

Marques.

¶ Mira en lo que quedamos,  
y mira quien te perdona,  
baze como de ti esperamos,  
y de lo que aqui passamos  
no lo digas a persona.  
¶ Uayte o Marques, r o Ena  
no, r entra Gracibelia, r Belic  
cia, r diz Gracibelia.  
gra. Orcasto estais doliente?  
orte. passe la muerte con penas  
gra. y ques del moro?  
orte. es ydo a las colmenas  
que estan detras de la fuente  
del pilar de las serenas.  
gra. Y trabaja?  
orte. no haze mas q̄ vna pafa,  
gra. pues balde muy buē castigo  
orte. grufie, y tomase conmigo,  
no quiero conel baraja  
offrescole al enemigo.  
gra. Dezidme, algun estrangero  
ha venido por aqui,  
o paje, o algun romero?  
orte. yo señora no lo vi,  
gra. o falso amor lisonjero  
cata no burles de mi.  
Orcasto yd trabajar,  
orte. yo no tengo de boluer?  
gra. aora no es menester,  
orte. y solas quieren quedar?  
Belicia.  
Solas todas de saber.

A y

¶ **C**ayse o orielam, e diz **Gracibelia** a **Belicia**.

**gra.** ¶ **B**elicia amiga mia sola a ti quiero contar mi secreto, y fantasia, y no te as de espantar si me vieres no vsar del seso que ser solia.

¶ **Q**ueste amor todos engaña, a todos vence, y abate es rey de la fuerza humana que al q̄ hiere nunca sana ni le suelta sin rescate.

¶ **A** vnos roba la vida, a otros la honrra y fama, pues que hara vna dama como yo niña, y metida en el fuego de su llama.

**beli.** Señora míraos a vos que sois de muy alto cuento **gra.** ya soy cantiuva, y no siento y si me no vale **Dios** muerta soy en este tormento.

**be.** ¶ **D**ues amor tiene infamados a muchos de gran valia, tomelos por espejo, y guía: y por sus yerros passados le enmiende su señoria.

¶ **A**dire su alta nobleza, y al señor marques su padre y su estado, y grandeza: y no cometa baxeza con cosa que no le quadre.

**gra.** ¶ **N**o cometere violencia en lugar de mi deshonrra, **be.** con quien es la competencia

**gra.** con el duque de Florencia que ganare mucha honrra si llegare a su excelencia.

**beli.** ¶ **T**alga me **Dios**, **gra.** tened esto para vos, **beli.** señora esto me barta, **Gracibelia.**

¶ **E**l secreto no se parta daqui dentrambas a dos.

¶ **Q**uel por muy secreta via a mi padre me pidió por muger, y que el darla las arras, y respondió mi padre que no queria.

¶ **E**sta desconuenencia ha venido que mi madre ha venido que mi madre tuuo tierra en Florencia, de que tuuo diferencia mi señor contra su padre.

¶ **D**e manera que ajuntaron gentes, armas, y amigos, y aun que los apaziguaron dende allí siempre quedaron desconformes, y enemigos.

¶ **E**l viendo la respuesta que mi padre le embio, vna carta me mando muy secreta, por la posta la qual su page me dio.

**Belicia.**

¶ **J**esus señora estoy fria, y en la carta que dizis?

**Gracibelia.**

¶ **Q**ue fuesse contentidora de ser suya, y que el venia por mi, y me llevaria

por muger, y por señora.

Belicia.

Y ella me diga a mi  
q̄ le respondió. gra. que si  
y ha venido apresurado,  
y tenemos concertado  
mañana partir de aquí.

¶ Entra o Marques que esta-  
ua espreitando a filha, z diz.

Marques.

¶ Dello no soy yo pagado  
hija mía,  
y pluziera a Dios quel día  
en que naciste, murieras:  
porque aora no me dieras  
en mi vejes agonía  
con penas tan lastimeras.  
Y pues me querias perder  
solo por hazer tus ganas,  
monja te quiero meter,  
pues procurauas de ser  
desconsuelo de mis canas.

Eracibelia.

¶ Señor confieffo que herre  
contra su fidelidad  
mire mi poca edad,  
y como padre me de  
castigo con piedad.  
Y con discrecion me rija  
pues soy carne de sus buessos  
pues la honrra nos cobija,  
a mi señor que soy su hija  
no publique mis excessos.

Marques.

¶ Callare por no poner  
mancha en mi sangre real,

Lleuarte he a Portugal,

por no te ver, ni saber  
de tu bien ni de tu mal.

Solias a ser cimera  
y la honrra de mi cara,  
feras aora estrangera  
perderas heredera  
de la casa de Ferrara

¶ Sus lleuanta

que no tienes de la sancta  
de tu madre cosa alguna,  
gra. pues soy hija de fortuna  
de me vn fudo a la garganta  
si mi vida le importuna.

Marques.

Rosibel va sin parar  
al veador Costantino,  
que prouea de camino  
que tengo de caminar.

¶ Clanse todos, z entra o Duq̄  
cō dous soldados, hū per no  
me Persiano, z outro João  
temeroso, z diz o Duque.

Duque.

¶ Persiano, Juan temeroso  
venid atentos conmigo,  
que este caso es peligroso,  
y el Marques sospechoso  
y grande mi enemigo.  
Y pues que desconoscido  
vengo hazer tan gran suerte,  
no queria ser sentido:  
porque daqueste partido  
no facassemos la muerte.

¶ El Marques esta en su tierra  
y con su mando, y poder

A vj

yo vengo sin le traer  
pues vécantós nos la guerra  
con discrecion, y saber.

Juan temeroso.

Señor haga su plazer,  
entre, y cometa aninoso  
y no sea receloso,  
que no se deue temer  
do viene Juan temeroso.

¶ Que bago pleyto, y menaje  
que si viene, y nos siente:  
que al marques, y a su gente  
baga encelada y potage  
con este braço valiente.

Que en Ytalia, y Lóbardia  
mi fama es vna sola,  
y en las guerras de Pavia  
toda la gente española  
yo solo la defendia:  
pues pese a la chirinola  
entre vuestra señoría.

¶ Entre pues,  
sino hechare vn reues  
nel palacio sin mas guerra,  
que la gente, y el Marques,  
cayan muertos a mis pies  
aun que se hunda la tierra  
Que quando fue su magestad  
contra el duque de Saxonia  
con mi esfuerço, y bondad  
hize muy gran mortandad  
na quella gente demonia.

¶ Porq̄ juro a diós q̄ vengo  
señor tan cruel, y bambrieto,  
de matar en gente humana:  
que por la mar soberana

que de vn golpe mate ciento.  
Que aũ q̄ vécã mil soldados  
arcabuzeros, y armados,  
y todos los ytalianos,  
q̄ no salgan de mis manos  
si no muertos, y assolados.

Persiano.

¶ Pues aqui viene Persiano  
que aun tiene la mano  
con que hizo saco en Roma,  
que si coraje me toma  
como vn drago inhumano  
los biuos hóbres me coma.  
Y haga tan gran crueldad  
si armas vienen al juego  
que bechando vn derreniego  
meta a saco la ciudad  
cõ guerra de sangre, y fuego.

¶ Y al Marques  
le ate manos, y pies  
que en ello no ponga espacio,  
y assole todo el palacio,  
que no le valga esta vez  
el papa san Bonifacio.  
Adire señor no me indigne  
q̄ si me enfafia el peccado  
tenza por aueriguado  
que me alçe, y amotine  
con la tierra, y marquesado.

¶ Y mas hablo  
q̄ juro al bordó de san pablo,  
y a la santa mar coajada,  
que si becho mano al espada  
que mate al biuo diablo  
si me resiste la entrada.

Que juro a las soberanas

fuerças daq̄stos mis braços  
q̄ entre sin mas embaraços  
y heche por las ventanas  
los hōbres hechos pedaços.

¶ Sō mis manos tan temidas  
en toda parte del mundo,  
que se sabe ya enel profundo  
q̄ a mis fuerças conosciadas  
no ay ygual, ni segundo.

¶ Dese a tal  
digo que no ay ygual  
fino es mi compañero,  
entre señor liberal  
que yo soy otro Anibal,  
y si entro delantero  
soy pestilencia mortal.

du. Soy pagado  
de traer yo a mi lado  
gente de tanta osadiaz:  
juá. osadia, y vallentia,  
y enesto muy confiado  
entre vuestra señoria.

du. Bien esta assi.

¶ Clay o Duque pera entra na  
orta, r diz Orcasto o ortelão  
de dentro.

Ortelão.

¶ Quiē habla, quien anda abí:  
mira no cayais nel lazo,

¶ Fogem os soldados, r  
r diz o Duque.

du. ¶ No buyais llegaos a mí.  
pei señor vn arcabuzazo  
no dize quitaos dabý.

¶ Aqui acabão de desapparecer  
os dous soldados, r  
diz o Ortelam.

orte. Y vos otros que quereis?  
du. Orcasto no os quereis  
que quiero hablar con vos.

Ortelam.

Yd señor hablar con Dios,  
que conmigo, no teneis  
que entender.

du. no me quereis conoscer?

¶ Y quien soys vos?

du. el cauallero

que aqui vino estrangero:

Ortelam.

Vos sois el señor de ayer  
que me distes el dinero?

du. Sí,

oz. hable que nadie esta aqui,

du. ha venido la señora?

oz. la señora,

ala fe vino en mal ora  
para ella, y para mí.

du. ¶ Dime supolo el marques?

oz. tomad si supo, ay cuytado  
no me tuuo aqui ligado,  
y atado manos, y pies.

du. Confessaste toda via?

oz. o peccador, y si via  
sobre el pescueço la espada,  
y el Marques que dezia:  
dalde, dalde, vna estocada  
tomad si confessaria.

du. ¶ Y a la señora hizo mal?

oz. mal que vn bruto animal  
no pudiera mas hazer

A vij

bu. Y que hizo?

orte. fue la meter

monja alla en Portugal  
para nunca mas la ver.

Duque.

¶ O viejo tan mal hechor,  
que mas querias aora  
que tener yo por amor  
a tu hija por señora  
y a ti por padre, y señor.

O gracibelia primora  
de las damas mas subidas,  
a do esta tu resplandor?  
tu hermosura mayor  
de quantas oy son nascidas.

¶ Tu padre hizo la guerra  
a tu sublime bondad,  
puedo dezir con verdad,  
que el sol se fue desta tierra  
y quedo sin claridad.  
Yo la quiero y a buscar  
que no tengo de boluer  
con vida, sin la traer

Ortelão.

Por dios que fois de lear  
si assi lo pensais hazer:  
Y piega a Dios

que os ajunte los dos,  
pues le fois tan buen amigo

du. el quede hermano contigo,  
or. y el vaya señor con vos.

¶ Uayte o Duque, e fica o or-  
telão o mouro Abahome-  
to, e diz.

Abahometo.

¶ Orcasto que fazer boy

nam tomar reas comigo,  
or. ya vos cobrastes el fiero  
de sieruo competidor,  
oysme mozo traydor?

mou. orcasto mi xetar caballero  
de mi terra, y gran xenior:

Y callar,

senam mi luego matar:

or. porq Abahometo hermano  
Jesus te tenga la mano  
que no me puedas llegar.

mou. ¶ Ma Dios,

or. yo soy hermano de vos  
señor Abahometo amigo  
y estoy burlando os digo:

mou. Orcasto guardar de mi  
no tomar reas conmigo.

orte. Dios no quiera  
mas q antes yo me muera  
si de burlas, ni de veras  
contigo juegue las peras.

¶ Ue quié llama a la puerta  
o hídéputa perrazo  
que ferossilimo que es,  
por Dios que de vn reues  
si me diera vn cuchillazo  
muerto me echaua a sus pies

mou. nadie no esta a la puerta.

Ortelano.

¶ Pues entrate en la huerta  
hermano que luego voy,  
Jesus, que temblando estoy,  
pardios si otra vez acierta  
a reñir, que muerto soy.

¶ Uanse ambos, e entra o  
abegam, e diz.



A begam.

¶ Que temporal que vay  
de nouidade abastado,  
quantagora o semeado  
de bem em milhor nos vay  
Deos seja bento, louuado.

¶ Aqui chama ho Abegam  
por Gil.

abe. Gil, ou gil: que demoras  
tendes sempre no sayr,

gil. z pois nam mey de vestir

abe. vestiuous vos, z com oras  
que nam percaes o seruir.

E mais quãdo vos eu chamo  
vinde logo com o alferce,  
porque o seruidor que resece  
assi abre a bolsa ao amo  
pera o premio que meresce.

¶ Hiuos daqui ao trabalho  
z leuay o gado tal  
ao foueral do agraalho,  
z guardaynos do casal,  
z terras de Pero malho.  
Bê sabeis que te temoeyro  
z que tem rexas comigo,  
nam lhe trillbeis o seu trigo  
que vos coimara o coimeiro  
z veruos eis em perigo  
em casa do quadrilheyro.

Gil.

¶ E bê elle ha de ser oufado  
com rebentinha, z tençam  
que tomou sem concrusam  
de yr chantar o seu gado  
dentro do nosso alqueyram.  
E tragelo a beber

de continuo aa nossa fonte,  
abe. que nam lha quero tolher  
q̄ pois a Deos da no monte,  
pera todos ha de ser.

gil. pois em q̄ moura ma morte  
tal cousa nam ey de sofrer.

Abegam.

¶ Hiuos daqui ao pinho  
vede as maceyras anaãs,  
z vnde o faual, z o linho,  
z visitay de caminbo  
a vinha de val das raãs.

E Brasia vos leuara  
o almorço logo effora,  
Brasia. bra. praz.

abe. que, que, q̄ vos vindes ja  
feyta donzella, z senhora.

Ora sus, o almorço day  
aquí a Gil o ouelheyro,  
z o de Bras tambẽ guarday  
que eu vou cas do moleyro,  
ora sus, sus auia y.

¶ Aquí se vay o Abegam, z  
diz Brasia a Gil.

bra. ¶ Tu casaste por engano  
com Honica gil da serra,  
gil. nam me visto eu de tal pano  
mas como acabar o anno  
mofcantibus pera a terra.

bra. Ha Gil, z isso he bem?

gil. z se nos nam vis ninguem  
ao tempo do receber  
nam me posso arrepender.

bra. nã q̄ quanto a deos cõuem,  
tu nam tês outra molher.

gil. Se della nam sou pagado

porque ferey obrigado  
darlhe a comer o meu  
que ganhey muyto suado.  
bra. E a honrra, z a fama  
que ella por ti perdeo,  
gil. z bem, z comilha eu?  
ou trougea eu a cama,  
ella se vzo de feu.  
bra. z bem que tês tu de teu.  
gil. ¶ Tenho entre doureminho  
hũa casinha terrea,  
z mais tenho hũ bacelinho  
q as vezes me da de vinho  
hũa pipa quasi chea.  
E mais tenho hũa vaca neja  
em fim que tenho per soma  
fazendinha de que coma,  
que com ella nam ey enueja  
ao santo papa de Roma.  
¶ Antes que a morte me mate  
vestirme ey da soldada,  
minha camisa laurada,  
z meu pelotinho darte  
z gualteyra debruada.  
Entam partirmez daqui  
com quatro mil z seis cêtos  
z como me virem assi,  
chouiscaram sobre mi  
milhares de casamentos.  
bra. E a cachopa por ti chora,  
z a tinada se te da.  
gil. bofa nada por agora,  
Brasã ficate embora  
que eu faço demora ja,  
¶ Aqui se vay Gil, z vê Bras,  
namorado de Brasia, z diz.

br. Brasia dame o alferce  
que teu pay manda leuar,  
bra. espera ilocy catar,  
¶ Clay Brasia pello alferce  
z diz Bras.  
br. Jnda ma dor nam esquece  
que tenho de te contar.  
bra. Toma ahy,  
br. Brasia pois que me daís  
o alferce com vossa mão,  
pousayma no coraçam:  
quelle vos dira o mais  
do queu vos não dou rezão.  
bra. E tu es tam mao reixelo  
que me fallas desse geyto,  
br. querote hum bê tâ perfeyto  
quinda te fallo singelo,  
do mais que tenho no peyto  
bra. O Bras como es dobrado  
eaganoso na tençam,  
ora vay olhar o gado  
que bê sey que es namorado  
da filha de Janantam.  
br. Aja eu logo a maldiçam  
de Pedreanes passam,  
z de meu dono Gil pato,  
se eu troçer hum regato  
por ella nessa tençau.  
bra. Bem sabes tu que ella he  
a que comigo compete,  
br. eu darlhe ey hum bofete  
bra. nam daras,  
br. darey bofee,  
ou lhe romperey o gonnete  
pois se apoda co teu pce,  
bra. Claitte q meu pay nã venha

porque fazes ja demora.  
bra. Ja me vou, ficate embora:  
bra. guarde nã vas polla afeia  
bra. yrey pello val damora.  
bra. Trazeme feyta hũa roca  
de cana, pera fiar,  
bra. trarey, mas bas de cantar  
fiando na maçaroca,  
o teu amor me ha de matar.  
¶ Aqui se vay Bras, e bate  
Joana a porta, e diz.  
joa. Brasia. bra. quem estaa hí?  
joa. eu sou a tua Joana,  
bra. entra pera dentro mana  
que ha muyto que te nam vi  
joa. suera hũa somana.  
bra. Certo que te desconheço  
por vires muyto transida:  
joa. trago mana hũa ferida  
bra. e quem ta deu?  
joa. deu ma Lourenço,  
bra. mao lobo lhe corte a vida.  
Ollhay o barbas destopa,  
porque hya fazer mal  
a tam bonita cachopa,  
yaqueyrinho bestial  
deytaa tu se me elle topa.  
¶ E a ferida posso a ver  
pois te da tanta paytam,  
joa. doyme que quero mozerer  
e vela nam pode ser  
porque esta no coraçam.  
bra. Pois q̃ passas dozes tazes  
dame de tudo rezam,  
deuta com faca, eu podam.  
joa. deuma ces ollos, e mais,

com sua desposiçam.  
bra. Abana agora te entendo  
anda contigo damores,  
joa. mas eu por elle mozerendo:  
bra. douta Deos q̃ tencomêdo  
e te de fadas melhores.  
Se o tu nam deyras logo  
nam ey de ser tua amiga  
joa. Brasia, ques que te diga  
nam posso sayr do fogo  
do seu amor que me obriga.  
bra. E que graça viste nelle  
pera o tomar por marido,  
joa. eu te diria mil delle  
se teuera aqui o sentido,  
mas la o tenho com elle.  
bra. Elle querte bem a ti?  
joa. esse he o meu perigo,  
que se meus males lhe digo,  
respondeme: vayte dhi  
nam tenhas de ver comigo.  
¶ Não ha ninguem q̃ lhe cante  
nem bayle reto apostado,  
he das moças muy gabado,  
por ser em tudo galante,  
e muyto bem affombrado.  
Eu por inthas tristes fadas  
quando ando nesses matos  
desconheço os meus patos,  
e conheço as pegadas  
das solas dos seus çapatos.  
¶ E por ver que he tençeyto  
a me nam querer falar,  
voume triste assentar  
so pee dhi souereyro  
a fartarme de chorar.

### Biafia.

Mam te quero deixar yr,  
anda ca mana comigo  
que me pesa de te ouuir:  
joa. pois que descanso contigo  
entrarey por te servir.

¶ Glaufe ambas, z entra Bras  
z cõ elle outro ratinho, cha-  
mado Gil, z diz Gil.

¶ E bem Bras, tu que has  
que assi andas assengado,  
bz. bofa Gil trago hum cuidado  
que a dor delle me faz  
andar triste, z magoado.

E praza a Deos questa dor  
queu tenbo chãtada em mi,  
que nunca a vejas em ti:  
sabes que cousa he amor?

gil. bofa nam, que nunca o vi.

bz. Pois nũca o seu mal tenhas  
porque fere sem ter ley,  
gil. bofa Bras que ja cantey  
entre cachopas gamentas  
z nunca me namorey.

bz. Fosse bemauenturado  
gil. este amor que cousa he?  
bz. canteu digo que he peccado,  
gil. he alma dalgum passado  
vicio que anda por pee?

bz. Bofa nam to sey dizer,  
dizẽ que he hum rapazinho  
que anda por onde quer  
tirando cõ hum arcozinbo.

gil. olhay rogelo o cabrãzinbo,  
deuãno de prender  
z castigar por daninho.

E chimpalo desta terra  
la pera as indias de Goa,  
que nam lhe valha coroa.

bz. z quẽ lhe ha de fazer guerra  
gil. quem, inrey: bz. bofa boa.

¶ Elle nam prendeo inrey  
por amores da raynha,  
gil. e elle calouse

bz. assi lhe conuinha  
gil. perdeos que nunca cuidey  
que elle tanto poder tinha.

bz. Pois com toda a do. q̃ da  
nã da ninguẽ q̃ o nam siga.

gil. nam no si zuirey eu ja,  
porq̃ nam me meta em briga  
nem moura de morte ma.

Bras.

¶ Grande gosto he o amor  
se ouuisse respeito a dor,  
z ao bem que homem quer,  
gil. que nam quero ter deuer  
com tam roim pagador.

bz. O coytado de quem ama,  
gil. z ella como se chama?

bz. he a filha de nossaino,  
gil. z pois Bras essa tal dama  
nam es tu para seu damo.

¶ E mais tu que es auifado  
com teu amo armas tu loufa  
pera o fazer a grauardo,

Bras.

Mã na fizera Deos fermosa  
nem a mi affeyçoado  
z eu nam fizera tal cousa.

Se Deos faz hũa molher  
que soo douldar pera mi

me leua assi apos si,  
dize Gil, que ey de fazer.  
Gil.

¶ Eu nam sey,  
bz. pois olha Gil tu sonhey  
que me casauam com ella,  
gil. conta o sonho, t veloeý  
z quícaes to destrinçareý  
que sam sabedor da estrella.

Bras.

Sonhaua que hã raposa  
muy fageýra, z amorosa  
se abraçaua comigo:

Gil.

Raposa nam he boa cousa,  
porque he muy maliciosa,  
esse sonho he de perigo.

¶ Que se essa raposa fora  
ouelha mansa segura,  
semelha entam figura  
de alcançar algũa ora  
esse bem, essa ventura.

Bras.

Enisto hum lobo me say  
cõ hũ quarto de carne, z vem  
z disseme: Bras tomay  
canteu digo que se he o pay  
que a cachopa me da por bê.

Gil.

¶ Da tu o demio tal sonho  
pois indesse e mais medonho  
q̃ ho lobo he mal incrinado,  
que semelha que he peccado:  
z quanto a carne, te ponho  
que ta de ferir chum dardo.

Bras.

Mais sonhaua q̃ hã bogio  
destes dechos de Suine  
me tomaua per hum pe  
pera me chimpár nhum rio.  
gil. selibra nos domine.

Bras.

¶ Enisto vinha hum touro  
nos cornos me daua hũ pino  
gil. verbum caro com tal fino  
ja vejo que he teu agouro  
de mal escansado, z mofino.  
Touro he brega prouada  
que com teu amo has de ter  
ao tempo da soldada  
te ha dedar tanta pancada  
que os bofes te ha de moer.

Bras.

¶ Sã bras rogue a deos per mi  
gil. pois Bras tu mosca daquí,  
depois nam te custe caro  
que esse sonho he contra tí.

¶ Aquí vem hum vilam per no  
me Lourêço cantádo, z outro  
Clasco, z diz Bras.

bz. Quem he aquelle do cantar  
gil. Lourenço do val damora  
bz. bem canta, deyrão chegar:  
lourêço onde he a ida eboza.  
lou. a voda de Suiomar,  
qual Suiomar?  
lou. a filha do cachoeýro  
gil. z com quem casou  
vas. com o moleýro,  
da senha da cachoeýra  
vaim la moças de maneyra

pera contar de terreyto.

¶ Entram ripres, z tenores  
ambalas silbas do gago,  
Rfonso de val damozes  
z Gil pires o saramago,  
linjudá. bz. q̄bõs cantores.

lou. E ho noyuo que se da  
por meu parente, z amigo  
mandou ca o seu Rodrigo  
chamar-me que fosse la.

bz. Tomemos logo a estrada  
o caminho da no fito,

lou. Vay tanta rosca z cabrito  
que hão de fazer a barbada  
pois o vinho he benedito.

¶ Aqui cantam todos, z acaba-  
bado diz Bras.

bz. Se as cantigas se vendessem  
quanto dariam por ellas?

gil. cariant o q̄ ellas valessem,  
vas. certo que eu as nas desse  
por hũ grãde alqueire douro

bz. pois se eu agora dissesse  
passeauase elrey mouro.

¶ Aqui cantá passeauase elrey  
mouro, z diz Bras.

bz. Bem esta assi q̄s que vamos  
lou. fuso nam nos detenhamos

z vem tu Gil por aqui  
vamos todos como estamos  
gli. z o gado. bz. fique per hi.

¶ Vãse todos, z vem o Abar  
ques cõ a silba, z Belicia, z o  
eneno, z hum lacayo, z diz o  
Abarques.

mar. Lacayo va sui parar  
aquella casa del pino  
por ver si ay modo o lugar  
como pueda re posar  
del trabajo del camino.

¶ Aqui bate aa porta o La-  
cayo, z diz.

la. ¶ Ola hau de la posada,  
abe. quem chama, quẽ bate la?

la. salga vuestra merced aca,  
abe. z q̄ mãia a gente hõrada?

la. si os plaze dar posada  
a vn señoer que aqui esta.

abe. Bofa nã sem mais lingoagẽ  
la. señoer queremos pagar

abe. la na estrada da passagem  
achareis venda, z estalagem  
em que possais repousar.

mar. Hermano a vn estranzero  
tan cruel hombre le sois?

abe. ja o castelam geyta fero,  
que vos digo que não quero  
em q̄ me deis dous tostões.

¶ Porque eu nam meto brasa  
no seo que tudo rípa,  
que estes vem encher a tripa  
z eu nunca meto em casa  
quem me de raque na pipa.

¶ Porque neste casa linho  
tenho meu pão z meu vinho  
z cachopas de guardar,  
z nam ey de agasalbar  
nenhum rauasco daninho.

Rosbel.

Poca virtud en vos mora

dun villanazo tacasio,  
abe. sayuos do casal fora,  
ro. boto a dios si os apaño

que os mate luego a la hora.

abe. Vos a mí obú peneyreiro,

mar. Quitate a ca Rosibel

abe. vinde, que cõ a cachaporra

vos sacudirey o frouxel.

mar. hermano no seáis quexoso

queste es vna nonada

abe. z assi se pede a pousada,

mar. vsad vos de virtuoso,

y dad a la furia passada.

abe. Vos faláis como hõrrado

que o pareceis na maneyra

z fereis agasalhado,

mas quanta o alcorcouado

valse espojar a eyra.

*Barques.*

¶ Yo hermano por agora

adelante he de passar

que me cumple yz visitar

la reyna vuestra señora

y al rey don Sebastian.

Que rey que tan altamente

enel mundo es soblinado

q̄es de los reys mas loado,

quiero ver quan excelente

es en regir su estado.

¶ Porque yo soy curioso

de ver y saber el mundo.

abe. que sois senhor furioso,

vos deueis de ser letrudo:

pois bom rey, z animoso

no noisso se encerra tudo.

Que he tã temido por fama

do condam que tẽ de Deos  
que todos os reys guineos  
z toda a outra mourama  
trencin dos poderes seus.

¶ Los indios da pimenta

z reys de mil calidades,

elle de ca os atormenta:

de ca lhe toma as cidades

de modo que os acalenta.

*Barques.*

¶ Plega a Dios que le de

las vitorias que dessea,

pues de tal virtud se arrea,

que es columna de la fe

de Christo porquien pelea.

¶ Y lo que hermano queria

es q̄ a questas dos donzellas

me mirassedes por ellas,

con tal cautela, y vigia

que nadie hable con ellas.

Y las pongais en secreto

que no vean sol salido,

ni las vea hombre nascido

y a la buelta yo os prometo,

que os pague lo merecido.

*Abegão.*

¶ Digo que sam muy contente

senhor de as agasalhar,

z que dessa sorte o faça

por dinheyro, z nã de graça:

mar. plazeme de os lo dar

abe. castelhanos declarar

porque depois ao pagar

nam ventão bregas a praça.

*Barques.*

Y vos quedad por agora

a obfencia de grado  
de aquefte hombre honrrado  
Gracibelia.

Si feñor en toda bora  
no faldre de fu mandado.

¶ Aquí fe vay bo Barques, z  
os pajes, z fica a filha, z a  
criada, z diz bo Abegão.

Abegam.

¶ Filhas fabej que eu fain  
de coraçam mauiofo,  
z voffamo de furiofo,  
z fera bem sem rezain  
feruos eu defamozofio.

Andaftef longas jornadas?

Gracibelia.

Si, o emuy lefos venimos,  
Abegam.

Se quereis comer pepinos,  
ou das cebolas affadas,  
pedi, q̃ aqui tendes mimos.

Gracibelia.

¶ O fortuna pues anfi  
tienes conmigo contienda,  
manda la muerte por mi.

Abegam.

Que venba a morte por mi  
nam me falefs vos aqui  
vasconfo que eu não entêda.

Digo fe quereis chimp  
par pairões do caminho fora,  
que aqui tendes hum pomar  
em que podeis repoufar  
z beber agoa da noza.

E mats tenho hũa cachopa

que nbum pee vos feruira,  
Gracibelia.

Llamela que venga a ca.

¶ Aquí chama o Abegam a  
filha, z diz.

abe. ¶ Brasia bra. que vos praz  
abc. vedela aqui hũa doninha  
que nbum pee vos feruira.

gra. Bendiga dios la hermosa,  
que lo fois en buena fe:

feintaos, no estela en pie.

bra. apar de vos minha rosa,

gra. cata que fois graciofa,

bra. virine ha de fua merce.

Abegão.

¶ Brasia leuay as fenhoras

aqui ao pomar do grilo,

z fartayaf das amoras,

z folgay, z vir com boras

oumilo vos. bra. fi

abe. pois oumilo.

E coibeyme das rabaças

z tambem dos agrídes,

z mais hum par de melões,

z pepinos, z alfaças,

z não vam os maracotões.

¶ Por queftas cachopas fain

dechos fe entrão nũ pomar

por que alem de fe fartar

esperdiçam pello cham

quebram tudo ate danar.

¶ Aquí fe vay o Abegam, z  
diz Gracibelia.



Bracibelia.

¶ O padre no se porque  
me matas en tierna edad  
pero no matas la fe,  
ay Belicia que hare  
que muero con soledad.  
¶ El mayor de mis enojos  
es que no veo la tierra  
a do mi gloria se encierra,  
ni la lumbre de mis ojos  
ques la causa de mi guerra.

Belicia.

¶ Señora con todo el mal  
no pierda la confianza  
del duque, que es muy leal  
y que presto a Portugal  
le trayga su esperanza.

Bracibelia.

A Belicia no lo se,  
que dizes esto de tí:

Belicia.

Señora fíaos de mí  
que el verna, que tiene fee.

Bracibelia.

Plugiéssse a dios fuesse anís.

Brasia.

¶ Perdestes algum dinheyro  
ou porque choraís sentida,  
Bracibelia.

Perdi hermana la vida.

¶ Aquy entra Brasia, e diz.

Brasia.

Eu senhora o coraçã inteiro,  
por essa rosa florida.

Brasia.

O que ma ora venbaís  
pois sois tam solto da boca,  
Brasia.

E ja vos vos agravaís  
se vos trago a voísa roca  
eíse galardam me daís.

¶ Estas cachopas quem sam?  
Brasia.

Aíssi, e diruolo ham,  
da ca a roca, e vayte dhy,  
Brasia.

Tomay, vedela aby  
pois que ma tomaís da mão  
olhay siquer pera mí.

gra. El tiene mucha razon,  
brasia. mátenhaos deos senhora  
se vos eu dou isto agora  
não me dareís o galardão  
pera que vos sirua outroza.

gra. Digo que hablaís muy bien  
brasia. tende ora mão pera ver  
beli. yo no la quíero tener.  
brasia. o tende q̄ nam sam homem  
que vos aja de comer.

Belicia.

Nunca oystes dezir  
dalde el ple al villano,  
y verle eys presumir  
de querer tomar la mano.

brasia. Que dizeís  
beli. no nada, que no llegueís  
al toque hermano mio,

Brasia.

Táhem vos me daís desuíto,  
pois que todos me achanaís  
mandayme chimparrubúrio.

Dareceus a vos q̄ he bom  
se eu agora quero bem  
que mo nam queyrã tambẽ:  
gra. que teneis mucha razon.  
bras. ali esta quem a culpa tem.

Gracibelia.

¶ Pues en buena fe que sois  
hombre de buena manera,  
bras. se me visseis nhũa eyra  
laurar, z esfregar os bois  
dirheis vos que me queira

Gracia.

Es a quem no ha de dizer?  
bras. diloba a quem quiser,

Gracia.

Quyto te soltas aqui  
rogote que te vas oby.

Gracia.

Pois q̄ me nam queres ver  
morte maa venha por ti.

¶ Et. senhora doulhe a bolota  
e castanha, z mais o figo  
z mais lhe digo  
que lhe darey hũa cota  
se quiser casar comigo.

Que sam muy bom segador  
z no saber sou hum fengo  
z tenho outra cousa melhor  
que soo pera enxertado:  
viuirey neste reguengo.

¶ Aqui chega o Duque desco-  
nhecido, que anda em busca  
de Gracibelia, z diz.

Duque.

¶ Hermano a un estrangeiro

dareys agoa stay alguna  
Bras.

Que pede señor berruma,  
nam moza aqui carpinteyro.  
Duque.

Para mi todo es fortuna.  
Agua pido hermano mio  
Bras.

Tudo esta seco, z vazio,  
tornayuos vos la a estrada  
z achareis hũa leuada  
dagoa que corre do rio.

¶ Ora sus, sus auiar  
ante que venha nossamo,  
gra. deralo ora llegar,  
bras. como acode ao recramo.

Como dhũa terra sam  
olhay rogolo que naçam  
que assi se lhe abzio o olho,  
z fazeis de mi trambolho  
por falar com o castelão.

Gracia.

¶ A agoa que nasce ca fora  
no monte ques tu tolher,  
deyrao entrar, z beber:

Bras.

Es a mi chimpaisme fora  
ora castelão entray embora  
que isto algũ demo ha de ser.  
Duque.

Dios salue su gentileza  
pues se duele del que padece  
el refran no me escacee,  
que a do esta la nobleza  
y virtud, luego parece.

Gracibelia.

¶ Beua, y descançe señoz  
pues que viene fatigado:  
Duque.

La mi fatiga mayor  
es la pena, y el cuydado  
que nasce de mi dolor.

Gracibelia.

El su camino derecho  
me diga si es correoz?

Duque.

Si corro, y voy derecho  
con las cartas en el pecho  
a darlas a mi desseo.

Bras.

¶ A qué a dalas ao gayteyro  
eu voube pedir aluicaras,  
o gayteyro andou em castiça  
z troure de la húa fija  
be robusta, z tem vinbeyro.  
Chamase a moça a dentuda  
o que cachopa dobrada,  
pernicbaã, acapachada,  
olho preto, pestanuda,  
mas bebe como quebrada.

Brasia.

¶ Se te nam vas logo effora  
eu o direy a meu pay,

Bras.

Ora castellão ficay  
pois o quer minha senhora.

¶ Aquí lle dam a sgoz, z des-  
pois de beber diz.

Duque.

¶ O agua dulce, y sabrosa  
consuela a este abrasado

cozaçon, que esta llagado  
de la llaga lastimosa  
del fuego de mi cuydado.

Gracibelia.

¶ Sois señoz de lexos tierra:  
du. si señora, mas no biuo  
enella, que soy cautiuo  
de quiẽ me mata, y destierra.  
be. delicado es su motiuo.

Das pescudele su nombre,  
que por ventura quíça,  
gra. que quíça. be. quíça sera,  
quel respecto de tal hombre  
muy gran sospecha me da.

Gracibelia.

¶ Pescudale luego a el esto  
que sospechara de mi,  
pescudale tu de ti.  
be. no lo conosce enel gesto?  
gra. no que yo nunca lo vy.  
bc. Por nos quitar õ vn temor  
señoz su nombre nos diga,  
du. señora soy caçador,  
y mandome mi señoz  
tras la caça, que la sigue.

Belicia.

¶ No me parece señora  
que lo es. gra. vayase luego,  
para que es llegar al fuego,  
be. señoz vayase en buen ora  
su camino por mi ruego.  
du. Si pre  
pues lo manda su merce  
be. para que es tanta querella  
cya presto vayase.  
du. pre mas dexo con ella.

el coraçon, y la fee.

*Bracibelia.*

¶ *Alamale* que buelua a ca,  
be a señoz, mire que diço,  
o amor falso enemigo  
que tiros, que bueltas da:  
du. esse es ei señoz que yo fiço.  
gra. No dezis de do venis,  
pues que deiseo sabello:  
y quien fors y quien seruis.  
du. tanto os vi señora enello,  
gra. va mucho si lo dezis.  
du. Soy señora vn homore tal

que ten a vn gran tesoro,  
muy altissimo, y real:  
y vn cofario po: mi lloro  
trucomelo a *Portuçal.*  
Y para poderlo auer  
desconoscido me bize:  
be. luego vos sois mercader?  
señora, a mi entender  
todo es burla quanto dize.

¶ *Diro* que era correo,  
y despues que caçador:  
doy al diablo el trampeador  
andaos dahi que ya veo  
que soys grande engañado:.

Que cançiones. y que boz,  
gra. deralo vn poquito ahi,  
be. assi venga sobre mi  
buena bendicion de *Dios*  
si mas lo consiento aqui.

*Bras.*

¶ *Si,* dize y lbe que se va,  
que he desies andadores  
ciçanos treçe y tres:  
que da maõ vos ripara

essa mostra de lauores.

*Belicia.*

No os vai espatajo hõ:rado  
que vazels aoi parado?  
*Duque.*

Señora quiero boluer  
a do me queda el cuydado.  
Y tomad aqueste anillo  
desta pedra de robi,  
y daldo a esse serafin,  
q̃s la diosa a quiẽ me humtlo  
porque se acuerde de mi.

*Belicia*

¶ *Señora* bien me dezia  
el coraçon que es leal,  
la causa de su porria:  
mire vuestra señoria  
si conosce este señal.

*Bracibelia.*

*Si* conosco, y mio fue:  
este anillo por mas creencia,  
este es lo que emote  
al señoz duque a *Flo:encia*  
en señal de amor, y fee.

*Duque.*

¶ *Bracibelia* a do mora  
toda perfeccion altua,  
yo soy el *Duque* que llora  
por vos que soys mi señora  
y serais en quanto buua.  
Y sin que mas esperemos  
demo buelta apressurada  
que aqui tengo aparejada  
mi gente, y caminaremos  
sin que perdamos jornada.

¶ *Aqui* ve o *marques* com os  
pajes, e o *Lu:ino,* e diz.

Marques.

¶ Quié habla cō mis dōzellas,  
sin temer mi resistencia,  
quié sois vos q̄ estais cōellas  
Duque.

Soy el duque de Florencia,  
que vos tengo querellas.

Marques.

Ualgame sancta Maria  
vos sois el duque Alfreno?  
Duque.

Si señor sin mas porfia,  
mar. pues sois tã noble, y sereno  
tomad esta mano mia.

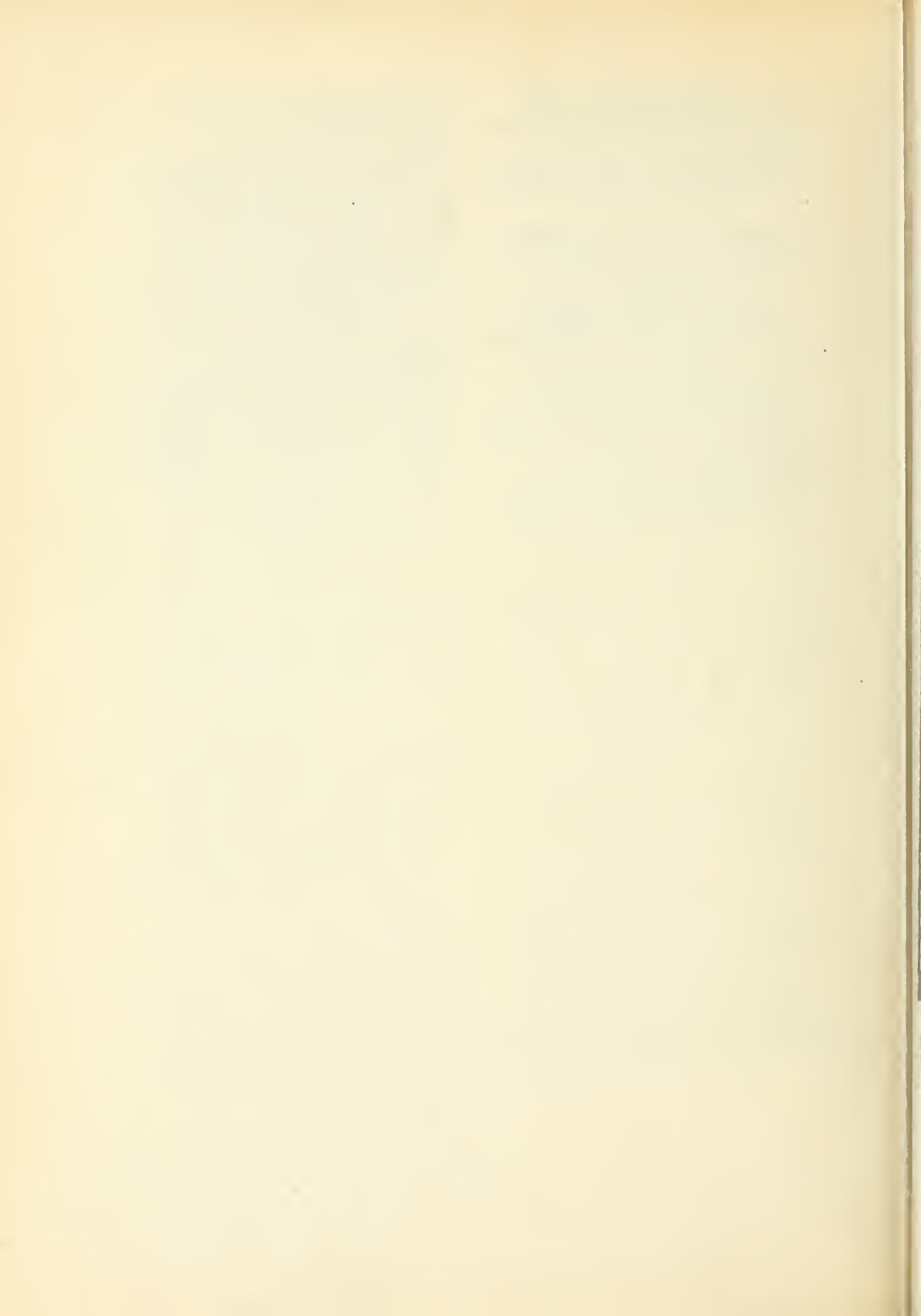
¶ En lugar de hijo mio  
pues dios quiso permitillo

y en lugar e compulso  
todo el mi señorio  
quiero yo para seruillo.  
Ya vos hija pues ventura  
tal ventura os quiso dar  
yo no os la quiero quitar,  
que mis ojos con holzura  
de plazer quieren llorar.

Abegam.

Olbay rogolo que cações  
que se vēm acontecer,  
e assi lha dais por molher?  
he bé pois conformes sois,  
chamarey hūs mãcebelhões  
que vos dem algum prazer.

¶ Fin.



# Farfa Penada.

Pastor.

Escudeyro.

Moço.

Donzela.



¶ Farfa penada, é graçastoda atestada. Em  
a qual entram doze figuras .s. hum pastor re-  
presentador, hum Escudeyro, e seu moço,  
hũa Donzela, hum Diabo, hũa Serra-  
na, hum Baruo, hum Juiz, hum  
Escruão, a Fortuna, e  
Venus. Agora no-  
uamente  
feyto.

¶ Com hum chiste no cabo  
muy sentido.

¶ Entra logo o  
pastor, e diz.

¶ Ay de mí triste cuytado  
ay de mí triste perdido  
que hare  
muerome desesperado  
com saeta de Cupido  
llezare.

Aldo yre triste de my  
pastozico sin ventura  
yre luego dar my fin  
derredor de my ganado  
de tristura.

Do Ricarda my señora  
flor de toda serranía  
de pastores  
duelete de my agora  
y quita me esta agonía  
de dolores.

duelete de my passion  
con ojos de piedad  
y amor  
no seas tu ocasion  
de my pena y crueldad  
dissauor.

No quieras ser rizurosa  
señora con tales desños.  
y destierro

que tan galana y hermosa  
se vaya a reynos estraños  
que es gran yerro.

Yo quiero luego morir  
porque veas my seruiçio  
verdadero  
que puedes muy bien dezir  
aquesto cierto es mio

y lo quiero.

Y vos my triste cayado  
quedareys sin compañía  
aquí tendido  
publicando my cuytado  
que padreço cada día  
y aborrido.

Y tambien vos quedareys  
my çurron muy desdichado  
sin demora.

que ya nunca me vereys  
passentando mi ganado  
por agora.

Y luego sin detener  
vos dire a que venia  
y tambien a declarar  
vna farsa sin profia  
y luego sin mas tardar  
por hazer

a vos otros gran plazer.  
La farsa quiero llamar  
y por que no se leer  
no me quiero engorzar  
y por esso

yo me voy sin mas auiso  
a llamarlos. y al presete  
señores quedaos con Dios.

¶ Sayese o pastor, e entra ho  
Escudeyro e seu moço, e diz  
ho escudeyro.

Escudeyro.

¶ Do penas muy desiguales  
oo dores sem esperança  
oo tormentos imortales  
oo olhos porque chorays



sem fazer nunca mudançar  
acabay ja de chorar  
olhos tristes minha pena  
não queyraes desesperar  
nem me faças alembiar  
o gram mal q se me ordena.

¶ Do muy alto Deos cupido  
aty soo quero chamar  
lembrete que sam ferido  
z de ty muy esquecido  
pois feneço por amar:  
bem sabes tu a firmeza  
senhor meu que te ey tratado  
em chorar minha tristeza  
por servir tua grandeza  
sue do de mí coytdo.

¶ Aqui quero fenecer  
da triste vida que viuo  
por não ter nunca prazer  
se não logo padecer  
pois que sempre fuy catiuo.

¶ Fala o moço com ho  
Escudeyro z diz.

Moço.

¶ Onde vas apayronado  
meir senhor com tal fadiga  
veja te muy agastado  
z muy cheo de cuydado  
por vida de quem mo diga:  
lão tenhas nenhũ pavor  
de me tu isso dizes  
porque eu com muyto amor  
to pergulto com temor  
de tu isso la mozeres.

Escudeyro.

¶ A morte que vou buscar

eu a sinto z outrem nam  
se me venho a desterrar  
foy por me fazer causar  
Cupido sem ter rezam:  
z por tanto triste vay  
por nã veres minha morte  
la consolaras meu pay.

Moço.

¶ Certo muyto espantado  
me fazeis desse tormento  
tende, tende sufrimento  
nã sejayes desesperado  
z dizeyme vossa dor  
ou quem causa tal crueza  
ou quem da tal dessauoz  
a hũ tam nobre senhor  
como vossa gentileza.

Escudeyro.

¶ Mas de saber q meu mal  
foy pola vista causado  
he hũa dor desigual  
he hũa morte fencscal  
he hũ muyto grã cuydado:  
he hũ mar de pensamento  
he hũ graue fenecer  
dónde amor faz seu assento  
dónde nos deyta a perder.

¶ E cõ esta confiança  
desefando o que digo  
sem de mí ter alembrança  
me vim cõ grande trigença  
a meter neste perigo:  
oude cuydo que sera  
o meu mundo acabado.  
mo. Nunca Deos tal querera  
mas antes te ajudara  
que te tire de cuydado.

A il

### Escudeyro.

Pois de mi tomas payram  
seguir quero tua via  
logo sem mais dilaçam  
vamos ambos em prosta  
yremos em busca de quem  
me trata desta maneyra.

### Moço.

Digo senhor que he muy bẽ  
eu yrey na dianteyra.

¶ Clayse o escudeyro, e ho  
moço, e entra a donzela  
em busca do escudeyro  
e diz cantando.

### Cantiga.

¶ A triste que anda perdida  
damor ferida  
merece amada  
do seu seruido  
e com este temor  
venho perdida  
damor ferida  
com disfavor.

### Sala.

¶ Ay triste de mym coyada  
que sera de minha vida  
que farey desempareda  
onde yrey tam mal fada  
onde yrey molher perdida:  
ouuime vos rayuba senhora  
remedio dos amadores  
fede me ajudadora  
e fazey senhora agora  
que sejam fim meus amores.

¶ Pois me ves tã desditosa

e tam fora de prazer  
nam queyraes ser poderosa  
mas antes muy piadosa  
em querer isto fazer:  
pois q venho cõ tormento  
por seruir tua grãdeza  
tem de mym conẽtimento  
vẽ me dar contentamẽto  
com fauor e não cõ tristeza.  
¶ Fa não posso descansar  
porque tenho grande dor  
pois eu mesina fuy cañar  
em querer assi matar  
a quem tenho por senhor:  
daqui logo partirey  
por nam ver gente nenhũa  
em os desertos me yrey  
e nelles acabarey  
a vida que era suã.

¶ Aqui se saye a dõzela e topa  
com ella o djabo em fi-  
gura de hirmitã, e diz  
o diabo.

¶ Onde ys tam agastada  
filha por esta montanha  
minha alma he espantada  
virdes por esta estrada  
por ser terra muy estranha.  
dõ. Não qyraes padre saber  
da questa triste coyada  
pois amor teue poder  
de tanto mal he fazer  
por onde sam desbõnrada:  
e por tanto padre agora  
he escusado mais saber  
pois amor me deiton fora

z não quis mais nessa ora  
que tuelle merecer.  
dia. Filha não vos agasteis  
de vos ver assi perdida  
que com isto cobzareis  
z cos males que dizéis  
ontra bem folgada vida.  
dō. E sã padre nam queria  
por nam ter nũca prazer  
se nam yr em companhia  
daquelle que ser soya  
meu descanço z meu viuer.  
dã. ¶ Tudo vejo q̄ he bẽ feyto  
esta morte que tomais  
ante Deos sera aceyto  
porque o fazeis cõ direito  
filha nam vos detenbais.  
porque me vedes aqui  
na ydade em que estou  
por amores me perdi  
z por elles me meti  
na ordem que ordenou  
z ainda que sam hermitão  
nam me esquece de amor  
digo isto cõ grande dor  
por seguir vossa tenção.  
¶ Assim que filha amada  
não queyrãis mais esperar  
vos sois bemaumenturada  
z d amor muy estimada  
por esta morte passar:  
porq̄ o amor he verdadeiro  
que da logo galardão  
nam he nisso referreyro  
pois filha este marreiro  
tomayo cõ deuacão.  
dō ¶ Isso he o que u queris

fazer cõ coração ledo  
dia. pois a questa romaria  
ha de ser sem ter profia  
z auelya de fazer cedo?  
dō. seja logo sem tardar  
pois que diſso fois seruido  
oo morte vẽ me matar  
porque te possas vingar  
desta triste sem marido.  
mas primeyro q̄ eu passasse  
desta vida enemiga  
cantarey hũa cantiga  
que o mundo a desejasse.

#### Cantiga.

¶ Amor que me queres  
a triste de mi  
se morte me deres  
faras minha fim:  
oo triste fortuna  
que assi me seguiste  
pois ja me feriste  
dixey que sam tua  
não sey que me queres  
a triste de mi  
se morte me deres  
faras minha fim.

#### Sola.

¶ O Venus deosa seſhora  
esperay vossa sogeta  
acõpanhay ves agora  
que esta morte nessa ora  
vos seja muyto aceita:  
seja de vos emparada  
pois o sempre fostes de mi  
oo espada oo espada  
vinde muyto asiada  
z cayne logo a fim.

**Diabo.**

Nesta serra vos ganhestes  
por fazer tal sacrificio  
e andastes e chorastes  
filha nisto aproueytastes  
o que digo sem iudicio  
a espada eyla aqui  
e com ella vos matay.  
dō. eu digo padre que si  
e o corpo me enterray  
dia. por fazer a vos seruiço  
como vos fordes passada  
tirarvos eyla a espada  
e yreys ao parayso  
dō. ora logo vos tiray  
padre diante de mi  
dia. prazme de o fazer assi  
e logo senhora começay  
dō. por agora ficareis  
minha mãy muyto amada  
que ja nunca me vereis  
pois naci tam mal fadada  
nam cureis por mi chorar  
senhora por minha morte  
que isto fiz por bem amar  
e aqui me quis matar  
por que fosse desta sorte.

Aqui faz a oração.

Ati me encorredō senhora  
Venus, Diana e Cupido  
que minha alma por agora  
a tenhas por seruidora  
com amor muyto crecido:  
recebey minha oração  
recebey minha vontade  
recebey meu coração

recebey minha payção  
recebey a humildade.

Sim da oração.

Com Deos vos ficareis  
sentoz padre e hermitam  
e isto soo por mi fareis  
que do meu corpo tirareis  
o meu triste coração:  
e apresentado  
no templo glorificado  
do muy alto deos de amor  
e por historia contado  
de como foy lastimado  
por amar bem hum sentoz.  
Ho letreyro  
lbe poreis todo inteyro  
que diga deste theoz  
Que aqui jaz o verdadeyro  
coração sem ter parceyro  
que padeceo muy grãde dor:  
em o pee  
lbe poreis todo o porque  
foy assi martyrizado  
esperança e certa fee  
se perguntarem cujo he  
d'isso nam dareis recado.  
E acabado  
todo por mi relatado  
lbe fareis enterremento  
no templo glorificado  
e de crueza bem obrado  
que declare meu tormento:  
e com isso acabarey  
a minha fadiga e dor  
e aqui me deytarey  
e quã morte me darey

por amor de hũ falso a amor.

¶ Toma a espada nua  
na mão, e diz.

¶ Vos muy luzente espada  
dareis fim a minha vida  
e por vos sera pagada  
esta dor muy abrasada  
por questais bẽ zurnecida  
a morte me day vos logo  
sus asinha sem tardar  
e tirayme deste fogo  
pois me nelle fuy lançar.

¶ Aqui faz que se mata e tã-  
to que se matou diz o diabo  
muy contente.

Diabo.

¶ O que grande nomeada  
tera agora Satão  
logo, logo sem mais nada  
yrey dar a embayrada  
ao nosso gram capitão  
Lucifer, que gram prazer  
ba dauer com esta noua  
agora me pode fazer  
capitão sem mais deter  
da noisa infernal cona.

¶ Per que manha e per q̃ geito  
tam asinha a trabuquey  
disselhe que era bem feyto  
matar se sem mais respeito  
e com isto a cacey  
jagora desconfareys  
senhora de lamentar  
de chorar vos cessareys

por que sey que la yreis  
donde vos faram penar.  
Sou pelo vosso respeito  
farme ha logo escriuão  
do torto farey direyto  
e darey questa bem feyto  
por que ganhe muyto pão:  
quero logo caminhar  
sem fazer aqui demora  
por mandar agafalhar  
e fazer martyrizar  
a alma desta senhora.

E por isso  
em dando aqui dous saltos  
partirey desta montanha  
posso que ande sem çapatos  
acabey grande façanha.

¶ Aqui se vay o diabo e entra  
hũ paruo e lãa sem a ra, e diz  
o paruo. ¶ Paruo.

¶ A queste homẽ fec finado  
ou famicas he morrido  
bofelhas questou cagado  
e o meu pelote pardo  
clara todo erubido:  
quero ver  
e rego escafeder  
pera casa denha tia  
oula vcs quereis mozer  
bofelhas que bõ seria.

Ves bolis  
por que famicas mentis  
por que eu digo verdade  
que eu sou filho do al ede  
cy e me da sempre cõst  
A iij

z entram  
elle vayse no serão  
a casa de minha mãy  
a me terbe o passarão  
z nego no furacão  
porque diz que he meu pay  
entam dar  
facudir escoucinar  
famicas passam a noyte  
z Joanne a chorar  
z por me nego calar  
dãme infindo açoute  
Serrana.

¶ Ah Joãne que faremos  
ou que sera de uos  
par. que facudamos os poos  
olha quanto q̄ trazemos  
porque estamos aqui soos  
entam respingaremos.

ser. ora cala te que ey medo  
de o ver allí estar  
olha ca, aquí estendido.

par. esta todo tam cõprido  
que se quer arrebeitar

ser. quero yz ao casal  
famicas chamar a gente  
que o venha enterrar

par. outro dia no curral  
tancheyte meu didal

ser. andar em burra z ter bem  
nam has vergonha ladrão  
de fallar nego allí

par. eu tancheyte o fodicam  
z encosseyte nego allí  
bem allí de hã feyçam

ser. Joãne ques me deixar  
ou que grite por meu tio  
que te venha açoutar  
par. bofellhas no nosso lar  
achey eu hum corropio  
que faço aqui andar

ser. ¶ Jesu como es roym  
queromir logo correndo  
porque ja triste de mi  
o gado vay desaparecendo  
z entram yrey chamar  
meu tio que he juyz  
que o venha enterrar

par. eu me quero aqui deytar  
z dormir sem dizer chiz  
Sayese a serrana, z fica o par  
uo domando, z entra o moço  
do escudeyro em busca da dô-  
zela, z diz.

Moço.

¶ Agora não pode ser  
que a fortuna tanto corra  
pois que ja nos fez perder  
aquelle grande prazer  
de bũa fermosa senhora  
que nam dírey  
porque logo a buscarey  
sem fazer mais dilaçam  
seus primores contarey  
oo triste de mi que farey  
ella jaz naquelle chão.

¶ Chegase pera ella z diz.

¶ Jesu qual foy a morte  
que tal rosa foy matar  
oo desesperada sorte  
que agora vim achar

senhora que nam falais  
ao triste mensageiro  
ou que reposta me dais  
ou porque assi o leixays  
estar soo nesse terreiro.

¶ Com que rosto me olhais  
senhora por galardam  
dizey porque me nã falays  
ou porque me vos causays  
matar-me com minha mão.

¶ Acorda o paruo z diz.

Paruo.

¶ Olhay ca vos dõ pineu  
este homem se morrido  
ou samicas vos seys seu.

Deço.

Ora cala te sa sandeu  
nam renoues minha dor  
se nam farte ey calar.

Paruo.

¶ Olhay ca o nosso Garspar  
tem o cu de hũa cor  
se lho quiserdes beyjar.

Deço.

¶ Vos senhora ficareis  
por aqui sem companhia  
z vos ymãõ aqui estareis  
z nisto merce me farcis  
par. si farey por vida minha  
entam nunca tornareis.

Deço.

Esta noua lenarey  
porque saybã vossa morte  
z logo me partirey  
porq̃ certo muy bem sey  
que fera couse muy forte  
de ouir

a triste sem na espedir  
sempre do seu pensamento  
sera bom

fazeruos hũ moymento  
ymãõ aqui ficaras  
em guarda desta senhora  
z por ella olharas.

par. ora yuos vos emhora.

¶ Aqui se vay o moço z fi-  
ca o paruo, z entra a Fortu-  
na cantando.

Lantiga.

¶ Segui-me senhores  
de noyte z de dia  
tereis alegria  
segui com primor  
tam linda donzella  
tereis fauor della  
z daruos ha honoz  
z tambem fauor  
com grande melodia  
tereis alegria.

Sala.

¶ Eu sam fortuna chamada  
porque tenho gram poder  
faço grande nomeada  
ardo sempre de armada  
pera bem z inal fazer:  
por mi se regem os ventos  
todo mar z toda a terra  
eu faço mil mudamentos  
eu tiro z dou tormentos  
z dou prazer z dou guerra  
Sã deosa dos namorados  
guiadora dos perdidos  
eu sam a q̃ dou cuydados  
z os tenho bem guardados

pera todos os nacidos.

Tudo tenho em meu poder  
rey nos e muytas cidades  
isto dou a quem me quer  
e a quem me folga de ver  
Ibe dou mil prosperidades  
isto faço por saberem  
que tenho poder em tudo  
por q̄ aquelles q̄ não crerẽ  
e a mim não conbecerẽ  
yram logo ao profundo.

¶ Aqui se achega aa dõzella  
e diz a Fortuna.

¶ E vos fermosa senhora  
de mi fostes desp ezada  
e por isso venho agora  
visitaruos nesta ora  
triste e atribulada.

par. quereis a mostrar aquisso  
que tendes naquessa mão  
for. ora agora tenho riso  
em te ouuir falar vilão  
par. vos mentis e outrẽ não  
for. vos falais  
farey logo que se fays  
seru dor desta senhora  
e a ella obedecays

par. minha dona de Cascaes  
e minha mãy pario agora  
hũ menino tão fermoso  
semelha ne go a ratinho  
tem cabe ça destozinho  
e mea dono he tinhofo  
quero logo yme daqui  
pera casa que ey foime  
o diabo que te tome

boselhas digo que si.

¶ Aqui se faye o paruo e diz  
a Fortuna.

¶ Pois agora  
sendo eu tam gram senhora  
sam tam pouco estimada  
bem sera que nesta ora  
faça forte nomeada  
porque tenho gram poder  
nesta coroa real  
e por isso se quiser  
a terra farey tremmer  
e todo mundo em geral  
ando sempre de l:ũ teoz  
a fazer muyta verdade  
nunca mudo minha cor  
a quem quero dou fauoz  
e a quem quero crueldade  
não cure gente escapar  
deste meu grande poder  
que por terra nẽ por mar  
a todos posso sojuzgar  
sem se poderẽ valer  
pois que disse ja quem era  
aqui quero descansar  
e andar

porque vejo affomar  
muyta gente nesta serra.

¶ Aqui se vay a Fortuna e  
entra hũ iuyz e hũ escriuão,  
e diz o iuyz.

Fuyz.

¶ Agora quero eu ver  
hũ defunto que aqui s̄  
porque la o meu rapaz



foy correndo a mo dizer:  
semelha nego molher  
porque tem grande toucado  
fera bem de me benzer  
por famicas nã mozerer  
com temor deste finado  
sobpena de dez cruzados  
bem contados  
que logo sem mais rezão  
venham todos penhorados  
os alcaydes e jurados  
dessa villa do torrão  
ora sus de semborulhar  
com a pena dessa mão  
pera que he mais a guardar  
se nam logo começar  
a tirar inquiriçam  
raspar logo tudo bem  
porque saybamos o fato  
de tudo fazer hum maço  
apontado por ítem.

Escriuam.

¶ Ora andar  
comecemos da pontar  
por sabermos a verdade  
sem mais nada baralhar  
escreuer e assentar  
com muyto boa autoridade.  
Item primeiramente  
achamos na atalhada  
hum finado, ou finada  
vestida muy ricamente:  
E mais tinha  
bãa sayra, ou saynha  
semelhaua damarelo  
vestida por vida minha  
e tinha bãa mantilhinha

da cor do mesmo pelo  
de perpinham corpanho  
tambem tinha hum saynho  
tam branco como bũtufam  
ju. Ora acabay escriuam  
que nos chama o meyrinho  
escribofa essa he boa rezam  
ju. Ora vamos a laurar  
que ja temos acabado  
escri. e nego este finado  
aqui se ha de ficar  
ju. eu nam sou mais obrigado  
es. ora vamos sem tardar.  
¶ Aqui se sayem, e entra o es-  
cudeyro e moço, e diz o  
escudeyro.  
Escudeyro.

¶ Do esperança perdida  
e dores sem acabar  
fazey prestes a partida  
da yme prestes a despedida  
porque possa descansar:  
onde yrey triste coytado  
com tormento desigual  
de Cupido mal tratado  
de fauor desesperado  
por lhe sempre ser leal.  
Ja bem visse a quem seguia  
fortuna sem piedade  
sem rezam me combatias  
o meu mal que tu nam vias  
esta grande crueldade  
que me tu a mi fazias  
fortuna muy enganosa  
nunca mais te seruirey  
onde for sempre direy  
que es muyto ríguero sa

mo. ¶ Já cureis de lamentar  
meu senhor co tanta dor  
vamos logo sem tardar  
bíremola sepultar  
onde quer q̄ for milhor.

esc. Nam procuro de ficar  
como tu tês ordenado  
vem ca logo sem tardar  
pera me auer de matar  
com aquesse meu terçado  
afinba sem dilatar  
tu pras  
esta noua leuaras  
ao tēplo de Deos Cupido  
z esta carta lbe daras  
z por mi lbe contaras  
como de mi foy seruido.

E diras, senhor  
o vosso grã seruidor  
la o deito sepultado  
z pede cō gram feruor  
que pois morre cō amor  
feiz de vos emparado.

E vos Hympbas tirareis  
o meu triste coração  
z dentro nelle achareis  
tres sinays em q̄ ve reis  
padecer bem sem rezão  
os quaes bem conbecereis:  
estes sam os muy laez  
que vos ca tñba guardado  
com sospiros z mil ays  
z tormentos desiguaes  
por fazer vosso mandado  
Eu me prey  
z a morte buscarey

por dar fim a meu viuer  
de Cupido clamarey  
porque sinto que farey  
a vos nisso grã prazer.

mo. ¶ Deos nosso saluadoz  
te queyra disso tirar  
z te faça vencedor  
dando te sempre fauor  
com que te possas saluar  
meu senhor  
eu te peço com amor  
que tu faças o que digo  
pois o nosso redemptor  
te liurou do gram feruor  
do diabo enemigo.

esc. ¶ Meu conselho tomarey  
finalmente por agora  
z com elle folgarey  
que cuido que te farey  
muyto ledo nesta ora:  
z assentar  
queu ouço gente falar  
sera bem que esperemos.

mo. senhor aqui nos estaremos  
porque querẽ aqui chegar.

¶ Aqui entra venus, z diz.

¶ Por certo teu merecer  
a mi venus foy accyto  
que des teos me fez decer  
z teus rogos conceder  
como couisa de direito:  
pois agora  
a vos mando seruidora  
porque saybão meu poder  
tornar a alma nesta ora  
z logo sem mais demora  
day aa vela a erguer.

Ergue-se a dōzela, z diz.  
É muy alta esclarecida  
raynha de grande valor  
pois que me destes a vida  
vos de mym fereis seruida  
senhora cō muyto amor.

Venus.

¶ Pôla fee que me tiueste  
folte de mi socorrida  
z nesta presente vida  
minha serua te fizeste.

¶ Aqui fala o escu-  
deyro, z diz.

¶ O prazer angelical  
o incomparavel lindeza  
o meu espelho humanal  
flor de toda a gentileza  
que fazeis  
ou porque não respondeys  
senhora pois eu vos falo.

dō. Meu senhor vos sabereis  
que isto que vos dizeis  
eu o sinto z o calo  
z vos muy bem o sabeis  
z a venus demos louvores  
pois que nos deu alegria.

ve. muy melhor sera senhores  
q mandeis chamar câtores  
que cantem cō melodia.

esc. Eu cō que satisfarey  
esta honra que me days.

ve. Senhor vede o q mãdats.

esc. Senhora que a seruirey:  
mo. Pera que he mais falar  
a voda vamos fazer  
porque la tendes lugar  
de brincar z retoçar  
ambos juntos a prazer.

ve. Senhora por despedida  
se vos quereis cantaremos  
dō. z que cantiga diremos.  
ve. Esta soo com voz erguida.

Cantiga.

Deuemonos de alegrar  
z a Cupido dar louvores  
que nos de sempre fauores.

¶ Coplas muy graciosas  
de meter te quiero  
yo monja.

Meter te quiero yo monja  
bija mia y de mi coraçon  
que no quiero ser mōja no.  
Madre.

¶ Hija en vuestro nascimieto  
bize yo promessa a Dios  
por el mal parto de vos  
de poneros en cōuento.  
y si quiebro el juramento  
siendo vos la ocasion  
no me daran absolucion  
que no quiero ser mōja no.

Hija.

Madre si vos lo jurastes  
por el mal parto q vistes  
por quanto no era de edad  
vos hazer no lo podistes:  
mi padre segun vos vistes  
no lleuaua esta intencion  
que no quiero ser mōja no.

Madre.

¶ Hija mia la casada  
no tiene de ser morena  
fino blanca y colorada  
segun la razon ordena:

quitame ya desta cadena  
assi ayas my bendicion  
que no quiero ser mōja no.

Hija.

¶ No seays madre importuna  
para my voluntad cierta  
que si fuera coxa o tuerta  
fuera yo la muy dichosa:  
mas la muger que es hermosa  
y se mete en religion  
tiene punto d'alteracion  
que no quero ser monja no.

Madre.

¶ Si supicistes hija mia  
quan amargo es el casar  
se que no te agradaria  
de tal cosa escuchar:  
mal comer peoz cenar  
renzilla por colacion  
que no quiero ser monja no.

Hija.

¶ Mirad madre que os digo  
y lo tengo por muy bueno  
quando bien se quieren dos  
y t enen contentamiento  
el verdadero contento  
es la sancta vnion  
que no quiero ser monja no.

Madre.

¶ Mira vya que te digo  
que si casas con celoso  
siempre estara sospechoso  
si tienes algū amigo:  
a Dios tomo por testigo  
el que sabe mi intencion  
que no quiero ser monja no.

Hija.

¶ No me deys madre consejo  
que no lo tengo de tomar  
aun que me sepa arrepentir  
me tengo de desposar:  
pues que Dios n'ando juntar  
la muger y el varon  
que no quiero ser monja no.

Madre.

¶ Lo que te quiero contar  
no es cosa de oyr  
de ver los nifios llorar  
tu no lo podras sufrir:  
que te digo sin mentir  
que es grande confusion  
que no quiero ser monja no.

Hija.

¶ Quando my padre murto  
diole Dios tā buen sentido  
que puso exel testamento  
que me diessedes marido:  
y agora que os be seruido  
levantaysme otra cancion  
que no quiero ser monja no.

Madre.

¶ Si tu buena hija fueras  
por lo que a my herria toca  
no deuieras ser tan leca  
que my mando no cūplieras:  
mas que quieras o no quieras  
has de estar en subjecion  
que no quiero ser monja no.

Hija.

¶ No vi madre tā importuna  
ni hija tan desdichada  
se my padre fuera viu

viuere sempre penada  
si entro en la religion  
estare sempre en quistion  
que no quero ser monja no.

¶ **Uillancico de vna gentil  
dama a vn galan su  
enamorado.**

**D**oz my fe q̄ no os aguarde  
si venis tarde.

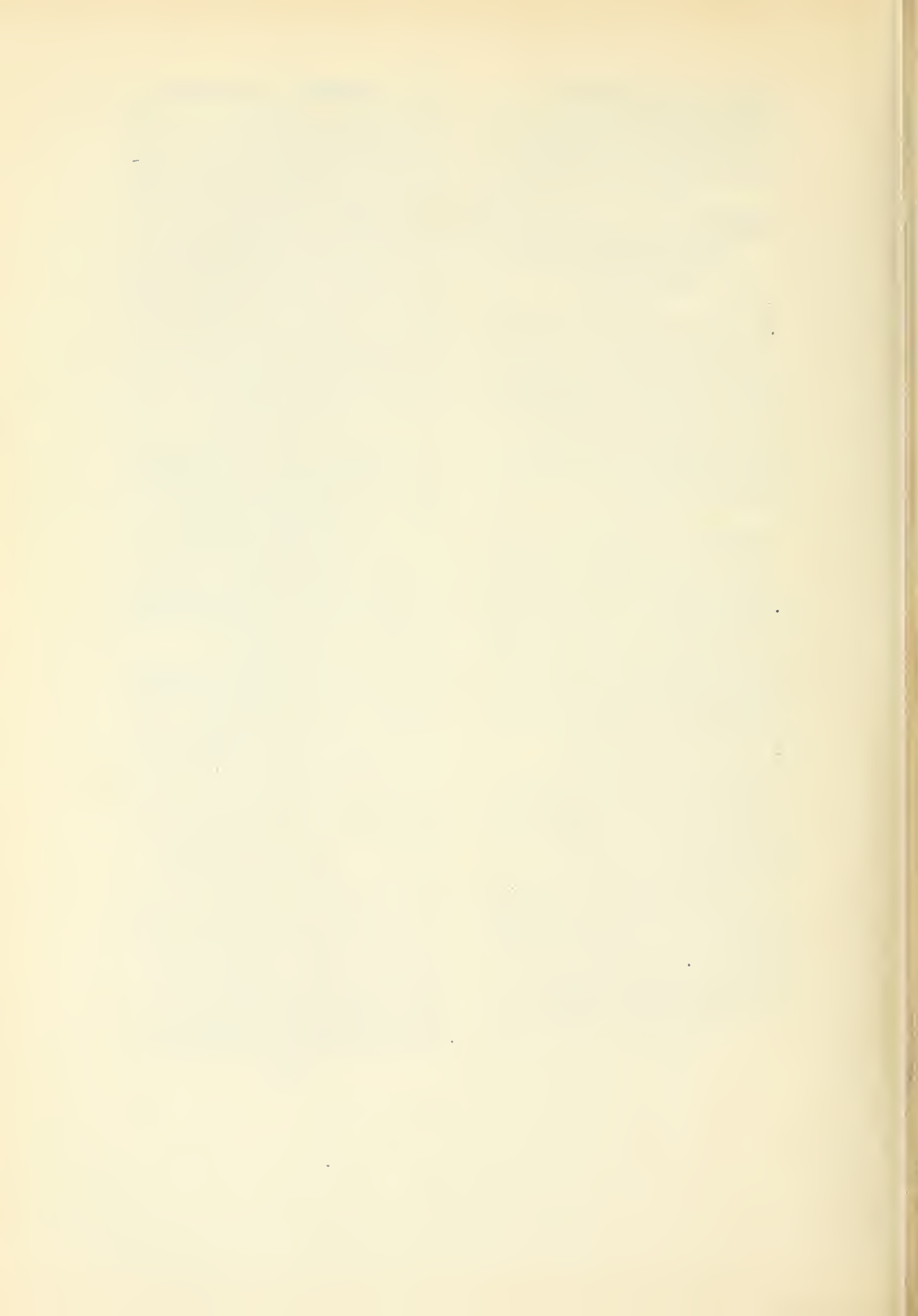
**H**azeyz me ser sospechosa  
que amais otra hermosa  
no tan linda ni graciosa  
ni que tanto vos aguarde  
si venis tarde.

¶ **Chiste de pensando vos  
estou filha.**

¶ **P**ensando vos estou filha  
vossa mãy nesta lembrando  
enchê se me os olhos dagoa  
nella vos estou lauando:  
nacestes filha antre magoas  
pera bẽ inda vos seja  
que no vosso nacimiento  
vos ouue fortuna enueja.

**D**ozto era o contentamento  
nenhũa alegria ouuistes  
era vossa mãy fiada  
nos outros eramos tristes:  
nada em doz em doz crecida  
nã sey onde isto ha dir ter  
vejo vos filha fermosa  
os olhos verdes crecer.

**Ilam** era esta graça vossa  
pera nacer em desterro  
mal aja a desventura  
que pos mais nisto que erro:  
tinha aqui sua sepultura  
vossa mãy ⁊ magoa a nos  
nam ereis vos filha nam  
pera morrerem por vos  
nam ouue em fados rezão  
nem se consente rogar  
de vosso pay ey mozdoo  
que de si sa de queyrar  
eu vos ouui a vos soo  
primeyro que ontrẽ ningu em  
nam foreis vos feu não fora  
nam sey se fiz mal se bem  
mas não pode ser senhora  
pera mal nenhũ nacerdes  
com esse riso gracioso  
que tendes nos olhos verdes  
conforto mas duuidoso  
he este que tomo assi  
**D**ees vos de milhor ventura  
da que tinestes ate qui  
que a dita ⁊ fermosura  
dizem patranhas antiguas  
que pelearão hũ dia  
nunca mais forã amigas  
muytos ham que a fantesia  
eu que vi tempos ⁊ annos  
nenhũa causa duuido  
como ella he azo de dãos  
o bem soo não he esperado  
nem a creuça na esperança  
em ambas ha hí cuydade  
em ambas ha hí mudança.  
Sim.



# Auto de vicente anes soetra,

Ratinho.



Vilam.



Regatey ra.



Filha.



**E** Auto nouamente feyio, no qual se contem  
muytas graças, z tem hũa carta muito gracio  
sa, z entrão as figuras seguintes, f. Hũa Rega  
teira, hũa sua filha, hũa comadre, hum Villão  
marido da regateira, hũ ratiño por nome Vi  
cente anes soetra, hũ Clerigo, dous escudei  
ros que dão hũa mulica no meyo do auto,  
hum negro mestre de Medecina, hum  
Ratinho seu moço, que bo  
negro ensina a

curar.

Mãÿ.

¶ Vem ca moça deffaçada  
nam tês o e que fazer  
como es tam descuydada  
& nam te quer lembrar nada  
que estamanha molher  
que da louça que lauaste  
que da casa que barreste  
que do comer que fizeste  
seguro que te lembraste  
de quanto o je comeste.

Filha.

Vos may aucis de buscar  
quem vos sirua dessa coufa  
porque eu ey de ser mimosa  
pois que Deos me quis dotar  
em estremo tam fermosa  
mãÿ. nem por isso filha minha  
ha dauer em ti descuydo  
que aquelle que for sefudo  
se te vir tanto doudinha  
vir lhe a auorcecer tudo  
em tua casa faras  
o que te for necessario  
& nisso nam perderas  
mas antes cre que aueras  
mais perfeyto o selario  
eu bem vejo a gentileza  
que te quis dar a ventura  
mas eu nam tenho riqueza  
& agora ninguem se preza  
de casar com fermosura

deues amar a vertude  
porque em o fazer assi  
de vertude nunca vi  
se nam que a dita acude  
& assi se puder fer deu  
fil. bem vos entendo senhoara  
tenho as carnes mimosas  
& cousas defamoras  
nom posso sofrer hua hora  
q̄ antes nã sofra mil cousas  
O mais que posso fazer  
de iaurar nũa almofada  
fez me Deos tam delicada  
que nam posso entender  
porque fuy tam mal fadada

May.

Cre filha hũa verdade  
quisto he mei a preguiça  
nam venha de Deos justiça  
que te quebre a gravidade  
que teu peccado ta riça  
Muy bem v estua mãÿ  
fer hũa pobre vendeira  
que ella por sua maneira  
trabalha pera teu pay  
que nam val hua joeyra  
¶ Entra a comadre & diz.

Comadre.

Ou da casa quem he ca  
mãÿ. Iesu nunca tal vi  
moça ve quem bate alli  
fil. he a senhora Ynes de saa



mã.y. minha comadre esta hi  
Comadre.

Comadre bem se parece  
o vosso muyto dormir  
auemos nos oje dhir  
mã.y. vede vos se vos parece  
se sam horas de partir  
co. bem auitados estamos  
sam mais q̃ horas comadre  
mã.y. pois q̃ determinais vos  
co. q̃ chameisa meu cõpadre  
& logo nos partamos  
mã.y. hui comadre nã vos falo  
he cousa que nam se cre  
inda me dorme sua merce  
do meu Afonço gonçalo  
que negra morte q̃ lhe de  
nunca vi homẽ tam porco  
que maa raiua saite nelle  
dailhe vos o demoa pelle.

Comadre.

E se he tam dorminhoco  
como cafastres com elle.

Mã.y

Comadre he de suairo  
contaruolo he canceyra  
eu vendia na ribeira  
& no rocio do bairro  
quando alli se fazia feira  
alli inuerno & veram  
vinha elle do Celorico  
a vèder a cabra & o cabrito

& a ouelha, & o cabram  
assi que vos falo isto  
Eu mandeilhe falar ni isto  
& elle quillo fazer  
comadre não sam molher  
em velo seu pouco liso  
que nam se pode sofrer  
co. comadre crede que nos  
somos maas de contentar  
porq̃ elle he homẽ singular  
may. hui comadre si q̃ner vos  
tambem me quereis cegar  
por vida vossa esperay  
tereis hu pouco de prazer  
moça vailhe dizer  
que digo zu a teu pay  
se sam horas de serguer  
co. benza Deos aquella filha  
& vola guarde de mal  
fala nella Portugual  
& nam he gram marauilha  
pois Deos vo la fez tal  
He fermosa em estremo  
tendes filha de bençã  
tendes o pay no coraçã  
may. comadre sabe ora o demo  
se he elle seu pay se nam  
co. desse geito ahi me calo.  
¶ Vem a filha & diz.  
Filha.  
Diz que ja se quer vestir  
may. dizey Afonço gonçalo

A ñ

fam la horas de dormir  
vil. senhora molher feyto seja  
que eu me seja leuātado  
māy ora pois q̄ estais cuidādo  
vinde ver Ynes de saa  
vil. Ynes de saa esta hi  
ora aguarde que ja vou  
māy. ma sopa venha por ti  
& por quem te inda insinou  
que tu mas de por no fim  
vil. comadre muito mantenha  
māy. benga deos a sam Thome  
dize Afonço dazenha  
falas por mantenha  
como negro de Guine  
vil. corpo ora nam de sam  
que nã foy ora mal tamanho  
may. inda falas bestarram  
vil. bofe que se vos aganho  
que vos mude a condiçam.  
cõ. cõpadre falastes bem  
isto ey falar dirmãos,  
& fala que mais conuem  
& nã por beijo vos as mãos  
porq̄ isso nam vay nẽ vem  
may. Vos cuydais q̄ a pereira  
la por tempo da seu fruto  
vil. siquais Vilante ribeyra  
cuydara que sabe muito  
& chantalo ey nũa joeyra,  
& seu nego nam mengano  
eu vos sey falar muy bem

a lingoa do castellano  
como eu faley ogano  
que nam me entẽde ninguẽ  
Comadre  
Castellano eu jurarey  
q̄ rẽdes vos cõpadre modos  
de falar por ante el Rey  
vil. & comora falarey  
& saber melhor que todos  
porque esta na nossa aldeã,  
que diz que jo tengo vea  
pẽra falar em Castella  
& nas partes da Rochella,  
may. comadre jaa eile começa  
pois inda isto nam he nada  
que se se elle dessempeça  
ẽara tanta badalada  
que vos quebre a cabeça  
auey erama vergonha  
q̄ vos soys desonra minha  
vil. quereis vos calar doudiã  
poo dou o decho a peçonha  
que assi he lambeirinha  
māy. Iesu mana quem mo deu  
este homem dos chapiteos  
vil. quereis vos que coinece eu  
cõ q̄ vos rompa effes veos  
Māy.  
Comadre quereis saber  
que a hi dia azinhago  
deixa homem de tecer  
& procuray de saber

femos dhir a Santiago  
porq̄ Ynes de saanão vem  
pera outra coufa caa  
& por isso se detem

Vilam.

Vamos pois arama  
mã y. Olhay o siso que tem  
& a oraçam com que parte  
tu ficaras madanella  
nesta casa & olha por ella  
& por tua vida guarde  
que nam sayas fora della  
Contigo fica Vicente  
as deterem ti tal regra  
que nam fales com gente  
nem alua nem negra  
se me queres ver contente

Comadre.

Benza deos minha afilhada  
he de muy boa criaçam  
& por isso tenho esperança  
que fara feytos dhonrada  
como quem virtude alcãça  
mã y. filha a filha generosa  
na castidade sempacha  
pera ser mais virtuosa  
fil. señhora nam digo coufa  
porque sayasem tacha,

Vilão.

Olhay bem que façais  
como filha de benção  
mã y. ora sus não aja mais

dahme o sayo & o bordão  
& o chapco & os coraes  
& Vicente me chamay  
que venha logo ca  
afinha filha acabay

fil. Vicente vay loga la  
vicē. si yrey pois mo mãdais  
correndo logo nuin pee  
que por vos minha alma he  
mais negra se bem olhais  
que forro de chemine.

Vilão

Vicente ouues ou nam  
vicē. ouço, bem que mandais  
vil. vay la dentro macharas  
a carapusa & o gabam  
acaba afinha rapaz  
co. ja comadre eitais muy bē  
pera que he tanto tardar  
may. filha tornouos a rogar  
que não entre aqui ninguē  
pera com vosco falar.

Comadre.

Ora sus vamos embora  
leuantay essa fradilha  
mã y ora ficay minha filha  
& guardeuos nossa señora  
de gente de maa coadrilha  
vil. anday senhora molher  
corpo de mim co diabo  
mã y vicē te teras cudado  
que nam cures de fazer

A iij

se não della o seu mandado

¶ v.ãose & diz a filha

Filha.

vicente vaim e catar

a nossa esteira pintada

vic. O esteira bem fadada

quem em ti se ha da sentar

trago eu na alma fechada

fil. nam he pouco atreimento

o que este moço tra z

mas busque eu sofrimento

que eu leuo contentamento

& muyto me satisfaz

porque terey eu cruzza

em me fazer assi

pois q̃ me elle quer amim

como tenho per certeza

nam lhe quero mal em fim

Dalhe a esteira & diz.

vicente anes.

¶ Aua mister o amor

degradado por hi alem

porq̃ nunca a outrẽ ningũe

delle elle tamanha dor

como a mi dado me tem

vedes vos o rapazete

tamanino & guerreiro

que ia quer ser referteiro

vedes vos quem no mece

ser comigo tençoero

Filha.

bem vicente tu que dizes

que estas la soo falando

vic. estaua eu a deos rogando

que me não martirizes

neim mandes martirizando

porquetam so co teu desejo

meitou eu ca desfazendo

fil. que dizes q̃ não tentendo

vic. q̃ ado assi como te nã vejo

comigo morto viuendo

fil. mal se enxerga isso em ti

Vicente tu es tedor

vic. na alma trago hum ardor

que morrendo eu assi

co desejo do teu amor

Trago os bofes danados

& ho ventre & as fressuras

& passo mil amarguras

tudo por teus cuydados

& dobran se me as tristuras

& se eu ora em ti vira

hu dor destas minhas dores

hu cuidado d' meus amores

nam andaria tam triste

cercado de mil temores

So por nã cobreres fama

de crua & matadora

nam consentirias tu agora

que mardera esta chama

& afroxara la senhora

fil. dize com que te curara eu

esse ardor. vic. cõ hu abraço

fil.mas darthey hum barão  
vic.mas seia hũ beijo teu  
que me regue o espinhaço  
Ho nam sejas tam indinada  
por tua vida contra mi,  
bofas ques mais roim  
que hũa cadela danada  
ẽ pago de ser doudo por ti,  
olha que te quero dizer  
que nunca hũa moça vi  
tam bonita como ti  
& de tam bom parecer  
porque toda es feita assi  
sãnicas a minha vontade  
no teu cantar & bõilar  
& no olhar & no assentar  
tẽ hũ geito q̃ a alma arde  
a quem bem te contemprar  
porque es tam delicada  
no teu ar, no teu geito  
tẽs hu corpo tã bem direito  
q̃ nunca vi tam acabada  
comati.

Filha

He mal feito  
gauares me tu a mi  
de tanta perfeiçã  
vic.he porque meu cotação  
trago chentado em ti  
& natua desposiçã  
fil. andar embora & ter bem  
olhada la o quebranto

Vicente.

praza o bento spiritu sc̃o  
que nunca eu veja a ninguẽ  
outro tamanho quebranto

Porque mor mal queres tu  
que ma companhe a mi  
que me ver andar assi  
feyto botas de mu  
& tudo por amor de ti  
fil.vicente tira la a mão  
nã te vejã  
vicensi tirarey  
mas nam ja do meu desejo

Filha.

Isso he muyto despejo  
olha que me agastarey

Vicente.

Dame tu mana hum beijo  
que logo me guardarey  
fil.darey hua grande figa  
vicẽ pois o teu amor. mobriga  
aqui logo me matarey  
& seras fora de fadiga  
& alma ostrecerey  
a Deos.pois que ma de u  
& o coraçã a ti que he teu  
& entã te contentarey  
fil.doute a sãmi beitolameu  
nã digas isso que nã quero  
que te mates tu por mi  
vic.por te ver tam crua assi

A iij

fazes com que desespere  
que nunca a mais crua vi  
dize por ta vida te rogo  
que te pode a ti danar  
deixares daffoprar  
ostições deste fogo  
que me deixem dabrasar  
Aue ora doo Madanella  
do triste do teu vicente  
aue ora doo ma ora & nella  
& nam queiras ser contête  
de minha grande mazella  
olha eu por ti me fino  
tu malêbras nas lauradas  
& por ti tenho eu as fadas  
que pode ter hum motino  
reboluído em taes meadas

Filha.

Assi Deoste de prazer  
que me contes tuas dores  
& todo teu bem querer  
porque folgarey de saber  
com quẽ trazes taes amores  
vicen. por isso quero morrer  
se queres saber com qual  
senhora por ti me perco  
& tenho tam riço mal  
que me vou tornando seco  
como besta do cural  
E se te deixo dolhar  
falta comigo tal freyma  
que cre q̃ mais me queima

que agoa de rofalgar  
& por tanto has de saber  
que eu tenho ja jurado  
q̃ as de ser minha molher  
& as contente de ser  
porq̃ eu sam bẽ aparentado  
E nao me vejas o corpo  
que ja mo barbigo pinra  
& mais nã sou tam cachopo  
que tenho espada na cinta  
muita vaca & muito porco  
ve ora se es contente  
nã me negues conforto  
fil. que pode dizer a gente  
vic. dira que fois muy prudête  
& nã matardes hu morto  
ora queres q̃ nos casẽmos  
di rogocho Madanella

fil. pois sem mais estremos  
queres que a tal me atreua  
em que a sorte he escura  
ja que o quis a ventura  
vai buscar quẽ nos receba

Vicente.

Ha bem ditõso moço  
mais q̃ doce fruto em mata  
Madanella minha prata  
escanchate neste pesçoço  
antes que de ti me parta  
¶ Abraça & diz.  
vicẽ. Ora ficay minha frol  
q̃ eu nã posso muito tardar

porq̃ eu quero yr chamar  
nessas oras o priol  
que nos venha ambos falar  
fil. Faze algũa farsada  
que nos caia pouco em bem  
se estiuer com elle alguem  
não lhe as de dizer nada  
se nam soo sem ninguem  
vic. guardenos Deos de mal  
vos cuydais que sam tolo  
eylhe de chegar ao meolo  
& dizerlhetal & tal,  
porque eu não sou cebolo  
¶ Vãose & enrrã douse e scudey  
ros, & diz Pero camões.

Pero camões.  
Senhor podeis assentar  
que he trabalho infinito  
de quantos podeis cuydar  
ho trabalho do spirito  
rui. nam tendes que duuidar  
q̃ he dos mores trabalhos  
de quantos trabalhos vi  
per. ora pois senhor senti  
& vereis q̃ esses trabalhos  
nam podem nascer de mi  
rui. não me façais tam çarrado  
porque eu sey q̃ quereis bẽ  
& que sois muy namorado  
per. coitado de hum coitado  
que todos trabalhos tem  
rui. mas antes podeis dizer

coitado do pouco siso  
per. ha senhor q̃ não falo nisso  
que he diabo quererr bem  
& mais quem ama de siso  
rui. foy a mais alta pequice  
amores de sa feyçam  
que le vio nem que se visse  
per. eu não lhe acho rezam  
nisso que agora disse  
porq̃ o homẽ q̃ he descreto  
& ha dandar damores  
que la passe suas dores  
como poder encuberto  
& nam lhe saibã sen sabores  
porque a couça he de teor  
que nenhum paruo queria  
q̃ ouesse outro mor doutor  
rui. Chamime por essa via  
muyto paruo & sem sabor  
per. tomay la ao reues  
que eu nã no disse por tãto  
rui. tomo o em que me pes  
vos senhor fazes uos sancto  
& roubais mais que frances  
sois pregador ençarrado  
& pregais auãgelhos meros  
& sey que lois namorado  
rui. senhor estais enganado  
q̃ eu não cayo nesses erros  
per. quero eu saber agora  
pois o mudo emendais  
porque cõusa me estranhaís

que não sirua hũa senhora  
rui. ainda vos duuidais  
pois auéis de presumir  
que inteyra como esta he  
a ninguem auéis de seruir  
pe. folgo eu de vos ouuir  
mas dayme rezam porque  
pe. por q̃ a terra he tam peq̃na  
que logo sois conhecido  
ou a moça vos acena  
ys de todos muy corrido  
Hũs dizem que ella q̃ zôba  
& q̃ vos tem tâto em pouco  
outros mil vos chamã loco  
outros vos falão cõ tromba  
& auéis uos de fazer mouico  
pe. eu ve o senhor que passa  
& sinto que he vergonha  
andar de praça em praça  
por terra tão enfadonha  
rui. eu sey se nam mengano  
que fazeis dous consoantes  
fazeis mil autos cadano  
& todos muyto galantes  
sem fazer a ninguem dano  
em vos farão aparato  
& lereis fauorecido  
pe. senhor eu tenho sabido  
q̃ quem entra aqui em auto  
o tem por muy abatido  
por q̃ se estais falando bem  
hum dito muy atilado

olhay bem pera vosso lado  
ouuireis dizer que vem  
de serdes desauergonhado  
Vem quatro moços auto  
os quaes nunca virão gente  
em q̃ o auto foſſe quente  
dizem que foy muyto frio  
que nao vam delie cõtente  
vos estais uos desfazendo  
& apaixonando em forma  
por estalos comprazendo  
eis senhores vão dizendo  
que foy muyto boa broma  
rui. Polotanto senhor meu  
tendes vos muito empacho  
deſſas obras de sandeu  
pe. pois que culpa tenho eu  
se eu figuras nam acho  
rui. q̃ as nã busqueis vos narca  
buscayas com diligencia  
& achareis sem aderença  
mancebos de muita marca  
figuras por excelencia  
pe. eu nam sey como vos diga  
o que daqui me contarão  
he que anda aqui hua briga  
dũs mãebos q̃ eprenhara  
& trazem Reis na barriga  
cada hu deltes tem passos  
q̃ do mesmo mudo dobra  
& dizem q̃ não vam a obra  
dõde vão trinta madraços



& della tam pouco se cobra  
rui. segundo sam ja certos  
dizerem males por viço  
tem vos a vos por remisso  
& assi fazem ser discretos  
& não curam nada isso  
pe. o que eu aqui sinto mais  
isso quero eu calar  
rui. nam quero q̄ mo digais  
pe. pois deixame namorar  
rui. nam vos tolho que façais  
pe. ora daime o defengauo  
de hum motezinho que fiz  
a quem sirno por meu dano  
rui. vejamos pois como diz  
pe. diz assi em castelhano

Mote.

No es muy chica merced  
si venis mirar al hecho  
ni hazeis contra derecho.

Fala.

Se quereis senhor saber  
como vay assi fundado  
y uos la sobre hum telhado  
rui esta o mote arilado  
pe. pois a volta aueis de ver

Volta.

Vos fois vida de mi vida  
y de cuerpo cuytado  
hazelde a vuestro grado  
como fueredes seruida  
y si alla estais sobida

por mirar en este hecho  
no hazeis contra derecho

Rui Barboza.

Como esta sancta Maria  
essa cousa singular

pe. senhor nam cure de zôbar  
rui. q̄ chamaeis vos zombaria  
nam tendes hi que tachar  
& portanto eu abranjo  
q̄ querer bem he canseyrra  
mas dizey quē he esse anjo  
pe. he madanella ri beira  
em que nam ha defaranjo  
rui. dizem que essa rapariga  
que he hũa Bersabe  
pe. senhor por me fazer merce  
que cante hũa cançiguinha  
caminhando assi em pee  
rui. ouuirnos ha a senhora  
pe. sabeis como que sobeja  
mas a moça nam deseja  
se nam verme ca da ora  
rui. qual quereis senhor q̄ seja  
pe. pode bem senhor dizer  
esta cantiga estimada  
que ja trago decorada  
que nunca me quer ver  
nem se tira dalmofada

Cantiga.

Vida minha de meu bem  
pois vos siruo com amor  
tiray os olhos do lauor

Volta.

Hũa vez em todo anno  
& se he caso que vos vejo  
y sinefaltar do desejo  
& mataime com engano  
vos laurais em vosso pano  
mas eu siruo com amor  
tiray os olhos do laour  
¶ Entra o ratinho & diz Pero  
camões  
Senhor embuçaiuos vos  
porq̃ eu membuço tambẽ  
porque o seu ratinho vem  
nam conheça algum de nos  
polla sospeita que tem  
vicen. Tapay essas queixadas  
q̃ vos'nã conheçã peçonha  
quẽ vos desse mil pancadas  
dizei porq̃ nã tẽdes x̃goña  
dandar nessas cantadas  
pe. quereis vos calar vilam  
que yreis da qui escozido  
vi. vos nam meis de por a mão  
rui. quereis fazer oniam  
com q̃ se jamos conhecidos  
ora day senhora espora  
& nam estemos aqui mais  
pe. vamos ambos juntamente  
nisto assi praticado  
yrlea a noite gastando  
& quem formenos cõtente  
esse tal va sospirando.

Van se & diz vicente  
ao cura.

Porq̃ eu sey q̃ vos abbade  
fois possõa virtuosa  
vos chamey a hua coufa  
eis deter polinade  
porq̃ he muito perigosa  
cu. Quanto he filho de mi  
vos podeis ser muito certo  
que nam sereis descuberto  
& aueylo de crer assi  
que voa manterey secreto  
seja graue ou nam seja  
toq̃ a pobres toque a ricos  
quanto he deffes bicos  
seguro que niaguẽ me veja  
sem vontade em mexericos  
& por tanto podeis falar  
o que bem vos parecer  
vic. vos padre eis de saber  
que eu vos fuy chamar  
que he coufa de mister  
& por tanto olhay senhor  
que maueis de ter calado  
en queria ser casado  
cu. se a moça for contente  
tendes tudo auiado  
vic. & mais que recontente  
cu. & quem he a gentil dama  
vic. he a filha de minhama  
que me fez ja ser doente  
por seus amores em cama

& agora quet dar cabo  
hay alma & o coraçam.  
cu. & o pay, & a mãy, õde sam  
vic. sam ydos a Santiago  
& jaa oje não viram  
cu. disse ella ja que si  
que quer com vosco casar  
vic. que quer mais q̄ recasar  
corpo ora nam de mi  
com tanto repreguntar  
cu. Salamão em sua lida  
& regra disse assi  
maldito que homo  
in nei domine confidida  
pois daime rezã por como  
atal rezão nam he ouuida  
que seja fero animal  
em hum necio refalsado  
vay fazer tanto mal  
a seu amo muy honrado  
vic. Que diabo he o diabo  
isso sam horas dygreja  
cu. digo que embora seja  
& do mays aqui acabo  
antes que alguem nos veja  
vic. quanta disto sam cõtente  
Madanella saya ca fora  
eu. senhora de boa mente  
casais vosem bora  
com este moço vicente  
Filha.  
Ia que eu a isso vim

eu muyto contente sam  
vic. pois quãteu senhor de mi  
eis aqui aminha mão  
cu. ora pois dizey assi  
eu Vicenteanes joeyra  
con toda a vontade minha  
a vos Madanella 1ibeyra  
recebo por molher minha  
E vos dizey desta maneira  
Digo eu que sam contente  
sẽninguẽ me dar dinheiro  
de tomar por meu praceiro  
a este moço Vicente  
com amor nam lisongeiro

Cura.

Ora filhos com isto  
fois chegado ao amor  
praza a nosso redemptor  
que seja por seu seruiço  
Ambos Amen.

Cura.

Aqui nam ha mais q̄ fazer  
seja pera vosso descenço  
vic. muitas merces bras picãso  
quando for o receber  
pera outra vezem hora  
vireis padre ca comer  
& hi com nossa senhora  
¶ Vaise & diz vicẽte  
Semos nos assentados  
como outros noyuos sem  
& alembreuos meu bem

de q̄ntos c̄tos de cuidados  
me deltes cō voffo del dem  
Filha.

Bofa mal malembro eu  
que tantos males vos fiz  
vic. bem vereis o que ella diz  
que fuy ra mais q̄ sandeu  
pollo grãde bem q̄ lhe quis  
¶ Esmorece a filha & diz.

Filha.  
Iesu seja comigo  
vi. ho pesa minha mãy torta  
ho b̄to feñor sam Rodrigo  
ho molher nã sejaes morta  
ouuis vos o que vos digo  
falay me coraçãõ meu  
que me fino em veruostal  
fil. o Iesu que forte mal  
foy este que mora deu  
vic. y deuos dentro geitar  
& afroxaruos ha esta dor  
por q̄ eu quero yr chamar  
hum bacharel ou douctor  
pera que vos venha curar

¶ Leua pera dentro & entra  
o negro & diz.

Negro.

Muy gram trabayo q̄ tem  
homem que misere sentar  
sempre homem andar andar  
gõ assi senthor tambem  
ganhar, gauhar, ganhar,

ne gayara mi quebra dentes  
o cera muto roim

& o gimbo pera mim  
pera pagay nã tem jentes  
& responde baite da hi  
gõ. fzeirme vos mestre gõçalo  
& eu sararey os doentes  
& paray vos m̄tes  
nisto que vo eu fallo  
ne. como curar bofo gentes  
se bofo nã sabe creber  
gõ. pois eu nã posso apr̄der

¶ Entra Vicente & diz  
vic. Oula, por voffa fee  
pois sois homem de prol  
onde se mestre guine  
gõ. vos nãã vedes que alli fee  
vic. si quaes aquelle he  
gõ. esse he mestre Thome  
vic. mestre eu entendo

que por minha mofina  
minha espota se me fina  
& por isto venho correndo  
mostraruos essa ourina  
ne. mofar a ca sacutay  
sabe bofo homem orrado  
esse muer sa prenhado  
vic. agora prenhe meu pay  
vos sois o mestre chavado  
ne. no ha misiter mais parola  
sabe bofo que ha de fazer  
bay dar bofo a beber

agoa no erba biola  
entao torna a mi ber  
vic. & com isso farara  
ne bay bosso fazer que digo  
vicente. eis me vou corredo ja  
ne. gonçalo bem bosso ca  
quere aprender comigo.  
gõ Si mas eis me dinfinar  
assi algũa cura zinha  
ne como não sabe bosso ja  
cosa argua de curar  
gon milhor q burra frontina  
¶ Entra o ratinho & diz  
Vicente.  
Senhor venho vos contar  
minhas paixões mais de mil  
que corri todo lugar  
sem nunca poder achar  
viola se nam rabul  
& entam figio meude  
& mandey o logo cozer  
& demos lho a beber  
mas ella nam tem saudade  
nē nos temos em q tanger  
ne. pardes bosso sentar  
muto grande befa tolo  
seu mandar que bosso dar  
agoa no erba biolo  
& bosso nam sey que falar  
vicen. violas deruasha hi  
nunca as vise não de pao  
mas se vos soys cam

que quereis zõmbar de mi  
hi tanger com hu birimbao  
ne ho bosso saa mor saluage  
do que nunca posso ber  
bay logo dar beber  
hum poco no agoa borage  
& entam tornar mim ber  
¶ Vaife & dizo negro.  
Negro.

Quero acabar enfinar  
gon. que comece dengordar  
eu nam sam gordo fanura  
ne. quero cabar enfinar  
gon. boa estara a cura  
feyta de vossò mandar  
ne. que sentar tu dizendo  
gõ. & eu que demo ey de dizer  
ne. ora sus começar a beber  
gon. eu negro nam tentendo  
nem entendo teu saber  
ne. ora sus sentar calado  
toma hu pouco trometina  
gon. que saiba a salue regina  
isso hebem escusa do  
ne. & co erba doradinha  
fara mutto bo mezinha  
para q te de dor de casado  
¶ Vem Vicente & diz.  
Vicente.

La corremos todo ho lugar  
com todo bom aparelho  
sem lhe hu borracha achar

& antão fomos lhe dar  
a agoa dhum odre velho  
& foy daqueſta feiçã  
tomev a pelle breada  
deſpois de bem cozinhada  
& deilhe hum bom quinhã  
mas não lhe apueitou nada

Negro.

Ieſu nome de Ieſu  
eſſe home ſa moſina  
olhar boſo ſe elle fina  
homo abre oyo tu  
dailhe pruga muito fina  
vic. quanta agora crede q̄ eſſa  
ja ella metida vay  
dentro na minha cabeça

¶ Vayſe, & diz o negro,

Negro.

Boſo muito bruco ſentay  
olha pera mi co tento  
minha ſayo queſa la dentro  
bay boſo logo catar

gon. dizey me qual enguento  
ne. nam me entender a mi  
caixa que te allí fero

gõ. ora pois ſalay dhum perro  
ne. que dizer boſo ami  
dizer voſſo q̄ nam quero

¶ Vaile gôçalo & entra vicēte  
& diz Vicente.

Eu mereço bem ſey  
hua gram figa no olho

que nunca hũa pulga achey  
& entam ſenhor lhe dey  
hum muyto grande piolho

ne. Ha boſo negrígente  
eu dizer pruga butica  
& boſo pruga de gente  
ora boſo emborafica  
porque a mi quere bay  
la fore hum peſſoa curar  
que otra gente me chamar

¶ Vaile & diz vicente.

vic. Podou ho decho aq̄lle  
canzarão de ma ventura  
nam ſabe mais q̄ hua burra  
& quere ſe chamar meſtre  
& diz que ſabe de cura

gon. meu amo ſe elle ca  
vic. ſois vos daquelle negrão  
gon. nam falleis deſſa feyçã  
homẽ baço era ma

ſe quereis ſer cortefam  
vicē. conheceiſme vos ami  
gon. eu boſas bem mal  
vicē. não vos vi eu no louriçal  
gon. por bem dizeis vos aſſi

cuidey que dizies por mal  
vic. & nã me conheceis primo  
ſólgo eu bem de vos ver  
gon. quē vos auia de conhecer  
vi. quãto de vos achar eſtimo

ora primo quero dizer  
& di rocho como vay

ateu yrmão, & yrmãas  
& teu tio loão das rãs  
& ta mãy & a teu pay  
gon. minha mãy & meu pay  
mynha mãy ja ella morreo  
vic. ay erama ja ella finou  
gon. peccador de qnē ca ficou  
q̄ ella esta no reyno do ceo.  
veraquem a formou  
porque toda a casa chcirou  
quando ella assi espirou  
vic. deixou ay alma curada  
gon. como assi pera ver  
vic. dize q̄ mandou ella fazer  
fez cedula antes de finada  
gon. sim fez & achamcelada  
com suas missas & missões  
q̄ venhã cregos & pcisiões  
pera ser bem cantado  
com missa de nouelições  
& a terra de val dos agrōes  
q̄ era a milhor peça q̄ tinha  
a meu pay terça & mais  
toda a metade dos curraes  
& a nos cada cepa de vinha

Vicente

Quem na aconselhou assim  
gō. mien pay & o nosso crego  
lhe pregaram o genesis  
vic. & mal & mal si sim  
gō. nam se vio may tam crua  
& quando eu vim darada

ella era ja papada  
& desfez sea cedula sua  
q̄ estaua mal repespegada  
vi. estareis magoados erama  
por ficardes pobres assi  
gō. de Caralina me pesa a mi  
q̄ dos homēs nada se me da  
ganharam sua vida por hi  
Brarriz & Madanela  
estão ja assoldadas  
hũa dellas tem boas fadas  
que esta co cura da portella  
vicen. essa, esta bem ofadas  
no ajastu do della  
& vossa joanaa pequenina  
gō. essa de ver he hũa piedade  
por ser moça d̄ pouca ydade  
esta assi quebrantadinha  
damor & gram saudade.

Vicente.

Como queda meu pay  
gō. esta carta vos manda  
vicē. & elle como lhe vay  
gu. anda agora em demanda  
elle & maista mãy  
vicē. como queda breatiz  
gō. essa casou co pombo  
vicē & a filha do juyz  
gō. essa todo mundo diz  
que casou a furto co longo

Vicente.

Pardez cōraime facanhas

& Luzia a rabugenta  
gõ. essa he hũa tormenta  
faen ihe casamētos estraños  
mas de nada se contenta  
Vicente aſientate qui  
hum pouco a me esperar  
que eu tornarey deuagar  
porque quero yr por hi  
ver meu amo curar

Vaife & etraa may da romeria  
& diz. may.

Moça, vicē. quē bate la fora  
may. abre esta porta vicente  
vic. venha com nossa senhora  
mai. deos os guarde & acrecēre  
tomay filha a bençamaqui  
que sonhas estando vicente  
leua esse fato da hi  
como estais filha assi

fil. bofa estou bem doente

vil. ella tudo ha de falar  
& os outros nam falaram  
tomay filha minha benção  
& deos vos deixe bē lograr  
com hum marido louçam  
¶ Entra o cura & diz,

Cura.

Ou de casa quem he ca  
vil. see o dono da poufada  
cu. embora seja a chegada  
pois coma dre que foy la  
may. bofa venho bem cansada

cu. isso he do descostume  
may no tēpo auemos de falar  
porque vos posso jurar  
que may de meter no lume  
cu. ora querouos contar  
ao que fama qui chegado  
caso de marauilhar  
mas foy por deos ordenado  
auer Vicente casado  
com vossa filha comadre

may. Iesu nam digais isso  
porque sam de calidade  
que se tal soffē verdade  
sayria de meu siso  
vil. E bem q̄ foy isso cōpadre  
Cura.

Tende paciēcia pequeua  
nam sejais desse geyto  
pois sabeis que ahi pena  
& yr contra direyto,  
Elles ambos sam casados  
nam tendes hi que fazer  
may. Iesu cy dendoudicer  
isto foram meus peccados  
vil. calaiuos senhora molher  
sejão, sejão muyt embora  
nam lhauemos de dar nada  
ouuis senhora espolada  
cura, nam aueis aqui agora  
de falar por via escufada  
Mãy.

Senhores noiuos anday



quanta vergonha q̄ trazeis  
Vicente.

Ora nam vos agasteis  
q̄ se vos conheceis meu pay  
siquais que vos folgareis  
& se vos a mi nam credes  
esta carta o dira  
mandaya ler pera verdes  
se valho algo na terra

em que agora assi me vedes  
Vilão

Ora lus nam aia mais  
ja que deos assi o quis  
fazer os negocios raes  
vos por vida que me vejais  
a carta pera ver como diz.  
¶ Leua ho cura a carta que  
he a seguinte.

Nosso mny rechapado filho.

**N**Os vosso pay & mãy, nos encomendamos em vossa boa  
graça, & vos mandamos nossas bençõis, deste lugar des-  
pada na cinta. E vos encomendamos a quantos anjos ha do  
mar a marinha, pera vos cotarmos os milhões das saudades  
que de vostemos, nam bastaria quanto papel ha no mudo, per  
ca, & per la. E por agora nã mais se nam q̄ queremos casar vos-  
sa yрмаã, co filho do esperdiçado neto do papa chouriços pe-  
denos muito em casamento q̄ quer lhe demos des cruzados en  
dinheiro, quer ametade do nosso casal nã no queremos fazer a  
te não ver uosso recado, E por agora não mais se nam q̄ todos  
estamos de saude ainda que vosso pay treme cada dia maleitas  
quartãs, & eu sam muyto doente da madre. Dízẽ q̄ la ha huas  
nozes que se chamão asnozcadas, ou por hi ou por hi. la o sabe  
reis melhor. E por agora no mais se nam que todos vossos y r-  
mãos, & yrmãs, & tios, & tias sobrinhos, & sobrinhas, & conhe-  
cetes, & conhecetas, todos vos mãdão a suas encomedas des-  
te lugar despada na cinta. oje ametade & outtros tãtos dias do  
mes Dagoſto que vẽna entrada de Setẽbro cu & o tabiliã da  
terra esta notamos oje era de mũ & vinte & tres dias digo ãnos  
De vosso pay, & Mãy, carta

Vicente.

Agora auemos nos  
que cuidaueis vosaquí  
que era eu alguem por hi.

Vilão.

Logo eu disse e quereis vos  
alguem quando vos eu vi.

Mã.

Ora pois que isto he feyto  
nam lhe quero yr a mão  
porem sabe Iesu Christo  
quanta a minha payxaã he

Cura.

Isto soo me contentou  
pera que he tratar requestas  
se não fazer lhe mil feitas  
ja que o senhor ordenou  
astees coufas como estas

Vicente

Folgo de me isso dizer  
poi que essa he toda a verdade  
mas vos auéis de saber  
que he muy grande entender  
o que entende o nosso abbad:

Vilão.

Vos cuidais bem que nego  
que elle he pera monturo

elle se homem duro  
& sabe mais que gil do pego  
que aprendeo no monturo.

Cura.

Ora pois quando mandaís  
que vão comadre a igreja

Mã.

O primeyro dia sancto seja  
pera que he aguardar mais

Vicente.

Alguem madauer enueja.

Cura.

Todo mundo esta emfado  
nam façamos mais dstença  
voume com vossalicença.

Mã.

Pois antes de nos tornar  
cantemos hũa cantiga,  
nam seja tudo pesar

Cura.

Cantemos pois vos praz  
cante madanella ribeira  
que ha dhir na dianteira

Vicente.

E eu yrey ca detras  
com meu sogro na traseira.

¶ Fim.

## Auto de Tlicenteanes joeira

Regateira.



filha.



Ratinho.



Cl.ão.



Auto nouamente feyto, no qual se contem muytas graças, z tem hũa carta muyto graciosa, z entrão as figuras seguintes, s. hũa Regateira, hũa sua filha, hũa comadre, hum vilão mando da regateira, hũ ratiño por nome Tlicenteanes, joeira, hũ Clerigo, dous escudeiros que dão hũa musicanõ meyo do auto, hum negro mestre de Medicina, hum Ratinho seu moço, que ho negro ensina a curar.

Mãe.

Coma moça deffaçada  
nam tês oje que fazer  
ce mo es tam descuydada  
z nam te quer lembrar nada  
que es tamanha molher  
que da louça que lava ste  
que da caia que bani este  
que do comer que fizeste  
seguro que te lembaste  
de quanto oje comeste.

Filha.

Uos mãe auéis de buscar  
quem vos sirua dessa cousa  
porque eu ey de ser mimosa  
pois que Deos me quis dotar  
em estremo tam fermosa  
mãe. nempor isso filha minha  
ba daue: em ti descuydo  
que a quelle que for sefudo  
se te vir tanto doudinha  
vir lhea a bozrecer tudo  
em tua casa faras  
o que te for necessario  
z nisso nam perderas  
mas antes cre que aueras  
mais perreyto o salario  
eu bem vejo a gentileza  
que te quis dar a ventura  
mas eu nam tenho riqueza  
z agora ninguem se preza  
de casar com fermosura  
Deues amar a vertude  
porque em o fazer assi  
de vertude nunca vi  
senão que a dita a uide

z assi pode ser detti

fil. bem vos entendo senhora  
tenho as carnes mimosas  
z coufas de famozas  
nom posso sofrer hũa hora  
q antes não soffra mil coufas  
e mais que posso fazer  
de laurar nũa almofada  
fez me Deos tam vilcada  
que não posso entender  
porque fuy tam mal sadada.

Mãe.

Cre filha hũa verdade  
quisso he mera preguica  
não venha de Deos justiça  
que te quebre a gravidade  
que teu peccado tatiça  
Ahy bem vestu tua mãe  
fer hũa pobre vendeira  
que ella por sua maneira  
trabaiha pera teu pay  
que nam val hũa joeira  
Entra a comadre z diz.

Comadre.

Ou da casa quem he ca  
mãe. Jeiu nunca tal vi  
moça ve quem bate alli  
fil. he a senhora Ynez de Saa  
mãe. minha comadre esta hi

Comadre.

Comadre bem se parece  
o vosso muyto dormir  
auemos nos oje dhir  
mãe. vede vos se vos parece  
se lam horas de partir  
co. bem guiados estamos

sam mais que horas comadre  
mã y pois q̄ derrimais vos  
co. q̄ chameis a meu compadre  
z logo nos partamos.

mã y. hui comadre nam vos falo  
be coufa q̄ não se cre  
inda me dorme sua merce  
do meu Afonço Soncalo  
que negra morte que lhe de  
nunca vi homem tam porco  
que mza ratua falte nelle  
dailbe vos o demo a pelle

Comadre.

**E** se he tam dor: minhoco  
como cafastes com elle.

Mã y.

Comadre he de sua itro  
contaruolo be canceyza  
eu vendia na ribeyza  
z no rocio do bairo  
quando alli se fazia feyza  
alli inuernho z verão  
vinha elle do Cerolico  
a vender a cabra z o cabrito  
z a ouelha, z o cabram

assi que vos falo isto  
Eu mande ilbe falar nisto  
z elle quillo fazer

comadre não sam molher  
em velo. seu pouco liso  
que se nam pode sofier!  
co. comadre crede que nos  
som da mzas de contentar  
porque elle he homem singular  
mã y. hui comadre si quer vos  
tam dem me qnereis cegar

por vida vossa esperay  
tereis hum pouco de prazer  
moça vailbe dizer  
que digo eu a teu pay  
se sam horas de serguer

co. benza Deos aqueila filba  
z vela guarde de mal  
falla nella Portugal  
z não z gram marauilha  
pois Deos vela fez tal!  
Ihe fermosa em estremo  
tendes filba de bençam  
tendes o pay no coraçam  
mã y. comadre sabe ora o demo  
se he elle seu pay se nam  
co. desse geito abi me calo.

**U**ema filba, z diz.

Filba.

Diz que ja se quer vistir  
mã y. dizey Affonco Soncalo  
sam la horas de dormir  
vil. senhora molher feyto seja  
queu me sejo leuantando  
mã y. ora pois q̄ estais cuidando  
vinde ver Ynez de Saa  
vil. Ynez de Saa esta hi  
ora aguarde que ja vou  
mã y. ma lo pa venha porti  
z por quem t e iuda m̄ nou  
quetu mas de por no fim  
vil comadre muyto mantenha  
mã y. benga Deos a sam Thome  
diz Affonco Duzenba  
fallas por mantenha  
como negro de Guine  
vil. corpo ora nam de sam

A ij

q̄nam foy ora mal tamauho  
mã. inda fallas bestarão  
vil. bofa q̄ se vos agarho  
que vos mude a condição  
cõ. compadre fallastes bem  
isso he falar dyz mãos  
z falla que mais conuem  
z nã por beijo vos as mãos  
porq̄ isso não vay nem vem  
mã. Tos cuydais q̄a pereira  
la por tempo da seu fruto  
vil. si quais vilante Ribeyra  
cuydara que sabe muyto  
z chantalaey nua; oeyra  
z seu nego não mengano  
eu vos sey fallar muy bem  
o lingoado castelhano  
como eu faley ogano  
que não mentende ninguem.

Comadre.

Castelhano eu jurarey  
q̄ rēdes vos cõpadre modos  
de falar per ante ei issey  
vil. z comora falarey  
z saber milhor que todos  
porque esta nanossa aldeas  
que diz que jo tengo vea  
pera fallar em Castella  
z nas partes da Rochella  
mã. comadre jaa elle começa  
pois inda isto não he nada  
que se se elle desempeça  
dara tanta badalada  
que vos quebre a cabeça  
suey era mia vergonha  
q̄ vos fois de honrra minha

vil. quereis vos calar deudinho  
peo dou o decho a peçonha  
que assi z lambareyinha  
mã. Jesu mana quem mo deu  
este hom: indos chapiteos  
vil. quereis vos que ce mece eu  
com q̄ vos rompa esses veos

Abã.

Comadre quereis saber  
que ahi dia azul ha go  
deira homem de tocer  
z procurar de saber  
semos dhir a Sanctiago  
porque Ynez de Saa não vem  
pera outra coisa caa  
z por isso se detem.

Quão.

Vamos pois aramas  
mã. Olhay o sise que tem  
z a oração com que parte  
tu ficaras Abadanella  
nesta casa z olha por ella  
z por tua vida guarde  
que nam fayas fora della  
Contigo fica Vicente  
as de ter em ti tal regra  
que nam falles com gente  
nem alua nem negra  
se me queres ver contente

Comadre.

Benza Deos minha filhada  
bede muy boa criação  
z por isso tenbo esperanças  
que fara feytos obonrada  
como quem virtude alcança  
mã. filha a filha generosa

na castidade semp achba  
perafer mais virtuosa  
fil. senhora nam digo cousa  
porque say a sem tacha

Uilão.

Olhay bem que facais  
como filha de benção  
mã. ora sus nam a; a mais  
datime o sayo 7 o bordão  
7 o chapeo 7 os coraes  
7 Uicente me chamay  
que venha logo ca  
a sinha filha acabay  
fil. Uicente vay logo la  
vicê. si eray pois amo mandais  
correndo logo num pee  
que por vos nunha ma he  
ma's negra se bem olhais  
que forro de chênune.

Uilão.

Uicente oues ou não  
vicê. ouco. bem que mandais  
vil. vay lá dentro macharas  
a carapuça 7 o gabão  
acaba a zinha rapaz  
co. ja coma dre estais muy bem  
pera que he tanto tardar  
mã. filha tornouos a rogar  
que não entre aqui ninguem  
pera conuoso falar.

Loma dre.

Ora sus 7 vamos embora  
levantay eilla fald. ilha  
mã. ora ficay nunha filha  
7 guardeno 3 nossa senhora  
de gente de ma. coadriha

vil. anday senhora molher  
corpo de mim co diabo  
mã. Uicente teras cuydado  
que nam cures de fazer  
senam della o seu mandado

Uilão se. 7 diz a filha  
filha.

Uicente vai me catar  
a nossa esteira pintada  
vicê. Desteira bem fadada  
quem em ti se ha d'assentar  
trago eu na alma fechada  
fil. nam he pouco atreimento  
o que este moço traz  
mas busque eu sofrimento  
que eu leuo contentamento  
7 muyto me satisfaz  
porque terey eu crueza  
em me fazer assi  
pois que me elle quer a mim  
como tenho per ferte; a  
nam lhe quero mal em fim

Dalhe a estera 7 diz.

Uicente anes

Auia misser o amor  
degradado por hi alem  
porque nunca a cutre m ninguem  
desse elle tamanha dor  
como a mi da do me tem  
vedes vos o rapazete  
tamaninho 7 guerreiro  
que ja quer fer referreiro  
vedes vos quem no mere  
ser ce migo tenço eiro

Filha.

A. iij

bem **E**licente tu que dizes  
que estas lafoo falando  
vic. estava eu a **D**eos rogando  
que me não martirizes  
nem mandes martirizando  
porque tanto co teu desejo  
mestou eu ca desfazendo  
**F**il. que dizes que não tentado  
vic. que ando assi como te nã vejo  
comego morto riuendo  
**F**il. mal se enxerga isso em ti  
**E**licente tu es tredo r  
vic. na y alma trago hum ardor  
que moxrendo ando eu assi  
co desejo do teu amor  
**T**rago os bofes danados  
z o ventre z as fressuras  
z paio nul amarguras  
tudo por teus cuydados  
z do branfe me as trifsuras  
z se eu ora em ti vira  
hã dor destas minhas dores  
hã cuydado de meus amores  
nã andaria tam triste  
cercado de mil temores

**S**o por não cobrares fama  
de crua z matadora  
nam consintiras tu agora  
que marderá esta cbama  
z a frotara la senboza  
**F**il. dije com que te tirara eu  
essardor. vic. com hum abraço  
**F**il. mas darter hum baraco  
vic. mas seja hum beijo teu  
que me regue o espiritaco

**N**o não sejas tem indinado  
por tua vida contra mim  
bofas que es mais reim  
que hã cadella danada  
empago de ser doudo por ti  
olha que te quero dizer  
que nunca hã moça vi  
tam bonita como ti  
z de tam bom parecer  
por que toda es scyta assi  
**S**amicas a minha vontade  
no teu cantar z bailar  
z no elhar z no assentar  
tens hum geito qã a si ma arde  
a quem bem te contempnar  
porque es tam delicacia  
no teu ar. no teu geito  
tens hũ corpo tam bẽdredito  
que nunca a vi tam acabac  
comati.

**F**ilha.

**M**e mal feyto  
gayares me tua mi  
de tanta perfeçã  
vic. he porque meu coraçã  
trago chentado em ti  
z na tua desposiçã  
**F**il. andar emboza z ter bem  
olhadela o quebranto  
vic. priza o bento spiritu sancto  
que nunca eu veja a ninguem  
outro tamanho quebranto

**P**orque mox mal queres tu  
que ma companheas mi  
que me ver andar assi



seyto botas de nru  
z tudo por amor de ti  
fil. Vicente tira la a mão  
não te veção  
vicen. si tirarey  
mas nanja do meu desejo  
filha.

Isso he muyto despejo  
olba que me agastarey.  
Vicente.

Dame tu mana hum beijo  
que logo me guardarey  
fil. dar tey hũa grande figa  
vica. pois o teu amor mobriga  
aqui logo me matarey  
z seras fora de sadiga  
z a alma offrecerey  
a Deos pois que m'adeu  
z o coração a ti que beteu  
z então te contentarey  
fil. dou te a sam Bartolomeu  
não digas isso que nã quero  
que te mates tu por mi.  
vic. por te ver tam crua assi  
fazes com que de espero  
que nunca a mais crua vi  
dize por ta vida te rogo  
que te pode a ti danar  
deitares das soprar  
osticces deste fogo  
que me deixem d'abrasar  
Aue ora doo Añadancilla  
do triste do teu vicente  
aue ora doo ma ora z nella  
z nam queiras ser contente  
de mi nha grande mazella

olba eu porti me fino  
tu malembra nas lauradas  
z por ti tenho eu as fadas  
que pode ter hum mo fino  
reboluido em taes meadas.  
filha.

¶ Assim Deos te de prazer  
que me contas tuas dores  
z todo teu bem querer  
porque folgarey de saber  
com quem traz estas amores  
vicen. por isso quero morrer  
se queres saber com qual  
senhora por ti me perco  
z tenho tam rijo mal  
que me vou tornando seco  
como besta do cural  
E se te deixo dolhar  
salta comigo tal frezma  
que creq mais me queima  
que agoa de rosalgar  
z por tanto as de saber  
eu tenho ja jurado  
que as de serinha molher  
z as contente de ser  
porque eu sam bem aparçtado  
E nãe me ve as o corpo  
que ja mo barbigo pinta  
z mais não sou tão cachopo  
que tenho espada na cinta  
muyta vaca z muyto porco  
ve ora se es contente  
não me negues conforto  
fil. que pod'edizer a gente  
vic. di ra que sois muy prudente  
z não matardes hũ morto

ora queres que nos casemos  
di rogocho **A**Badanella  
fil pois sem mais estremos  
queres que a tal me atreua  
em que a sorte he escura  
ja que o quis a ventura  
vay buscar quem os receba

**V**icente,

Isa bem ditoso moço  
mais q̄ doce fruto em mata  
**A**Badanella minha prara  
escanchate neste pescoco  
antes que de ti me aparte.

**A** abraça e diz

vicẽ. Ora ficay minha fiol  
q̄ eu não posso muyto tardar  
porq̄ eu quero yr chamar  
nessas oras o priol  
que nos venha ambos fallar.

fil. Faze algũa falsada  
que nos cara pouco em bem  
se estiuer com elle alguem  
não lhe as de dizer nada  
senam so sem ninguem  
vic. guardenos **D**eos de mal  
vos cuydais que sam tolo  
e ylhe de chegar ao meolo  
e dizerlhe tal, e tal  
porque eu não sou sebo.

**A** Não se e entrão deus escudey  
ros, e diz **P**ero camões.

**P**ero Camões.

Senhor podeis assentar  
que he trabalho infinito  
de quantos podeys cuydar  
he o trabalho de spinto

rui. nam tendes que duuidar  
que he dos mores trabalhos  
de quantos trabalhos vi,  
per. ora pois senhor senti  
e verets q̄ esses trabalhos  
nam podem nascer de mi  
rui. não me façais tão çarrado  
porque eu sey q̄ quereis bem  
e que sois muy namorado  
per. coitado de hum coitado  
que todos trabalhos tem  
rui. mas antes podeis dizer  
coitado do pouco siso  
per. ha senhor que não falo nisso  
que he diabo querer bem  
e mais quem ama de siso  
rui. foy a mais alta pequite  
amores de isa feççam  
que se vio nem que se visse  
per. ca não lhe acho rezam  
nisso que agora disse  
porque o homem q̄ he discreto  
e ha dançar damores  
que la passe suas dozes  
como poder encuberto  
e não lhe sabão sen sabores  
porque a coufa he de tecer  
que nenhum paruo queria  
que ouuesse outro mor deutor  
rui. chamim me por essa via  
muyto poruo e sem sabor  
per. toma la ao reues  
que eu não no disse por tanto  
rui. tomo o em que me pes  
ros senhor faz esuos sancto  
e roubais mais que frances

fois pregador encarrado  
z rezais au âgelhos meros  
z sey que fois namorado.  
rui. senhor estais enganado  
que eu não cayonesses erros  
per. quero eu saber agora  
pois o mundo enmendais  
porque causa mestranhais  
que não sirua bñã senhora  
rui. ainda vos duuidais  
pois auets de presumir  
que inteira como eita he  
a ninguem auets de feruir  
per. folgo eu de vos cuuir  
mas d'aimie porque  
per. porq̃ a terra he tam pequena  
que logo fois conhecido  
oua moça vos acena  
ys de todos muy corrido  
lã dizem que ella que zõba  
z que vostem tanto em pouco  
outros mil vos chamão loco  
outros vos falão com tromba  
z auets uos de fazer mouco.  
per. eu vejo senhor que passa  
z sinto que he vergonha  
andar de praça em praça  
por terra tamen fadonha  
rui. eu sey se não me engano  
que fazeis dos consoantes  
fazeis mil autos cadano  
z todos muyto galances  
sem fazer a ninguem dano  
em vos farão aparato  
z ferets fauorecido  
per. senhor eu tenho sabido

que quem entra aqui em auto  
o tem por muy abatido  
porque se estais fallando bem  
hum dito muyto arilado  
olhay bem pera vosso lado  
ouuireis dizer que bem  
de ferdes desauergonhado  
Tem quatro moços auo  
os quaes nunca virão gente  
em que o auto fosse quente  
dizem que foy muyto frio  
que nam vam delle contente  
vos estais uos desfazendo  
z apaixonando em forma  
por estalos comprazendo  
ei senhores vão dizendo  
que foy muyta boa brema  
rui. Solo tanto senhor meu  
tendes vos muito empacho  
dellas obras de sandeu  
per. pois que culpa tenho eu  
se eu figuras não acho  
rui. q̃ as não busqueis vos narca  
buscayas com diligencia  
z achareis sem aderencia  
manebos de muyta marca  
figuras por exelencia  
per. eu nam sey como vos diga  
o que daqui me contarão  
he que anda aqui hã buga  
dús manebos q̃ emprebarã  
z trazem keys na barriga  
cadahum destes tem passos  
que do mesino mundo dobra  
z dizem que não vam a obra  
onde vão trinta madraços

z bella tam pouco se cobra  
rui. segundo saynha certos  
dizerem males por vico.  
tem vos a vos por te misso  
z a si fazem ser discretos  
z não curam nada isso  
per. o que eu aqui finto mais  
isso quero eu calar  
rui. nam quero que mo digais  
per. pois deixai me namorar  
rui. nam vos tolho que façais  
per. ora dai me o desengano  
de hum morezinho que fiz  
a quem siruo por meu dano  
rui. vejamos pois como diz  
per. diz assi em castilho mo

**Ahorc.**

Mo es muy chica merced  
si venis mirar al techo  
ni hazeis contra derecho.

**Fala,**

Se quereis senhor saber  
como vay assi fundado  
ruos la sobre hum tejado  
rui. esta o mote arilado  
pe. pois a volta a: eis de ver

**Volta.**

Uos s'is vida de m'ida  
z de corpo cuyrado  
hazeis de a vuestro grado  
como fuerdes seruida  
y si alla estais scbida  
por mirar en este hecho  
no hazeis contra derecho

**Ruy Barboza.**

Como esta sancta **Maria**

esta coufa singular  
per. senhor não cure de zombar  
rui. chamais vos zombaria  
não tendes bi que tachar  
z portanto eu abranjo  
que querer bem he canseyra  
mas di: er quem he esse anjo  
per. he **Madanela Ribeyra**  
em que não ha del arranjo  
rui. dizem que esta rapanga  
que he h'ia **Lerfabe**  
per. senhor por me fazer merce  
que cante h'ia cantiguinha  
ca m'itando assi em pee  
rui. ouirnos ha a si agora  
per. sabeis como que sobeja  
mas a meca nam deseja  
se não ver me cada hora  
rui. qual quereis senhor que seja  
per. pode bem senhor dizer

esta cantiga estimada  
que jan ago de corada  
que nunca me quer ver  
nem se tiraval mofada

**Cantiga.**

Uida minha de meu bem  
pois vos siruo com amor  
tirai os olhos do lauz

**Volta.**

Mãa vez em todo o anno  
z se he caso que vos vejo  
y me falar do v'efejo  
z mata sine com engano  
vos laurais em v'ello pano  
mas eu siruo com amor  
tiray os olhos do lauz

**E**ntra o ratinho z diz **P**ero  
camões

Senhor embuçaiuos vos  
porq̃ eu me buço tambem  
porque o seu ratinho vem  
nã m conbeca algum de nos  
polla sospexa querem  
vieu. Tapay essas queixadas  
q̃ vos não conbecã pecanha  
quem vos desse mil pãcedas  
dizey porq̃ nã tendes vergonha  
dandar nellas cantadã.

per. quereis vos calar vilão  
que preis taqui escozido  
vic. vos nãc meis de pora inão  
rul. quereis fazer onião  
cem q̃ sejam os conbecidos  
oraday senhora a espora  
z nãc este mos aqui mais  
per. vamos ambos juntamente  
nisto assi praticado  
pisea a noite gastando  
z quem for menos contente  
esse tal va sospirando.

**E**lãose, z diz **V**icente  
ao cura.

Porq̃ eu sey que vos abade  
lois peifoa virtuosa  
vos chamey a hãa coufa  
eis de ter polinade  
porque he muyto perigosa  
cu. Quanto he filho de mi  
vos podcis ser murto certo  
que nãc fereis de icuberto  
z auery lo de crecr assi  
que vos mantrey secreto

seja graue ou nãc seja  
toque a pobres. to que aricos  
quanto he desses bicos  
seguro que nungum me veja  
sem vontade em mexirticos  
z por tanto podeis fallar  
o que bem vos parecer  
vic. vos padre eis de saber  
que eu vos fuy chamar  
que he coufa de mister  
z por tanto elbaí senhor  
que maueis de ter calado  
eu quera ser casado  
cu. se a moça for contente  
tendes tudo auiado  
vic. z mais que recontente  
cu. z quem he a gentil dama  
vic. he a filha de minha mã  
que me fez ja ser doente  
por seus amores em cama  
z agora quer dar cabo  
baí alma, z o coração.  
cu. z o pay. z a mãy cãde sam  
vic. sam ydos a Sanctiago  
z ja a oje nãc virão  
cu. disse ella ja que si  
que quer cem vosco casar  
vic. que quer mais q̃ recasar  
corpo ora nãc de mi  
com tanto repreguntar  
cu. Salamão em sua lida  
z regra disse assi  
malladito que bo mo  
in nei domine confidida  
pois daíma rezãõ por ce mo  
a tal rezãõ nãc he euvida

que seja fero animal  
em hum necio refalsado  
vay fazertanto mal  
a seu amo muy honrrado  
vic. Que diabo he o diabo  
y llo sam oras dy greja  
cu digo que embora se a  
e do mais a qui acabo  
antes que alguem nos veja  
vic. quanta d'isto sam contente  
Adadanella say ca fora  
cu senhora de boa mente  
casais vos embora  
com este moço Elicente.

Filha.

Ja que eu a isto vim  
eu muyto contente sam  
vic pois qu'ateu senhor de mim  
eis a qui a minha mão  
u oras pois dizey assi  
eu Elicente anes foeyra  
com toda a vontademinha  
a vos Adadanella Ribeyra  
recebo por molher minha  
E vos dizey desta maneyra  
Digo en que sam contente  
sem ninguem me dar d'ibeyro  
de tomar por meu parceyro  
a este moço Elicente  
com amor a llo llo fongeyro

Lura.

Ora filhos com isto  
fols chegados ao amor  
para a noit'e redempçõ  
que seja por seu seruiço

Amboz amen.

Lura.

¶ Aqui não ha mais que fazer  
seja pera vosso descanso  
vic. muitas merces Bras picanço  
quando for o receber  
pera a outra vez embora  
vireis padre ca comer  
e hi com nossa Senhora

¶ Mas se e diz Elicente  
Somos nos assentados  
como outros noyos sem  
e alem breuos meu bem  
de qu'atos cêtos de cuydados  
me deite s com vosso desdem

Filha.

Boa mal malembro eu  
que tantos males vos fiz  
vic bem vereys o que ella diz  
que fuy sa mais q'fandeu  
pollo grande bem que lhe quis  
E Esmorece a filha e diz

Filha.

Jesu seja contigo  
vi. ho pesa minha mãy torta  
ho bento senhor sam Rodrigo  
ho molher não sejais morta  
ouais vos o que vos digo  
fala me coraçõ meu.  
que me fãno em veru o stal  
fil o Jesu que forte mal  
foy este que mora deu  
vic. y deus dentro gettar  
e froutar vos ha essa dor  
porque eu quero yr chamar  
hum bacarel ou doutor  
pera que vos venha curar.

**¶** Leua pera dentro, z entra  
o negro z diz.

**¶** Negro.

**¶** Aduy gram trabayo q̄ tem  
homem que misere sentar  
sempre homem andar andar  
gô. assi senhor tambem  
ganhar, ganhar, ganhar  
ne gayar a mi. quebra dentes  
o tera muy to roim  
z o gimbo pera mim  
pera pagay nam tem jentes  
z responde baite dahi  
gô. fazcime vos mestre **Sôcalo**  
z eu sararey os doentes  
z paray vos bem mentes  
nisto que vos eu falo  
ne. como curar boso gentes  
se boso nam sabe screber

gô. pois eu não posso aprender

**¶** Entra Vicente z diz

vic. Sula por voſſa fee  
pois ſois homem de prol  
onde se mestre **Suine**  
gô. vos não vedes que aſſi fee  
vic. ſiquais aquelle he  
gô. eſſe he mestre **Thome**  
vic. mestre eu entendo  
que por minha moſina,  
minha eſpoſa ſe me fina  
z por iſſo venho correndo  
moſtrar uos eſſa ourina  
ne. moſaraca ſacuray  
ſabe boso homem orrado  
eſſe muer ſaprenhado  
vec. agôza prenhe meu pay

vos ſois o mestre chapado  
ne. no ha miſter mais parola  
ſabe boso que ha de fazer  
bay dar boso a beber  
agoano erabiola  
então torna a miber  
vicen. z ecmiſſo ſarara  
ne. bay voſo fazer que digo  
vicen. eis me vou correndo ja  
ne. **Soncalo** bem boſca  
quere aprender comigo  
gô. Si mais eis me diſſinar  
aſſi algú curazinha  
ne. como não ſabe boso ja  
coſa argúia de curar  
gon. milhor q̄ burra frontina

**¶** Entra o ratinho z diz

**¶** Vicente.

**¶** Senhor venho vos contar  
minhas parçees mais de mil  
que corri todo lugar  
ſem nunca poder ſabar  
viola ſe não rabil  
z então ſigio meude  
z mandeyo logo cozer  
z demos lho a beber  
mas ella não tein ſaude  
nem nos temos em q̄tainger  
ne. pardes boso ſentar  
muto grande bela tolo  
ſeu mandar que boso dar  
agoano erabiolo  
z boso não ſey que falar  
vicen. violas de ruas ba hi  
nunca as viſe não de pao  
mas ſe vos ſoyſ tam mao

que quereis zombar de mi  
hi ranger com bumbirimbaõ  
ne. ho boso faz mox saluage  
do que nunca posso ber  
bay logo dar beber  
bum poco no agoa bozage  
z entam tornar mim ber

**C**layse z diz o negro.  
ne. quero acabar en sinar  
gon. que comece dengordar  
cu nain sam gordo fartura  
ne quero acabar an sinar;  
gon. boa eitara a cura  
fepta de vosso mandar  
ne. que sentar tu dizendo  
gon. z eu que demo ey de dizer  
ne. ora sus começar a beber  
gon. eu negro nam tentendo  
nem entendo teu saber  
ne. ora sus sentar calado

toinã hũ pouco tormentina  
gon. que saiba a salae Regina  
isso be bem escusado  
ne. z co erba dozadinha

fara muyto bo mezinha  
para q̄ te de dor de casado

**C**iem Vicente z diz.  
Vicente.

**C**La coremos todo ho lugar  
com todo bom aparelho  
sem he bũa borracha achar  
z antão fomos lhe dar  
a agoa dhum odre velho  
z foy da questa feyção  
to meza pelle breada  
de pois de bem cozinhada

z deilhe bumbom quĩnbão  
mas não lhe aproueyto nada  
**N**egro.

**J**esu nome de Jesu  
este home sa mo fina  
olhar boso se elle fina  
home abre oyo tu  
dalbe puga muyta fina  
vic. quanta agora crede que essa  
ja ella metida vay  
dentrona minba cabeça.

**C**layse, z diz o negro.  
**N**egro.

**B**oso muto bruco sentay  
olha pera co bo tento  
minho sayo sala dentro  
bay boso logo catar  
gon. dizeme qual ingoento  
ne. nam me entender a mi  
cara que tem alifero  
gon. ora fallay dhum perro  
ne. que dizer boso a mi  
dizer boso que nam quero  
**C**layse Bócalo z entra Vicente  
z diz Vicente.

**E**u mereco bem sey  
bũa gram figano olbo  
que nunca hũa pulga achey  
z então senhor lhe dey  
hũ muyto grande piolbo.  
ne. **H**a boso nigrigente  
eu dizer puga botica  
z boso puga de gente  
ora bo, o embora fica  
porque a mi quere bay  
la fora hum peifoa curar



que outro gente me chama  
vic. **Uayse** e diz **Uicente**  
vic. **Do** dou bo decho a quelle  
canzarão de ma a ventura  
não sabe mais q' h'ia burra  
e quer se chamar me sire  
e diz que sabe de cura  
gon. meu amo se elle ca  
vic. sois vos da quelle ne grão  
gon. não faleis dessa jeição  
homem beço erama  
se queris ser cortesam  
vic. conhecer me vos a mil  
gon. cu bo faz bem mal  
vic. não vos vi cu no leuical  
gon. por bem dizis vos assi  
cuy dey que dizis por mal  
vic. e não me conheceis f'z mo  
folgo eu bem de vos ver  
gon. quem vos avia de conhecer  
vi. quanto de vos achar estimo  
ora primo quero dizer  
e di rocho como vay  
a teu yrmão, e yrmãos  
e teu tio **João** das rãs  
e ta mãy, e a teu pay  
gon. minha mãy e meu pay  
minha mãy ja ella morreo  
vic. ay arama, ja ella finou  
gon. peccador de quem ca ficou  
que ella esta no reyno do ceo  
vera quem na formou  
por que toda a casa cheirou  
quando ella assi espirou  
vic. deixou ay alma curada  
gon. como assi pera ver

vic. disse que mādou ella fazer  
fez cedula antes de finada  
gon. sim fez e a chancelada  
com suas missas e missões  
q' venhã cregos e procuresses  
pera ser bem cantado  
com missa de nouelições  
e a terra de val dos agrões  
que era a millhor pera q' tinha  
a meu pay a terca e mais  
toda a metade dos curaes  
e a nos cada cepa de vinha.  
**Uicente.**

**Quem** na a conselhou assim  
gon. meu pay e o nosso crego  
lhe pregarão o gne sim  
vic. e mal e mal si sim  
gō. nam se vio mãy tam crua  
e quando eu vim darada  
ella era ja papada  
e des fez se a cedula sua  
q' estava mal repescgada  
vic. estareis magoados erama  
por ficardes pobres assi  
gon. de **Catalina** me pesa a mi  
que dos ho mēs nada se me da  
ganharão sua vida por bi  
**Breatiz**, e **Abadanella**  
estão ja assoldadas  
h'ia dellas temboas fadas  
que esta co cura da portella  
vicen. essa, esta bem osadas  
no ajas tu do della  
e vossa joana a pequeninha  
gō. essa de ver he h'ia piedade  
por ser moça de pouca ydade

estã assi quebrantada  
daimoz z gram saluade  
Vicente.

Como queda meu pay  
gõ. esta carta vos manda  
vicẽ. z elle como lhe vay  
gõ. ouda ogora em demanda  
elle z maista may  
vicẽ. como queda Beatiz  
gõ. esta casou co pombo  
vicẽ. z a filha do iuyz  
gõ. esta todo mundo diz  
que casou a furto co longo

Vicente

Pardez conta-me façanhas  
z Luzia a rabugenta  
gõ. esta he hũta tormenta  
faelhe casamentos estranhos  
mas de nada se contenta  
Vicente assentata aqui  
hum pouco a nie esperar  
que eu tornare y de uagar  
porque quero y por hi  
ver meu amo curar

Clayse z entra a mãy da romeria  
z diz mãy.

Aboca. vicẽ. quem bate la fora  
mãy. abre esta porta Vicente  
vic. venha com nossa senhora  
mãy. deos vos guarde z acrecẽte  
to: mãy filha a bençãa aqui  
que sonhas estando vicente  
leua esse fato dahi  
como estais filha assi  
fil. bosa: stou bem doente  
vil. ella tudo ha de fallar

z os outros não falarão  
tomay filha minha benção  
z Deos vos leire bem lógrar  
com hum marido loução

Entra o cura z diz.

Cura.

Du de casa quem he ca  
vil. see o dono da pouxada  
cu. embora seja a chegada  
pois comadre que foy la  
mãy. bosa venho bem cansada  
cu. isso he do descostume.  
mãy. no tempo auemos de fallar  
porque vos posso jurar  
que me y de meter no lume  
cu. ora quero vos contar  
ao que sam aqui chegado  
caso de marauilhar  
mas foy por Deos ordenado  
auer Vicente casado  
com voſsa filha comadre  
mãy. Jesu nam digais isso  
porque sam de calidade  
que se tal fosse verdade  
fayria de meu siso.

vil. E bem q foy isso compadre

Cura.

Tende paciencia pequena  
não sejais desse geyto  
pois sabcis que ahi pena  
z y contra direyto,  
Elles ambos sam casados  
nam tendes hi que fazer  
mãy. Jesu ey doudou decer  
isso foram meus peccados  
vil. cala uos senhora melber

sejão, sejão muytembora  
nam lbaue mos de dar nada  
ouuis senbora esposada,  
cura, nam auets aqui agora  
de fallar por via escusada.

Abãÿ.

Senbores nouos anday  
qnanta vergonha que trazeis  
Vicente.

Ora nam vos agasteis  
q̃ se vos condeceis meu pay  
si quais que vos folgareis  
z se vos a mi nam credes.

esta carta o d'ira  
mandara ler pera verdes  
se valho algo na terra  
em que agora assi me vedes  
Ulão.

Ora sus nam aja mais  
ja que Deos assi o quis  
fazer os negocios raes  
vos por vida que v'ejais  
a carta pera ver como d'iz.

Leho Lura a carta q̃  
he a seguinte.

O Hollo muyrechapado filho

Nos vosso pay z mãÿ, nos encomendamos em vossa boa graça,  
z vos mandamos nossas bencões, deste lugar despada na cinta.  
E vos encomendamos a quantos anjos ha do mar a marinha, pera  
vos corarmos os milhões das saudades que de voste mos, nam  
bastaria quanto papel ha no mundo, perca, z per la, E por agora  
não mais, senão que queremos casar vossa yrmãã, co filho do esper-  
dicado neto do papa chouricos pedenos muyto encaamento, que  
quer lhe demos dez cruzados, em dinbeiro, que a metade do nosso  
casal não no quifemos fazer a tenão ver vosso recado. E por agora  
não mais senão que todos estamos de saude ainda que vossio pay tre-  
me cada dia, maletas quartãs, z eu sam muyto de ente da madre.  
Diz que ha la hũas nozes que se chamão asnozcadas, ou por hi, ou  
por hi, la o sabereis milhor. E por agora no mais senão que todos  
vossos yrmãos, z yrmãs, z tios, z tias sobunhos, z sobunhas, z co-  
nhecentes, z conbecentas, todos vos mandão as suas encomandas  
deste lugar despada na cinta, oje a metade z outros tantos dias do  
mes D'agosto, que veni na entrada de Setembro, eu z o tabalã da  
terra: esta notamos, oje era de mil z vinte z tres dias digo annos.

De vosso Pay, z Abãÿ, carta.

Vicente.

Agora auemos nos  
que cuydaueis vos aqui  
que era eu alguém perbi.

Vilão.

Logo eu disse quereis vos  
alguém quando vos eu vi.

Abã.

Ora pois que isto he feyto  
na milhe quero p a mão  
porem sabe Jesu Chusto  
quanta a milha paixam he

Cura.

Isto soo me contentou  
pera que he tratar requestas  
senão fazerlhe mil festas  
ja que o senhor ordenou  
as taes cousas como estas.

Vicente.

Folgo de me isso dizer  
porque essa betoda averdade  
mas vos aucis de saber  
que he muy grande entender  
o que entende o nosso abade

Vilão.

Vos cuydais bem que nego  
que elle he pera monturo

elle se homem buro  
e sabe mais que gil do pego  
que aprendeo no monturo

Cura.

Ora pois quando mandais  
que vão comadre a ygreja.

Abã.

O primeyro dia sancto seja  
pera que he aguardar mais

Vicente.

Alguém ma dauer enueja.

Cura.

Todo mundo esta em fado  
na m fazamos mais derença  
voume com voſſa licença.

Abã.

Pois antes de nos tornar  
cantemos húa cantiga,  
na m seja tudo pefar.

Cura.

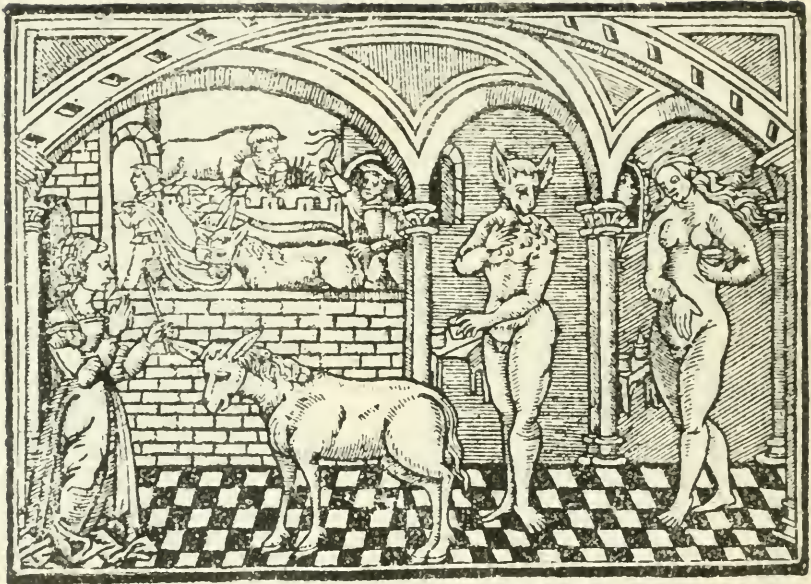
Cantemos pois vos praz  
cante Adanelia Ribeira  
que ha obir na dianteira

Vicente.

E eu prey ca de tras  
com meu sogro na trazeira.

C. f. m.





# Auto de Dom Fernando.

Representen. Antonio Pacheco. D.º Fernando. Moço. Isabel.



**A**uto nouamente feito em que se representam treze figuras. s. hũ moço despozas representado, dom Fernãdo, hum moço seu, dous vilãos chamados, Joã loufado, e Pero dornelas, dous moços do paço, hum chamado Abreu, e o outro Saa, hũa moça chamada Isabel, hum Castelhana, hum escudeyro, per nome Antonio Pacheco, com hum moço que se chama Sequeyra, hum Negro, hũa velha mãy da moça.

**E**ntra logo o moço despozas representando a Obra.

**Representadoz.**

**S**ão trabalho de caminhar  
chegado agora esta ora  
e queria repouzar  
mas sera muy mau dachar  
aqui guasalhado agora  
e se toda via de  
possiuel auelo aby  
po e me fazerem merce  
que alguém sem mudar bo pe  
me encaminhe daqui.

**P**orque caminhar sem guia  
nao acho que bo soporte  
e eu por nao perder bo norte  
durmo aqui oje esta dia  
posto que de cousa muy forte  
porque a preza com que vou  
nao leuou nunca ninguem  
questes lugares dalem  
compre e ja asentou  
que se proucyão muy bem.

**P**orque ya quisto assi vay  
e se assi for adiante  
e o caso passa auante  
vos crede e assentay  
que a de passar o infante  
e entao selle passar  
trinta xarytes muy fortes  
ninhũ na ha desperar  
mas antes lbemos de dar  
a todos muy novas mortes

**P**orque nao sa de sofrer  
q̃ hum perro imigo da se  
tomase o cabo da gue  
e bo tenda em seu poder  
e nos dizer seyto de  
se nao virarmos sobre elles  
todos como bũs liões  
e muy fortes corações  
ate lbe trazer al pelles

**e** fazer dellas seyroes.  
**E** porque venho cansado  
e quero p̃r repouzar  
hã me senhozes da dar  
licença e o contado  
por ora pode bastar  
porque a certeza de tudo  
nao ha nhũa pessoa  
que a sayba maa nẽ boa  
e pode ser que outro mundo  
p̃ra jaguora em lizboa  
**P**or isso vesam se mandam  
la de ni algum sernico  
posto q̃os negocios andam  
como vem, por em se mandam  
nãserem esquecido  
e quero me recolher  
que me parece ja oras  
e cy me cedo derguer  
bejo as mãos sem me deter  
dos senhozes e senhozas

**F**inge que se vay, e tozua  
dizendo.

**C**omo sou sem sabor  
tenho muy roym memoria  
pois mesquecia o melhor  
da guita e desta estoria  
vindo agora de caminhar  
encontrey cõ nam sey quantos  
mancebos galantes santos  
e segundo eu adeuinbo  
bem valem mais outros tantos  
rogaram me rijamente  
que fizeste aqui saber  
como queriam entender  
em dar prazer a esta gente  
e que folgassem de os ver  
**H**um auto dizem que he  
deue de ser pera ouir  
podereis gostar e rir



2 quem estiver em pe  
se cansar poder sa yz  
2 eu sou logo bo p2meiro  
inda que tinesse assento  
porque nunca me contento  
se nam com muyto dinheiro  
q em fim todo o al he vento.  
E senisto falo mal  
fique soo comigo a culpa  
mas saqui a algum tal  
que disto faz cabedal  
tem comigo ma desculpa.

¶ **Wayle de todo: 2 entra dõ  
fernando com bo seu moço.**

**Dom fernando.**

**Vem ca moço ouves tu  
vay ver essa rapariga  
mo. que quer senboz que lhe diga  
df. tu es pa mais que ella cru  
quer eis fazer disto briga.  
Falas me tam secamente  
com sete pedras na mão  
vouto demo por vilão  
não olbas tu questa gente  
que touvira. mo. senboz não  
eis me vou, 2 eis me venbo  
com trinta recados seus  
df. pois dize seles sam meus  
2 eu pera que te tenbo  
per ventura para os teus.  
Confiar homẽ em rapazes  
he muy grão pequite em cabo  
porque são dana solazes  
necios pouco capaces  
2 mais este he hum visbo  
sus vay faze bo que temando  
2 dirhas desta maneira  
diz o senboz dom fernando  
que pois elle anda penãdo  
nam se jaca vos carnicçira.**

**Que olbeis por suas bozes  
2 suas penss mortais  
2 lbacudais com fauozes  
pois por vos mozte da mozes  
com mil sospiros 2 ap8  
mo. senboz esta he a verdade  
2 asselea vossa merce  
porque o al he vaidade  
molber não tem lealdade  
amor firmeza nem fe  
df. E dem isso como assi  
mo. fuy la com hũ recado vosso  
2 dix me olba ca moço  
eu sam perdida. por ti  
a teu amo ver no posso  
df. vayte dy que he zombaria  
isso que mestas dizendo  
mo. zombaria mas vou vendo  
que nistõ tenbo valia  
mais que vos 2 assi bo entendõ.  
E não se dene espantar  
vossa merce do que digo  
porque ella traz consigo  
openião de casar  
nã cõ vosce mas comigo  
2 que. vos que não andaes  
neste caso por iua honrra,  
mas antes que trabalhades  
por lha tirar 2 a deixades  
despois com sua desbonrra.  
Quem q eu sou fraco pião  
fara mais em seu partido  
terma amy certo na mão  
e inda que sou rascão  
prestar lbey pera marido  
porq a moça he hũ beliz  
2 pespegua esta rezão  
2 outras em fim que diz  
que ella faz de vos iuyz  
se he este ma tenção**

**Dōf.** Eu ja nam posso crer ysto  
nem se me mete em cabeça  
mudar-se esse emprouiso  
se tu me falas de siso  
essa de muy gentil pega,  
E auendo assy de ser  
ysto que me estas pintando  
pello olbo o ey de ver  
e se dessa arte estiuer  
descansara dom fernando

**mo.** Aossa merce tem rezam  
e diribe y como seraa  
prey eu primeyro laa  
pozey a cousa em feçam  
então elle yzaa de ca.  
E segundo meu parecer  
deue ser secretamente  
sem que ella possa entender  
que a pode ninguem ver  
entam mais que eu somente.

Elle deue de estar  
por detras de muy ouuindo  
sem boquejar, nem falar  
nem bolir nem sospirar  
e veras se ando fingindo.

**Dō. f.** Ora sus nam tardes mais  
ordena ysto dessa sorte  
que pois me ysto chega a morte  
verey per olbo os sinces  
e tomarey outro norte.

**mo.** Aoume porque certo tardo  
pera as horas que costume

**Dō.** Há tardes q̄ aqui te aguardo  
e fala lbe com resguardo  
se ques della tirar sumo.

¶ **Ca**use o moço, e fica dom  
fernando dizenao.

¶ **Q**uanta se ysto assy he  
nam ba ja que confiar  
de tam inaa casta e relee.

como molberes porque  
sempre este pago bão de dar  
Com esta tenbo gastado  
alma, e vida, e quanto tenbo,  
em fim que quasi esfolado  
me leyrou, que estou pasmado  
de muy como me sostenbo  
Podeis crer que tenbo seyto  
por ella cousas muy fortes,  
e alem de lbe ter hum gepto  
tal, que soo por seu respeyto  
sofrera duas mil mortes.  
E a ninguem o quis yqual  
do grande que quis a ella  
e foy pera mais meu mal  
pois tirey tal cabedal  
correndo muy bem aavela  
mas he muy mal empregado:  
tudo nestas rapariguas  
emfim trazia occupado  
sempre o sentido e cnydado  
em trouas e em cantiguas  
Entre outras bũa cantigua  
lheziz muyto milagrosa  
e ella todas asquina  
e esta creio que dizia  
orisaõ, o qual tem grossa.

**Cantigua.**

Os vossos olbos senboze  
se ferem matão ou não  
senteo bem meu coraçãõ.

**Volta.**

Quando os vejo mais ayzofos  
vejo neles mil enganos  
e muyto perto meus danos  
vendo os assi cobifosos  
ralgados verdes sermosos  
podes assentar que são  
e sente o meu coraçãõ.

**Toza o moço.**

mo. Mas pozem comera certo  
acharuos senboz trouando  
eu o estaua adeuinbando  
ondestaua z sou discreto  
ð.f. tu andas pzoferizando  
oza bem quachaste la  
mo. senboz fica concertada  
a coufa como sera  
mas diz que me falara  
da janela cūa escada  
porque doz me sua ria  
em bayro na queia casa  
onde ella o outro dia  
me falou que a eutrazia  
muyto mas quente que bzaia  
ð. f. esta he muy grande historia  
leuar homē e cada a isso  
pareceme pouco siso  
z perder homē a memoria  
de quē he, emfim he riso  
mo. bum remedio excelente  
tinbeu senboz maginado  
se elle for diſſo contente  
sem mais estrondo de gente  
elle soo fogge embugado  
sem escada nem ninguem  
se nam soo p̄zmos per bi  
z vossa merce bo desdem  
digo se lbevier bem  
terma encima de si.  
ð. f. Por deos q̄ tēs muyra arte  
znisso nā pouca graça  
mo. poz quisto senboz se faça  
secreto nem se de parte  
a ninguem esta he a caça  
ð. f. pois como ha isso de ser  
eu ey te de ter as costas  
mo. senboz si que o bem querer  
pode obū homē fazer  
tāto te que o façam em postas  
ð. f. E se essa raparigua  
mo nāo quer como me dizes

quem me mete em tal fadiga  
como essa: ques que te diga  
molheres nam tē rapzes  
mo. soo poz ver a experiencia  
deste negocio z o cabo  
o faça z tenha paciencia  
z depois em sua ausencia  
ha de ee logo o diabo.  
ð. f. Tu es muy forte rapaz  
faras de mi p̄ioz q̄ ella  
oza digo que me ap̄az  
z vamos ver onde jaz  
tanta malicia z cautela.  
Chega a porta da moça  
z diz o moço.  
mo. Ora sus quietamente  
nā bula vossa merce  
nā deis com mão nem com pee  
z vercis senboz quā quente  
vo la fraguo z quem ella he  
para que esperar mais  
tomē me os ombros logo  
ð. f. vou vendo assiper fnaes  
que destes negocios taes  
focede sempre mau jogo  
mo. oza de reyto a parede  
nā me lance elle no chāo  
ð. f. queſte tu calar vilāo  
mo. vilāo pode ser mas crede  
que quanta agoza o nā sem.  
ð. f. ques estar como seſudo  
mo. senboz que remedio aqui  
quisto he bayro cō tudo  
ð. f. mais baixo he o cornudo  
velhaco rapaz de mim  
mo. senboz agastase muyto  
z nada nunca le faz  
sem trabalho a pe enruto  
ð. f. seu diſto tirasse fruto  
bem dezias tu rapaz  
mo. Lom soomente bū defengano  
que leuanareis desta vez  
A iij

lançais de vos vossos dano  
em que vos traz o engano  
merido em que vos peç  
por isso de meu conselho  
ja quisto esta começado  
z pode ser acabado  
busquemos mais aparelho  
o qual ja tenho cuidado  
Eu buscarey por aqui  
algũa cousa q̄ este  
encima de vossa merce  
z então encima assy  
estarey posto em pe  
d.f. Daruos ey dous mil açoutes  
pera filho da grão puta  
mo. fale passo porque escuta  
a moça todalas noytes  
nam nos sinta andar naluta  
d.f. Esta foy bũa agonía  
em que me ose quis meter  
por hũa tão mabogía  
que não sey ja que daría  
por me fora dela ver  
mo. O que grande dita esta  
esta allí posta bũa albarda  
que para isto he estr emada  
d.f. E ques fazer de mim besta  
faras gentil caualgada  
mo. Ora aqui ve nos alguém  
ou por isso perde honrra  
do se queilha de estar bem  
digo assy possa o desdem  
sem cayz nisso em desonrra  
d.f. Ora sus mostramaqua  
acabemos esta empresa  
mo. Auxtis senboz bem esta  
ande ora pera la  
quear z que graça essa  
chegue z caualgarey  
que he tarde z fazê se oras  
de lbe falar z verer  
o que faz mas eu crrey

em caualgar sem esporas  
ha senboza estaes vos hi  
ysa. Que q̄reis mano meus olhos  
mo. Que vos alembres de mi  
ysa. Que me lembze eu de tí  
raçãõ cheo de prolbos  
mo. Cheo de males secretos  
podereya tão bem dizer  
pois mosfazeis padecer  
porque a serem descubertos  
poderos milhoz sofrer  
ysa. Anda por tempo eis de vir  
a ser muy bõ namozado  
mo. Senboza se isso he rir  
nã no merece ho cuydado  
que tenho de vos seruir  
ysa. Diz que si liurenos nos deos  
z o senhoz dom fernando  
anda perbi passeando  
mo. Nã porq̄ os cuydados meus  
eu soo os ando passando  
ysa. Ora bem em questais posto  
mo. Senboza nũa escadinba  
ysa. O jesu que grande gosto  
estaes muyto bem desposto  
si boõ fe por vida minba  
d.f. Acaba ja erama  
nã sejas tão enfadonho  
porque eu canso moço, assy sera  
porê inda qua não ha  
concrasão nẽ soo por sonho  
ysa. Com quem falaucis agora  
quando para bayro olhastes  
mo. Com ninguem minba senboza  
ysa. Estabi a lguem de fora  
mo. A escada soo que mandastes  
Assy minbauma que digo  
que se me nã ajudais  
a fogir a meu perigo  
que elle me traz consigo  
mil mortes z vos mas daes  
ysa. Ja vos disse que folgaua

de vos ver ser amadoz  
porqueu tão bem vos amaua  
z que nada desejava  
ver nem ouir vosso senboz  
Porque ho ey por odioso  
a minha honra z a minha fama  
z eu nã sou pera dama  
de bomẽ tão generoso  
queu nã creio que me ama  
z por quisto de tam tarde  
como vedes p z vos eys  
z outro dia vireis  
z pera entã se guarde  
o al que vos mais sabeis

mo. Ora essas mãos vos bejo  
z seja como mandar des  
porq̃ com ho que ordenardes  
se satisfaz meu desejo  
ateo o mais melbordades  
visto tem vossa merce  
o negocio como vay

8.f. Ady bẽ nas poz minha fe  
que se lbeu nã dou do pe  
deserer ey eu de meu pay  
Assi ha isto de ser  
quey eu de gastar o meu  
alẽ de ja me perder  
por ella nam he de crer  
nẽ sofrerey isto eu  
vem por aqui queu te fico  
por esta fe de fidalgo  
queulbe de tam gentil pago  
que finta ella como eu pico  
mo. De fidalgo ficais galgo

Entram os dous villãos  
z diz Joam lonsado.

jo. Sus compadre anday per bi  
pe. Ho se nã farey compadre

jo. Per rida denba comadre  
que aueys dir. pe. quãta daqui  
nam passarey em verdade

jo. Ora pola a porfiar  
nam sejas dessa maneira  
pe. Ora essa de forte lenreira  
q̃ oje quistea tomar  
jo. Mas essa de melbor canseya  
Ora passay acabay  
pe. Compadre vos nã quereys  
inda mal me conbecceis  
jo. Nã ley põem vos cuyday  
que mil corpos matareys  
eu vou z sja perdão  
por ser tão mal ensinado  
pe. Essa de boa conculção  
perdão de deoa. jo. nã não  
mas leypais me injuriado  
Assi como vos contaus  
tozno compadre a estozia  
que com toda a manencozia  
nam mesquece o que falaua  
porque tenbo grão mozmoria  
vindo assy polo caminho  
encontrey muy apzefado  
o honrrado de meu rezinbo  
joam afonso do moimbo  
z bosa bem agastado  
E tirey palha com elle  
do cajo de sua payção  
porq̃ ha vi tão grande nelle  
que nam cabia na pelle  
nem hia dessa feição  
z contou me como amigo  
q̃ o cura da freguesia  
como homẽ que seu imigo  
ouui compadre o que digo  
toma contrelle porfia  
E o quer escomulgar  
cada dia z cada oza  
toamente por albardar  
o seu asno z ho mandar  
ho do minguo pera fora  
mas isto he birra pura  
z grande odio que lbe tem.

7 no lo sabeis muy bẽm  
 compadre quẽ he ho cura  
 7 as virtudes que tem  
**E** assi o faz com outros  
 podendo passar perhy  
 mas d'cixapo vos assy  
 q̃ quem anda a amañar potros  
 nunca hade auer boa fim.  
**pe.** Ora bem donde lhe veyo  
 tomar lhe essa tenção  
**jo.** Essa he boa cõcrusão  
 do demo. **pe.** eu nã creio  
 porq̃o cura he de razãõ.  
**E** não ha de fazer mal  
 se não a quem mal fizer  
 7 fãnicas por tal  
 o tenho 7 falle em al  
 quiso nã no ey de crer  
**jo.** E eu si por que não ha  
 janafonso de mentir  
 nẽ isto he cousa de rir  
 porq̃ a voz cõ que elle esta  
 he muy forte por ouuir  
 e çicais a tenbo eu  
 tamanha pola ventura  
 por que he boa criatura  
 7 o cura grã sandeu  
 7 não he pera ser cura  
 que o padre espirital  
 nã ha de ser enuejoso  
 nẽ mau nem malecioso  
 7 o que for este tal  
 não he padre mas he raposo.  
**pe.** Ora seia o que quizer  
 7 não bzigliemos nos  
**jo.** Compadre ouillo vos  
 ysto pode se dizer  
 por que estamos aqui foos  
**pe.** Eu digo que la se auenbam  
 7 o ajamentre si  
 que en quatro me hir daquí  
 7 as brizgas elles as tenbam

7 seja quem for oim.

**Entram Abreu 7 Saa**  
 7 diz Abreu.

**abz.** Vos, vos digo eu meu senboz  
 que vos poreis deste geyto  
 nam vou muyto sem sabor  
 pera tocado damoz  
 achais que leuo respeyto.  
**saa.** Pera que he falar em vos  
 essa velhice he muy boa,  
 essa arte, essa pessoa  
 achais ca entre nos,  
 nam naba em todo Lirboz.  
**abz.** Isso, digo yzaa dobrado  
**saa.** mas porez como he certo  
 em vos ser desconfiado,  
**abz.** mas vos de desimulado  
 tiraís me sempre ao perto.  
**saa.** Uedes, nisso vos mostrais  
 mano pouco cortelão  
**abz.** nam, não enganado andais  
 por que eu cuydo o que cuydaís  
 pera que saybais quem sam.  
**saa.** Que podeis vos ja cuydar  
 que eu nam deyre descuydado,  
**abz.** descuydado do cuydado  
 que me a my da esse ar,  
 de ser des muy namozado.  
**saa.** De maneyra que assentaís  
 que com esse chapeo assy  
 posto como o vos leuais  
 mataís a quantas olbais,  
**abz.** 7 ficam mortas por my  
 Se vir des como lhe fallo  
 muyto mal me conbecis  
 mais que ellas vos perderis,  
**saa.** digo que agora me calo  
 pois dizeis que ysto valeis,  
**abz.** Nam aueriguado esta  
 que onde quer que me eu achar  
 nam se ba pera vos de olbar

faa. Ja digo que assi seraa  
abzeu. E ysto vay sem zombar  
faa. Ja o sey, porque vos sois  
pouco pera zombaria,  
que eu vos vy ja dum dia  
entre tres gafos rascões  
que o mais gafo vos vencia.  
abzeu. Mas vistes essa questam  
podeis assentar que dey  
nesse mesmo passo entam  
com todos de cuu no chão.  
faa. Ysto vy, ysto não sey.  
abze. De maneyra q ysto achastes  
soo com que me dar de rosto  
ora nomais grande gosto  
boa lebze aluantastes,  
faa. Sera de vosso desgosto  
Porque não ha de mintir  
esse rifam das comadres  
quando lbe dizem as verdades  
abze. Pouco fostes descobrir  
nũca eu faça outras roindades.  
faa. Eu não vos comprendo aquy  
de mau nem malecioso  
abze. Lomo vindes gracioso  
se quer vos ysto a my  
deueis destar oucioso  
faa. Mas antes venbo a meu ver  
muyto pouco namozado.  
z foza desse cuydado  
que vos a vos faz trazer  
esse chapeo imbicado  
abze. Esse cuydado me da  
a my mil gostos cada hora  
faa. Seraa assi mas a senboza  
diguu eu que estaraa  
doutro tal de foz em foza.  
abze. Pera que he aduinbar  
ysto me mata de vos,  
faa. Mas antes deueis cuidar  
que nam ay ja que fiar  
em molberes. abze. mas em nos,

Porque somos tam tranescos  
que mostramos querer bem  
nos pñcipios z começos,  
z os cabos sam mais auelos  
que via de Jerusalem.  
faa. Ysto faz homem aaquellas  
que sente que sam mudaveis  
z que amão com cautelas  
mas as que amañ não as velas  
entregar lbe logo as chaves.  
abze. Ora em fini leyxemos ysto  
fique pera de vagar  
z eu vos pyrey mostrar  
a dama com que conquisto  
z sey que auéis de palmar  
faa. Uejo la hũs dous vilões  
vnmos ter com elles paço  
z riremos huũ pedaço  
guabando os de cortesaõs  
entam faremos pñfisaõ.  
abze. Onde vão os caualeyros  
tam cheos de discricã  
jo. Quis vos senboz rascam  
se la soys ambois parceyros  
nos vimos desta feizã  
faa. Uejamos onde bis agora  
jo. Dimos pera a cidade  
faa. Porque fica ally ho alcayde  
leixay a zagaya foza  
jo. Pareceme me ysto royndade  
pe. Lompadre quereis que diga  
hũa cousa z perdoayme  
não vos metais em fa diga  
com rascões, nem deis ouida  
ao q dizem. jo. oo leixayme  
abze. Mas huũ remedio maduro  
sem deuet nada a justiça  
tenho achado, z eu vos juro  
que podeis entrar seguro  
pondo ahy hũa cortiça.  
jo. Mas o vento, bofa si  
tam ey de por nemigalla  
A v

ab. nã toméis cõ a orelha a pelba  
fiayvos ora de mi  
nã vos vejais em baralba  
jo. Ora poy a porfiar  
seu som poruelegado  
peruelego de jurado  
de la do nosso lugar  
que vos estais enganado  
E a postura não diz  
que pague eu nẽ meu cõpadre  
que foy ja tãobem iuyz  
pe. Bofa que jeu isso fiz  
z sabe o vossa comadre  
ab. Euvos vejo em perigo  
porq̃ alcaydes são ladrões  
jo. Bofa mais o são rascões  
que não tem nenbũ amigo  
chantado nos corações  
z por bũ nicho venderão  
a sua may z a seu pay  
saa. Quereys vos calar vilão  
z vos soys dessa feição  
jo. Cheguey vos eu a guarday  
saa. Bem sey se vos eu chegar  
de que sorte a de ser  
quicais vos farey falar  
jo. Mas se meu ca asanhar  
co demo o eys vos dauar.  
pe. Day o demo essa historia  
compadre ride vos delles  
jo. O que são tam royns pelles  
que tenho ja a manẽcozia  
como nam salto allí nelles  
ab. Faça me aquessa merce  
ha senhor vilão roym  
quer elle chegar aqui  
falaremos nam sey que  
que lhe cumpze saber de mi  
jo. E comoza chegarey  
que nã ey medo de vos  
ab. Queres que nos vamos soõs  
bi fora z quicais farey

cõ que ajaya de mi buãs pcos  
jo. Nam menchaia de rebẽtinha  
porque não me conhece  
per ventnra cuidares  
sãmtcas que eu que tinha  
algũs abzobhos nos pees  
pe. Ora estou tãõ espantado  
compadre desse miolo  
que case que estou pasmado  
questes nã tem outro cuydado  
z farão de vos hũ tolo  
saa. Deixay esse vilão vir  
vereis que cresta lhe peguo  
jo. Do descreo de sam pego  
lextayme compadre yz  
nã me tenbays arrenego  
pe. Vos nã eys ja de passar  
vaqui z nã sejays forte  
ab. Nã oufaes vos a chegar  
ha dum vilão poy cagar  
bem sabeys fogir a morte  
jo. Compadre vos me matays  
poy aquilo contentis  
z vos soo me enjuriays  
pe. Digo que nam seja mayz  
jo. Mas quero me yz o iuyz  
E chantar ay bũ querella  
no corpo dos fidalguotes  
z culpalos muy bẽ nella  
pois que fazem de mim pela  
z andam comigo aos botes  
pe. ysto he pera fazer  
z vamos logo fazelo  
saa. Bem vedes ho que hia tclo  
que meada tay tcer  
villãos z de roym pelo  
jo. Esperayme vos aqui  
que vos empenho estas barbas  
em que sam poucas z ralas  
quen vos faça a vos hurdir  
saa. Villão porq̃ não te calas  
jo. ficay mupto erama



pera quem vos em casa tem  
saa. Aquesta tomay vos ja  
vilãos tornay pera ca  
acolbeia vos vos pozem.  
abzeu. Douvos eu ja ininba fee  
que vam elles escozidos,  
saa. a parola delles he  
mayoz que a torre da sec  
z os pees apercebidos  
abzeu. Digo por si ou por não  
que nos tambem nos mudemos  
z baste o gosto que deinos  
oje aqui neste serão  
que foy o que nos podemos.

¶ **U**ante os vilãos z os moços, z  
entra ysabel cantando.

¶ **N**am quero ser monja madre  
não o tenho no coração  
nam quero ser monja nam.  
Bem casada ou mal casada  
isto quero madre ser  
querays me freyza meter  
pera ficar descansada  
se me querays encerrada  
nam no posso soffrer nam  
que nã quer meu coração.

### Praticando

**M**inha mãy z eu pelejamos  
cada dia de maneyza  
z de sorte  
que nunca nos concertamos  
ella quer que seja freyza  
mas eu vou per outro nozte  
eutão diz  
se dejesas ser casada  
a freyza casa com christo  
eu faço de ti juyz  
se outrẽ vem empregada  
pode ser milboz que nisto  
E ray cupdar

minha mãy com esta rezão  
que me tem logo vencida  
as condições do casar  
nam nos põe em condição  
de ter tã estreyda vida  
Antes quero  
pz a fonte z parecer  
cada dia z cada oza  
esperar pello que espero  
os meus toucados trocar  
que leyyar de sayz fora  
z tambem  
mil cantiguas namozadas  
cantarey quando quizer  
este prazer este bem  
as que estam encarceradas  
madre nã uo podem ter

**B**ũa toalha  
ponho no rosto embugada  
descubro os olhos soamente  
vou ha fonte leuo talha  
per onde faço passada  
vou ferindo toda gente  
vou então  
cos meus olhos descobrindo  
enguanos muyto do paço  
ouço a hũs que me matam  
outros vam tras mi seguindo  
de queu nam fago retaçõ  
ja em casa  
co rosto sobre almofada  
meu coração z meus danos  
sinto z fogo que me abraza  
que fara a triste encerrada  
todo o ternio dos seus anos  
z se me vem  
esta dor ou outra com ella  
com que se minha alma esquiua  
nã me consola ninguem  
vou me por a bũa genela  
vejo gente z fico viua

Minha tençam  
ate agora be ser solteyra  
esta quero que me dure  
pedeme meu coraçam  
que ser casada nem freyra  
nam deseje nem procure  
E en assy  
o determino z farey  
esses dias que tiver  
serey senboza de my  
a ninguem me entregarey  
comigo quero viuer

**A**qui tozna a cantar.  
Deixedes me mi madre  
andar solteyra  
que depois que for casada  
serey sogeta.

**T**ozna a entrar o moço de  
dom fernando z diz.

**M**oço.

Erama como cantais  
tendes me morto senboza,  
se porque venbo o deyras  
inda me toznarey fora  
z entam cantareis mais.

**p**sa. E donde vem bo dourado  
mo. Du dourado ou sem ouro  
tal he a vosso seruiço  
senboza traz hum cuydado!  
me trazeis ja feyto mouro  
z encima dizels me ysto.

**p**sa. Ja tu tês em que cuydar  
mo. Cuydados que de vos vem  
nam me deyrã descancar  
nem descança quem nos tem  
porque sam pera cansar.

**p**sa. Vos que tam cansado andais  
mo. Na senboza z vos zombais  
depois que morto me auéis  
cujo sam me perguntais

Sani do senboz dom fernado  
ja vo lo disse algũa ora,  
eu ando tras vos, senboza  
de canto em canto ladrando  
z nam me conbeceis agora.

**p**sa. Dã fidalgo tão honrrado  
a quem quereis que pareça  
que podeis ser seu criado,  
mo. Não se vos mete em cabeça  
porque venbo effarrapado.

**P**ois faço o por dissimular  
porque sam muyto discreto  
que en tenbo calças que calçar  
z mais hum pelote preto  
de tozres muy singular.

**E**o senboz dom fernando  
me tem tambem prometido  
de seu corpo hum vestido  
z que mo daria, quando  
se visse de vos valido.

**p**sa. E que quer elle valer  
mo. Senboza que o ouçais  
z saybais o que vos quer  
z tambem que lhe creais  
tudo o que vos disser.

**I**sabel.

**Q**ueres mano que te diga  
a que cree logo quer bem  
nam creo nada a ninguem,  
que nam quero ser amiga  
de quem taes enganos tem.

**M**oço.

**N**am be desses meu senboz  
vay louge de toda a gente  
no que promete não mente,  
liberal, z gastador,  
quer vos bem inteiramente  
Duer vos bem demaisiado  
finale consigo soo,  
trazeylo bem maltratado  
se nam auéis doo do coytado  
auey senboza de my doo.

ysabel.

As que se leyrão vencer  
mano de quaesquer enganos  
achão logo arrepender  
z paixão com dozes os anos  
q̄ ainda tem por cozerer  
quero velo sospirar  
diga me que me quer bem  
andar z nada alcançar  
que depois que tudo tem  
logo vem o asonuiar.

Moço.

Q̄ pesar do ante chrisito  
sobze fermosa auifada  
nunca yssõ tenho visto.  
ysa. Quẽ nã viuẽ atalayada  
vem depois a cair nisto  
porque nunca vimos al  
de crer estes seruidozes  
elles perdem suas dozes  
ellas soos ficam cõ o mal  
z elles de si senhozes.  
Antes quero ser senhora  
que serua do meu cuydado  
porque quem me agoza adoza  
querera ser adoçado  
se o eu crer algũa ora  
viuo libze muy ysenta  
nam deuo nada a ninguem  
quem tal liberdade tem  
nã sey porque se contenta  
de sentregar a ninguem.

Moço.

Se quereys ser santa ja  
encerrayuos abũ mosteyro  
ysa. Nam be yssõ bem inteyro  
que ca z lafadas ha  
exempzo de verda de yro  
moço. Poia yssõ que vos dizeys  
nam se pode comportar  
quereis ver quereis olhar  
z do danyo que fazeis

pondez vos sempre a zombar  
ysa. Q̄ dano nace de engano  
eu nam engano ninguem  
que a verdade tem talbem  
que faze sempre menos dano  
que mentira quando vem  
moço. Q̄ pesar de santarem  
que assi oje estais doutor  
senhora nã tanto amen,  
porque esses milagres vem  
as vezes a ser p̄ior.  
Qu se quereis seguir isso  
nã ponhaes a estopas fogo  
nem firaes como cozisco  
porque soys hum basaltico  
que quem vos vee morre logo.  
Aqui entra hum Castelbano  
z diz.

Tan triste fatiga tengo  
que no se valerme della  
mis males yo los sostengo  
no se do vo ni do venigo  
siempre crece mi querella  
con trabajos van mis años  
tras mi cuydado empleados  
veo presentes mis daños  
estoy sujeto a engaños  
que han ordenado mis hados  
Ha señoza ya os veo  
clara luz he descubierito  
hasta aqui anduue muerto  
porque yo y mi desseo  
venimos en desconcierto  
mi vista se ha alegrado  
mis ojos bien contentos  
al troque de mis tormentos  
viendo quien lo a causado  
dulces son mis pensamientos.  
Señoza no me mirais  
ysa. Quem soes vos ou q̄ quereis  
cas. Q̄ cien mil años biuays  
despues que muerto me auẽis

por el nombre me preguntays  
yfa. **H**osce que nã vos entendo  
nã sey que quereys por certo  
caf. **S**eris biẽ q̃ me auerays muerto  
y sabeyz que estoy ardiendo  
y acudis con desconcierto  
y sabeyz mas que me quema  
fue go biuo  
que el cruel amor ariza  
y biuo con tanta pena  
que aunque os pareico biuo  
estoy ya becho ceniza

yfa. **S**ẽdo morto andays em pe  
caf. **Q**uestra gracia me sostiene  
porque quando el daño viene  
la gran fuerza de mi fe  
me da la vida en que pene

yfa. **Q**uero me oza yz pera casa  
castelhano biuos emboza

caf. **O** mi diosa y mi señoza  
despues de estar becho brasa  
me quereys dexar agoza  
uestros ojos son factas  
que an passado mis entrañas  
con despecho  
y con ponçoñas secretas  
han becho llagas estrañas  
en mi pecho

**S**eñoza muerte tan cruda  
nunca os la mercci  
vos veyz me mozir a mi  
z para oyzime soy muda  
pues os plaze sea ansi  
vos mi señoza soy aguila  
sobze todas mas bolante  
y ansi es

yo vuestro fieruo **J**us dauila  
me presento aqui delante  
a uestros pies

yfa. **J**oam dauila romayo la  
caf. **S**eñoza no soy romayo  
que dexayo os plazera

por lo qual triste desmayo  
que siento mi muerte ya  
yfa. **V**os que vinda tambritado  
tendes parte nos debzito  
caf. **S**i me veyz en tal estado  
ha lo señoza cautado  
mi daño que es infinito

mo. **A**y me daqui parecendo  
tenhoza que quereys  
antes amor burguales  
a segundo o que eu entendo  
que de anebũ portugnes

yfa. **P**ortugues nẽ castellano  
tudo me nã ray lembrando  
mo. **S**im mas eu zomba zombãdo  
porq̃ isto he em seu dano  
vou dizelo a dom fernando

**E** quer over sesperays  
castelhano senhoz meu  
q̃ em q̃ sandeu vos mostrays  
meu senhoz he mais sandeu  
do que vos inda cuydayz.

**A**yse o moço.

yfa. **C**astellano bi vos emboza  
nam querays bzigas aqui

caf. **O** mi diosa y mi señoza  
y es verdad q̃ algun oza  
terneys compasion de mi  
**A**legres biuan mis dias  
si dellos vos os dolcys  
mas temo que lo hazeyz  
por turbar las alegrias  
que con veros me poneis  
de vos sola tengo miedo  
que de nada soy medroso  
ante vos hablar no oso  
en qualquier parte mi venredo  
es señoza peligroso  
yo soy el diablo biuo  
y vn angel ante vos  
de todo el mundo enemigo  
y parezco si meqnino

la propia yza de dios  
soy ponçonia que traciende  
cuerpo y anima todo junto  
ninguno se me defiende  
y cuentesse por defunto  
el que defenderse entiende

Soy saeta iracunda  
de cruda ponçonia eruada  
soy muerte acelerada  
el que contra mi se funda  
no tiene la vida en nada  
soy peligro descubierito  
daño que no tiene cura  
y so y vna desauentura  
dañosa siempre porcierto  
a qualquiera criatura

Soy serpiente de la sierra  
formada de crueldad  
la propia deshumanidad  
soy destruycion de la tierra  
esto señora es verdad  
por tal venga digo yo  
qualquiera buscar su daño  
que yo juan dauila so  
aquel que en burgos nacio  
señora si no me engaño

yfa. Ay guarde me deos de vos  
que nē ouir vos nam quero

ca. O mi señora y mi dios  
esto no es para ante vos  
que ante vos soy vn cozdero  
juan dauila paciente  
el que besa vuestras manos  
y vuestros pies humilmente  
mas benigna y mas clemente  
vos mostrad a los humanos

yfa. Hinos emboza que vem  
quē o moço foy chamar  
ca. O mi señora y mi bien  
yo procuro os de adozar  
vos tratays me con desden  
voy me que no quiero ver

ante vos sangre espatzida  
si daquí parto sin vida  
dios os lo demande amen  
pues vos foy la homecida  
De vuestras manos herido  
partire trite llagado  
tanto pudo mi cuydado  
que a tal punto me a traydo  
el amor sea loado  
hechare bozes al viento  
resonen enel mis daños  
entre mis males estraños  
publicare mis tormentos  
negare vuestros engaños.

Wayse ho castellano: z fica ha mo=  
ca dizendo.

yfa. Jesu que emportuno demo  
o diabo va coelle  
que estando soo me temo  
z esse lbe leue a pele  
que me fez medo em estremo  
mas que palaurinbas tem  
bo perro pera vencer  
z po zem bo bem querer  
crede que de seu se vem  
nã estaa no merecer.

Tozna dō fernando cō ho moço.

d.f. De aqui onde tu achaste  
esse senhor paseando  
mo. Senhor si z praticando  
d.f. E aqui mesmo o leixaste  
mo. Com ella mesmo fallando  
d.f. Folgara muyto de o ver  
por ver sua arte z maneyra  
z lbe dar em que entender  
pois se quer entremeter  
a me dobrar a canseyra.

Teue muyto atreuimento  
mas o sio foy mayor  
que a o elle ter menor  
pioz fora o arremendimēto  
inda quelle fora cytoz

porq̃ hum marrano como esse  
nã me ha ami de magoar  
z selle nisso cuydar  
nunca eu por al me perdesse  
se nam por tambem amar  
moço. **I**sto senhoz be tam certo  
como na mão cinco dedos  
mas o senhoz foy discreto  
q̃ nã esperou ao perto  
passar nenhũ descs medos  
ð. f. **O**ra vafe muytêboza  
mas eu te dou minha fe  
que se elle mais poem o pe  
na rua dessa senhoza  
que diga elle demo be.  
**D**iz passeando como entre  
si esta cantigua.

**C**antigua.

**O**lhos meus quẽ vos mostrou  
outros pois que vos leixarão  
sẽ quãtos beẽsvos leuarão.

**V**olta.

**N**am se pode mais p̃ntar  
desdita qual foy a minha  
pois a vista q̃ em vos tinha  
perdi por outros olbar  
quisera o dissimular  
z pozem não me leixarão  
outros beẽs que me leuarão.  
**P**orque veruos eu perdidos  
menos me perdera eu  
z nã cobzara de meu  
outros olhos maos fengidos  
meus prazeres sam ja ydos  
z por elles meficarão  
cuydados que me acnbarão.

**A**qui bate Antonio pacheco  
a porta z diz dom fernando.  
**Q**ues moço como es p̃co  
nã ves bater a essa porta  
mo. **M**as nã sey quẽ vos soporta  
quẽ be. pa. antonio pacheco

mo. **L**uydey que era sinão boza  
antonio pacheco be  
o que fazaque le jogo  
ð. f. **Z**ombas. mo. he bo fe  
ð. f. **Z**ibelbe p̃esto nhũ pe  
mo. **M**ũ pe cozo p̃zey eu logo  
**D**om fernando.

**O**ra senhoz para a qui  
pa. **M**ã se va a bulir consigo  
ð. f. **I**sto be zombas de mi  
sempre vos sey ser assi  
pa. **N**a senhoz faça o que digo  
ð. f. **O**ra sus acabe ja  
porque aqui faz se o queu mado  
pa. **N**e por demais. ð. f. nã sera  
z aqui se assentara  
por vidq̃ de dom fernando  
**Q**ueu buscarey outro assento  
este senhoz be o seu  
pa. **M**as o outro sera o meu  
ð. f. **P**ara que falar no vento  
salta abí cozrendo abzeu  
a cas de minha comadre  
que te empreste hũa cadeira  
z ve se he bi meu compadre.

**M**oço.

**E**sta tripeça lbe quadre  
por me escusar de cansera  
pa. **M**as em pe! praticaremos  
o que ouuerimos de falar  
ð. f. **T**emos em que praticar  
pa. **H**um pouco p̃sto falemos  
atee nos irmos deitar.

**E**ntra sequeyza page de Anto-  
nio Pacheco z diz o moço.  
mo. **O**ra vaa sua merce  
seq̃. **G**uardenos de os nã farey  
mo. **A**cabe per sua fe  
seq̃. **O**ra no mais que que que  
ande senhoz queu p̃zey  
mo. **O**ra pois passe diante

nã me faça descoztes  
 seq. **P**orem comisso he galante  
 passo porem doje auante  
 nunca mais enganareis  
 d.f. **S**enboz antonio pacheco  
 contouos q̄ ando corrido  
 de me ver preso e vencido  
 bem sey q̄ auereis por peço  
 quẽ damozes he perdido  
 mas nã sey que quereys  
 que faça por me salvar  
 q̄ o mal eu o fuy buscar.  
 pas. **D**ois senboz nã vos queyxeis  
 se vos vos bis entregar.  
**Q**ue quem por si se condena  
 elle mesmo be o culpado  
 nẽ digais que ho fado ordena  
 poderdes viuer penado  
 se vos bis buscar a pena  
 que pois me vos confessais  
 que he vossa toda a culpa  
 e que ho mal vos ho buscaes  
 vos tereis muy ma desculpa  
 da culpa que a outrẽ daes  
 porem digo a senboza  
 que vos mata he ella tal.  
 d.f. **D**e cousa celestial  
 para ser emperadoza  
 em fermosa nam tem ygoal  
 e alem dahi ser fermosa  
 tem muy grande grauidade  
 muy honesta muy ayzosa  
 condiçam presumptuosa  
 cayome muyto em vontade.  
**M**uyto bem posta no chãõ  
 se lhe vir des bum trançado  
 ficareis sem coraçãõ  
 sentireis pena e paixãõ  
 da payxãõ de meu cuidado  
 pa. **E**lla senboz quer vos bem  
 d.f. **P**arece me a mi que si  
 porque estotro dia bari

olharme assi o desdem  
 entãõ riõe para mi  
 pa. **V**ede se era zombaria  
 d.f. **D**a senboz que nã zombaua  
 pa. **C**om que geito se vos ria  
 d.f. **L**oa boca toda que abzia  
 pa. **E**ra por que bocejaua  
 falouuos ella algũa ora  
 por buraco ou por janela  
 d.f. **A**inda nã ate agoza  
 pa. **L**rede que zomba a senboza  
 enganado andais cõ ella  
**E**creueo vos algum dia  
 d.f. **N**ũa soo vez e no mais  
 pas. **D**os vos alto a cortesia  
 d.f. **N**ã ja muyto em demasia  
 dous dedos ou poco mais  
 pa. **E** como vos pos no alto  
 d.f. **N**o alto pos me senboza  
 pa. **S**e auéis isso por fauor  
 he hum bem pequeno salto  
 ja eu vi outro mayor.  
**E** nunca vos pos meu bem  
 nem menos minha saude  
 d.f. **S**e nunca ho pos a ninguem  
 como quereis vostaõ bem  
 que faça essa nouidade.  
 pa. **B**o fe senboz dom fernando  
 que a vos se fez a cantiga  
 de penado andais fernando  
 minha senboza nã ando  
 e ninguem nã mo desdiguã.  
**S**egui arama segui  
 nã leyres de ho fazer  
 tomay esta liçãõ de mi  
 q̄ em seguir esta vencer  
 nunca outra cousa ouui  
 pelejay cõ a esperança  
 auereis bo que esperar dea  
 quẽ bem segue bem alcança  
 e em quanto nã ale ançar des  
 fiquuos a confiança.

Porque sempre no aturar  
acharcis se soyse fuido  
questaa certo o alcangar  
z quẽ isto nam cuydar  
desesperese ja de tudo.

Dom fernando.

Sim mas queda paciẽcia  
que me vos dais para isso  
pa. Douvos soo vossa prudẽcia  
z se he boa a excellẽcia  
dela vos sustenta o fiso  
E vos quereis me dizer  
que sois muyto afeiçoado  
trazeis muy baixo cuidado  
z baixo a meu parecer  
be para vosso criado

Dom fernando.

Esse conselho be muy bo  
que me vos senboz trazeis  
pa. Ora no mais nam quereis  
cu nã sey falar a som  
do padar como sabeis

d.f. Eu nã quero ja de vos  
se nam tudo desenganos

pa. O que me viuais mil annos  
pois eu nã lanço estes pos  
se nã soo a escusar danos  
amay vos senboz como eu  
z vos vos rirẽis beni dellas  
trabalhar homẽ dauellas  
sem gastar nada do seu  
seruillas z nam querellas

Mas vos quereis vos perder  
per hũa moça de pote  
meteis vos em seu poder  
entã ella que mais quer  
que fazer de vos guillote  
z eu hũs amozes tomey  
com outra assi desse geyto  
mais eu daneylho respeito  
porq̃ o amor que lbe mostrcy  
todo era contrafeyto

E com soo hũa trouinha  
que lbe fazia z mandaua  
se daua logo por minba  
entã tornaua cartinha  
discreta quella notaua

d.f. Se vos lembra algũa troua  
querelya senboz dizer

pa. Que cousa para fazer  
digo q̃ o temoz mestroua

d.f. Nã se vaa aqui a correr

pa. Nã nã mas tudo mesquece  
porque a dias que passou  
z eu ja sabeis nã sou  
onde a memoria flozece  
mas sou dos que ella engeiton

Dom fernando.

Algum peesobzalgun passo  
vos deue a vos de lembrar

pa. Isso chamo eu gracejar  
nẽ pe, nẽ perna, nẽ braço

me lembra nẽ sey trouar

Ora estay quedo z ouui  
que me lembra nã sey que

hũa cantiga z buũ pe  
que lbe fiz porque bavi

hum dia dũa libzee  
tinba hũa saya amarella

naquele dia vestida  
z eu pondo os olhos nela  
diffe assi soamente em vela  
a cantigua z be sentida

Cantiga.

Saya de laa esperança  
como say desesperar  
ou nã saya a se mostrar

Dom fernando.

Comisso esta de primoz  
z discreto z apoutado  
pera quebe nada senboz  
esta ja traz o louuoz  
consgo mesma liado



fiçes a mesma faya  
a sustancia da cantiga  
ora nã sey que vos diga  
senhoz a volta buscapa  
pa. Buscada esta sem fadiga.

Volta.

Saya pera eu sayz  
de meu fiso, agoza vejo  
z vejo que meu deseio  
de mi se nã quer partir  
z que eu queira fengir  
que namba desesperar  
a faya o da a demostrar  
d.f. A volta nã se lba gacha  
nẽ ay mais que apontar  
pa. Day ho demo tal zombar  
z pozem se isso he cacha  
eu sey muy bem recachar.

Falã os moços z diz  
Sequeira.

seq. Conteynos eu senhoz ja  
que passay com minha dama  
mo. Ora hiuos yera maa  
seq. E comoza tomay laa  
mo. He essa mesma da fama  
Jesu yfso he para mi  
coufa para rebentar.

Dom fernando.

Quereis vos outros callar  
dizey ou nã.mo. Senhoz si  
d.f. Não vos ouça mais falar  
quanteu nunca estiue bem  
com domẽ desconfiado  
pa. Bem pode ser mas pozem  
achouos sempre hũ desdem  
no falar muy redobrado  
E pois vos sois dessa sorte  
folgarey de vos ouuir  
se quer algũa troua ou mote  
porque onde senferra corte  
ba dauer bem que sentir.

Dom fernando.

Eu ja nã fão suarento  
tanto d'isso como vos  
nã me mostro tã isento  
porque meu contentamento  
z veremos tudo aqui soos.  
Quero vos mostrar tambem  
bũas tres trouas no mais  
com condiçã que dignases  
do mal mal, z do bem bem  
z se nã nas vejaes.  
filas a esta raparigua  
com que eu ando damozes.  
acerca la d'ũs fauozes  
pozem a vossa cantigua  
leua la outros primozes.

Trouas.

Sea fortuna mais tiuera  
de males pera me dar  
muytos mais males me dera  
z eu dez mil recebera  
pois por vos se ham de passar  
z com esta causa tal  
vejo dozbar meu cuidado  
o qual me dozra meu mal  
de sorte que he desigual  
z cada vez mais dozrado.  
E assi desta maneira  
como quem vay caminando  
vou seguindo esta carreira  
z minha triste canseira  
cada vez mais me cansando  
z quanto a vossos fauozes  
ey os senhoza por taes  
que a elles serem menozes  
menozes foram as dozes  
que me com elles causaes.  
Porque quando se refina  
em bem querer o amadoz  
a ora que tem fauoz  
ey eu que sua mofina  
nessa ora he muyto moz

assi eu com os vossos vejo  
muyto moz meu mal porque  
vos quero bem tam sobejo  
que sobejo he o desejo  
de vos ter muyto moz fe

**E falá os moços.**

scq. **A**istes vos ja senhoz bñas  
que eu minha dama fiz  
sam mil hozes questas suas  
7 nam fozá mais que duas  
7 logo a primeira diz.  
mo. **O**ra bem vos ja tãbem  
entendeis que cousa he copza

scq. **A**duy boo he isso pozeim  
ora no mais 7 pois quem  
renego de minha sogra.

mo. **D**izei senhoz por merce  
scq. **S**iz senhoza se antre nos  
ha o amor que se ve  
porque me neguaes a fee

pa. **E**ualero ouui lo vos  
de maneira q̄ asentaes  
que neste negocio aqui  
passarinhos 7 pardais  
todos bam de ser ygoaes  
bargante muyto roym

ð.f. **S**enhoz nã tomeis patraõ  
lepraxda: que sam rapazes  
7 nam he em sua mão  
olbarem nunca a razão  
por nunca quererem pazes

pa. **E**u cuido que vejo estar  
diante lahña senhoza  
saibamos quem sera ora

ð.f. **E**ste he gentil falar  
venha ella muyto moza  
porque he quem me assi traz  
sogeyto a seu querer  
por yssõ vamo-la ver  
e veremos do que faz.

pa. **Q**ue cousa pera fazer.

**C**hegã onde esta a moça.  
ð.f. **Q**ue faça minha senhoza  
minha rosa 7 minha estrella  
crede que ha boa ora  
quando se nam cuida nela  
se refina 7 se melhoza  
mais quam longe eu ora estaus  
de ver qua quem eu nã crya  
meu coração mo dezia  
7 logo me remontava  
doutra parte a fantessa.

**D**ihos bem aventurados  
sam os meus pois que vos vem  
os meus cuidados cansados  
descansem de seus cuidados  
traz o mal venha algum be m  
tpo he de desenganos  
para tudo he tpo agoza  
pois tendes tpo senhoza  
venha a pagua de meus danos  
em cem años day me hũ ora

ysa. **E** que pagua he essa tal  
que vos quereis que vos dee

ð.f. **S**ualardã de minha fe  
remedio para meu mal  
pois sabeis camanho he

ysa. **E**neste mal que dizcis  
quem direys que vos tem culpa

ð.f. **V**os senhoza q̄ ho fazeis  
7 fszendo mo quereis  
q̄ vos fique inda desculpa

ysa. **Q**ue culpa vos pode ter  
quẽ vos nunca soy buscar

ð.f. **A** culpa esta no olbar  
ysa. **S**e me vos não foreis ver

mal vos podera eu matar  
pois a culpa vos a tãdes  
sofrereis tão bẽ o dano  
dounos este desengano  
que se grande mal fostẽ dea  
mayor he qualquer engano.

**E**sta pagna podeis ter  
outra nã na quero dar  
que nã quero experimentar  
que coufa be arrepender  
a tempo de nã prestar  
**df.** de quantos males padeço  
desengano be o mayor  
ate aqui tiue grão doz  
esta que vos não mereço  
vou sentindo quee peoz  
**S**e me vos não consoiaes  
senboza dayme por ydo  
**mo.** bo fe que ja vos tardaes  
**pa.** senboz nã esmoreçais  
nẽ vos ajaes por perdido  
porque eu tenho essa senboza  
por tanto justificada  
que se vos agrana agoza  
toz nando daqui a bũa boza  
a ueis dachar melhoza  
**df.** Essa be boa despedida  
mas quẽ soamente hũ momento  
sem ella não teue vida  
como fara tal partida  
que parta sem moz tormento  
**pa.** leuando esta esperança  
esse tormento não vay  
z pera auerdes bonança  
nunca percaes confiança  
mas nela sempre pegay  
**ysa.** Diz vos bem, fazeyo anfi  
**df.** senboza se vos mandardes  
que tendes poder em mi  
**ysa.** quanteu quero mir daqui  
**pa.** senboza vos nam vos vades  
po zque se vos his leyrais  
dũ vosso posto nocabo  
a. tambẽ vos vos namozais  
homeẽs porq̃ me matais  
liure me deos do diabo

**D**ou ao bemo estes amoza  
que amozaas foram estas  
ambos lois meua seruidozes  
z ambos queris fauozes  
nnnca cu vy tacs requestas.  
**siq̃y.** Day a deos que a moça estaa  
inda em todo seu fiso,  
**mo.** Ella anda ja dauiso  
z assaz de bem claro estaa  
que tudo ha de ficar rifo  
**P**orque vendo o modo della  
vereis que fala dozado  
com elles z nam fingela.  
**siq̃y.** Nunca elles comẽ daquella  
em mil annos bom bocado  
**pa.** Senboza minha tençam  
com que vos estou falando  
be por quam seruidoz são  
na alma z no coraçam  
de meu senboz dom fernando.  
**¶** Aqui entra hũ negro que vem  
buscar a moça z diz.  
**M**aria proque não bay  
bosso que samaa floza  
bosso saa aquy parray  
falay maa muyere falay  
floza saa manencoza.  
**B**osso falaa co rascão  
como vos bay pera casa  
ella dar muyto fungão.  
**mo.** Andar dhy pera ladram  
vede vos nam vades bzaa.  
**ne.** Andar vos cagar a cays  
merdinbo farrapadinbo  
**siq̃y.** Sus perro nam faleta mais  
**ne.** Bem bossu merce mandais  
a my nunca saa negrinbo  
**ysa.** Bastiani dije que faz  
minha may, ou donde estaa  
**ne.** Joana ja cbegou ja

vos'ofica la detras  
que si cáfazendo la  
yfa. Estauala tanta gente  
que me nã leyxarão encher  
ne. a mim tender mim saber  
que vos'õ saa mas contente  
falar homẽ a mim nam ver  
yfa. dize tu viste me a mi  
ose falar com ninguem  
jesu me liure de ti  
ne. bosso sa muto roym  
vos namozaro tambem  
õ f. Não se pode mais pintar  
na molina toda junta  
bastião queste callar  
z eu te quero forzar  
ne. para tras vos forzar nunca  
forzase vosa do ozeiba  
cortada na pelourinho  
õ f. nã mas soo por amor della  
bo farey sem mais cautela  
ne. a mim nũca beue vinho  
Bastião nunca ganhar  
sempre abze oyo turo  
vosso risze que forzar  
entrã elle nam falar  
depois vay froca no muro  
a mim nunca negro nouo  
vosso nunca conbece  
mi saber mas comaque  
esse moça fruta obo  
entã elle vay vende  
pa. este negro vem tão forte  
que se nam pode sofrer  
yfa. bem triste foy minba sorte  
z melboz me foza morte  
que tantos marzeyros ter  
pa. vos perro pele no cuu  
querẽis ser ose pinguado  
sus dispiuos logo bi nuu

ne. bem com quem falase tua  
bay pinguar vosso criado  
seq. Senboz quero saltar nelle  
z fazelo yz daqui  
co demo na sua pelle  
porque o queu sinto daquele  
be perro muyto roym  
yfa. nã se ordene aluozogo  
cõelle porque be pioz  
pa. guarde nos nosso senboz  
nam bulas contigo moço  
porque por bem be melboz  
Oza filbo bastião  
faze tu bo que teu digo  
entam assenta contigo  
que alfozria esta na mão  
fescufas este perigo  
ne. a mim nunca ja risze  
alfozia nunca boõ  
que mia seoro be  
fioza boa boa fe  
que dara mim esse guaboo  
E fartase te na mais  
comere bisiro muto  
boõ bida vossa cudaes  
mo. pois perro porque furtaces  
ne. bosso assay mim algũ furto  
nam vay eu esse caminbo  
nunca esse condição  
seq. toda via sois ladram  
porque tendelo focinbo  
mais disse que dasno yzmãõ  
ne. furtaa vos algũ cosa  
rafacão mara pioyo  
tonia para vosso oyo  
seq. se tu cayzes na loufa  
se teu os ossos nam moyo  
ne. maria quere tu vir  
se nam eu loguo trona  
bay vizer tu ficar ca

que nunca quere bulir  
ysa. andar muyticrama  
ne. Tomabos esse primeiro  
ysa. ora espera que ja vou  
nam sejas tam tçoeiro  
negro tamanbo palreiro  
ho diabo que teu dou  
v f. senhora pois vos mudaes  
agora assi desse geyto  
mudese de vosso pcyto  
a pra que me mostraes  
pois vos tenho amor perseyto  
ysa. Histo soovou imaginando  
era escusada a lembrança  
v f. por vida de dom fernando  
que por mais que ande penado  
nunca perca confiança

¶ Entra a velha may de a mo=ve. E bem quem vos mete a vos  
ça com hũa cadeia na mão como  
que vem denoyte: z diz.

ve. Jesu quanto marteyro  
quem hũa pedra lançar  
para outra pz buscar  
exemplo he verdadeyro  
que nenhũa ha de tornar  
Dize negro quanto ha  
que viste em busca desta  
desfaçada que aqui esta  
sus pera casa que laa  
tu mo pagaras por esta  
z vos dom perro sereis  
oje muy bem açoutado  
pois que sois tambem mädado  
que nunca jamais quereis  
tornar logo co reca do  
ne. A mim ja fainaa parelle  
turo dia nam querer  
por q̄ darime sem proq̄

eu saa dentro na seu pele  
esse nam raba bo fe  
Velha.

Questiueste la fazend o  
dize raparigua maa  
ne. ja mim risee isso ja  
ysa. Jesu que meu encomendo  
que auia eu de fazer la  
Era ali tamanba presa  
que me nam leyraão encher  
ve. ay que grande presa essa  
que siso z que cabeça  
z que casa as de reger  
pa. senhora donahonrrada  
credemo que vos direy  
essa senhora eu sey  
que nam he nada culpada  
qua detença eu lida causey.  
E bem quem vos mete a vos  
tirar palha com ninguem  
pa. pareceo mela tambem  
que v̄ em perpassando nos  
me perdi por seu desdem  
ne. a mim achaa elle falando  
con turo esse rascam  
pa. senhora se hiba payrao  
ao senhor dom fernando  
concedey este perdão  
ve. Esta não he a primeira  
que ella fez esta sayda  
que ja vseyra z viseira  
em nie dar sempre canseyra  
cansada seia sua vida  
mo. dona eu sou o culpado  
que lbe quis falar damozes  
ve. ora estaes bem auiado  
bem ja vos sois namorado  
mo. comoza sou dessas flozeas  
seq̄. E eu porquē minha rosa  
pedeço ja agora pcna

vendo soo essa arte vossa  
se nam poz vos q em fermosa  
le prais niupto aaquem Elena.  
ve. Andar emboza 7 ter bem  
zombay la com quem quiserdes  
siq. Não zobo, nem tenho quem  
poz meu mal olhe, pozem  
espero vos me valerdes.  
ve. Ora filho nam zombcis  
porque ja tambem sup moça  
nam niupto sea, sabeis,  
mo He certo q ainda pres  
de Toledo a çaragoça.  
siq. Em fim senhora sam vosso  
ve. Nam se me mete em cabça,  
pa. Aquella foy mlhoz peça  
que teme ella ja que o moço  
de seu amor arrefça.  
dõ f. Pera que he ver mais q yso  
nam hay ja que fiar  
velha que vay confiar  
que se lhe falam de siso  
ainozes, he de notar.  
psa. Entam vedela vos vy  
a buscar me 7 reprender me  
7 foiga ainda de ouuir  
o que eu ando a fugir  
7 diz que quero perder me.  
siq. Toda via digo eu  
tenhora que ando morto  
poz seu amor, 7 que sam ieu  
7 lembrelhe pois me deu  
a pena, dar me o conforto.  
ve. Dae conforto he esse tal  
que vos meu mano queréis  
siq. Adinhalma que pois meu mal  
a outro nam tem ygual  
que vos soo o melhozels.  
ne. Namozaro saa jabea  
quelle frunga falar nesse

par deſſo a me parece  
ella rizee que ſaa ſea  
7 pozem nunca conbece.  
dõ f. Certo que tu tẽs ezam  
pa. Quem quer eis q lha deſdiga  
velha que he tam rapariga  
que atce o ſeu Baſtiam  
ſente ja eſta cantiga.  
psa. Ella he ja tam deſtampada  
que ſe a eu daquy nam leuo  
aquy ficaraa palmada  
7 niſſo tam enleuada  
como ainda a leue ho demo  
Sus Baſtiao vay poz hy  
mãv vanios que he ja tarde,  
ve. E huy cansada de my  
agora ſolgaua eu aquy  
deſtar paſſeando em ver dade  
ne. Suſo andamo ſtoza  
que meu oyo ja tem ſono  
noſſo bem ja mas bũ ora,  
ve. Grande preſſa he a vossa agora  
como es mao, cão ſem dono.  
psa. Ora ſus v: monos ja  
não nos detenhimos mais  
o vagar com que ella eſtaa  
ve. Ora acaba anda la  
psa. Adas vos que nam acabais  
siq. Senhora quer companbia  
ve. Naquiſſo soo imaginava  
yſſo he o que eu queria  
viſtes vos eſſa agonia  
pois ſim eu o deſejava.  
pa. Amos todos juntamente  
7 indo aſſy praticando  
yſe ha a noute gaſtando  
7 quem for menos contente  
eſſe tal va ſoſpirando.

¶ *¶* fim.

✠ Auto das Capellas. ✠



Auto nouamente feito chamado das Capellas, em o qual entrão as figuras seguintes. s. Dum homem nobre por nome Andre Telez, e sua molher Ines de macedo, e sua filha Antonia Telez, e hũa criada por nome Clara, e hũ vilão, por nome Lourenço e hũ Ratinho e dous Adatantes, e hum moço e hum, Adusico, e hũ Clerigo.

Entralogo ho Pay e amay donos da casa, e diz o Pay.

Pay.

Senhora Ines de Macedo  
tudo passa e tudo arde  
e eu senisto cuido ey medo  
e o que se ha de fazer ao tarde  
de milhor feyto com cedo,

e se causa achais o culta  
nam o seja assi embora  
pois esta claro senhora  
que a honrra toda resulta  
em tentala cada hora,

**E** A senho be Deos temos  
bã filha que he molher  
na me voffo parecer  
porq̃o meu be q̃ lbe de mos  
algum pouco de viuer  
mã. **C**oſſas palavras e intêto  
vinham caindo do ceos  
mas a vida be caſamento  
e o caſar dizem q̃ be vento  
ſenam y em por mã de deos  
**D**ois vos buſcar lbe marido  
nem eu não ſey com o ſeja  
ſe freyra ſernam deſeja  
e Deos lbe tem premerido  
algum bem, elle a prouēja  
pa praza a vosrey dae eſtrellas  
q̃o milhor vos lbe eſcolhats  
nos demos todassas vicias  
porq̃ as couſas nã ſam mate  
que aquillo que fazem nellas  
**E** Tem aqui micer fabricio  
hum filho manſo amoroſo  
em eſtremo curioſo  
de buſcartodo exercicio  
de viuer mais virtuoſo  
Deſejaua imenſamente  
tentar eſte caſamento  
mã. **N**ão falta ne mudo gẽte  
niſto cumpre auer tento  
**M**as porq̃ eſtas cenſas vão  
por tal eſtillo que quadre  
vamos nos, e outrem não  
falar com noſſo compadre  
Zanalberto e e Liam  
que ſam ambos vinha e carne  
por parte de curbedio

e mais por parte do tio  
e deſcurto **P**ero de mame  
que mearco no deſaſio  
**E** a meu compadre ſaber  
que o ſonamos por eſpelho  
pera em tudo nos valer  
darnos ba todo ſeu parecer  
no qual teremos conſelho  
pay. **E**u ſenbora eſtou com iſſo  
e pois quem tempo tem  
não ſaz bem ſe ſedetem  
pedi o manto em prouiſſo  
mã. **C**rra. crra. **S**enbora  
mã. **E**m que eu q̃ eyra  
nam ſayras deſſe canto  
cumpre que vas aa ribeyra  
de preſſa em toda mareyra  
dame ca primeyro o manto  
pay. **E**lay aſinha niolca morta  
mã. **D**e bú caldo de tremocos  
pay. **D**ize la de nba a oita  
que chamẽ todos os moços  
e venham por eſſoutra porta

**E** **C**lanſe e entra a filha, e diz  
filha.  
meu pay quer ordem por  
caſarme muyto a ſegredo  
tedo ſey, não aja medo  
que me caſe ſenam for  
ſoo com **L**epo da zueudo  
e por tanto ſeus ſentidos  
podem ceſſar deſta vez  
que he trazellos perdidos  
crra. **S**enbora **A**ntonia veley  
voſſo pay e mã. **S**e mudo



**M.** Bem se v'ão muyto e bora  
que eu l'hes trincarei o b'ordo  
porq' saybã q' e a que mo'ido  
**crã.** Ami mandau' iom: fora  
de p'as veolhe outro acordo  
**fil.** não me espanto delle vir  
mas o acordo que tal he  
cla. que daqui não mude o p'ce  
atec tornarem a vir  
que v'ão fazer não sey que  
**fil.** Fagora pois que o sey  
de f'antem desses cuydados  
mana eu os escutey  
elles v'ain determinados  
ca'arme o que eu nam farey  
**crã.** casarvos inatão a brasa  
mas cõ que. **fi.** cõ florétino  
**crã.** assi porque he minino  
z vos regereis h'ua casa  
como velha de bom timo  
**fil.** **C**asarte d'aceytar  
quando algu' fruito se alcõça  
**crã.** Tendes arte pela man'ia  
de saberdes bem bradar  
z pensar h'ua criança  
**fil.** Olhai ne a gram marauilha  
z a criança estar chorando  
z eu estar he cantando  
pensandouos estou filha  
vost' pay me esta lembrãdo  
**crã.** Isso me t'uhcis guardado  
fois moiber quam temp'eco  
**fi.** Sou plor' do que pareço  
**crã.** Assi sera mal pecado  
que o mundo z m' esse a'cesso  
**fi.** em coulas que não redundão

não falemos van'e a parte  
sã meu pay z mãy em parte  
donde am' balde se fundam  
por'nyuonã de min'ha arte  
**M.** E se agora meu pay vem  
ey medo que lance a sonda  
por' saber o que e in my tem  
eu não sey q' l'he responde  
ey medo d'hir por' hi alem  
**crã.** Se tendes boa colbeita  
deueis vos d'hir concedo  
**fil.** Teu zomber nada a p'ueita  
eu tenho h'ua carta feyt a  
pera lopo d'azeuedo  
cla. **P**ois q' quereis, q' l'ha leue  
**fil.** Quero que vos l'ha leueis  
muito cedo z não tardeis  
cla. **T**ossa merce q' l'he escreue  
**fil.** A tomada o sabereis  
**E** dizeilhe que estou posta  
em h'us desgostos mortacs  
z se quer saber que taes  
que elle seja areposta  
desta carta que leuatis.  
cla. **V**os quereis saber senhora  
do bom Ayres do quintal  
**fil.** o q' ela. jurame por tal z q'al  
que vos quer z vos a do'ia  
que vos soes seu bem z mal.  
**fi.** guarde tu desse jam sono  
como do viuio dia'ho  
que quer este cam' sem dono  
nam tem comeco nem fim  
as coulas desse fanchono  
cla. **E**lle he rode bum defazo  
**fil.** mas comé ambos z dormé

z faz agora de mau vazo  
cra. Afe que elles desconformê  
muyto cedo sobre este caso

fil. Ao doudo que escalaura  
costumão polo em prisam  
nam lhe respondas palaura  
porque a peçonha que laura  
sempre a corram pelo chão

cra. poisinda que me elle tenha  
por maa de condicam crua  
nem soo lhe direy mantenha

fil. ora vay por vida tua

yem antes q̄ meu pay venha  
cra eu me vou nam leuo máto  
porque assi vou mais do ceo

pera dar a carta ao sancro

fil. E eu vou por entre tanto

laurar naquelle manteo

¶ Vaise z entra o vilam lendo  
por h un liuro como que apren-  
de pera Clerigo.

vil. Jam lucis orto sidera

vt in duris altibus

nos seruos lucentibus

lingua refrenes tempora

¶ Ora pardez que eu apredo

que me sobeja o saber

pois eu cregolo ey de ser

muyto cedo a Deos prazêdo

ou sobrisso ey de moirer

E se me eu cregolo vejo

z cura de ABeijamfrio

como espero z confio

pardez que por todos mejo

hum z hum todos enfo

¶ Perque eu farey esteçam

z perguntar ey se vejo  
aa missa o nosso escriuam

z se differem que nam

ponha a: i real z meyo.

E todos os escolheyto

ey de trazer num registo

z por tanto assi com isto

falos ey andar direyto

que digão elles de mo he isto

¶ E por mais me aparentar

sempre debem em milhor

na terra como ora for

por manceba ey de tomar

a filha do aualiaçoz

¶ Tornemos a liçam sus

¶ Toma a dizeo Jam lucis

que disse em principio z

acabado diz.

¶ Nam erro eu nesta liçam

eu aprendo como! almão

agoranão auer coentro

porque diz que o fino a mão

vos se metida no centro.

¶ Vayse o Vilam z entra o

Racinho. z diz

¶ Do terra dondenasci

mas quam longe q̄ ora estas

oo coytaçoz de ti Bras

que sera ora de ti

que não sabees por hu vas

Ah muyta faude aia Deos

que tal terra ali criou

mas esta, que a eu ocu

see pouoada de inerees

ossi como eu aqui estou

¶ E sam tãtos como bichos

que tomam todo o caminho  
 e se lhe tocais, ratinho  
 ba que colheffe estes micos  
 la per antre douro e muno  
 ora andar, ora embora  
 deyrar esta aquella  
 ou de casa. vii. Du de fora  
 ra. Dirma senhor onde mora  
 o cura da Madalena  
 vi. aqui, mas não he aqui agora  
**Q**ue foi razar hü resposo  
 la acima a sam Martinho  
 vos que fols. ra. eu a deunho  
 quey per nome Bras a onso  
 e que sam voffo sobrinho  
 vii. Jesu, meu sobrinho Bras  
 venhais vos muyto embora  
 pois he de saude e paz  
 Jesu quam grande que estas  
 ra. Eu creci coma maq bora  
 vii. Dizey por algum desuio,  
 deziaste por ventura  
 que auia eu dir la ser cura  
 ra. Si dezia senhor tio  
 vii. Se eu la for, vida segura  
 que eu por nam errar  
 porque auer ordês quera  
 vou jaa em Jam lucis orto  
 e passay a Aue Maria  
 ra. E quem he Já lucis o torto,  
 vi. Que não sabes homẽ morto  
 que isto he miãa do dia  
 ra. **O**hay a mi nha cabeça  
 nam falauis vos na terra  
 vii. Mã, mas antes q meiquecs  
 conta tu. ra. Boca que erra

nunca lhe opãofalleça  
 a terra fica laurada  
 e o mais do pão nascido  
 mas sobre enha namorada  
 vay la grande embulhado  
 e eu venho dela fogido  
 vii. Andar, conta  
 ra. Jaa sabes embora e nella  
 que quige bema Madalena  
 e alguns dias andey  
 sem auer fauores della  
 em que me martilizey  
 Assim tempopasscu  
 amores da laurandeyra  
 vay não sey porque maneyra  
 ba boa da moça emprenhou,  
 e opay tinhaa pera freyra  
 vii. A filha do escriuam  
 ra. Esta cachopa yerama  
 tomãa opay sem ca, nem las  
 e pespegalhe hum estiram  
 como quem de liso obaa  
 vii. E o escriuão como coube  
 na pelle sem rebentar  
 ra. Mandou me logo chamar  
 o pay della como o soube  
 e quiserame esgatinbar  
 Houeu entro e dempeçilho  
 achol logo quatro em pilha  
 diz o pay, ou papa milho  
 pois me emprenhastes a filha  
 vos eis de parir o filho  
**P**erdeos tio eu cnrrihey  
 e quis voluer pela escada  
 vou echo a porta fechada  
 di geu, nunca albardey

ralburra como a prenhada  
vii. Fia y uos la na molher  
ra. Diz a senhora assentay uos  
diz o pay, sus confessay uos  
perque logo ey s de morrer  
E Digeu morrer, confissam  
dilo pay confessay ues amy  
degeu sois vos capellem  
nistobate meu yrnão  
da parte dinrey abu  
Eu com isto assi fiquey  
algum tanto mais em mi  
sus abu, nam abrey  
vão elles pegam de mi  
se de preso, digeu nam ferey  
E Dou riço de mão a porta  
vii. O sobrinho Deos te valha  
ra. Ali vireis a batalha  
z a boa da moica morta  
co. tañia como naualha  
vii. Onde te foche vahy  
ra. Trazia seis baracões  
nam curo de mais rezões  
bora logo, vim me aqui  
vos fareis como quem scis  
vi. E não tenho de meu algo  
nem tenho vinha nem empo  
nem sam cadela nem galgo  
buscaremos algum fidalgo  
que tu firmas algum tempo  
E Uamse, z entra o moco de  
Lopo dazeuedo, z diz  
o Aboco.  
E Este meu amo bebo  
o liso na Abendoac'a  
a parda he minha dobrada

porque a quem endoudeco  
me cumpre darhe passada  
E Foy a casa do Liam  
vero auto dhum dalf: ma  
curdando de ver a dama  
vio a mãy z a dama nam  
namba de ver oje cama  
de que falla a esta bogia  
se fina namsey porque  
magma com a fantesia  
z se algum dia a não vee  
vem nelle o demo esse dia  
E Duolos teremos aa cea  
jaa agora delle me teino  
z sey que trara por ves  
amores de Deliphemo  
pela dama Galatea  
O tanto foy enfacento  
elle vay feyto bñia brasa  
mandoume vir pera casa  
pardez que com elle senho  
segundo a noyte se me aza  
E Entra Lopo dazeuedo z diz  
io. Valha me Deos quãta lama  
como venho peconbento  
pois hora, que fuy ao vento  
z jaa que nam via dama  
vi boim defenfadamento  
E Ora partuos euidentes  
que tal auto vrde m z teccm  
zo vam fazer antre gentes  
mereciam que lbes dessem  
cbñs bofes de caõ nos dets  
Afee que me nam esqueça  
z que a direyto nem tomo  
outra men nam acontença

mataram me venha morto  
venho com dor de cabeça

Lois. m. sô. lo durmis mano  
m. eu nã durimo. l. quãto ãgano  
mo. mas quãtas palavras rotas  
lo. Ora bi buscar hum pano  
alumpayme aqui estas botas  
deuiam buscarse meos  
para q os homẽs honrados  
nam viuessẽ com cuidados  
de criar filhos albeos  
mo. Elles nao seruir pelados  
lo. Que resimoneas, almpa  
esãrega ao longo da sola  
mo. voto a dez q sou hãa gripa,  
lo. Sebã roim se vay z não fica  
outro vem quenõs consola  
mo. nẽ eu não digo outra couã,

¶ Entra Clara z diz.

cl. Oula ou dela mo Quem he  
beijo a sã de vossa merce  
senho, he Clara de soula  
que busca a vossa merce  
lo. Minha esperanca colheita  
com prazeu não caybo em mi  
minha saude perfeyta  
que nouas me dais de mi  
cl. Que estã senho muyto bẽ  
lo. Bem senhora pois vos vejo  
mas dizey me vos parem  
como fica o meu desejo  
dõde esta grãca vem  
Clara.

¶ Nesta carta o sabereis  
day me reposta senho  
lo. Senhora que me dizeis

he certo que me trazeis

vos, carta do meu amor  
cl. senho, si z mais diz ella  
que descãse quem trabalha,  
z que tome esta capella,  
z que quãto aa sentẽca d'ella  
que sua tençam libe valba

Lopo dazeuedo.

¶ Prenda que me sostienes,  
entre magoas tam estranhas  
recojote em mis entranhas  
que son tuyas, tu las tienes  
cl. ¶ Senhor os ditos louçãos  
sam soo de vossa merce  
diuera fazer! he hum pee  
lopo. far! hey vinte pees z mãos  
cl. ora faça por sua fee

Lopo da: cuedo.

¶ Una buelta das al pecho  
y outra al alama mia  
scan bueltas de alegria  
como lo pide el derecho  
Tu es la que me sostienes  
entre magoas tan estranhas  
recogere en mis entranhas,  
que son tuyas, tu las tienes.  
cl. Esta adalma. lo. esta soãra  
Clara.

Esta ainda que nã queira  
Lopo dazeuedo.

De vagar nesta cadeira  
ey douuir quem me namora  
compena tam lastimeira.

¶ Vendo Lopo dazeuedo,  
a carta, diz.

Carta.

**O** verdadeiro amor que jaz dentro na alma, no qual nunca pode caber engano, me pido q̄ nesta vos escreuesse cousa em q̄ tanto vos vay, como he determinar-se nouo casamento cō Florentino para my.

**Entra Ayres do quintal, e diz Ayres do quintal.**

**De la o senhor, he la lo. Pois onde querets que seja ay. Vose isso saltara**

**lo. Escondey uos que yem ca esta peçanã vos veja Ayres do quintal.**

**Que faz o senhor foão**

**lo. Mo como vindes real ay. Porque dizey venho mal**

**lo. Não assi pers Ueram vindes vos muy natural**

**ay. Ora ouui assi vivais vereis como he ditoso o meu moço, o meu mozaes.**

**lo. Andar o vosso mimioso**

**ay. Deyroume por esputaes lo. mas deyrouuos para a bola com os propios aparelhos en los campos verde y sola**

**ay. E yme dir pedir esmolla pelos sanctos Euangelhos.**

**Clara, e diz.**

**mo. A vida q̄ eu por vos passo minh alma vos a olhay el. querets vos la tirar madraço**

**mo. Ana calte, ou falla passo arrenego de meu pay**

**cl. Têdes muito pouco spirito pera vos tomar por dãmio**

**m. Minhalina tomã este ramo cl. Pardeos que de tãto grito que me ouça la vossãmo**

**Moço.**

**Ora mãã nã te redouçes por sancta que jaã te vi lo. Sois sopena de cem couces que vos não bulais dahi**

**ay. Como engorda este vilãmo. Isso he cõ que me eu mato voto a dez que tudo he fato**

**lo. Mossos holpedes se yram nos comeremos o pato**

**m. O. Pato, galinha, perdiz pardez que tudo tomara**

**lo. O meu moço ha m ster vara mo. Tomara eu de juyz**

**prendera os olhos de Clara ay. Zamba este moço cõ uolco**

**lo. He este hum diabo viuo ay. Nam vinde ca eu vos siruo**

**mas ey de jugar com vosco tambem ao dcuchelo viuo.**

**Moço.**

**Antes meu auã dir tomar podengo a coço**

**ay. porq̄ mo. não lhey de mentir he muyto ruim de seruir**

**ay. Isso he busçay me hũ moço mo. E se u da bergaria**

**ay. Rouboume esse ladram calças, pelote, gibã,**

lo **D**ols faça boa companhia,  
aos moços não se he yram  
Ayres do quintal.

**E**ledes eu moiro com isso  
sendo brando no seruido  
nenhum moço meu he bom  
todos se perdem de vico  
como elles sam meus tem d's

**M**as por mi ventura poca  
mocos com go desligam,  
tanto mais tanto, húa força  
não é mais que abuir a boca  
q̄ com tudo assi respingam  
mo.

**O** padre noíto vezinho  
tem hū moço z eu lho chamo  
este seu moço he ratinho  
veolbe agora hum sobrinho  
pera quem buscaua hū amo

ay. **D**ra yde assi viuais  
mil z cem annos contados  
lo **R**atinhos sam estremados  
não tem mais que fer bocais  
mas sam rrauos cõprados

Ayres do quintal.

**E**udo meu ratinho fio  
o comer no meu cauallo  
curao, vay por agoa ao rio  
ferue por calma z por frio  
z outras cousas que callo

**Q**uem o moço com o  
vilam z dis.

mo **Q**uê he disse senhor, eylo  
ay. **S**enhor: eu vos agradeço  
o seruido, z mais deueylo  
veshais embora mancebo,  
vos tendes amo ou quereilo

vil. **E**u amo quereis z ombar  
não me vedes ordês ter  
lo. **S**enhor o q̄ vos quereis tomar  
elle aqui vos ba de dar  
o moço que aueis mister

Ayres do quintal.

**P**adre he irrado por quê he  
me perdoe seu errey  
vil. **P**erdam de Deos a bofe  
mas quâta o moço da lboey  
por amor de sua merce

lo. **P**or amor de mi abasta  
vereis o que por vos falio  
curara bem hum cauallo

vil. **O** moço he de vos casta  
ba mister senhor he irrado

Ayres do quintal.

meu costume he nestas feiras  
ver a coufa se me faz  
quedo moço. vil. **vê ca Bras**  
ra. **D**ou ao decho as escalaras  
tio cu tomo por detras  
**J**esudayme ca a mão

ay. **v**enhai: è hora he homêfeito  
lo. z mais não têtão mao geyto  
pera pagem. ay. **B**em a mão  
em coufa não tem defeyto  
mo. **E**lle grande não he milhor  
z se o acha grande tome  
húa entro faço menor

ay. **vê ca moço como as nome**  
ra. como ey nome **B**ras senhor  
ay. **Q**ues estar conmigo ra. abê,  
quero se quiser meu tio

vi. **E**u quero z tu. ra. eu també.  
ay. **d**ê de es tu. ra. de meijão frio

ey. Quando vistes o bote  
12. E vourei tomá-lo possado  
13. Poia q' coisas. ra. E o nede  
14. Eueste a q' a q' a bote  
15. E si ca per ca dey peñada  
16. vey ca fite me verdade  
ca. lembra. ra. By á me fno  
17. E do sigta e. f. amidade  
18. Não perde se com faudade  
o currado do minino.  
Que do mais cuo conheço  
que não diz de mão nem pec.  
19. Eu vos creio z a si he  
ora venhamos e o preço  
seba de feras merce  
seba soldada da lhaey  
20. Aberce de ser seu empare  
que por mais nam lbo darey  
21. A si me custa mais caro  
quicais sera del Rey  
22. Quicais vieste ca embora  
23. O senhor he tal pessoa  
que fara o que nelle moza  
senhor se o minino for fora  
não se perca por Lixbos  
24. Ca terem cuydado delle  
ra. tio ey de ficar. vil. E pois nã  
vinde ca tende aqui mão  
vos eys de mudar a pelle  
pois queis de feras cam  
ra. trabatharey por sofrello  
pois vosso sobrinho sam  
Deos me queyra dar a mão  
para que possa fazello  
como filho de quem sam  
25. Voume com vossas merces

26. E adeo embora emigo  
27. E sobrinho. ra. lo. v. de fta. vey  
que vos praz ou que vos pes  
lo. f. ey por vofte castigo  
By as do quicail.  
E Suo senhor he me licença  
lo. Que vossa merce me mande  
28. Eu senhor fiz ca detença  
não pequena mas soy grãde  
lo. Nam me pude de fpedir  
mas cedo vos perdoay me  
29. E a pois senhor mãday me  
lo. Abasja que vos ys leuay me  
donde eu de fteio by?  
E dizey a senhora minha  
que antre as onze e as doze  
libe darey com hãa pedrinha  
mo. Dela noche, dix e foze  
30. Pedradas senhor não de e  
e carre antes como fo e  
lo. Bejoas de vossa merce  
folgo eu por minha fee  
ver que sua honra vos doe.  
E vos senhora tomay  
por amor de mi e compray  
hum calcadinho vermeinho  
por que fey quã bem vos cay  
31. Esta merce com as mais  
protesto senhor feruilla  
lo. Senhora não me morrais  
E Maye Crara, z diz Lopo  
dazeuedo.  
32. Sois. m. scñr. lo. determinais  
ser sempre paruo da vila  
33. Não me sejaio tam mēdoça  
ou eitou aqui falando



70. **Os calcos farn os romanos**  
que vos senhora dizeis  
as botas vida cansado  
e os cabelos a manada  
porque vos me arrepeleis  
otimiao estuerdes inchada.

**ra. Ora eu voume ja agastado**  
va onde o seu amo mandaua  
ra. Sem vos senhora nam ando  
era. Ellos en a questo estando  
el buen Lid que affomaua  
ra. Pois tá mal có vosco medra  
el que tanto vos queria  
esmechylo comb hua pedra

**Entra Ayres do quintal e diz.**

**ay. Late rate Sayauedra**  
que yobiente conofcia  
era. Si tu me conofces moro  
yo atino me daría

**Ayres do quintal.**

**Vencermeis por toda a vta**  
queu nos arrabaldes moro  
de vossa sabiduria.

**era. Da mister senhora tenda**  
poventura mais adubo

**ay. Não vejo quem me offenda**  
destes males a que subo  
nem que compre, né q venda  
A senhora de meu trance  
quero que digais senhora  
que aa prima noyte de scanle  
porque depois a hua hora  
lhey de cantar hum romance  
era. **Passa isto assi entre nos**

**e nam nos ouça mais gente**  
dizey domem não sois vos

**Logo de xedo e vos**  
amigo estranhamente

**ay. Eu durmo na minha cama**  
do meu visto e do meu catio  
er. mas sempre trazeis por fama  
com verdade que sois falso  
por caso da questa dama

**Ayres do quintal.**

**Digam de minha ferida**  
que qualquer pessoa nada  
que a setuir sendo sentida  
juro na Cruz desta espada  
quelhey de tirar a vida

**era. Ora eu não posso sofrer**  
tanta palaura ociosa

**ay. Ouvi senhora fermosa**  
não deyxreis la de nos ver  
era. Há melébraua outra cousa

**Gayle Crara, e entra o mu-**  
sico, e diz.

**mu. Senhores oula ce ce**

**ay. Eu hia senhores buscalos**

**mu. Pois seño? temos caualos**

**ay. Si senhor, mas eu bofe**  
quem queris leualos

**mu. Aja conselho intezyo**  
que eu nã samozdê francisco  
nem menos quero yz a rifico  
do Resende ou do Camero  
porque pegam como vizgo

**Ayres do quintal.**

**Vos com justiça não tendes**  
de ver, a coufa he franca

**mu. sabey q em mu não ha brãco**

**ay. Leuais guitarra nba mēdey**

**mu. senba si. ay. pois sus arrãca**

e vos estais la tratando  
amorinhos com a moça  
penado andais Fernando  
Pois por vida dos coitinhos  
q a outra que vos não coma  
a pulga nesses focinhos  
né vos va dex compadriños  
buscar a pendenza a Roma.

mo **Q**uelhe fi; que me aperrea  
lo. **D**ra não deis mais reposta  
y den e ordenar a cea

mo. **L**a te indiro a mesa posta  
lo. **T**enho la tambem candea

**C**lamse, e entra o pay e  
mãe de Antonia velez  
e diz o pay.

**O** mãe bo be de meu geyto  
mãe. **A** todos assi namora  
pay. **E**lle esta do caso aceyto  
ma pois quanta o al de s dago: a  
de tudo por ser ja seyto

**Q**ue o pay e mãe não deseja  
senam ver isto acabado  
pay. **A**ssi como esta ordenado  
assi queyra **D**eos que seja

mãe. **C**rea que o bom casado  
**D**eos o mandou ordenar

pay. **O** bõ he que não se guarde  
este seyto a mais tardar  
que horas sam mãe he tarde  
vasse hum pouco repousar

**C**lãose e entra **C**lara com o  
ratinho, e diz o ratinho.

**S**enhora eu venho ca  
corendo logo n hum pec  
que fara grande merce

**a** meyamo em chegar la  
quelhe ha de dar não sey q  
cra. **Q**ue chegue eu la auello  
como chamão o bestial  
de teu amo. ra. ardo quinta,  
cra. **A**ssi senam no conhecido  
dizeylhe que falle em al.

ra. **I**sto lhey de dizer assi  
seme der despois nas costas  
vos tirarimas eys ami  
ella ha dir senbora em fim  
senam leua la e y as costas

cra. **V**os não podreis comigo  
que sam muyto carregada  
ra. **P**ois dous sacos de ceuada  
leao eu e hum de trigo

como quem nao leu nada  
cra. **J**esu adonde vos conbe

ser tam bom e tam longo  
ra **S**enhora de vos o soube

cra. **C**ossamo donde vos õiue  
que terra, vos manficongo.

ra **S**enhora ser **P**ortugal  
vosso negro de requebre

vos me dais continua febre  
perdoay seu falo mal

que vos erguestes a lebre  
cra. **T**ambo a arte de a scam

nam se achara no paco  
ra. **n**em m. nos se vem a mão

se achar a hum coraçam  
q arca por vos como eu arço

**S**e amores quillides telos  
essas calças de tormentos

tray, com estes cabellos  
e esse botas de rodolos

auante senhores laa  
horz isto não be aqui  
mn. Esperay perguntara  
passamos aposto jaa  
ay. Voto a dez curdo que si  
dem volta vellas merces  
que aqui viue la esperança  
mu. Senhor se isto be dança  
buscaremos calcaueis  
vos his co sentido em Frãça  
ay. que tras câ brãdas as velas  
nã be Chriſtão, nẽ demonio  
recorday me estas donzellas  
e seja com Marco Antonio  
alto pondeo nas estrellas  
mu. O senhor veja o que faz  
que sinto aly nam sey que  
ay. Dula ou fale quem he  
ra Esteja senhor que he Bras  
mu. Do bou o de mo o madraço  
z o focinho de monturo  
elle lustra pelo escuro  
ra. Ja que eu guardo este passo  
seja elle senhor seguro  
Cantão z acabando dizo Ra  
tinho.  
ra. Dula ou fale quem for  
per canãõ tera caminho  
lo. Bem vos conheço ratinho  
diz ey a voffo senhor  
que estou neste cantinho  
sembolir com mão nempce,  
ra. Cortareis os pees eu que  
não lhe posso dizer tal  
lo. Senhor Ayres do quintal  
f. çame tanta merce.

Que se ay acabar cõ cedo  
que lhe possa eu falar  
hum tamanino a sagredo  
ay. Senhor Lopo da zeuedo  
logo se logo mandar  
esperem me ora assi  
mu. He de saffio. ay. Quem nam  
guarte pera ca vilam  
que manda senhor de mi  
lo. Acusar uos de treçcam  
Ayres do quintal.  
De treçcã nũca Deoz q̃ra  
quanto Antonia veiez  
amoça nalma verdadeyra  
z em que a todo mundo pez  
ba de ser desta maneyra  
lo. Or jaa que vos fois seu  
tendeme amipor contrario  
z não me ajais por Judeu  
mas sabey que he necessario  
que mouramos vos ou eu  
ay. São eu senhor muy contẽte  
z jaa q̃a coufabe deste toque  
voudar de mão a essa gente,  
z este z eu vamos soamente  
ao campo de sam Roque  
Musico.

Mãda q̃o acompanbemos  
ay. Solo peregrino emosso  
ey dhir z nos salaremos  
mu. Pois veja porq̃o farem: os  
ay. Uayte pera casa moço  
ba senhor não me oireis  
que armas leuais a batalha  
lo. Esta com cabos de: Reys  
hum casco, z laya de maiba

7 tudonadana m valha  
se outro tanto nam trazcis  
Ayres.

As armas hymos y guaca  
7 no de mais veloemos  
lopo. Ora pois o que cuydaes  
ay. Escitou cuydãdo por quaes  
seruiços d' Deos mouremos  
E tende aqui senhor pausa  
noz abltinos contra a ley,  
côtra Deos 7 contra el Rey  
7 eu que vos mate sem causa  
sêpre aas costas vos trarey  
¶ Pois na verdade cayndo  
nos deusamos parecer  
per ante esse rosto lindo  
7 a quelle que cta escolher  
esse a fiqueruiendo  
E que o outro desista  
de todo amor que lbe tem  
de cuydados 7 de villa,  
7 quenunca mais inista  
a seruida milnem bem.

lo. ¶ Apraz me ser desse geyto  
vereis o auesso do pano  
ser vosso 7 meu o direyto

ay. Em vez d' serdes lbe acerto  
não tragais o defengano

¶ Escarra Lopoda zueudo,  
cbeza a dama 7 diz.

fil. Senhor he muy conhecido  
que gente he essa de fora

ay. Bã vosso escravo senhora

fil. Zeus quanta eu duuido  
ficar sem fiso desta hora

lopo. Senhora Antonia velez

tornayvos a restaurar  
vos muy bẽnos conbecets  
nenhum de nos ha de negar  
os seruiços que vos fez

Ares do quintal.

¶ A causa senhora he esta  
cada hum de nos se preza  
de seruiuos cõ franqueza  
7 assicada hum protesta  
morrer por vossa belleza  
lopo. E sobre a de claraçam  
de tam limpas a fferções  
passamos a gras rezções  
tomamos por concusam  
vir a vos que lancets mão  
d' hum destes dous corações

fil. Senhores eu bem conheço  
meus olhos se lam fermosos  
7 de mi sey o que pareço,  
mas elles por virtuosos  
me van o q̃ eu não mereço  
Cada hum delies merece  
ho bem que lbe eu nã escôdo  
aa causa que se off. ece  
a si senhores respondo  
onde me alingo a falece.

¶ Toma hũa capella q̃ tras  
na cabeça, 7 põe na cabeça de  
Ayres do quintal 7 tomo a  
capella q̃ lopo da zueudo tras  
na cabeça 7 põe na sua 7 va  
yse. 7 diz Ayres da quintal.

ay. ¶ Fa agora vos podeis huz  
que partida he a differença  
lopo. Não posso eu presumir  
de vos. que podeis sentir

tam mal tam sabla sentença  
ay. **A**s d' vos estou pasmado  
essa senhora não tinha  
esta peça que temou  
cô suas mãos, e a passou  
da sua cabeça a minha  
**P**ois isto que quer dizer  
virsel'a mesma a qui por  
se nam dar-me a entender  
voue convosco senhor  
ponhome em vosso poder.

lo. **E** Guarde vos ds, ta, ta, ta,  
dai lhe falso euendimento  
a senhora a n. eu intento  
nesta peça que vos daa  
di; a ssi e tende tento.

**V**os vos metestes n' lago,  
donde essa pena sentistes  
e poris foy por q' me vistes  
tomay com isso vos pago  
o tempo que me serustes  
**E** a my tomouse o lhais  
minha capella sem medo,  
dizendome assi ficais  
a qui Lopo dazeuedo  
mandouos que me firuats

ay. **N**anisso muyto de bate  
e creer uos eu sera mirgoa  
tomay a dai lhe rebate  
pedir lhemos q' con a lingoa  
hú de nos aja por parte.

**T**orna e carrar Lopo daze  
uedo e torna adama e diz

lo. **T**omamos ainda a cila  
eu creyo vossa figura  
eile cree a as vestas nella

ay. **E**u não posso creer donzella  
que abayreis minha v'itura  
lopo **D**assay juneste repique  
hum denosdo vosso bando  
fil. **N**este caso ando cuy d'and'o  
minha t'ontra q' nã em bique  
mando que este senhor fique  
e voe nem quero nem m'ado

ay. **E** Fortunatudo ordenou  
contra mi, di, ello posso  
e eu contra tu, o sou  
e por ser assi me vou  
e o campo senhor he vosso  
**G**uardar e esta capella  
pera ser meu repositoio  
eu me regerey por ella  
tella ey por purgatorio  
pera lo chorar com ella

**E** Clayse Ayres do quintal  
e diz Lopo dazeuedo

**A** Grande merce q' a gora  
se yta l'ie foy sem socobras  
eu a seturey cada hora  
nam compalauras senhora  
mas antes cõ lindas obras

filha. **U**aa isso de coraçam  
Ser hor a certa quem casa

lo. **N**ús acertão e outros nam,  
fil. **A**cu señor dai-me ca a mão  
e leuay-me de sta casa,  
jurando aa se de amigo  
de me nam ser follo a mi  
se nam de casar comigo,

lo. **E**u a deu senhora e digo  
que juro de ser assi

fil. **V**os senhor nã fereis n' outro

lo. Douro por vossa presença  
Al. Abscusenhor de ne licença  
trarey certas peças doouro  
e Clara q̄ entrou na auença  
lo. E nã tarde, em noite escura  
deladram e iustica guarte  
fi. A senhor. lo. minha ferm. osura  
ponhale aqui desta parte  
e venha muyto segura  
¶ Chamie estas figuras e entra  
o Ratinho e diz.  
ra. Dix que fome que faz  
pardez que veio a estrella  
pois nam te contentas Bras  
de yr comer a ruela  
Quem se lo que isto iuzga  
seu Bras que se amuga  
que quem seu aho mal peqa  
dizem la que mal se lo veja  
nam se queyre que remulga.  
vi. Seiais embora sobrinho  
ra. Outio Deos vos mätenha  
aquitanda Bil dazença  
outem chegou per caminho  
vi. Assim be, que embora venha  
que nouada ra. Terra farta  
e mais metecome na mão  
dous manreis com esta carta  
nam sey que diz nem que não  
vedora. vil. O malbe tenro  
e mal que mal se socorre  
mas pois que vos elle acorre  
sabey q̄ vos quer por genro  
e que ja a por veruos moire.  
¶ Lee a carta e depois de a ter  
lida diz o Vilam.

vil. E pois que determinas  
ra. Determino que prey  
e vos. vil. Bofa não sey  
ra. Uamos não vos detenhais  
vil. Assim cuydo que farey  
mas porzem faltamaquella  
a loba e o capelamo  
e o argem see em Castella  
ra. Apanhay a de vossamo  
acolheruos eys com ella  
vi. Essa be a ceta q̄ lbeu cheyro,  
tu sobrinho a boca tapa  
ra. Eutenho pouco dubeyro  
ey de ripar ao escudeyro  
de meu amo, sayo e capa  
vil. E vossamo dorme. ra. passo  
mey amo he per bi fora  
esperay vereis que faço  
vil. Per jogo de contrapasso  
daribeca com tudo fora  
¶ Tem o ratinho com o pelote,  
e copa do amo, e diz.  
ra. Semelheu fidalgo, ou papa  
vil. Semelhais com essa capa  
algum fidalgo rascam  
ra. Drase nos prenderam  
vil. quem tem capa logo escapa  
ra. Pois eu a tenho e gabam.  
¶ Chamie estas figuras, e entra  
Ayres do quintal, e diz.  
ay. Bras, moço arrenegado  
nam vi villam de conforme  
deste geyto estou pã mado  
senam se este moço dorme  
com algũa mão denforado  
E demais se sam ja velho

estes males que vio vio  
ho pesa quem o pario  
pelos sanctos euangelhos  
que o viu: am que me fugio  
Com capa pelore andar  
vos não sois forada aldeia  
pois eu eyuos de buscar  
z no ventre da Balea  
sabey que vos ey dachar  
saybamos logo que aqui  
deste padre boy namoz  
oula ou, quem esta hi  
ay. O seu moço he la senhor  
cle. O meu moço senhor si  
O Lourenço jazes na cama  
ouues não ouues ratinho  
vay ver ali quem te chama  
tomou elle jaa o caminho  
sera em casa de madama  
Lourenço ouues ou nam  
outra temos nos mais preta  
aque del Rey coladram  
sem ioba z sem alubeta  
fico em calças z em gibão  
Pois deitarmia nbum poço  
sefemeeste acolbe o pee  
perguntou vossa merce  
agora polo meu moço  
ay. Senhor si. cle. E pera que  
ay. Eu vos direy o que passa  
he hum negocio galan e  
leucume o vosso bargante  
outro tal a minha casa  
pondome virtudes diante  
progenias z fidalguias  
o. ste b. em Lid casteibano

tomeyoe por humanno  
pode isto auer oyro dias  
deu magora o desengano  
cle. Que desengano vos deu  
ay. que me leuou barco z redes  
cle. Dessa volta vay o meu  
z deyrroume que fico eu  
o: sta maneyra que vedes  
ay. não rendes có q vos cubrais  
cle. nem pelotenem mantilha  
ay. senhor demos lhe na trilha  
cle. essa tilha he por demais  
ay. que seja por marauilha  
cle. Nos vamos mas a deuinho  
que he trabalho escusado  
entre ca estara assentado  
em quanto aqui a hū vizinho  
peço hum gibão emprestado  
O Uamse, z entra o Uilam z o  
Ratinho com o furto, z diz o  
Uilam.

Ora sus olhos frecheyros  
os pees ligeiros de alto  
ra. ná nos valé a nos mosteiros  
vi. guardaiuos vodes vinhei  
q traze as lâças do alto (ros  
ra Bem conheço eu o cerranço  
z mais hum seu beleguim  
vil. anda passo fala man o  
nam sabes andar assi  
ra. assi ando. vil. nam andais  
os barcos logo seham dhir  
ra. que farey quero tular  
vil. sefreyuos z nam tular  
ra tulu tulu  
vi. bā vos de conhecer notusse

ra. uossos amos! treimalha  
vil. sobrinho tu tem o embuco  
z nam falas nem galha

Ayres do quintal

Agora vos deitar andar  
por aqui senhor abbade  
que se elles sam na cidade  
aqui hão de vir parar  
de pura necessidade

cle. voaná vedes ay. vou d' tras  
por q' vos com esse vestido  
pareceis hum velhacas  
vereis Lourenço z Bras  
sem delles ser conhecido

¶ Oula por aqui passaram  
algus moços com fato  
ra. nunca nos ambos olharão  
vil. aa pefar que nam t'z mato  
per que falas. ra. se falaram  
vil. ego falar, bestial

oculi mei non vident

ay. estes sam. cle. falar em al  
ay. faluo os eu conheço mal  
meuz ou quer. vil. vaderetro

ay. Beijo as mãos do ebuçãdo  
nam falas vla justiça

vil. vos da parte do perlado  
não me deis q' sam de missa

ay. sabeis como venho azedo  
venho pior que vinagre  
oula vilam eitar queda

cle. sacro Antonio fey milagre

vil. ¶ Eu sam padre acabado  
z affimo chamam z sam  
z vos eyporex conungado  
le me vos poderdes mão

ay. esta bom com vosco estou  
ra. tio, dizeibe de mi outro táto

ay. andai vilam patalou

ra. o peccado me engalhou  
que nam foi elle outro i'ncro

ay. senhor vos como mais velho  
de triminal que faremos  
destes ladrões q' prendemos

cle. Bofe era meu conselho

em galeras tendo remos  
z que sabam dizer yça  
tao torcer das caravelhas  
que se agruem da cobica

ay. isso he dalos aa justiça  
que lbe cortem as orelhas

cle. mas q' lhas cortem anday

ra. por am z do senhor seu pay

ay. Era meu conselho agora  
q' lbe displicemos os fainhos  
z elles de casa fora

z fossen se a mesma hora  
para muyto maos ratinhos

cle. achais esse bom conselho

ay. não si. cle. pois q' o tomemos  
que do vosso fato velho

ra. Aqui de bayro o trazemos

cle. Pois displicuos se mandais

ra. andar la fatos albeos

cle. ora sabeis que facais

aqui mais nam pareçais  
em vollos pees nem albeos

vil. nem por dita nem por trate

nos vera aqui m' is ninguê

cle. agora estais aqui muito bẽ  
com o vosso mesmo fato

¶ Agora vos ide a finha



o peccado nam vos lene  
a fazer desta farinha  
ra. aa Fe u como vou leue  
ay. E isto he sino acabado  
vos padre tomay a as costas  
ho fato que aue is achado  
por que eu vou pellas postas  
a poro meu em recado  
cle. z eu o meu por minha fee  
que bo ey de guardar milhor  
ay. beijo as de vossa merce  
tra. eu nam fico ca senhor  
meu caminbo por la he  
Uanse z entra o pay z a  
mã, z diz o pay

Pay.

Clara velez, que cuidado  
esta casa esta deserta  
mã, rē os ladrões mal parado  
a quietudo apoxa aberta  
pay. Ellas estaran deyrado  
entre la senbra z veja  
se sente o que nos sentimos  
mã, o bem Jesu nos prouēja  
senhor nam serue peleja  
ba mistertr. ar de mimos  
pay. Com peleja z sem ella  
se de Deos he escolheito  
sabei que esta ja feyto  
z mais li querera ella  
aquillo que he seu prometto  
z cō hū filho tam honrado  
mã assi he señor. pay. assi.  
trā la isto em cuidado  
z polo ver a cabado  
veni, o contente de mã.

Quem zina z finge d' er-  
bū recac. z orelha. an: ay z  
diz a mã.

Quem em triste finona lce  
de balde dos beés procura  
que fiz eu dize ventura  
pera que em mi se elineraffe  
tam grande de saventura  
pay. E que he isto sñora vos  
que vistes foi marauilha  
mã. ná set pai. d' dan e effe nos  
mã, xi senhor que este me os  
lem nossa tam cara filha  
pay. como assi he moza e ls  
por minha grande me fia  
mã, perguntai señor Alina  
que he o que sabe de ella  
nam ajas medo mentna  
pay que de velez dize moura  
al. ali estiu cam cantando  
z ella estie falando  
com hū bon. em. dhūa ceura  
que aqui andeua pacifcanc o  
pay. La, eu conbecç mã, bem  
he hum trampa de zeuudo  
que vos eu disse aqui x em  
hum. soço. tenho li. medo  
difestee nam ora beu  
al. vey ella senhor z em  
z toma a capa de graã  
de seu pumao que Deos tem  
vay se antes da n unbaã  
crera com ella ran. bem  
Pay.

Aora vos digo senbra  
que effe ou oaa mar. lito



# Auto Dos Enanos.

Barçal.



Sil vaz.



Dō Siluano.



Dona Paula.



Este Auto novamente feyto, dos bem compostos e graciosos amores de dom Siluano com dona Paula. Agora novamente impresso, e emmédado, tirado ao pee da letra do proprio original. E vam emmendados muytos erros q̃ nas outras impressões se fizeram. No qual Auto entrã as figuras seguintes.

## Interlocutores.

Representador, opay de dom Siluano, hũ seu Aeador dom Siluano, dona Paula, dous vilões pay e filho, chamados Sil vaz, e o filho Barçal, dous Enanos, hũ per nome Bruchel, outro Florinel, e hũ Castelhana, com hũ Souo seu criado, e hũa Sabia Italiana.

Entra logo o Representador, e diz.

¶ Tirne aquy a desculpar  
he quererme atalayar  
de praguentos de mao zelo,  
que grosam sem entendela  
nomais que por praguejar.  
E hum destes se se espalha  
z hum discreto nam no atalba,  
cortando la por boa arte :  
mal ferido Durandarte  
se sale de la batalla.

¶ Ramos vejo eu de policia  
que se cauasse onde os visse,  
afee que lhes descobrisse  
ferem as folhas malicia  
mas a rayz paruoice.

¶ Ha galante que se empluma  
presumindo pella mansa  
fer suma da dulce França,  
z elle nam he escuma  
do que a summa della lança.

¶ Natural he de auisados  
ver, ouuir, calar, sintind o  
mas ha praguentos danados  
que vendo, z nam ouuindo,  
praguejam de confiados,  
Dorem tornando ao q monta  
pera passar sem affronta  
lhes peço que essem quietos,  
ysto quanto aos discretos  
q os demais tem outra conta.

¶ Entra o pay de dō Siluano cō  
o seu Cleador, z diz o pay.

¶ Sintir pena conuem  
a quem muyto desejar,  
muyto moor desejo tem

quē espera por quē nam vem,  
que quem vem por achegar.  
A meu filho estou esperando  
ha cinco inefes, z crede  
que nie tem moito tardando,  
desesperado cuidando  
que ha trabalho q ho impede.

ve. ¶ Elle senhor he casado  
com a filha do marichal,  
pay. dizereme que anda enleuado  
em trazela a Portugal,  
he que dobra meu cuydado.

¶ Que a cousa que quer segredo  
por sinaes he conbecida  
corre risco em ser sentida,  
eu sou pay, z peno o medo  
do risco de sua vida.

ve. ¶ O amor o offerrece  
arriscarse. pay. pois he sandeu  
que ja que ha recebeo  
peçaa pois que a merece  
nāo arrisque o que he ja seu.

¶ Quem visse a sua esperança  
aliuaria seu cuydado,  
ve. senhor aja confiança  
que mil vezes a tardança  
arrecada o bem dobrado.

pay. Pode ser, mas muito tarda  
ve. arrecadaraa tardando.

pay. eu chego aa fim esperando  
ve. quiza senhor que aguarda  
yz com o tempo segurando.

pay. Clamos veador selaram  
que ey logo de cavalgar,  
quem me pudesse mudar  
donde os desejos estam  
hãa hora por descansar,

¶ Aquy se vay o pay, z o veador  
z vê dō Siluano cō dona Paula  
z diz dom Siluano.

¶ Senhora, perdeu o temor  
ou vem inda receosa,  
do. mandame el grande amor  
que eu yr con vos mi señoz  
se me oluide toda cosa.

dō f. Mas quam medrosa sayria  
do. soy muger, mas toda via  
amor q̄ haze el flaco fuerte  
para hazer tan gran suerte  
me ha dado gran osadia.

dō f. Nam ha escrito que oueſſe  
nenhum amante tal vitoria,  
do. ni pienso que se escriuieſſe  
de donzella que tuuieſſe  
possession de tanta gloria.

dō f. Por ser meu merecimento  
bayro, z alto o desejar  
se louie este vencimento,  
pois nelle venbo alcançar  
o meu alto pensamento.

¶ Ja nesta terra senhora  
donde fomos conhecidos  
feremos bem recebidos,  
z assurense ja agora  
nossos corações tímidos:  
Que esta quinta, z esta erdade,  
sua he, z aquy a deitarem  
em quanto eu fo:, z trarem  
com que entremos na cidade  
como sempre desejey.

¶ Entra Sil vaz, z Marçal, z diz  
dō Siluano batêdo aa porta.

¶ Ou dentro. gil. ou de fora,  
dō f. abri gil vaz. gil. quē diremos

dō f. gēte de paz. gil. essa q̄remes  
Jesus senhor, venhais embora  
mar. tambē nos embora estemos.

dō f. Esteis embora Marçal,  
gil. meu filho logo se acenga,  
oo como eres bestial,  
mar. atequi nam faley mal  
gil. es hum sengo Deos te benga

¶ Pois ay ja algum auiso  
de sua vinda la em casa  
dō f. nam ainda. gil. veja nisso  
se me manda seu seruiço  
algũa mercea que lhe eu faça.

mar. Eu senhor yrey correndo  
dilloy na estredaria,  
dō f. a my cumpre yr toda via,  
guardarmeis a companhia  
yſto soo vos encomendo.

¶ Ficareis aquy senhora  
do. y el señoz luego se venga,  
dō f. nam se agaste, logo aa ora,  
gil. castejana he a senhora

Deos a benga, Deos a benga.  
dō f. Ficay a deos. gil. va embora  
do. hermano cerrad essa puerta  
nadie no dereis entrar

mar. senhora nam vos castar  
que ninguem entrar na orta  
se nam soo quem vos mandar.  
do. flo teneis aqui jazmines  
para hazer vna guirnalda  
gil. que diz, chamanos roines?

mar. mas diz q̄ nam tē chapines  
que lle alevanteis a fralda  
do. flo digo esso valga os Dios,  
no entêdeis? mar. nam senhora  
se vos falar como nos

logo nos entender vos  
 ⁊ responder logo effora.  
 gil. Quem sentar de Portugal  
 entender com o Portugues,  
 ⁊ o mouro co Frances  
 porque see seu natural.  
 do. biẽ hablais. gil. isso es ingres,  
 do. Aquestos quatro pilares  
 de que siruen. gil. los pojares  
 quando nosro emo vem ca,  
 sentasse a gente que cansa,  
 do. los pilares no se alcança  
 mar. Os pilares senhora, ya ya,  
 quando ca vem ho senhor,  
 geitão por cima hum cubritoz,  
 por amor de la sol fa  
 do. Quedara esto sombrio,  
 gil. que nam senhora nam see  
 este lugar doentio,  
 do. sin ti o dulce amez mio  
 de ningun bien gustare.  
 La fuente es de ricos caños  
 gil. que nam geitã aquy paños,  
 do. ay, quien tuuiesse certeza  
 de gozalla muchos años  
 con su amor, sin mas riqueza.  
 La agoa es buena. ma. boina ser  
 daqui a leuam pera Lixboina,  
 para nuestramo beber  
 elle soo sem outra perfoina.  
 gil. Senhora, vos vos sentar  
 nam gastar, tomar prazer,  
 do. biẽ estoy. mar. nunca entender  
 sentar vos, nos yz panhar  
 fruyta pera vos comer.  
 ¶ Clãse, ⁊ entrã douis enanos, hũ  
 Buchel, ⁊ outro Florinel, ⁊ diz,

Buchel.

¶ La naturaleza se esmero  
 en bazer dos gentiles hõbres  
 el vno yo. flo. ⁊ el otro yo,  
 bru. la ventura se obligo  
 para el dar destos renombres  
 Que el hombre bien dispuesto,  
 como yo. flo. ⁊ como yo  
 bru. a dios loores,  
 puedese afirmar enesto,  
 que puede matar de amores  
 con las muestras de su gesto.  
 fle. La fama que nos pregona  
 nos somos la lengua della,  
 bru. si me mira vna donzella  
 las gracias de mi persona  
 muerefe de amores della.  
 ¶ Desta huerta nos conuiene  
 sacar vna, ⁊ ha de ser,  
 con que don Siluano pene,  
 q̄ quien aflora el bien q̄ tiene,  
 merece de lo perder.  
 Que os parece compañero  
 ella no verna corriendo?  
 flo. soy tan hermoso guerrero  
 que vna muger en me viendo  
 luego quiere lo que quiero.  
 ¶ Allegemonos que es hora  
 sola esta sin los villanos,  
 do. Jesus, que es esto. bru. señora  
 don Siluano que os adora  
 nos manda besar sus manos.  
 Hizonos aquy venir  
 por ella. do. ⁊ el. bru. el la espera  
 alla cerca vna ribera  
 flo. de nos la quiere recibir  
 con toda su gente fuera.

do. **P**me con vos no es cordura,  
bu. antes es mas grauedad,  
que nuesta gentil postura  
es vna pueua segura  
del precio de su bondad.  
**Y** el por esta certeza  
no la recibio aqui dentro  
que a su padre y su grandeza  
quiere matar con encuentro  
de vuestra gran gentileza. **C**nos  
do. **P**ues no os fatigueis herma  
vernán los dos **O**tolanos  
y yremos luego a la hora,  
flo. **E**sto nos manda señora  
que no sepan los villanos.  
do. **S**i a vos galanes me arrimo,  
voy por cumplir su mandado  
bu. **D**el huerto de proserpina  
salis la hermosa niña,  
con vn galan a cada lado.  
flo. **C**on vn galan a cada lado  
¶ **A**quy se vão. z vem gil vaz, z  
**M**arçal como q̄ trazē a fruyta  
gil. **O**u/ a cachopa no se aqui  
chama **M**arçal. mar. chamarey  
como se chama? gil. **N**ão sey,  
mar. **N**ē eu menos. gil. ve por hy  
se a ves, que eu bradarey.  
**C**astejana/ mocha,  
senhora. mar. bē vos respōde,  
gil. ve por hi. mar. por hi, por òde,  
**J**a **M**arçal buscou, nã nacha  
nã comela pois se esconde.  
gil. **J**esus, se cayo na noza  
mar. ella nam see nesta orta  
gil. oo pesar denha, mãy torta  
ou **C**astejana, senhora,

mar. **J**esu quem abriu esta porta.  
gil. **J**nda oje eu adeuinho  
quiso nos ha de dar guerra,  
mar. **S**icais moscou pera a terra  
pelo foro do caminho  
que o natural nunca se erra.  
gil. **J**esus, **J**esus estou morto  
chama por hy toleyzão,  
mar. castejana, meu pay torto  
gil. cachopeta. mar. bem aa mão,  
chamay **L**amego do **P**orto.  
gil. **C**reo em **D**eos atee a morte,  
z arrenego do diabo,  
**J**esu, que caso tam forte,  
mar. pay façamos hũa sorte,  
gil. z que sorte. mar. quereis ver  
comamos as peras da quella  
z depois quando vier  
pelejay muy bem com ella,  
poys assi se foy perder.  
¶ **E**ntra dō **S**ilvano, z seu pay, z  
o vedoz, z diz dō **S**ilvano.  
¶ **S**il vaz, com a porta aberta  
guardais quem vos entreguey  
gil. da morte me nam guardarey  
pois que ja a tenho certa  
pella guarda que tomey.  
dō. **A** que causa se offerece  
gil. ay **J**esu a que meu dou,  
mar. a moça que aquy deyrrou  
sumiose que não parece  
nem sey que demo a leuou.  
dō. como não. mar. mas como si  
que a ser não, não fora nada,  
dō. tanta perda ha pera my,  
mar. senhor digo ella daquy  
foy sumida, ou mamada.

dō. Jezu senhor morto fuiu  
que não ouue homē tam falto,  
pay. nam aby mais coraçam  
entregar-se tanto aa payxam  
nam he. de animo alto.

Com vida ey remedio forte  
dō. ao contrario he minba sorte,  
tendo a alegria perdida,  
que quem viue triste vida  
grão remedio lhe he a morte.

Das este mal soo ordena  
nam pera acabar morrendo,  
mas pera penar viuendo  
dobrar a vida com mais pena,  
onde a fim yzaa escandendo.

gil. Em quanto Abarçal e eu  
fomos colher esta fruyta  
a moça desapareceo,

pay. nam foy a tardança muyta  
pera o mal que aconteceu.

gil. Não sey senhor q̄ mais conte,

mar. ella ficou cabe a fonte

gil. e nos fomos e viemos

mar. nã na achamos, nẽ sabemos,  
q̄ demo a trespos do monte.

dō. Senhor pay eu determino  
yr com Gil vaz, e Abarçal  
em trajos de peregrino  
buscar remedio a meu mal,

pay. licença, eu vo la assino.

dō. Cuidex viuer descansado  
e tornou-se meu cuidado  
aa contra do que cuidex  
de nouo desfejarey  
este bem com mal dobrado.

gil. Abandarey solar as botas  
peis ey de yr com sua mercee

mar. Pois eu tambem aabofee  
porq̄ tenho as minbas rotas.  
gil. Sua merce ta dyz a pee,

dō. Apee yrey, pois a ventura  
me decco, por me subir  
em tanta desauentura.

pay. dom Siluano aueis dhyz  
com companhia mais segura.  
Ueador.

¶ Senhor outorgue leuar-me  
configo. dō. nam pode ser,  
que se ventura ta de vencer  
suo me cumpre auenturarme.

pay. Vamos, e auiaruos hão  
do que vos for necessario.  
mar. façam alforje pera o pam  
e biraa Abarçal com bordam,  
pelengrino solitario.

¶ Aquí se vam, e tornã os Ena-  
nos cõ dona Paula, e diz.

bru. ¶ Ya señoza el coraçon  
descança. pues que los ojos  
os destilan la passion,

do. no faltan tristes enojos  
porque sobra la razon.

bru. Tomadme por don Siluano  
q̄ yo soy buchel. flo. yo florinel  
lindo, hermoso, loçano,  
no trocáis señoza en vano  
pi. es es damos dos por cl.

do. Da fuerças mi desuventura  
a dos gusanos malditos,

bru. si vos teneis hermosura  
aun q̄ nos seamos de equites  
tenemos mucha apostura.

Abri los ojos señoza,



mire nuestra gentileza,  
y estos campos y lindeza,  
do. es plazer, pero no moza  
el plazer con la tristeza.  
flo. Cefen ya vuestros dolores  
do. hermanos, ruego es por dios  
que me mate vno de vos,  
bru. si vos nos matais damores  
como os mataremos nos,  
flo. Buchel. bru. florinel hermano  
flo. daca la mano y baylemos  
y quiza la agradraremos,  
do. a do estais don Siluano.  
bru. cantando se lo diremos.

¶ Aquy cantarão os Enanos  
esta cantiga.

¶ Linda dama  
cerca teneis quien os ama,  
y le vos estais  
del galan que vos amais.  
do. Ay. flo. que dolor le llego,  
bru. ya no llore. do. ay razon,  
bru. si a don Siluano perdio  
mire que a mi me gano  
mas hermoso que Abfalon.  
flo. Diré esta fuente hermosa  
do. de otra fuente me truxistes  
para mi mas deleytosa  
y en pensar tan triste cosa  
son fuentes mis ojos tristes.  
bru. Señora, de sob este pino  
reposemos del camino  
que es fragosa la montaña  
do. el reposo no acompaña  
donde el mal es tan continuo.  
¶ Aquy se assentan todos tres, z  
vem hum Castelhano como q

vem de caminbo, z hum seu  
criado bouo, z diz.  
cast. ¶ Agora puedo afirmar  
que el deso de allegar  
haze crecer el camino,  
y el que no lo haze continuo  
le es morir el caminar.  
bo. Diré señor no se enoje  
cast. de q. bo. no lo dire. ca. dilo ab  
bo. vino vn lagartõ haziendo ansi  
hurtome el pan del alforje  
no piense que lo comi.  
cast. Si esse lagarton apañio  
bo. pues por esso se lo digo  
no gruñá despnes conmigo.  
cast. anda ya bouo tacaño  
ofrescote al enemigo.  
bo. Señor mire otra cosa,  
si viniere vna raposa  
y me hurtare estoto pan  
ba de reñir con Juan,  
cast. que bestia tan maleciosa  
bo. Diré que le dije Juan  
cast. derate dessas razones,  
bo. vna trueca. cast. q. quisiones  
bo. dexeme comer otro pan  
y esperole dos bofetones.  
Castelhano.

¶ Anda ya descancaremos  
cabe la fuente del pino,  
bo. pues luego nos concertemos  
comamos aqui. nel camino  
que en la fuente hablaremos.  
cast. ¶ Pues di no sera mejor  
de so el ramo. bo. bueluafe  
cast. para donde. bo. no lo se  
cast. hazes burla. bo. no señor  
¶ a iiii

cast. tente. bo. cabe la fuente no ve.  
cast. Jesus, que es esto a ca,  
estremos de naturaleza  
puedo dizir con verdad,  
estremos de fealdad,  
y estremos de gentileza.

¶ Señora quien es enoja  
que haze llorar vuestros ojos,  
no habláis. bu. no se le antoja,  
cast. si vuestra vista la enoja  
yo sanare sus enojos.

bru. Por cierto no es cordura  
hablar a donde no os toca,  
cast. antes sera mas locura  
dexar yr tal hermosura  
con cosa tan vil y poca.

¶ Como estays señora ansí,  
tan llorosa, y descontenta?

do. mi mal no se representa  
yo sospiro por la fin  
del dolor que me atormenta.

cast. Hermanos vos con Dios  
vos señora yreis conmigo  
que yo valgo mas q̄ estos dos.

bo. nuestramo cata que os digo.

cast. que dizes. bo. dezildo vos  
Florinel.

¶ Catad que nos hazeis fuerça,  
cast. desta vez yreis sin ella  
bru. hasta q̄ a don Siluano vea  
dende este punto enloquezca  
sin que podáis gozar della  
Desconjurote Pluton  
y Proserpina, que sueltas  
tus furias en esta fazon  
su feso le de mas bueltas  
que las ruedas de Exion.

¶ Aquy se vão es Luianos, z en  
doucece dona Paula e poder  
do castelhano, z diz elle.

cast. Ya los dos primos galanos  
se yran sin vos desta vez,  
do. dezid los pies no son manos,  
bo. ni aun las manos pies,  
do. pues yo tēgo tres hermanos  
Y vos que ahora venistes,  
baylemos y hagamos fiestas,  
cast. Jesus, que fiestas son estas  
bo. nuestramo pues las que fistes,  
ahora llualda a cuestas.

do. Quereis que quite la toca?  
bo. vos teneis seso de loca,  
cast. calla Bouo, ven aca,  
bo. pardios tiemblo de yr alla,  
catad que haze con a boca.

do. A do estays don Siluano?  
cast. venga señora. do. ya vengo  
dezid vos no sois mi hermano  
bo. por dios q̄ tal temor tengo  
que tiemblo de pie y mano.

¶ Aquy se vão, z v̄ dō Siluano  
cō Gil vaz, z Barçal, em trajos  
d̄ pelegrinos cō seus bordões.

dō. ¶ Se o descontentamento  
dozes metros faz fazer  
a som de meu sentimento,  
quanto se pode escreuer  
com a pena de meu tormēto.  
Senhora em vos desejar  
contino nalma vos vejo  
mas meu mal he tão sobejo  
que o q̄ nam posso alcançar  
y isto me pede o desejo.

¶ Não dura muyto esta vida

mes a que dura em danos  
sentese longa z comprida  
porque da vida aborrida  
sam os dias mais que annos.

¶ Aqui vem Gil vaz, z Barçal,  
como q vê de caminho, z diz.

gil. Adiantouse sua mercee  
dô. de vagar vos vim esperando,

Barçal, vindes manquejando  
mar. tanchey hū espinho no pee,  
dô. z pois. mar. estiuco tirando.

gil. Ja esta terra he diferente  
mar. micer pay, yz vos contente?

pois n'cs passar frâça isgralia  
z entrar polla Istralia  
que tem figole mais quente.

Dom Siluano.

¶ Bem falais fala Francesa,  
gil. Este moço tudo aprende,  
ma. senhor como homē começa  
a entender, logo entende,

porque lhe engasga na cabeça.

gil. Barçal toma quanto ouue,  
dô. sayra nisso a seu pay,

gil. das tripas da mãy o trougue,  
porque inha molher, sua mãy  
era viua como azougue.

mar. Bofas que me pario ella  
huim dia de sam Barçal,

gil. abofec nam dizes mal  
porq chegando aa cancella  
lhe deu logo a door partal.

Sabe o que ca nam vejo  
na França z borborronha,  
nem nesta Italia cesonha,  
negros nê pata que os ponha,  
nem vejo homēs Dalentejo.

Sam pernlongos roíns

não folgo eu cõ esta gente,  
mar. diz verdade meu pay. dô. diz

mar. bofee pay que nam mintis  
gil. dizes a teu pay que mente,

mar. digo que não fee mintira  
dô. bom era ysto se ao presente

meu dano me consentiraa  
ser dalgum prazer contente.

mar. Jesu, que he aquillo acola  
dô. Esta he a torre da Sabia

mas nam sey se alcançaraa  
o saber daquesta sabia

quam lonje meu bem estaa.

¶ Aqui vê hūa Sabia Italiana, z  
aparece rodeada de fogos, z diz.

sa. ¶ Experta furia infernale  
apauora aquesta companha,

non per farle nulo inale,  
mas perq nostra arte estranha,

si vegia quanto vale.

mar. pay. gil. filho. ma. suama testa  
gil. filho. mar. pay eu d que tremo

sam Barçal, q cousa he esta,  
se esta dema anda co demo

daylhe vos ao dem o a festa.

dô. ¶ Senhora, o desejo guia  
ao enfermo buscar faude

z eu assy por esta via,  
venho offerecido aa virtude

de vossa sabedoria.

Ganhey hū bem que perdi,  
z perdi quanto ganhey  
fiquei sem elle, z sem my  
queria saber daquy,  
se o que perdi ganharey.

sa. Inteligo tu razone

gil li faro pe il tuo amore  
non si espauente il tuo core,  
ti desconjuro Plutone.  
ra questo pe il tuo ardo:e.

¶ Fratelo veni comigo,  
¶ Apega a Sabia de Abarçal.

mar. E bein que me quer a mona,  
sa. parlara de tu persona  
vn esprit. mar. exe rodrigo

gil. leyra o moço beberrona.

sa. Não fay q̄ il tēpo nos manque,

gil. q̄ buscareis quē nos espanque  
tambem nos trazer bordone

sa. lacia il iouen poltrone

yo te li donaro flaque.

gil. se mal me dizes, mal te venha

deira o moço. mar. darlbe pay

sa. lacia andar. gil. assy lbe vay

sa. tus gambas con esta sētia

non si possan mouer mai.

¶ Aquy leua Abarçal pera den-  
tro, z diz Gil vaz.

¶ Carpase Gil vaz mesquinho

por seu filho, pois o trougue

moço, cachopo, menino,

em trajos de pelengrino

pera auer a fim que ougue.

sa. Fratelo, non fagas esso,

gil. Andas aquy neste trate,

sa. per il congiuro que ho fato

que a Abarçal li venza adesso

vn familiare mio formato.

Que parle de su persona

a questo Portugales,

a do trouara la dona

que ha perduto altra vez

te congiuro z te perçona.

¶ Per lo espauentable terroze  
de lo tuo ardente foco

¶ Plutone per lo mio amore

que questo non si minore.

gil. tomay la quanto bioco.

¶ Velha maa, p̄sto be rezão

dō. oo não façais tanto estremo

q̄ Abarçal viraa viuuo z sam,

gil. E ylo vem, mas se vem a mão

ja vem tomado do demo.

¶ Aquy vê Abarçal, z falla hum

esprito delle, z diz.

¶ Correy o reyno de Bragam,

como fisco z sozurgião,

soo aos doudos curareis,

z entre muytos que achareis

quē buscais vos viraa a mão.

Soo z nam acompanhado

gil. que faram ao cam danado

mar. matalo per que nam morda,

z atalo com hũa corda

z geytalo nhum telhado.

gil. E pera a dor de cabeça?

mar. darlbe, porq̄ o mal nã creça

com hum machado no toutiço

logo a dor se areuessa.

sa. Cessa del tu parlamento,

lacia espiritu a la persona

y vete al tuo aposento,

mar. oo como suey sam Bento.

sa. Uosira señoria me dona

La merced, pues le he seruíto,

dō. por paga não se apresenta

sa. con esto mi fay contenta

mar. pardeos ja estaua frito

em azeyte de pimenta.

dō. Tomay. gil. não lre dee nada

que me deira aqui apegado  
como marco de calçada.  
sa. que parlas. gil. q̄ cres peccada  
z sabes mais que o peccado.  
sa. Bascaran, yo te conjuro  
per la vengã deste sino,  
me lacies el pelegrino  
y en lago leto y obscuro,  
no te manque el bargantino.  
¶ Aquy fica Sil vaz desapegado  
z diz dom Siluano.  
¶ Que dizeis. gil. a Deos merce  
ja ando z estou destolbido.  
sabes tanto z andas a pee?  
dô. que vos parece. gil. aa bofee,  
que esta tal mate o marido,  
dô. Estes poderão yz daquy  
em prouiso a Portugal.  
sa. Dy neste jorne. dô. oje. sa. si,  
mar. ainda oje Abarçal  
nam quer yz em tal rocim.  
sa. Yo li donare bona gula  
vaya con dio votra señoria  
dô. co me cumpre buscar sorte,  
Sil vaz, he me a par da morte  
leyrar vossa companhia,  
gil. o senhor lhe dee bom porte.  
dô. A meu pay day larga conta  
mar. deixemele que aa bofee,  
q̄ eu lhe darey conta da afrôta,  
que passẽy por sua merce.  
¶ Aqui se vay Sil vaz, z Abarçal  
z fica do Siluano soo z diz.  
¶ Formarme bẽ he prudencia  
sou triste z fuy contente,  
cumpreme ser ao presente  
diferente na aparençia

pois no ser sam diferente.  
Ate aqui estãue incerto  
do que deuia fazer,  
cumpre agora ser experto,  
pois que me he descuberto  
o que me ha dacontecer.  
¶ Aquy se vay dô Siluano, z vẽ  
seu pay z o vedoz, z diz o pay.  
¶ A ninguem ouui gabarfe  
que alcançasse bem cumprido  
do mal, muytos vy queixarse  
porq̄ ay bem q̄ vem mostrarse  
pera o mal ser mais sentido.  
¶ Uer meu filho dom Siluano,  
foy o que mais desejey  
mas mostrouseme este bem  
pera sentir mais o dano  
desta magoa em que siquey.  
¶ Uiuo filho nesta magoa  
desejoso de tua vista,  
tamanba dor me conquista  
que me arrasa os olhos dagoa  
sem ter força que a resista.  
¶ Aqui entra Sil vaz z Abarçal,  
como q̄ vem pello aar, z diz.  
gil. Como senhor, não se espanta  
de nos ver desta feyçã?  
pay. que he ysto, dayme rezam,  
gil. viemos polla arte grumanta  
sem pousar o pee no chão.  
pay. Como assy. mar. eu lho direy  
gil. eu. senhor lha ensinarey.  
coremos a arabia z thioptã  
mar. espere eu lhe darey copia  
pay. copia de que. mar. nam o fey.  
¶ Haia Grumenga encantadora,  
pella arte do escantamento,

me fez vy: aquella ora,  
hū deino, z chantoumo dentro  
em my, z tiroumo fora.

pay. Quee de meu filho, Gil vaz?  
gil. la vay de faude z paz,  
de França pera Aragayn,  
como fisico sorgilião,  
que a Castelhana la jaz  
E partimos cabe Roma  
oie. pay. nam pode ser tal  
mar. viemos Gil vaz, z Abarçal  
per chuvas, trouões em soma  
do nordeste z vendaual.

E couremos a noroega,  
z as boborronhas frumengas,  
z daly noutra refeça  
viemos pollas berlengas  
como joga da cabra cega.

gil. Não lbe pareça que he graça  
pay. anday ca dentro z dirme eis,  
como ay arte que tal faça,  
mar. por joga de passa passa,  
pay. ca dentro me enformareis.

¶ Aquy entra o castelhano cō do-  
na Paula, z diz o Castelhano.

¶ Não basta la exelercia  
de quantos medizos veo  
para alcáçar vuestra dolência,  
porque enesta competencia  
no se cumpla mi deseo.

Que dare por quaresceros,  
do. mi padre en Ciudad rodrigo,  
cast. Señora hablad comigo  
do. si mi madre viene a veros  
yo fere muy buen testigo.

cast. Perdistes el sentimiento  
no sentis el mal que teneis,

yo lo tengo pues lo siento,  
do. ahora no baylareys,  
cast. señora no hable al viento.

do. Cantareys de aquesta vez  
el cantar de las galanas,  
yuanse las tres hermanas  
a vn bayle todas tres.

cast. no hable palabras vanas

¶ Aquy vem o Bouo dizêdo.

bo. Aino dize. cast. que dize

bo. voile a pescudar q̄ me escaectio

cast. viene aca bouo. bo. eya pues

cast. viene aca. bo. que dize.

cast. hazes burla. bo. dize que es

quatro cosas, dize/que es,

vn medico, portugues

cast. dile que entre su merced.

bo. que se vaya por do quiera

cast. dile que entre bestia fiera.

¶ Aquy entra don Siluano em

trajos de fisico, z diz.

¶ Beijo as mãos de suas merces

do. ay don Siluano, soys vos?

dō f. sam hū medico Portugues,

do. o alabado sea Dios,

dō f. ella he a éferma, cast. ella es.

dō f. Pode crer

que tanto que oumi dizer

o mal daquesta senhora

logo me obrigarão aa ora

desejos de a vy: ver.

cast. Es su mal tan desigual

que para sanallo no ay medio,

dō f. ta senhor não digais tal,

que não ha tam forte mal

a q̄ Deos nam de remedio.

Senhora, qua sint. s mais?

do. vuestra soledad sintia,  
cast. con todos muestra alegria  
dō. f. ysto foy se bem atentais  
superflua fantasia.

mostray o pulso. bo. mire señor  
si me siente callentura,

dō. f. ja vosso mal he sem cura  
bo. porque. cast. porque es peoz  
necedad, que la locura.

bo. Abozire. cast. a tiempo cierto  
tienes de morir tambien,

bo. o que grande desconcierto  
o Juá, desque fueres muerto  
perdonete Dios amen.

cast. dexanos aquí. bo. no quiero,  
dexadme llorar por mi,

do. dize un romance que yo ley  
Tiempo es el cauallero  
tiempo es de andar daquy.

cast. Que halla vuestra merce,

dō. vafe longe, q̄ ella nam assome  
que o sente nem que o ve,  
pera que eu soo milhor tome  
experiencia do que he.

¶ Aquy se vay o Castellano, z o  
Bouo, z fica dona Paula cō dō  
Siluano, z diz dō Siluano.

¶ Bem sey q̄ Enanos tambien  
fizeram tamanho engano  
z se nam foy mal enano  
nam he pequeno este bem  
pois que fatifsez o dano.  
Assi como no tormento  
quanto o mal he mais crescido  
cresce mais o sentimento,  
assi se perde o sentido  
no muyto contentamento.

do. Hasta aquy viuí en conquista,  
de deseoso cuydado,  
veo aora el deseado:  
con el bien de aquesta vista  
se me oluida el mal passado.

dō. f. Qual de nos pode contar  
que sintio mais a tormenta?

do. Dere señor essa afrenta,  
que contar se mi penar  
ha menester larga cuenta.

Jamas me sinti agena  
de vuestra dulce memoria  
si no veros me dio pena  
satisfazelo la gloria  
que de veros se me ordena.

Perdi con dolor estrasio  
a mi seso natural,  
no veros causo el dafio,  
mas ya vino el desengaño  
que en veros sana mi mal.

dō. f. Ja que nos guia ventura  
yznos señora daquy  
he a verdadeyra cura.

do. pues lo de mas es locura  
vamos señor sea ansi.

Por aquí podemos yz  
q̄ esta puerta va a otra calle,  
cierre la puerta al salir,

dō. f. venha passinho nam fale  
que nos poderão sentir.

¶ Aquy se saem pera fora, z vem  
o castelhano z o bouo, z diz bouo.

¶ Quiero escuchar si quiera  
que el medico tarda mucho,  
cast. Juan, quitate afuera  
no mires dessa manera,  
bo. no miro señor, escucho.

cast. Quitate afuera faldre  
bago daño a su merced  
en hazer buelta tan presto,  
Jesus, señora que es esto,  
bo. es hablar con la pared.  
cast. Si el medico con su mafia  
de su burla me ha burlado  
de veras me puso saña  
y como hombre lastimado  
tomare vengança estraña.  
Te por mis armas bolando  
sangrienta vengança quiero  
que no se vaya alabar. A,  
bo. Jesus, yo estoy temblando  
cast. de q̄ tiembblas. bo. desse fiero.  
cast. Trae mis armas aqui,  
si no por Dios que con ellas  
vengare mi saña en ti,  
bo. su saña en mi. cast. Bouo si  
bo. por Dios de no yr por ellas.  
cast. Te corriendo por mi espada  
bo. ya voy señor, soy contento  
cast. enel graue dolor que siento  
me pone passion doblada  
el tu poco sentimiento.  
bo. Ay Jesus. cast. q̄ as villano.  
bo. su espada. cast. fuer te caso  
que te hizo. bo. vn amenazo  
juraua si le ponía mano  
de me dar cuchillazo.  
ca. Quieres burlar cō mi persona  
o hazer lo que te mando,  
bo. yo señor no estoy burlando  
mas su espada la riñona  
ella me esta amenazando.  
cast. U me por ella corriendo  
y haze lo que te digo,

bo. venga su merced conmigo  
cast. a Bouo como te entiendo  
offrescote al enemigo.

¶ Aqui se vay o Castelhano con  
o Bouo, z vem os vilãos.  
z diz Gil vaz.

¶ Barçal, todo bom concerto  
nas cousas parece bem  
z ho milhor he mais certo  
z o desmancho z desconcerto  
daa perdas a quem pertem.  
Folgam me os olhos de ver  
esta valada direyta,  
mar. por yssõ o Frances dizer  
que a coufa que estaa bem feit  
nunca estar mal por fazer.  
gil. Se o eu nam viera amanhar  
ainda estiuera caydo,  
mar. pois tambem eu fuy parido  
pera hũa ora descansar,  
gil. reuidas quando eu inuido.  
mar. Folgais de o ver cōcertado  
pois folgay de concertalo,  
gil. z eu Barçal por yssõ falo,  
mar. porq̄. gil. porq̄ mal peccado  
o frangam quer dar no galo.  
E eu nunca castigar te pude  
z creces mais q̄ a maa erua,  
mar. pois pay deos me de faude,  
gil. olha Barçal que he virtude  
luxuria contra soberba.  
mar. Ja vos armais sancadilha  
pera estouardes a paz,  
gil. filho marçal. mar. pay gil vaz  
gil. olha que diz na cartilha



pater e mater honrraras.  
 mar. E pois pater nam he pay  
 gil. pois q̄ he. mar. he crego,  
 gil. bofa **A**barçal essa te nego  
 porque no pay e na mãy  
 tem o filho bom achego.  
 E nam respondeis calay,  
 porq̄ vos darey hũa estiua,  
 mar. Se vos foreis minha mãy  
 inda a eu tiuera viua,  
 gil. choray **A**barçal vaz, choray  
 mar. Choro eu minha mãy finada  
 gil. eylo demo chora agora  
 traze o asno pera a noza  
 mar. a noza see desmanchada.  
 gil. Bem creio que seraa assi,  
 pois porque a nam concertais  
 mar. pardeos pay tando mãdais  
 que hũ dia me ey dhyr per hy  
 donde nunca me vejais.  
 gil. **P**rtas. mar. pardeos yrey  
 per essas **I**ndias de longo,  
 gil. faras bem, pois te cricy,  
 sem te pouisar pao no lombo.  
**M**o inferno see de cabeça  
 pay que o filho nam castiga,  
 merece que o filho creça  
 e por pay o nam conheça  
 mas que o chante em fadiga.

¶ **A**quy chega o **P**ay e o **C**lea-  
 dor, e bate o **C**leador.

¶ **D**u de dẽtro. gil. ou de fora,  
 ve. abzi **S**il vaz. gil. nomeayvos  
 ve. gente de paz. gil. ora embora,  
 fois gẽte o paz, desenfadauios  
 queu estou enfadado agora.

ve. **A**zri. gil. nã vos quero abrir,  
 nomeayvos pollo nome  
 senam bem vos podeis yr,  
 ve. que diabo. gil. esse te tome,  
 eutã tornarẽis a vyr.  
 pay. **A**zri **S**il vaz. gil. odeu estau  
 nam no conbecia aa bofee,  
 e este bem tamanbo he  
 pay. **E**steis ehora. gil. jẽu tardau  
 mantenha **D**eos sua merce,  
 pay. veador. ve. sũoz. pa. hũ roupã  
 gil. ora assentese sua merce  
 que ja por si ou por nam  
 he milhor que estar em pee.  
 pay. tendes vos muyta rezã.  
**E** **A**barçal. gil. estaa desnoje  
 concertando hum pao da noza,  
 pay. **S**il vaz se viesse ora  
 dom **S**ilvano. gil. nã se anose,  
 que **D**eos o traraa embora.  
 pay. **L**ontino estou na cidade  
 em mil cuidados descõtente,  
 que vyr ca me deu a vontade  
 gil. fez bem, que ca na erdade  
 espereçe mais a gente.

¶ **C**lem **A**barçal, e diz o **P**ay.

¶ **C**lenbais embora **A**barçal  
 como estais? mar. bẽ, e melhor  
 pera a merce de seu seruiço,  
 pay. folgo eu muyto com ysto  
 chamay ca o **C**leador.

mar. **Q**ual veador. gil. toleyram  
 o homem da encomenda  
 mar. fale elle que homem entenda  
 nam fale por sem tam.  
 gil. **J**a com sua resposta veni

nam lhe escapa nem galha  
mar. pois pay rezam he q valha  
a rezam a quem a tem,  
pay. y de ja deyray a baralha.

mar. Ja vou senhor prestesmente,  
gil. este cachopo me traz  
apayronado, que se faz  
como o burro de vicente  
que crescendo torna atras.

pay. Mã he paruo quem bẽ lança  
pello relanço esperar,

gil. senhor bem pode assentar,  
que quando era mais crianca  
era hum sengo no fallar.

pay. Boa fala em moços peqnos  
lustra mais, por seu tamanho

gil. este pera mayor ganho  
em cada feyrta val menos  
q ysto he de que meu acanho.

¶ Uem Abarçal, z diz.

¶ Uossa merce me dee  
aluçaras deste bem,

pay. como. mar. dõ Siluano vem  
cõ a Castejana mão per pee.

pay. certo. gil. si señor eylo aqui vẽ  
¶ Aquy vẽ dõ Siluano cõ dona  
Paula, z diz dõ Siluano.

¶ Senhor pay agora vejo  
que trabalhey por descanço,  
que este bem he tam sobejo  
pera my, que nam alcanço  
pedirme mais o desejo.

pay. Filho que direy de my  
que em tamanho sobrefalto  
na mudança emmudeci.

gil. eu señor de plazer salto  
porque logo os conheci.

pay. Filha quero abraçaruos  
se meu filho em voiso amor  
passou pena em alcançaruos  
preuira gloria mayor,

do. yo la alcançe em cobraruos  
por mi padre y mi señor,

gil. E gil vaz fez algum mal  
porq nam no abraçaram

do. abraçarey, que he rezam,  
mar. z pois tambem foy Abarçal  
pelengrino do bordam.

dõ. Senhora, Abarçal por vos  
se vio ja nhũ grande estremo,  
mar. sabe em que estremo me pos  
que era tomado do demo  
se me nam liurara Deos.

pay. Aofre mudança o mudado,  
pois o tempo he diferente  
mostrese o triste contente  
alcançe o mal passado  
a gloria do bem presente.

mar. O folgo rebente em my

pay. Ueador, tiray daquy  
z tragam hũa viola,

gil. nam aja aby mais parola

Abarçal tange assi, assy  
Abarçal vaz tanger sem medo  
mar. pardeos pay o demo o chore  
queu ey de tanger de ledõ.

gil. o pesar posto em segredo,  
todo o prazer aquy more.

mar. Que lhe parece. dõ. muy bẽ,  
mar. senhora nam fugir mais

que ca em Portugal, tambem  
querera Deos que patrais  
cincoenta filhos amen.

¶ Fim.

# Auto de Dom Andre

Dō Andre. Senhora. Ylaria. Dona Belicia. dō Felchior.



**C**elato de dom Andre, no qual entrã catorze  
figuras. s. Dō Andre, sua molher, e hũa yrmã da senhora chama  
da dona Belicia, e hũa criada de casa por nome ylaria, e hũ veador  
e hum Paje, e hũ Ratinho seu yrmão, e hum Vilam, e sua molher  
e hũ filho do mesmo vilam, chamado Fernando, e hũ Fidal-  
go que anda damozes cō dona Belicia, per nome dom  
Belchior, e hũ Escudeyro chamado Anrique ley-  
tão, e ouros deus Escudeiros, hũ per nome  
Bras Lauetra, e outro Antam Colaço.

Entra logo dō Andre e sua mo-  
lher cō hũa crianç pera a  
darem a criar.

e diz.



Entra d'fidalgo, z sua molher,  
com hũa crianca, diz. Fidalgo.

¶ Senhora minha tençam  
he que auemos de buscar  
modo algum de criaçã  
pera se auer de criar  
este fructo de bencam

E pois que a ama primeira  
he yda como sabeis  
vedeo modo z maneyra  
que nisto tomar quereis  
z tirarmeis de canseyra

sen. Gossas palauras senhor  
nãotem que contrariar  
z deue certo bastar  
o menos de minha dor  
pera se isto acabar

¶ Porq̃o trabalho immenso  
de criar nunca he crido  
z quem ja o tem sabido  
julgara bem por extenco  
que he trabalho ensofrido

fid. Tem me dito o Qeador  
que la junto do Tojal  
moza logo derredor  
a molher de hum laurador  
sufficiente pera o tal

Era pois minha tençam  
mandalos aqui chamar  
z indo vos este veram  
la pera a quinta mozar  
ficavos tudo a mão

sen. Se bem lhe parece senhor  
cu sam deise parecer

fid. tarda ja nam se fazer  
chama ca o Qeador

que o ey logo mister  
pa Chama vos muito apressa

ca o senhor dom Andre  
vea chamame vossa merce  
fid. si chama cebu a cabeça  
diuos ey o pers que

Temos concertado ca  
mandarmos aqui trazer  
o laurador z a molher  
em que me fallastes ja  
vea, ja cuuera ca de ser  
sen. Tendes vos enformacãm

que molher he z de q̃ geyro  
vea. Senhora he de feycãm  
q̃ por ser molher de viam  
em tudo he de respyto

fid. Senhora não esta o bem  
em a ama ser ferme sa  
que ysto nam vaynem vem  
seja ella virtuosa

que ysto he o que conuem

¶ Porque a nam ser assi  
dado que seja de preco  
credeme senhora a mi  
que não pode ter bom fim  
quem teue roum comeco

¶ Se carece de virtude  
z tem maa inclinacãm  
he tomado por rezam  
que a crianca se mit de  
logo a sua condicãm  
E faem mal inclinados  
desobedientes z taes  
q̃ desobedecem a seus payz  
z assi tam mal criados  
q̃ o mesmo fazem as mãyos:

**C**has deirando isto agora  
estoutro como ha de ser  
pra o Cleador senhora  
sen. nam aoi mais que fazer  
parrase logo effora

**fid.** Cleador manday celar  
hũ qualquer desses cavalos  
que me auis ta de chegar  
z va com vosco Gonçalo  
Francisco ou batelar

**vea.** Murzelo ou ho melado

**fid.** yisso auéis de perguntar  
qualquer que se acertar  
z tu vee se esta celado  
porque quero caualgar

**pa.** Ya esta celado bõ bũ a hora

**fi.** l. esses moços estam ahí

**pa.** ahí estauam inda agora

**fid.** pois o Cleador vay fora

nam te bulas tu daqui

Senhora nam consintaes

vossa ymaã por se a janella

sen. eu terey bõ contento nella

z logo sem deter mais

me vou dentro pera ella

**fid.** Moço Costa, Juliam

sempre me bã d̃star ouuindo

quee deiffoutros. pa ahí estã

**fid.** toma la esse roupam

z dame cao vestido.

**C**lãtie o fidalgo z a molher z

fica o paje so na sala z diz paje.

**T**riste modo de viuer

be a vida desta se; çam

eu nam sey porque rezam

nam sera milhor morrer

que viuer em logeyçam

Andar sempre de trabalho

estar em casa enfadamento

pera q̃ de mais eu não sento

neita vida nenhũ talho

donde aja contentamento

**E** he vida sem fundamento

tempo gastado em vão

he vida de perdiçam,

am esperanças de vento

esperar por galardam

Gasta homem a mocidade

pouco z pouco vã se os annos

vay se o tempo. z a ydade

não achais senam enganõs

quando cays na verdade

**E** por isso deve atentar

que seus annos gasta em paço

que se a vida de sejar

outra vida ha de buscar

que u a mesma conta faço.

**E**ntra hũ ratinho ymã d̃ste

paje cantãdo. z diz. Ratinho.

**M**amoy me da quella moça

da quella moça ynes

se ma não dam por esposa

tomala ey em q̃ thepeçz.

Salla.

**D**ire que comprida estrada

nunca a eu tal cuydey ver

z na pumeyra jornada

acerte y de enmanquecer

que nam posso dar passada

**E** quem nam tem que comer

conuem lhe dar a espora

z quando eu vier outroz

A ij

eu me saberey prouer  
milhor do que fiz agora

**P**or q̄ eu parti da pouxada  
co feis paracões no mais  
antam estes q̄ cuydais  
logo na primeira affetada  
me ficaram sete reaes

**O** mundo anda ao reues  
z he assi delta feycam  
q̄ no: hũ pequeno de pão  
quanto assi abarcais  
boa prolfaça cbimpais  
logo ali hum paracam

**E**ntã todo este caminho  
o que estas vendeiras tem  
q̄ se nam comeis tambem  
dizem nam ha aqui vinho  
nesoutra venda dalem

**P**ec q̄as eu dou pera suas  
pois sabẽ tanta maldade  
fias voluntas tuas  
eu estou ja na cidade  
sam estas aqui as tuas.

**O**ra sus que mo dira  
onde mora meu yrmão  
eu creio se vema mão  
que aqui algures sera  
nesta casa modiram

**O**u de casa lee ca alguem  
eu estou fora de mi  
não responde ca ninguem

**p**a. que buscais homẽ debem  
ra. na saia vos conheci

**p**a. Uos conheceis me, z dõ de  
ra. vedes vos ja melle estranha  
pois nã he a dõ: porã manha

q̄ vos nã sois filho do cõ de  
nẽ do duque Dalemanha

**p**a. Não diras sem conbeces  
ou sete conheço eu

**r**a. se me ora nam conbeces  
eu sou filho dõ joã dõ mene es  
vosso yrmão Bertolameu

**p**a. Uos vindes tã de mudado  
que ja vos não conhecia

**r**a. yssõ yrmão he fantasia  
z mais he grande peccado  
por ser modo de falsa

**D**igouos isto como yrmão  
perdoay me se falo mal  
por q̄ os homẽs de preñção  
nam se he ba de dizer al.

**p**a. A que viesstes ca. ra. ouuis  
samicas como outros vem  
z mais vim de la tambem  
por ganbar como homẽ diz  
dous paracões q̄ be hũ vintẽ

**U**as porẽ bem escusado  
unha eu este caminho  
por q̄ nũca Deos louuado  
me falton la pão nẽ vinho  
nem a carne nem opescado.

**p**a. pois por q̄. ra. por outra coula  
**p**a. que coula. ra. hũa peleja

que foy la sobre rareja  
esmecharam Joam vale usa  
z meu tio acolheose a ygreja

**E** veyo logo o juyz  
escriuão z ho enqueredor  
z prenderam Amador  
ho filho de Jream munitz  
z Sençalo o lurador

**E** eu quando aquilo vi  
 nã carey mais de aguardar  
 logo aora me acolhi  
 porq̃ segundo entendi  
 ouueram me de enforçar  
 pa. Como feristes alguem  
 ra. ainda que sta be roim  
 felo ella ja muy bem  
 olhay as moças que tem  
 faziam as espadas trimirim  
 pa. ysto foy feyto Romano  
 se be assi como dizcis  
 ra. nam foy outro tal ogano  
 feriram o castelbano  
 z mais outros cinco ou seys  
 pa. Quê os cura. ra. nossa ria  
 que he tambem auenturada  
 que so com hũa estopada  
 da logo a bora nhũ dia  
 bũa ferida cerrada  
 pa. Dalhe tu ao demo a cura  
 se por esse modo vay  
 ra. ysto auéis de dizer falay  
 nam curou ella a matadura  
 ao asno de nosso pay  
 pa. Esta esse bom de cõdem  
 chamais a nosso pay besta  
 ra digo eu isto por bem  
 mas ella rapoulbe hũ vintẽ  
 que lhe nam quitou hũ areita  
 pa. Elles la como estam  
 ra. a nossa mãy deu hũ definaio  
 que deu cõ ella no cham  
 pa. ha muito. ra. pelo sam Joãõ  
 fara hũ me a pera mayo  
 Nossa mãy cada menhaã

tem muy grãdes acidentes  
 q̃ não balião panes quentes  
 que a estirani como raã  
 z tẽ quebrados dous dẽtes  
**E** mandauos dizer ella  
 z yfabel sua comadre  
 q̃ lhe mandeis logo a vella  
 bú par de reys de canella  
 porque he bom pera madre.  
 pa. Não feza bõ de mescrenet  
 ra. quiserãõ ellas faquer  
 mas não estava abi o crego  
 pa. mais foy isso não querer  
 q̃ perto he dahiã Lamego  
 ra. Yssa nam be bem talado  
 que onde vem minha pessoa  
 escreuet he escusado  
 porq̃ nam ha em Lixboa  
 quê de milhoz hum recado  
 pa. Ora pois sois entendido  
 que vida quereis tomar.  
 ra. eu yrmão queria ganhar  
 z como teuelle hum vestido  
 logo aora me tomar  
 pa. Doutra maneyra sera  
 ficareis aqui por page  
 dom Andre vos tomara  
 z logo vos vestira  
 nam sercis sempre saluage  
 ra. esse he o demo samica  
 dayme ora a entender  
 bú page que quer dizer.  
 ou que coula sençieça  
 que nam o posso saber.  
 pa. Nam tendes descriçãõ  
 nenhũa em vosso fstar  
 A iij

ra. ora bem se eu ca ficar  
dizey me ey de ser rascam  
ou q̄ officio me b̄ão de dar  
pa. auels dir sempre com elle  
cada vez que caualgar  
fareis o que vos mandar  
assi aa senhora como elle  
z o mais do tempo folgar  
ra. quero eu saber agora  
pa. não cureis de responder  
que vem aqui o senhora  
ra. a senhora vem maõra  
per deos que mey de correr.

**E**ntra a senhora cõ sua yrmã  
dona Belicia. z diz a senhora.  
Onde he vosso seõor valadare;  
pa. certa Senhora nam sey  
senam he com Andre soares  
sera falar a el rey  
nam erra hũ destes lugares  
sen. eu nam sey porque rezam  
nam he despachado ja  
que homẽ he esse q̄ ahi esta.  
ra. Senhora sam seu yrmão  
que vim agora de la  
Dorem elle de sengulla  
z nam me quer conhecer  
pois se ho Papa souber  
ficas passara hũs Bulla  
quenão ho possam assoluer.  
pa. inda dira muyto mais  
vossas merces bam douuir.  
beli. nao passe tudo por rir  
ra. crede que he por demais  
se o quereis encubur

beli. Cay voe bem na rezam  
senam cays ate agora  
q̄ sendo nos filhos d̄ Adão  
claro esta q̄ he vosso yrmão  
dado caso que o nam fora  
pa. z no espor irmãos nos temos  
ambos filhos de hum pay  
ra. tomay la senhor tomay  
vos cuidais q̄ não sabemos  
yso porque medo vay  
sen. Deiremos agora isso  
aque foy a vinda ca  
ra. beijo as mãos de seu seruiço  
abe se senhora com viço  
me vim eu quanta dela  
sen. pois porq̄ chorais assi  
ra. senhora tenbo rezam  
sen. nam vos dee nada pairão  
que vos ficareis aqui  
rãbem como vosso yrmão  
ra. Eu a seruirey senhora  
como ella bem vera  
sen. Dom Andre não tardara  
y de entanto pera fora  
que tudo bem se fara.  
beli. como he certo yz corrido  
Galadares com seu yrmão  
sen. tem muy mas opinãõ  
q̄ não he de homẽ entendido  
negar sua geracam.  
beli. Nam o ba elle por si  
tanto como o ba por nos.  
sen. deiremos isso assi  
quero yrmã q̄ saybais vos  
porque vos chamcy aqui  
bem deueis ter na memoria



pois da memoria nam eay  
como moueo nosso pay  
aque Deos de sancta gloria  
e depois disso nossa mãy  
**E** antes de se finir  
quis Jeſu de Nazare  
e a virgem porquẽ ella he  
que me oueſſe de caſar  
com bo ſenhor dom Andre  
ao qual por ſua morte  
ficastes encomendada  
deſeja veruos caſada  
ſe a ventura algũa ſorte  
boa. vostiuer guardada  
**M**as conuem ſeguir virtude  
pera virtude alcançar  
e não dar tempo ou lugar  
que o pensamento ſe mude  
em deſoneſto lugar  
dias ha que entendemos  
ſegundo as moſtras de dais  
que quereis e que amais  
a dom Belchior delemos  
quanto nam pode ſer mais  
**M**as decaſos ſemelhantes  
vos conuem mupto afaſtar  
nam vos engane o fallar  
que ſam falſos diamantes  
depois que vem alimpar  
beli. **E** vê vejo q̃ o feu cõſelho  
me he muy ſam e leal  
nam me conuem fazer al  
pois ja perdi o eſpelho  
neſta parte o principal  
**M**as pois q̃ d̃s foy ſeruido  
ſeja elle ſempre louuado

e tornando ao comecado  
toruouime tanto o ſentido  
que nam ſey de my recado  
ſen. não ha deſculps que dar  
em couſa tam manifeſta  
a verdade diſto he eſta  
procuray vos de cuitar  
tudo o mais que daqui reſta  
porq̃ o mudo vay d̃ maneira  
que quem honra deſejar  
conuenhe ſempre deſtar  
inda que ſeja canſeyra  
ſem ver ouuir nem falar  
dom Andre não he contẽte  
caſaruos cõ elle aa verdade  
nam lhe ſejais diferente  
mas em tudo obediente  
e conforme na vontade  
beli. **S**ayba certo que farey  
ſempre pello contentar  
e tam obediente ſerey  
que a my meſma agrauarey  
ſoo pello não agrauar  
ſen. tudo vem a concruy  
em voſſa honra e louuor  
não vos lembre dõ belchior  
nem cureis de ho ouuir  
que Deos o faz por milhor  
beli. **T**udo deixo deſdagora  
a ventura que o prouejã  
ſen. **T**udo d̃s depois milhora  
acolheyuos nam veja  
dom Andre andar ca fora  
**M**ayſe dona Belicia pera d̃  
tro e vem ho fidalgo como q̃  
yem de fora e diſ. Fidalgo  
A iij

**C**hamabitralhalho mayor  
do que he negociar  
veyo ja o veador  
sen. indanam veyo senhor  
fid. nam pode muyto tardar  
sen. nunca moor afferto vi.  
se mais sedo falara nelle  
mais sedo fora elle aqui  
pois zho amo quee delle  
ve. eylo abt vem detras de mi  
**D**eyroussehū pouco ficar  
falando cō sua molher  
nam pode muyto tardar  
querela ha aconselhar  
de como se ha ca dauer

**E**ntra o Gilão cō a molher  
que vê pera ser ama, z vem di-  
zendo pelo caminbo. Gilão.

**O**ra sus Lourença chea  
começayuos aparelhar  
cuyday como eis de falar  
nam cuydeis que he naldea  
que falais ao som do padar.  
mo. vedes vos como he galâte  
nãois de falar primeyro  
vil. nam seiais tam innocente  
que em q̄ vos faleis diante  
falarey por derradeyro

**P**or isso tende sentido  
nam se riã ca de nos  
z corregey esse vestido  
porque digam que sois vos  
molher de qualquer partido  
q̄ elles sam ca retrincados  
sabê mais que o viuio demo  
senam formos auisados

daqui vos juro que temo  
que nos chamê albardados  
Cuyday como eis de dizer  
logo a entrada da porta  
mo. yssso quero eu saber  
vil. pelar de minha mãy toita  
co a vidane m cō a molher  
nam lbe direis ora assi  
senhora eu venho ca  
perque me chamargm la  
z agora estou ca  
veja o que manda de my  
Como lbeis de dizer falay  
mo. vos jugais comigo a bola  
leyxay me erama leyxay

vil. nam quereis se nam ser tola  
ora por yssso apanhay

mo. Jesu mãy que me matou  
este braço me quebrou  
ma ventura foy a minha  
vil. quereis vos calar doninha  
ho demo que a eu dou  
E bodia que a eu vi  
pera bruxa feyticeyra  
ora sus andar por hy  
juro ao corpo de my  
que eis da certar a carreyra

mo. bras lourenço que zueis  
jesu que homê tam birrento  
vos quedemo inequereis

vil. o renegodo diabo  
inda me vos respondets  
E eu vou vos ensinando  
z vos falais me ao vies  
pois vos pôr bê nãois quereis  
pella corpa de sam fernando

que auets dhir em q̄ vos pez  
mo. deitay ora de bradar  
nam facais tal matina de  
bem sey como ey de falar  
vil. ora sus alto calar

que esta creio q̄ he apousada  
mo. Batey. vil. vos eis d̄ bater  
mo. batey vos que sois homẽ  
vil. batey vos que sois molher

que eu não lhe sey o nome  
nẽ me ham de responder  
mo. nam releua uisonada

ainda que o nam saybais  
vil. em fim pera que he mais  
eu ey por força forçada  
de fazer o que mandais

**O**u da pousada oule  
nam responde ninguem ca  
fid. a quelle he o amo ve. sibe

muyto tardaueis vos ja  
vil. mantenha deos sua merce  
fid. seiais muyto bem chegado

assentayuos descancareis  
que deueis de vir cansado  
vil. abose mal o sabeis

que o caminho he estirado  
**E** Ando o vilão pera se assentar  
nhã cadey raras cae de costas  
cuydando que era de spaldas r̄  
diz.

**U**lam.  
Comêdo as demo a tripeça  
r̄ quem a trouxe aqui  
tomay la molher assi  
cuydey senhora condeça  
que me ajudaueis aqui  
Forte moñna foy esta

assi de mão pera pee  
fid. que cuydastes por vossa fee

vil. cuydey que era comella  
em que elle senhor fce

fid. **M**uyto seguro. jagoza  
vos podere nella assentar

vil. em pee quero eu estar  
q̄ nam he esse o seguro  
de que me eu ey de fiar

fid. **O**ra assentayuos nella  
que eu fico por fiador

vil. nam queria ora senhor  
que fosse algũa costela  
que sera outra pior

fid. **J**a vos deueis de saber  
ao que vos mãdey vir

vil. elle senhor o ha de dizer  
r̄ despois que o eu ouuir  
entam lhe ey de responder

fid. nam se pode mais falar  
dizeis tudo o que conuem

vil. fala homem assi ao deudem  
elle senhor ha de perdoar  
se lhe homem não falar bem

fid. Bem segurais vossa nao  
antes que saya da barra

vil. pois nem yssõ não he mau  
q̄ se homem não sabe o vao

ligeiramente ho arra  
sen. vos falais por mais figuras  
que o **P**rofera Jeremias

vil. deitando as zombarias  
falaruos ey as escuras  
por muytos modos r̄ vias

fid. **O**ra fazey abi pausa  
falemos a conculam

z diruos ey a rezam  
de vossa vinda z a causa  
que foy por enforçaçani  
de vos z de vossa molher  
primetro riueiros ca  
vos ho deueis saber ja  
queremola se vos aprouer  
por ama z nam perdera  
vil. Ama senhor z de que  
quanta eu estou enleado  
digame por sua fee  
por ventura vossa merce  
ha elle de ser seu criado  
fid. Homem do vosso falar  
nam se acha naqui a fez  
diz se ama porq̃ ha de criar  
vil. faleme elle portugues  
por que eu não sey latinar  
fid. Fa me tendes entendido  
dizey vosso parecer  
vil. venhamos ao partido  
z depois d'elle sabido  
farey o que me prouuer  
fid. Não creio q̃ he discriçã  
se porhi quereis entrar  
de xray isso em minha mão  
z porzeto como quẽ sam  
que vos namba de pefar  
vil. Eubem sey que fara  
cada sempre mil merces  
mas dirthe y o que the fez  
outra que ella criou ja  
este anno fara hum mes  
¶ Prometeo que lhe daria  
z por palauras não ficou  
za illo soo lhe you

que depois de dia em dia  
ate me não pagou  
sen. Não tenhais esse receo  
que nos fomos doutra liga  
vil. eu senhora bein o creio  
z posto que ysto diga  
foy porzhe contra o enleo  
fid. Quero eu agora saber  
vos auisuos de tornar  
ou como ha isto. de ser  
vil. que me va z fique a molher  
não ha elle isso de acabar  
¶ Nam farey vida sem ella  
q̃ lha deixe ca pois nam  
essa maora seria ella  
pera vir algum rascam  
que se namorasse della  
¶ Que bom conselho perem  
ou que medo de fallar  
senhor elle ha de perdoar  
eu ey de ficar tambem  
se ella ouuer de ficar  
fid. Digo q̃ sam muy contente  
de ficardes pois quereis  
veador despejarcis  
húa casa breuemente  
que a elles sos lhe deis  
¶ E detendefuos assi  
por que yreis logo primetro  
comprar hum pouco daruim  
vinde vos atras denum  
ruos ey dar o dinheyro  
¶ E lanse todos pera dentro, z  
entra dona Belicia, z diz.  
Fortuna quẽ nam soubera  
quanto corraõ teus reu eses

queim amor nam conhecera  
quẽ no mudo não nascera  
pera morrer tantas vezes  
Abotrece me a vida  
desejo vela acabada  
pois que he cousa prouada  
toda a cousa defendida  
ser sempre mais desejada  
Do amor falso e van  
quam pouco deti se cobra  
es bñafrol de veram  
q̃ com o vento cae no chãõ  
e pouco tempo fologra  
Teus deleytes tãseguidos  
tuas glorias teus fauores  
sam enganõs q̃nhecidos  
pois nos deirão cõsumidos  
em fogo de viuas dozes

**E**ntra ylaría sua criada, e diz  
Senhora dona Belicia  
que cousa he esta agora  
estais de prazer tam fora  
q̃ em vos ver de tal guisa  
dentro o coraçam me chora  
beli. Nam criou a natureza  
outra tam triste molher  
hem podes ylaría crer  
que he tal minha tristeza  
que mayor não pode ser  
yla. Que dor he esta que tem  
digama nam faça al  
porque amiga leal  
se se da parte do bem  
tambem se he da do mal  
beli. Certo que em o contar  
se me afillige o coraçam

põrã eu não sam das q̃ dam  
contas por desabafar  
mas por dobrar a payxam  
Põrã semelhante dor  
nam se podera achar  
sabey que dom Belchior  
enganou ho o amor  
pera me desenganar  
Pidiome com confiança  
por molher a meu cunhado  
mas não foy tal o meu fado  
q̃ poucas vezes se alcança  
aquillo que he desejado  
Todo o bem que me queria  
lbe deu nisso a demostrar  
descobrio o que emcobria  
cuydando nam negaria  
de com elle me casar

**E** me trouado o sentido  
isto que me agora conta  
ho mais que daqui se mõta  
he fazelo esquecido  
por se não ver em afronta  
E pois não veyo afeito  
de legitimo matrimonio  
o cõtrayro eu nam lbo acerto  
porque deue ter respeyto  
que sam obras do demonio  
E dom Andre ha de ter  
sempre della essa sospeyta  
de meu fraco entender  
se meu conselho a cepta  
he fazello esquecer  
beli. Sã cõselhos verdadeiros  
esses taes pera tomar  
mas jaas ouuiriéis cantar

que los amores primeiros ]  
no se pueden olvidar  
**P**or q̃o amor donde planta  
bãa vez suas raizes  
que o coraçam me espanta  
foo cuydar no que me dizes  
yla. Nam conuem a boa fama  
esses rodeys por la  
nam lhe ey de dizer ja  
minha senhora a chama  
nam sey que lhe querera  
beli. Por certo que me enlea  
cuydar que lhe ey de dizer  
mas eu que posso fazer  
ey me de fazer **D**ede  
pois ja al não pode ser  
**V**ãse z entra o ratinho vestido  
ja como page fazendo o conde  
**C**laros nhãa guitarra, z diz  
**O**ra sus alto calar  
q̃ segundo eu tengo o geyto  
antes do meo se acabar  
ey de aprender a eyto  
muy bem tanger z cantar  
**H**e o mal que estes rascões  
sam mais piores q̃ bichos  
senam tendea paracões  
nani vos querem dar licões  
desq̃ vos comẽos nichos.  
**N**ão me ha llo de vencer  
inda q̃ morra de fome  
não deixarey de aprender  
porque do homẽ he saber  
z que não sabe não he homẽ  
**E**sta ha de ser primeira  
estoutra logo aqui

z entam fasquer assi  
z erguer estoatro em cima  
ja errey merda pera mi.  
**E**sta aqui he primeira  
estoutra logo alem  
pois inda eu não fago bem  
ora esta he forte canseyra  
o pefar não sey de quem  
**S**amicas sera peccado  
pois que tanto aperfia  
bofas que estou agastado  
se esta de temperado  
como demo lhe diria  
**D**oce cousa he o tanger  
sua mufga he foil  
quem o sabe bem fasquer  
nam lhe saltara o comer  
em q̃ uão tenba hũ ceitil  
**S**e eu acerto dáprender  
como eu em **D**eos confio  
ba terra mey dacolher  
z meu pay z mais meu tio  
ham de palinar de me ver  
**E**ntam hão de star dizendo  
embora tu fosse la  
onde esteu q̃ não aprendo  
porque ja o eito vendo  
aora que fora de ca  
**T**orna a tãger z diz. ylarã  
**D**anado he o trato agora  
pois q̃ vos estais tãgendo  
chamaos minha senhora  
ra. quãta assi nunca eu aprendo  
yla. **N**o entento dessa palaura  
vcjo q̃ fois nainozado  
ra. ando senhora tã tanfihado

que não venha boy q̄ laura  
todo dia com o arado  
yla. Singular passo damores  
esses tais sam castelbanos  
ra. mas sam senhora os danos  
que por ella passo. ⁊ dores  
que secam os tutanos

**E**lla tem logo assi hū geito  
de ser mais dura que feixo  
⁊ estou ja tam tolbeito  
q̄nem de costas nem direito  
de qualq̄r parte me aqueixo

yla. que vos posso eu fazer  
ra. yssõ be cõ q̄ eu arrenego  
de fartarme este noo cego  
⁊ nam deixarme mouer  
afogado neste pego

yla. De tal morte õs nã queira  
que seja eu ocafiã

ra. pois crede que morto sam  
senã apagaõs afogueira  
que me abraza o coraçã  
Iõõ demo me foy ca trager  
a morrer desemparedo  
vos senhora sois peccado  
⁊ se eu venho a doecer  
podeis crer q̄ sou mamado

**E**ndo caindo por bi  
do amor todo transido  
porq̄ desque vos eu vi  
nunca mais tomei em mi  
nem a meu proprio sentido  
Entã cuído na terra  
sinome com saudade  
nunca eu viera a cidade  
pois ey de soltentar guerra

tendo preia a liberdade  
yla. Este he bum caso forte  
que quereis Bertolameu  
ra. que quero pesa da morte  
q̄ sayba que sam eu seu  
yla. ⁊ eu vossa pois quis a forte

estais contente de mi  
quereis mais algũa cousa  
ra. se quero bofe nam sey  
sois hũa treedora raposa

yla. errais porq̄ bo farcy  
ra. bofe senhora ylarã  
se ella ora nam zombasse  
eu lbe fico que ganbasse  
indulgencia plenaria  
se me ora abraçasse

yla. Logo assi tam breuemente  
me quereis a yssõ obrigar  
que vos quero abraçar  
⁊ que sam disso contente  
ra. senhora não se va a zombar.

**C**hama o Ueador ao ratinho  
⁊ diz. o Ueador

Bertolameu. ra que chama  
que me chama o Ueador  
rogo eu a Deos q̄ maa dor  
bo atrauesse ⁊ maa trama  
⁊ a my tambem se la for

Senhora rlarã aguarday  
ve. Bertolameu. ra cylo vay  
see o galo no puleyro  
dou aa demo o pregoeyro  
arrenego de vosso pay

vea. Porq̄ nam vindes vilã  
ra. be elle logo senhor  
ve. vos sois me dessa feçã

mister ha pozuos a mão  
ra. quereis estar que do veador  
ve. Ratinho falay mais brãdo  
se vos eu estou chamando  
por que nam acudireis  
ra. z se eu estou falando  
por que não aguardareis  
vea. Vos pegai uos ja ao viço  
ra. po comêdo o demo cortiço  
z quem ho co foy mandar  
ve. q̄ he isso vilam q̄ he isso  
rat. q̄ nam me auets vos de dar  
¶ Clayseo veador dando no ra  
tinho, z vem dô Belchior dar  
musica a dona Belicia z cõ elle  
hum escudeiro per nome Anri  
que leytão, z diz. dô Belchior.

¶ Este he o proprio lugar  
donda a musica ha de ser  
em quanto eu aqui ficar  
podeis logo yachamar  
que venham se deter  
E nam façam tardança  
por que sanras proprias oras  
do mais lhe dou segurança  
ari. senhor si, porque o Carrãca  
nunca corre a estas oras  
¶ Clayse Anrique leytão z fica  
dom Belchior soz, z diz.

Sejas tu sempre louuado  
senhor todo poderoso  
que auendo nos tudo dado  
na noyte deste repouso  
de todo o humano cuydado  
¶ Tudo cõ ella descança  
aree o bruto animal

z nam descança meu mal  
nem o meu corimento causa  
que me tras para tal  
¶ Trago sempre apartados  
de my todos meus sentidos  
jaa os tenho por perdidos  
prazeres não sam chegados  
quando ja sam despedidos  
Do Belicia das mais belas  
que formou a natureza  
como Lña antre as estrelas  
abrandem tua dureza  
minhas continuas querelas  
¶ Entra Anrique leytão cõ os  
múficos, z diz. Anrique leytã.  
Eylos aqui vem nbũ pee  
com a coula ordenada  
bras. beijos de vossa merce  
dõ b. seiã muyto bẽ chegados  
aqui neste queintal be  
col. Deue o lugar ser seguro  
segundo meu parecer  
dõ b. não haquẽ possa empecer  
estais encima do muro  
bras. quẽ podemos nos temer  
col. Cuyday senhor bras taueira  
que ha mister tento na boyra  
nam nos tomẽ demaneyra  
q̄ tomaram os de Troya  
com cauado de madeyra  
bras. Pera yssõ Antão colaço  
sois outro segundo Eytõ  
col. vos quereis zombar senhor  
peis sabey que nesse paço  
outrem ho fara pior  
bras. tudo cõ yssõ nasceo



fois no efforço Lepiam  
em tãger fois outro Serpheo  
no cantar fois Ampbiam  
que a todos excedeo  
dô b. acabem ja q̃ aqui estam  
z comecem de tanger  
bras. senhor qual se ha de dizer  
dô b. a do estas el alma mia  
que deseo de te ver  
¶ Cantão z acabando decãtar  
diz ylaris de dentro. ylaris.  
Senhor dô belchior. dô: senhora  
yla. hãa palaura no mais  
dô b. oo secreto de meus ays  
mil palauras cada ora  
vos darey eu se mandais  
Senhores por entre tanto  
afastense hum pouco a fora  
que milagre foy este agora  
yla. crea senhor q̃ he espanto  
dô b. donde esta minha senhora  
yla. Glosa não sey se ofera  
sera de quem Deos quiser  
dô b. pois eu de quem ey de ser  
q̃ por seu me entreguey ja  
a serulla ate morrer.  
yla. Faça conta q̃ ja morreo  
z que tudo ouue fim  
dô b. não estaa yfso em my  
q̃ bo amor não me prendeo  
pera me soltar assy  
yla. Ora vira desenganado  
z nam gaste mal seus annos  
dô b. depois do tempo gastado  
nam lbe sera bein contado  
pagarme com desenganos

yla. Aduyto mal feyto sera  
dô. pois por vida dos menses  
que nam tinba yfso ca  
yla. aqui vem quẽ lho dira  
dô b. beijo suas mãos mil vezes  
¶ Chega dona Belicia z diz.  
Quando ventura desuayra  
do caminho da virtude  
rezam he que he me se mude  
q̃ a desventura contrayra  
em tais casos sepre a cude  
pois de donã foy ordenado  
yrmos em ajuntamento  
de licito casamento  
o que resta he escusado  
portanto não ho contento  
a merce que me fara  
se algũa lbe mereço  
por aqui nam passara  
z fazendoa agrauar me ha  
yfso he o que lbe peço  
dô b. Senhora ouuime agora  
beli. senhor nã vos posso cuir  
podeis vos ficar emboza  
ylaris vamonos ora  
que não sey que ouco boltr  
¶ Ganse z fica dom Belchior  
loo z diz.  
¶ So cruel sem piedade  
sem fee, nem amor, nem ley  
com rezam te chamarey  
mais cruel que a crudade  
pois em ty sempre a achey  
¶ Cupido  
a quantos as sometidos  
de bayro de teu poder

**M**ercurus nunca vencido  
por yole veo ser  
tam vilmente abatido  
**A**rchilles por Polixena  
moreo morte delectada  
z Troya foy assolada  
soo por caso de Helena  
que Paris tinba roubada  
**E** aquelle Theseo famoso  
que o minino tauro venceo  
em forças tam animoso  
em fimio amor poderoso  
a Fedra ho someteo  
**O**lofernes esforçado  
aque m Ysrael temia  
de Judic namorado  
na cama onde jazta  
foy por ella degolado  
**P**ois males tam de sguais  
causas tu cego cupido  
nam sigo mais teu partido  
z vencerte quero mais  
que ficar de ti vencido  
col. senhor vira muy viano  
com fauor em demasia  
dõ. b. fortuna tudo desuia  
deume agora bum desgano  
do engano em que viuis  
col. Esse be outro falar  
dõ. b. nã abi no mudo quẽ crea  
crueldade tam sem par  
achey nella outra medea  
sem nenhũ amor lbe achar  
bras. contenos todo esse passõ  
dõ. b. ficara la pera fora  
bum soneto aqui agora

qual fizer mais ao caso  
z ynos hemos emboza  
bra. qual diremos meu senhor  
do de la dulce mi enemiga  
ou assi deste theoz  
ho mais dura que marmol  
aque for milhor se diga.

**T**ornã a cãtar z diz dõ belcbioz  
**E**sta assi como conuem  
nam façamos mais demora  
que quẽ ventura nam tem  
nã o deue esperar ja gora  
da ventura nenhũ bem.

**U**ãse z entra ho amo z a mo  
lher vestidos de nouo z diz.

Ulam.

**M**olher viray vos ora  
com ho rosto pera ca  
vos pareceis bũa senhora  
estou eu em dizer agora  
que vos estranharã ja  
quem vos vir ha de julgar  
que sois nego a empatriz  
pois eu ey de semelhar  
famicas que sou iuryz  
de la do nosso logar  
**O**u que digo eu molher  
pareço nego alguẽ  
mo. que mauẽs de parecer  
parecis me muyto bem  
vil. z vos ami vos sey dizer  
porque em vossas affeyções  
sois fermosa em estremo  
deos vos guarde de cajões  
mayormente de riscões  
que sam piores que o demo

Olhay bem o que fazeis  
atentay o que vos digo  
quem vos tocar dirmoeis  
então deitay me e vereis  
como volo eu ortigo  
ora senhora molher  
day me vos agora a my  
donde nos foramoster  
que nos poderam faze  
ho que nos fizera aqui  
sem primeyro o merecer  
**U**logo agora me vestio  
e mais o pano he peco  
eu vos fico que subio  
mais de cêto e trinta o meco  
seme a vista nam mentio  
nam ay outro desta sorte  
este he de couilhaã  
vedes q̃ boa palmita  
parece q̃ he hũa graã  
sera muy gram maravilha  
auer pano desta laã.  
Ora pois este do sayo  
direis hora que he roim  
milhor muyto que trofim  
olhay misto apalpayo  
que parece hum cetim  
e estay lancemos conta  
a quanto isto chagara  
eu seguro que custaria  
a mil reas em que se monta  
seis tostões por essa via.

**M**olher

A mautilha e o cos  
tem dous couados e meo  
com feyto e retros

bem montado. esperay vos  
mim reis sã se não menleo

**U**lam.

Seis centos com vinde ca  
chegão todos affomados  
algũs dous ou tres cruzados  
nam he nada zombay la

**M**olher.

Pois olhay por vossa vida  
que vos parece esta saya  
larga bem feyta compida

**U**lam.

**M**olher estais tam garrido  
que pareceis hũa mayã

**M**olher

Sabardes me vos agora  
he o que muyto desejo

**U**lam.

Bem sey que folgais senhora  
se eu nam tiuera pejo  
ficais outra cousa fora

**M**olher.

Nam faleis aqui tal cousa  
que nam he pera falar

**U**lam.

**M**olher estais tam ayrosa  
q̃ que vos vir ha de palmar  
de vos ver assi fermosa  
porq̃ Deos seja louuado  
bem vos podem ter enueja  
mas sabeis que maleija  
dormir de vos apartado  
que he hũa doar lobeja  
E se isto soo não fora  
nam auia mais que pedir.

**C**reador.

Ama ca estais vos fora  
la vos chama a senhora  
vil. nam pode agora la yr  
vea. falais fora de rezam  
se a chama nam yza  
vil. vedes vosa concrusam  
indelle apozfiara  
quenam pode la yr nam  
Estay ora ca comigo  
z deixay falar quem fala  
que não dou por isso hū figo  
vea. sabeis amo qu vos digo  
que nam ba de star na sala  
vil. esse modo de falar  
nam posso eu entender  
y uos pera la molher  
sey que ma quereis tirar  
ou que quer isso dizer  
Esta eramaa serla ella  
emboza eu ca vira  
se vos namorasseis della  
vea. não vades por essa via  
que nam he cousa tam bella  
vil. que quer dizer estarmos ca  
eu z ella ambos falando  
z vos saydes de la  
muyto apressa chamando  
que logo a ora se va  
vea. Se vos sots tam bestial  
que culpa vos tem ninguem  
vil. reador falay vos bem  
se quereis nam falets mal  
nem passeis tanto alem  
conheceis me mal eramassa  
nam facais vos de mi louco  
que quimo mais q̄ hūa brasa

z sey reger hūa casa  
mais milhor q̄ vos hū pouco  
ve. Que regedor de pardais  
se perde em vos amo ora  
vil. milhor que vos pois falais  
que andais assi por demais  
eis vos dentro eis vos fora  
se vos comessets meu pão  
eu volo faria suar  
chūa enxada a cauar  
z nam cō a cana mão  
todo dia passear  
vea. Cumpriase agora o rifam  
cantando tras homem ora  
a sua casa com q̄ chora  
z assi desta meisma se yçam  
sou eu com vosco agora  
aino vejo maa maneyza  
de termos paz eu z vos  
ja que estamos ambos sos  
nam venha algũa canceyza  
meterse ca entre nos  
vil. Eu tambem o mesmo digo  
que não he senam muy bem  
mas eis de saber pozem  
que eu que viuo comigo  
z nam viuo com ninguem  
vea. que viuais muyto emboza  
¶ Entra ho page z ho ratinho  
z diz.  
pa. Que cousa he esta ca  
parece que ouui la fora  
como que pelejais ca  
vea. ca falauamos agora  
ra. Ey de saber que isto he  
ora bem que cousa he esta

pelciam sa ca ou que  
veador chamauos a pressa  
nosamo.ve. q̄ quer.ra.não sei pa.não  
dixe abarbatejo  
fantezia amo que farte  
virayuos descutra parte  
pano he isto ou eu mal vejo  
z bo gauão estalhe darte  
Ay damalo que gauão  
maso meu he milhor queste  
vil. que milhor abose nam  
ra.pois não he milhor bê a mã  
vistes pano comeste  
pa.pareceis amo agora  
nos trajos z na feçam  
faco cheo de caruam  
homem honrado de fora  
que tras negocios co barão  
vil. E vosrosto de foram  
homem q̄ doutro desdanha  
coufa que sabre per manha  
z cabacinbo de mão  
pera apanbar castanha  
ra quero eu ver quem se corre  
ora sus he pera ver  
jabo amo quef correr  
vil. esse heo mal q̄ quelle morre  
tendes vos que lhe dizer  
pa. Deyrando ha zornbaria  
apodando ao natural  
pareceis por qualquer vis  
almofreyte de costal  
mordomo de freguesia  
vil. vos pareceis de siso  
capitam descarauelbo  
z meo galgo mestico

moço que enfina francelbo  
z nam presta pera isso  
pa.não dizeis ja nisso nada  
pareceis no vosso modo  
rocin que feruio dalbar da  
homê q̄ andou em ar mada  
z veofe vestir cõbo soldo  
ra.parece elle no posto  
que benego algum rendeito  
z mais pareceme rosto  
de cabaca cõ reim cheyro  
que ficouo do mes dagosto  
vil. Olhay micbo effaymado  
parece pino de choca  
z melha nego engeytada  
ra.pareceis cepo cortado  
dalgũa figueyra oca  
vil.pareço vossa mãy torta  
guardayuos obũ rascoalha  
que nã estimarey nimigalba  
pegaruos hũa reuolta  
tanto como aquella palba  
E Comendo ao demo a rele  
famicas fazes de my  
algũ negro de guine  
pa.pera que he isto feyto he  
ja se corre ora em fim  
não podeis amo negar  
que não sois muyto corrido  
vil.abose sebo eu ganhar  
pa.nam aja aqui arroydo  
ra.como quereis me vos dar  
Isto queria eu abose  
nam me aueis vos de tocar  
com a mão uem cõ o pee  
pa.yem o senhor dom Andre

nam ouca elle ca bradar  
**E**ntra dom Andre cõ a mo:  
lber, z diz. Fidalgo.

Ora bem que he isto ca  
ra. senhor o amo me deu  
vil. senhor he Bertola meu  
quee pior que o ante chusto  
ra. mente senhor que não são eu  
fid. Não vos ouça mais falar  
z vos amo olhay o que digo

se vos elle agrãuar  
dizemo vereis q̃ castigo  
lbe mando por isso dar  
vil. Senhor amister castigado  
porq̃ he muito roim peça  
ra. senhor elle he o culpado  
fid. vos guardayuos do diabo  
amo cubri a cabeça.

**E**ntre todos z fica o fidalgo  
cõ a molber, z diz. Fidalgo.

**S**enhora eu na verdade  
desejo ha muytos dias  
cõ grão desejo z vontade  
ymonos desta cidade  
por muitos modos z vias

**E**a causa principal  
que me pede a partida  
he ser vossa ymaã metida  
em hum caso tam desigual  
aque cumpre dar sayda

**P**ortanto nenhum estoruo  
se deue a isto buscar  
antes deueis de solgar  
porq̃o mal en quãto he nouo  
he mais facil de curar

**E** que a partida tal,

seja causa dalgna deoz  
por rezam muy natural  
se deue soffrer hum mal  
por euitar outro moor  
sen. Vosso intento senhor  
digno he de obedecer  
porem sempre ouui dizer  
que contra fortuna z amor  
não ahi força nem poder

**P**orq̃ he claro z euidente  
q̃ a quem o amor inflama  
ainda que este ausente  
quẽ bem ama de presente  
em ausencia sempre ama  
fid. nam he essa a rezam  
que ao tal caso conuem  
porq̃ diz la o risam  
q̃ quando os olhos não vem  
não deseja o coracam

sen. Mem esse he o remate  
em que se remata a causa  
debalde senhor debate  
fid. fazey senhora ahi pausa  
ate saberemos quẽ bate.

**B**ate Fernãdo filho do amo q̃  
vê ver seu pay, z diz o fidalgo.

Bertola meu pay ver  
quẽ bate aa porta da sala  
ra. que deino ha agora de ser  
quẽ esta bi quẽ he nam fala  
pois bem podéis vos bater  
mas vos não eis ca dentrar  
pois q̃ sois tam limbirrado  
fer. eu venho la do lugar  
a meu pay quero hũ recado  
ra. andar yeramias andar

Ora sus andar emboza  
certar pelo caminho  
fid. moco quem esta la fora  
ra. nam sey inda tegora  
parece q̄ hebū ratinho  
fid. sabe quem he z q̄ quer  
ra. elle dilo assi viua elle  
como elle o quer dizer  
vil. ho meu filho ha de ser  
que a my me da o ar delle  
ra. esta he forte peleja  
ou lamicas de peccado  
fer. guarday uos dhū effaimado  
nã leucis por essa cabeça  
inda oje deste cajado  
ra. guarday uos dhū toleyram  
nã uos quebre as quixadas  
fer. queixadas a mi rescão  
quereis andar as punbadas  
a my z uos mão per mão  
ra. **A**uitemboza lam cõrente  
cuidareis que uos ey uedo  
tomay pois q̄ sois valente  
fer. rascão quereis estar quedo  
ou uos farey andar quente  
vil. ora sus nam aja mais  
nam cureis aqui de brigas  
fer. z uos rascote cuidais  
que uos ey medo ficais  
tomay pera uos duas figas  
ra. **A**inda uos a ella tornais  
nã uos vades cõ a ma ora  
fer. uos aqui muito palrais  
la uos queriria eu ver fora  
pera ver se boqueiais  
vil. ora acabay a porfia

venhais filho muitemboza  
fer. outra temos nos agora  
vistes me uos algũ dia  
vil. olhay o paruo damora  
**L**erto que me estranbara  
vedes aquella feçam  
nã sou teu pay asneyram  
fer. inda elle apozfiara  
que nã uos conheço nam  
vil. lamicas tu nã estas enti,  
que estas fora de teu iuryzo  
**C**onheces me tu a mi  
fer. ainda eu oje nã bebi  
z estou no meu proprio siso  
**O**lhay pera my direto  
viray assi a cabeça  
quanta assi pay deste geyto  
buscay la que uos conhece  
agora uos quero abraçar.  
vil. **O**ra **D**eos seja louuado  
que mauias de stranbar  
fer. certo he pera pasimar  
de ce mo estais demudado  
**A**nday la pera diante  
viray pera ca o rosto  
**J**esus como estais galante  
semelhais algũ **I**nffante  
propriamente no passico  
**D**eos uos soy pay trager ca  
com tal senhor acertar  
vil. **P**ois filho auéis dentrar  
la dentro onde elle esta  
nam cureis de uos peiar  
**E** dizeylhe desta feçam  
mantenba **D**eos sua merce  
vosso barrete na mão

que diga elle abose  
aquelle boimem he cortefão  
fer. bosa pay que enlesado  
mey dachar naquella pratica  
q̄ eu não sey ler neim bocado  
nem nũca faley gramatica  
pera falar destrincado  
vil. Não digais illo perque  
todo homẽ que he sefudo  
de suanaçam o he  
auex lo de ser entudo  
z nam negro de guine  
fareta em entrando  
voisa mifura com os pees  
bem ensinado z cortes  
que fique elle desejanado  
de vos ver ca outra vez  
fer. Entam como lhe direy  
vil. Falay por cortefia  
como se fosse a hum Rey  
fer. que lhe fale algarauia  
bose pay não falarey  
eis he forte canseyra  
que lhe ey de falar frances  
senam sey em que nã queyra  
esse boimem he portugues  
ou de naçam eltrageyra  
vil. He portugues natural  
z aqui nascido z criado  
fer. ora estais beniauiado  
nam dizia eu logo mal  
illo deue ser letrado  
se lhe eu por merce falar  
não me entendera elle amy.  
vil. pera q̄ benada ora embora  
tu nam cures de falar

que eu falarey por ti  
fer. Senhor mãtinha ve s deos  
vil. ques calar ou tefarey  
chamar o je aque delrey  
fer. sam el es algũs increcos  
ou porquenain falarey  
fid. he voffo filho falay  
vil. bose senhor na verdade  
não lhe quera eu outro pay  
fid a que vedo aa cidade  
vil. vedo a ver sua mãy  
que morria com saudade  
fid. Tendes filho tã desposto  
de quantos annes sera  
vil. parece me que fara  
dezoito por este Agosto  
o pũmeyro que vira  
faço lhe tambem saber  
senhora que ja casado  
z sabe tambem reger  
hũa casa. que pasmado  
ficara soo de o ver  
**E** alem disso depoy  
o que mais tem de louuar  
he velo senhor laurar  
com hũa junta de boys  
que os faz andar no ar  
fid. bem se mostra logo nelle  
sua muyra discreçam  
vil. senhor he hũ Salamam  
que na ydade z saber  
nam sofre comparaçam  
fid. Leuayo pera la agora  
z velo ha sua mãy  
z tu Bertola meu vay  
la co elles pera fora.



**S**abe todos e ficao fidalgo  
com a molher. e diz. fidalgo.

**A**ssi que tornando agora  
a dar fim ao comecado  
como ja disse senhora  
eu estou determinado  
nesta yda pera fora  
na qual sem nenhũ receo  
deveis certo consentir  
nam curando persegdir  
em buscar nenhum rodeo  
que isto possa impedir

**E**m my namba defferença  
inda que seja agastada  
mas sem embargo de nada  
cumprase vossa sentença  
comtaes fundamẽtos dada  
porã dado que eu padeça  
o que posso padecer  
tudo e mais quero sofrer  
pois vossa vontade he essa  
eu sam deile parecer.

**F**olgo muito pois estamos  
tam cõformes na vontade  
e pois isto acordamos  
agora senhora vamos  
auiar com breuidade

**U**anse e entra o Gilão com  
ho filho. e diz.

**C**ontay me filho agora  
q̃ vos pareceo vossa mãy  
fer. parecec me emperadora  
quando a vi assentay  
que cuydey que era senhora

**P**ois aqui filho vereis  
que couza he hũ bom senhor

calayuos que se viueis  
inda vos muy mal sabeis  
que fereis cõ seu fauor

**Q**uando vos tornardes ca  
trazeylhe sempre do leyte  
porque diz o rifam la  
quem quiser amigos peyte  
e senam nam os tera

**S**abeis que lhey de trazer  
vindo e bora outro caminbo  
hũa posta de toucinbo  
o mayz gordo que ouuer  
e hũa bozracha de vinho

**N**ão vos oucã a vos ca isso  
que volo estrãbaram  
seja leyte eu requeijam  
q̃ estehe ca todo seu vico

**f**er. faloey dessa feyçam

**A**ssas pay quero eu saber  
logo oje me ey dbr

**l**ogo effora sem deter

**f**er. pardeos inda ey de vir  
cõ saudade adoecer.

**P**orã o meu sintido tal  
me fica ca na cidade  
que farey a tamanbo mal  
que me fino com saudade

**f**er. falemos agora em al  
que chozar nã tras proveito  
tende la muy bom cuydado  
e ho que virdes mal feyto  
ponde o logo a bom recado

**f**er. Não mo encomẽdeis mais  
que eu farey tudo muy bem

**o**lhay o lameyro dalem  
e o punar dos ouliuas

que nam entre la ninguem  
 fer. Ora lançay me a bençam  
 vil. inda se jais muyto bonrado  
 vos vireis pera o verani  
 z hum pelote debruado  
 tendes de my muy louçam  
 Ora sus encaminbay  
 z nam cureis de chozar  
 olbay ca filho a Suiomar  
 minhas encomendas day  
 fer. si darey seme lembrar  
 vil. Ora y de muyto embora  
 fer. pay por onde ey de tomar  
 que não ey da certar agora  
 vil. nam tendes nada que errar  
 eu prey com vosco la fora.

¶ Glanse z entra o fidalgo cõ a  
 molber z todos vestidos de ca  
 minho, z diz

Tendes prestes veador  
 tudo como ha de ser  
 vea. nam ahi mais que deter

bem pode partir Senhor  
 na ora quelle qui er  
 fid. Que queimos da guardar  
 he a gente yda ja  
 vea. Senhor si toda esta  
 que nam ha mais q̄ esperar  
 senam sayrem de ca  
 fid. Antes q̄ daqui partamos  
 bom sera primeyro dizer  
 hum morete de prazer  
 ora sus meços vejamos  
 quanto he voffo saber

¶ Aqui cantamos pajes z aca  
 bando diz ho fidalgo.

¶ Isto abasta por agora  
 o mais si que pera o mar  
 veador fazey leuar  
 esses cavalos la fora  
 y nos beimos embarcar.

Fim.



¶ Auto de dom Luis z dos Turcos.

Dom Luis. Dona Clara.

Bras lourenço. Fernam gil.



¶ Auto novamente feito , em o qual entram as figuras seguintes, conuein a saber, hum fidalgo per nome dom Luis , z paje seu , per nome Pena, z hum soldado per nome Perez, z dous vilões , hum chamado Fernã Gil, z o outro Bras lourenço, z dona Clara, Taricio seu pay, Theodoro seu criado. Hum Principe turco per nome Olismael, dous chamados Solimo, z Zaidel. O Turco velho, Lopea nes captiuo.

333
333  
3333333
333 333  
333
333

¶ Impresso anno de M. D. Lxxij.

¶ Entra dom Luis com Dona seu paje, e Perez  
folgado. E diz dom Luis.

Dom Luis.

¶ Quier em mingoa temêdo  
de morrer, be viver falso  
morrer eu por bem tam alto  
fico tam vsuo morrendo  
quanto no querer me exalto,  
Arriſco me num proposito  
que me arriſca a tanto bem  
que pr auante me conuem  
ponhaſe a vida em deposito  
percaſe pois cauſa tem  
Dona.

Dona.

Senhor. don lu. vai daqui  
a casa dom Aluaro num pee,  
ve ſe eſtaſ ſo. me. ſenhor: ſi

Dom Luis.

E como eſtaſ ſua merçe  
que ha muito que o nãim vi  
¶ Chaiſe Dona e diz dõ Luis  
a Perez.

Perez dame o cozação  
daruos de my larga conta  
porque por boa razão  
nos perigos e na aſſorta  
ba de ſer o amigo ymãdo

Perez.

Senhor ſi aſſentado es  
dalguno, digalo pues  
ſi quiere venzança cruda  
vera my eſpade deſtuda  
ſus cabeças a los ples

Dom Luis.

¶ Omi pera me entender  
eſtoui pera acometer  
hãim feito graue e ſecreto,  
e cumpre me pois o cometo  
com bom eſtorço vencer

Perez.

E fuerço, oien ala mano  
ſeñor por my ſe canto  
vn romance ſi lo oyo  
E fuerço de vn Castellano  
media francia deſtruyo  
Deſpue dentro en Alemaña  
los caualleros Deſpaña  
dezian en los peligras  
muertos ſon los enemigos  
ſi Perez entra con ſaña

Y tan furioſo entre  
en campo contra Alemanes  
que en entrando deſcabece  
veinte e cinco capitales  
con eſta mano que ve.

¶ Yo les tome las vanderas  
y les mate en aquel dia  
la flor de ſu caualleria  
bize ſangrientas carreras  
por medio la infanteria  
bize tanto que eſcriuieron  
en Eſpaña quatro libros

Dom Luis.

Outro amadis. pe. tales fuerõ  
que en titulo les puſieron  
los quatro de los peligras

Hôbre seño: quẽ lo agraua  
y descanse el coraçon,  
pues arrimase a my bordon  
biua el reues de my rauia  
mueran que traidores son

Dom Luis.

Lai por nam acentar  
quem nã olba onde se arrima  
z eu querer me arrimar  
em Perez, veme de olbar  
quanto por forte se estima

Perez.

Por mys fuerças quãtas sã  
que no me puede escapar  
em el centro dela mar  
que no saque el coraçon  
al triste que lo enojar

Dom Luis.

Quem se descobre go amigo  
na amizade he confiado  
bem sabeis em o que sigo  
q̃ quanto amor vsa conmigo  
com vosco he cõmunicado

U dona Clara em Castella  
de Portugal me esqueci  
nam me lembra desque a vi  
poder tã bora esqueccla  
pera me lembrar de my

Perez.

Bien se suena en esta tierra  
que essa dama le atormenta

Dom Luis.

Nũ bem ẽ meu mal sencerra,  
que a ppria q̃ me faz guerra  
com fauores me solienta

E pois ventura me guã  
z sustenta, em tal fauor  
fraqueza grande seria  
ninguem perder por temo  
orde amor poem ousadia,

Perez.

Señor juro al soberano  
reuez de my braço fuerte  
si ala espada becho mano  
con vn furor inhumano  
ninguno escape de muerte

Dom Luis.

Perez ouuime z senti  
hã escrito me vco ter  
seu; no qual dezia assi,  
Que hare que quieren hazer  
que trueque la fe que os di  
Respondilbe. Si segura  
biue la fe de los dos,  
deste mal que se procura  
el remedio cabe en vos,  
y poueos en ventura

Eu a seu pai a pedira  
mas temo de ma negar  
porque sey que a quer casar  
com o filho de dona Eluira  
don Alonso de Aguilar  
Porem dona Clara yã  
com dom Luis a Portugal  
ou dom Luis mourera

Perez.

Cometa pues pesia tal  
pome a saca la ciudad

A ij

**Dom Luis.**

¶ Tudo o que se faz quieto  
promete fim mais segura  
no passado aja secreto  
que o feito do discreto  
sem se sentir se procura

¶ **Clem Bena** e diz.

**Dom Luis.**

Estaa so me. que solo esta,  
y que no lo ha de sentir  
solo, dela voluntad  
que tiene delo servir.

**Dom Luis.**

A fernão gil que venha ca

¶ **Vaise Bena**, e fica **dom  
Luis** e diz.

¶ Quem deseja ate q alcança  
soo no que deseja sonha  
desconfia com a tardança  
e o desejo faz que ponha  
mil duuidas na esperança,  
¶ **Aqui vem Bena** e **Fernã  
gil**, e diz **Bena**.

¶ **Bollos** que **Dios** os oee  
con que no os podais bollir  
**Fernam gil**.

**Nam** quere sua merce  
**Bena**, juro aa boa fie  
que algum dia eis de grunhir  
**Bena**.

**Pareceys** hombre de paja  
ouidad que os llama my señor  
**Fernão gil**.

**Vos** nam dizeis niniçaja  
rapagão lingoa de graja  
criado de volteador

**Bena.**

**Pareceys** becho por dia  
de fiesta por disparate  
**Fernam gil**.

**Vos** pareceis bonifrate  
boneca de zombaria  
pintado em cu databaque  
**Dom Luis**.

**Fernão gil** quem vos agraua  
que vindes como infiado  
**fer.nam** senhor o agrauado  
sera **Bena** pois que traua  
comigo sendo escusado

**Dom Luis**

**Sabeis** o que auéis de fazer  
**fer.bofa** nam, elle o dira  
dô lu. se quitais aqui vier  
vosso primo, nam se va  
ate eu vir. **fer. faloei** de tar  
¶ **E** se vier com pressa algũa  
quelle nam possa aguardar  
dô lu. vão me corredo et amar  
a casa **dom Alvaro de Luna**  
**fer.** que bom he atalaiar.

**Perez.**

¶ **Cillano** porque os mudays  
quando l sblamos los oos  
**fer.bofas** que vos engalhais  
que mais palbaçam que vos  
sam eu muito se mirais

¶ **Clanse** e diz **Fernão gil** soo.  
¶ **Jesu** que terra he esta terra  
não creio que ha millhor res  
que quem he bô **Portugues**  
a fim na paz e na guerra  
viva **Portugal** bũa vez

Adal me entendo cõ castija,  
ja meu primo entende todos  
mas a hum bõ he cousa rija  
vsar nunca pelos modos  
de vna mala seuandija.

¶ Mas tẽ castella hũ engano  
que me tras assaz confuso  
como o niõ he dum anno  
loguo aprende o castejano  
o qual he muito mao vso.

¶ Entra Bras lourenço seu  
primo, e diz.

Bras Lourenço.

¶ Eu Fernão gil fondeo ca  
fer. ca sejo. bras. esteis embora  
e dõ Luis. fer. he perbi fora  
bras. ha muito. fer. nã pouco ha  
bras. ha sancta Maria senhora  
Fernam gil.

Esperai yloei chamar  
que nesta caleja estão.

Bras lourenço.

Nam me mateis com tardar  
porque do muito esperar  
nasce a desesperação.

¶ Hido Fernão gil, fica bras  
lourenço soo e diz.

Bras Lourenço.

¶ Nã sei eu, se nam fora eu  
dom Luis como passara:  
mas vir meu primo a ser seu  
e eu do pai de dona Clara  
veo talhado do ceo.

Deu primo seu azemel

eu azemel do pai da dama  
cabio tudo a ouliuel,  
por isso o demo se chama  
tecelão renego del.

¶ Pois indeu de cada bãda  
rapo o milhor dos amores,  
que Bras pelo ganho anda  
porque o ganhoda demanda  
fica cos procuradores  
Dom Luis viue em cuidado  
porque acachopa he fermosa  
castelbaneta e geitosa  
hũs olhos abezerrados,  
curta, compudeta, ayrosa

¶ Tem dom Luis, e Dona  
e Paiua pajem portu-  
gues, e diz.

Dom Luis.

Tenhais eõra bras louredo  
Bras lourenço.

Mantenha Deos sua merce  
pola merce que eu mereço

Dom Luis.

Por bem que sem preço he  
que darey seja que o preço  
Logo na sombra trazeis  
hum sinal de bom recado

Bras lourenço.

Nam sou eu mal asombrado.  
dõ lu. não certo nem perdereis  
galarção do bom cuidado

Bras lourenço.

¶ Esta carta que aqui tem  
me deu ella que lhe disse  
e disseme que lhe dissesse

A liij

o que nam me affirmo hem  
porque cuido que mesquece,  
Disseme, dezilde que yo  
aillí pela castelhana  
nam sei que, ante manhana  
em fim disseme si ou no  
com rosto de boina gana

Dom Luis.

¶ Hum recado sem certeza  
faz ser hum corpo suspenso  
Bras lourenço.

Senhor crea bras lourenço  
la castejana anda acesa  
por my fee segundo pienso,  
Porque ella desingulando  
vense a my, se em casa entro,  
e da hús aísde quâdo é quâdo  
como que os vem arrincâdo  
la do coraçam de dentro

Dom Luis.

¶ Quando mereci eu ver  
carta escripta de tal mão.  
bras. bofas trabalho ha de ter  
Dom Luis.

Porq. bras. porq. nã sabera ler  
o lingoagem castelão.

¶ Abre a carta dom Luis e diz  
Carta.

¶ Obedece la captiua  
al querer del señorio,  
ya my con su poderio  
me constrañe amor gue viua  
nei vncstro querer el mio  
No se os niega doña Clara  
porque el amor la entrega

Bras lourenço.

Depucha como se niega  
a cachopa yza sem vara  
polos outeiros do rtega

Dom Luis.

Quem ve o bem que desfeza  
seus sentidos onde estam,  
nam no cre inda que o veja  
que da alegria sobeja  
tem sobeja alteraçam  
Bras lourenço aa inea noite  
em ponto estareis a ponto.

Bras lourenço.

¶ Mas horas tera elle conto  
que eu farei porque a afoute  
diante por mais desconto

Dom Luis.

¶ Quaes seruiços merecerã  
ser tamcoem galardoados  
bras. se por merecer vierão  
p. es q. taes douas troterão  
merecem se bresolados  
don lu. esperai cõ patua e mena  
não vos vades. bras. si señoz

¶ Claise do Luis e fica Abena  
e Paiua, e diz.

Abena

¶ Que villano tan sin pena  
bras. ou rascote sem sabor  
se me eu tocar da vena  
vos eis de mudar a cor  
pai. Vos tendes vea vilão  
oo que corpo pera a forza  
bras. sabeis como vai rascão  
clercal logo a boca  
nam aja jogo de mão



paí.a minha mão que vos faz  
bras.ja selle corta dagudo  
mena.cortas faldas tenéis bras  
bras.nã me puxéis por detras  
Avena, que não sam rabudo  
Paiva.

¶ Ja o vilão desempalha  
palavras nam muito fofas  
bras.falta,se be pulha nã valha  
porque brasnã vêde alcofas  
que fique cinco de calha  
me.vos villano estais muerto  
bras.nam ja de vos castelhano,  
me.a don portugues villano  
bras.a don castellano puerco  
me.a dô cebofo.bras.a marrano  
Avena.

¶ El villano es linda planta  
bras. z vos sois lindo frito  
pera por ala garganta  
paí.ja se o vilão adianta  
bras.por mais q atireis ao fito  
nunca sois fito nem mante.

¶ Aqui torna dom Luis z diz.  
Dom Luis.

¶ O praticar vai singelo  
bras.nã senhor, be por zombar  
dô lu.de q esta Avena amarelo  
bras.elle cuidou arrepelar  
z achou que lhe tirou o pelo  
don lu. tomay bras  
bras.merce tam grande  
dô lu.muito mais mereceis vos  
daílhe este escrito sos  
bras.abose que eu lha abrande  
que sem gafas venha aa noz.

Dom Luis.

¶ Que lhe podeis vos dizer,  
bras.eu lhe darei a entender  
hum cantar que se la diz  
minina do azul vis  
querei bem a que volo quer.

Dom Luis.

¶ O muito q em iny se cala  
be cousa que emmudece  
z se contalo qu:sesse  
tomame a força z a falla  
soo os ais me deu que desse  
Bras lourenço.

¶ Quero me senhor mudar  
don lu.no escrito aja cuidado  
bras.bem pode senhor cuidar  
que fica desengulhado  
dez braças so chão do mar.  
dô lu. na partida esforçai  
bras.senhor niso descansai  
que eu a trarei de picada  
porque a rez aguilhoada  
caminho direito vai.

¶ Vaíse bras lourenço z diz.  
Dom Luis.

¶ Vamos q quem tẽ cuidado  
em tal caso nam faz pausa,  
perdermei no delcuidado  
porque diligencia causa  
conclusam no desejado  
E quando os deijos dam  
afoutezas no perigo  
procura se conclusam  
Paiva diras ao Patrão  
que venha fellar comigo

A iii)

¶ **U**nise e torna Bias lourçõ  
em busca do escrito e diz.

¶ **T**oda a cobiça he peccado  
e o peccado he maldito  
dınbeiro cega o spirito,  
pois polo por a recado  
nam arrecadei o escripto  
Se o perdi aqui o perdi  
queu daqui deiaa veneta,  
bem posso dizer por my,  
o demo leuou por hi  
e Pilatos aa gınetta.

¶ **A**qui lbe çae o escrito do  
seo, e diz.

¶ **J**esus do seo caig  
sey que quereis fazer cacha  
ditoso foi dom Luis  
ora nam erra quem diz  
de bem guardado não seacha

¶ **P**isa o escripto indo pera  
o erguer e diz.

¶ **U**ste pee descomunham  
fo pee nam sufou de chapa  
eu vos limparey coa mão,  
e a senhora de socapa  
leruos ha co coraçam  
Eu que a laue molhar se ha  
se se molhar romper se ha  
e ella rota nam presta,  
e pozem com toda a festa  
la nama la pilhara

¶ **U**nise e entra dom Luis, e  
Paina, e o patram e diz.  
Dom Luis.

¶ **P**atram. pat. myçero  
don lu. num feito graue  
estar tudo a ponto presta  
estardes prestes ja cabe

Patram.

¶ **M**aldita la cosa resta  
que no sia fato en la naue  
Y si parlo bene a questo  
vostro seruitoz lo ha vuto  
recomendo me conesso  
porque lo tempo perduto  
no si pillara tan presto.

Dom Luis.

¶ **F**oste tu aa nao. pai. si fuy  
dõ lu. estai a pique e preuisto  
pat. si con lo fauor de Christo,  
num parole le conclui  
quanto en la naue aue visto  
pai. entrei dentro e andei vêdo  
tanto que gastei o dia  
dõ lu. patram estais voi deçdo  
pat. misero me recomendo  
ala vuestra senbozia

¶ **U**nise o Patram e diz dom  
Luis.

¶ **E**ntraste dentro e olhaste  
tuda a obra. pai. senbor si  
e tanto della senti  
que nam sinto en my q̄ baste  
a pintala como a vi

Dom Luis.

¶ **D**eos a salue a nao possante  
pai. leua o desejo diante  
da proa, no garoupes  
lançando no mar cos pees  
o temor por yr auante

¶ **U**ai o cuidado assentado  
de popa como pessoa  
de patrão, e declarado  
quem desejo leua em proa  
gouverne com bom cuidado,  
Uai no pee do mastareo  
da zauca, Fee e Esperança,  
diz a letra, quem deceo  
destas duas nada alcança,  
que em perdelas se perdeo.

¶ **N**o traquete dalto vão  
duas aues, aas quaes cingia  
hũa letra que dezia,  
Dalto nam se apartaram  
pensamento e fantesia.

¶ **A**qui vem Fernão gil, e diz.  
Fernão gil.

Sua merce ja auia donuir  
que quem pergunta nço erra  
Dom Luis.

Que, perguntat Fernão gil  
fer. eu e os meus se auemos dir  
la por mar, ou ca por terra  
Dom Luis.

Que dizeis vos. fer. se comigo  
se aconselha, dez mil vezes  
he milhor per terra diga  
que vão os mus sem perigo  
de tormentas nem franceses.

Dom Luis.

Elas sam voas rezões  
fer. a conta see declarada  
per terra nam falta nada  
e no mar nam ha melhoes  
donpe oem palha e ceuada.

Dom Luis.

¶ **V**os com terra todavia  
fer. terra senbor he gram peça  
pera quem nella se cria  
que em cuidar na marçia  
sobê me os pees aa cabeça.  
dô lu. ora por terra auéis dir  
que azemeis nam oã pormar  
podeis vos pr auiar  
porque auéis logo de partir  
fer. voume senbor albardar

¶ **U**aise Fernão gil, e diz dom  
Luis.

¶ **U**amonos daqui nã fique  
meu descuido por exemplo  
pai. a nao estaua ja a pique  
dô lu. diras ao patrã q esquiçe  
hũ esquife, que he ja tempo

¶ **U**anse, e vem Bras lourenço  
arrodelado, q vem vigiar a  
rua diante de dona Clara e diz  
Bras Lourenço.

¶ **J**esu que escuro tam cego  
oula Bras tornay co pee,  
homem he, si he, nain he,  
bofa meu amigo diogo  
he sombra de chamine.  
A pessoa acautelada  
quando acha aas escuras  
outra qualquer rebuçada  
ha de dar hũa cotelada  
e mostrar as ferraduras

¶ **Q**uero cixamar a senbora  
por nunguem por aqui see  
pode venir sua merce

do. si amôr: llego la ora  
bada le tengo la fe.

**Bras lourenço.**

Mão se arrime a my agora,  
tengase en si si quisiere  
do. valgame dios. b. valhẽbora  
esteja queda senhora  
nam sey quem vejo, espere,  
Uenga passito, callada  
tenga mano, no se assombre  
do. blas lorẽço. bra. no me nõore  
do. y pues. bras q̃ não es nada,  
antoso se me ser hombre.

**Dona Clara.**

Jesus vo fuera de my  
bras. tenga se senhora em si  
do. no fuyas. bras. q̃ propositio,  
se quer venir de recosto  
y me redondo per bñ.  
do. y dexar meis en la calle,  
bra. nã me obriguei a mais nada  
que tirala da poufada  
z nam yr adonde falte  
quem me de muita pancada.

**Dona Clara.**

El vuestro merecimiento  
don Luis me baze amaros  
de coraçon tan contento  
que no se siente tormento  
ninguno por alcançares

**Bras lourenço.**

Tenga mano en la rodelba  
y en la espada por em tanto,  
do. a do vais. bra. mirar lo cáto  
do. andad q̃ bien vais conella  
bras. nam creo eu ja nesse santo,

¶ **P**osto que não leue nada  
nam ey de morrer de pasmo  
escudo tengo espada

que en la cabeça do asno  
perdida es la decoada  
¶ **R**ecoja se pera aquí  
queles sã dous ou eu mal vi,  
ora he noisa sombra mesma  
o temor de longe esma  
rifam he que sempre ouui  
**Dona Clara.**

¶ **N**o sentis venir bablando  
bras. es verdad em boira fe,  
do. a do vais. bras. yo estare  
de ca de longe mirando  
nam me achem cõ sua merce

¶ **U**em dom Luis z Perez, z  
Daiua, z Fernão gil, z diz  
**Dom Luis.**

¶ **Q**ue horas sã. pai. he dada  
mea noite. pe. muy callada  
deue la ciudad estar,  
porque temeran passar  
por los fillos de my espada  
Cometa señor ofado  
que yo soy Perez el temido

**Bras Lourenço.**

¶ **T**roque maqui meu pecado  
ja tomara por partido  
sair viuo z espancado

**Dom Luis.**

¶ **U**ai a vida offerecida  
onde por se offerecer  
ganha tanto em se perder  
que ser por tal bem perdida  
mor ganho nam pode ser,

**Dona Clara.**

Bras lozenço no oys,  
bras. no fable, no oiço nada  
do. oyo hablar a don Luys,  
pe. tenga se. dō. de quem fogis  
pe. no lleguemos que es cilada  
bueluase señoꝝ y tema,

**Dona Clara.**

¶ Bras falia mirar  
si son estos. bras. bom vagar  
esta castejana he dema  
que teçe por mengalbar

**Dom Luis.**

Bras sois vos. bra. fale señoꝝ  
do. es la que offerecida viene  
con fe y amor q̄ en vos mora  
dō. deme as mãos. bras. cáta goza  
fale Bras z nam acene

Bras senhoꝝ fez coma homem,  
z se ella veo trouguea eu

**Dom Luis.**

Dom Luis nam mereceo  
mas da tal tomada tomem  
que de vencido venceo  
do. Ponga recaudo en la presa  
ayan mys temozes fin  
que amor que me traxo aquí  
muestra claro por certeza  
el poder que tiene en my

**Bras Lourenço.**

¶ Vos primo fodes per terra,  
fer. eu p terra, z vos. bra. p mar  
fer. z se a nao se redouçar  
bras. façãas tripas sua guerra  
que o deuentre ha de purgar  
dō. Ue senhoꝝ quam saudosa

he esta praia. dona. y serena  
quebra el agua enel arena,  
haze aplazible y gozosa  
esta gloria de my pena.

**Bras lourenço.**

Senhoꝝ se elle nam leuar  
hū meo cento de bexigas  
nam poufarey pee no mar

**Dom Luis.**

Pera q̄. bras. quē vai brigar  
leue armas pera as brigas

**Dom Luis.**

Com bexigas sam dar mar  
bras. si, que se a nao respinga  
pode nos chimpas no mar,  
z quatro bexigas que cinga  
nam me deiraram fundar

**Dom Luis.**

¶ Fernão gil a Deos siq̄is  
fer. Deos o leue a Portugal  
bras. primo pôdeme a sam Sê  
tres candeas de real,  
fer. porey nam vos agasteis,  
bras. z mais rezay la hū credo.  
ao beato Santintim  
fer. não esmoreçais hí ledo,  
bras. o mais que sinto daquí  
he o mar, porque lhey medo.

¶ Uanse z fica Fernã gil, z diz  
Fernão gil.

¶ A nao he valente z boa  
porem no mar co marulho  
segundo delle se soa  
diz que geira hūa pessoa  
ate as tripas z o debulho

A 71

¶ Que se dehta esquecer  
dos exemplos muito erra  
a meu pay ouui dizer  
ve o mar z see na terra  
vnuiras vida a prazer.

¶ Praza a Deos q̄ quietamēte  
dentro a Portugal os leue,  
a cachopa vai contente,  
diz la que quem anda quente  
no amor, muito se atreue

¶ E a molher muito amolga  
por mais dura que se faça,  
z co fogo logo empolga  
quero me yr ao val da graça,  
a meus mus yrey dar folga.

¶ Classe z vem Taricio pay de  
dona Lara com hū paje,  
z diz.

¶ O triste dolor guardada  
para doloroso fim  
pudiera caber en my  
siendo me la nueua dada  
que muriera como Heli.

¶ Pluguiera a dios q̄ muriera  
q̄ el tiēpo biziera olvidarme  
del dolor, o no nacieras,  
porq̄ en my vejes nō fueras  
vn carbon para tisarne  
dessaos canas de tormento  
y lamentad con Juaco

Paje.

Señor enesso no consiento  
no parezca animo flaco  
el doblado sentimiento,

¶ Aqui vem hum nigromante.  
z diz.

¶ Tariclo my gran saber  
me manifesto tu pena,  
del dolor que te condena  
con affizirte bas de ver  
la gloria que se te ordena  
Taricio.

Como has aqui venido  
nigro. supe de tu agonia  
y parti de Alexandria  
en vna nuue metido  
por my gran sabidoria.

¶ Tu hija te dio afan,  
tus lagrimas te daran  
otro afan, y en fin victoria  
q̄ en España por memoria  
sus dichas escriuiran.

Taricio.

¶ Dime nig. no es menester  
yo te tornare a ver  
a otro tiempo necessario  
porque me pague el salario  
la fama de my saber.

¶ Classe o sabio z diz.

Taricio.

Jesus, sueño o dispierto  
Theodoro viste quien vi  
paje. si vi señor, y consiento  
dar credito a lo que oy  
pues vino por saber cierto.  
tari. Uamonos que la caída  
mia, de tan alta rama  
no se alcança ni se oluida  
que aunque muera la vida  
biue el honor y la fama

¶ Não se e vem dom Luis, e  
dona Clara perdidos do mar,  
e diz dom Luis.

Senhora onde conuem  
esforço, nam aja fraqueza,  
deme fortuna certeza  
de vos, pois nella se vem  
os extremos da firmeza

Dona Clara.

Se perecio gente alguma  
pai. Perez no podia nadar  
dona. no pude passar la mar  
sin contar dela fortuna  
don lu. senhora cesse o chorar

Dona Clara.

Luego parti offerecida  
a ventura destes sueros  
dō lu. nã perde quẽ salua a vida  
do. mi yo me llamo perdida  
pues que gane no perderos

¶ Uem Bras lourenço engu-  
lhando e diz.

Bras lourenço.

¶ A nã praza a sã cos mares  
nem com a choupana de pao  
terra si, bestas muares,  
que o passar daqueste vao  
faz torcer os polegares.

Paiua.

Ca vẽ bras. bras. q̃ engulbar  
Jesu, Jesu o fel geito.

Paiua.

Valeouos saber nadar

Bras lourenço.

Vofas nada val no mar  
se cile toma e sanha e peito

Lô touro e mar sã mas brigas  
mas quem seu asno mal peja  
dizem la que mal so veja  
mas seu cingira as berigas  
nam bebera agoa sobeja

Dom Luis.

Bena e Perez pereceram  
pera ser dobrada a magoa  
bras. os feros nam lhe valerão  
contra a sanha de tal agoa  
dō lu. uẽ nadaram nem poderã.

Paiua.

Bena senhor se lançou  
com hũs celções em camisa  
ao mar: mas não nadou  
bras. o soldado intetrigou  
como cão que se esperguica  
O caminho do golfim o  
nam be muito certa estrada

Patram.

Lo vento faz lo caminho

Bras lourenço.

Vos cuidastes q̃ era vinho,  
per deos quera agoa salgada.

¶ Langeses a nao no leste  
pat. lacia se parlar pultrone  
bras. tiuereis vos do cabiesto  
ou posereis monseore  
a proa no sul nordeste.

Dom Luis.

Patrão conteceis a terra  
onde estamos toda via

Patram.

Abicero altra agonía  
per que vidio a questa terra  
la prouincia de Turquia

**Dona Clara.**

¶ Jesus seño: en Turquia  
quanto mejor fuera muerte,  
dō. senhora aqui he o ser forte  
que onde a fortuna profia  
quem he fixo faz mo: forte

**Dona Clara.**

Triste, que tristes estremos  
dō lu. senhora nam se desmaie  
que sam seu irmão diremos,  
ate que mais nos ensaie  
o tempo no que faremos,

**Bras lourenço.**

¶ Estas gentes de Turquia  
sam frumégos, ou sã mouros  
pai. sã mouros. bras. fasta tutia,  
o sam Gens, sancta Sufia  
nos liure de maos agouros.

**Dom Luis.**

Diremos que sou seu ymão  
mudarey a lingoa, que a vida  
mudada quer discriçã  
que onde não val defensã  
val prudencia bem regida.

bras. bofas por my soo me pesa  
z por outrem ninguem nam

¶ Entra o príncipe Olismael  
mouro, z Solimo, z Zaidel  
z diz Solimo.

¶ Señor nesta punta era  
do la naue se perdio  
Príncipe.

A los christianos quisiera  
zai. christianos eran, que yo  
le vi cruz en la yndera

**Príncipe.**

my padre dela ventana  
vio la naue enel afan  
y vio la seña Christiana  
soli. belos seño: do estan,  
rendidos de buena gana

**Príncipe.**

Christianos rédeos d grado  
dō lu. el rendirme es inorine  
tormento: mas es forçado  
ser conel tiempo conforme,

bras. isto faz o mao recado,  
¶ Aquí cruzam as mãos como  
y vencidos, z diz Bras.

**Lourenço**

¶ Mourazes nam nos mateis  
olhai que somos christianos  
prin. que os soys los dos  
don lu. hermanos

prin. Christianos no perdereis  
pues venistes a mys manos  
Solimo.

¶ Tu alteza manda prender  
la dama. prin. quita traydor

**Don Luis.**

Seño: baga nos fauor  
que aquesta por ser muger  
no se trate con rigor

**Príncipe.**

Linda christiana en vos veo  
que gano my perdimiento  
y temo por lo que siento  
que yo captiuo del desseo  
muera de zquiuo tormento

Como os llamais christiano  
dō. dō trissão. pri. por ser su brō



andareis en libertad  
yo preso de su beldad  
perdido por lo que gano  
Clamos ante la presencia  
de my padre el Almançoz  
dō lu. la fe desecha el temor  
señora, que la prudencia  
es remedio en el dolor

Bras Lourenço.

¶ Dizeime senhor patrone  
pareceruos isto bone  
agora com sul, no morte  
yremos pera Turquia

Solimo.

Anda villano la via  
bras. ba caim, que desta sorte  
sempre Bras foi perficia.

¶ Vanse estas figuras, y vem  
Lopeanes captiuo pumareiro  
y diz Lopeanes.

¶ Toda a vida em catiuero  
he morte y vida no mal,  
foiue bom ser pumareiro:  
mas quem viue sem jornal  
moy os braços com marteiro  
O quem se viße algum dia  
no Trancoso sem contenda  
cantando nalgarauia  
cos mouros de Berberia  
va brigar quem come a rēda.

¶ Vem Solimo y diz.  
Christiano haze luego presta  
lo estancia en par la fuente  
lope Solimo my ser contente

foli. trabaja sin dar respuesa  
que viene el Rey, prestamēte

¶ Vem o Turco velho, y bo  
Principe seu filho, y os capti  
ues todos y diz o Turco.

¶ Bijo fue la presa buena  
y sin costa la victoria  
christianos fortuna ordena  
que a vnos venga pena  
de que otros saquen gloria  
Principe.

Reciba yo de tu alteza  
merced que puedan andar  
los christianos desta presa  
suelos para mas grandeza  
Turco.

¶ Plazeme de os agradecer

¶ Principe Olisinael  
parece lindo el donzel  
para que servir os pueda,  
prin. sobre todo me concede  
ala christiana con el  
tur. O torgo aunque resista  
contra my, porque recibe  
my pecho nueua conquista  
de temor que con su vista  
la captiua me captiue.

¶ Como te llaman christiana  
Dona Clara.

Fortuna. tur. del que te vido  
pues no te porna en oluido  
tu presa contra tu gana  
yo de my gana vencido  
Bañan en que trabajar  
te ocupauas en tu tierra

habla.bras. nam quero falar,  
tur.babla.bras.que cala nã erra  
tur.tormento rompe el callar  
bras.turco tende a mão segura  
tur.di que folias hazer  
bras.la aúnia a meu prazer  
z agora na desventura  
noua vida ey de aprender.

Turco.

¶ Ho es esta cuenta cierta  
de que siruias primero  
bras.cũas bestas dauguadeiro  
tur.quede se para la buerta  
ayudara el pomarero,  
Eltros dos andaran  
liertados nel palacio  
felo en guerra siruiran  
vanonos bujo despacio  
descansareis del asfan.

Principe.

Christiana si os bolueis moza  
suoreis en gran alteza

Dona Clara.

¶ O virgen sancta y Señora  
prin.con estos trances se dora  
la fama dela firmeza.

¶ Vanse z diz Lopeanes.

¶ Bem tirarão do partido  
em loes tirarem os ferros,  
nam he o mal tam sentido  
porem que viue entre perros  
sempre se sente roido.

Elles o bem que hão de ter  
cõscus.ate fassa fora

¶ El z manteiga a prazer

mas onde o desgosto moza  
tira o gosto do comer.

¶ Tem Solimo z diz.

Christiano no estes parado  
reza presto el açucena

Lopeanes.

¶ Farei, pois fortuna ordena  
que o que cauo com cuidada  
reguem meus olhos cõ pena

¶ O quem se viue contigo  
antre Christãos do Trãoso

foli. q hablas.lo. q fer teu amigo  
foli.el christiano con reposo  
reina la maldad contigo.

Lopeanes.

¶ Eu te ferira esses couros,  
z te moera a oisada

foli.que banlas.toma la açada  
lope.a mi dizer que los mouros  
fentar gente muito honrada

foli.queda y haze lo que digo  
lo. q mi hazer.foli.que, q caues  
no hables solo contigo

lope.cacheirada denemigo

¶ Tem Bras indose o Turco,  
z diz.

Bras mãtenha turco gõçalues

foli.Eltro q no anda pefo  
dale cana en que se ocupe  
bras.aa canaz como vas tefo  
lope.¶ virgem de Guadalupe  
ouuime vos que a vos rezo.

¶ Indo se Solimo, diz Bras  
chamandoo.

**Bras Lourerço.**

¶ Olhar vos caim gôçalucz  
ou como demo chamar  
my vosso amigo sentar  
fer vos taibo. soli. sino sabes  
elloiro te ha densenhar  
Lopeanes.

¶ Salai que elle vos entende  
bras. ou caim vos entender  
soli. entiêde en lo q̄ has d̄ hazer  
en tu labor y aprende  
bras. andar vos que my fazer

¶ Aqui se vai Solimo, z diz  
Bras lourenço a Lopea-  
nes. bras. Lourenço.

¶ Ora yrmão, donde boa  
sondes, aja eu perdam.  
lop. eu la do Trancoso sam  
bras. bê sei eu Trancoso, z Lo  
lop. z vos. bra. eu sam do Corrá  
ha muito que sois catino  
lop. ha quatro annos que me tẽ  
aqui fortuna, z perem  
tudo passa o corpo viuo  
se a morte nam sobreuem.

bras. Lourenço.

¶ E vos sabeis ja fallar  
como mouro de Lurtuam  
ao pão como chamar  
lopea. althobis  
bras. alcotas chamão ao pão,  
z ao mel. lope. melabar  
bras. dizei aas igrejas delles  
como lhe chamã. lo. mesqtas  
bras. olhai os perros mosqtas

bem he mafarr ede, z elle  
pioz que moscas malditas.

¶ Dizei no fallar chrisão  
a vos como vos chamar.  
Lopeanes.

A my lopeanes calçam  
bras. z eu bras loureuço terrão  
catino bem a seu pesar  
pois estes turcos de ca  
nam fallã por trinquês fores  
Lopeanes.

¶ Apreposto. bras. tomaí la  
ora pelo mundo ha  
o fallar de muitas sortes  
¶ Pois eu em vôtade tenbo  
nam soffrer este sobroço  
Lopeanes.

E pois. br. como irmã vosso  
ou por força ou per engenti  
cu ey de moscar se posso.

Lopeanes.

Abosa sera mao dachar  
aqui maneira, nem gelto  
bras. Lopeanes auenturar  
que a vida se ha de arriscar  
por cousa de mais proveito  
¶ E se vos quereis tambem.  
sair daquesta maa ventura  
o nosso Patrone tem  
hum cartapol de scriptura  
que nos poufara dalem  
lopea. Dizei isso que sera  
bras. cartapol de marear  
auemos lbo de comprar  
z a bofee que nos pora  
no Trancoso sem saltar

Lopeanes.

Qual daq̃lles he.bra. o bretã  
tras num cartapol pintado  
todo mundo te o Terrão,  
z lo zo ali declarado  
os cammbos per que vão

Lopeanes.

Sabeis vos como elle fazia  
Bras lourenço.

Olhaua no ceo z dizia  
los celos estar azul  
lo vento esta norte sul,  
arriba, orça, tal via

¶ Entam hum marinheiros  
tangia a nao por detras  
lo. Jesu que engenbo tamanbo  
bras. se eu o cartapel ganho  
nos fugiremos em paz

Lopeanes.

Daqui digo que fujamos  
bras. saber vos falar mourisco  
lop. nã da lingoa bõs estamos  
br. pois vames a ver soachamos  
z compremolo a meu risco.

¶ Idos, vem dom Luis z do-  
na Clara, z diz dom Luis.

¶ Senora el bueno enel mal  
tiene la fama vencida

Dona Clara,

Del turco soi cometida:  
mas cerca me muro tal  
que en vano soi combatida  
La fe de Dios lo primero  
y vos que sois verdadero  
amor de my coraçõ

que contra esta defeusion  
no preualece el guerrero  
El Principe dotra parte  
me conquista, y enel peligro  
llamo la Virgen conmigo  
armo me enel baluarte  
de fe contra el enemigo.

¶ Padre y hijo son en vna,  
competencia sin mudança

Dom Luis.

Señora fe y esperanza  
que dela aduersa fortuna  
el retorno es la bonança

Dona Clara.

Señor pues aqui no es  
nadie que nos pueda oyr  
quiero le my bien pedir  
que en su lindo Portugués  
me dee su baba a sentir

Dom Luis.

¶ O vista de minha gloria  
estas magoas passadas  
seram depois na victoria  
doce lembranças guardadas  
na despenha da memoria

Dona Clara:

Espero en Dios de verme  
libre con vos desta affrenta  
dõ lu. bú ardil nos cumpre ter  
que quem rema com saber  
nã se affoga na tomenta  
¶ O príncipe com estranha  
affeição, lhe da certeza  
de a subir em grande alteza  
do. si. dõ. possu diga q̃ é espanha  
tẽ terra, estado z grandeza

¶ Que por nenhũa razam  
ba dalcancar nada della,  
se nam se for em Castella,  
z elle primeiro chrião  
pera se casar com ella  
Porque não sera perdido  
que ella tem valor sobejo,  
z elle aceitara o partido,  
que quem damoz he vencido  
nam olha mais que o desejo,  
¶ E como seu pai porfia  
em tomala por molher:  
mas que ella nam ha de ser  
moura por nenhũa via  
senam pola fee morrer  
dona. señor el Príncipe viene  
dereme sola conel  
do lu. achca na fee tam fiel  
que amor lhe faça q̄ ordene  
de ser contra si cruel.

¶ Aquí se vai dom Luis z v̄  
o Príncipe z diz.

Príncipe.

¶ Alla te salue Christiana,  
dona. príncipe dios te prospere  
prin. si el perdido por. ti gana  
tu querer, en lo que quiere  
no ay suerte mas vfana  
Como vencer tal guerra  
dona. todo trabajo es en vano  
fino se buelue christiano  
y a my primero en my tierra  
con los míos y my hermano  
Que yo puedo morir cativa  
y no p̄ contra my fee

Príncipe.

El cruel tormento biva,  
y muera el triste que os v̄o  
tan hermosa y tan esquinia  
¶ Ved que eneste reino mío  
puedo hazeros muy alta  
reyna con my poderio  
dona. tierras y gran señorio  
en españa no me falta  
prin. Christiana que no miras  
do. q̄ he de mirar. prin. q̄ muero  
y al que os ama matays,  
dona. si con lealtad amais  
querereys lo que yo quiero.  
¶ Sino oluide el querer  
que yo quiero lo que creo  
Príncipe.

Captiuo del ser que veo  
quiero dar la vida y ser  
por alcançar el deseo

Dona Clara.

El Rey su padre me da  
no solo grandes aueres  
mas nombrado sus poderes  
promete que me pozna  
sobre todas sus mugeres.

Príncipe.

¶ Ay padre de su contento  
me os entrego. dona. su razón  
va muy fuera desse intento  
tanto, quanto my intencion  
va contra su pensamiento

Príncipe.

Si tal supiere de cierto  
matarlo he como enemigo  
dona. si el quiere ver lo q̄ digo

Escuche nos denuncierto  
quando lo viere comigo

Principe.

Christiana hagote promessa  
si tal es, de ser christiano  
y yrme cõtigo, y tu hermano  
y de cortar la cabeça  
a my padre con my mano.  
Y vamos que por tu amor  
a tu hermano he de jurallo  
y quiero de my temor  
vengando me assegurallo  
matando el competidor

¶ Vanse z vem Bras lourenço,  
z Lopeanes, z o Patrão  
com o carta de marear, z diz.

Bras lourenço.

¶ Patrão venhamos a preço  
do cartapol. pat. vn parole  
dos escutes. lop. nã conheço  
as escutas. bras. deira ora  
Lopeanes, Bras lourenço

Patrã.

Micero pilla si vole  
Lopeanes.

Entendello vos. bras. mu bẽ  
porque os frumegos chamar  
hum praga, meo vintem  
dez pragas faz hum de cem,  
patrone dez pragas dar

Patrã.

Mo intendo parla claro  
lop. q diz. bras. q custa mais caro  
dez pragas z hũa maldiçã  
quec passante obum tostão

pa. q ãa bras. com condiçã  
queis denfinar tudo claro

¶ Abrem a carta, z diz Bras  
Lourenço.

Que terra de esta. pat. Ancona  
bras. couna, z esta. pat. taragona  
bras z aquesloutra. pat. mecina  
lop. q l he aqta. bra. aldegauinha  
z aqesta pat. Barcelona.

Bras lourenço.

E pois qual he o totram  
lop. o francofo qual he destes  
pat. ocmanda la terra em leles  
bras. os ventos he sei quaes sã  
nortes, sus, leles suduestes

¶ Louche como se toma  
pat. aqesta la cita de Roma  
y aqesta di Palermo  
lo q diz bra. Lisboa z seu termo  
z aqui estas o mundo e soma  
Lomai patram ide embora  
Patrã.

Recomedome. bras. ora adar  
nao ha mais que encomedar  
Lopeanes quantagora  
pelo cartel nao ha que errar

¶ Vanse z vem o Turco cõ  
oona Clara z diz.

Turco.

Christiana aceita my amor  
pues te doi tan gran resgate,  
dona. manda me my lei seõor  
q muera el cuerpo y no mate  
el alma con tal erroz

y mas mire my bareza  
que tal pensamiento, culpa  
por ser bara vuestra alteza  
tu **C**hrisiana tu gentileza  
que fue causa, es la desculpa.  
tengo te enel alma escrita  
y alma que tal ser concibe  
del dessear no se priue  
que el sentido no se quita  
del ser que enel alma biue.

**D**ona Clara.

**A**ly señor my sentido  
es en my alma. tur. quedad  
**C**hrisiana y en vos pensad  
que errays poniêdo è oluido  
la grandeza que se os da

**¶** Aquí se vay o Turco z diz

**D**ona Clara.

**¶** Padre y hijo en vn querer  
yo sola contra los dos  
sera possible vencer  
que açl que desfiende **D**ios,  
nadie lo puede offender

**¶** Uem o **P**íncipe com dõ  
Luis z diz.

**P**íncipe.

**¶** O padre quien te sacasse  
el coraçon con que amas  
para que el suyo vengasse  
otorzaste me que amaïsse  
y encendistete en mys llamas  
**C**hrisiana todo escuche  
dona conocio su tema luego  
priu. la vista me puso fe,  
pero yo lo abogare

conel fumo de su fuego.

**¶** Uos le auays de prometer  
de yr a el a noche cierta  
pero que os ba de tener  
a escuras, la puerta abierta  
porque nadie os pueda ver  
Yo yre en vuestro lugar  
que yo por vos le quiero dar  
vn abraço de tal suerte  
que con la vida en la muerte  
fenezca su dessear

**¶** Prestes tẽgo vna galera

**D**om Luis.

Yo la vi. prin. pues la sabey  
vnestra hermana llevarays  
con secreto, y ala ribera  
dela mar me esperarays.

**D**om Luis.

**E**l patron sabelo ya

**P**íncipe.

**V**amos que yo lo auisare  
vuestro paje quedara  
comigo y llevara  
grande quer que yo tomare

**¶** Uanse estas figuras z vem  
Fernão gil z Bias lourçõ.

**B**ias lourenço.

**¶** Ora a estrella boyeira  
qual sera. lop. ma sera dachar  
**B**ias lourenço.

**E**lla no ceo ha de estar  
que o caminbo da lar deira  
por ella se ha de guar  
lop. z o camindo do trancoso  
bias. esse he o vento soão  
nos hemos dir a essa mão

porque fica Alter pedroso  
leste oeste co Lorrão,  
¶ Montijo se neste risco  
sus tira curto. lope. contudo  
quem se atalaya be sedudo  
se topar algum mourisco  
bras. fallar vos my fazer mudo  
Lopeanes.

Se perguntarê quê somos  
bras. dizer vos na algarauia  
ser gente de Berberia  
lope. Jesus cercados estamos  
eis os cães. bras. todavia  
¶ Elles bem podem chegar  
mas eu nam ey de tomar  
¶ Tem Solimo e Zaidel, e diz  
Solimo.

Christianos oy fereis muertos  
estos caminos son ciertos  
bras. my ser mudo nam fallar  
Solimo.

Anda blas. bra. endemos dir  
zaí. ante el rei. bra. pdeos náirey  
lope. tomemos. bra. não ei la dir  
Lopeanes que o jurei.  
Zaidel.

Quereis venir o morir  
bras. não quero nenhũa deusas,  
nem cureis de me arguir  
porque jurey de nam yr  
sol. cortaros han las cabeças  
bra. per ds q nos deis primeiro  
aqui bum crego Christão  
que nos diga a confissam  
lope. pouco val ser tençoetro  
a quem ja jaz na prisam

Bras lourenço.

¶ Vos sentar peçonia turco  
logo o nome be Solimão  
foli. por my se mal no te haran  
Bras lourenço.

Se de turco sentar bruco  
juray vos fe de Christão  
Zaidel.

Anda aca blas. bras. todavia  
vamos: mas sois e turquia  
crus como e terra d mouros  
Lopeanes.

Todos aquelles agouros  
muhalma ca mo dezia  
¶ Tem dom Luis e o Pa-  
trão com todos e diz.  
Patram.

¶ La noite fa muy quieta  
el vento fa naturale  
plega ala virgen eleta  
nos donar viagen perfeta,  
libertando dal tro male  
Fortuna que aqu. sto ha fato  
de a su roda altro rodeo  
fauorable porque creo  
que sera presto portato  
donde my porta el desseo

¶ Loco encora partiremos  
Dom Luis.

Porq milhor caminhemos  
logo vos fazei aa vella  
Patram.

La galera he cosa bela  
en que tuti bene yren o z  
Al bene tene a supremo  
cada parte remi cento



Vn christiano a cada remo

Dom Luis.

Estes por seu juramento  
remaram por todo estremo  
e vos la tereis maneira  
que leuels ancora secreto,  
e passai como discreto  
e reponta da palmeira

¶ Clise o patram e vem dona  
Clara, e os ratinhos com espa-  
das e rodellas, e cascós, e diz.

Dona Clara.

¶ Callada es la noche y escura  
esta ora sea en memoria

Dom Luis.

Si, porque fara notoria  
que ganha sua fermosura  
tal resgate, e tal victoria.

Bras lourenço.

Aquilo que he semelha

Dom Luis.

Onde bras. Jesu q̄ meu dou  
o temor me affigurou  
q̄ eram mouros em conselha

Dona Clara.

Ay Jesus bras. jella pasmeu

Dom Luis.

Bras nam vos ouçam fallar  
bras. eu senhor nam ey de fugir  
mas seu algum caim topar  
prometo de o estripar  
em que o saiba ferir

Lopezanes.

O m'uyro fallar he erro  
bra. se achasse hũ mouro perro  
pera darhe hũa coitelada

que por isso cengl espada  
e me pus chapco de ferro

Dom Luis.

¶ O p:ncipe aqui ha de vir  
senhora esperar conuem  
bras. boas milhor sera ye  
que mais nos conuem fugir  
que nam esperar ninguem  
dona. el Principe q̄ ha de fazer  
quando supiere el engano  
bras. o turquim podeo vender  
dona. si christiano se boluer  
muito emendara su dafio.

¶ Haremos señor casallo  
con doña flagia mi hermana

Bras lourenço.

Bofa senhor se engana  
que milhor sera pingalo  
quatro vezes na somana  
don lu. bras calai por vossa fe  
que nos poderam sentir

lep. Bras lourenço bus mele  
bras. Lopezanes quercis cuuir  
nam faleis pois que alli he,

¶ Aqui vem o Patrã e diz.  
Patram.

Uole entrar su senoria

don lu. não, q̄ de esperar del se  
bras. patrore vossa patronia  
nam de tombos com a gale,  
nem a charte em penedia  
Agora leuar o tento  
nam no copozmas no vento,  
e mais na mão do cabresto

pat. lacia de parlar a questo  
ques parlar sin fundamêto

¶ **U**em o Príncipe com a cabeça do pai, e diz.

Príncipe.

¶ **C**ristiana neste improuiso aq' os doi por lo q' os quiero la cabeça del que os quiso, que amor que mozir lo hizo es la causa porque inuero.

Dona Clara.

no mereci tanto a D'ies,  
prin. el permitio en hazeros  
que los que ganassen veros  
sean perdidos por vos  
sin que ganen mereceros

Dom Luis.

¶ **E**s tiempo de recoger  
prin. recojase esse thesoro  
bras. catiuo que ganca auer  
a cabeça dum rey mouro  
capatee de prazer  
Lopeanes o cantar tarda  
nosso prazer se conheça

lope. qual diremos  
bras mouro guarda  
damor de moça galbarda  
porque custa la cabeça  
Lopeanes.

Nam cantemos essa Bras  
câtemos outra q' aos perros  
he e caia a millhor compas,

Bras lourenço.

Sí yo se quitasse los ferros  
para tu tierra te yras  
mozillo mas me daras.

¶ **D**e pois de cantarem diz d'õ  
Luis.

**O**ra al son de los remos  
cantad con contentamento,  
bra. mas a deos e ao anjo b'õto  
todos juntos lbe rogucmos  
nam faça mar marullento  
Que elle nos liure d'eganos  
e de cilada damores  
e do mar e seus temores  
e sobre tudo de danos  
de linguas de roedores

¶ **U**am se cantando a cantiga seguinte.

¶ **E**ntre grâdezas despanha  
esta he digna de memoria  
que quem ganha tal victoria  
ser digno de fama ganha

Outra.

Desejauos quem vos vir  
nãõ erra pois sois fermosa  
tanto, que razam nam grossa  
desejar de vos seruir

Volta.

¶ **E**rros sam dinos de culpa  
desejos de razãõ fora  
e poreim a vos senhora  
fez vos d's causa e desculpa  
Deu veruos a quem vos vir  
do ver nasce o desejar  
vendouos nam he de culpar  
desejar de vos seruir

¶ **A**qui fenece a obra.

**L**aus Deo.

# ÍNDICE

Páginas.

ESTUDIO DE D.<sup>a</sup> CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS:

Introdução.....	5-11
Autos de Gil Vicente, de que ha impressões preciosas em Madrid.....	13-27
Os Autos aqui publicados.....	29-40
Os autores dos Autos.....	41-57
O exterior das folhas-volantes: Caracteres tipograficos. Gravuras. Privilegios.....	59-75
A censura inquisitorial e o teatro portuguez.....	77-94
A censura inquisitorial e as folhas-volantes.....	95-108
Resultados da censura inquisitorial. Causas da decadencia do teatro portuguez.....	109-113
Ligeiro confronto entre Gil Vicente e seus successores....	115-122
Post scriptum.....	123-129

## FACÍMILES.

### *Autos de devocião:*

- I. Gil Vicente. — Sumario da História de Deus.
- II. Baltasar Diaz. — Auto do nascimento.
- III. Baltasar Diaz. — Auto de Santa Caterina.
- IV. Afonso Alvares. — Auto de Santiago.
- V. Afonso Alvares. — Auto de Santo Antonio.
- VI. Auto do dia do Juyzo.

### *Autos profanos:*

- VII. Gil Vicente. — Auto de Inês Pereira.
- VIII. Antonio Ribeyro Chiado. — Auto das Regateyras.

- IX. Antonio de Lixboa. — Auto dos dous Ladrões.  
X. Joam de Escovar. — Auto de Florença.  
XI. Sebastião Pirez. — Auto da Bella menina.

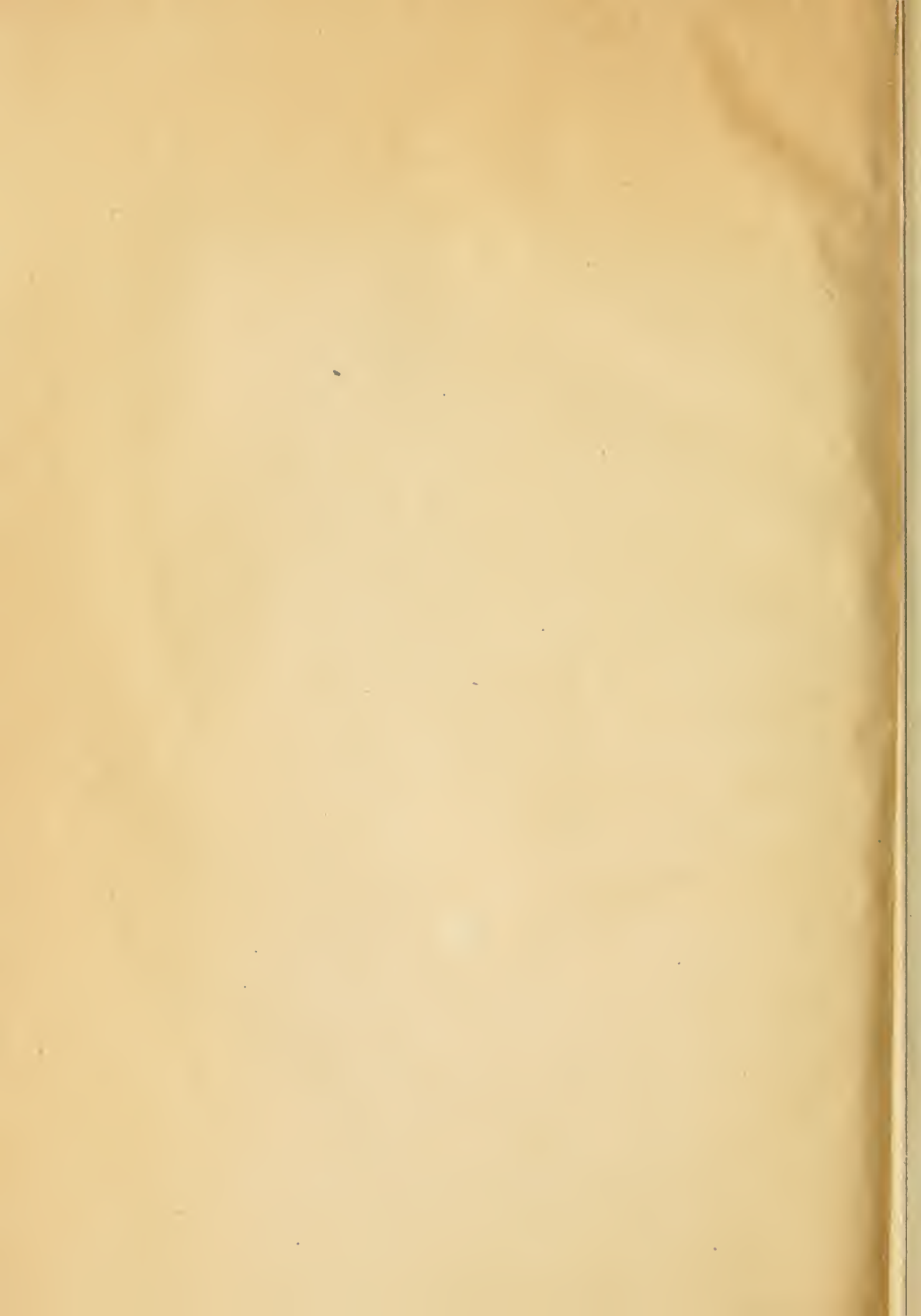
*Anonimos.*

- XII. Auto do Duque de Florença.  
XIII. Farsa Penada.  
XIV. Auto de Vicente Anes Joeira.  
XIV<sup>b</sup>. Auto de Vicente Anes Joeira.  
XV. Auto de D. Fernando.  
XVI. Auto das Capellas.  
XVII. Auto dos Enanos.  
XVIII. Auto de D. André.  
XIX. Auto de D. Luis e dos turcos.



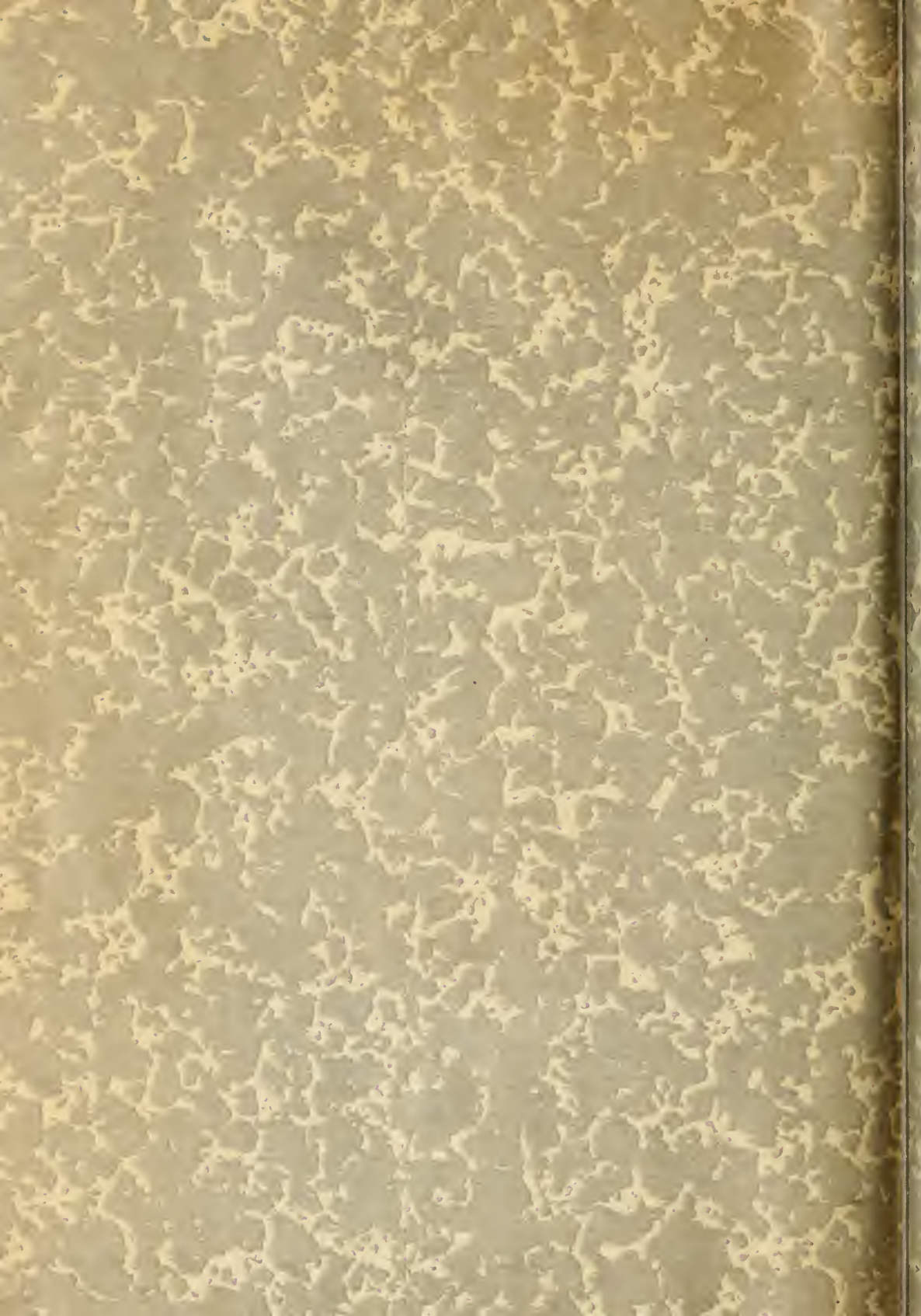












**University of Toronto  
Library**

---

**DO NOT  
REMOVE  
THE  
CARD  
FROM  
THIS  
POCKET**

---

**Acme Library Card Pocket  
Under Pat. "Ref. Index File"  
Made by LIBRARY BUREAU**

